

LEOPOLDO CIRNE

ANTICRISTO

SENHOR DO MUNDO

O ESPIRITISMO EM FALÊNCIA

A Obra Cristã e o Poder das Trevas

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br



Autores Espíritos Clássicos

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ANTICRISTO - SENHOR DO MUNDO

Leopoldo Cirne (1870-1941)

1ª edição

Lançada em 1935

Rio de Janeiro, Brasil

Versão digitalizada

© Outubro, 2018

O texto foi revisado com base no "Acordo Ortográfico de 1990" firmado entre os países lusófonos, mas em vigor em todos estes países desde 12 de maio de 2015.

Produção digital e distribuição online gratuita por:

Portal Luz Espírita e

Autores Espíritas Clássicos



www.luzespirita.org.br



Autores Espíritas Clássicos

LEOPOLDO CIRNE

ANTICRISTO

Senhor do Mundo

.....
O ESPIRITISMO EM FALÊNCIA
.....

A Obra Cristã e o Poder das Trevas

Rio de Janeiro
1935

Índice

Apresentação - pag. 6

PRIMEIRA PARTE

- I. Enfermidade das sociedades contemporâneas. - O remédio trazido outrora pelo Cristo. - Primeiro triunfo aparente do Anticristo. - pag.12
- II. Significação emblemática da Páscoa. - Primórdios do Cristianismo. - Organização comunista da primeira geração cristã. - Trajeto da Boa Nova, da Palestina em Roma. - Heroicidade das mártires cristãos. - pag. 23
- III. A ação divina, propulsora, causa eficiente da prodigiosa floração cristã e do heroísmo dos seus mártires. - Ocaso do Cristianismo glorioso e heroica. - Simultânea manobra, externa e interna, do Anticristo contra a Igreja. - Vicissitudes do Evangelho. - Instituição do dogma da existência única, oposto à doutrina da pluralidade de existências sustentada por Orígenes e sancionada pelo Cristo. - pag. 42
- IV. Engrandecimento material da Igreja, declínio progressivo do ideal cristão. - Formação do Estado Pontifício, como réplica à palavra do Cristo: “Meu reino não é deste mundo”. - Transigências e antíteses. - Restauração parcial da Igreja Cristã. - Francisco de Assis. - pag. 60
- V. Escopo do apostolado franciscano menosprezado pela Igreja. - Crescimento paralelo do “trigo” e do “joio”. - O partido político e a família cristã. - Novo movimento de reação, tendente a restabelecer e popularizar o Evangelho. - Martinho Lutero e a Reforma. - O Anticristo não renuncia ao seu predomínio. - Excessos e frutos do fanatismo. - Deficiência do movimento reformista. - O reino dividido. - pag. 85
- VI. Efeitos salutareos da Reforma. - Sua inferioridade relativamente ao culto sentimental do catolicismo. - Preponderância dos jesuítas nas deliberações do concílio de Trento. - Ignácio de Loyola e os extravios da sua missão. - O espírito reacionário e intolerante permanece com o partido político da Igreja. - Copérnico, Giordano Bruno, Galileu. - Florescimento espiritual da família cristã. - Renascimento expansivo da fé. - Grandes santos. - Missões e catequese. - Últimos clarões. - pag. 112
- VII. Crescente antagonismo entre a religião e a ciência. - Anarquia do pensamento. - Movimento libertário da Revolução Francesa levado ao desvario. - Soçobro do prestígio político da Igreja. - Perda do poder temporal. - Roma, túmulo do Cristianismo. - A crise contemporânea. - O Anticristo porfia em tornar odiosa a Religião do Cristo. - Expectativa de uma Era Nova. - pag. 141

INTERMÉDIO

INTERMÉDIO - Considerações sobre o Anticristo - pag. 162

SEGUNDA PARTE

- I. Primórdios da insuspeitada renascença do Cristianismo. - Toque de rebate do Além. - As manifestações dos seres invisíveis oferecem a prova documental da sobrevivência e imortalidade do Espírito. - A Nova Revelação codificada. Seu objetivo culminante. - Primeiro embate ostensivo, na fase atual, das trevas contra a Luz. - Frutos promissores. - Vaticínios que ainda esperam realização. - Por quê? - pag. 184
- II. O Espiritismo, como um vasto movimento de ideias, espreado nos dois hemisférios, representa o Consolador, prometido pelo Cristo, que vem restabelecer todas as verdades. - Como tem sido praticada a doutrina e compreendido o seu objetivo. - A propaganda no Brasil. - Do Grupo Confúcio à Federação Espírita Brasileira. - Momentâneo apogeu. - pag. 205
- III. Uma obra de amor transformada em pretexto de rivalidades e competições. - Como os homens mais bem intencionados podem ser inconsistentes joguetes do Anticristo. - Investidas contra a Federação Espírita Brasileira. - Sintomas de desagregação. - O escândalo de 1914 e as suas consequências. - pag. 229
- IV. Antecedentes de ronda sinistra, contemporânea de Allan Kardec, e seu desenvolvimento ulterior. - Superstições, credence e fanatismo. - Depoimento pessoal sobre as manobras do inimigo. - O Espiritismo em falência. - pag. 256
- V. Síntese doutrinária do Espiritismo. - Solução do problema social e humano. - Adversários da Nova Revelação no plano terrestre. - Concepções fundamentais da Teosofia. - Breve apreciação analítica. - Paralelo. - pag. 279
- VI. Ampliação do tema anterior. - Haverá um Cristianismo esotérico? - Intencional confusão do Cristianismo com o catolicismo romano. - Haverá, sim, falsos Cristos e falsos profetas. - Um novo Instrutor que o não chegou a ser. - E depois? - pag. 320
- VII. Império mundial do Anticristo. - Apogeu de seu poderio em todas as esferas da atividade humana. - Fascinação exercida sobre grandes inteligências, reconduzidas ao catolicismo romano. - Manobras da Igreja no Brasil. - Sacrilega exploração da figura do Mestre. - pag. 366
- VIII. Ainda o império mundial do Anticristo. - Por que tem ele feito da mulher o alvo multissecular de suas investidas. - Trava-se, em nossa época, entre as forças do Bem e as do Mal a batalha, decisiva, da sorte da humanidade. - pag. 402
- IX. Onde se há de primeiro operar a renascença espiritual da humanidade a como destronar-se o Anticristo. - Retorno às práticas do Cristianismo primitivo. - Centros iniciáticos e de preparação religiosa. - Período heroico do Neoespiritualismo. - Derrota final de Mamom pelo socialismo cristão. - A Jerusalém celeste instaurada no mundo. - Ascensão da Terra na hierarquia planetária. - Conversão do Anticristo. - pag. 434

Apresentação

A Apresentação da edição digital da obra *Anticristo. Senhor do Mundo*, de autoria de Leopoldo Cirne, é para nós uma grande honra e ao mesmo tempo uma feliz oportunidade para se assinalar o resgate histórico de significativo livro esgotado há muitas décadas.

Leopoldo Cirne, ex-presidente da Federação Espírita Brasileira, concluiu a portentosa obra *Anticristo. Senhor do Mundo*, em 3 de outubro de 1934; foi impressa por Bedeschi e lançada no Rio de Janeiro em 1935; e, nunca foi reeditada. Até agora era encontrada apenas em algumas bibliotecas e, às vezes, em sebos. Através do recurso da internet a localizamos pela “Estante Virtual”.

Ao recebermos o citado livro, adquirido por internet, ficamos surpresos com a riqueza deste volume pelo fato de conter dedicatória manuscrita de Cirne para sua esposa Marieta, datada de maio de 1935.

Embevecido pelo texto que reflete a cultura e a experiência de vida do autor, rapidamente elaboramos uma resenha sobre o livro e a publicamos na *Revista Internacional de Espiritismo*.¹

Inicialmente precisamos apresentar Leopoldo Cirne (João Pessoa, 1870; Rio de Janeiro, 1941). Jovem idealista foi vice-presidente da Federação Espírita Brasileira (1898-1900) na gestão de Bezerra de Menezes, sucedendo-o como presidente (1900-1914). Renovou os Estatutos da FEB no ano de 1902, instituindo o estudo das obras completas de Allan Kardec como básicas para a instituição, retirando a referência ao estudo de obras de J.-B. Roustaing e eliminando os poderes discricionários que haviam sido concedidos a Bezerra de Menezes, pois este assumiu a FEB em momento de profunda crise. Em 1904 promoveu o I Congresso Espírita — o primeiro grande evento espírita do Brasil —, evocativo do Centenário do nascimento de Kardec, com a participação de mais de duas mil pessoas. Na oportunidade foi aprovada sua proposta “Bases de Organização Espírita”, definindo que a FEB filiaría diretamente centros espíritas e orientaria o trabalho de união dos espíritas, estimulando a fundação de Federações Estaduais. Até então somente existiam duas Entidades

¹ Carvalho, Antonio Cesar Perri. Cristianismo, Espiritismo e o Anticristo. *Revista Internacional de Espiritismo*. Ano XCII. N° 9, outubro de 2017. pags. 474-477 — Nota desta Edição digital (N. E.).

Federativas Estaduais. Dedicou-se para implantar a “Escola de Médiuns” e iniciou a promoção do Esperanto na FEB e junto ao movimento espírita (1909). Em sua gestão foi construída e inaugurada a sede própria da FEB, em dezembro de 1911. Atualmente é a chamada Sede Histórica da FEB, sita à av. Passos, 30, no Rio de Janeiro.

Em virtude de resistências dentro da FEB, que não concordavam com algumas inovações e propostas implantadas por Cirne, principalmente do setor de “Assistência aos Necessitados” e também um certo descontentamento dos seguidores da obra Roustaing, o presidente Leopoldo Cirne perdeu a eleição para a presidência em 1914, retirando-se completa e definitivamente da instituição. Prosseguiu atuando como conferencista e escrevendo livros. É autor de livros: ***Memórias históricas do Espiritismo; Doutrina e Prática do Espiritismo; Anticristo, Senhor do Mundo; A personalidade de Jesus*** (esta publicação *post mortem* foi feita pela FEB). Tradutor das obras de Léon Denis, editadas pela FEB: ***No invisível e Cristianismo e Espiritismo***.

Há várias mensagens do espírito Leopoldo Cirne, em obras editadas pela FEB, pelo médium Chico Xavier: ***Instruções psicofônicas***; e pela psicografia de Waldo Vieira, na obra ***Seareiros de volta***. É um dos personagens em ***Voltei***, do espírito Irmão Jacob (pseudônimo de Frederico Figner, ex-diretor da FEB) ao lado de Bezerra de Menezes, Inácio Bittencourt e Antônio Luís Sayão.

A obra agora disponibilizada em versão digital pelos portais ***Luz Espírita e Autores Espíritos Clássicos*** passou por atualização da ortografia, com cuidadosa revisão em respeito à manutenção das mesmas palavras, e, houve o acréscimo de reprodução de tela colorida retratando Leopoldo Cirne, de autoria de Napoleão Figueiredo, de São Paulo, elaborada a nosso pedido em 2014, por intermédio de Oceano Vieira Melo durante nossa gestão como presidente da FEB.

O objetivo da obra, definido pelo autor é claro: “[...] apreciando a ação perturbadora do Anticristo na existência da igreja — alvo do seu inveterado rancor — do mesmo que em todas as manifestações da vida humana, em que essa interferência transparece, colher ensinamentos e advertências para salvaguarda dos que, nesta época de transformações e num radioso futuro que se avizinha, desejem sinceramente seguir a Jesus e necessitam estar apercebidos contra as insidiosas manobras dos que com propriedade são denominados inimigos da luz. [...] O presente estudo é assim uma contribuição exclusivamente pessoal, fundada na observação e análise dos fatos à luz dos conhecimentos adquiridos na doutrina espírita, que temos a felicidade de professar há quarenta anos”.

Leopoldo Cirne esclarece que entende por “Anticristo” uma força, também chamada de “príncipe deste mundo”, “poder das trevas”, que age “em oposição, deliberada e sistematicamente, ao plano evolutivo traçado por Deus à humanidade”. Considera que o Cristo empreende a obra de educação e redenção da humanidade e

raciocina: “o princípio oposto — de separatividade [sic] e de egoísmo — que forma o substrato da natureza inferior do homem e constitui, na quase totalidade da espécie humana, o motivo preponderante de seus atos e impulsos? [...] esse princípio deverá chamar-se o Anticristo. Somos todos assim, enquanto consentimos em nós o predomínio do egoísmo com todos os seus derivados — ambição, vaidade, orgulho — e pelejamos denodadamente pela obtenção e acréscimo dos bens, posições e vantagens pessoais, com sacrifício dos outros e violação da lei de solidariedade [...]”

E assim, o autor desenvolve a obra: na 1ª Parte analisa em detalhes a trajetória do Cristianismo e na 2ª Parte focaliza o Espiritismo.

Ao nos deleitarmos com o texto de análise histórica, repleto de depoimentos e alertas sérios do autor, identificamos momentos e condições de nossos tempos que fazem jus ao jargão “a história se repete”.

O leitor atento identificará situações que persistem no cenário atual do movimento espírita de nosso país.

Daí a significação desta obra de Leopoldo Cirne, extremamente válida para se analisar e se refletir sobre a trajetória, o estado atual e as perspectivas do Espiritismo no Brasil.

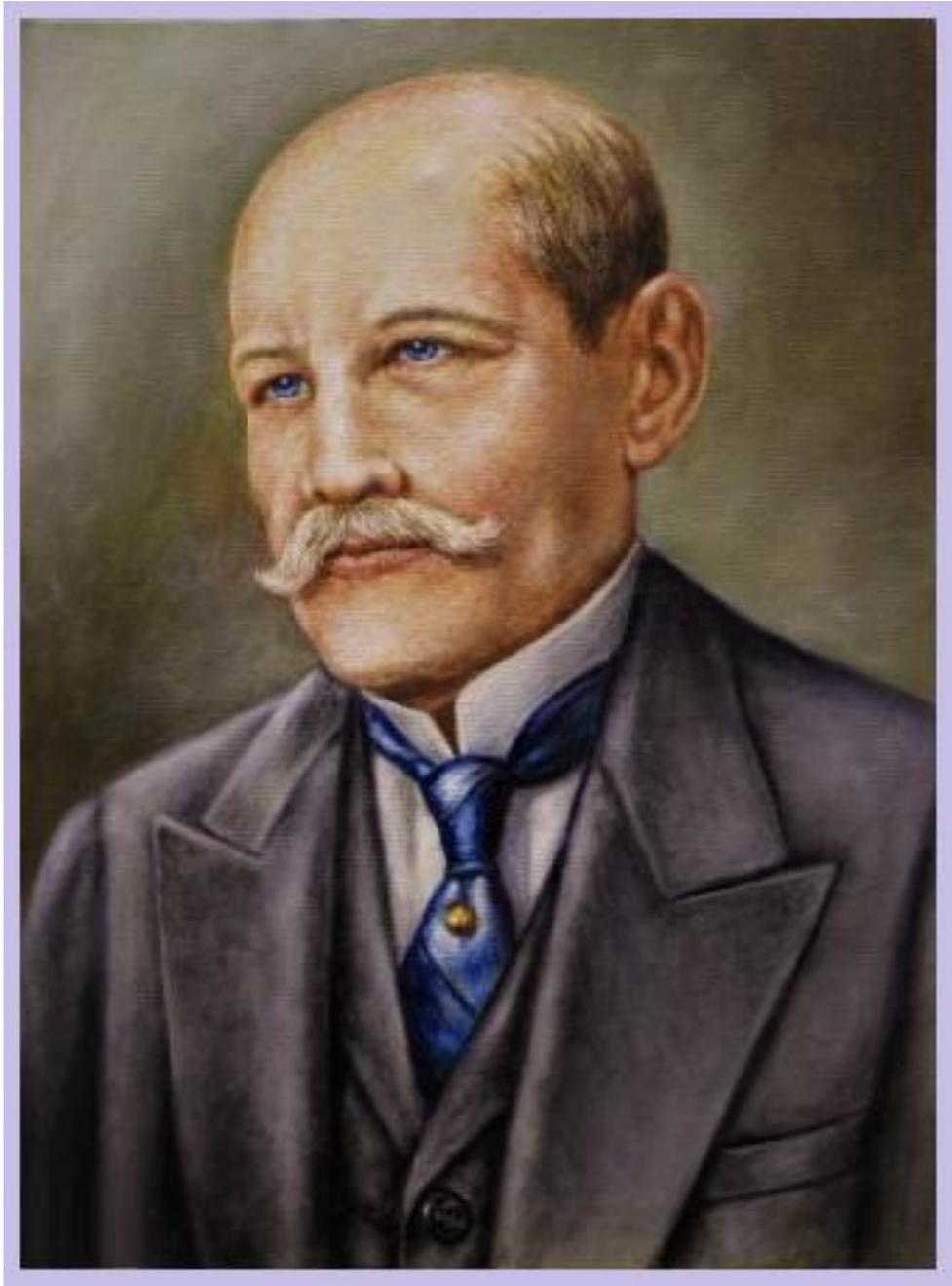
Concluimos nossa Apresentação transcrevendo trechos das considerações finais de Leopoldo Cirne:

“Exageramos? — Percorrei a história de todos os séculos e nos sucessos, coletivos e individuais, em que haja violação do preceito básico formulado pelo Cristo — ‘amai-vos uns aos outros’ — encontrareis a intervenção reacionária do Anticristo. [...] Quanto tempo será necessário à consumação dessa gloriosa metamorfose? O milênio, de que nos fala o Apocalipse? — Não importa o prazo. [...] a nossa humanidade, liberta finalmente do poder das trevas, raiará cedo ou tarde a aurora de sua definitiva redenção.”

São Paulo, setembro de 2018.

Antonio Cesar Perri de Carvalho

Foi dirigente da Federação Espírita Brasileira: Diretor, março de 2004/março de 2012; Vice-presidente, março de 2012/março de 2013; Presidente interino, de maio de 2012 a março de 2013; Presidente efetivo, de março de 2013 a março de 2015.



Leopoldo Cirne

Tela de autoria de Napoleão Figueiredo, de São Paulo, confeccionada em 2014.

Dedicatória de Leopoldo Cirne à sua esposa,
D. Marieta, no ato da oferta de seu livro *Anticristo*:

À Ti, Marieta minha querida,
que me tens sido « esposa e susten-
táculo, desvelada companheira,
fonte de estímulo e consolação
nas horas inquietas e compas-
siva enfermeira nos sofrimen-
tos físicos » (pag. 475), modesta
homenagem do teu L. Cirne

maio 1935.

PRIMEIRA PARTE

I

**Enfermidade das sociedades contemporâneas
- O remédio trazido outrora pelo Cristo -
Primeiro triunfo aparente do Anticristo**

Só o amor pode salvar o mundo, que se perde. O amor e a humildade.

Porque o mundo, evidentemente, perde-se, no sentido espiritual, transcendente, portanto, do vocábulo, por excesso de indiferença e de orgulho. De egoísmo, sobretudo.

Pretendereis que faço literatura, e da pior, isto é, passadista, segundo a desdenhosa classificação adotada por esta geração de fatigados precoces, geração infeliz, porque abandonou a fecunda nutriz do sentimento inspirador e oscila, desorientada e atordoada, em busca do inédito, do “novinho em folha”, como se alguma coisa pudesse haver de novo sobre a terra?

Que entendeis por estas expressões — salvação — perdição — cujo sentido profundo escapa ao filho do século, mas os filhos da luz sabem penetrar?

Supondes que o homem é apenas uma condensação de gases — oxigênio, hidrogênio, carbono, azoto — equivalente músculos, sangue, nervos, ossos? Ignorais então que o corpo físico é uma projeção do espírito na esfera sombria e ilusória das formas, que são o seu instrumento provisório, do mesmo modo que o universo visível é uma projeção de Deus, que é o seu Autor, na elasticidade inconcebível do Éter, que é também obra sua e seu veículo?

Sim, o homem é principalmente, antes de tudo e acima de tudo, um espírito. Espírito imortal, que vem de muito longe, formando de quedas e reabilitações o substrato de suas experiências seculares, o seu aprendizado, agora rude mais tarde glorioso. Vem do muito longe e vai para mais longe ainda, crescendo interiormente para Deus, na sabedoria e nas virtudes. Principalmente nas virtudes, que jamais foram motivo de queda para o espírito.

Não é seu destino obedecer ao corpo, aos instintos subalternos, “civilizando-

os”, isto é, requintando-os, para os tornar mais exigentes. Que outra coisa fazeis, entretanto, os que vos reputais como sábios e do homem não vedes mais que a sombra inquieta que se move neste subterrâneo da criação, que é nosso *habitat* atual, senão escravizar-vos a ilusão da matéria e dos sentidos? Desse modo pondes o imortal, sinônimo de eterno, ao serviço do transitório e perecível. E tateais nas trevas, ignorando o rumo verdadeiro, e sucumbis à cegueira. Perdeis de vista as esplendidas realidades luminosas da vida imortal, única digna de ser desde agora porfiadamente conquistada.

Por isso, guiado por cegos, algumas vezes por fanáticos na direção política dos povos, nas cátedras do ensino religioso, em todas as manifestações do pensamento, assim nas ciências e nas letras, como até nas próprias artes e no jornalismo sobretudo — vergando à pressão do orgulho, da indiferença e do egoísmo, o mundo se extravia. Domina-o o Anticristo, e é preciso restituí-lo ao Cristo.

Tendes o direito de encolher os ombros, desdenhosos, indicando, por desmentido, como índice irrefragável de progresso, os brilhantes produtos da civilização material de nossos dias: as metrópoles ruidosas, com suas avenidas e palácios gigantescos, os mares sulcados em todas as direções por suntuosas naves, que aproximam os continentes, e a navegação aérea, e a radiotelégrafo e telefonia, todos os prodígios, em suma, da ciência e da mecânica aplicadas.

E eu vos direi que, se com tudo isso não tendes satisfeito as aspirações dos que, através os séculos, vêm clamando por uma equitativa repartição dos bens terrestres entre os que penam laboriosamente em os criar e transformar, de modo a suprimir o pauperismo e estabelecer, pela eliminação dos fatores adversos, o equilíbrio, a harmonia e a felicidade social, o se acima disso não tendes resolvido o angustioso problema do destino humano e, paralelamente, procurado aliviar o sofrimento da grande massa anônima, digo-vos em verdade que tendes feito rumo contrario a diretriz traçada por Aquele que, amigo dos pobres e pequenos, foi o excelso fundador da civilização da qual essa de que tanto vos ufanaís é simplesmente o arremedo, quando não, em muitas coisas substanciais a antítese completa.

Não seria, certamente, justo desconhecer o valor das tentativas feitas por sucessivas gerações de espíritos altruístas — pensadores e cientistas, cultores da Moral e do Direito — no sentido de melhorar a situação geral da espécie humana, com seus estudos, aplicações e descobertas, nem ainda o valor, não menos apreciável, das realizações filantrópicas levadas a efeito, com o mais louvável espírito de solidariedade universal, por alguns plutocratas norte-americanos, que assim têm revelado superior compreensão do seu papel de meros depositários da riqueza material. No que se refere igualmente ao problema social, cumpre reconhecer a eficiência da formula econômica de participação, adotada, ainda na União norte-americana, e cuja iniciativa pertence a esse clarividente espírito que se chama Henrique Ford, como um derivativo, temporariamente ao menos, satisfatório, que a

mentalidade europeia, infelizmente, sobrecarregada de preconceitos, rivalidades e tradições obsoletas, é lamentável não tenha tido ainda a capacidade, senão a coragem, de adotar.

Todas essas realizações, porém, sugeridas as primeiras por um espírito indubitavelmente progressista e humanitário, vazadas as ultimas em moldes eminentemente práticos obedecendo, por isso, antes a razões de ordem intelectual, no fundo não de todo alheias à ideia de interesse ou cálculo, do que a genuínas inspirações de sentimento fraternista, podem sem dúvida contribuir e têm realmente contribuído numa certa medida para o melhoramento social, mas estão longe de enfeixar, parciais que são, a solução do, da humanidade. Esse problema não é apenas econômico, posto que não seja de mínima importância, na consideração dos assuntos sociais e humanos, semelhante fator, que se insere em quase todos eles: é sobretudo moral ou, para melhor definirmos a sua profundidade e amplitude, espiritual. E o erro de visão que se observa geralmente nos sociólogos e pensadores contemporâneos, saturados, como todo o mundo, de um materialismo reflexo, ou instintivo, que lhes obscurece, restringindo-a, a capacidade de apreciação, consiste em não encarar o magno problema humano, vagamente agitado entre as perturbações e os turbulentos anseios de nossos dias, senão através d'aquela prisma unilateral. Dão-lhe pelo menos uma preeminência a que não tem direito o seu valor meramente complementar e secundário.

Porque, sendo o homem — repitamo-lo — antes de tudo um Espírito, suas necessidades espirituais, o imperativo de seu destino, de seus deveres, seu papel na criação e suas relações com os demais seres devem, nessa ordem seriada de cogitações, primar sobre tudo mais.

Ora, é precisamente esse aspecto superior da natureza humana; em relação com tais finalidades transcendentais, que tem sido até agora — e agora mais que nunca — descurado. Seja por indiferença atávica, ou sob a pressão das necessidades materiais imediatas, que tolhem ao grande anonimato humano o tempo e os meios de cultivo espiritual e interior, o certo é que todas as atenções se acham concentradas na miragem da vida presente. Cuida-se, em cada vez mais desenvolvida escala, da cultura física, promovendo-se paralelamente — é certo — e estimulando-se o espírito associativo, duplicado de uma educação social que, sobretudo na América do Norte, pela elevação considerável do seu nível, constitui ponderável fator de ordem e de solidariedade humana, tudo isso, porém, com acentuado cunho de imediatismo ou, de todo modo, encaminhado a elevar o padrão da vida neste mundo a tão apurado grau que torne dispensável a cogitação do futuro extraterrestre. O resultado é, como por toda parte se observa, mesmo nas nações superiormente organizadas, como a que acabamos de citar, essa intensificação de um individualismo paradoxal, em meio das correntes modernas de coletivismo, tendente a absorver e fundir no aglomerado, a que pertença, a personalidade humana. Individualismo, do pior quilate, porque, em

troca de pequenas concessões individuais para o bem-estar comum atual, não cessa de contribuir para aprofundar as raízes, mal dissimuladas, do orgulho, pela satisfação de si próprio, e do egoísmo, que se conserva intacto em sua voracidade interior, os quais, com a indiferença, que ainda é o grande mal dos corações, constituem a trilogia funesta que infelicitava o mundo e só pode, para salvação deste, que se perde, ser vitoriosamente combatida pelo amor e a humildade.

*
* *

Há quase dois milênios, recebeu a Terra a visita do Plenipotenciário celeste, portador dessas virtudes redentoras. Como agora — pois que os ciclos históricos se renovam, quase idênticos, a intervalos regulares — a iminência de uma grande crise se desenhava para a humanidade. Em vésperas de ruir o gigantesco Império Romano, alicerçado na pilhagem, em que vinham por fim a culminar suas incursões e aventura contra os outros povos, a civilização latina, desse modo transviada de sua missão, depois de haver recolhido a herança de hegemonia helênica, intelectual e artística, estaria condenada, com ele, a sucumbir poucos séculos mais tarde, menos certamente ao ímpeto vingador das hostes bárbaras, que diluída no aviltamento dos costumes e das instituições, se àquele crepúsculo do mundo antigo não devesse, com o Cristianismo nascituro, suceder a aurora de uma salvadora renovação.

Quando, pois, ainda atroava os ares o passo das legiões romanas, levando por toda parte o signo de suas águias vitoriosas, sobreveio o inesperado raiar desse novo dia. Dia definitivo para a humanidade, posto que, ao começo, não somente ensombrado de nuvens que por muito tempo, como ainda hoje, lhe haviam de toldar a limpidez e retardar a plenitude, mas em condições, aparentemente, as menos expressivas de sua magnitude e significação.

Que importância, com efeito, aos olhos dos cézares, embriagados de triunfo e aos do próprio povo, embrutecido na ignorância e nas paixões, e que era, não obstante, o braço executor das violências planejadas pelas maiores forças políticas representativas do mundo antigo, poderia revestir o nascimento do filho de um obscuro carpinteiro, na mais humilde cidade da Judeia, nessa Palestina distante e escravizada?

E no entanto foi esse, que assinalou o advento do Cristianismo, o fato culminante de toda a história humana, com razão considerado o marco, inapagável e insubstituível, que a divide em duas épocas perfeitamente definidas. Para traz ficavam a consagração da força, a exploração do homem pelo homem, os privilégios de castas e de classes, conferidos por toda parte a minorias insignificantes, em detrimento dos direitos naturais de todos, o desprezo dos grandes e, conseqüentemente, o ódio dos pequenos, a ignorância, geral; favorecendo o império

das paixões inferiores, como estimulante único das ações humanas, em uma palavra, treva nos corações e treva nas inteligências, tendo como expressão inevitável o desconhecimento e indiferença pelo "amanhã", que há de fatalmente suceder ao breve dia que se representa uma existência aqui na Terra.

Com Jesus, e graças a Jesus, que vinha fazer da sobrevivência e imortalidade da alma, isto é, da certeza de uma vida futura a pedra angular de seus ensinamentos, o objetivo a que se deve encaminhar a vida efêmera do homem, ia começar, no ponto de vista social, a era da liberdade e da igualdade jurídica de todos, o primado do direito sobre a força e, portanto, o império da Justiça, o estabelecimento da paz pelo reconhecimento da fraternidade, baseada na paternidade universal de Deus, e, no ponto de vista dos destinos eternos que vinha revelar aos homens, era o reino do espírito que para estes devia começar, pelo triunfo sobre a matéria e todas as suas seduções.

Para a realização inicial desse admirável programa de reabilitação da nossa, espécie, a que se descerravam tão dilatados horizontes, contra o qual, todavia, por isso mesmo se haviam de levantar, como o veremos no curso desta obra, todas as forças tenebrosas do invisível, empenhadas em manter a humanidade escravizada ao seu domínio, não se apresentou Jesus como um mero pregoeiro teórico, senão que, imprimindo às verdades e aos preceitos, que o Pai o incumbira de lecionar aos homens, a autoridade e a sanção do exemplo, viveu um a um todos os seus ensinamentos nos atos de sua vida incomparável.

Neste, como, de resto, em todos os sentidos, a sua figura, sobranceira às vicissitudes dos séculos, é única entre as de todos os grandes Iniciados e Reformadores que, antes e depois d'Ele, têm atuado no cenário terrestre.

Enquanto, por exemplo, o Buda (Siddhartha Gotama ou Çakya Muni) — sem dúvida excelso missionário, propulsor do mais importante movimento de renovação religiosa, depois dos Vedas, empreendido entre as populações da Índia, como da China e do Japão — só aos 29 anos abandona o seu palácio real e as regalias de príncipe, que desfrutava, para engolfar-se no isolamento e na meditação, que precederam a sua jornada de proselitismo, e esse outro eminente doutrinador, que foi Krishina, teria que, pela fatalidade de suas circunstâncias pessoais, opor aos místicos arrazoados filosóficos, de que se fez arauto, o contraste de sua condição de guerreiro e a fragilidade da poligamia, sancionada embora na tolerância, em tal sentido, generalizada entre os orientais, o Cristo não somente oferece ao mundo o testemunho de uma Vida, de começo ao fim, absolutamente imaculada, mas desde logo marca a originalidade e a coerência dessa vida com a doutrina de que era Ele portador, elegendo para lugar de seu nascimento um estábulo de animais. Escolha inconcebível, mas intencional da parte d'Aquele que, sempre Espírito, presidiu a uma parte e prestou a outra parte dos sucessos, relacionados com a sua investidura messiânica, o seu voluntário assentimento.

Desse modo começada no berço, a apologia da pobreza — pois que o presépio de Belém é uma alegoria e um ensinamento — como expressão sintética de renúncia a todos os bens e opulências da terra, o desapego, que semelhante escolha traduz, às coisas exteriores, consideradas obstáculo à aquisição da riqueza moral interior, foi a primeira lição com que Jesus entendeu conveniente edificar os homens. Lição igualmente de humildade, que havia de ser, em todos os tempos, o inseparável característico do verdadeiro cristão. Assim também o amor.

Por que motivo o Espírito perfeito, que é o Cristo, no consenso unânime de quantos, através os séculos, têm procurado contemplar de perto e entender a sua angélica figura — exceção apenas feita, de alguns doentes mentais que d'Ele têm, irreverentemente, pretendido fazer um caso de psicologia, mórbida — por que motivo, perguntamos, teria o excelso Filho de Deus renunciado, temporariamente embora, às esferas da luz eterna em que reside, para mergulhar nas trevas deste mundo e entrar em contato direto com as misérias, enfermidades e paixões dos que o habitam? — Se bem atentarmos em seu caráter, nas linhas estruturais de sua missão divina, reconheceremos que o fez, não por necessidade ou, interesse próprio, Ele que jamais antepôs a um sô de seus atos a menor sombra de preocupação pessoal, mas unicamente por amor a esta pobre raça humana, falida e extraviada, que, quanto mais sucumbe às tentações do espírito do mal, que aqui impera, mais se recomenda à enternecida e misericordiosa piedade com que se tem Ele proposto a redimir-nos. Redenção completa e universal, todavia, somente quando um a um, na sucessão dos séculos, libertos da cegueira que nos obscurece agora o entendimento e nos coloca à mercê daquelas tentações, nos houermos todos convertido, por uma adesão interior, sincera, inviolável e constante, à lei de amor e de humildade, que é o ângulo fundamental de todos os ensinamentos evangélicos, do mesmo modo que foi o eixo em torno do qual girou toda a existência de Jesus.

Humilde foi, portanto, o seu berço, em intencional contraste com a sua inconfundível grandeza espiritual; acanhado e pobre, humilde, portanto, o cenário em que desenvolveu mais tarde a sua ação evangelizadora; humildes as figuras de que se rodeou então, recrutadas, em sua totalidade, nas classes mais obscuras da sociedade judaica, para serem, durante o seu messianato, as urnas vivas encarregadas de recolher os exemplos e as palavras de vida eterna que trazia aos homens, e depois de seu regresso ao seio do Pai, que o enviara, os propagadores da Boa Nova que, varando as fronteiras em todas as direções, abriria para o mundo a era da verdadeira civilização, isto é, da civilização cristã, devesse embora prolongar-se por dezenove séculos, a sua acidentada fase inicial.

Dentre os apóstolos, com efeito, aos quais dirigiria mais tarde a significativa palavra de exaltação, advertindo-os: "não fostes vós que me escolhestes a mim, fui Eu que vos escolhi a vós", quatro — Pedro, André, Tiago e João — eram rudes

pescadores; um, Mateus, pertencia à odiada classe dos publicanos², que o Mestre, em mais de uma ocasião, para confundir a arrogância dos que os desprezavam, apresentaria, de par com os samaritanos, não menos odiados, como paradigmas de fidelidade à lei divina, herdeiros legítimos do Reino; os restantes eram, do mesmo modo, figuras plebeias, destituídas de toda significação social.

E foi com esses elementos, na aparência e segundo a cegueira do conceito humano, absolutamente negativos, que Jesus empreendeu a obra gigantesca de transformar a face moral do nosso mundo, começando por uma intrépida subversão dos consagrados valores sociais e humanos, de que era expressão aquela mesma escolha dos apóstolos.

Esse contraste entre a pobreza de seus elementos iniciais e a magnitude da obra que o Cristianismo, sobrepujando os obstinados assaltos externos e as subversoras deturpações internas, que não tem cessado de sofrer, vinha realizar, e de fato realizou nos primeiros gloriosos séculos de perseguição e de martírio, isto é, de copiosa frutificação espiritual, mutilada nos seguintes pela obnubilação de suas mais formosas promessas, é um dos espetáculos que mais têm impressionado os observadores imparciais, o mais seguramente demonstrativo da imanência de um poder divino que o tem sustentado e que, sem a menor dúvida, reside no seu próprio Instituidor.

Vede-o naquele dos primeiros episódios de sua vida relatados no Evangelho. Contava apenas doze anos, e tendo ido, em companhia de José e de Maria, a festa anual da Páscoa na cidade santa, já estavam estes de regresso a Nazaré, entre uma extensa caravana, quando perceberam a ausência do menino. Voltam, pressurosos e inquietos, a Jerusalém e ali o vão encontrar no templo, entre os doutores, “ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas”. Acrescenta o evangelista: “E todos os que o ouviam estavam pasmados da sua inteligência e das suas respostas”.

E porque lhe dirigisse Maria a advertência: “Filho, porque usaste assim conosco? Sabe que teu pai e eu te andamos buscando cheios de aflição”, respondeu com esta frase de dupla e profunda significação: — “Para que me buscáveis? Não sabeis que importa ocupar-me das coisas que são do serviço de meu Pai?”

Manifestava desse modo a lúcida consciência, que já então possuía, da missão divina que o trouxera ao mundo, e reportava-se, mesmo em presença d'aquela a quem era atribuída, a seu respeito, a função humana de progenitor, à única paternidade que reconhecia, isto é, a paternidade espiritual que o vinculava a Deus.

Em todo o curso de seu sacrossanto ministério, iniciado dezoito anos mais tarde, quando “o mesmo Jesus começava a ser quase de trinta anos” (Lucas, 3:23), logo após o batismo simbólico às margens do Jordão, a que sucedeu imediatamente a

² Publicanos eram os cobradores de impostos a serviço do Império Romano. Em geral, eram odiados e reputados como ladrões supostamente por cobrarem em excesso ao que os dominadores estabeleciam para apossarem-se indevidamente de parte dos tributos cobrados dos judeus — N. E.

“tentação” no deserto, da qual oportunamente nos ocuparemos, é sempre a impulsos dessa mesma iluminadora certeza de ser o órgão direto de Deus que o veremos agir, assim quando se inclinava compassivo sobre os enfermos do corpo e os quebrantados do espírito, para lhes restituir a saúde ou lhes outorgar “a salvação”, assegurando, segundo o testemunho do evangelista João, “eu de mim mesmo nada posso; o Pai, que está em mim, é quem faz as obras”, como ao disseminar, em presença das multidões que, alvoroçadas, se lhe comprimiam em torno, a alviçareira doutrina, “que não era sua, mas d'Aquele que o enviara”, e que, em sua encantadora linguagem, rica de simplicidade e profundidade, denominava a “Boa Nova”, ou o “Evangelho do Reino dos Céus”. Doutrina de misericórdia e de consolação para os humildes, de resignação e de esperança para todos os sofredores, de suma perfeição para os mais evoluídos.

Começa, verdadeiramente, na comovedora prédica ao sopé da montanha, que se tornaria “das bem-aventuranças”, na qual tudo o que faz o temor ou a repulsa dos tímidos e o desprezo do mundo, seria exaltado como afortunada condição terrestre, para infável compensação no Além.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados...

Bem-aventurados os que tem fome e sede de justiça.

Bem-aventurados os mansos...

Bem-aventurados os pacíficos...

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor à justiça...

Bem-aventurados os pobres de espírito...

Bem-aventurados os que têm o coração puro.

E em seu jornadas através os campos e as cidades, de Nazaré a Jerusalém e de Jerusalém a Betsaida e a Cafarnaum, ou às margens dos lagos de Genesaré e Tiberíades, é ainda o mesmo amor que afluí de seu coração, e de seus lábios misericordiosos se espraia, como caudal divina sobre as almas inquietas e ulceradas.

“Vinde a mim todos vós que andais aflitos e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis o descanso para vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”.

Enternecedor convite, que atravessaria os séculos e seria, como ainda hoje e no futuro, o penhor de sua proteção aos que padecem, o amparo, a segurança, o conforto para o homem nas horas de desfalecimento, o escudo contra todas as tentações.

Mas não se limitaria a oferecer-se como sustentáculo aos vacilantes e a inclinar sobre todas as dores o seu espírito amantíssimo, como um broquel perpetuamente estendido sobre o mundo. Aos resolutos, legitimamente ambiciosos de incorporar-se, desde a terra, às imortais falanges de seus auxiliares na obra redentora, o líder de homens e de humanidades, que Ele é, intimaria a condição primordial: — “Aquele que quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo e tome a sua cruz e siga-me”.

Porque vinha formar, para os novos homens que se dispusessem a ser os colaboradores na fundação do seu reino espiritual, uma consciência mais alta, sobranceira às solicitações da natureza inferior, iniciando-os no espírito de abnegação e sacrifício.

Indulgente com todas as fraquezas nascidas da ignorância humana, toleraria, sem as recomendar nem proibir, práticas tradicionais como o jejum e as oferendas levadas ao altar, advertindo, todavia, que “não é o que entra pela boca que macula o homem”, e antepondo-lhes, como mais agradáveis a Deus, os sentimentos puros e a prévia reconciliação entre ofendidos e ofensores.

Posto que abertamente declarasse: “Eu não vim destruir a lei”, referindo-se indubitavelmente aos princípios basilares — princípios de moral eterna — estatuídos no Decálogo, e não a preceitos humanos transitórios, que, entretanto, haviam ganho prestígio no animo do povo, ao ponto de quase substituir os primeiros, não hesitaria em reformar esses últimos, opondo-lhes resolutamente o novo Código, em que ao homem da terra, decaído, eram sugeridas as possibilidades de transformar-se em cidadão do céu, tomando por modelo o próprio Pai que está nos céus.

“Tendes ouvido o que foi dito: Amarás ao teu próximo e aborrecerás a teu inimigo. Mas eu vos digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio e orai pelos que vos perseguem e caluniam; para serdes filhos de vosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus e vir chuva sobre justos e injustos.” E rematava: “Sede logo perfeitos, como também vosso Pai celestial é perfeito.”

Ora, semelhante doutrina, que vinha suprimir os motivos de separatividade entre os homens, elevando o nível de seus sentimentos a tais vertiginosas alturas e indicando as relações de obediência e filial imitação que deviam existir e ser cultivadas entre a fragilidade humana e a Perfeição Divina, ao mesmo tempo em que libertava o povo do jugo sacerdotal obscurecedor, não podia deixar, por isso mesmo, de sublevar contra o seu Autor as iras do clero judaico — doutores da lei mosaica, fariseus³ e escribas⁴ — desse modo implicitamente ferido em seus interesses materiais.

Jesus, porém, não se limitaria a combater indiretamente a influencia desses “cegos condutores” que tanto contribuía, por seu ascendente sobre as massas, para

³ Os fariseus (do hebraico פרושים, "separados") formavam um grupo de religiosos judaicos que se imputavam os verdadeiros guardiões da Torá (a lei mosaica), julgando-se os justos, os santos dentre o povo de Israel, daí porque vivam em separado do povo comum. Foi esse grupo que formalizou os cultos tradicionais das sinagogas e instituiu a mais intransigente ortodoxia hebraica. Segundo o Novo Testamento, Jesus os acusava frequentemente de hipócritas — N. E.

⁴ Os escribas eram os escrivães, religiosos que tinham funções especiais para o desenvolvimento do Judaísmo, por exemplo, a leitura e interpretação das escrituras nos cultos; além disso, tais como os modernos secretários, exerciam a tarefa de fazer cópias das leis, registro dos sensos etc. — N. E.

alimentar no espírito do povo, reforçando-o com o próprio exemplo, assim o sectarismo religioso, em seu intransigente exclusivismo, como o rancor de que eram objeto os samaritanos, considerados heréticos, em cujo território se abstinham cuidadosamente de pisar — rancor em que eram abrangidos os publicanos, detestados por todos, em consequência da função, para o amor próprio nacional, odiosa, que desempenhavam, de coletores dos tributos sobre a raça decaída lançados pelos dominadores romanos. Iria mais longe o Divino Mestre. Não somente desautorizaria essa generalizada repulsa, escolhendo algumas vezes, nos representantes dessas odiadas classes; exemplos típicos de humildade e amor ao próximo, como na parábola do bom samaritano e na do fariseu e o publicano que subiram ao templo, a orar (Lucas, 10: 25 a 37 e 18:10 a 14), mas sua palavra, ungida de persuasiva doçura, quando se dirigia aos sofredores e pequenos, se inflamaria em veementes apóstrofes, ao verberar diretamente os desregramentos dos “escribas e fariseus hipócritas, que devoravam as casas das viúvas, a pretexto de longas orações, que gostavam de ter nas sinagogas as primeiras cadeiras e nos banquetes os primeiros lugares e de serem saudados nas praças e que os homens os chamassem “mestres”.

Essa atitude resoluta em face dos exploradores da crença religiosa do povo e que eram, não obstante, a classe mais influente no seio dos israelitas, não podia deixar de suscitar as iras desses poderosos adversários. Jesus não o ignorava. Mas, sabendo muito bem que, “se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica ele só, mas, se morrer, produz muitos frutos”, caminhou intrepidamente para o trágico desenlace, por Ele mesmo previsto e anunciado, de sua missão, já a esse tempo consumada.

Porque, de fato, haviam bastado os três brevíssimos anos, durante os quais, sem trégua nem repouso, pregara a Boa Nova e semeara em torno de si a saúde, a esperança e a Verdade, que de seu mesmo Espírito jorrava, e perpetuamente jorrará, como de fonte eterna, para que no mundo ficassem os indestrutíveis fundamentos da nova civilização, da civilização definitiva, que ele viera implantar e que, fazendo a sua glória, fará também um dia a felicidade de todo o gênero humano, quando integralmente realizada.

A esse remoto objetivo, que em sua cegueira nem sequer previam, mas a cujos imediatos efeitos, nocivos aos seus sórdidos interesses, se opunham os padres de Israel, com muito mais fortes motivos se oporiam os Espíritos do mal, sob a implacável direção do Anticristo, que, tendo aqui o seu reino, de nenhum modo se resignaria a vê-lo reduzido pela libertação dos homens convertidos a Jesus e, assim, por Ele redimidos, e muito menos a vê-lo aniquilado, como por último sucederá, quando a doutrina do Ressuscitado se houver tornado a partilha de toda a humanidade.

De resto, o sacerdócio israelita não era mais que o instrumento dessas forças

tenebrosas, que do invisível não têm cessado de rondar a obra cristã desde o seu início, opondo-lhe toda a sorte de resistência e obstáculos, manejando as fraquezas e as paixões humanas.

É o que explica a traição de Judas, a súbita mudança de atitude da população de Jerusalém, que, poucos dias depois de haver recebido o Cristo com "hosanas ao filho de Davi", se aglomerava em frente ao Pretório, bramindo: "Crucifica-o!" como não tem outra explicação a pusilanimidade de Pedro, que o nega no pátio do Pontífice, e a própria deserção dos apóstolos na hora culminante do tumultuário julgamento e imolação do seu Divino Mestre.

Não o havia, ao demais, Ele mesmo definido, quando, ao terminar o seu testamento de amor por ocasião da ceia pascoal, se referia ao "Príncipe deste mundo" e sobretudo, ao ser abordado no horto de Getsêmani pelos esbirros que o iam prender, declarava: "Esta é a vossa hora e o poder das trevas"!

Efêmero triunfo aparente esse, todavia, do Anticristo, que, não menos espiritualmente cego que os instrumentos humanos de que se utilizava, supunha talvez que, destruindo o corpo do Filho do Homem e semeando o terror no ânimo dos discípulos, que só mais tarde receberiam o Espírito Santo, se não aniquilava a Obra, de que seriam eles desde então os intrépidos realizadores — e disso teria dúvida o insensato? — pelo menos inclinaria a seu favor as vantagens desse golpe, a gloriosa Ressurreição, esse, sim, triunfo irrefragável e testemunho vivo da imortalidade, que seria simultaneamente o propulsor e o inabalável fundamento da Fé em que se abrasariam assim os apóstolos e discípulos, reabilitados de seu momentâneo delíquio espiritual, como as sucessivas gerações cristãs, que haviam de glorificar diante das feras ululantes e dos gladiadores sanguinários, nos circos romanos ou ao crepitar das fogueiras purificadoras, o nome do Senhor Jesus.

II

Significação emblemática da Páscoa. - Primórdios do Cristianismo. - Organização comunista da primeira geração cristã. - Trajeto da Boa Nova, da Palestina em Roma. - Heroicidade das mártires cristãos.

Retrocedamos um pouco.

Refere um dos três evangelhos sinóticos — o de Lucas — que, ao sentar-se o Senhor Jesus à mesa com os seus apóstolos, para celebrarem juntos a cerimônia da Ceia pascoal, começou por estas comovedoras expressões o seu discurso, em que se sente, como o exalar de um perfume divino, toda a ternura que transbordam de seu amantíssimo coração:

“Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta páscoa antes da minha paixão. Porque vos declaro que a não tornarei mais a comer, até que ela se cumpra no reino de Deus.”

Que alcance e que significação teriam, no pensamento do Mestre, essas palavras, que envolvem, evidentemente, uma promessa?

A páscoa dos judeus, como é sabido, era celebrada em rememoração de sua retirada, do Egito, notabilizada pela travessia do Mar Vermelho a pé enxuto, rumo à Terra da Promissão, denominada Canaã. Esse trânsito significava a libertação do cativo civil e, tendo como decalque o episódio humano, valia por um símbolo. Símbolo cuja significação espiritual corresponde à egressão não apenas de um povo, mas da humanidade, por ele representada emblematicamente, das esferas do mal, que a aprisiona, e sua laboriosa e acidentada ascensão às regiões da liberdade e da luz, isto é, do bem, que é seu destino. Daí a sua celebração, menos como festa cívica da nacionalidade proscrita e, enfim, dispersa e perdida para sempre em seu enquistamento fragmentário no seio de todos os outros povos, do que como cerimônia religiosa, e do máximo relevo.

Assim também a páscoa dos cristãos, que a veio substituir e tende a cada vez mais universalizar-se. Como tantos outros episódios e parábolas referidos no Evangelho, o gesto do Senhor Jesus, a pretexto da magna solenidade anual do povo hebreu, reunindo em torno da ágape comemorativo os apóstolos, para lhes transmitir suas derradeiras, inolvidáveis instruções, envolveu, de par com o novo testemunho de amor que lhes queria dar, a intenção de erigir para a posteridade o emblema coletivo da futura raça humana, redimida pela aceitação e conseqüente prática de sua doutrina e assim, congregada em torno de sua excelsa figura, celebrando, pelos séculos em fora, o banquete da fraternidade. Símbolo hebraico, por então, eu — afirmou — nunca mais tornaria a honrar com sua presença em forma visível e humana, até que o símbolo cristão venha a exprimir-se em realidade objetiva, sob a direção de seu Espírito, presente no reino de Deus, a que se terá então, na Terra, convertido a humanidade.

Pouco importa que a extrema lentidão com que, no sentido moral, se efetua o progresso humano, mesmo em conseqüência dos embaraços obstinadamente suscitados pelas forças reacionárias do invisível, autorize a previsão de que milênios hão de porventura ainda transcorrer, antes que seja atingido tal *desideratum*.⁵ As palavras de Jesus, hauridas nos conselhos do Altíssimo, "não passarão, ainda que passem céus e terra". Poderão aquelas forças tenebrosas, na órbita da ação que lhes é permitida pelo Criador, tolher, parcial e temporariamente, o surto da obra cristã em nosso mundo. Mas não impedirão que a sua marcha, por natureza, e por necessidade, acidentada, se encaminhe à realização do plano evolutivo na Mente Divina traçado em relação à Terra e sua humanidade. Mais ainda, as próprias manobras adversas, consoante à lei do ritmo, a que obedecem os fenômenos da evolução e da vida no universo, longe de constituírem irremovíveis obstáculos, vêm, sobretudo nos períodos de transição que, por assinaladas perturbações, caracterizam o termo e a renovação dos grandes ciclos históricos, a contribuir como poderosos estimulantes para mais acentuado surto de progresso.

Vimos que a conjuração das trevas, levando o Cristo à imolação na cruz, visou indubitavelmente aniquilar, ou pelo menos reprimir o surto da doutrina, com a violenta supressão de seu excelso Instituidor. Em lugar disso, porém, o que resultou do sacrifício do Filho de Deus, que de resto Ele mesmo previra e antecipadamente aceitara como uma fatalidade propícia à fecundação da Boa Nova, foi uma irresistível e deslumbrante eclosão da fé naqueles mesmos que, apavorados e dispersos, na hora suprema da consumação do inominável atentado, não tardaram em reunir-se e organizar um plano de ação realizadora, tão depressa as sucessivas aparições do Crucificado redivivo lhes transfundiram no animo, assim retemperado, a radiosa convicção da Imortalidade, de que entraram a ser os invictos arautos pelo mundo a

⁵ Desiderato, desejo, aspiração, pretensão, objetivo — N. E.

fora.

A primeira delas verificou-se no próprio dia da Ressurreição, segundo o testemunho do evangelista João, unicamente a Maria Madalena, segundo Lucas, todavia, não somente às piedosas mulheres que haviam, pela madrugada, acorrido ao túmulo deserto, a “buscar entre os mortos ao que Vive”, mas, na tarde desse mesmo dia, a dois discípulos, que se encaminhavam para a aldeia de Emaús, os quais, entretanto, só “ao partir do pão” é que o reconheceram. Dualidade de narrativa que se não exclui mutuamente, antes se completa e explica sem dificuldade pela posição dos respectivos historiógrafos em face dos sucessos.

De todo modo, o que resalta evidente é que, desaparecido do sepulcro o corpo de Jesus — e desse fato procurou em todos os tempos a incredulidade obstinada tirar pretexto para forjar lendas de subtração pelos apóstolos, sem lograr jamais indicar o sitio em que por último teria sido, e ninguém sabe quando⁶, inumado o Mestre — mostrou-se este, por quarenta dias, aos discípulos maravilhados, “falando-lhes do reino de Deus” e edificando-os como o testemunho vivo da ressurreição. E tão positivo e substancialmente necessário se impor esse fato à consciência dos apóstolos, incorporando-se à tradição de seus contemporâneos e transmitindo-se à de seus imediatos sucessores, como pedra angular do novo credo, que Paulo, o grande convertido de Damasco e o mais ativo organizador da Igreja Cristã, numa de suas epístolas aos Coríntios resolutamente clama: "Se o Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação".

Mas não foi, senão que, verdadeiro aquele testemunho palpitante da Imortalidade, tornou-se ele o inamovível fundamento sobre que veio a alicerçar-se a estrutura moral do novo mundo, organizado sob o lábaro cristão, constituindo-se ao mesmo tempo o eixo em torno do qual entrou a gravitar a atividade evangelizadora dos apóstolos, o mais poderoso estímulo da intrepidez com que as sucessivas

⁶ Todas as objeções, com efeito, opostas ao assombroso fato se dissipam ante a consideração de que ninguém mais que os inimigos visíveis de Jesus tinha interesse em desmascarar o embuste — se embuste houvera — do desaparecimento, seguido da ressurreição, do seu corpo, a, qual, associada às repetidas aparições, tão decisiva influência deveria exercer, e realmente exerceu, na propagação da fé cristã. Apesar contudo da insistência com que os apóstolos timbravam, nas suas prédicas, em afirmar a ressurreição corporal do Mestre, nunca foram desmentidos positivamente por aqueles inimigos, que, se o pudessem, não deixariam, entre os meios, de combate e as perseguições que lhes moviam, de incluir a comprovação negativa de tal? fato; Não o lograram fazer. Por quê? — Indubitavelmente porque o corpo glorioso com que o Cristo resuscitado se apresentou repetidamente aos discípulos e com que, por fim, “subiu ao céu”, era o mesmo que desaparecera do túmulo, sem jamais ser reencontrado, o mesmo que servira aos fins de sua missão terrestre. De que natureza então era ele — ocorre agora perguntar — para poder assim, após a "ascensão", desaparecer para sempre, sem deixar vestígios, e remontar às regiões superiores, se "o que é corruptível não pode fruir a imortalidade"?

Os católicos e os filiados às diferentes seitas denominadas cristãs, sustentando embora a divindade de Jesus, do mesmo modo que certos crentes modernos, que a impugnam, mas aceitam o seu Evangelho, uns e outros partidários de ter Ele tido um corpo humano comum, parece não terem suficientemente meditado sobre a singularidade daquela ressurreição "em carne e osso". Como em tal caso, teria ela ocorrido, e com ela, a "ascensão" posterior? Que espécie de corpo teria então revertido o Cristo para o exercício de seu ministério no mundo e para que, em seguida, pudesse ocorrer aquele duplo fato?

Essa questão embaraçosa, suscitada num dos primeiros séculos cristãos e que deu lugar ao Docetismo, foi renovada em nossos dias, provocando novas controvérsias, que a seu tempo, todavia, terão que dissipar-se com o restabelecimento de todas as coisas, em seu verdadeiro sentido, relativas aos ensinamentos e à vida do

gerações cristas afrontavam as torturas e a morte física, trocando-a jubilosamente pela vida Imortal, em que tinha certeza de, por sua vez, ressuscitar.

Recordemos alguns dos mais significativos episódios dessa incomparável epopeia.

*
* *

Dez dias apenas daquele em que o Senhor Jesus "foi assunto ao céu", achando-se os apóstolos reunidos em Jerusalém, uma inesperada transfiguração se lhes operou, semelhante àquela de que fica teatro o cimo do Tabor⁷.

Se ali o Cristo, envolto em deslumbrante auréola, havia conversado com os espíritos visíveis de Moisés e de Elias, em presença de Pedro, Tiago e João, no cenáculo em que ocorreu a poderosa manifestação do Espírito Santo, foram as "virtudes do céu" que, sob a visível aparência de "umas como línguas de fogo", precedidas de "um estrondo como de vento eu soprava com ímpeto", repousaram sobre os apóstolos, em cada um desenvolvendo os dons supranormais, mediante cujo influxo não somente eles, homens rudes e incultos, entraram a falar em vários idiomas, que lhes eram desconhecidos, perante a numerosa assembleia de israelitas e forasteiros de procedências diversas, que ali acorreram, atraídos pelo estrondo precursor da manifestação, mas adquiriram, no mesmo instante, a consciência profunda do seu ministério, tornando-se de então em diante "homens novos", sem mais vacilações nem desfalecimentos, aptos para afrontar, destemidos, os poderes humanos e as resistências adversas do invisível, que lhes seriam, de concerto com aqueles, frequentemente opostas.

De posse da herança maravilhosa que lhes transmitira o Mestre e em que acabavam de ser confirmados, converteram-se verdadeiramente em bandeirantes da fé, empreendendo frequentes excursões, de que a cidade de Jerusalém se constituiu o núcleo de irradiação, e indo alguns deles aos mais remotos confins da Palestina — posteriormente até muito mais longe — levar a boa nova de que o reino de Deus estava próximo e anunciar, não o Senhor crucificado, mas o Cristo redivivo.

As conversões, desde o começo, entraram a ser obtidas aos milhares e não faltavam prodígios para testificar a autoridade de que se achavam investidos.

Pedro e João, dirigindo-se um dia ao templo, a pregar, como o costumavam, notaram, junto á porta denominada Especiosa, a presença de um homem que era coxo de nascença e ali estendia a. mão aos transeuntes, de cujos óbolos vivia. Detiveram-se um instante a contemplá-lo e, como se obedecesse a uma inspiração do

Divino Mestre.

⁷ Monte Tabor, onde, segundo o Evangelho, ocorreu a chamada transfiguração de Jesus e a aparição de Moisés e Elias, sob o testemunho dos apóstolos Pedro, Tiago e João — N. E.

Alto, disse-lhe Pedro:

— Olha para nós.

Atendido, começou de acentuar a sua condição de pobreza, que sempre foi o apanágio e a ufania dos verdadeiros discípulos de Jesus, para em seguida transfundir-lhe a graça de que se sentia portador, nestes termos:

— Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda.

E no mesmo instante, auxiliado pelo apóstolos, que o tomou pela mão direita. "os pés e artelhos se lhe firmaram" e o homem começou a andar, entrando, com os dois, no templo, bendizendo a Deus, na presença do povo, que se maravilhava do ocorrido.

Aproveitou Pedro o fato para uma prédica exortativa, secundado por João. à qual, porém, não tardou em suceder a primeira reação dos vigilantes e interesseiros guardas da tradição judaica. Foram ambos presos e levados no dia seguinte à presença do Sinédrio, sendo contudo soltos, depois de ameaçados, para serem, algum tempo depois, novamente metidos no cárcere, por intervenção do sumo sacerdote e dos saduceus, enfurecidos de inveja contra eles.

"Mas um anjo do Senhor — refere o texto (Atos, 5:19) — abrindo-lhes de noite a porta do cárcere", os restituiu a liberdade, ordenando-lhes que voltassem a pregar no templo, o que fizeram no dia seguinte com o mesmo desassombro.

Sucediam-se assim alternadamente a difusão da palavra divina e as perseguições que visavam embaraçá-la.

Estevão, "cheio de graça e de poder", na plenitude da mocidade, que comunicava ao seu verbo inspirado os arroubos do entusiasmo, tornando-o a tal ponto contundente que os adversários "não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito pelo qual ele falava", do mesmo passo que "fazia grandes prodígios e milagres entre o povo", é também preso e conduzido à reunião do Sinédrio, acusado, mediante falsos testemunhos, de proferir palavras subversivas "contra o lugar santo e contra a lei".

Defende-se com eloquência, produzindo um longo curso baseado nas Escrituras, mas, não podendo conter a sua indignação, remata-o com veementes apóstrofes aos "homens de dura cerviz, incircuncisos de coração e de ouvido", que se haviam tornado "traidores e homicidas" relativamente ao Justo anunciado nas profecias, o que lhe valeu ser violentamente arrastado, posto fora da cidade e apedrejado.

"E as testemunhas — refere o autor dos ATOS DOS APÓSTOLOS — depuseram as suas capas aos pés de um moço chamado Saulo. E apedrejaram Estevão", até vê-lo expirar, invocando o Senhor Jesus e suplicando o perdão para seus algozes. "E Saulo — acrescenta a narrativa — consentiu na sua morte".

Não somente consentiu nessa bárbara imolação da primeira vítima ilustre que, depois do Mestre, havia de continuar a gloriosa cadeia dos Sacrificados pela redenção

dos homens, senão que, arrebatado nos desvarios do zelo farisaico, marcaria de um violento contraste a primeira fase da missão que lhe estava reservada, fazendo-se implacável perseguidor da Igreja Cristã.

É assim que, munindo-se de cartas do sumo sacerdote para as sinagogas de Damasco, pôs-se a caminho, resolvido a fazer prender e conduzir para Jerusalém quantos encontrasse no serviço do Senhor.

“Vaso escolhido, entretanto, para levar o Seu nome perante os gentios e os reis, bem como perante os filhos de Israel”, essa atitude inicial de Paulo serviria apenas para demonstrar até que ponto, amortalhado na matéria, exposto às adversas sugestões do oculto, pode o espírito, mesmo de tamanha envergadura, padecer uma verdadeira obsessão que, produzindo-lhe o fanatismo religioso, lhe oblitere o senso da missão com que viera ao mundo e a cujo desempenho esteve ele, Paulo, na iminência de falir.

Mas o Senhor, vigilante, o observava. Tanto, pois, que, “respirando ainda ameaças e morte contra os Discípulos”, se avizinhava de Damasco, sentiu-se Paulo de repente envolto em deslumbrante claridade. Cai por terra, e uma voz, que lhe não era certamente estranha, percute-lhe a consciência e os ouvidos: “Saulo, Saulo, porque me persegues?”

Acordado assim do pesadelo espiritual que o atormentava e que até então estivera longe de perceber, brada em resposta: “Quem és tu, Senhor?” E logo a transfiguradora revelação: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”.

Estava operada a sua conversão e definitivamente neutralizada a manobra do Anticristo — que outra não era a origem da obsessão de Paulo. — E aquela diletta ovelha, algum tempo tresmalhada, regressava triunfante ao aprisco, não somente para ser a coluna viva, o atleta inconfundível da organização cristã, mas para ser também glorificada no indispensável batismo das perseguições, consoante o aviso dado pelo Mestre, em visão, ao discípulo Ananias, de Damasco: “Eu lhe mostrarei quanto lhe é necessário padecer pelo meu nome”.

Curado, por esse discípulo, da cegueira física, de que fora momentaneamente acometido na estrada, ao manifestar-se-lhe o Senhor, é incorporado à comunhão dos crentes e, depois de batizado, entra ali mesmo em Damasco a pregar que “Jesus é o Filho de Deus”, deixando atônitos os israelitas da cidade, que não compreendiam essa mudança de atitude e “deliberaram entre si tirar-lhe a vida”.

Conseguindo, porém, subtrair-se à ronda sinistra dos que “guardavam também as portas dia e noite para o matar”, auxiliado pelos discípulos, que “o tomaram de noite e o desceram pela muralha, baixando-o numa alcofa”,⁸ encaminha-se Paulo a Jerusalém e ali, depois de vencida a natural relutância dos fieis, ainda atemorizados por suas recentes façanhas, integra-se na comunidade dos apóstolos, cuja natividade

⁸ Alcofa: cesta de vime — N. E.

evangelizadora, até esse momento circunscrita aos da nação judaica, se incumbem de ampliar aos gentios, imprimindo à propagação do Cristianismo o cunho de universalidade que estava nos desígnios do Mestre.

Antes, porém, de acompanharmos neste rápido esboço a trajetória desenvolvida pela Boa Nova, até implantar-se na capital dos Césares, para ali receber o batismo supremo das perseguições em massa,, detenhamo-nos a assinalar um dos caracteres mais expressivos que, logo de começo, lhe foi impresso pelos imediatos continuadores de Jesus, suficientemente compenetrados do seu pensamento, que de resto continuava a assisti-los, inspirando-lhes os movimentos, para sentirem a necessidade imperiosa de conformar não apenas os seus atos individuais, mas as próprias condições de sua vida, coletivamente organizada, com os fraternistas e igualitários preceitos da doutrina.

*

* *

Encontra-se, com efeito, na narrativa dos ATOS DOS APÓSTOLOS, logo no capítulo 2, esta significativa passagem:

"E todos os que criam estavam unidos, e tudo o que cada um tinha era possuído em comum por todos. Vendiam as suas propriedades e os seus bens e os distribuía por todos, segundo a necessidade que cada um tinha."

Meus adiante (cap. 4) insiste o narrador:

"E da multidão dos que criam o coração era um e a alma uma: e nenhum dizia ser sua coisa alguma daquelas que possuía, mas tudo entre eles era comum. E os apóstolos, com grande valor, davam testemunho da ressurreição de Jesus Cristo, nosso Senhor, e havia muita graça em todos eles. E não havia nenhum necessitado entre eles; porque todos quantos eram possuidores de terras ou de casas, vendendo-as, traziam o preço do que vendiam e o depositavam aos pés dos apóstolos; e repartia-se a cada um conforme a sua necessidade."

Haviam desse modo criado um núcleo de comunismo, social e prático, fundado no desinteresse e naquele tocante amor espiritual que os vinculava, auspicioso germen associativo, cuja continuidade e desenvolvimento não tardaram, todavia, em ser mutilados, logo no primeiro século, em consequência das perturbações que a nação judaica vinha padecendo, agravadas sobretudo e rematadas no tremendo epílogo, que foi o cerco de Jerusalém, com a sua definitiva e irremediável dispersão.

Embora nunca mais renovada, na sucessão dos séculos, por força mesmo das ulteriores vicissitudes que haviam de transviar a obra do Cristianismo de sua

primitiva orientação social e humana, essa tentativa, de que o ascetismo de certas ordens religiosas e as comunidades claustrais posteriores não são mais que uma deturpação exclusivista e estéril, convinha ser recordada não só como um testemunho documental de que no Evangelho de Jesus se encontram em gérmen os fundamentos da mais adiantada forma de organização da sociedade, como para estabelecer-se um instrutivo paralelo, mais que nunca oportuno em nossos dias, entre aquele comunismo pacífico da primeira geração cristã, espontâneo em seus métodos de realização⁹, e o comunismo revolucionário contemporâneo, violento em seus processos e que, a pretexto de igualitárias reivindicações — no fundo indubitavelmente legítimas — outra coisa não pretende, nem realizou até, agora com a subversiva experiência consumada na Rússia, que não seja uma brusca inversão de posições entre as classes sociais, tornando opressora a que fora oprimida até a véspera e, em lugar da fraternidade, que nem mesmo entre os seus adeptos é sinceramente praticada, contribuindo para mais profundo tornar o dissídio entre cidadãos de uma mesma pátria.

A diferença fundamental consiste em que o primeiro se inspirava no Amor, associado ao respeito pela liberdade natural do homem — únicos princípios em que se pode esteiar uma união verdadeiramente fecunda. e solidaria entre todos eles — e, considerando a transitoriedade desta vida, focalizava na Imortalidade as suas aspirações, ao passo que o outro, materialista e irreligioso, inspira-se nos ódio de classes, que erige mesmo em bandeira de combate, e, banindo toda preocupação imortalista, faz da vida presente e da apropriação dos bens efêmeros que lhe são peculiares a finalidade do destino humano. É uma obra construída na areia movediça das contingências terrestres e não sobre aquela rocha viva de que falou Jesus, aludindo à aplicação de sua palavra — que o é de vida eterna — aos atos da vida humana, individual e coletiva. Obra do Anticristo, que visa perpetuar a divisão entre os homens, alimentando-lhes as paixões inferiores, enquanto o comunismo, ou melhor, o socialismo cristão, que há de ser um dia a forma definitiva de sua organização econômica e política, tende a reuni-los em um largo espírito de verdadeiro cooperativismo fraternista, sem odiosas exclusões.

O núcleo constituído pela primeira geração cristã é certo que não passou de um esboço rudimentar, em sua feição particularista, sem nenhuma repercussão na esfera político-administrativa, em cuja atividade, ao demais, estavam excluídos de participar aqueles imediatos continuadores de Jesus, em sua quase totalidade pertencentes à nação judaica, reduzida a mera tributaria do Império Romano onipotente; mas, tendo começado pela abolição voluntária — a tanto equivalente a alienação, que efetuavam — da propriedade territorial, justamente considerada apropriação criminosa de um bem comum a todos, representou por isso mesmo, na singeleza de seus moldes, um

⁹ Veja-se Atos, cap. 5:4.

precedente exemplificadora do que hão de ser, no futuro, as sociedades humanas organizadas segundo os enobrecedores princípios do Evangelho.

Mais tarde veremos como as largas doações de terras, pelos imperadores romanos feitas ao papado, contribuíram para precipitar a decadência do Cristianismo, convertendo-o progressivamente numa instituição de caráter acentuadamente mundano, em contraposição aos desígnios de seu Divino Instituidor, que lhe havia traçado a altruística diretriz, formalmente proclamando: “Meu reino não é deste mundo”. Por agora cumpra apenas indicarmos a origem crista da grande reforma social, que os turbulentos pregoeiros de nossos dias se esforçam em levar à prática, não somente renegando essa origem, mas promovendo guerra de extermínio à Doutrina em cujos princípios se inspiraram os seus primeiros, desinteressados realizadores.

Encerremos, pois, aqui este parêntese e prossigamos na enumeração de alguns dos mais significativos episódios que assinalaram a incoercível marcha do Evangelho, rumo do Ocidente, sobretudo no que se refere aos lances de heroísmo praticado pelos seus destemerosos portadores e eu tanto haviam de contribuir para a sua edificante e gloriosa consolidação.

*
* *

Multiplicavam-se as conversões de gentios e judeus, entre estes contando-se mesmo sacerdotes do Mosaísmo, não servindo as perseguições, como a primeira levada a efeito em larga escala contra a família cristã, logo após a sumária execução de Estevão, seguida a breve trecho da de Tiago, morto a espada por ordem de Herodes, senão para ampliar cada vez mais a difusão da ideia, à semelhança de grãos maduros que um vento impetuoso dispersa para longe.

É assim que, lançados fora de Jerusalém, segundo referem os ATOS, “pela tribulação que houve por causa de Estevão” e terá provavelmente sido a mencionada na historia, como ocorrida no ano 42, movida por Agripa, sobrinho de Herodes, o qual, “chegado a Jerusalém, ganhou a simpatia dos seus compatriotas perseguindo os cristãos e restabelecendo os antigos costumes”, se encaminharam os discípulos à Fenícia, Chipre e Antioquia, permanecendo um ano inteiro nessa última cidade, onde “pela primeira vez foram chamados cristãos”. Ali se lhes reuniu Paulo, que Barnabé, “homem bom e cheio do Espírito Santo e de fé”, havia expressamente ido buscar o Tarso, para os secundar na propaganda.

Porque, compartilhada embora a tarefa por outros valorosos companheiros, como Filipe, João Marcos, Timóteo, Silas, além de, inicialmente, João e Pedro, que era o mais acatado no colégio apostólico por sua autoridade moral, intimamente vinculada ao prestígio decorrente da privança que desfrutara junto ao Mestre, é

sobretudo em torno da singular figura do “apóstolos dos gentios” e graças ao seu infatigável espírito de organização e de iniciativa que se opera o grande movimento de proselitismo, do mesmo modo que se lhe devem os primeiros desenvolvimentos éticos da doutrina, expressos nas quatorze epístolas endereçadas aos crentes das principais cidades em que aprofundara raízes a ideia cristã, desde os Coríntios aos Romanos, aos quais transmite sucessivamente os ensinamentos e exortações de grande iniciado, que viera a ser.

Indicar, pois, sumariamente, como nos propomos, a sua trajetória, inçada de vicissitudes, em direção a Roma, arvorando na palavra, nas atitudes e na ação as transfiguradoras promessas do Evangelho, é indicar a marcha da própria ideia naquele predestinado rumo.

De Antioquia, acompanhado de Barnabé, encaminha-se Paulo a Iconia e, em seguida, a Listra, onde, por instigação de alguns judeus, é apedrejado e deixado por morto fora da cidade. Levantando-se, porém, tanto que o rodearam os discípulos, ali volta novamente, para, no dia imediato, empreender, ainda com Barnabé, mais um turno de evangelização, com escalas em Derbe e na Panfília, depois de atravessar a Pisídia, demorando-se em Perga, a anunciar a palavra, descendo em seguida a Atalia, dali outra vez navegando rumo de Antioquia, para regressarem juntos a Jerusalém.

E assim, sucessivamente, percorrendo as principais cidades em que o seu entusiasmo comunicativo ora estimulava os crentes à perseverança e multiplicava o número dos prosélitos, ora provocava reações violentas, como na cidade macedônica de Filipos, em que é açoitado e preso com Silas, que então o acompanhava, prossegue no indefesso apostolado, visitando repetidamente Coríntio, Éfeso, Tessalônica, Mileto, Bereia e Atenas, em cujo Areópago prega o “Deus desconhecido”, surpreendendo os amáveis cultores do ateísmo, com a originalidade e arrojo de sua doutrina e atitudes.

De regresso mais uma vez a Jerusalém, depois de haver enviado à Macedônia os discípulos Timóteo e Erasto e de haver novamente evangelizado não somente li, mas na Grécia e em Tiro e Cesareia, é envolvido na mais grave sublevação, eu o havia de compelir, pelas tumultuárias vicissitudes de que se revestiu, à culminância providencial do seu apostolado.

Estando ele no templo, uns judeus “vindos da Ásia”, tanto que o viram, entraram a bradar, acusando-o de pregar contra o povo, contra a lei e contra o lugar santo, que — estrugiam — profanara, nele, introduzindo gregos.

“Alvorçou-se toda a cidade” — a narrativa dos ATOS é expressiva — “e houve ajuntamento do povo, e agarrando a Paulo, o arrastaram para fora do templo. E imediatamente foram fechadas as portas. E, procurando eles matá-lo, o tribuno da corte foi avisado de que toda Jerusalém estava amotinada, e este, levando logo soldados e centuriões consigo, correu a eles; os quais, tendo visto o Tribuno e os soldados, cessaram de espancar a Paulo. Então, chegando-se o

Tribuno, o prendeu e ordenou que fosse acorrentado com duas cadeias e perguntou-lhe quem era e o que havia feito. Na multidão uns gritavam de um modo, outros de outro; e não podendo, por causa do tumulto, saber a verdade, mandou eu fosse Paulo recolhido à cidadela. Ao chegar às escadas, foi ele carregado pelos soldados, por causa da violência do povo, pois a multidão o seguia, gritando: Mata-o!"

Em vão tentou Paulo defender-se, com permissão do tribuno arengando ao povo, que excitado cada vez mais exigia a sua morte. Recolhido à cidadela, escapou de ser açoitado, graças a ter invocado a sua qualidade de cidadão romano, com o que logrou, dali em diante, a proteção do tribuno, que não somente lhe garantiu ainda uma vez a vida, quando no dia seguinte o mandou, já livre, mas escoltado, apresentar ao Sinédrio, como sobretudo, informado de uma cilada que ao intrépido apóstolos preparavam os judeus, o enviou logo depois, com uma carta de recomendação, a Félix, governador de Cesareia, fazendo-o acompanhar de numerosa escolta de infantaria, lanceiros e cavalaria.

Ali permaneceu Paulo durante dois anos, constrangido em sua liberdade, até que, substituído Felix pelo novo governador, Porcio Festo, ao ser perante este acusado pelos judeus, que haviam para esse fim descido de Jerusalém, terminou sua contestação apelando para o César.

Dias depois, conduzido á presença do rei Agripa, que fora a Cesareia saudar o novo governador, teve Paulo ocasião de, perante ele, articular com vigor a própria defesa, fazendo uma eloquente síntese do seu apostolado. E teria sido imediatamente posto em liberdade, no consenso uniforme daqueles magnatas, “se não tivesse apelado para o César”. Essa afortunada circunstância, todavia, longe de haver sido habilidade de homem, para sair-se do apuro em que estivera, como na aparência o faria supor semelhante gesto, outra coisa não fora realmente senão o resultado da assistência espiritual do Mestre, que em todas as emergências o inspirava, e para que se realizassem os desígnios de que, me visão anterior, o científicara.

Referem, com efeito, os ATOS que, na noite imediata ao seu encarceramento, dois anos antes, em Jerusalém, o Senhor apareceu visivelmente a Paulo e, “pondo-se ao seu lado, lhe disse: Tem bom ânimo; pois assim como deste testemunho de mim em Jerusalém, importa que também o dêes em Roma”.

Ordenada, portanto, a partida do intemorato apóstolo para a Itália, com alguns outros presos, sob a guarda de um centurião, foi empreendida a memorável e acidentada viagem, ao começo com boa fortuna até ao porto de Mirra, dali em diante, porém, convertida em adversa, acoissado que foi por temporais o veleiro, para que ali haviam sido transbordados, e que veio a sossobrar em frente à ilha de Malta, onde tiveram de permanecer três meses, mas dando essas mesmas vicissitudes ocasião a que Paulo patenteasse a clarividência de seus dons e desse testemunho do Poder

divino, que incessantemente o sustentava. É assim que, ora advertia o piloto dos perigos da travessia, prosseguida em inoportuna ocasião, não obstante a aparência favorável do tempo, logo tornado borrascoso, ora reanimava os companheiros na angustiosa emergência do naufrágio, assegurando, tranquilizado por suas visões, que nenhum seria vitimado, mas só haveria perdas materiais — o que, de fato, se verificou — ora, durante a estadia em Malta, efetuava numerosas curas, aplicando unicamente as mãos sobre os enfermos.

Embarcados num terceiro navio, que os conduziu a um porto da península, chegou Paulo finalmente a Roma.

Ali já encontrou sem dúvida em germinação a ideia cristã, que em sua impalpável irradiação o havia precedido, como se infere claramente da própria narrativa dos ATOS, que alude a "alguns irmãos", com que travara conhecimento no trajeto para a cidade eterna, e a alguns outros que o foram receber, conduzindo-o "até a praça de Ápio e as Três Vendas". Mas a sua presença ali, como a sua "permanência durante dois anos em um aposento alugado, onde recebia todos os que vinham ter com ele, pregando o reino de Deus e ensinando as coisas concernentes ao Senhor Jesus Cristo", seriam, consoante mesmo os desígnios do Alto, a que aludimos, indispensável coroamento da dupla obra de evangelização e de organização a que o seu verbo iluminado imprimira estrutura e diretrizes, que reclamavam, para sua plena eficiência, fossem rematadas naquele amplo teatro da então capital do mundo.

*
* *

O primeiro, pois, dos grandes milagres por que se havia de caracterizar o Cristianismo, em sua conquista gradual do mundo, se operara. A doutrina do obscuro Filho do carpinteiro, justificado entre dois malfeitores pelo inaudito crime de amar os homens e lhes ter vindo oferecer as leis de redenção por esse mesmo amor, irradiara da Palestina escravizada e, transmitida de boca em boca e de coração a coração, penetrara, antes de decorrido meio século, no seio da metrópole dominadora. Propagada ao começo, numa sombra aparentemente vegetativa, entre os oprimidos e desprezados pelo patriciado gozador e fátuo, não tardaria em conquistar todas as classes sociais e ser posta em trágico relevo, mercê das violentas perseguições movidas pela ferocidade dos Nero e Domiciano, que outra coisa de fato não lograram senão intensificar-lhe a vitalidade, acrescentando-lhe à própria força de incoercível expansão a auréola santificadora do martírio.

Serviu de pretexto à primeira dessas perseguições em massa o incêndio posto à cidade por ordem de Nero — o artista das monstruosidades — que, para afastar de si a responsabilidade do inominável atentado, lembrou-se de atribuí-lo aos cristãos.

"Primeiramente — refere um historiador — os sicários do imperador

prenderam muitas pessoas suspeitas de aditas a seita incriminada e as amontoaram num cárcere que, já de si, era um suplício. Confessaram a sua fé, e a confissão foi interpretada como prova de ódio ao Império e aos seus deuses, aos seus soberanos. Essas prisões acarretaram outras: a autoridade descobriu nas camadas inferiores da população uma sociedade com vastas ramificações, com prosélitos numerosos, e assustou-se. As doutrinas dos cristãos, criticadas pelo politeísmo o pelo cesarismo, pareceram subversivas, odientas: tal foi a opinião de homens esclarecidos, como Tacito e Suetónio. Se os confessores do Cristo não tinham incendiado Roma, eram pelo menos uma praga que ameaçava devastar o mundo romano. Nero achou-se apoiado pela opinião pública quando votou aos suplícios os partidários da nova malfazeja superstição."

"Quase todos os cristãos presos — descreve por sua vez Ernesto Renan — eram *humiliores*,¹⁰ homens do nada. O suplicio desses desgraçados, quando incriminados de lesa-majestade ou de sacrilégio, consistia em serem entregues às feras ou queimados vivos no anfiteatro, depois de cruéis flagelações. Uma das particularidades mais hediondas dos costumes romanos era converterem o suplicio em festa, e o morticínio em divertimento publico."

Roma — acrescenta mais adiante — poucos dias teve tão extraordinários. O *Ludus Matutinus*,¹¹ consagrado aos combates de animais, viu um prestito indescritível. Os condenados, cobertos com peles de feras, foram lançados á arena, onde os despedaçaram matilhas de cães; outros foram crucificados; alguns metidos em túnicas embebidas de azeite, pez ou resina e atados a postes, foram destinados para iluminar as festas noturnas. Quando declinou o dia, acenderam-se esses fachos vivos. Nero ofereceu para o espetáculo os magníficos jardins que possuía além do Tibre e que ocupavam o atual espaço do Borgo, da praça e da basílica de S. Pedro. Havia ali um circo começado, por Calígula, continuado por Claudio, e que tinha por marco um obelisco tirado de Heliópolis. Esse lugar já tinha sido teatro de morticínios à luz de archotes. Calígula ali mandara decapitar, enquanto passeava ao clarão de fachos, muitos personagens consulares, senadores e damas.

A ideia de substituir os brandões¹² por corpos humanos impregnados de substâncias combustíveis pode parecer engenhosa. Como suplício, essa maneira de queimar em vida não era nova: era o castigo usual dos incendiários, o que se chamava a *tunica molesta*, mas nunca tinha sido transformada em sistema de iluminação. À luz dessas hediondas tochas Nero, que tinha posto em moda às corridas noturnas, apresentou-se na arena, ora confundido com o povo e vestido de jockey, ora guiando um carro e provocando aplausos.

¹⁰ Humildes — N. E.

¹¹ Edifício da Roma Antiga, localizado próximo ao Coliseu, onde funcionava um ginásio para adestramento das feras e para treinamento dos bestiários (que eram levados a enfrentar as feras nos espetáculos de luta) — N. E.

¹² Brandão: círio, vela de cera bem grossa — N. E.

“Houve contudo alguns sinais de compaixão. Mesmo os que julgavam criminosos os cristãos e reconheciam terem merecido a morte, se horrorizaram com tão cruéis divertimentos. Os homens sensatos teriam desejado que se fizesse unicamente o que a utilidade pública exigia, que se limpasse a cidade de homens perigosos, mas que não parecesse que se sacrificavam culpados à ferocidade de um só.”

E, depois de outras minuciosas e não menos impressionantes descrições, comenta Renan: “Assim se exordiou esse poema extraordinário do martírio cristão, essa epopeia do anfiteatro, que havia de durar duzentos e cinquenta anos e da qual saíram o enobrecimento da mulher e a reabilitação do escravo”.

As perseguições não foram, todavia, prosseguidas sistematicamente desde logo, mas interrompidas e recomeçadas a espaços, consoante os instintos ferozes ou benignos dos imperantes. É assim que, depois da chacina do ano 64 a, que nos referimos, ordenada por Nero, houve uma trégua até o reinado de Domiciano (81 a 96), “o Nero. calvo”, que aterrou com o seu delírio sanguinário a população de Roma. Foi sob o reinado de Trajano (98 a 117) que “começaram as perseguições sistemáticas, inteligentes, políticas”.

“O imperador que se propusera restabelecer a legalidade — observa o já iludido historiador — não podia perdoar atentados contra a fé religiosa; o patriota devia forçosamente ser rigoroso para com associações de carácter cosmopolita.”

Foi então que a doutrina de Jesus pareceu condenada, na pessoa de seus intrépidos confessores, a um completo e sistemático aniquilamento. Da rapidez com que se propagara e que na, opinião do citado historiador parece miraculosa, dá ele testemunho assinalando que “no tempo de Nero, trinta e três anos depois da morte do Cristo, já havia em Roma numerosos cristãos, que se distinguiam bem dos judeus; já haviam penetrado em províncias afastadas e eram tantos que se considerou um triunfo o seu suposto extermínio”. E acrescenta: “Luciano achou o Ponto, a sua pátria, inçado de epicuristas e cristãos; cerca do ano 80 queixava-se Plínio de estarem desertos os templos, as vítimas sem compradores, e acusava desse estado de coisas a superstição cristã, espalhada até nas choupanas e nos vilarejos. E os prosélitos não eram já exclusivamente homens do povo: Plínio encontrou-os “de todas as condições e de todas as idades”. Tertuliano declarou ao procônsul que, se continuasse a perseguir os cristãos de Cartago, teria de dizimar a cidade e acharia entre os criminosos muitas pessoas da sua classe, matronas, senadores, amigos. O édito do imperador Valeriano supõe a conversão de senadores, cavaleiros romanos e senhoras de alta hierarquia”.

Para aniquilar, pois, a doutrina do Senhor, considerada uma perigosa

superstição, toda sorte de violências pareceu legítima.

“Dado o exemplo das perseguições aos cristãos por um imperador como Trajano, não mais foi possível fazê-las cessar de todo. Quando os cézares as não ordenavam e os seus delegados as não iniciavam, exigia-as a plebe nas grandes assembleias ruidosas e tumultuárias, nos dias de festa do paganismo, na embriaguez sanguinária do anfiteatro, gritando: 'os cristãos às feras! Os cristãos á fogueira!'”

Então, excluídos do amparo das leis e postos fora da sociedade, dir-se-ia mesmo que degradados da espécie humana; como seres singularmente malfazejos, espionados e perseguidos, os confessores de Jesus ora se refugiavam nas catacumbas de Roma, para celebrar, na comunhão de seus corações abrasados de fé, o inefável “mistério do reino dos céus”, ora a plena luz, em presença de seus implacáveis algozes, ostentavam a intrepidez da convicção imortalista que os animava, em lances de heroísmo verdadeiramente sobre-humano, jamais igualado em qualquer outra época da história. Os seguintes episódios, respigados entre os mais expressivos ou comovedores, podem dar uma ideia do que foi, durante séculos, esse espantoso conflito entre as forças tenebrosas do mal, a que serviam de instrumento as desvairadas multidões, encabeçadas pelos seus cruéis dominadores, e as invisíveis hostes do Senhor, inspirando, fortalecendo e sustentando aqueles que se haviam proposto ser, na vida e na morte, os destemidos arautos de sua redentora doutrina.

“Ao terminar Adriano a esplendida habitação de Tibur, celebrou, para a inaugurar, sacrifícios pomposos. Mas as vítimas, os auspícios, os agouros ou não davam sinais, ou só os davam sinistros. Os deuses, interrogados por meio de evocações mais poderosas, responderam: 'Como havemos de proferir oráculos, se Sinforosia e seus sete filhos todos os dias nos ultrajam, invocando o seu deus!' — O imperador mandou chamar a acusada e perguntou-lhe quem era. Respondeu: 'Meu marido Getulio e seu irmão Amantos, tribunos militares, sofreram por Jesus Cristo; preferiram ser decapitados a sacrificar aos deuses, alcançando opróbrio na terra e glória entre os anjos'. Tendo-lhe Adriano ordenado que queria ir juntar-se ao esposo. Conduziram-na a um templo de Herodes, onde a esbofetearam e suspenderam pelos cabelos, sem lhe abalarem a constância. Afinal foi lançada às cascatas, que os cantos voluptuosos de Horacio celebraram. Os filhos imitaram-lhe a firmeza.”

— “Quando Sinforiano, em Autum, foi levado ao suplício, sua mãe gritou-lhe do alto das muralhas: 'Meu filho, eleva teu coração ao céu. Não perdes a vida.; vais trocá-la por outra melhor'. Felicidade, matrona de nascimento ilustre, também exortou os filhos a morrerem corajosamente, e assistiu a sua execução, para logo depois os seguir”.

— “O ministro das perseguições de Valens, em Edessa, perguntou a uma mulher: Aonde corres com tanta pressa? — À Igreja. — Não sabes que serão mortas quantas pessoas lá. estiverem? — Por isso vou. — E essa criança? — Quero que também ela participe do martírio.”

— “Durante a perseguição de Diocleciano um pequeno de sete anos chamado Barulas confessou o Cristo e recusou-se a adorar outro deus. O juiz o mandou açoitar até escorrer sangue, em presença da mãe, que, intrépida, quando já os espectadores choravam, o exortava à constância. Quando ouviu condenar a morte, levou-o ela própria ao lugar do suplício e o entregou ao carrasco. Depois estendeu o vestido para lhe receber o sangue e a cabeça, que levou consigo.”

— “Orilla, menino de Cesareia, tinha sempre nos lábios o nome de Jesus; por isso começaram a odiá-lo outras crianças da sua idade e o próprio pai o expulsou de casa, deixando-o sem socorro. O juiz o chamou a sua presença e experimentou afagos e ameaças, mas só lhe arrancou estas palavras: 'As repreensões me alegram, porque Deus me louvará; expulso de minha casa, tenho outra melhor'. Nem a vista da fogueira o intimidou, e morreu resignado.”

— “É tradição que no tempo de Diocleciano toda a legião Tebana sofreu martírio no Valais, defronte da majestosa cascata de Pissavache, por não ter querido perseguir os cristãos. 'Somos soldados — disseram — e de vós recebemos soldo; mas recebemos de Deus a vida e devemos conservá-la inocente. Quereis que usemos das espadas contra o inimigo? Fá-lo-emos; mas não as voltaremos contra inocentes. Temos armas nas mãos e, todavia, não vos opomos resistência alguma, porque preferimos morrer imaculados a viver perjuros'. Distinção desconhecida aos soldados da Antiguidade e que parecia anunciar os tempos novos, nos quais a obediência é racional.”

— “Em Sebaste, durante a perseguição de Licínio, quarenta soldados de diferentes países, que se declararam cristão foram, por um novo requinte de crueldade, expostos toda uma noite aos rigores da invernia num banho gelado, tendo junto de si um banho tépido, que os convidava a aliviarem nele os sofrimentos. Só um fraquejou: os outros se animaram reciprocamente como em dia de combate. No dia seguinte foram todos lançados ao fogo. Os algozes, intencionalmente, deixaram um como esquecido, esperando que abjurasse; mas sua mãe o impeliu, dizendo-lhe: 'Vai e termina com teus irmãos a obra que tão bem começaste, para não seres o último a comparecer diante de Deus'.”

— “Como o juiz lançasse em rosto a Afra, prostituta da Rhécia, a sua passada ignomínia, respondeu-lhe ela que tinha distribuído o dinheiro mal ganho pelos pobres, que só a custo haviam aceitado esse preço de sua infâmia; compreendia agora — acrescentou — que Jesus Cristo viera para chamar a si os pecadores, pois lhe permitia confessar o seu santo nome diante da morte e pedir misericórdia para os pecados que cometera.”

— “Potamiana, formosíssima escrava egípcia, foi denunciada como cristã pelo senhor, a cujas solicitações lúbricas resistira. O prefeito Áquila não se pejou de desempenhar um papel ignóbil, insistindo com ela para ceder. Repellido, condenou-a a ser mergulhada em pez fervente, depois de violada pelo carrasco. Potamiana

suplicou-lhe que a poupasse a esse maior suplício: 'Pela vida, do imperador — dizia vos peço, vos suplico não me deixeis despir e expor nua; antes me mergulhem a pouco e pouco na caldeira, coberta com os meus vestidos'."

— "Sete virgens de Aneira, respeitáveis pelos anos e pela santidade, antes de serem afogadas, foram expostas aos insultos de uma chusma de libertinos. Tecusa, a mais idosa, tirando o véu e mostrando os cabelos brancos ao miserável que a queria ultrajar, lhe disse: 'Talvez tenhas mãe, com os cabelos brancos como os meus. Deixamos as nossas lágrimas e guarda. para ti a esperança do perdão, que Jesus Cristo te concederá'."

— "Em Cartago, Perpetua e Felicidade se tornaram famosas pelo seu heroísmo. A primeira, nascida de nobre família, de vinte e dois anos de idade, tendo uma, criança de peito, vivia com o pai, a mãe e dois irmãos; a outra era escrava e estava grávida. O pai de Perpetua, pagão zeloso, queria que ela sacrificasse aos deuses. Como tinha passado algum tempo (diz ela, contando o que sofreu) sem ver meu pai, dei graças a Deus, e a sua ausência me permitiu respirar livremente. Durante esses poucos dias nos batizamos, e ao sair d'água implorei a Deus paciência nos sofrimentos físicos. Pouco tempo depois fomos metidas no cárcere, o que me assustou, porque nunca tinha visto semelhantes trevas. Que dias horríveis! Que calor produzia a aglomeração! Os soldados nos maltratavam e eu estava inquieta por meu filho. Então os diáconos Tertio e Pompônio, que nos assistiam, obtiveram, a peso de ouro, permissão para tomarmos ar, durante algumas horas. Saímos, e cada qual pensava em si. Dei o peito a meu filho, recomendando-o a minha mãe, e consolei meu irmão. Afligia-me contudo, pensando em quanta dor lhes causava, e passei muitos dias sobre esta cruz..."

"Correu voz de que íamos ser interrogadas; meu pai veio da cidade à prisão e, no auge da angustia, me disse: 'Filha, piedade para os meus cabelos brancos!' Piedade para teu pai! Se mereço este nome, se te eduquei até essa idade, se te preferi a meus outros filhos, não me cubras de opróbrio. Pensa em tua mãe, lembra-te dessa criança que amamentas e que te não poderá sobreviver. Desiste dessa obstinação, para nos não perderes a todos, porque nenhum de nós ousaria mais erguer a cabeça, se te sucedesse alguma desgraça!"

"Assim me falou enternecido, beijando-me. as mãos, ajoelhando aos meus pés, chorando, chamando-me não já não sua filha, mas sua senhora. Estava compadecida, lembrando-me que de toda a família seria ele o único que não se regozijaria com o nosso martírio e, para o consolar, disse: 'Será o que Deus quiser, porque não estamos em nosso poder, mas, no seu!' Saiu consolado..."

"No dia seguinte, à hora do jantar, nos vieram chamar para o interrogatório. A notícia logo se espalhou nos bairros vizinhos e atraiu muita gente. Subimos ao tribunal. O procurador Flaviano me disse: 'Lembra-te da velhice de teu pai, da fraqueza de teu filho; sacrifica pela prosperidade dos imperadores'. — 'Tal não farei',

respondi. E ele: 'És cristã?' — 'Sou cristã', lhe tornei. Como meu pai tentasse tirar-me do tribunal, Flaviano o mandou expulsar: até lhe deram com uma vara, e eu senti a pancada como se a tivesse recebido. Estava tão aflita, por ver meu pai maltratado na velhice! Então Flaviano sentenciou, ordenando que fossemos lançadas às feras. Voltamos alegres para a prisão, e eu mandei o diácono Pompônio pedir a meu pai o filho das minhas entranhas, que estava acostumado a ficar junto de mim e a mamar o meu leite; mas não o pôde obter, e Deus permitiu que a criança não procurasse o meu peito e que o leite me não incomodasse."

"A piedade de pessoas que lhes sobreviveram assim descreveu os últimos momentos das heroínas:"

"Felicidade estava grávida de oito meses. Vendo aproximar-se o dia do espetáculo, vivia em grande apreensão de que o seu martírio fosse adiado, porque era proibido executar mulheres grávidas. Os companheiros do seu sacrifício também se afligiam com a ideia de a deixarem só no caminho das suas esperanças comuns.. Todos se reuniram, pois, para orar e chorar juntos, três dias antes do espetáculo. Apenas acabou a prece, logo Felicidade sentiu as dores e, como o parto e naturalmente mais doloroso no oitavo mês, sofreu muito e gemeu. Por isso lhe disse o carcereiro: 'Se agora te lamentas, que será. quando estiveres exposta às feras!' Deu à luz uma menina, que uma cristã criou como sua. Os irmãos e todos os outros tiveram licença para entrar na prisão e a animaram. O carcereiro estava convertido. Na véspera do combate lhe serviram, segundo o uso, o *banquete livre*, que era público; mas os mártires o converteram num ágape e falaram ao povo com a costumada liberdade, dizendo: 'Olhai bem para nós, a fim de nos conhecerdes no dia do juízo'."

"Quando souu a hora da luta, os mártires saíram da prisão para o anfiteatro como para o céu, serenos e mais alegres do que assustados: seguia-os Felicidade com passo firme e a fisionomia risonha, como pessoa pertencente a Jesus Cristo, baixando os olhos, para ocultar aos assistentes o seu fulgor. Sentia-se feliz por ter dado á luz e poder já afrontar as feras. Chegados á porta quiseram obrigá-los a aceitar os adornos dos que figuram em tais espetáculos: eram, para os homens, o manto vermelho dos sacerdotes de Saturno; para as mulheres, as fitas que usam na cabeça as sacerdotisas de Ceres. Mas os mártires recusaram as librés¹³ da idolatria..

"Quando despiram Perpétua e Felicidade¹⁴, para as envolver em redes e expô-las a uma vaca raivosa, o povo estremeceu de horror ao ver uma tão delicada, a outra mal convalescida do parto. Foram, pois, retiradas e cobertas com amplas roupas. Perpétua, atacada primeiro, caiu de costas; sentou-se logo na arena e, vendo que de um lado se lhe tinham rasgado as roupas, puxou-as para cobrir uma coxa, mais

¹³ Libré: tipo de capa sem mangas — N. E.

¹⁴ Santa Perpétua e Santa Felicidade são duas santas católicas, lembradas pela sua devoção ao Cristo e, especialmente, pelo pudor. Ambas foram presas e martirizadas por decapitação no anfiteatro da antiga Cartago no ano 203 durante a perseguição ordenada pelo imperador romano Septímio Severo — N. E.

ocupada do pudor que do sofrimento. Juntou os cabelos que se lhe tinham soltado, para não parecer estar de luto, e vendo Felicidade estendida, deu-lhe a mão, para a ajudar a erguer-se. As mártires foram assim para a porta Sana Vivaria, onde Perpétua foi recebida por um catecúmeno chamado Rústico. Ali, como desperta de um profundo sono, pôs-se a olhar em volta de si, dizendo: 'Quando é que me expõem essa vaca bravia?' Informada do que se passara, não o quis acreditar senão quando viu no corpo e no fato os vestígios do que sofrera.

"Apareceu-lhe o irmão. Perpétua lhe disse, assim como a Rústico: 'Perseverai na fé; amai-vos uns aos outros e não vos escandalizem os nossos sofrimentos'. O povo tornou a chamá-las ao anfiteatro, onde as duas mártires se apresentaram por impulso próprio, depois de terem trocado o beijo de paz. Perpétua coube a um gladiador inexperiente, que a feriu entre os ossos e a fez gritar. Os suplícios dos pacientes moribundos eram o noviciado dos gladiadores. Por fim, dirigiu ela própria à garganta o braço mal seguro do seu algoz".

"Com essa heroicidade — comenta o historiador — sabiam, fracas mulheres agradecer ao Cristo a emancipação e nobilitação do seu sexo".

*

* *

Esses fatos, que assombam e confundem a tibieza dos meio-crentes de todas as épocas, têm uma significação e reclamam um comentário.

III

A ação divina, propulsora, causa eficiente da prodigiosa floração cristã e do heroísmo dos seus mártires. - Ocaso do Cristianismo glorioso e heroica. - Simultânea manobra, externa e interna, do Anticristo contra a Igreja. - Vicissitudes do Evangelho. - Instituição do dogma da existência única, oposto à doutrina da pluralidade de existências sustentada por Orígenes e sancionada pelo Cristo.

Depois de assinalar e reconhecer que o Cristianismo, logo no curso do primeiro século, se propagou com rapidez que parece miraculosa, César Cantu¹⁵, pesquisando as causas históricas desse fenômeno em sua dupla irradiação, isto é, assim nas classes elevadas e cultas da sociedade romana, como no ânimo da plebe, julga encontrar-lhe suficiente explicação, de um lado, no ambiente social criado no Império por suas instituições e métodos políticos, por suas leis e costumes e, do outro, no estado de espírito gerado na massa popular pelos excessos de tirania, compressores de instintivas aspirações latentes, que o tornavam sumamente receptivo às sedutoras promessas do Evangelho.

Nessa ordem de ideias, de que daremos apenas resumido extrato, diz ele, com efeito:

“A Grécia e Roma, os dois grandes agentes da civilização pagã, como que se tinham imposto a missão inconsciente de preparar o terreno para a sementeira da fé. A Grécia oferecera, à propaganda uma língua. Quase universalizada. Roma derruíra as barreiras que separavam as raças e as nações; suprimira ou enfraquecem as robustas individualidades políticas e religiosas, facilitam as comunicações e, com elas, a transmissão das ideias e dos sentimentos; datam. o mundo com instituições tolerantes. Se o Cristianismo

¹⁵ *História Universal*, vol. V, cap. XXV.

tivesse encontrado a Ásia e a Europa divididas em pequenos Estados, dirigidos por governos aferrados às tradições, teria tido que sustentar uma tremenda luta e cada passo que aventurasse os missionários. Se existissem ainda os cultos nacionais radicados nos espíritos e defendidos pelas corporações sacerdotais, que, como no Egito por exemplo, tinham sido verdadeiros centros da vida social, ser-lhe-ia mister, para se expandir; não já a força que move, mas a que transforma. Bastaria a Judeia dos profeta e dos Macabeus para o cingir num círculo de ferro.

"Felizmente, porém — observa — o que os apóstolos inermes de Jesus precisariam destruir da velha sociedade, havia-o destruído o império com a sua política, com o seu direito civil, com o seu indiferentismo religioso, até com a devassidão dos seus costumes. É mais fácil passar da incredulidade à crença do que mudar de crenças, havendo como há no espírito humano uma propensão inata para crer."

E logo adiante:

"Os velhos deuses tinham desabado dos altares; pior ainda, tinham se profanado e envilecido com a companhia dos Neros e dos Calígulas. Luciano cuspiam para o Olimpo, e havia muitos Lucianos, senão no talento, na descrença. Os espíritos elevados fugiam da religião para o asilo da filosofia, inacessível ao vulgo. As superstições recrutavam prosélitos e se multiplicavam, prova de que os espíritos se não contentavam com simples negações."

"Os costumes licenciosos — acrescenta — a tirania dos ricos, dos grandes, dos senhores sobre os pobres, os humildes, os escravos, também os crimes e as torpezas da corte imperial, de algum modo, conspiravam em favor do Cristianismo: conspiravam com a indignação e o desgosto que causava aos homens de inteligência e de coração, com os sofrimentos que impunham ao povo, com a reação moral que promoviam."

Esse conjunto de circunstâncias, judiciosamente assinaladas — interrompamos aqui a transcrição para, por nossa vez, observar — prova antes de tudo a oportunidade do momento histórico escolhido pelo Cristo para baixar a este mundo e, depois das lições intencionais contidas do início ao termo de sua evangelização, por nós indicadas no capítulo primeiro, impulsionar a marcha de seus discípulos e continuadores no rumo do ocidente, admiravelmente preparado "para a sementeira da fé". Prova ainda que dos próprios desvarios e erros humanos, das ambições e conquistas levadas a efeito com objetivos puramente egoísticos, sabe o Poder Divino utilizar-se para a realização de seus fins providenciais, dentro do vasto plano da harmonia por Ele traçado para a evolução da humanidade.

No tocante às classes obscuras, isto é, aos pobres e desprezados, aos quais, todavia, de preferência anunciava o Cristo o seu Evangelho, assim se exprime o

historiador:

“Para a parte da sociedade que era vitimada em benefício dos gozos da outra parte o Cristianismo tinha milagrosas seduções. Era a primeira vez que Deus se fazia humilde com os humildes, simples com os simples; era a primeira religião, ao menos a primeira conhecida na Europa, que engrandecia os pequenos e condenava as distinções e as categorias estabelecidas pelas convenções ou pelos fatos sociais.”

“Qual seria o escravo — adverte — que se não sentiria propenso a acreditar que era igual, senão superior, ao tirano, que dispunha da sua personalidade, perante um juiz e uma lei de profunda sabedoria! A ideia cristã tinha conseqüências e aplicações que transcendiam o foro íntimo e eram admiravelmente acomodadas às aspirações naturais de uma imensa parte do gênero humano.”

No ponto de vista puramente social e histórico, para explicar o entusiástico alvoroço com que os princípios teóricos do Cristianismo e as promessas, que envolviam, de uma vida imortal, subsequente aos erros, injustiças e misérias da presente vida, eram acolhidos e se propagavam por todas as classes da sociedade, parecerão sem dúvida suficientes, ao observador circunscrito à ponderação dos fatores humanos, os motivos psicológicos que aí ficam resumidos. Quando, porém, da superfície dos sucessos se pretenda remontar ao seu determinismo profundo, a deficiência de tais motivos se patenteara não só para explicar a celeridade vertiginosa com que, desajudado de todo prestígio social, que nenhum de seus propugnadores desfrutava, o Cristianismo se propagou do, fundo da escravizada Judeia à dominante e opulenta metrópole romana, mas sobretudo aquela prodigiosa floração de mártires-heróis que, durante séculos, em consecutivas gerações, realizaram a mais deslumbrante, verdadeiramente sobre-humana epopeia que jamais se desenrolou no cenário terrestre.

Não, não eram seres vulgares aquelas criaturas que, abrasadas de fé transfiguradora, desafiavam todas as potências humanas, caminhavam intrépidas para a imolação e se sobrepunham mesmo, algumas vezes, ao mais elevado instinto, como o da maternidade, que enobrece e sublima a nossa espécie, para dar testemunho de sua fidelidade ao Cristo, Salvador e Mestre, nem agiam desamparadas do influxo divino ao entregar a própria vida ou a vida, ainda mais preciosa, de seus filhos em holocausto à ferocidade dos homens, unicamente preocupadas com o beneplácito de Deus.

Para quem possua, consoante a expressão bíblica, “olhos de ver”, a cadeia de sucessos que o já citado historiador denominou “Idade heroica do Cristianismo” só pode ser entendida e satisfatoriamente explicada à luz do seguinte critério espiritualista.

As gerações humanas, filiadas embora umas às outras segundo as leis da

biologia, a cuja luz se explicam os fenômenos de hereditariedade e atavismo, são antes de tudo constituídas por Espíritos nos mais variados graus de evolução, tendo todos um mesmo objetivo: aperfeiçoar-se, mediante os trabalhos, sofrimentos e experiências terrestres, nem sempre contudo, em consequência da complexidade dos fatores externos que sobre elas operam — cósmicos, geográficos, climatéricos, econômicos, etc. — mas sobretudo em virtude da preponderância das forças adversas espirituais, de que iterativamente nos temos ocupado e nos ocuparemos no desenvolvimento deste estudo e em cuja apreciação reside, mesmo, o seu eixo central, nem sempre — dizemos — logrando com segurança orientar-se no sentido de preencher satisfatoriamente aquele objetivo providencial, no rumo da ascensão contínua, que, só a partir de um certo grau de maturidade espiritual, se verifica.

Relativamente a constituição do mundo antigo, na fase histórica a que nos estamos reportando, as populações do ocidente — à parte os povos bárbaros, que representavam uma reserva de Espíritos, até certo ponto, primitivos, destinados contudo à renovadora irrupção, que mais tarde fizeram, no período de final deliquescência do império romano — apresentavam o espetáculo de uma raça profundamente saturada de materialidade, absorvida exclusivamente na preocupação dos gozos desta vida, sem a noção, elementar sequer, da outra, definitiva e imortal. Eram Espíritos, alguns intelectualmente desenvolvidos, entre os quais fulguravam, nas esferas da filosofia e das letras, certos raros exemplares, portadores de genial intuição das verdades superiores, dotados, porém, os que constituíam a grande massa, de instintos subalternos, que denunciavam o seu baixo nível evolutivo e os tornavam joguetes facilmente manejáveis pelas forças do invisível.

Foi, de mistura com essa vasta escória do gênero humano, de preferência aglomerada na capital do Império, que o Cristo — não o anunciara Ele: “eu vos envio como cordeiros entre os lobos”? — para o tormentoso e glorificador prosseguimento de sua obra redentora, fez baixarem as legiões de espíritos escolhidos, que formaram as gerações cristãs dos três primeiros séculos, incumbidos de levantar bem alto, naquelas renhidas pelejas contra as agressivas trevas morais, em que o mundo jazia amortalhado, o sacrossanto lábaro da Cruz.

Mergulhados, todavia, na espessura obscurecedora da encarnação material, que os expunha ao contágio deletério do ambiente social com que eram postos em contato, poderia o Cristo abandonar às suas exclusivas energias aqueles Espíritos de escol, e seriam estas suficientes para oporem à apregoada irresistibilidade da “influência mesológica” o eloquente desmentido assim da pureza irrepreensível de seus costumes como da vivacidade de suas convicções imortalistas?

Era, pois, tutelar e vigilante, o Espírito do Senhor Jesus que, ora diretamente, ora por intermédio de seus angélicos mensageiros, não somente inflamava a fé naqueles corações fiéis, mas, na hora suprema da glorificação pelo martírio,

tornando-os impermeáveis às torturas morais ou físicas, os transportava em lances de sobre-humana heroicidade, que bastaria para converter em massa todas as populações espalhadas nas diferentes províncias do Império e a da sua própria capital, se sobre elas não pesasse, com a peculiar fragilidade e as propensões materiais, oriundas de seu inferior desenvolvimento espiritual, a sombra funesta do Anticristo e de seus auxiliares tenebrosos.

Ilustrações daquela ação divina propulsora? Dois únicos exemplos, de singular relevo, bastarão, a esse título, entre os milhares que a história registrou e dos quais um exíguo pugilo ficou reproduzido no final do anterior capítulo.

Seja o primeiro aquela valorosa mãe de Sinforiano que, ao ver levarem-lhe, caminho do suplício, mais que um pedaço de sua carne, a própria vida, no filho de suas entranhas, longe de fraquejar ou sucumbir, lança-lhe, do alto das muralhas de Autum, o brado comovedor, que nem a distância dos séculos consegue amortecer e ainda hoje, e sempre, há de suscitar estremecimentos de assombro: “Meu filho, eleva teu coração ao céu; não perdes a vida, vais trocá-la por outra melhor.”

Seja o segundo a mãe de Barulas, aquele menino de 7 anos, que confessa o Cristo, a qual não somente resiste ao dilacerante espetáculo da flagelação do filho e, mais corajosa que os assistentes, emocionados até às lágrimas diante da inominável crueldade, proferida a condenação pelo juiz, não deserta o seu posto, não procura arrebatá-lo, em nome do sacrossanto e vulnerado amor materno, mas, abraçada na mesma fé cristã e na mesma certeza da ressurreição, entrega o filho ao carrasco e, no momento da execução, tem apenas o gesto compassivo e heroico: estende o vestido e recolhe o sangue e a cabeça do mártir, eu levou consigo.

Quem ousará dizer que semelhantes atitudes, em que a fragilidade humana desaparece numa transfiguração de Excelsas energias espirituais, não eram inspiradas e sustentadas pelos Poderes superiores do invisível, únicos capazes de, sob a suprema direção do Cristo, assim levantar, sem dúvida, os mais nobres exemplares da nossa espécie, ainda amortalhados, todavia, no sudário da matéria, à verdadeira condição de semideuses?

E era preciso que assim permanecessem infatigáveis os Enviados do Senhor, em sua misericordiosa assistência junto aos heróis-mártires, a fim de que pudesse a ideia cristã resistir vitoriosa à formidável pressão exercida pelo Anticristo no sentido de a aniquilar mediante as repetidas chacinas por ele suscitadas contra, os seus gloriosos portadores, enquanto durou a “idade heroica”, em seguida à qual, mudando de tática, ou antes, desenvolvendo-a em mais larga e intensa escala, passou a operar no seio da própria Igreja organizada, insinuando-se no animo de seus representantes.

Não é difícil a demonstração.

*

*

*

Com intermitências, a que já tivemos ensejo de aludir, as perseguições aos cristãos, ora postas em prática sistematicamente, como no reinado de Trajano e, mais tarde no de Severo, ora interrompidas sob Cômodos e seus imediatos sucessores que, por sua tolerância, permitiram desenvolver-se tranquilamente a Igreja, para serem ulteriormente renovados por Décio e, no fim de seu reinado, por Valeriano, suspensas novamente por Galiano, as perseguições — dizemos — vieram a ter o seu apogeu, por assim dizer, final sob o imperador Diocleciano que, ouvido um conselho de notáveis, em cuja opinião "convinha extirpar uma seita que, constituindo um Estado no Estado, lhe estorvava a ação e podia ameaçar-lhe a existência", deliberou efetivamente extirpá-la "com todas as raízes".

Dessa fase culminante assim nos dá notícia o já citado historiador:

"No dia das festas *Terminus* (23 de fevereiro de 308) o prefeito do pretório e os principais funcionários entraram à força na igreja principal de Nicomedia, onde não encontraram nenhum objeto de culto; depois de terem queimado a Escritura, derribaram em poucas horas o edifício, que, por ser erguido na parte mais alta e mais populosa da cidade, dominava o palácio imperial.

"No dia seguinte promulgou-se o édito de proscricção geral. Em todas as províncias seriam demolidas as igrejas: pena de morte a quem assistisse a conventículos secretos; ordem de entregar os livros santos para serem queimados solenemente; os bens das igrejas vendidos em praça, ou sequestrados, ou doados a corporações ou a cortesãos. Demais determinou-se que quem recusasse prestar homenagem aos deuses de Roma seria castigado, sendo homem livre, com a privação de honras e empregos, sendo escravo, com a perda do direito de emancipar-se. A lei deixou de proteger uns e outros; aos juizes cumpria receber quaisquer acusações contra os cristãos.

"Tal era, em substância, o decreto, que, se não fosse atestado por muitos historiadores, pareceria. fábula. Envolveria, numa perseguição rancorosa uma grande parte do mundo, permitia e dava liberdade a todas as violências, a todos os ódios particulares, sem ao menos deixar às vítimas o direito de se queixarem. O Juiz, em vez de ponderar a acusação com as provas, devia tão somente descobrir, perseguir, martirizar quem fosse cristão ou quisesse salvar um cristão.

"Conta-se que um fiel, mais generoso que prudente, lendo esse édito afixado em Nicomedia, rasgou-o e começou a invectivar os césaes; ora, como os governos injustos castigam com a máxima severidade quem lhes conhece e revela os malefícios, esse infeliz foi queimado a fogo lento, para expiar o ultraje à majestade imperial, sem nunca — acrescentam as narrativas — se lhe apagar dos lábios o sorriso da paz, apesar da crueza do tormento.

"Esse espetáculo e os aplausos, com que os cristãos saudaram o seu herói, enfureceram Diocleciano. Nesse dia, por duas vezes, pegou fogo no seu palácio

de Nicomedia, e o imperador atribuiu o fato a vingança dos perseguidos, concertada com os oficiais de sua casa. Galero, simulando encontrar ciladas armadas em toda parte, não quis demorar-se mais na cidade, e o fraco César deixou realizarem-se as mais ferozes execuções. "Encarceravam-se os sacerdotes - diz Lactâncio — e todos os ministros da religião; depois, sem serem ouvidos, sem sequer serem interrogados, levavam-nos a morrer. Os cristãos, sem distinção de idade ou sexo, eram condenados às chamas e, como havia muitos, não iam ao suplício a um por um: amontoavam-nos sobre os madeiros. Lançavam os escravos ao mar com pedras ao pescoço; a perseguição a ninguém poupava, e os juizes, estabelecendo o tribunal no templo, obrigavam todos a sacrificar. As prisões estavam cheias; imaginaram-se novos gêneros de tortura e, para ninguém escapar a tanta crueldade, ergueram-se altares defronte das grades das prisões e nos tribunais, a fim de que os acusados sacrificassem antes de se defenderem: compareciam, pois, não só na presença dos juizes, mas também dos deuses".

"As cenas de Nicomedia tiveram imitação nas províncias: as igrejas foram espoliadas e depois incendiadas. Uma cidade da Frígia, onde se temeram resistências, por ser grande o número de cristãos que nela residiam, recebeu um destacamento de legionários. Quando eles chegaram, os habitantes refugiaram-se na igreja, deliberados a defender-se ou a morrer: os soldados incendiaram o edifício e queimaram-nos até o último.

"Os cristãos foram também acusados, justa ou injustamente, de algumas rebeliões na Síria e nas fronteiras da Armênia; tanto bastou para que Diocleciano agravasse o rigor das ordens, parecendo empenhado em abolir o nome cristão.

"A Espanha, apesar de depender de Constantino, encontrou no governador Daciano um feroz executor do édito de proscricção. Na Bretanha foi menor o rigor. Na África a perseguição fez numerosas vítimas e nem poupou Aauto, chefe do tesouro particular do imperador. Euzébio ouviu dizer que no Egito se cortaram tantas cabeças num dia que o machado ficou amocgado e os carrascos tiveram de revezar-se. Depois da condenação de muitos cristãos, viu o mesmo escritor apresentarem-se outros ao tribunal, confessando a fé e pedindo a morte: os sentenciados entoavam cânticos jubilosos até expirarem.

"A igreja da Itália forneceu copiosa colheita de mártires: em Roma, o cômico Genésio, Pancrácio, de quatorze anos de idade, Inês, de doze, o milanês Sebastião, o padre Marcelo, o exorcista Pedro; em Benavente o bispo Januário, tão querido dos napolitanos; em Bolonha, Agrícola e Vidal, seu escravo; em Milão, Nestor, Celso, Nabor, Félix, Gervásio e Portais; em Aquileia, Cancio, Caneiano e Cancieuilla, da família Anícia, glórias novas de um país onde até então a glória consistia em matar, não em sofrer.

"A igreja gaulesa foi fecundada pelo sangue de muitos e ilustres mártires. *Os servos do Cristo residentes em Viena e Lion* escreviam nestes termos a seus irmãos da Ásia e da Frígia que têm a mesma fé e a mesma esperança: O ódio dos

pagãos estava tão exacerbado contra nós que nos expulsavam das casas, dos banhos, das praças, e em geral não suportavam que nenhum de nós aparecesse em público. Os mais fracos fugiram, os mais corajosos arriscaram-se à perseguição. Primeiramente o povo lançava-se sobre eles, confusamente, em chusmas, com vociferações, arrastando-os, esfarrapando-lhes as roupas, lapidando-os, dilacerando-os, fazendo-os sofrer as maiores crueldades que o furor pode inventar; depois, conduzidos à praça, interrogados publicamente pelo tribuno, eram metidos em cárceres, até a chegada do governador. Compareciam afinal perante esse magistrado. Ora, como ele os tratasse cruelmente, Vettius Epagathus, mancebo de costumes irrepreensíveis e ardente fé, não podendo tolerar esse tratamento, pediu que lhe permitissem apresentar sua defesa e demonstrar que não eram ímpios. Quantos rodeavam o tribunal, todos se tumultuaram, contra ele; o governador, em vez de lhe deferir a súplica, perguntou-lhe se era cristão. Vesttius confessou a fé em altas vozes e teve lugar entre os mártires com o título de advogado dos cristãos. Houve uns dez a quem faltou força para resistir, por se não terem de antemão preparado para o combate. A sua queda nos causou viva aflição e diminuiu a coragem dos outros que, não estando ainda presos, acompanhavam os mártires e não os abandonavam, quaisquer penas que houvessem de sofrer. A incerteza em que estávamos relativamente à sua confissão nos conservava apreensivos, não que os tormentos nos assustassem, mas porque pensávamos no fim e temíamos que alguns deles não pudessem resistir às últimas provas."

Nessa furiosa arremetida, caracterizada pelo ódio conjugado da população e dos agentes do imperador, a influência das forças reacionárias do invisível se patenteia com evidencia igual a da pressão de idêntica natureza exercida sobre a plebe de Jerusalém, quando amotinada em frente ao pretório vociferava contra a Grande Víctima o "crucifica-o!" a que não saberia resistir a pusilanimidade de Pilatos. Que razões teria, com efeito, num e noutro caso a multidão para tamanho ódio? Ainda os césaes e seus interesseiros instrumentos poderiam, hipócrita ou sinceramente, invocar as conveniências da "razão de Estado" para a feroz perseguição a criaturas, cujo único delito — é certo — consistia no seu grande idealismo e na pureza de seus irrepreensíveis costumes, mas que por isso mesmo constituíam protesto vivo e elemento de perturbação no ambiente dissoluto que tanto convinha, aos dominadores, podendo mesmo, na lógica insensata do conselho de notáveis, a que Diocleciano recorrera, "ameaçar a segurança do império". O povo, a cujos direitos, conculcados pelos opressores, tão admirável agasalho oferecia o código cristão, fraternista e igualitário, é que não tinha um motivo de consciência para o furor, em tais condições, gratuito e injustificável com que se lançava às vítimas inermes da perseguição. Só a sua ignorância, o nível inferior, a que aludimos, de sua evolução moral o tornava presa fácil das tenebrosas forças do invisível empenhadas, sob a implacável direção do Anticristo, em impedir por todas as formas o florescimento do

ideal cristão em nosso mundo.

Já era tempo, todavia, de ser posto um paradeiro àquele sanguinolento batismo de três séculos, a que, violentamente submetido, o Cristianismo resistira com vitalidade incoercível. As últimas denodadas legiões de escolhidos Espíritos, enviados pelo Senhor a darem testemunho do seu nome e da imortalidade em presença da morte, haviam, como se vê, dado exemplar desempenho a sua missão. E se, entre eles, alguns porventura, na hora suprema, fraquejaram, é que nem todos eram da mesma têmpera, ou — o que é mais certo — segundo a exata expressão da carta enviada pelos fieis de Viena e Lion aos seus irmãos da Ásia e da Frígia, não se tinham "de antemão preparado para o combate", isto é, para receber, mediante a oração e vigilância, o socorro que os sustentaria, na serenidade e intrepidez, até o fim de seu martírio.

Como quer que fosse, uma trégua se impunha, a fim de que a Árvore da Vida, fecundada pelo sangue de tantos mártires, frondejasse tranquilamente, alimentando com os seus frutos as gerações que se haviam de suceder na Terra e que só a sua acolhedora sombra, poderiam prosseguir no trabalho de aperfeiçoamento e de progresso que seriam chamadas a realizar.

É certo que a cessação das perseguições marcaria o ocaso do Cristianismo glorioso e heroico. A partir de então, começaria o seu declínio interior. Não era esse, todavia, o inevitável destino que lhe estava reservado, em conflito com as forças reacionárias que, do invisível, o vinham sistematicamente combatendo e não têm cessado de o combater até agora?

*
* *

Aconteceu, pois, que no ano 312 marchando o imperador Constantino à frente de aguerrido exercito, menos numeroso contudo que o do seu adversário, para combater as tropas de Magêncio, que exercia tirânico domínio sobre a África e a Itália, aos seus olhos se desenhou no céu, sobre o campo de batalha, uma cruz tendo em volta a célebre inscrição: *In hoc signo vinces* ("com este sinal vencerás").

Entendeu o imperador que havia nessa portentosa manifestação do Alto uma promessa de vitória sob a proteção da Cruz e que, de seu lado, cumpria-lhe assumir atitude protetora da religião que aquele símbolo exprimia. De fato, apesar da inferioridade numérica de suas tropas, levou de vencida, desbaratando-as, as de Magêncio, que não sobreviveu ao desastre, perecendo afogado no Tibre.

Senhor de Roma, promulgou no ano seguinte fim o edito de Milão, estabelecendo a liberdade religiosa, reconhecendo, portanto, oficialmente ao Cristianismo o direito de existência e mandando restituir os bens confiscados aos cristãos, que acolheram com delirante entusiasmo essas medidas. Menos efusivos

seriam eles, todavia, nessas demonstrações de júbilo se, numa antevisão do futuro, pudessem reconhecer ter sido essa a primeira acentuada fase do eclipse em que entraria a doutrina condenada a ir perdendo os seus caracteres de espiritualidade e de pureza, à medida que aliada ao Estado e tornando-se-lhe parasita, como religião oficial, que veio a tornar-se ulteriormente, a Igreja entraria a imiscuir-se nos negócios do século, maculando-se cada vez mais nesse contato corruptor e perdendo de vista, assim a sua missão divina, puramente espiritual, de condutora das almas, como a singeleza de suas praticas primitivas, em que a fé e a caridade, exemplificadas nos costumes dos fiéis, sem distinção de hierarquias, constituíam os seus únicos Eficazes elementos de regeneração e de proselitismo.

É verdade que, quando se consumou o desmoronamento do império romano, a única instituição organizada que os bárbaros vitoriosos encontraram foi a igreja cristã, com autoridade moral suficiente para estabelecer as bases da nova ordem político-social. Teria sido — cabe, entretanto, perguntar — uma fatalidade histórica necessária que a Igreja assumisse esse papel, não apenas de inspiradora, mas de cooperadora pratica na organização dos poderes do Estado, ou essa preeminente intervenção, que somente séculos mais tarde lhe seria pela força arrebatada, já era o resultado de haverem muitos de seus representantes e ministros a tal ponto adquirido apego aos bens da terra que não hesitariam em conspurcar na sua posse e administração o ministério sagrado que, em nome do Mestre, lhes cumpria exercer, conservando escrupulosa e inflexivelmente a sua tradição de desprendimento e de pobreza?

Não os culpemos, todavia — para julgarmos com justiça a esse respeito como de todos os transvios e deturpações que veio a sofrer a doutrina, senão de haverem afrouxado na oração e vigilância e, por esse descuido, sucumbido às tentações do inimigo que, infatigável na sua ronda sinistra em tomo da obra cristã, ora sugeria os assaltos externos de destruição, na pessoa de seus intrépidos propugnadores, ora, insinuando-se no ânimo dos descuidosos, lhes soprava ideias de predomínio e de ambição, que nem sempre a ação oposta, pela mesma forma sugestiva, dos enviados do Senhor conseguia neutralizar.

Quando, em seguida à adesão de Constantino, veio a encerrar-se definitivamente a fase das perseguições sanguinolentas, foi essa manobra interior, de subjugação das consciências, a adotada pelo Anticristo, origem, portanto, e razão determinante do eclipse em que foi gradualmente mergulhando o Cristianismo, tanto mais se foram os depositados da doutrina identificando com os negócios do século e as ambições mundanas.

Constituiu indubitavelmente um dos fenômenos característicos dessa obnubilação o enriquecimento patrimonial da igreja que desde o século IV começou a adquirir consideráveis bens territoriais, doados pelos imperadores aos papas.

De par com esse fortalecimento material, ou antes, no período que o antecedeu,

já vinha sendo a igreja trabalhada pelas competições pessoais, resultantes da sua organização hierárquica.

“A ambição do primeiro lugar — assinala, por isso, com razão o historiador citado — era o grande mal das igrejas cristãs, o que, mais desgosto causava aos simples fiéis. Julgou-se poder conjurar o perigo, supondo que Jesus, em tais circunstâncias, diria às partes contendoras, mostrando-lhes uma criança: "Eis o maior". Assegurava-se que o Mestre, por mais de uma vez, opusera a primazia eclesiástica, toda fraternal, à dos depositários da autoridade profana, acostumados a mandar.

Em lugar, porém, desse critério de humildade e desambição, estabelecido pela clarividência do Divino Mestre e que tinha, vigorado para a escolha, por aclamação, dos chefes das primitivas comunidades cristãs, o que veio posteriormente a prevalecer na organização hierárquica da igreja foi a transmissão do poder e da autoridade de uns a outros chefes, sem intervenção dos fiéis, isto é, do rebanho popular, em obediência à orientação firmada a esse respeito por Clemente Romano na famosa epístola aos coríntios, eu lhe é atribuída e veio a constituir a doutrina em tal caso formalmente adotada, graças ao prestígio que, pela energia de caráter de que era dotado, desfrutava o seu autor no seio da cristandade.

“Na, segunda metade do século II — refere ainda o mesmo historiador — quando Hegesipo viajou por todo o mundo cristão, já não viu senão os bispos estabelecidos por sucessão canônica: o sentimento vivo das igrejas já não existia. Houve alguns protestos contra, esse estado de coisas; algumas vozes se levantaram para sustentar a igualdade primitiva dos presbíteros; mas, não obstante, a tendência aristocrática prevaleceu.”

Prevaleceu — advertamos — porque os depositários do divino legado se esqueceram de que, onde não há humildade, não está presente o Espírito do Senhor Jesus. Cediam, indubitavelmente, à pressão oculta sobre eles exercida muito antes, como se vê, do período de pacificação a que nos vínhamos referindo. Por isso dissemos páginas atrás que, em seguida à idade heroica do Cristianismo, essa manobra do Anticristo no seio da igreja, não era uma mudança de tática, senão antes o seu desenvolvimento em mais larga e intensiva escala.

Banido, com efeito, de seus dirigentes o espírito de humildade, a ação do inimigo teria que, logicamente, orientar-se no sentido de tornar a igreja uma instituição de caráter cada vez mais acentuadamente faustoso e mundano, levando-a por isso a enriquecer-se de bens materiais de toda natureza, estimulando nos seus representantes o sentimento de orgulho e, com ele, a preocupação de aumentar a autoridade e o poder do supremo representante da hierarquia eclesiástica.

Foi assim que, sob aquela funesta inspiração, que visava divorciar por todas as formas a igreja do espírito que presidira a sua fundação, o concílio ecumênico de Éfeso, reunido em 431, veio a proclamar o pontífice romano “o príncipe, a cabeça, a

coluna da fé, o fundamento da Igreja”, desse modo praticando uma desvairada usurpação, com que esperava fortalecer o papado aos olhos dos homens, mas de fato lavrando a sua irremediável condenação perante Deus, porquanto substituíra por uma autoridade temporal, visível e precária, porque humana, a autoridade eterna, invisível e divina do Cristo, única sob cujo amparo ficaria abroquelado contra as investidas do Espírito das trevas.

*
* *

Já então — cerca de meio século antes — os Evangelhos, que haviam circulado, por cópias, nas primitivas comunidades cristãs, em que eram lidos e comentados, tinham recebido a redação que lhes dera S. Jerônimo, incumbido em 384 pelo papa Damaso de redigir uma tradução latina do Velho e do Novo Testamento, a fim de pôr termo às divergências existentes entre aqueles manuscritos.

Esse trabalho apresentava consideráveis dificuldades, pois que o tradutor, conforme o declara no prefácio dirigido ao papa Damaso, se encontrava em presença de tantos exemplares do Evangelho quantas eram as cópias. Em todo caso, relatava ele: “Este breve prefácio aplica-se unicamente aos quatro Evangelhos, na seguinte ordem: Mateus, Marcos, Lucas, João. Depois de haver comparado um certo número de exemplares gregos, mas dos antigos, que se não afastam muito da versão itálica, de tal modo os combinamos que, corrigindo somente o que nos parecia alterar o sentido, conservamos o resto como estava”.

Foi sem dúvida esse trabalho de dupla inspiração: da parte de Damaso, chegando o momento de estabelecer a possível uniformidade nos textos atinentes à vida e aos ensinamentos do Divino Salvador, chegando aquele espírito estudioso e devotado às verdades religiosas, que era S. Jerônimo, para tarefa que tão escrupulosa bênção, a da parte deste, constituindo-se de modo a escolher, entre a variedade dos manuscritos, o que melhor exprimia fidelidade em relação aos sucessos e às palavras proferidas por Jesus. Nem podiam os mensageiros do Senhor, incumbidos de velar pela propagação de sua doutrina em nosso mundo, abandoná-la ao sabor dos caprichos e erros humanos, senão antes preservá-la de alterações que substancialmente a desfigurassem, agindo para esse fim, por via de inspiração, justo aos que receberiam a missão de ser os seus codificadores.

Fidelidade literal e, por assim dizer, absoluta não seria possível obter-se, dada em primeiro lugar a circunstância de que Jesus nada escreveu, não tendo, em sua divina sapiência, julgado necessário confiar à fragilidade do papel os ensinamentos de que era a fonte viva e que, ao demais, brotados de seus misericordiosos lábios, ficariam, e ficaram, com todos os sucessos de sua vida, perpetuamente gravados na placa sensibilíssima do éter, constituindo o que é por alguns propriamente denominado

"clichês astrais", recebidos e conservados num arquivo do infinito. Os seus ensinamentos foram recordados e repetidos por aqueles que os ouviram e, depois, transmitidos pela mesma forma verbal entre os primeiros cristãos. Ocorre, em seguida, a circunstância de que, assim nessa transmissão oral, como posteriormente, quando passaram a ser grafados e reproduzidos nas sucessivas cópias, que circulavam nas comunidades cristãs, nem sempre se teriam os repetidores e copistas cingido a uma rigorosa fidelidade. A verdade dos sucessos e dos ensinamentos só teria desse modo dispersado numa variedade fragmentaria, o que realça o valor do trabalho executado por S. Jerônimo, que — insistiremos — não podia deixar de ser conduzido por uma poderosa e vigilante inspiração do Alto, ao ter de catar, reunir e enfeixar num todo, quanto possível, homogêneo os preciosos fragmentos da mais estupenda história e dos mais transcendentais, ao mesmo tempo em que singelos e profundos, ensinamentos que jamais recebera a humanidade.

E, todavia, a redação dada por S. Jerônimo a sua tradução latina do Antigo e Novo Testamento, denominada a Vulgata, não teve, no que pelo menos se refere aos Evangelhos, o cunho de definitiva que estava na intenção daquele que ordenara a sua execução e a aprovou, fazendo-a adotar como corpo doutrinário, destinado a servir de regra e fundamento aos ensinamentos ortodoxos da igreja.

É assim que — diz um eminente escritor¹⁶ — “o que foram considerado bom do ano 386 a 1586, o que tinha sido aprovado em 1546 pelo concílio ecumênico de Trento, foi declarado insuficiente e errôneo por Sisto V em 1590. Uma nova revisão foi feita por sua ordem: a edição dali resultante e que trazia o seu nome foi, a seu turno, modificada por Clemente VIII”, sendo essa afinal a edição definitiva que serviu de modelo às traduções existentes em diferentes línguas.

É indubitável que, depois do trabalho consciencioso e imparcial de S. Jerônimo, calcado no exame comparativo de textos primitivos, cuja relativa autenticidade fora reconhecida e acatada, tais sucessivas revisões só poderiam ter como objetivo, retocando uma ou outra passagem do Evangelho, fortalecer a autoridade e o poder da igreja romana, sem contudo atentar substancialmente contra a fidelidade geral das narrativas e do conjunto doutrinário, graças à vigilante fiscalização, a que aludimos, do Alto exercida pelos mensageiros do Senhor.

Se assim não fosse, isto é, se a colaboração posterior dos papas e concílios na estrutura dos textos evangélicos tivesse logrado acomodá-los inteiramente aos dogmas e orientação reacionária da igreja, não teriam eles permanecido a antítese e a condenação, que realmente representam, de tantos de seus métodos, atitudes e ensinamentos, em flagrante desacordo com os atos e as palavras do Divino Mestre.

Entre numerosos trechos que o comprovam, basta citarem-se, por exemplo, os seguintes:

¹⁶ Léon Denis, *CRISTIANISMO E ESPIRITISMO*, cap. II, "Autenticidade dos Evangelhos".

Comunicando-lhe João: “Mestre, vimos um homem expelir demônios em teu nome e lho proibimos, porque não te segue conosco”, Jesus lhe replicou: “Não lho proibais, pois quem não é contra vós é por vós”. Doutrina em franco antagonismo com a atitude sempre intolerante e exclusivista da igreja, que reclama para si o monopólio da administração espiritual e pretende que “fora da igreja não há salvação”.

Logo em seguida, não tendo obtido pousada numa aldeia de samaritanos, que lhe recusaram, Tiago e João, indignados, o consultaram: “Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?” Mas Jesus os repreendeu, advertindo: “Vós não sabeis qual é o espírito de vossa vocação. O Filho do homem não veio a perder as almas, mas a salvá-las”. E foram para outra povoação. Atitude que tão vivamente contrasta com a da igreja, ora fulminando condenações e anátemas, ora levando a ferro e fogo os denominados hereges e os insubmissos ao seu jugo dogmático.

Recordemos ainda a recomendação de Jesus aos seus discípulos e, com eles, através dos séculos, aos continuadores de sua redentora missão: “Não queirais ser chamados mestres, porque um só é o vosso mestre, o Cristo, e vós sois todos irmãos. E a ninguém chameis pai, porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus”. A igreja, entretanto, não somente vem, desde os primórdios de sua organização, reclamando para os seus membros o tratamento de pai (padre), mas tolera e aplaude que sejam eles tratados pela dupla denominação “padre-mestre”.

Por outro lado, no que se refere à adaptação de algumas passagens do Evangelho ao fortalecimento do poder e da autoridade da igreja, não é difícil descobrir-se esse intuito, entre outras, nas palavras atribuídas, um tanto fora de propósito, a Jesus, quando, interrogando os discípulos: “mas vós quem dizeis que sou eu?” e respondendo-lhe Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo”, depois de louvar por esse testemunho, que lhe fora inspirado “não pela carne e sangue, mas pelo Pai que está nos céus”, pretende a narrativa que o Senhor, perpetrando um trocadilho — artifício que nunca estivera em seus hábitos de linguagem e não se encontra em nenhum de seus ensinamentos — teria acrescentado: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e contra ela não prevalecerão as portas do inferno. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e tudo o que ligares sobre a terra será ligado também no céu, e tudo o que desatares sobre a terra será desatado também no céu”.

Compreende-se que à tendenciosa decisão do concílio de 431 reunido em Éfeso, que há pouco assinalamos, proclamando o pontífice romano “o fundamento da igreja”, convinha imprimir o cunho divino da palavra do Cristo, a fim de que, fazendo-se, como se fez, herdeira das prerrogativas de Pedro e deste o seu primeiro papa — função que, entretanto, ele jamais exerceu, pois nem sequer esteve em Roma — ficasse a igreja investida daqueles poderes excepcionais transmissíveis aos seus

pretensos sucessores na cadeira do Vaticano. Desse modo a sua autoridade se estenderia, incontestável, para além da terra, uma vez que lhe era outorgada a faculdade de julgar, absolver e condenar os homens, cuja sorte ficaria definitivamente fixada ao fim desta existência, que em tal caso convinha fosse considerada única para o Espírito.

A esse último objetivo servia maravilhosamente a deliberação séculos antes adotada pelo Sínodo¹⁷ de Constantinopla, o qual, dirigido por Justiniano, publicara em 538 um édito aprovado em 543 pelo concílio que ali se reuniu, sob a presidência de Mennas, em que foram anatematizados Orígenes e a doutrina dos renascimentos sucessivos da alma, sustentada por esse luminar da igreja, falecido no ano 254, antematizado assim muito tempo depois de sua morte.

Rezava, com efeito, a decisão do concílio: “Quem ensinar a preexistência da alma e a estranha opinião de suas voltas à terra, seja anátema!”

Funesta decisão, que — observemos — prevalecendo por mais de treze séculos, isto é, até aos nossos dias, entre os dogmas da igreja, proscrevia, sepultando-a na treva do esquecimento, a lei providencial que rege a evolução dos seres e pode, somente ela, conciliar a justiça, a bondade e a sabedoria do Deus com o espetáculo das flagrantes desigualdades humanas de toda ordem — intelectuais, morais e sociais ao mesmo tempo que resolve o obscuro problema de nossos destinos.

*

* *

Contra esse dogma, entretanto, de uma existência única se insurgem os próprios textos evangélicos, em mais de uma de cujas passagens a possibilidade do regresso a este mundo em nova encarnação ora se acha insinuada como um fato admitido, posto que sob forma ainda obscura e imprecisa, pelos israelitas, ora explicitamente proclamada, como necessidade imperiosa, pelo Cristo, o que é mais um indício confirmativo de que os sucessivos retoques perpetrados pelos papas e concílios não lograram atingir ensinamentos fundamentais, como esse, contidos no divino código.

É assim, por exemplo, que no mesmo episódio, a que aludimos há pouco, da interrogação de Jesus a seus discípulos: “Quem dizem os homens que é o Filho do homem?” a resposta que lhe deram eles: “Uns dizem que João Batista, mas outros que Elias e outros que Jeremias ou algum dos profetas”, põe claramente em relevo a crença popular na possibilidade da volta do Espírito, em novo corpo, a este mundo, crença que não parecia desarrazoada somente aos apóstolos, mas ao próprio Cristo, que de outro modo a teria — e não o fez — formalmente desautorizado, Ele que viera

¹⁷ Sínodo: assembleia de bispos presidida pelo papa, que se reúne para tratar de assuntos ou problemas concernentes à Igreja — N. E.

ao mundo “para dar testemunho do. Verdade”.

Da mesma natureza e com igual significação se apresenta o incidente ocorrido a propósito do cego de nascença (João, 9: 1 a 3). — “Mestre, perguntaram-lhe seus discípulos, quem pecou, para que este homem nascesse cego: ele ou seus pais?” — “Nem ele pecou, nem seus pais”, respondeu Jesus: “mas isto se deu para que as obras de Deus sejam manifestas”.

Ora, se os apóstolos admitiam a possibilidade de ser a cegueira de nascença a consequência de pecado cometido pelo indivíduo, é claro que só o poderia ele ter feito em precedente vida. E o Senhor, abstendo-se mais uma vez de impugnar como inadmissível essa hipótese, implicitamente a sancionou, opondo-lhe apenas a asserção de que outro, de ordem mais elevada, era o motivo da cegueira, isto é, “para que as obras de Deus fossem manifestas”, ensino admirável, que revela ter aquele Espírito, como tantos outros no período messiânico, encarnado com a missão de dar testemunho do poder do Cristo, que lhe restituiria — e de fato restituiu — a visão no mesmo instante.

Não menos expressiva é a passagem do Evangelho referente a João Batista.

Acabara de ocorrer a transfiguração no cimo do Tabor, em que, à vista de Pedro, Tiago e João, que consigo levava, o Mestre se lhes apresentou envolto em deslumbrante claridade, tornando-se-lhe o rosto “refulgente como o sol e as vestiduras brancas como a neve”, surgindo ao seu lado os Espíritos visíveis de Moisés e de Elias, com os quais se entreteve a conversar. Admirados da presença deste último, ao descerem do monte, perguntaram os discípulos: “Porque dizem então os escribas que importa vir primeiramente Elias?” Respondeu Jesus: “Elias certamente há de vir e restabelecer todas as coisas. Digo-vos, porém, que Elias já veio e eles não o reconheceram, antes fizeram dele quanto quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer às suas mãos”. E o evangelista acrescenta esta significativa observação: “Então conheceram os discípulos eu de João Batista é que eles lhes falara”.

Ao demais, essa alusão de Jesus ao fato de ser o Precursor a reencarnação do espírito de Elias — o que de resto se harmoniza, com o trecho evangélico relativo ao anúncio feito pelo anjo Gabriel a Zacarias acerca do nascimento de João Batista (LUCAS, 1: 17) — não foi mais que a confirmação do testemunho explícito por Ele anteriormente dado no mesmo sentido.

Referindo-se, com efeito, a João, após a retirada dos discípulos que este, do cárcere, lhe enviara, discorreu o Senhor sobre os excelsos predicados daquele que era “ainda mais que profeta” e rematou o seu discurso, asseverando: “Porque todos os profetas e a Lei até João profetizaram. E se vós o quereis bem compreender, *ele mesmo é Elias que há de vir*. O que tem ouvidos de ouvir, ou;a”.

Recordemos por último a entrevista que Nicodemos teve com o Mestre, de cujos lábios recebeu o ensino formal da pluralidade de existências, não como um caso

particular e esporádico, segundo parece que seria a crença dos judeus, mas como aplicação de uma lei geral e uma necessidade a todos imposta, a fim de atingirem o grau superior de evolução que, no simbolismo evangélico, é designado como a participação na entrada no “reino de Deus”.

Respondendo, com efeito, logo às primeiras palavras com que Nicodemos o abordara, Jesus abertamente proclamou: “Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer do novo, não pode ver o reino de Deus”, para, em seguida, sem deter-se a explicar o mecanismo do fenômeno, que parecia, em si mesmo e não em sua providencialidade, incompreensível ao interlocutor, insistir categoricamente: “Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar, no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é espírito”. E para dissipar toda vacilação com o testemunho de sua autoridade, repete: “Não te maravilhes de eu te dizer: Necessário vos é nascer de novo”.

Empenhados em sustentar o dogma da existência única, é certo que os exegetas não somente da igreja católica, mas de todos os ramos em que se fracionou a Reforma, têm pretendido identificar a expressão “nascer da água” com o que eles chamam a “regeneração pelas águas do batismo”, esquecidos de que a água, para os hebreus, significava o elemento primordial, a origem somática por excelência. É assim que no primeiro capítulo do GÊNESIS, a propósito da formação do mundo, só encontram repetidamente as expressões: “o Espírito de Deus era levado sobre as águas” (vers. 2); — “disse também Deus: Faça-se o firmamento no meio das águas e separe umas águas das outras águas” (vers. 6); — “e fez Deus o firmamento e dividiu as águas que estavam por baixo do firmamento das que estavam por cima do firmamento” (vers. 7); — “disse também Deus: As águas que estão debaixo do céu ajuntem-se num mesmo lugar, e o elemento árido apareça, o assim se fez” (vers. 9); — “disse também Deus: produzam as águas reptis de alma vivente e aves que voem sobre a terra, debaixo do firmamento do céu” (vers. 20).

Não está ali, para quem saiba entender o sentido, tão frequentemente alegórico, da Bíblia e a peculiaridade das suas expressões, que o sopro do alto fecundava, uma clara alusão à substância, ou fluido cósmico primitivo, de que, por sucessivas condensações e transformações, veio a constituir-se a matéria em todos os seus estados diferenciais, inclusive os seres “de alma vivente” que povoam o planeta? E dessa mesma “água” não são, portanto, originados os corpos animados pelo Espírito em suas repetidas incursões terrestres, pouco importando que acerca da formação do homem use a Bíblia de um simbolismo, em sua interpretação, reservado aos sábios?

Não nos deteremos contudo em esclarecer nem desenvolver, em seus múltiplos aspectos, esse tema, aqui meramente acidental, da pluralidade de existências, uma

vez que noutra lugar¹⁸ já o fizemos com a possível amplitude. O nosso objetivo agora é, pondo de relevo esse fato, essa lei providencial, plenamente sancionados no Evangelho, assinalar que a sua omissão, mais que isso, a sua proscricção dentre os ensinamentos da igreja foi ainda um produto das inspirações reacionárias do Anticristo, gerando, ao longo dos séculos a revolta nos espíritos inscientes contra o Autor da vida, em presença da iniquidade que parece governar o mundo, expressa nos absurdos “caprichos do destino”, ao passo que à luz daquele principio soberano todas as anomalias e obscuridades se dissipam, o destino humano, em suas magníficas realizações, se apresenta lógica e sabiamente planejado e a sabedoria, a bondade e a justiça de Deus, que “dá a cada um segundo as suas obras”, esplendem por forma a despertar a admiração, o reconhecimento e a adoração que lhe devem todas as criaturas.

Assim também, e somente assim, considerada a brevidade da existência humana e a complexidade dos fatores adversos que embaraçam o progresso do Espírito, como desafio e estímulo ao desenvolvimento de suas faculdades, torna-se compreensível, em seus luminosos fundamentos e exequibilidade, a exortação do Senhor Jesus: “Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito”.

Como seria, realmente, possível pôr essa exortação em prática, senão vencendo, penosa e gradativamente a acidentada escharpa do aperfeiçoamento, cada um de cujos degraus se conta por uma existência planetária?

Certo é que uns, não raro, muitos desses degraus se esboroam e inutilizam, representando as existências — ai de nós! — em tão grande número dissipadas e, por conseguinte, estacionárias. Razão de mais para a ilimitada repetição do retorno à sombria estância deste mundo, até que, lecionado por suas experiências, tanto mais salutares quão mais dolorosas, se resolva o Espírito a acelerar, pela renúncia — termo e coroamento de seu aprendizado — a marcha interior, ascensional, que o conduza à integração na Unidade Divina, em que hão de, por fim, ser todos consumados.

Ou teria Jesus proposto ao homem um programa de perfeição irrealizável?

¹⁸ Veja-se *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, volume 1º, capítulos V e VI.

IV

Engrandecimento material da Igreja, declínio progressivo do ideal cristão. - Formação do Estado Pontifício, como réplica à palavra do Cristo: “Meu reino não é deste mundo”. - Transigências e antíteses. - Restauração parcial da Igreja Cristã. - Francisco de Assis

Se o Senhor Jesus se abstivera, intencionalmente, de reduzir a escrito os seus ensinamentos, preferindo confiá-los à segurança dos corações fiéis de seus discípulos, que os viveriam na eloquência dos exemplos e, por Ele do Alto sustentados, os transmitiriam à história, de par com a narrativa, dos martírios infligidos à cadeia de seus heroicos sucessores, obscuros ou ilustres, muito menos se preocupou de fundar uma religião no sentido ritualístico e de práticas devocionais, comumente ligado a essa palavra. Viera, sim, fundar a religião do sentimento, ou — no dizer de um inspirado autor, egresso das hostes reacionárias da igreja romana para as fileiras do moderno espiritualismo¹⁹ — “a magnífica sociedade das almas, que se chama o reino de Deus”.

Nas instruções dadas aos seus apóstolos, como nas lições transmitidas diretamente ao povo, insistira sempre na supremacia das boas obras e na inutilidade dos gestos, atitudes e observâncias exteriores, favoráveis ao desenvolvimento da hipocrisia. Portador da Verdade, e Ele próprio personificação viva da Verdade, que aprendera do Pai, sabendo quando a pureza e elevação dos sentimentos e a retidão dos atos não somente dignificam os que as praticam, mas constituem os únicos elementos de edificação para os que os observam e são, por natureza, comunicativos, o seu cuidado era fazer de seus discípulos, como em geral de todos os que se convertessem a sua Palavra, homens verdadeiros, suficientemente espirituais para incutirem nos outros homens a certeza da vida imortal, a cujas esplêndidas realidades interiores devem ser imolados os enganos e ilusões da Vida material, exterior e transitória.

¹⁹ Padre V. Marchal, *O ESPÍRITO CONSOLADOR*, cap. 23, "A Grande Vítima".

E, porque não menos sabia que, entre os grilhões que escravizam o espírito à terra e o condenam à amargurada repetição de estágios nela expiatórios, divorciando-o do ideal divino de perfeição, que é seu destino, nenhum sobreleva o funesto apego aos bens que a riqueza proporciona, advertiu os seus discípulos e o povo, reunidos no sopé do Monte em que proferiu o memorável Sermão, começando das bem-aventuranças e rematando com os mais sábios ensinamentos aplicáveis às diferentes situações da vida:

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer um e amar o outro, ou há de acomodar-se a este e desprezar aquele. Não podeis servir a Deus e às riquezas”.

Ora, no duplo sentido a que nos reportamos — instituição de ritos e pompas externas e posse de bens materiais — os depositários do divino legado, que assumiram a direção da igreja, não cessaram de contradizer, com sua conduta, os exemplos e os ensinamentos do Mestre, desse modo atraído o seu mandato. Não somente se afastaram das primitivas práticas nas comunidades cristãs, singelamente adstritas à leitura e comentários dos textos evangélicos, sob as inspirações do Alto, substituindo-os pouco a pouco por uma complicada liturgia, inacessível ao entendimento popular, mas, desde que, organizada, a igreja nada mais teve que temer de seus perseguidores, graças à proteção de Constantino, entraram a revestir-se de um fausto incomparável com a espiritualidade de suas funções.

"Uma vez triunfante — é oportuno recordarmos, com o historiador de cujo testemunho nos temos socorrido — protegida pelo império enriquecida pela generosidade dos fiéis, certa de viver e dominar, a Igreja começou a rodear-se de pompa e cobrir os seus ministros de seda e ouro". E comenta ele: "Por certo que o humilde Jesus nunca imaginou ver os seus discípulos trajarem como os grandes da terra e dourarem os altares, onde se arvorava o tosco lenho da Cruz. Todavia — acrescenta, apreciando o fato à luz de um critério nitidamente profano — força é reconhecer que, desde que a Igreja se fizera instituição para presidir aos destinos da sociedade por meio de sua influência nos espíritos e nos corações, corria-lhe a necessidade rodear-se do esplendor, que os preconceitos do vulgo consideram distinto da grandeza e da dignidade, e de atuar também sobre os sentidos da multidão, acostumada a reconhecer a majestade do poder quase unicamente pela magnificência de que ele se rodeava".

Essa foi sem dúvida, exteriormente impressionista, a intenção dos dirigentes da igreja — e é isso que até certo ponto os absolve do deslize — ao inflectirem no resvaladouro das acomodações aos “preconceitos do vulgo”, pois não se os poderia, com justiça, increpar de tais condescendências, no deliberado propósito de desservir a doutrina do Senhor, para a qual só os deveriam induzir motivos de atrair maior

número de adeptos.

“Não se lhe censure, pois — acrescenta o historiador — o ter renunciado à pobreza dos primeiros séculos, mas arguem-se tão somente os seus chefes e ministros, que fizeram fim do que só deveria ser meio, converteram o esplendor do culto em regalo e satisfação da própria vaidade e, para sustentarem o luxo dos altares ou dos seus serventuários, venderam as concessões espirituais ou espoliaram os fiéis.”

Era contudo inevitável que assim viesse a suceder, uma vez afrouxada a vigilância que reclama incessante, contra as tentações do inimigo, a investidura espiritual. Cometido, o erro, mesmo com a intenção de temporário, por condescendência e com a reserva mental de ulterior retrocessão, engendra sempre novos erros, que se vão agravando, até degenerar em inveterado e irremediável abuso. O maior perigo, em casos tais, consiste em ser aberto o precedente, que é uma espécie de pacto, inadvertidamente feito, com o inimigo.

Foi esse perigo que não souberam ver os ministros da igreja, responsáveis pela sua direção. Esqueceram-se de que a doutrina com que, para sua redenção, viera Jesus felicitar o mundo, não se destinava a adaptar-se às conveniências do século e aos preconceitos populares, mas a estabelecer um, novo padrão de vida moral, para o indivíduo como para coletividade, vida interior, com exclusão de todo aparato exterior, devendo, portanto, ela, a doutrina, ser conservada em toda a sua pureza exclusiva e em toda a sua espiritualidade original.

Ou ter-se-ia o Cristo enganado quanto à oportunidade histórica de sua descida a este mundo, ensinando prematuramente uma doutrina que o mundo não estaria apto a receber, sendo então necessário revesti-la de formas que a tornassem, na prática, assimilável pelos homens? Nascendo e vivendo, propositadamente, na pobreza e consentindo, por último, em ser consumado na ignomínia da crucificação, teria oferecido um modelo de vida e hábitos inimitável pelos seus continuadores e discípulos? — Tanto assim não foi — à parte a irreverência que envolve a só hipótese de semelhante equívoco — que séculos mais tarde, como o veremos adiante, foi precisamente o retorno àquelas formas de humildade e de renúncia pelo mais fascinante de todos os imitadores que salvou a igreja numa de suas mais temerosas crises.

O Cristo não se equivocou nem poderia ter-se equivocado na escolha do momento de sua descida à terra, trazendo-lhe os indestrutíveis elementos de sua regeneração. Mas também não ignorava, em sua divina presciência, que, exposta às agressões do Espírito das trevas e em contato com a fragilidade dos que, no futuro, tomariam o encargo de seus depositários e propagadores, a sua doutrina de mortalidade seria deturpada por adaptações parasitárias e materializadoras. Não foi sempre essa, de resto, a sorte de todas as revelações trazidas ao mundo por grandes

iniciados? Mosaísmo, brahmanismo, budismo, não começaram todos por seus instituidores, para degenerarem ulteriormente em práticas ritualísticas, a pretexto de adaptação à mente popular, terminando a casta sacerdotal, que no seio de cada uma dessas religiões veio a formar-se, por explorar a credulidade dos fiéis e enriquecer-se a custa de sua generosidade?

O Cristianismo não podia escapar a essa fatalidade, indubitavelmente prevista pelo seu divino Instituidor. Fatalidade inevitável, enquanto este mundo continuar a ser o império do Anticristo, que exercita o seu domínio e o exercitará sobre a mente e o coração da imensa família humana, até que esta, pelo incoercível poder da evolução, que está nos desígnios de Deus, venha integralmente a converter-se, no transcurso dos séculos, à lei do Cristo, que o é de amor e de libertação.

Enquanto se não efetuar essa conversão — e só o poderá ser individual, progressiva e, por assim dizer, intermitente, isto é, assinalada por ascensões, quedas e reabilitações — teremos de verificar na história das religiões e, particularmente, na conduta dos seus ministros e representantes, a incidência da dupla corrente de ação espiritual: a dos homens à comunhão divina, pela única pureza dos sentimentos e retidão dos atos; a do "príncipe deste mundo", pela pressão de seus tenebrosos agentes, procurando induzir em erro os descuidosos, estimulando-lhes as fraquezas e sugerindo toda sorte de pretextos para a deturpação dos divinos ensinamentos.

Nesse conflito, que se vem perpetuando através os séculos, os triunfos e revezes de um lado e outro se sucedem. Que a conversão final do próprio Tentador e seus infortunados seguidores ainda parece vir distante. Mas virá.

*

* *

Foi, pois, obedecendo às sugestões malévolas do invisível que os ministros supremos da igreja cristã, esquecidos da advertência do Mestre: "não podeis servir a Deus e as riquezas", não somente renunciaram à pobreza pessoal e aboliram a singeleza do santuário, mas se empenharam em seu enriquecimento patrimonial e entraram a imiscuir-se nos negócios do mundo.

Não é nosso propósito, nem o comportaria a natureza, necessariamente sintética deste estudo, deturpações e vicissitudes perpetrados pela igreja ou que acidentaram a sua existência, tão frequentemente tormentosa, associada que esteve a todas as fases de desenvolvimento da organização política dos povos, assim no ocidente como na parte do oriente, sobre que, através dos séculos, estendeu ela o seu domínio espiritual, trabalho que, sobre exceder de muito os limites de nossa capacidade, exigiria múltiplos volumes. Queremos tão somente, indicando alguns dos sucessos de maior relevo, significativos do divórcio entre o engrandecimento

material da igreja, duplicado do progressivo crescimento do seu prestígio temporal, de um lado, e do outro a singeleza, não destituída de magnitude e profundidade, do ideal que lhe dera origem, apreciar a influência preponderante nesse divórcio exercida pelo Espírito das trevas, sistematicamente empenhado em solapar nos seus fundamentos e contradizer nos seus resultados a obra de progresso e de espiritualização da humanidade, que é o escopo capital da doutrina de Jesus.

Também nos não movem, neste esboço de crítica retrospectiva, intuítos demolidores da colaboração que, apesar de todos os seus deslizos, a igreja incontestavelmente prestou, sobretudo nos primeiros séculos e em meio das convulsões que assinalaram o soçobro do mundo pagão, à formação e desenvolvimento da civilização ocidental, sob o influxo do pensamento cristão. O nosso objetivo é, antes de tudo, apreciando a ação perturbadora do Anticristo na existência da igreja — alvo do seu invertebrado rancor — do mesmo modo eu em todas as manifestações da vida humana, em que uma interferência transparece, colher ensinamentos e advertências para salvaguardar dos que, nesta época de transformações e num radioso futuro que se avizinha, desejem sinceramente seguir a Jesus e necessitam estar apercebidos contra as insidiosas manobras dos que com propriedade são denominados inimigos da luz.

Isto posto, retornemos a largos traços a enumeração dos acontecimentos que foram visivelmente acentuando o declínio espiritual da doutrina do Senhor, desde a proscricção do ensino relativo à lei providencial das vidas sucessivas — chave da evolução universal dos seres — a que nos referimos no anterior capítulo, ao enriquecimento patrimonial da igreja e pessoal de seus serventuários, tanto mais se engrandecendo uma e os outros, pela acumulação de bens materiais e de poderio mundano, quanto o depósito sagrado, exposto, quase sem defesa, às investidas sorradeiras do inimigo, se conspurcava enleado nas complicações do século.

Assim é que, fortalecido o papado no século VIII, durante o império carlovingiano, e ganhando autoridade crescente sobre os imperantes, o papa Zacarias, intervindo ostensivamente na órbita das contendas temporais, reconhece como rei Pepino, o Breve, pai de Carlos Magno, e a seu turno o papa Leão III, põe, mais tarde, sobre a cabeça desse último a coroa real.

A essa intromissão nos negócios do século veio juntar-se o inconveniente, ainda mais grave, de converterem a igreja, que se intitulava do Cristo, numa potência mundana, com a formação, permitida pelos carlovingianos, do Estado Pontifício, mediante a doação, feita ao papado, de Ravena, Pentápolis — reunião de cinco cidades, como o nome o está indicando — que abrangia Fano, Ancona, Pezzaro, Rimini e Sinigalha, completando-se a incorporação com a cidade de Roma e desse modo ficando consideravelmente acrescidos os domínios territoriais que, desde o século IV, como precedentemente o assinalamos, vinham sendo ofertados aos papas.

Não viram ou não souberam perceber os incautos detentores da direção da

igreja que essa consolidação do seu poderio material representava nada menos eu uma réplica vitoriosa, do oculto sugerida pelo Anticristo, àquela palavra de Jesus, assim formalmente desrespeitada: "Meu reino não é deste mundo".

Ainda no século VIII um outro fato veio acentuar a tendência materializadora impressa ao culto, primitiva e exclusivamente espiritual adotado nas comunidades cristãs, tornando-o desde então nitidamente idólatra. Referimo-nos ao culto das imagens, cuja permissão foi reconhecida em 787 pelo segundo concílio de Niceia, possivelmente como uma transigência, julgada necessária, com os hábitos de idolatria dos bárbaros invasores e a fim de assegurar a incorporação à cristandade, medida — se o quiserem — nesse ponto de vista defensável, não obstante a formal proibição expressa no Decálogo, sob a condição de transitoriedade, mas que a experiência dos séculos veio, com a sua permanência até aos nossos dias, demonstrar haver sido funesta, como toda, transigência, ao demais, na esfera das coisas divinas, equivalente a um retrocesso.

A resistência, contudo, que essa intromissão da idolatria nas cerimônias da igreja e nos hábitos dos fiéis encontrou da parte de numerosos bispos, logrando somente aprovação depois de ter sido, por mais de um século, objeto de repetidas controvérsias em diferentes concílios, prova que não somente essa medida não correspondia a uma evidente necessidade, mas que no próprio seio da igreja e entre os seus mais graduados representantes havia servidores vigilantes de Jesus, arautos e defensores do seu pensamento, que não cediam, sem tenazes opugnações, às dissimuladas manobras do Anticristo, obstinado no seu empenho de comprometer, por todas as formas de desvirtuamento, a obra do Senhor.

Bem sabia ele que, insinuando-se no ânimo dos prelados, cujas resistências terminavam por ser, mais cedo ou mais tarde, subjugadas, e afeiçoando-os aos prazeres do luxo, facilmente viria a convertê-los numa classe aristocrática, divorciada das necessidades, aspirações e direitos do povo, a quem de preferência, todavia, Jesus pregava o Evangelho (MATEUS, 11:5), fraudado assim num de seus objetivos capitais. Não era, com efeito, a fraternidade o dogma fundamental, da sua doutrina, tendente a dissipar os antagonismos e rivalidades que dividem os homens, entre eles estabelecendo, com a prática, da justiça, a paz e a harmonia?

Considere-se, entretanto, a atitude do papado em relação ao feudalismo, regime de exploração rural e servidão exercida, pelos senhores sobre os miseráveis servos da gleba, reduzidos à condição de irracionais, regime que perdurou do século X até ao fim da Idade Media, mas cujos derradeiros vestígios só vieram a ser extintos pela rajada libertadora da Revolução francesa, e ver-se-á que a igreja, não somente consentindo, mas tomando parte por alguns de seus ministros nessa ignóbil exploração do homem pelo homem, serviu ainda nisso os intuitos antifraternistas do Espírito das trevas.

Encaminhava-se desse modo a sociedade ocidental, que se presumia cristã ou,

pelo menos, regida pelos princípios do Cristianismo, para a sua divisão em três classes — clero, nobreza e povo — ocupando a igreja o pináculo da escala, vindo em seguida os senhores feudais e, por último, não propriamente o povo, no sentido igualitário, reivindicado mais tarde pelas conquistas revolucionárias, mas a imensa multidão dos sofreadores, dos sem-direitos, designados pejorativamente como a plebe, conservada, com a cumplicidade da igreja, na ignorância e no aviltamento, origem das ulteriores revoltas, que ensanguentaram a Europa.

Como se não fosse ainda suficiente esse divórcio entre o fraternismo característico do ideal cristão e semelhante organização social, que lhe era odiosa antítese, para ser oposto um novo desmentido aos intuitos pacifistas do Evangelho, empreendem-se as Cruzadas, favorecidas, algumas organizadas mesmo, pela igreja, com o fim de reivindicar a ferro e fogo a posse de Jerusalém para os cristãos e libertar do jogo muçulmano "o santo sepulcro", que ao demais nada continha.

Nos dois séculos que durou esse embate fratricida — de 1076 a 1270 — encarado por alguns como necessário derivativo ao estado de guerra quase permanente em que mutuamente se empenhavam os senhores feudais, foram sacrificados muitos milhares de vidas e, mais que tudo, os métodos, que nunca deveriam cessar de ser persuasivos, do Cristianismo, sem outro resultado a não ser o dilatarem-se os horizontes do conhecimento aos guerreiros-crentes em relação às populações orientais, de cujo contato, entretanto, lhes advieram numerosos vícios e hábitos dissolutos, complemento inevitável dos instintos de pilhagem, estimulados nessas incursões — quaisquer que fossem as intenções e os exaltados sentimentos de muitos que se lhes associavam — positivamente barbarescas. A criação de uma literatura, sem dúvida original e interessante, formada pelos romances de Cavalaria, em que foram celebradas as proezas de tais singulares cavaleiros da Cruz, não chega a ser uma compensação ao pungente desmentido, por semelhantes aventuras marciais, oposto aos ensinamentos do Evangelho, e não vale uma só das conversões obtidas, séculos mais tarde, pelo pacífico ministério e o amor persuasivo de um Francisco Xavier.²⁰

Uma vez contudo obliterado o senso de suas responsabilidades, e arvorada a Cruz não como símbolo de redenção, mas de perseguição e de combate, não se detiveram ali as iniciativas truculentas da igreja, senão que, para dar uma nova demonstração do espírito evangélico invertido que a animava, é organizada, em 1207, por determinação do papa Inocêncio III, a "cruzada" de extermínio contra os albigenses, prosseguida implacavelmente durante vinte e dois anos.

Em que consistia, entretanto, a heresia desses díscolos?²¹ — Uma versão, com

²⁰ Referência a São Francisco Xavier (1506-1552), missionário católico português, fundador da Companhia de Jesus (Jesuítas), célebre pelas suas campanhas no Oriente em prol da conversão dos pagãos ao Cristianismo, pelo que é conhecido como "Apóstolo do Oriente" e padroeiro dos missionários — N. E.

²¹ Díscolo: bárbaro, desordeiro, brigão, grosseiro — N. E.

visos de tendenciosa, além de lhes atribuir a crença na existência de dois Criadores, o do bem e o do mal, eternamente antagônicos e, por natureza, irreconciliáveis, agindo cada um sobre seu mundo e suas criaturas, mediante sua adequada revelação, ainda lhes imputava a negação da existência humana do Cristo e dos caracteres teológicos de sua missão, bem como do dogma da ressurreição da carne, fazendo-os ainda partilhar a opinião pessimista de ser considerada crime a reprodução da espécie humana, cuja extinção desse modo propugnariam, com o que pretende semelhante versão porventura justificar o extremo rigor empregado pela igreja em exterminar os portadores de tais heterodoxas concepções. Constituindo, porém, os albigenses uma das ramificações sectárias dos cátaros, deviam ser idênticos aos por estes adotados os seguintes pontos fundamentais de sua doutrina: — coexistência de dois princípios das coisas, o bom e o mau, como explicação do perpétuo conflito entre essas duas modalidades; — as almas, criaturas do bom princípio, sucumbiram às tentações do segundo, sendo que na opinião de partidários da seita, menos radicais — o princípio mau começara sendo bom e decaíra por orgulho; — Jesus é um anjo, enviado para salvar os homens pela revelação de sua verdadeira natureza; o característico geral desses sectários consistia na extrema pureza de costumes; — ascética era a moral que praticavam e o culto simples, consistindo em pregar e abençoar; — possuíam um episcopado, a que só ascendiam os “perfeitos”, que haviam recebido o batismo do espírito.

Foi, pois, a tais pacíficos dissidentes, entre cujos princípios teogônicos se encontram alguns, como se vê, senão idênticos, pelo menos semelhantes aos da igreja, como a doutrina, por esta sustentada, dos anjos decaídos, convertidos em demônios, e a do resgate do gênero humano por mediação do Cristo, que entendeu a igreja, levar a condenação e a morte, fazendo do seu extermínio um título de consolidação do seu poderio intolerante e exclusivo, de nada valendo, como atenuante sequer, a pureza de costumes dos “heréticos” e somente preocupada ela, a igreja, em impor, com a unidade de seus dogmas, a uniformidade de suas práticas, complicadas de ritos pagãos, a que opunha expressivo contraste a simplicidade, aos seus olhos odiosa, do culto praticado pelos albigenses.

Contra eles, em lugar da persuasão — apenas com intermitências empregada por alguns missionários da Palavra, como, entre outros, o excelso Antonio de Pádua — foram, portanto, sistematicamente brandidas as armas homicidas. E para concluir a obra de extermínio, que ainda não parecera suficientemente eficaz em seus resultados, o concílio de Tolosa decretou, em 1229, o estabelecimento do Tribunal, por ironia, denominado da “santa” Inquisição. Ali de começo instalado, com o objetivo imediato de extirpar “a heresia dos albigenses”, foi mais tarde pelo papa Gregório IX, que o organizara, ampliado o seu funcionamento aos demais países que tinham a infelicidade de estar sob o domínio de Roma. Porque esta, à medida que decorriam os anos, tinha a infelicidade, a seu turno, de estar sob o jugo cada vez mais opressivo do

Anticristo.

Os fatos que, em reforço do que precede, passamos sucintamente a enumerar, demonstração eu não exageramos.

*

*

*

Começemos por essa monstruosa instituição. Vasto sistema de espionagem e delação, duplicado de uma inconcebível aparelhagem de instrumentos de tortura, que jamais a mente criminosa do homem pudera inventar, sob as inspirações de um espírito verdadeiramente satânico, a Inquisição, sob o pretexto de combater a heresia, realizando a obra infernal do ódio e da vingança e, por três séculos consecutivos, espalhando o terror por quase toda a Europa, com a ceifa de milhares de vidas, não raro por meras e gratuitas suspeitas, convertendo os ministros do altar em algozes de seus semelhantes, ora destruindo os laços de família pela cruel obrigação, imposta aos seus membros, de mutuamente se denunciarem, às vezes caluniosamente, ora sufocando a liberdade de pensamento pela condenação à fogueira dos portadores de ideias novas ou contrárias ao feroz dogmatismo da igreja — Giordano Bruno, João Huss e o próprio Galileu, que teria sido vitimado, se não abjurasse a verdade do movimento da Terra, são casos documentais ilustrativos — a Inquisição, repetimos, invocando sacrilegamente o nome de Deus, isto é, perpetrando as nefandas páginas de sua história, e apregoando, por inaudito sarcasmo, que o fazia "para maior glória de Deus" — *ad majorem Dei gloriam* — constituiu a mais hedionda aberração do espírito do Cristianismo e, portanto, um triunfo assinalado daquele que tem sido até hoje o seu obstinado algoz.

Sim, foi sob a pressão do Espírito das trevas, substituindo-se ao sentimento e à consciência dos que se intitulavam representantes de Jesus — príncipe de paz e de misericórdia, evangelho vivo do amor, por cujo sacrossanto ministério viera salvar e não perder os homens, oferecendo em holocausto a sua própria vida — que a igreja, renegando por semelhantes atos o título de cristã, que de resto já vinha progressivamente conspurcando, como o temos visto, se tornou cúmplice na projeção daquela tremenda noite moral sobre a família humana, que veio a ser a Idade Média.

Não foi, ao demais, nos morticínios somente e nas perseguições desencadeadas nesse tenebroso período, senão também nos escândalos, depravação de costumes e lutas encarniçadas de ambições que se desenvolveram no seio da igreja — verdadeira nau desarvorada em meio de furiosas tempestades — que o Espírito do mal ostentou o seu predomínio sobre os incautos depositários da doutrina do Senhor, banindo-lhes do coração a fé e convertendo-os em filhos do século, escravos das paixões, a cujo influxo disputavam desvairadamente as coisas deste mundo.

Os dezoito anos de pontificado exercido por Inocêncio III são expressivo

testemunho dessa influência dominadora do Anticristo sobre uma consciência que se descuidara de conservar, com vigilante zelo, a pureza do sentimento cristão, revelado nos primeiros tempos de sua conversão.

Descendente, com efeito, de uma ilustre família e tendo recebido aprimorada educação, duplicada de sólido preparo intelectual, poeta, escritor, jurisconsulto erudito e estadista, que se revelou mais tarde, compôs, ainda moço, um tratado *DO DESPREZO DO MUNDO E DAS MISÉRIAS DA HUMANA CONDIÇÃO*, que foi considerado por críticos competentes “como expressão sincera de elevados sentimentos cristãos”. Tanto que, porém, recebeu a investidura pontifícia — aos 37 anos de idade — por forma tal se absorveu no torvelinho dos negócios políticos, que a sua passagem pela suprema direção da igreja patenteou tudo — habilidade, energia de caráter, visão percuciente e oportunista dos sucessos, argúcia, crueldade, espírito autoritário — menos o sugestivo encanto das virtudes evangélicas.

Preocupado, ao começo, de restabelecer — e com sucesso o fez — a ordem na administração dos negócios eclesiásticos e a disciplina do clero, conseguiu no curso do seu pontificado granjear para a igreja o máximo de autoridade e de poderio mundano, submetendo reis, comando-os e depondo-os, lançando interdito sobre reinos, se os imperantes ousavam porventura desobedecer-lhe, organizando cruzadas ao oriente e contra os albigenses — para tudo isso não recuando da prática de traições e violências, em que o sangue humano, por sua ordem ou com o seu assentimento, foi profusamente derramado.

E, todavia, se o seu pontificado marca o apogeu da influência e do prestígio secular da igreja na Idade Media, foi também durante ele que a verdadeira Igreja do Cristo diferente e antitética da igreja romana — por aqueles mesmos fatos e pela extrema dissolução dos costumes, que faltava uma legitima autoridade moral para refrear, conheceu uma de suas mais profundas crises, de que só logrou salvar-se pela intervenção de um excelso Enviado do Senhor, a que aludimos incidentalmente páginas atrás e de quem voltaremos a ocupar-nos em seguida.

Morto Inocêncio III em 1216, quando se dispunha, e o prometera, a pôr-se á frente dos guerreiros, na nova cruzada que organizam para ir á Terra Santa, e que veio a ser, como as outras, mais um desastre, recomeçou a desordem no seio da igreja romana, trabalhada por dissensões internas e agressões externas, que a política ambiciosa e autoritária do extinto papa havia, de necessariamente provocar, enredando-a na rivalidade das ambições e nas competições dos imperantes, em que interviera. De sorte que, no começo do século seguinte, sentindo-se ameaçado por seus súditos em Roma, o papa Clemente V deliberou refugiar-se em Avignon, para onde foi transferida a corte pontifícia, ali permanecendo ela 68 anos — de 1309 a 1377 — em meio de relativa tranquilidade e opulência, sob a proteção dos reis de França, indiferente à sorte do rebanho católico, agitado por perturbações e lutando com a miséria.

Para ter-se uma ideia aproximada da amoralidade dos costumes e da carência de escrúpulos de alguns dos intitulados "vigários do Cristo" que ali reinaram, basta atentar-se nos seguintes episódios, que a história registrou:

"A Clemente V sucedeu (1316), depois de uma vigorosa oposição, Jacques d'Euse, de Cahors, que tomou o nome de João XXII, e teve porfiadas contendas com Luiz da Baviera. Também se empenhou num grave pleito com os franciscanos, que sustentavam, em disputa com os dominicanos, que o Cristo e seus discípulos nada tinham possuído nem como indivíduos nem como igreja. "Coisa singular — comenta o historiador — os papas, cumulados de riquezas, condenavam as pessoas que reclamavam para si o direito de serem pobres!"

"Como era natural, a causa dos frades menores tornou-se popular e a luta desprestigiou o papa, contra o qual, por outra parte, o imperador publicava escritos violentos, encontrando apoio não só nos franciscanos, mas também da parte de muitos doutores, que se tinham aplicado a investigar os títulos e a examinar as bases da supremacia papal".

"João foi acusado de simonia e avidez; não se sabe, porém, até que ponto as acusações foram inspiradas pelo ódio. Conta-se eu costumava prover as dignidades em prelados da ordem imediatamente inferior, para desse modo abrir uma série de vagaturas e fazer uma série de nomeações rendosas para a câmara apostólica. Estabeleceu os preços das dispensas e outras concessões; quando morreu tinha em cofre dezoito milhões de florins do ouro.

"Sucedeu-lhe Jacques Fournier de Saverdun, com o nome de Bento XII (1334), homem tão humilde quanto piedoso e erudito, que disse aos cardeais: 'Elegestes o mais burro de todos'. Esmerou-se em corrigir quanto possível os abusos do reinado precedente. Limpou a corte pontifícia dos parasitas dotados com pingues benefícios, para nada fazerem, e emendou muitos desacertos.

"Pedro Roger, natural do Limousin, eleito depois dele com o nome de Clemente VI (1342), prometeu mercês a todos os clérigos pobres que se lhe apresentassem no prazo de dois meses. Apareceram-lhe perto do cem mil, e ele teve que dar a todos, graças às economias feitas pelos seus predecessores e aos muitos benefícios que haviam deixado vagos. Matheus Villani fala nestes termos de Clemente VI: — 'Tem a sua casa montada regiamente, conservando sempre uma mesa coberta de iguarias delicadas, além de outras mesas para cavaleiros e escudeiros, e muitos cavalos na estrebaria. Andava muitas vezes a cavalo por seu gosto e sustentava numerosa comitiva de cavaleiros e escudeiros. Gostava muito de fazer dos parentes altos personagens e lhes comprou vastos baronatos em França. Encheu a igreja de cardeais de sua família e nomeou alguns tão novos e de costumes desregrados que daí resultaram grandes abominações; a pedido do rei de França nomeou outros, alguns dos quais nem tinham a idade requerida. Nessa época não se tinha em atenção a ciência nem a virtude: tratava-se apenas do satisfazer a ambição de possuir o chapéu vermelho. Foi um homem medianamente ilustrado, muito

cavalheiroso, pouco religioso. Enquanto arcebispo não somente se não guardou das mulheres, senão que foi além dos costumes dos barões seculares. Quando papa, não soube conter-se nem ocultar-se mais que de antes, pois que as altas senhoras entravam nos seus aposentos como os prelados e, especialmente, uma condessa de Turenne, tão do seu agrado que era por intercessão dela que o papa concedia a maior parte das graças. Quando estava doente, as damas serviam-no e o dirigiam, como fazem aos seculares as suas próximas parentas. Distribuiu com mãos largas os tesouros da igreja'.

"Inocência VI (Estevão Aubert de Mont), que lhe sucedeu (1352), diligenciou restaurar o poder pontifício na Itália; moderou o luxo de sua corte e o dos prelados, expulsou os parasitas e as mulheres de má vida que tinham dado escandalosa celebridade a Avignon. Enriqueceu os sobrinhos e deixou a tiara a Guilherme de Grimoald, de Beauvais, pontífice ilustrado e bom cristão, que governou com o nome de Urbano V (1362)".

Esse papa, cinco anos depois, fez uma tentativa de transferência da corte pontifícia para Roma, onde foi recebido com grandes festas, aí permanecendo realmente algum tempo, mas voltando afinal para a Provença., onde morreu (1370).

Tais eram os costumes, como se vê, frequentemente dissolutos com que se edificava o povo; tais foram alguma das vicissitudes que acidentaram, nessa época, o papado, até que estalou o formidável escândalo do "grande cisma do Ocidente".

Assim se podem resumir os antecedentes, que imediatamente o prepararam.

"Gregório XI (Pedro Roger), da família dos condes de Belfort e de Turenne, sucessor de Inocência VI, foi um homem virtuoso, modesta, sábio e liberal. Impressionado com os males que presenciara, com as exortações de Catarina de Senna, com as revelações que lhe comunicava Brígida, regressou a Roma, apesar da oposição do rei e dos cardeais, e estabeleceu residência no Vaticano; mas, se. não, tornou a passar os Alpes, foi porque a morte lhe não deu tempo (1378).

"Tinha autorizado os cardeais a elegerem o novo papa por maioria de votos, sem esperarem pelos colegas ausentes, no intuito de abreviar a vagatura o mais possível. Ora, os romanos, temendo que o novo eleito voltasse para Avignon, cercaram o conclave de armas e tumulto, gritando: 'Queremos um papa romano!' Tocaram a rebate e ameaçaram entrar à força, para fazerem as cabeças dos cardeais tão vermelhas como os seus chapéus, se eles não elegessem um italiano. Os sufrágios recaíram, pois, em Bartolomeu Prignano, de Nápoles, eu tomou o nome de Urbano VI (9 de abril de 1378). Era homem instruído e consciencioso, melancólico e severo, muito mais severo do que o desejariam os cardeais; por isso, eles mesmos protestaram contra a eleição, com o fundamento de que não tinha sido livre. E, aceitando a proteção de Bernardo de Sala, chefe de aventureiros vasconços e bretões, que facilmente subjugou os romanos, matando muitos, elegeram, em Fondi, Roberto de

Genebra, que se ficou chamado Clemente VII (21 de setembro)."

Foi esse o começo do grande cisma, que durante meio século — de 1378 a 1429 — atormentou a existência da igreja, mas cujas fases não interessa acompanharmos, bastando-nos, para o objetivo que nos preocupa, assinalar alguns de seus efeitos e sucessos principais.

Reconhecido Urbano VI na Itália, Alemanha, Inglaterra, Dinamarca, Suécia, Polônia e no norte dos Países Baixos, e Clemente VII em Nápoles, França, Escócia, Saboia, Portugal, Lorena e Castella, enquanto as outras potências se conservavam hesitantes, ficou “dividida a cristandade em dois partidos inimigos, que se combateram com todas as armas e reciprocamente se acusaram de usurpação e heresia”, com sensível perda de prestígio para o papado, cuja autoridade os príncipes aproveitaram o ensejo para cercear.

“Os dois pontífices se excomungaram um ao outro. Clemente VII, estabelecido em Avignon, multiplicou os cardeais, prodigalizou expectativas, converteu o Estado pontifício em *Reino de Adria*, em favor de Luiz d'Anjou, tudo para angariar partidários e arranjar dinheiro. Por sua parte, Urbano VI, atormentado pela desconfiança, sustentava-se exercendo rigores sanguinários, ordenando suplícios como um tirano feroz, sem ter a menor consideração pelo caráter ou pela idade dos prelados e cardeais, acumulando excomunhões escandalosas e decretos mais escandalosos ainda, inspirados pelo seu próprio interesse e não pela conveniência da igreja”.

Por sua morte, os prelados que lhe tinham sido fiéis elegeram Bonifácio IX (novembro de 1389), que ocupou à viva força a cidade de Roma e as outras possessões da igreja, “todas dilaceradas pelas facções e devastadas pelos bandos de aventureiros”. Em setembro de 1394, os cardeais que sustentavam Clemente VII, falecido este, elevaram, por seu turno, ao trono pontifício Bento XIII (Pedro de Luna), “um ambicioso astuto”, que só tratou, como o seu rival, de consolidar-se no poder e enriquecer os seus partidários.

Nesse conflito de ambições, chegou um momento em que houve três papas simultaneamente: Bento XIII, Gregório XI e Alexandre V.

O concílio convocado para Constança e aí reunido em 1414, com o objetivo de pôr termo ao cisma e operar uma reforma radical nos costumes da igreja, em lugar do esperado sucesso, contribuiu para lançar novos germens de perturbações, uma de cujas consequências foi a condenação de João Huss à fogueira, como agitador popular, que reclamava as reformas, cuja necessidade todos reconheciam e fora mesmo, como fica dito, um dos motivos da convocação do concílio.

Os efeitos desmoralizadores, resultantes da anarquia que se estabelecera no papado, podem ser, entretanto, assim resumidos:

“Os papas, empenhados em angariar partidários a todo custo,

prodigalizaram privilégios, fizeram-se cúmplices de abusos e usurpações e, injuriando-se uns aos outros, perderam o prestígio, que era um das suas maiores forças. Os símbolos deixaram de ter significação logo que a sociedade se tornou inteiramente prática, e todos viam com desgosto a corte pontifícia, que, vivendo no mundo, se deixara dominar pelas paixões mundanas, contraíra os costumes dos poderes seculares fazia de religião um meio de governo, especulam com as coisas santas e traficava com títulos reservados, provisões apostólicas, anuidades, rendimentos intermediários e outras coisas desse gênero.

“A depravação da corte do Avignon, onde parecia costume o que noutras partes é vício, onde a impureza se associava à perfídia e à baixeza, tinha feito recair desprezo sobre o que antigamente era venerado e o povo ia perdendo o espírito de obediência. À proporção que os pontífices perdiam a autoridade moral para mandar.”

Não é necessário, por novas, pormenorizadas citações, carregarmos nas cores sombrias desse quadro, para ficar demonstrada, como o assinalávamos há pouco, a pressão exercida pelo Anticristo no seio da igreja, em que imperava como soberano e quase sem contraste.

Arrebatados, com efeito, no turbilhão do século, haviam se extinguido na consciência dos pontífices e do clero em geral, para cederem de preferência às sugestões do Tentador, os derradeiros ecos daquela advertência de Jesus aos seus discípulos:

"Sabeis que os príncipes das gentes dominam os seus vassalos e que os que são maiores exercitam sobre eles seu poder. Assim não será entre vós outros; mas entre vós o que quiser ser o maior, seja o que vos sirva. E entre vós o que quiser ser o primeiro, seja esse o vosso servo."

Não era o contrario disso, como temos visto, o que praticavam os infieis depositários da doutrina do Senhor? De tal modo se lhes havia obdurado o entendimento, que permaneceram surdos e cegos, não apenas ao que poderiam considerar os longínquos ensinamentos do Evangelho, mas a uma grande lição e a um eloquente exemplo de atualidade que, naquela mesma tenebrosa Idade Média, o Senhor, em sua infatigável misericórdia, entendeu lhes enviar.

*

* *

Em meio ao tumulto das armas, ao aviltamento dos costumes e ao crepitar das fogueiras, com que a "santa" Inquisição insultou as pacíficas tradições do Cristianismo, naquele tormentoso período, em que muitos se detêm a admirar a construção, indubitavelmente, maravilhosa das catedrais, como expressão do

pensamento religioso insculpido em arabesco de pedra, o que, a nosso ver, sobressai e permanecerá como incomparáveis contribuições para a obra da civilização verdadeiramente cristã, são: a *IMITAÇÃO DO CRISTO*²² e o apostolado de Francisco de Assis.

Escrita no silêncio do claustro por um frade, cujo nome se conservou ignorado, pois que ele mesmo se absteve, humilde e cuidadosamente, de o lançar no manuscrito, encontrado só depois de sua morte, a *IMITAÇÃO DE CRISTO*, pela singeleza do estilo em que está vazada e que tanto, ainda nisso, a aproxima do Evangelho, tornando-a a muitos respeitos o seu complemento natural, mas sobretudo pelos lampejos de inspiração divina que nela perpassam, não obstante refletir frequentes vezes o ambiente sombrio da época e do meio claustral, constitui um brado exortativo a todas as consciências, um convite misericordioso do Senhor a todas as almas famintas de libertação e de socorro.

Nesse verdadeiro manual da perfeição cristã, o seu iluminado autor, se algumas vezes flagela, com amargura espiritual, que não com virulência, os desregramentos do seu tempo, em frases como esta: “Ah! Se tanto zelo empregassem em extirpar os vícios e plantar virtudes, como em ventilar questões, tantos escândalos não haveria entre o povo, nem tanta relaxação nos claustros!” — aplica-se de preferência a atrair os homens para as excelsitudes da vida interior, levantando-lhes as aspirações para as realidades eternas com desprezo das coisas transitórias. Identificado com o pensamento do Mestre, a tal ponto que chega a dele fazer-se, iterativamente, a expressão pessoal, autorizada e viva, quando exorta: “Filho, do céu baixei por tua salvação; assumi tuas misérias, não obrigado, só por amor: para ensinar-te a paciência e a sofreres sem revolta as presentes misérias”, ora entremostra os arcanos da Sabedoria pela iluminação interior, mediante uma vida imaculada: “Bem-aventurado aquele a quem a Verdade ensina., não por figuras e vozes que passam, mas por si mesma e como em si é,” ora, penetrado do sentimento de renúncia, em que culmina a iniciação do crente, e advertido de que o padecer dores no corpo ou no espírito — inseparável contingência de toda criatura humana — representa lei inevitável numa esfera de aperfeiçoamento como a Terra, traça aquele magistral capítulo, “Do real caminho da Santa Cruz”, em que faz eloquente apologia do Sofrimento e acena a. todos, que sob ele vergam, com as radiosas compensações que o futuro lhes reserva.

“Diante foi o Senhor com a cruz às costas — diz ele — e por teu amor na cruz morreu, para que tu também leves a tua cruz e aspire a morrer na cruz; porquanto; se com Ele morreres, com Ele também viverás, e se fores seu companheiro na pena, também o serás na glória”.

²² Obra publicada no século XV originalmente sem menção ao seu autor, e mais tarde atribuída ao padre alemão Tomás de Kempis (1379-1471), já que, depois de sua morte, manuscritos do livro foram encontrados com a sua assinatura. Seu teor é o “cristocentrismo”, uma apologia à adoração ao Cristo para a salvação da alma — N. E.

Pois bem, esse livro, que tem atravessado os séculos e conta maior número de edições e de traduções em todas as línguas que outro qualquer até hoje publicado, esse livro, que tem derramado no mundo tantas consolações e dissipado tantas perplexidades, pois que em qualquer página que, ao acaso, seja, aberto por uma criatura aflita, lhe oferecerá sempre uma advertência, um oportuno esclarecimento e um conforto, esse livro — repetimos — dir-se-ia que escrito pelo Senhor, servindo-se da mão e do cérebro de um de seus mais humildes, estudiosos e fiéis discípulos, parece não ter exercido a mínima influência nos ministros da igreja, aos quais, em grande parte, era evidentemente dirigido, prosseguindo eles nos seus desvarios, sempre obcecados pelas ideias de grandeza e ambições materiais, escravizados que se conservaram sempre às tenebrosas sugestões do Anticristo.

Quando muito, o apreço que teriam ligado àquele admirável conjunto de ensinamentos da mais pura moral cristã, parece ter consistido em introduzir-lhe, com profanadora mão, alguns enxertos e acréscimos, sobretudo no derradeiro, dos quatro “livros”, que remata o volume, com a visível intenção de o acomodar às práticas devocionais, em que o clero interesseiro fez timbre em conservar de preferência obediente o rebanho católico.

Um exame atento daquela obra divinamente inspirada, em cujo “Livro primeiro” são dados “Avisos para a vida espiritual”, no segundo, “Exortações à vida interior”, cujo “Livro terceiro” trata “Da interna consolação” e o quarto e último “Do S. S. Sacramento”, revela, com efeito, nalguns lugares, em que a pureza do estilo se patenteia adulterada, e sobretudo no derradeiro “livro” uma preocupação exclusivista de atrair os crentes menos para a identificação com o pensamento evangélico, do que para a observância de práticas exteriores, cuja inutilidade, entretanto, o verdadeiro autor da *IMITAÇÃO DO CRISTO* põe de relevo em mais de uma passagem dos anteriores capítulos de sua indubitável redação.

Compreende-se que, se um instintivo respeito coagiu os representantes da igreja a manter intactos os grandes ensinamentos espirituais do iluminado autor, embora considerando-os porventura unicamente aproveitáveis para “pessoas crédulas”, nenhum inconveniente, a seu ver, resultaria de adaptarem por último a divina oferta aos interesses particularistas da igreja.

Damos nisto uma impressão pessoal, eu a nossa consciência e sinceridade nos impunham exprimir, submetendo-a contudo ao critério dos estudiosos imparciais que, como nós, busquem a verdade sem preocupações e exclusivismos apriorísticos, impressão que a história da igreja e sua contumaz infidelidade ao pensamento do Mestre e aos seus ensinamentos autoriza, sem temor de gratuitas suspeitas.

De todo modo, o que os fatos demonstram é que, a não ser a criminosa deturpação de que as apontadas circunstâncias denunciam ter sido objeto a *IMITAÇÃO DO CRISTO*, nenhum outro apreço mereceu da igreja o divino convite à reconciliação

com o espírito do Cristianismo, que suas páginas imortais, de fato, encerram.

*
* *

O mesmo se pode, infelizmente para ela, dizer da magnífica obra realizada, com idêntica intenção, no começo do século XIII, por esse outro iluminado, verdadeiro espírito celeste, que se chamou Francisco de Assis.

A semelhança de Saulo, no período anterior ao desabrochar de sua vocação, mas de um caráter diametralmente oposto ao do convertido de Damasco, pela compassiva doçura e jovialidade, que era o traço fundamental da sua índole, o "poverello" de Assis apresenta um contraste expressivo entre os primeiros anos de sua mocidade, dissipada em estroinices levianas, e a fase imediata, de consagração integral ao serviço do Senhor, em que se revelou a mais completa, a mais fascinante personificação das virtudes evangélicas.

De origem plebeia, filho que era do mercador Pedro Bernardone, que se enriquecera no comércio de fazendas, escassa foi a instrução que recebeu e que, mesmo depois de convertido, não se preocupou de ampliar além do indispensável ao exercício do seu ministério, conservando assim a mente liberta das sutilezas teológicas e o coração inteiramente livre para amar com fervor e servir com fidelidade à causa de Jesus. Como, por outro lado, nunca veio a receber as ordens sacras, conservando-se sempre um filho do povo, mais propriamente, um leigo militante do Evangelho, essa mesma ignorância, eu as efusões transfiguradoras do Senhor iluminavam de sabedoria, o preservou das seduções e do contágio da igreja oficial.

Até aos 20 anos repartia a sua atividade entre os misteres da loja de seu pai e as estroinices a que o arrastavam a sua imaginação e o pendor para as aventuras, quando, ao rebentar, em 1202, o dissídio entre as cidades de Assis e Perúgia, alistou-se e combateu pela causa popular da primeira, caindo, porém, prisioneiro e ficando detido como refém um ano inteiro.

Assinada a paz de 1203, foi restituído à liberdade e recomeçou a mesma vida de dissipações, de que lhe resultou adoecer gravemente e ter de pedir aos ares tonificantes das montanhas da Úmbria a restauração das energias combalidas.

Durante essa crise de enfermidade a graça do Senhor o visitou, infundindo-lhe ao começo um desgosto profundo pela "vã saciedade dos prazeres a que se entregara", e, em seguida, mediante sonhos reveladores, despertando-lhe vivo o sentimento de sua vocação, cujo verdadeiro rumo, todavia, não se lhe apresentou senão depois de angustiosas perplexidades e porfiadas lutas interiores.

Um primeiro sonho pareceu indicar-lhe que estava-destinado a combater pela glória do Senhor, incorporando-se aos Cruzados, que por esse tempo se organizavam

para ir à Terra Santa reivindicar o Santo Sepulcro. Alistou-se, por isso, no exército de Gauthier de Brienne, que andava pelejando por conta do papa Inocêncio III. Novo sonho, porém, o dissuadiu, mostrando-lhe a inanidade das glórias cavaleirosas e fazendo-lhe sentir que não aos servos, improvisados em guerreiros, mas ao Senhor diretamente, empunhando as únicas armas espirituais e com desprezo do mundo, é que devia obedecer.

Regressa a Assis, com extrema surpresa dos seus conterrâneos e, retirado do convívio dos companheiros de estroinice, refugia-se frequentemente no ermo, a procurar no recolhimento e na oração as inspirações para a escolha da direção que conviria imprimir a sua vida. A tranquilidade do ambiente, a paz religiosa que sentia penetrar-lhe a alma o induziam a preferir a vida contemplativa como refugio e defesa contra as seduções e o tumulto do século. A piedade, porém, pelas misérias do mundo e a profunda simpatia humana que sempre manifestam por todos os sofredores e por assim dizer, o substrato de sua natureza comunicativa e amorosa, o convidaram à ação. Mas de que modo?

Nessas dolorosas perplexidades se lhe atribulava o espírito, até que um dia, entrando na pobre e arruinada capela de S. Damião, como tantas vezes o fizera, prosternado em oração diante do altar, julgou receber a orientação, eu procurava, ouvindo, maravilhado e enternecido, a voz do Senhor, que lhe dizia: "Vai, Francisco, restaura a minha casa que, como vês, ameaça ruína".

Era, com efeito, a deslumbradora revelação, que o Senhor lhe fazia, da missão espiritual a que o destinava. Amortalhado contudo nas obscuridades da matéria, não tendo ainda aberto o entendimento à nítida percepção das divinas verdades, interpretou Francisco literalmente a amorosa intimativa e entrou resolutamente a trabalhar pela restauração material do pequenino templo, logrando mediante esmolas, que diligentemente pedia, ver, no prazo de três anos, concluída não somente essa obra, mas as da igreja de S. Pedro e do santuário de Nossa Senhora dos Anjos, ou da Porciúncula, para as quais do mesmo modo trabalhou.

Foi somente ao fim desse tempo, isto é, em 1209 que, assistindo á missa nessa mesma igreja da Porciúncula, a verdadeira natureza da sua missão, como súbita claridade, lhe penetrou o espírito, ao ouvir o celebrante ler os seguintes versículos do Evangelho, contendo as instruções dadas por Jesus aos seus discípulos:

"Ide e pregai, dizendo que está próximo o reino dos céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios, daí de graça o que de graça recebestes. Não possuais ouro nem prata, nem tragais dinheiro nas vossas cintas, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento."

Compreendeu então o sentido espiritual daquelas palavras que o Senhor lhe fizera ouvir na capela de S. Damião: a Casa, na. Iminência de ruína, que Ele lhe ordenara saísse a restaurar, não eram os templos de pedra, mas a Igreja cristã, em

sua verdadeira significação — *ecclesia* — formada pela comunhão dos crentes, periclitante, de um lado, pelas deturpações e pelos exemplos desmoralizadores dos ministros do culto, do outro e como consequência, pelo declínio da fé e da caridade patenteado na dissolução dos costumes e na indiferença religiosa que lavravam, como sintomas alarmantes, entre o próprio povo.

Quis, não obstante, obter uma confirmação da verdade que se lhe patenteara e, encaminhando-se pouco depois, com dois companheiros, Bernardo de Quintavalle e Pedro de Catania, cônego da catedral de Assis, à igreja de S. Nicolau, tomou do altar o Evangelho e lhes releu o trecho que decidira de sua vocação, tendo tido o cuidado de se recolherem previamente, a fim de receberem, pela prece, a inspiração que desejavam.

Assentindo eles, com ânimo resolutivo, àquele programa de ação, Francisco de Assis formulou solenemente o compromisso, dizendo-lhes: “Irmãos, eis a nossa vida e a nossa regra e de todos que se nos queiram agregar”.

Assim deliberados, Bernardo de Quintavalle distribuiu pelos pobres os bens que possuía e, em companhia de Pedro de Catânia e do patriarca — informa um seu biógrafo — “que lhes lançou o hábito, composto de uma túnica de burel e uma corda”, encaminharam-se os três para a Porciúncula, onde construíram pobres cabanas, para se abrigarem, tendo em volta uma sebe que lhes servia de muro. O claustro — e que melhor lugar para o recolhimento e a oração a Deus? — era a floresta em torno.

Com essa absoluta singeleza estava criada a Ordem franciscana ou, mais propriamente, dos “irmãos menores”, como a denominou intencionalmente o seu fundador, empenhado em fazer da Humildade e da Pobreza, que imortalizaram seu ministério e o seu nome, os alicerces do edifício — renovação do primitivo — em que vinha convidar a abrigar-se a cristandade, na iminência de extravio.

E como um tímido veio d'água, que em breve se fazia caudal irresistível, começou a obra de evangelização pela prédica e o exemplo, não sem molestas resistências iniciais, opostas pela ignorância popular. Para obterem o alimento, ora ajudavam os agricultores nos trabalhos de colheita, ora esmolavam pelas ruas, expostos a irreverência dos garotos.

“Quando mendigavam pela cidade, sofriam não poucos vexames, sobretudo das famílias dos penitentes, as quais lhes não perdoavam a perda das riquezas”.

Deles se ocupa a *LENDA DOS TRÊS COMPANHEIROS*, nestes termos:

“Muitos tomavam os irmãos por mariolas ou doidos e se recusavam a recebê-los em casa, com receio de serem roubados. Assim, em muitas localidades, depois de terem recebido toda a sorte de ultrajes, não achavam outro refúgio, á noite, senão os portais das igrejas ou das casas.

“Havia pessoas que lhes atiravam lama, outras lhes metiam dados nas mãos e os convidavam a jogar; outras se lhes penduravam do capuz e deixavam-se arrastar assim. Vendo, porém, que os irmãos estavam cheios de alegria no meio das

tribulações, que não recebiam nem levavam dinheiro e, pelo amor uns aos outros, se faziam reconhecer como verdadeiros discípulos do Senhor, muitos sentiam-se arguidos no coração e lhes vinham pedir perdão das ofensas. Eles lhes perdoavam de todo o coração, dizendo-lhes: "O Senhor vos perdoe". E lhes davam piedosos conselhos sobre a salvação da alma".

Com esse poder incoercível do amor e da humildade conseguiram não somente vencer as desconfianças e oposições da turba ignorante, mas ver aumentar o número dos irmãos, como eles, resolvidos a adotar a mesma vida de renúncia, para pregar e exemplificação dos ensinamentos de Jesus.

Francisco de Assis, entretanto, guiado sempre pelas inspirações do Alto, pressentindo o perigo que haveria para a sua obra em desenvolver-se à revelia e sem permissão da autoridade pontifícia, no ano seguinte, isto é, em 1210, partiu para Roma, com alguns companheiros, a fim de pedir a Inocêncio III a aprovação da "regra" que organizara para a comunidade. Repellido ao começo com rudeza, terminou por obter a desejada aprovação, graças a uma expressiva alegoria com que, descrevendo a investidura da missão que o Senhor lhe havia dado, logrou vencer a resistência do pontífice.

De regresso a Assis, já não teve que pregar diante de auditórios improvisados, que se formavam nas ruas e nas praças públicas, aos quais — informa ainda o cronista — "juntavam membros do clero secular, monges, homens instruídos e mesmo ricos, nem todos certamente se convertendo, mas sendo-lhes impossível esquecer aquele desconhecido que um dia tinham encontrado no caminho e em algumas palavras lançara a perturbação e o temor até ao fundo de seus corações".

A situação mudara. As pessoas que o tinham como herege, a ele e aos seus companheiros, se tranquilizavam, sabendo-o munido de autorização do sumo pontífice, e Francisco entrou a pregar na igreja de São Jorge, em breve tornada insuficiente para conter a multidão que acorria a ouvi-lo, de sorte que teve que transferir as suas prédicas para a catedral de Assis, crescendo sempre o número dos que a sua palavra inspirada convertia à fé e ao serviço do Senhor.

As pobres cabanas, por isso, já não bastavam também para abrigar o crescente número dos irmãos que entravam para a Ordem, valendo-lhes nessa conjuntura a generosidade dos beneditinos, que lhes fizeram doação do santuário da Porciúncula, para uso perpétuo da nova comunidade.

A glória, o esplendor perfeito da Ordem dos irmãos menores aí expandiu durante 10 anos, período em que viveu santamente impregnada do espírito cristão, consoante a regra de 1210, a qual, vazada em preceitos e versículos do Evangelho, "derivava quase unicamente da fascinação exercida pelo santo" — refere um seu biógrafo. — "Segui-la, era imitá-lo; aceitá-la, era crer nas suas palavras com uma fé interior perfeita e ardente."

"Tudo — prossegue — se passava com simplicidade inaudita. Em teoria, a

obediência ao superior era absoluta; na prática, vemos a cada instante Francisco dar aos companheiros completa liberdade de ação. Entrava-se na Ordem sem noviciado de espécie alguma: bastava dizer a Francisco que se queria levar com ele a vida de perfeição evangélica e prová-lo, dando aos pobres tudo o que se possuísse."

Em 1212 ingressaram na Ordem os mais notáveis companheiros do patriarca: Silvestre, João, Masseo, Junipero, Rufino e Leão.

Nesse mesmo ano, a jovem Clara, de família dos Seiff, que se extasiava a ouvir Francisco pregar na catedral de Assis, resolvida a abandonar a vida faustosa da sociedade a que pertencia e dedicar-se no serviço da pobreza, abandona a casa paterna, em companhia de duas amigas; e faz perante o patriarca o voto de consagrar-se à vida de caridade cristã. Contava 18 anos de idade.

Com a nova doação, feita pelos monges de S. Bento, da capela de S. Damião, pôde santa Clara instalar a sua comunidade, cuja residência era um hospital, para onde Francisco de Assis enviava os enfermos, principalmente leprosos.

Aí — para resumirmos estas indispensáveis referências — durante quarenta e dois anos realizou a santa, ou melhor, a irmã Clara uma fecunda obra de evangelização pelo fato, paralela à de Francisco de Assis, induzindo as pessoas do seu sexo a renunciar como ela às vaidades do mundo, não para se engolfarem na vida exclusivamente contemplativa, mas alternando a ação com a contemplação, para operarem prodígios de caridade cristã, pela assistência aos leprosos, com que imortalizaram, por sua parte, o apostolado franciscano.

*

* *

Voltemos ao patriarca.

Entre as numerosas conversões que obteve, conta-se, em 1213, a do fidalgo Orlando de Chiusi de Consentino, eu ofertou à Ordem a propriedade do Mont'Alverne, tornado célebre não somente pelas demoradas visitas que a ele fez posteriormente o apóstolo, mas pelo fenômeno de estigmatização, que aí se lhe produziu e de que adiante falaremos.

Prosseguindo a obra de evangelização com êxito crescente, quer pela entrada de novos irmãos na Ordem, quer pelo acolhimento que da parte do povo encontrava, operando sensível ressurgimento da fé e melhorando os costumes, promovendo, numa palavra, uma verdadeira restauração, pelo menos parcial, da Igreja Cristã, houve que ampliá-la a outros países da Europa e ao Oriente, para onde Francisco enviou alguns de seus abnegados companheiros, seguindo ele mesmo, em 1219, com outros irmãos para o Egito, a anunciar a Boa Nova.²³

²³ Dos frutos dessa evangelização nos dão notícia os trechos seguintes de uma carta de Jacques de Vitry, citada pelo cronista de cujos depoimentos nos temos ocorrido:

Antes disso, porém, ocorreu um sucesso que merece destaque. Levado a Roma pelo cardeal Hugolino, que tomara como protetor da Ordem, contra a má vontade do sacro colégio, e obrigado a pregar diante do papa, Francisco de Assis, tendo preparado a sua oração, no momento de a proferir, esqueceu completamente o que escrevera e humildemente e confessou. Mas tão inspirado logo se sentiu que improvisou um eloquente discurso, com que subjugou toda a assistência.

Ali sofreu ele a primeira investida contra a pureza institucional da sua comunidade. Encontrando-se com o patriarca da Ordem dominicana, pretendeu este induzi-lo a fundir na dele a Ordem franciscana, para satisfazer os desejos do papado e também para melhor desse modo retribuir os favores que da cúria romana recebera, em virtude dos quais não hesitara em adotar na sua comunidade a regra de S. Agostinho.

Francisco de Assis opôs-se formalmente: "queria isolada e simples a sua querida Ordem dos irmãos menores".

O inimigo, entretanto, não desanimou. Enquanto Francisco evangelizava no Oriente, o cardeal Hugolino, que só hipocritamente se fizera protetor dos franciscanos, impunha às claristas a regra beneditina, a que tanto opusera o patriarca, ao mesmo tempo em que os substitutos deste no governo da Ordem, atraindo a confiança que neles fora depositada, "mitigavam os votos, multiplicavam as observâncias, precipitavam a Ordem na imitação das antigas, adstringindo-a a meras prescrições ritualísticas".

Avisado Francisco de Assis do que ocorria, regressou imediatamente do Egito e ficou desolado, ao encontrar "evidentes sinais de relaxação: os frades já eram proprietários", violando assim o voto de pobreza absoluta que haviam feito.

Recorrendo ao cardeal Hugolino, este, em lugar de apoiar o patriarca, procurou convencê-lo de que "convinha entrar a Ordem sem demora no regime habitual do catolicismo, aceitando as concessões de Roma". O privilégio das irmãs claristas foi cassado, e o papa Honório III expediu em 1220 uma bula modificando os dispositivos da regra franciscana.

Diante desse criminoso desmoronamento da sua amada comunidade, no que se refere ao espírito em que fundamenteiramente a instituíra Francisco de Assis, com a alma traspassada de amargura, reuniu em setembro daquele ano o último capítulo geral, a que presidiu, e abdicou suas funções em Pedro do Catânia, dizendo aos companheiros: "Doravante, irmãos, morri para vós; mas eis aqui o irmão Pedro de Catânia, a quem todos vós e eu obedeceremos".

"Tenho a dizer-vos que Maitre Reynnier, prior de S. Miguel. Entrou na Ordem dos Irmãos Menores, ordem eu por todos os lados se multiplica muito, porque imita a Igreja primitiva e segue em tudo a vida dos apóstolos.

"O mestre desses irmãos chama-se o irmão Francisco: é tão amável que se faz venerar por todos. Vindo para o nosso exército, não temeu, por zelo pela fé, as iras dos nossos inimigos.

"Colin, o inglês nosso letrado, entrou na mesma Ordem, assim como dois outros dos nossos companheiros, Miguel e D. Matheus, ao qual eu tinha confiado o curato da Santa Capela. Castor e Henrique fizeram o mesmo, bem como outros cujos nomes esqueço."

Fiel aos seus sentimentos de humildade, não tendo embora senão lágrimas no coração para presenciar a deturpação da obra que com tanto amor edificara, conservou-se o patriarca na prometida obediência, assistindo ainda ao capítulo geral de 1221, em que Pedro de Catânia foi, a seu turno, substituído pelo irmão Elias.

Terminara para a Ordem o período de inspiração e liberdade, entrando ela no regim de absoluta sujeição à igreja.

"O santo — informa o cronista — deixando a Porciúncula, buscou a solidão nas montanhas da Úmbria. Em 1224 assistiu ele pela última vez ao capítulo geral, dirigindo-se em seguida, com os irmãos Masseo, Ângelo e Leão, para o famoso Mont 'Alverne".

Aí ocorreu, na manhã de 14 de setembro, após uma longa vigília de penitência e oração, o fenômeno de estigmatização, a que aludimos.

"Nos raios quentes do sol a erguer-se, o qual, sucedendo ao frio da noite, vinha reanimar-lhe o corpo, distinguiu de repente o santo uma forma estranha. Um serafim, asas abertas, voava para ele dos confins do horizonte, inundando-o de alegrias inexprimíveis. No centro da visão aparecia uma cruz e o serafim estava pregado nela. Quando a visão desapareceu, sentiu que às delícias do primeiro momento se juntavam dores pungentes. Profundamente confundido, procurou com ansiedade a significação de tudo isso e encontrou, impressos em seu corpo os estigmas do Crucificado".

Tratou de ocultar humildemente os sinais glorificadores, passando desde então a andar calçado e escondendo as mãos nas mangas do hábito, mas não tardou em ser descoberto, daí lhe provindo a conhecida designação de "São Francisco das Chagas".

Em fins de setembro deixou para sempre, com profunda saudade, o Mont' Alverne, dizendo adeus às árvores amigas e seguindo para a Porciúncula, onde pouco se demorou, entrando em seguida a evangelizar o sul da Úmbria.

Era já o ocaso da sua missão. Ferido no amor exuberante com que servia ao Senhor e que se desdobrava enternecido por todos os seres da criação, não era mais que uma sombra angustiada e errante daquele jovial *condottiera* do Bem, que fraternizava com as aves, entoando, de concerto, hinos de glorificação ao Criador; que tirava as formigas e as lagartas do caminho, para não serem pisadas, e agasalhava na manga do hábito as cigarras, que lhe vinham cantar na palma da mão; que, em sua profunda humildade, não apagava as lâmpadas e as velas, "para não profanar a luz com o seu sopro", nem amarfanhava uma folha de papel escrito, porque podia, conter as letras com que se escreve o nome de Jesus. O poeta, que compusera o maravilhoso "Hino do Sol", que celebrará as cariciosas belezas da água, como das mais preciosas dádivas de Deus às criaturas deste mundo e tecera apaixonados madrigais a Dona Pobreza, continuava, sim, a bendizer e louvar o Criador por tudo e por todas as coisas, sem exceção do próprio sofrimento, com que exalta e aperfeiçoa as potencialidades da alma humana, mas não podia esquivar-se à infinita amargura que

lhe resultava de ver lançada por terra a obra com que, no seu expressivo dizer, "Deus quisera fazer um novo pacto com o mundo".

Esse traumatismo moral não podia deixar de afetar-lhe profundamente o organismo. Adoeceu, por isso, mais de uma vez gravemente, sendo removido, em busca de melhoras, para a ermida de Monte Colombo, perdida entre arvores e rochedos, e mais tarde para Siena, sem resultado, sendo acometido de vômitos de sangue.

Quis então voltar para a Úmbria. "Tinha pressa em rever a sua Porciúncula e os mais lugares que se avistam dos terraços de Assis e tão doces recordações lhe avivavam".

Numa de suas mais agudas crises viram-no, ardendo em febre, levantar-se de repente na cama e bradar com desespero: — Onde estão os que me roubaram os irmãos? Onde estão os que me roubaram a família?

"É necessário recomeçar — pensava alto — criar uma nova família, que não esqueça a humildade: ir servir os leprosos e, como outrora, pormo-nos sempre, não só em palavras. mas na realidade, abaixo de todos os homens".

Na Porciúncula ditou um testamento para os irmãos menores e ditou outro para as filhas de santa Clara, "que interessados fizeram desaparecer".

Aproximava-se desenlace, cujas particularidade resumimos. Do palácio episcopal de Assis, onde ocorrera a derradeira crise, foi a seu pedido carregado pelos companheiros para a sua querida Porciúncula, detendo-se em caminho, para abençoar a cidade e dirigir-lhe, num comovida prece ao Senhor Jesus, os últimos adeuses.

Nu dia primeiro de outubro (1226) mandou, que, despido, o deitassem na terra: queria morrer nos braços de sua dama, a Pobreza. Reposta no leito, a todos pedia perdão e abençoava.

Da radiosa serenidade, com que encarava a sua próxima libertação, pode ajuizar-se pela despedida que antes, ainda em Assis, dirigira aos companheiros, exortando-os: "Adeus, meus filhos; ficai sempre no temor de Deus, ficai sempre unidos em Jesus. Grandes provações vos estão reservadas; a tribulação vem perto. Felizes os que perseverarem como começaram, pois haverá escândalos e cisões entre vós. Eu vou para o Senhor e para o meu Deus. Sim, tenho certeza de que vou para Aquele que eu servi".

Depois disso, ainda reuniu ao pé de si os irmãos Ângelo e Leão e entoou com eles o cântico em louvor da morte corporal.

O desenlace, porém, só veio a ocorrer na Porciúncula, como íamos descrevendo, ao cair da, tarde de 3 de outubro, verificando-se por essa ocasião um tocante sucesso, assim narrado pelo irmão Boaventura:

"À hora do passamento, as cotovias, aves que amam a luz e temem as sombras do crepúsculo, juntaram-se em grande número sobre o teto da casa, embora se

aproximassem as sombras da noite, e, esvoaçando com certa alegria desusada, entraram a dar testemunho, tão grandioso quão evidente, da glória do santo, que costumava convidá-las para louvarem a Deus”.

Saudado assim, do lado de cá, por esse coro de inocentes e delicadas criaturas, que um poder divino punha indubitavelmente em alvoroço naquele momento, para confusão dos néscios e edificação dos sábios, penetrou os umbrais da imortalidade e foi, do lado de lá, recebido entre hinos glorificadores dos anjos do Senhor, aquele que, fiel até a morte, O servira, com todas as potencialidades de sua alma, ébria de amor divino, e tudo fizera realmente para cumprir a determinação de "restaurar a sua Casa, na iminência de ruína".

Pouco importa que, na obnubilação da consciência, que os infelicitava, não tivessem os detentores da direção visível da igreja aproveitado a misericordiosa lição e advertência que, pelo humilde "poverello" de Assis, lhes enviara o Senhor e de que voltaremos, no próximo capítulo, a ocupar-nos com o possível desenvolvimento. Nem por isso a obra franciscana, por sua repercussão nos costumes e na restauração da fé, entre membros do clero e no seio do povo, deixou de ser uma fecunda tentativa de salvação da igreja, indubitável, embora temporariamente apenas, obtida, amparando-a contra os mais graves efeitos da crise que a assoberbava e — tal a pressão oculta que a desorientava — apenas mitigada, não tardou em recrudescer, como vimos páginas atrás, desdobrando-se nos séculos imediatos.

Rematemos, por agora, as referências ao sublime "poverello", por muitos com justo título denominado "o Cristo da Idade Média", assinalando que o prestígio de suas virtudes de tal modo universalmente se impusera que, menos de dois anos após o seu desprendimento, isto é, aos 26 de julho de 1228, com inobservância do interregno para casos tais estabelecido pela cúria romana, mas tendo em consideração os notórios e abundantes sinais de santidade patenteados em sua vida, "o papa Gregório IX presidia em Assis as cerimônias da canonização e a 27 colocava a primeira pedra da famosa basílica consagrada a S. Francisco".

Assim — não é possível esquivar-nos ao oportuno comentário — os infieis "Vigários do Cristo" que, insensíveis à providencialidade e aos intuitos da obra franciscana, haviam atormentado a vida do seu excelso fundador, acabrunhando-o de desgostos pela impiedosa deturpação com que mutilaram, tanto que o viram libertado, deram-se pressa em reivindicar para a periclitante igreja, que desgovernavam, a glória daquela figura incomparável. E eles, que lhe não tinham sabido respeitar as virtudes, nem muito menos imitá-las, arrogaram-se a autoridade, de resto meramente convencional e exterior, de conferir-lhe a santificação. Infieis, todavia, uma vez mais ao espírito do Cristianismo, outra forma não encontraram, para glorificar a memória do que fora, antes de tudo, acima de tudo e sempre, o apóstolo da Pobreza, senão a ereção de uma basílica sumptuosa.

Incoerência de cegos, que se obstinavam em permanecer condutores de cegos!

V

**Escopo do apostolado franciscano menosprezado pela Igreja. -
Crescimento paralelo do “trigo” e do “joio”.**

**O partido político e a família cristã. - Novo movimento de reação,
tendente a restabelecer e popularizar o Evangelho. - Martinho Lutero
e a Reforma. - O Anticristo não renuncia ao seu predomínio. -
Excessos e frutos do fanatismo. - Deficiência do movimento
reformista. - O reino dividido.**

Foi verdadeiramente uma rajada de luz, vinda do Alto, a passagem de Francisco de Assis pelos flancos da igreja romana. Porque ele, de fato, nunca pertenceu a essa igreja, de que apenas, como o próprio Cristo, veio a tornar-se prisioneiro, desde que aos sagazes detentores da direção espiritual da cristandade pareceu conveniente se apropriarem do nome e da vida gloriosa do santo, para enriquecerem de imerecida auréola a, instituição que vinham profanando com suas paixões desordenadas.

A ação do patriarca foi exercida paralelamente e não dentro da própria igreja. A razão é fácil de compreender-se. O Senhor Jesus havia prometido a humanidade, simbolicamente representada em seus apóstolos, reunidos em torno da Ceia pascoal: “Não vos hei de deixar órfãos”. Quando, portanto, depois de haver feito a sua redentora doutrina triunfar de todas as vicissitudes, desde as ferozes perseguições iniciais à sua adoção por Constantino como religião do Estado e, através as múltiplas agitações e controvérsias dos séculos seguintes, não obstante as alterações na letra e no espírito que a animava, tornar-se o fundamento estrutural das sociedades ocidentais, quando — repetimos — a viu conspurcada e quase desaparecida em seus frutos de regeneração, pela mistura com as ambições políticas e o desregramento de costumes ostentado pelo clero e contaminando o próprio povo, destacou o seu Enviado, infundiu-lhe o seu espírito e, por ele, Operou os prodígios de resurgimento cristão, que deviam restituir á Igreja, com idênticos caracteres, o esplendor dos primitivos tempos.

Desde o período apostólico o mundo, com efeito, não tornara a presenciar igual movimento de atividade religiosa e efusão do espírito divino, como durante a vida do excelso patriarca, sobretudo — como precedentemente o assinalamos — nos dez primeiros anos que se seguiram à fundação da Ordem dos irmãos menores. E, se os fiéis companheiros, de que se rodeou, porfiaram em diligentemente o imitar, Francisco de Assis foi, realmente, por sua estatura de verdadeiro missionário, o centro irradiador desse movimento de renovação.

O seu apostolado, fundado intencionalmente na Pobreza, foi uma obra do amor e de humildade. Tanto como de pureza espiritual e de renúncia. Para corrigir os vícios dos serventuários do altar, envilecidos em suas desvairadas ambições de ouro e do mundano poderio, para edificar a cristandade, extraviada pela conduta de seus pastores infiéis e restituir à doutrina, o prestígio de seus postergados mandamentos, que melhor e mais oportuno remédio que o contraste daquela vida de indigência material, duplicada de excelsas virtudes morais, oposto às falaciosas opulências do clero e aos seus costumes dissolutos? À incredulidade e ao sórdido materialismo, que haviam terminado por implantar-se no seio da igreja, importava contrapor a fé em que se abrasava o santo, a certeza da vida imortal de que ele, por antecipação, participava, e os dons do espírito que através de seus atos fluíam da divina Fonte e o tornavam um veículo irradiador do saneamento de almas e de corpos, como em tão grande abundância o atestaram os testemunhos de seus conterrâneos que determinaram a abreviação do prazo para sua canonização, nos termos a que aludimos no anterior capítulo.

Posto assim diante da igreja, como exemplo vivo das potências realizadoras do Espírito, inspirado no amor e na humildade, ao mesmo tempo em que transportado na fé que animava o seu instituidor, o escopo do apostolado franciscano, evidentemente suscitado pelo Senhor Jesus, era restaurar em seus fundamentos a Igreja, na iminência de ruína, e restituir-lhe a função de remodeladora dos costumes e orientadora das sociedades humanas em o rumo de seus destinos espirituais.

Não se tratava certamente de uma brusca subversão na estrutura orgânica e exterior da igreja, que subitamente a transformasse numa vasta confraria, rigidamente plasmada nos moldes franciscanos. O que o trabalho dos séculos realizara, só poderia ser modificado por uma gradual substituição, inflexivelmente prosseguida. A reforma devia operar-se energicamente, sim, mas de dentro para fora, isto é: cumpria que, desde o pontífice aos prelados da menor categoria, o clero antes de tudo se convertesse novamente ao Evangelho, cujos preceitos havia desertado, e, adotando um teor de vida irrepreensível, desse testemunho dessa conversão. À libertação interior do apego aos bens materiais, seguir-se-ia o complemento exterior da abolição do luxo na corte pontifícia e nas cerimônias do culto, uma e o outro cingindo-se a proporções de modéstia e de simplicidade, que lhes não diminuiriam o prestígio, antes o exalçariam, fazendo-o de preferência consistir na prática de

virtudes e na sobriedade, que as coisas sagradas, por sua natureza, exigem.

Da eficácia desse programa, tendente a promover o rejuvenescimento e a prosperidade espiritual da igreja, o melhor testemunho ali estava na Vitalidade, por toda parte suscitada pelo apostolado franciscano. Em lugar, portanto, de o absorver e deturpar em seus caracteres substanciais, como o terminaram por fazer os pontífices romanos, chegando alguns, em sua desvairada cegueira, segundo o vimos precedentemente, a abrir luta com os irmãos menores, aos quais, pretendiam negar o direito de ser pobres, por mais esse motivo impopularizando a própria cúria, o que lhes cumpria, para honra e salvação desta, era assegurar ao patriarca a liberdade de ação que desejava, a fim de ampliar aos extremos limites a sua obra regeneradora.

Mas para isso era necessário que não houvessem eles perdido o senso de sua missão e de suas responsabilidades. Ora, um dos efeitos, sem dúvida o principal, da ação inibitória do Anticristo, que se vinha, de séculos, exercendo no ânimo dos responsáveis pela direção da cristandade era — como o é em todos que têm o infortúnio de padecer essa influencia — gerar primeiro a dúvida e, em seguida, a descrença na própria existência de Deus. Sim, o alto clero e, em grande numero, os seus inferiores hierárquicos haviam perdido a fé. Procediam, pelo menos, como filhos do século e materialistas consumados. Daí o seu desregrado apego as coisas deste mundo, únicas em que acreditavam. Daí os escândalos, de que fora teatro a corte pontifícia, sobretudo em Avignon, e os excessos de tantos papas, que muitas vezes faziam lembrar os truculentos desvarios dos cézares romanos.

Para essa descrença em Deus muito contribuiria certamente um falso raciocínio sobre a impunidade com que perpetravam e viam outros iterativamente perpetrarem tamanhos e tão escandalosos ultrajes à doutrina do Senhor, cuja guarda e difusão lhes fora confiada. Se Deus existisse — racionariam eles — já teria, suscitando aterradores cataclismos, fulminado os que desonram a Sua Casa. Se o consente, é que não existe ou, pelo menos, lhe são indiferentes às coisas deste mundo. Tratemos, pois, de gozar o mais possível, sem nos preocuparmos do que virá depois.

Insensatos, que até haviam perdido, com a fé, o senso interpretativo das próprias Escrituras! Porque há no Evangelho uma parábola que, de um lado, exprime profética visão do que sucederia ao Cristianismo e, do outro, constitui um comovedor testemunho da longanimidade de Deus, em face da fragilidade e extravios de suas criaturas — homens e Espíritos. É a parábola do joio entre o trigo, referida pelo Senhor Jesus em seguida à do semeador.

“O reino dos céus — disse Ele — é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. Mas, enquanto os homens dormiam, veio o seu inimigo, semeou joio no meio do trigo e retirou-se. E quando a erva cresceu e deu fruto, então apareceu também o joio. Chegando os servos do dono do campo, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde, pois, vem o joio? Respondeu-lhes: Homem inimigo é quem fez isto. Os servos continuaram: Queres

então que vamos arrancá-lo? — Não, respondeu ele, para que não suceda que, tirando o joio, arranqueis juntamente com ele também o trigo. Deixai crescer ambos juntos ate a ceifa, e no tempo da ceifa direi aos ceifeiros: Ajuntai primeiro o joio e atai-o em feixes para o queimar, mas recolhei o trigo no meu celeiro."

A significação espiritual dessa parábola foi dada pelo próprio Cristo aos seus discípulos, que lha solicitaram, em termos restritivos, apropriados, que lha solicitaram, em termos restritivos, apropriados a sua capacidade, mas que podem ser, nalgumas expressões, ampliados e esclarecidos, consoante o adiantamento das inteligências e os dados da Revelação nova, que vem preparar' os novos tempos.

Explicou, pois, o Senhor aos seus discípulos:

"O que semeia. a boa semente é o Filho do homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os maus filhos. O inimigo, que o semeou, é o Diabo; o tempo da ceifa é o fim do mundo e os ceifeiros são os anjos. De maneira, que, assim como o joio é ajuntado e queimado no fogo, assim acontecerá no fim mundo. O filho do homem enviará os seus anjos e eles tirarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha de fogo. Ali haverá o choro e o ranger de dentes. Eles resplandecerão os justos como o sol no reino de seu Pai. O que tem ouvidos de ouvir, ouça."

Agora a ampliação interpretativa. O Senhor Jesus semeou no mundo, sancionando-a com o exemplo e o martírio, a sua doutrina redentora. Com ela converteu e tem, ao longo dos séculos, convertido pecadores em discípulos, ou filhos da luz, participantes do seu reino, ao mesmo tempo em que sublimado nessa categoria os espíritos consideravelmente evoluídos, que tem enviado a Terra, com a missão de acelerar, pelo exemplo de suas virtudes, o adiantamento espiritual da humanidade, legitimo trigo por Ele semeado no terreno inculto deste mundo. O Anticristo, porém, infatigável em suas reacionárias investidas, aproveitando o sono dos encarregados de velar pela sementeira, isto é, a falta de vigilância introspectiva dos pastores religiosos, tem não somente suscitado falsas doutrinas, mas estimulado os vícios e paixões nos próprios que ouviram a palavra do Evangelho, sem, todavia, como na parábola do semeador, anteriormente referida pelo Mestre, lhe guardar fidelidade, antes conspurcando-a com suas violações e só exteriormente adotando as insígnias de cristãos.

Aproxima-se, porém, o fim do mundo, por essa expressão devendo entender-se não o aniquilamento cataclítico do globo, mas o fim do velho mundo moral ou — equivalentemente — a terminação do ciclo desta civilização estrepitosa e materialista, irreligiosa, portanto, que se ostenta em nosso século, para ceder lugar a uma nova era, de espiritualização da humanidade, em que, aproveitadas todas as maravilhosas conquistas da ciência, para benefício de todos e não apenas de uma minoria de favorecidos, o Evangelho será restabelecido em espírito e verdade, no esplendor de seus ensinamentos. Era de ascensão da Terra, na hierarquia sideral,

passando de esfera expiatória à categoria de mundo de regeneração, não sendo inadmissível — acrescentemos incidentalmente — a ocorrência de alguns cataclismos parciais, que modifiquem, melhorando-as, as suas condições de habitabilidade, os Espíritos que, por sua obstinação no mal, se tornarem indignos de aqui voltar ou, conforme a sua rebeldia, de sequer permanecer em na nossa atmosfera, serão retirados pelos anjos do Senhor e conduzidos a planeta, ou sistema planetário, em formação — verdadeira fornalha ígnea, como foi o nosso — em cujo ambiente, saturado de gases asfixiantes, aguardarão, entre "choro e ranger de dentes", a época de baixarem a tomar novos corpos, para recomeço de evolução, que se tornaram incapazes de prosseguir na Terra, então regenerada. Os justos, que nela permanecerem, nela implantarão, com a Lei do Cristo, fiel e universalmente observada, o reino de seu Pai, isto é, de justiça, de paz e de fraternidade. E como o sol, em sua deslumbradora irradiação física, resplandecerão eles de virtudes nesta morada, tornada então celestial.

Esta, segundo os dados da Revelação nova, a significação espiritual do julgamento.

*

* *

A história da Igreja cristã, nestes dezenove séculos decorridos, tem sido uma flagrante representação objetiva da alegoria expressa na parábola do joio entre o trigo, com exclusão apenas do desfecho, que os sinais do tempo presente anunciam aproximar-se, mas cuja integral consumação à exiguidade da visão humana ainda se afigura vir distante.

Os eu se preocupam, moralistas e pensadores, com os alarmantes sintomas de dissolução moral, que é a característica de nossos dias, conseqüente da irreligiosidade que por toda parte predomina, gerando o excessivo culto da matéria e a vertiginosa corrida a todos os seus gozos, reconhecem a necessidade de uma renovação religiosa, que restitua aos homens o sentimento de seus deveres e de suas responsabilidades, inerente à crença em seus destinos imortais. Alguns, ou seja obnubilados pelos espírito do sectarismo, ou por deficiência e apreciação, que lhes não consente discernir a verdadeira significação da sobrevivência da igreja romana a tantas vicissitudes seculares, entendem eu a volta dos desertores do rebanho católico ao seu grêmio, de par com a conversão dos indiferentes ao seu credo, resolveria o angustioso problema contemporâneo. Outros, ponderando unicamente os graves erros durante séculos acumulados por essa igreja, o seu espírito reacionário e intolerante, reconhecem-na falida em sua missão espiritual e só têm para ela palavras de condenação.

No alvitre ilusório dos primeiros, como no radicalismo condenatório dos

segundos, há — repetimos — deficiência de apreciação. Para, julgarmos com justiça a igreja, no curso de suas realizações e de suas graves delinquências, através da história, cumpre discernir as duas modalidades que nela se acham nitidamente representadas e num mesmo julgamento. Uma é o partido político, formado pelo seu corpo administrativo, a outra a família cristã propriamente dita, subordinada contudo à direção daquele.

O primeiro, chefiado pelo papa e composto não somente do alto clero que constitui a corte pontifícia, mas de todo o exército eclesiástico, disciplinado e obediente, é o responsável pelos abusos, prevaricações e atentados contra a doutrina do Senhor, eu teria definitivamente impopularizado, causando a sua ruína irreparável e fazendo soçobrar a própria igreja, se não tivesse esta sido, em todos os tempos, sustentada pelos sentimentos religiosos da família cristã.

Sobre esta, de que — apressemo-nos a acrescentar — têm feito no passado e ainda hoje fazem parte os prelados de todas as categorias, verdadeiros crentes, portadores das virtudes cardiais — humildade, fé e caridade — é que o Espírito do Senhor se tem difundido, mantendo a estabilidade da sua Igreja, composta não apenas — cumpre ainda advertir — de cristãos professos, mas de todos os homens de boa vontade que, mesmo não pertencendo a nenhuma confissão religiosa, dotados, porém, de coração puro e consciência reta, praticam por toda parte o bem, na ordem moral, sem cogitar de retribuição. Ainda que se nos afigure limitadíssimo o seu numero, esses pertencem de fato à Igreja invisível do Cristo, cujos membros se distinguem pelas boas obras e não por quaisquer insígnias exteriores.

O partido político, ao contrario, que tem o seu quartel general no Vaticano e representação diplomática em todos os países, preocupa-se antes de tudo com o domínio temporal, só pela violência se deixou despejar dos Estados pontifícios, sem de todo renunciar à sua restituição — teremos ocasião de ainda fazer a isso nova referência — corteja a força e foi, em todos os tempos, aliado dos poderosos, em detrimento dos humildes. É, numa palavra, e não parece resolvido a deixar de ser, uma potencia exclusivamente mundana, fazendo da religião, que explora e em cujos dogmas finge hipocritamente acreditar, apenas o pretexto para ostentação de seu poderio e satisfação de suas insaciáveis ambições. O “tesouro de S. Pedro” — que de resto “não possuía ouro nem prata” — é o alicerce da sua grandeza, embora pretenda, para iludir o mundo, ser o depositário das “chaves do reino dos céus” e o representante de Deus, com poderes para absolver e condenar os homens.

Enquanto a ideia cristã é imperecível, vive no coração dos crentes, como chama divina alimentada pelo próprio Cristo, e há de regenerar as sociedades humanas, sob a modalidade renovada de que oportunamente nos ocuparemos, o partido político, ou a igreja de Roma — verdadeira criação do Anticristo, que a tem subjugada ao seu império encontra-se em face do seguinte dilema, cujo imperativo só a obstinada cegueira dos seus orientadores não permitirá reconhecer: ou, para salvar-se do

naufrágio e sobreviver, terá que radicalmente modificar-se, voltando à edificante simplicidade e às austeras virtudes dos primeiros tempos apostólicos, ou terá que desaparecer, em época talvez distante, mas inevitável, arrebatada no tufão demolidor que, desencadeado na esfera político-social — e os seus rumores crescem dia a dia — terminará por derrubar os derradeiros tronos que a esse tempo existem sobre a terra.

Ora, essa igreja ou, indiferentemente, esse partido político, adversário natural do Cristianismo, de que é a antítese, não parece resolvido a aceitar melhor no futura, do que o fez no passado, as suasórias lições que o Senhor, em sua longanimidade, lhe tem enviado.

Com o apostolado franciscano, que devia ser para essa igreja, como o foi para a cristandade, uma fonte de regeneração, já vimos de que modo se conduziu ela. Depois de ter apunhalado de desgostos o patriarca, deturpando a sua obra e fundindo-a por último no mesmo regime de quase completa esterilidade das antigas ordens, limitou-se, como hipócrita compensação, a canonizá-lo e erigir-lhe, com desrespeito à humildade de sua vida, uma suntuosa basílica.

Aniquilada aquela generosa iniciativa, recrudescceu a dissolução de costumes, e a decadência do pontificado, que se vinha acentuando desde o começo do século XIV, veio a atingir o seu período culminante com o grande cisma do ocidente, que se declarou, como vimos, em 1378.

O concílio de Constança, convocado em 1414 não somente para pôr termo ao cisma e restabelecer a autoridade pontifícia, mas para tomar medidas radicais que restaurassem a disciplina eclesiástica e pusesse cobro aos desregramentos do clero, foi, quatro anos depois — em abril de 1418 — encerrado pelo papa Martinho V, eleito depois da sua abertura, sem terem sido feitas as reformas reclamadas.

Ao contrario disso, porque João Huss, que se fizera intérprete dos clamores populares, prosseguisse em sua moralizadora propaganda, o escolheu para vítima de sua criminosa incoerência e, como precedentemente o recordamos, tornou-se cúmplice da sua execução. Porque o movimento reformador, segundo o atesta a história, "tinha-se manifestado de três modos: dentro da própria igreja, nos conselhos dos príncipes seculares e no seio do povo. Os reformadores mitrados, entretanto, e o reformador secular. Segismundo, deram-se as mãos para condenar e suplicar o revolucionário popular".

Preso, por ordem do papa João XXIII, que a esse tempo (1415) exercia o pontificado e contra quem, de resto, o concílio formulara "acusações porventura mais graves e afrontosas que todos os vitupérios de João Huss", foi este, depois de uma simulada proteção do imperador, entregue ao braço secular, perecendo intrepidamente na fogueira. A mesma sorte coube, pouco depois, ao seu discípulo Jerônimo de Praga, com quem Decorreu o conhecido incidente do camponês que, no momento do suplício, chegava, com fanático zelo, mais lenha à fogueira, provocando

esta serena exclamação do condenado: “Santa simplicidade! Peca mil vezes mais quem dela abusa!”

Encerrado, como dissemos, o concílio em 1418, sem terem sido tomadas as medidas reclamadas pela situação anárquica da igreja, o papa Martinho V convocou outro para Basileia, morrendo, porém, logo depois. O concílio foi aberto em 23 de julho de 1431 por ordem do papa Eugênio IV, que pretendia “extirpar as heresias, estabelecer perpetua paz entre as nações cristãs, pôr termo ao secular cisma dos gregos e reformar a igreja”. Assustado, porém, com a excessiva atividade dos membros do concílio, apressou-se em adiá-lo. A assembleia contudo prosseguiu em seus trabalhos, citou Eugênio IV para comparecer, acusou-o de desobediência e declarou-se superior a ele.

Nesse ambiente agitado foram votadas várias reformas moralizadoras, mas o dissídio prosseguiu, agravado por novos incidentes, que omitimos, só vindo a terminar o grande cisma do ocidente em 1449 e restabelecer-se a paz na igreja, com a ratificação, pelo papa Nicolau V, da concordata firmada por Felix V com Frederico III e mediante proposta deste. Paz, em verdade, transitória, que melhor se denominaria trégua, pois que, não tendo sido postas em prática as medidas radicais tendentes à moralização dos costumes eclesiásticos, prosseguiram os desregramentos, até que no começo do século XVI, isto é, aos albores já de Renascença, estalou a grande crise.

*

* *

Era inevitável. Uma vez que igreja, pela obstinação dos seus ministros, se mostrava refratária aos métodos suasórios com que o Senhor havia procurado reintegrá-la em sua missão apostólica e tutelar da cristandade, cumpria recorrer ao processo revolucionário, contanto que cessassem de vez os abusos, prevaricações e escândalos que, em assustador crescendo, ameaçavam de soçobro a ideia cristã no espírito do próprio povo.

Abramos ainda uma vez a história e registremos o seu depoimento relativo às preliminares da Reforma.

"Quem refletir na profunda corrupção de uma sociedade que, tendo perdido os sentimentos cavalheirosos, não havia adquirido ainda a serenidade da razão — comenta o historiador, numa judiciosa síntese dos acontecimentos e da situação geral dos espíritos, no começo do século XVI; — quem pensava, se assim se pode dizer, na paganização dos costumes, das artes, da política, das letras e do culto, não podia desconhecer a evidente necessidade de uma reforma. Precisava dela especialmente a, Igreja, que ainda exercia poderosa influência sobre os espíritos. As chaves de S. Pedro eram ambicionadas, não por abrirem as portas do céu, senão por serem de ouro. Os cardeais nomeados por

favor, por condescendência com este ou aquele príncipe ou por dinheiro, não se faziam santos, como dizia. Bellarmino, porque queriam, ser santíssimos. A importância das famílias; e não o merecimento, determinava a escolha dos pastores; a corte de Roma cuidava antes de tudo de tirar proveito das vagas e das colações e de multiplicar os direitos de chancelaria. Outro tanto faziam quase todos os bispos, para engrossarem os rendimentos da diocese; por dinheiro conseguiam que lhes dessem coadjutores, o que era um meio de transmitir os bispados aos aderentes ou, como então se dizia, aos sobrinhos; se algum resignava a mitra, conservava a colação dos benefícios, ou determinadas rendas.

"Como se davam prelaturas aos ricos a título de benefícios, introduzia-se a ubiquidade, isto é, a faculdade de cobrar os proventos desses benefícios em qualquer lugar de residência; desse modo o mesmo indivíduo podia ser cardeal de uma igreja em Roma, bispo de Chipre, arcebispo de Gloucester, primaz de Reims, prior da Polônia e, ao mesmo tempo, tratar na corte do rei cristianíssimo dos negócios do imperador.

*Em vez de residirem na diocese, ocupados com a direção do rebanho espiritual, bispos sem capacidade, mais amigos de boa vida que do bem viver, abandonavam-na aos vigários, chamados sufragâneos, para que essa delegação lhes ficasse pouco dispendioso, fiavam-na de frades mendicantes, que não gastavam nada em luxo e não recebiam retribuição. Esses religiosos, apesar de já terem muitos privilégios, ainda os alcançaram mais de Sisto IV, que chegou a ameaçar com a deposição os párocos que lhes não obedecessem ou molestassem. Foram encarregados da venda das indulgências, mas as próprias vantagens, que lhes advinham do bom conceito em que eram tidos, comprometeram a sua respeitabilidade, e a sua ordem tornou-se tão mundana como as outras. Intrigava-se, para lhe alcançar as dignidades; "perpetravam-se assassinios, não somente com veneno, senão de claras, a. faca, a espadeirada, para não dizer a tiro."

A esse tristíssimo papel — comentemos — fora reduzida a Ordem franciscana, com tão elevado objetivo fundada pelo seráfico patriarca! Mas para isso é que o Espírito do mal sugerira à cúria romana submetê-la ao mesmo regime das antigas ordens. Com o fim de a aniquilar, como se vê.

Prossigamos contudo a transcrição:

"Na Alemanha, especialmente, os filhos das famílias ilustres monopolizavam os bispados e levavam para a igreja as paixões e os costumes seculares. Alguns prelados, que ao mesmo tempo eram príncipes, descuravam e desprezavam o povo, que ficava sem alimento espiritual e se escandalizava com os desregramentos de tais pastores e com a opulência, que via empregada em fins inteiramente diferentes daquele que a tinham destinado a Igreja e os devotos.

“Durante a Idade Media algumas vozes clamaram contra o demasiado poder dos pontífices, e assim fizeram Arnaldo de Brescia e os albigenses; mas os inovadores foram pouco atendidos. Todavia a autoridade pontifícia tinha sido abolida e desprestigiada pela transferência da santa-sé para Avignon e pelas contendas com Felipe o Belo e outros reis.”

“Obedecendo à tendência geral do século para constituir principados sobre as ruínas das republicas e das comunas, querendo tirar vantagens mundanas do poder espiritual, os papas aplicavam-se avidamente a promover os seus interesses temporais; para assegurarem à família elevadas posições, afagavam os poderosos, cuja oposição temiam, e ao mesmo tempo oprimiam os fracos, para os explorar. Assim foi que puseram em ação essa política vergonhosa, tecida de fraudes e violências, que serviu para fortalecer a sua autoridade terrestre, em detrimento dos pequenos senhorios da Romanha. Vimos Alexandre VI dar exemplos detestáveis; se, porém, como homem foi perverso e, como papa, escandaloso, é força confessar que algum bem fez como príncipe, embora por meios indignos, e que os contemporâneos o aplaudiram, por ter reprimido as múltiplas tiranias locais.”

Passemos em silêncio sobre as façanhas de Julio II, para de preferência nos determos no pontificado de Leão X que, entre outros característicos dignos de nota, apresenta o interesse de ter tido, por último, que enfrentar a agitação provocada, pela Reforma.

De par com certas predileções mundanas, bem pouco adequadas á espiritualidade de suas funções, prestou contudo esse papa alguns serviços á igreja. “Esforçou-se por fazer desaparecerem da Boêmia os restos dos hussitas, propagou o catolicismo entre os russos, fundou igrejas na América, procurou converter os abissínios; além disso conseguiu sufocar o cisma com que o sínodo de Pisa ameaçava a Igreja, fez abolir a pragmática sanção na França e diligenciou ligar os príncipes cristãos, para os opor aos turcos.”

“Mas — adverte o historiador — o paganismo tinha invadido a corte pontifícia, onde se favoreciam todo. os homens de merecimento sem se curar do uso que faziam do seu talento. Bembo escreve da chancelaria apostólica que Leão X foi elevado ao pontificado “por mercê dos deuses imortais”. Nos seus versos, o gozo de ver a sua dama parece-lhe mais doce que os prazeres dos eleitos nos céus; chama “colégio dos augures” o colégio cardinalício, etc.

“É raro — acrescenta — o não influir a forma sobre as ideias; o brilho da Antiguidade tinha causado tal deslumbramento que já se não via o Cristianismo. Generalizara-se uma preguiça zombeteira e voluptuosa, a que repugnava o trabalho de pensar e para a qual a filosofia era a indiferença superficial, acompanhada pela alegria dos banquetes e pelos prazeres das artes. Os costumes nem queriam parecer regrados. Bembo, monsenhor dela Casa, o cardeal Hipólito d'Este e muitos outros tinham filhos e não os

escondiam. O cardeal Bibiena tinha mandado construir sobre o Vaticano uma vila ornada de ninfas voluptuosas, pintada pelo famoso Rafael; felicitava-se por Julião de Médici levar para Roma a princesa sua esposa. Toda a cidade exclamava, diz ele: "Louvado seja Deus doravante, porque só aqui faltava uma corte de damas, e essa princesa há de ter uma, o que tornará perfeita a cruz romana". Dirigia todas as magnificências da corte de Leão X, os divertimentos do carnaval e as mascaradas.

"Foi ele que fez com que o papa mandasse representar a MANDRÁGORA, do Maquiavel, e sua CALANDRA, cujas cenas, que até num prostíbulo pareceriam licenciosas, fizeram rir muito Leão X, Isabel d'Este e as damas mais elegantes de Itália!"

"Ronsard, Montaigne, Bodin, Maquiavel, etc., só têm admirações para a civilização anterior ao Cristianismo. Erasmo invoca o nome de Sócrates, e Mancilio Ficino acende uma lâmpada diante do busto de Platão. Ia-se mais longe ainda: por dedicação à Antiguidade, Pedro Pomponácio, mau filósofo e insignificante lógico, mas falador engenhoso e animado, sustentava que as almas eram mortais. Em Roma, "quem não tinha acerca dos dogmas da Igreja alguma opinião errônea e herética não parecia gentil homem e bom cortesão.

"Por uma parte havia afetação de conhecimentos e costumes clássicos, por outra, nos púlpitos e nas reuniões eclesiásticas imperava a ignorância. A teologia tomava quase sempre o lugar do Evangelho; os sermões eram de um gosto detestável; os pregadores misturavam o profano com o sagrado, o jocoso com o sério, e buscavam o novo, o extravagante, o surpreendente."

"Entre o povo espalhavam-se pregadores vulgares, que lhe ensinavam erros, superstições e terminavam invariavelmente as prédicas pedindo dinheiro."

"O alto clero, absorvido por cuidados inteiramente mundanos, não pensava em instruir-se nas coisas da fé, que era obrigado a defender e a conservar impoluta; os eclesiásticos de categoria inferior, como sempre, regulavam o seu procedimento pelo dos chefes. Os conventos, outrora centros de atividade, estavam submersos no torpor da velhice e no relaxamento da opulência. A imprensa deixara desocupados os muitos frades que copiavam manuscritos, e eles, na sua ociosidade, puseram-se a discutir, com pouca arte e muitas subtilezas, questões de medíocre importância, ao passo que a literatura, nascente criticava as inépcias escolásticas que tinham ocupado o lugar da verdadeira ciência."

E, ao mesmo tempo em que a dúvida erudita, naquele século de renovação, contribuía para lançar maior perturbação nos espíritos, a crítica irreverente se desenvolvia, vergastando os vícios da corte de Roma e os abusos que se tinham introduzido na igreja, com uma liberdade que constituía "circunstância notável nessa época", não obstante os crescentes rigores da Inquisição. "Dante e Petrarca atacavam com grande violência aqueles abusos e, todavia, não incorreram na menor censura:

os seus livros nem sequer foram proibidos. As novelas circulavam, cheias de argúcias e de aventuras escandalosas atribuídas aos frades.”

Para agravar esse estado de anarquia das inteligências e desmoralização geral, surgiu, como nota, de certo modo, culminante, o fato da venda das indulgências, ignóbil comércio, que ofereceu a Lutero o decisivo pretexto para o rompimento das hostilidades.

“A venda das bulas de indulgência — refere o historiador — tornou-se um dos mais pingues rendimentos da cúria. O povo via no dinheiro que dava o preço da coisa santa, os frades encarregados da cobrança encareciam profundamente a virtude do perdão, e a percentagem, que recebiam, do produto da venda lhes estimulava o zelo. Os concílios de Latrão, de Viena e de Constança haviam decretado severas penalidades contra esse tráfico; mas Leão X o praticou em escala maior que nunca, para ocorrer às enormes despesas da sua corte e habilitar-se para duas grandes empresas: uma cruzada contra Selim e a construção de um suntuoso templo.”

“João Tetzel, dominicano de Pirna, encarregado pelo arcebispo eleitor de Mogúncia de cobrar na Alemanha o rendimento das indulgências, desempenhou-se da incumbência de modo escandaloso: atravessou a Saxônia com caixas cheias de cédulas já assinadas. Quando chegava a alguma povoação, arvorava uma cruz na praça e apregoava a sua mercadoria: *Comprem, comprem*, dizia o especulador, *porque ao som de cada moeda que cai no meu cofre sai uma alma do purgatório*. O povo acudia em tropel a trocar talcos e sequins por indulgências; o negócio fazia-se até nas tabernas; só de Freyberg levou Tetzel dois mil florins, com extremo desprazer do eleitor da Saxônia e profunda indignação das pessoas verdadeiramente religiosas.

“Essa indignação animou Martinho Lutero a levantar o estandarte de uma revolução religiosa”.

*

* *

Assinalado pela Providencia para ser o propulsor de um duplo movimento de organização político-social e de renovação religiosa, Lutero, como quase todos os grandes gênios que têm fulgurado nos humanos fastos, nasceu obscuro e teve um começo de vida inçado de ásperas dificuldades, a que, todavia, a sua lúcida inteligência, o seu agudo engenho e o caráter impetuoso, de que era dotado, não tardariam em vitoriosamente sobrepor-se.

Como organizador ou, mais propriamente, cooperador político, posto que inconsciente de sua missão, de certo modo, involuntária nesse domínio, que só os séculos posteriores revelaram, ele foi o verdadeiro criador da nacionalidade alemã, até então fracionada em pequenos Estados, governados por príncipes rivais,

fornecendo-lhe para isso o instrumento de unidade da língua germânica, por ele, à semelhança do Dante com a sua *DIVINA COMÉDIA*, sistematizada na primorosa tradução, que veio a fazer, da Bíblia, pela primeira vez posta ao alcance do povo e introduzida nos lares, onde se tornou a instrutiva e predileta leitura nos serões de família, preparando, com a identidade formal das crenças, a unificação da mentalidade nacional.

Como reformador religioso — e é esse o aspecto de sua personalidade que nos interessa — ele foi o raio, do Alto desferido, para atear o grande incêndio que devia purificar a Igreja, provocando em seu seio, como o veremos adiante, o movimento de regeneração com que logrou ela salvar-se do naufrágio a que a vinham arrastando os costumes dissolutos dos seus ministros e a incredulidade a que haviam sucumbido.

Façamos, portanto, um resumo dos principais sucessos de que veio ele — o austero frade agostinho — a ser protagonista.

Enviado a Roma em 1510, para promover a solução de um conflito suscitado entre os irmãos da sua Ordem, recebeu a mais desfavorável impressão do espetáculo que ali presenciou.

"Cristão austero — diz o historiador — alemão de costumes simples e puros, homem de razão desenvolvida à custa do sentimento e da imaginação, não se deixou deslumbrar pelos esplendores do culto e pelas magnificências da corte pontifícia; pensou no dinheiro que custavam tantas pompas e refletiu nos meios que se empregavam para o extorquir à devoção dos povos. Recordou-se dos séculos virtuosos da Igreja e indignou-se com a corrupção dos costumes, com as anedotas que circulavam acerca de Leão X, com o relaxamento dos padres *que diziam quinze missas enquanto ele dizia uma*, com a venalidade da cúria, que não punha dúvida em dizer como Judas: "Quanto me dais? Entrega-lo-ei".

"Tendo voltado à pátria (1512) com esses sentimentos, tomou o grau de doutor em teologia e propôs-se estudar a Bíblia em grego e em hebraico, amaldiçoando a escolástica e Aristóteles, "jogral que iludiu a Igreja com a sua mascara grega". Sabendo de que maneira dominicano Tetzl procedia á venda das indulgencias, teve um acesso de cólera e disse: "Hei de fazer um buraco naquele tambor". Desde então, opondo-se à profanação, que era o tráfico dos pecados, recusou absolver os penitentes que tinham comprado indulgências, enquanto não reparassem o mal praticado e não promettessem corrigir-se.

"No dia de Todos os Santos (1517), em que afluíra muita, gente a Wittenberg, anunciou na igreja da cidade noventa e cinco teses, que se comprometia a sustentar contra o abuso das indulgências, teses em que atribuía a Deus todo o bem que o homem faz; contudo permaneceu sujeito ao papa, dizendo que, se ele soubesse das exações dos vendedores de bulas, preferiria, ver a basílica de S. Pedro reduzida a cinzas a construí-la com a carne e os ossos das suas ovelhas."

“Lutero esperava ser atendido pelo papa, pois que este havia reprovado os mesmos abusos que ele. Quando os superiores do seu convento lhe fizeram advertências, respondeu: 'Meus padres, se o que eu fiz não foi em nome de Deus, cairá por terra; se Deus o quer, entreguemo-nos em suas mãos'. Efetivamente, o abuso das indulgências precisava de um conectivo prompto e enérgico, e era possível aplicá-lo sem quebrar “a unidade da Igreja; mas os espíritos aspiravam a muito mais que simples emendas na disciplina: sentiam em si um desejo de liberdade que ameaçava o dogma e o papado e, por isso, o clamor de Lutero achou um eco formidável, que lhe cobriu a voz, e o seu movimento de revolta determinou uma revolução que a ele próprio se impôs.”

As teses por ele espalhadas, em que impugnava a eficácia e profligava a venalidade das indulgências, contendo doutrinas extraordinariamente simpáticas à razão e nas quais “já se reconhece uma interpretação pessoal da Bíblia”, oposta à ortodoxia da igreja, encontraram contraditores, sobretudo entre os dominicanos que, por espírito de corporação, combateram o inovador. Travavam-se polêmicas violentas entre Lutero e João Eck, chanceler da universidade de Ingolstadt, e como “a imprensa já então era uma força social, as teses de Lutero espalhadas com incrível rapidez suscitaram discussões em que de ordinário se ia além do fim dessas teses, pondo-se em dúvida a legitimidade do poder do pontífice e até a sua autoridade em matéria de fé.”

“Era já grande a agitação, e os cristãos estavam divididos em dois campos; não obstante, Roma, entretida com as artes e a política e julgando que o rumor eu ouvia era apenas o de uma dessas contendas que de ordinária nasciam e morriam na ociosidade loquaz e chicaneira dos conventos, permaneceu silenciosa durante nove meses.”

Lutero, ainda hesitante acerca do objetivo radical de sua iniciativa e flutuando entre contraditórios impulsos, ora escrevia a Leão X uma carta em que lhe protestava filial submissão, ora se exprimia, dirigindo-se a Spolatio, nestes termos: “Não sei decidir ao certo se o papa é o Anticristo ou o apóstolo do Anticristo”, o que sugere ao historiador esta judiciosa apreciação: — “O frade, acostumado a todos os rigores da obediência eclesiástica, o teólogo por muito tempo compenetrado das doutrinas em que se baseava a legitimidade do poder pontifício, não podia de súbito desassombrar-se do respeito por esse poder; mas ao mesmo tempo o pensador austero, que tinha visto de perto as orgias de Roma, forçosamente se havia de insurgir contra o degenerado sucessor de Pedro, que presidia a essas orgias.”.

“Enquanto Roma dormitava — prossegue — o imperador Maximiliano, mais perto do tumulto, compreendeu-lhe a gravidade: denunciou o inovador a Leão X, que o citou para, no prazo de sessenta dias (julho de 1518), comparecer

perante o seu trono. Lutero receou ir meter-se nas mãos do papa, que não tinha fama de humano, e lembrou-se da sorte que haviam tido alguns precursores da Reforma. Protestou a sua submissão “ao pontífice; porém aproveitou-se das proteções poderosas que já havia granjeado e, mormente, da intervenção do eleitor da Saxônia, para conseguir ser ouvido na Alemanha por um delegado.”

Incumbido dessa missão, o cardeal de Gaeta propôs uma discussão pública na cidade de Augsburgo, sobre os pontos de doutrina controvertidos.

"Era a primeira vez que o povo se via chamado a estatuir, só com o seu bom senso, em assuntos de teologia. Homens de letras, doutores, pessoas ilustres, estavam encantados com a perspectiva de uma discussão que soia do apertado círculo das argumentações habituais, e Lutero começava a sentir-se chefe de um partido exaltado pela contradição. Mas o debate não se realizou, porque pareceu imprudente dente aos partidários de Roma. O cardeal diligenciou fazer Lutero voltar no aprisco; mas não o conseguiu, porque, prometendo embora sujeitar-se ao que decidissem a Igreja ou as universidades de Basileia, de Friburgo, Louvain e Paris, Lutero não quis fazer plena submissão. Depois, a pretexto de não estar seguro, ou porque realmente o não estivesse, retirou-se clandestinamente de Augsburgo. Então o cardeal publicou um édito pelo qual Leão X aprovava o que tinham feito os vendilhões de indulgências e declarava. Lutero herege!"

Depois disso, animado ainda de conciliadoras intenções e aconselhado por um emissário do papa que tentara, posto que inutilmente, induzi-lo a calar-se, Lutero escreveu a Leão X uma missiva em que, expondo a impossibilidade de retratar-se, dada a repercussão que haviam tido os seus escritos, prometia contudo exortar o povo a honrar a igreja romana e moderar a violência com que dela falara, reconhecendo — acrescentava — “que, atacando os propagadores de pataratas, prejudiquei a Igreja, quando a minha única intenção era impedir que a avidez de alguns estrangeiros maculasse a nossa santa mãe, a Igreja”.

“Mas a pedra tinha saído da funda e já não era possível; agarrá-la; o zelo excessivo dos partidários de Roma tornou a irritar o inovador, e a controvérsia o obrigou, para sustentar as doutrinas já enunciadas, a formular outras igualmente heterodoxas. Provocado para uma discussão, foi levado pela lógica e pela dialética a discutir a origem divina do poder papal; os seus raciocínios tiveram eco e em grande parte influíram na direção futura da Reforma.”

“Tendo uma vez negado a infalibilidade da Igreja, não quis mais retratar-se; colocado nesse terreno, o seu espírito sentiu-se à vontade para discutir os dogmas. Desenvolveu, pois, a sua. Doutrina. Só admitiu as verdades expostas literalmente no Evangelho e os quatro primeiros concílios ecumênicos; rejeitou a transubstanciação, os sacramentos, o purgatório, os votos monásticos e a

invocação dos santos. Por último escreveu ao papa uma carta irônica, em que lhe testemunhava compaixão, considerando-o como um cordeiro no meio de uma alcateia de lobos, e repetia todas as acusações que se formulavam contra Roma.

"Leão X fulminou então as mais terríveis excomunhões (15 de junho de 1520). Lutero replicou publicando a *IGREJA ESCRAVA DE BABILÔNIA*, em que declarava que Roma era pior do que Sodoma, Gomorra e os turcos, o tipo de vício e de iniquidade, e terminava nestes termos: "Nem papa, nem bispo, nem ninguém tem poder para impor a mínima coisa a um cristão, a não ser com o consentimento dele; aliás há espírito tirânico. Somos livres, o voto do batismo basta e é superior a quanto podemos fazer. Os outros votos podem ser, portanto, abolidos. Saibam, pois, os que entram para o sacerdócio que as suas obras não diferem diante de Deus das de um lavrador ou de uma dona de casa. Deus aprecia as coisas segundo a fé."

"Estavam declarados os princípios que haviam de fazer triunfar a Reforma. A questão, que havia, começado por ser um conflito de teólogos, tomara o caráter de uma revolta da liberdade do espírito contra a autoridade dogmática. Lutero se identificara com todos os fiéis atormentados pela dúvida, ofendidos pelos escândalos do papado, que não encontravam na religião de Roma os meios de obter reconciliação com Deus e que procuravam na própria consciência os elementos para uma reconstituição religiosa. É certo que o reformador, admitindo a predestinação e a graça, para negar o poder do papa, destruía a independência moral do homem; é certo que a liberdade, que ele contrapunha à autoridade da Igreja, era apenas aparente, por ser tão só disciplinar e dogmática; mas esses defeitos do novo edifício não se viam então. O que se via era a ruína do antigo; as inteligências, já insofridas do jugo que as oprimia, simpatizavam com a doutrina que destruía esse jugo, sem atacar as crenças fundamentais do cristão, antes dizendo-se baseada nos textos sabrados e nas decisões da primitiva igreja. A voz de Lutero devia ter, conseqüentemente, um estrondoso eco; o livre exame, a liberdade pessoal de interpretação haviam de ser logo aproveitados pelos espíritos ativos, que se sentiam comprimidos e como espoliados pelo privilégio, que Roma se havia arrogado, de definir a verdade e impor as suas definições. A causa da Reforma estava ganha.

"Roma não o entendeu assim e deu calor à luta. As publicações do excomungado foram apreendidas nas lojas dos livreiros; outras, porém, do mesmo gênero surgiram de toda parte. Rebentada a guerra, tornada impossível a conciliação com o papa, Lutero reuniu os estudantes de Wittenberg e queimou publicamente as decretais e a bula de excomunhão (10 de dezembro). O movimento já então havia transposto o campo da atividade pessoal de Lutero; o seu iniciador já não teria podido fazê-lo parar; já não podia talvez dirigi-lo. Crescia prodigiosamente o número dos insurretos. A imprensa propagava com rapidez os sermões e as discussões; as belas artes prestavam-lhe auxílio. Em 1520 as obras de Lutero estavam traduzidas em Espanha e nos

Países Baixos; em 1521 um peregrino as comprava em Jerusalém. A intensidade e a rapidez de propagação do incêndio assustou por vezes o próprio Lutero, que pareceu querer submeter-se: a luta interior não havia terminado ainda. Mas afinal, quando Leão X imaginava porventura tê-lo subjogado, voltou de novo à liça com o tratado *DA LIBERDADE CRISTÃO*, e nele sustentou não só a justificação sem as obras, senão também a incompatibilidade da fé com as obras, proclamando ao mesmo tempo que a alma é impecável uma vez que creia no Cordeiro, que apaga os pecados do mundo!

"Vendo crescer o perigo, o papa lavrou uma sentença definitiva contra Lutero e seus aderentes (3 de janeiro de 1521) e solicitou diligentemente o auxílio do braço secular para sufocar a insurreição. O núncio pontifício Aleandro que, testemunha dos progressos da doutrina de Lutero, tinha visto por toda parte os seus escritos, as gravuras e as canções hostis ao pontífice espalhados profusamente, e os príncipes favorecerem o reformador por ódio a Roma, pediu a sua condenação à dieta de Worms. Não a podendo obter, expôs perante essa assembleia a doutrina de Lutero, mostrando que, além do apontar os abusos, atacava o dogma. Patenteou, na exposição, muito engenho e muito saber; foi, porém, prudente e digno tomar um congresso secular por juiz de coisas religiosas? — A questão teológica tomou-se nacional; as dúvidas foram apresentadas a uma assembleia estranha à Igreja, e ela, tirando as consequências do passo errado do núncio, formulou numerosas queixas contra Roma e pediu a Carlos V, o novo imperador, que delas obtivesse satisfação."

"O eleitor da Saxônia proibiu tomar qualquer deliberação sem Lutero ser previamente ouvido; por consequência mandou-se ao *pio, querido e respeitável doutor* um salvo-conduto em nome do soberano, cuja autoridade se dilatava por tantos países, reinos e ducados."

Resistindo aos conselhos de seus amigos, que o dissuadiram de ir à dieta, Lutero empreendeu a viagem, durante a qual, transformada em verdadeiro triunfo, "pôde conhecer quanto se tinha, avolumado o seu partido."

"Acompanhado por um arauto imperial, foi recebido pelo grão-mestre de cerimônias, e o povo apinhou-se para o ver, de modo tão compacto que foi preciso introduzi-lo na dieta por uma porta escusa. Ao ver aquele homem isolado e obscuro, Carlos V exclamou: "Não é este que me há de fazer herege". Não compreendia a onipotência da opinião. Sentindo-se apoiado por ela e com a retirada protegida, Lutero recusou retratar-se. Quando lhe perguntaram se não via algum meio de reconciliação, respondeu nobremente: "Se é uma obra humana, desvanecer-se-á por si; se vem de Deus, nada poderá detê-la no seu curso."

Repetia assim a sentença de Gamaliel, o sensato e prudente fariseu, quando no sínédrio de Jerusalém, perante o qual haviam sido levados os apóstolos, exortava os

seus colegas, que os deviam julgar: “Se este conselho ou esta obra for de homens, se desfará; mas se é de Deus, não podereis desfazê-la.”

"Carlos V — prossegue o historiador — nunca via senão o lado político da questão. Diz-se que o papa instou com ele para que não respeitasse o salvo-conduto; o imperador não quis praticar tal infâmia, provavelmente para não destruir uma arma que lhe poderia servir contra Roma, em caso de necessidade; como, porém, naquele momento precisava do papa, procreveu Lutero e os seus aderentes."

Compreende-se que um imperante, como filho do século, se inspirasse exclusivamente em motivos de conveniência política. Ainda assim, a sua repulsa à exigência do papa no sentido de não respeitar o salvo-conduto, que era a garantia de vida para Lutero, é uma atitude que o recomenda. O gesto de Leão X, ao contrário, propondo semelhante vilania, com o fim de apoderar-se, a traição, do seu adversário e fazê-lo certamente justicar pelo tribunal da "santa Inquisição", aberrava de tal modo da lealdade que se exige de qualquer homem de bem, quanto mais daquele eu se achava investido das supremas funções de chefe da cristandade, que dispensa todo comentário.

"Quando Lutero — acrescenta o historiador — se pôs a caminho para regressar a Wittenberg, o eleitor da Saxônia, seu protetor, o raptou e levou, sem ninguém o saber, para o castelo de Wurtburg, na Thuringia, tanto para o subtrair ás ciladas dos seus inimigos como para o ter debaixo da mão.

"O silêncio do chefe deixou plena liberdade aos seus prosélitos, e viu-se então claramente que a Reforma era uma onda irresistível da opinião. O culto, que Lutero respeitara, começou a ser atacado. Muitos frades agostinhos de Wittenberg abandonaram a clausura; outros inovadores reclamaram alterações importantes no dogma e na liturgia; pediram que se não celebrasse missa todos os dias e que se administrasse a comunhão sob as duas espécies. Assim o resolveu um capítulo. Carlostadt, que professava acerca da presença real uma opinião diferente da de Lutero, pôs-se à frente da juventude para destruir os restos do papismo; disse-se missa em língua vulgar e comungou-se sem confissão. As opiniões começaram a divergir; a doutrina da livre interpretação pessoal dos textos sagrados devia produzir necessariamente esse resultado."

Foi durante o seu retiro na Thuringia que Lutero completou a versão da Bíblia, "sua obra capital; apesar de pouco conhecedor da língua hebraica, o seu entusiasmo lhe deu inspirações em harmonia com uma simplicidade sublime. Em 1522 deixou o seu asilo, fortalecido pela solidão, e pôs-se a pregar contra as desordens que tinham rebentado; restabeleceu a subordinação e espalhou cem mil Bíblias em alemão. Foi depois a Orlemond, onde teve graves desinteligências com Carlostadt: a nova Igreja

não estava ainda organizada e já principiava a subdividir-se em seitas hostis.

“A abolição dos votos monásticos e do celibato do clero eram reformas muito aconselhadas e requeridas pelos livres pensadores que tinham preparado a revolução de Lutero. O frade agostinho, pois, despiu o hábito e pouco depois (em 1525) casou com Catarina Boron, que também havia professado num convento.”

*
* *

Tratando do movimento reformista, não devemos omitir uma referência a preponderante figura do seu principal colaborador doutrinário. Falamos de Filipe Melâncton que, dotado de grande serenidade de espírito, conciliador por natureza e tendo recebido primorosa educação intelectual, que os estudos clássicos haviam consolidado, estava destinado a ser o elemento, em certos casos, ponderador do extremismo de Lutero e dos tumultuários excessos de linguagem a que este se entregava. Em seus *LUGARES COMUNS* expôs claramente a doutrina reformada, sustentando que a justificação se faz perante Deus unicamente pela fé, a qual é determinada pela graça, independentemente da vontade do homem.

Foi ele o principal autor da “Confissão de Augsburgo”, formulada perante a dieta, que aí se reuniu em 1530, convocada e presidida por Carlos V, contendo as afirmações fundamentais do novo Credo e dividida em três partes. A primeira versava sobre os pontos gerais não contestados; segunda sobre os artigos que os luteranos admitiam parcialmente; a terceira sobre as cerimônias e os usos em que diferiam da igreja romana, como a supressão do cálice, o celibato dos padres, a missa como sacrifício, a confissão particular, os votos monásticos, os jejuns e o poder episcopal.

“Melâncton, assustado com a desordem, que ameaçava a sociedade, e com a tirania, secular, que prometia, suceder à abolição do governo eclesiástico, redigiu a Confissão nos termos que lhe pareceram mais conducentes a aproximar os dissidentes; não obstante, foi corrigida e remodelada muitas vezes.”

Já anteriormente, quando em 1527 Lutero, persuadido de que a sua interpretação da Escritura era a verdadeira, publicam a *INSTRUÇÃO PARA OS PASTORES*, como regra de fé, prevalecendo-se do ascendente que sobre ele exercia, Melâncton, sempre conciliador, modificou alguns dogmas, como a negação do livre arbítrio e a ineficácia das boas obras. “O seu *CORPUS DOCTRINAE CHRISTIANE* ficou sendo considerado pelos protestantes como um dos seus livros simbólicos”.

Duas outras personalidades surgiram nessa época, a interferir de modo

preponderante no movimento reformista, não devendo ser, por isso, igualmente omitidas na breve resenha, que dele nos temos proposto fazer: Ulrieo Zwinglio e João Calvino, cuja atividade, iniciada na Suíça, enquanto a de Lutero se exercia particularmente na Alemanha, irradiou mais tarde pela França e a Itália.

Mas a Reforma não estava destinada a ser unicamente um movimento de retificação e de renovação religiosa: correspondendo à ânsia de liberdade que trabalhava os espíritos, fatigados de opressões tanto da parte dos príncipes e reis como da monarquia pontifícia, os seus efeitos deviam simultaneamente refletir-se na esfera político-social. A vulgarização da Bíblia posta em prática por Lutero, levando ao conhecimento do povo os princípios igualitários do Evangelho, suscitou legítimas reivindicações, que tiveram infelizmente um epílogo sanguinolento.

“Proclamada a liberdade religiosa — observa o historiador — os homens dos campos, que encontravam no Evangelho Deus e o rei, mas não a nobreza, e liam nele que todos os homens são iguais, quiseram também conquistar a liberdade civil e queixaram-se acerbamente dos pequenos senhores, que os oprimiam, a exemplo dos grandes. Cristovão Schappler, eclesiástico suíço, formulou os seus agravos e as suas reclamações em doze capítulos, a um tempo moderados e ousados: devia ser lícito à gente do campo eleger padres encarregados de lhe anunciar, em toda a pureza, a palavra divina; Se até então haviam tolerado que os tratassem como escravos, apesar de resgatados pelo sangue do Cristo, não queriam mais semelhante tratamento, a não ser que os convencessem, com a Escritura, de que estavam em erro.”

Como não fossem atendidos, apesar da justiça de suas reclamações, e o próprio Lutero, convidado a servir de árbitro entre eles e os senhores, depois de: haver exortado os senhores a serem justos e pregado aos vilões o dever do sofrimento e da servidão resignada, se tivesse colocado do lado do poder, "de que já participava", os camponeses se sublevaram em massa e cometeram excessos. As suas desordenadas legiões forma, todavia, facilmente desbaratadas pelas tropas regulares dos nobres e passadas a espada. Morreram cem mil pessoas que usavam a cruz branca, praticaram-se cruéis atrocidades e os chefes do movimento tiveram que expatriar-se, prosseguindo contudo as agitações parciais que convulsionavam a sociedade civil.

“Essas tempestades populares — observa. ainda o historiador — não eram tanto resultado da Reforma como efeitos das mesmas causas que a haviam produzido; todavia Lutero assustou-se, deixou de querer ser popular, fez causa comum com os príncipes e sustentou abertamente a monarquia. Ao eleitor Frederico o Sábio, seu protetor moderado, havia já sucedido João o Constante, e esse príncipe o auxiliou sem restrições: aboliu nos seus Estados a jurisdição eclesiástica e entregou o governo da Igreja nacional a uma comissão de padres seculares.”

Diferentes foram a feição e as consequências políticas resultantes das doutrinas pregadas por Zwinglio e, em seguida, por Calvino, como o veremos adiante.

Sendo, ao começo de sua insurgência, cura de Glaris, Ulrico Zwinglio, indignado com a idolatria de que era objeto a imagem da Virgem de Einsiedeln e com o anúncio, da indulgência plenária afixado em cartazes nessa povoação, entrou a pregar contra semelhantes praticas. Nomeado pastor de Zurich, declarou que se cingiria exclusiva e integralmente ao Evangelho; declamou contra os maus costumes, venalidade do clero e a autoridade opressiva da Igreja, e expulsou o frade Bernardo Sansão que se apresentara na cidade para vender indulgências.

Admoestado pelo bispo de Constança, declarou que repelia toda e qualquer decisão dos homens em assuntos de fé e que não admitia nenhuma satisfação perante Deus, a não ser aquela que fora dada por Jesus Cristo.

Essa vigorosa propaganda agitou os cantões suíços, formaram-se dois partidos e foram publicamente debatidos muitos ritos e dogmas fundamentais, sendo afinal proibidas as procissões, os órgãos, a adoração da hóstia e a extrema unção.

“Os reformadores suíços — assinala o historiador — iam, pois, muito adiante de Lutero, que conservou diferentes práticas religiosas, como as imagens, as velas, os altares, o pão ázimo, a confissão auricular. Lutero queria conservar na Igreja tudo que lhe não parecia expressamente contrário à Escritura: Zwinglio suprimia tudo que se não podia provar com o seu texto. Um queria ficar com a Igreja de todos os séculos, depurando-a do que repugnava à palavra divina; o outro voltava aos tempos apostólicos e transformava a Igreja com a pretensão fazê-la volver ao estado primitivo.”

As consequências políticas dessas divergências foram diametralmente opostas. Lutero, conservador, pregando num país de príncipes, sustentou as ideias de absolutismo, favoreceu a usurpação dos bens do clero e, na jurisdição mista, considerou a autoridade eclesiástica uma instituição humana e um atributo da soberania; Zwinglio, republicano e radical, em derribava o poder das igrejas, mas, em vez de o dar aos príncipes, o restituía ao povo.

Da teoria passou-se aos fatos. Exaltaram-se os ânimos e os dois partidos religiosos, de cujo embate veio finalmente a resultar a divisão dos cantões em católicos, reformados e mistos, pegaram em armas, um constituindo a "Liga para defesa da Religião", sob o patrocínio de Fernando, rei dos romanos, o outro organizando a "Confraria Cristã", dirigida por Zwinglio. Feriu-se uma batalha em Cappel, aí morrendo Zwinglio, "que havia trocado a espada da palavra pela de ferro e o púlpito por um cavalo."

“Os católicos processaram o cadáver do reformador e o fizeram pedaços; mas um dos vencedores exclamou: 'Fosse qual fosse a tua crença, foste um leal

e sincero confederado. Deus receba a tua alma'."

Mais afortunado que Zwinglio — se é fortuna conservar a vida terrestre, maculando-a de atrocidades — Calvino, tendo abraço em 1534 e Reforma, já triunfante, e propendendo para a orientação radical de Zwinglio, pôs-se a interpretar a Bíblia segundo o seu modo de ver. "Se, porém, abominava a corrupção da igreja, também o indignou a desordem produzida pelos reformadores e empreendeu pôr termo a essa desordem. Ao período, portanto, de emancipação de Lutero seguiu-se o período organizador de Calvino, que pretendeu reconstituir a Igreja."

Indicado para essa missão por suas qualidades de caráter, sem os rasgos geniais, a violência e as ingenuidades de Lutero, nem a inabalável convicção de Zwinglio, mas possuindo a lógica inflexível do organizador, fez-se o medianeiro entre o papismo de um e o radicalismo do outro e publicou em francês elegante a *INSTITUIÇÃO DA RELIGIÃO CRISTÃ*, obra que se espalhou nas classes ilustradas e, com o *CATECISMO* publicado em 1538, veio a constituir o sistema doutrinário calvinista.

Instalado em Genebra, que tornou-se em poucos anos a Roma do protestantismo, desenvolveu uma ação implacável contra os dissidentes do sistema que recebera o seu nome. Tendo Lutero demolido a monarquia católica, ele por sua vez derrubou a aristocracia luterana e, auxiliando as ideias republicanas de genebra, aboliu o episcopado e confiou a escolha dos ministros à comunidade religiosa. Estabeleceu um Consistório, composto dos pastores, para administrar as coisas da religião e corrigir os costumes. "Assim chegava ao governo democrático; porém, ao contrario de tudo quanto se havia, feito antes, subordinou o poder civil ao religioso, preparando um centro para os revolucionários futuros. O efeito do calvinismo, não moderado por nenhuma autoridade, devia ser, portanto, maior, e maior também a cultura intelectual. Daí uma infinidade de seitas e a emissão de tantas ideias políticas".

A correção dos costumes, confiada ao consistório, produziu uma verdadeira inquisição, pois que até violava os segredos das famílias, dando lugar a denúncias e a severas penalidades por motivos, algumas vezes, insignificantes. Levando ao máximo extremo os seus rigores, Calvino fez proibir todos os espetáculos, as danças, a alegria estrepitosa, os divertimentos patrióticos.

A mesma intolerância que o levava a crer que só devia existir uma Igreja e essa única devia ser a sua, levava Calvino a proferir, "com uma cólera fria e prosaica, as mais violentas injurias contra quem sobressaia, na primeira plana, entre os reformados. Logo que implantou a sua profissão de fé, fez dela uma arma para condenar como impostores os outros inovadores, que pela sua parte o excomungaram. Além disso, pois que essa profissão tinha sido adotada como lei do Estado, quem a não aceitava era rebelde". Puro regime inquisitorial.

Dessa, feroz intransigência foi vítima, entre outras personalidades ilustres,

Miguel Servet, médico, astrólogo, editor de Ptolomeu. “Tendo-se aplicado aos estudos religiosos, numa época em que cada qual proclamava um sistema de teologia, quis ser também reformador e publicou um livro intitulado *DE TRINITATE ERRORIBUS, etc. CHRISTIANISMI RESTITUTIO*, no qual acusava Roma de ter convertido Deus em três quimeras. Os católicos o toleraram na Itália; Calvino, porém, não lhe pôde perdoar umas cartas em que ele chamava às suas razões *insulsas* e lhe perguntava: *unde tibi auctoritas constituendi leges?* — Quando, ao cabo de sete anos de espera, o puder haver às mãos, teve-o preso muito tempo, infligindo-lhe maus tratos. Servet pediu baldamente que lhe dessem um advogado, que abreviassem as delongas do processo, verdadeira tortura moral, a mais cruel de todas. Pediu a Calvino a esmola de uma camisa; recusaram-lha. Afinal foi queimado vivo, em nome de uma religião que rejeitava a autoridade, e, como se as chamas não bastassem, ultrajaram-lhe até a coragem com que vira avizinhar-se a morte (1553).”

Todos os cantões reformados aplaudiram a execução e pediram que se separasse por essa forma o trigo do joio.

*

* *

Tais foram os deploráveis excessos e os frutos do fanatismo. No movimento de emancipação suscitado pela Reforma e, como imensa fogueira ateadada no coração da Europa, destinado a promover no seio da Igreja a reação purificadora, mais tarde objetivada nas deliberações do concílio de Trento, não é difícil reconhecer-se o impulso providencial de que falamos páginas atrás, do mesmo modo que aí se patenteia, sempre obstinado e vigilante, em contraste com a não-vigilância dos reformistas, o predomínio do Anticristo, que a ele não renuncia em caso algum.

Se, com efeito, apreciada em seu conjunto, a obra da Reforma se recomenda, pelo saneamento moral que promoveu nos costumes, tanto como pela divulgação em ampla escala dos ensinamentos do Evangelho, postos ao alcance de todas as inteligências, no primeiro caso, com a abolição do celibato do clero e outras medidas disciplinares, reconciliando as funções eclesiásticas com os nobres e moralizadores deveres da família constituída, e no segundo, quebrando os grilhões do dogmatismo teológico, pela restituição das doutrinas do Cristianismo a sua fonte originária, a atitude de espírito mantida, entretanto, pelos realizadores daquela obra veio patentear quão longe estiveram eles dos preceitos fundamentais do Mestre. Esqueceram-se de que Deus é Amor e ninguém pode agir nem dizer-se autorizado a agir em nome do seu Cristo, se não se inspira nos ditames desse atributo soberano.

Que é o que fez a glória e assegurou a imortalidade à obra de Francisco de Assis, quaisquer que fossem as deturpações contra ela ulteriormente perpetradas pelo sectarismo e as ambições de Roma, escrava do Anticristo? Precisamente o ter

sido substancialmente fundada no amor e na humildade.

Ora, a ação dos promotores, como a dos sectários, da Reforma caracterizou-se pela intolerância, filha do ódio, e nas pelepas sustentadas, para destruir a autoridade pontifícia e “reformatar” o edifício doutrinário da igreja romana, mostrou-se com frequência inspirada no orgulho. pretendendo criar uma nova teologia, baseada no Evangelho, para explicar as relações do homem com Deus e definir a sua situação no mundo e os seus destinos espirituais depois da morte, em vez de cingirem-se à Palavra do Senhor Jesus e reconhecerem o grande principio da salvação universal, estabelecido, entre outras, na parábola do Filho Prodigio e nas passagens que atestam, como o vimos anteriormente, a pluralidade de existências, os reformadores erigiram, sob a influência judaizante do Velho Testamento, essa monstruosa doutrina da predestinação e da graça, que divide os homens em réprobos e escolhidos e tantas legítimas repulsas havia de suscitar, incompatível que é com a justiça, a bondade e a sabedoria do Criador. Daí a deficiência do movimento reformista, inapto em sua forma e em seu objetivo para satisfazer as legítimas aspirações da humanidade e encaminhá-la a realização de seus destinos imortais.

Explica-se, em todo caso, a obnubilação das inteligências chamadas a intervir naquele movimento, não só pelo implacável predomínio do Anticristo, cuja intromissão se nota a cada passo nos desvarios e exaltações dos reformadores, como pelas próprias condições do ambiente em que operavam, às quais, de resto, não era estranha, senão que constituía o seu fator primordial, aquela mesma anarquizadora influência. E é isso o que, de certo modo, os absolve.

A época era singularmente agitada e se, de um lado, o partido político, em cujas mãos se enfeixavam os destinos da igreja, permanecia refratário à adoção das medidas reclamadas para o restabelecimento da ordem, pela implantação dos dignificadores preceitos do Evangelho, por outro a disposição geral dos ânimos, naquele ambiente social de Roma, em que as tenebrosas falanges do invisível haviam, por assim dizer, instalado o seu *habitat* e operavam desde o tempo dos cézares romanos que lhes eram dóceis instrumentos, não opunha menos obstinada resistência a qualquer tentativa de reforma, a menos que se caracterizasse pela violência.

Testemunho disso foi o malogro da iniciativa tentada por Adriano VI, o escrupuloso e exemplar pontífice que sucedeu a Leão X e ocupou o trono apenas de 1522 a 1523. “Convencido por argumentos escolásticos — refere o historiador — da verdade das doutrinas ortodoxas, não podia acreditar que os reformados procedessem de boa-fé; mas entendia que os rigores os tinham levado a exceder-se. Por outra parte, educado no estrangeiro, reconhecia os abusos da cúria romana; quando anunciou o propósito de os extirpar, produziu um duplo efeito: sobressaltou a gente que o rodeava e, com a confissão desses abusos, acompanhada pela promessa de os corrigir, tornou os inimigos mais ousados”.

A esse tempo, quando o movimento da Reforma ainda se não extremara nos assuntos de doutrina e não tomara a amplitude que mais tarde veio a adquirir, ainda teria talvez sido possível um acordo com os seus promotores, graças sobretudo ao espírito conciliador de Melâncton e Adriano VI eram dotados.

"Mas durante o governo desse pontífice, Roma patenteou quando estava realmente corrompida. Adriano, que, assim como tinha conservado o nome próprio, conservam os antigo costumes, tinha levado a sua pobre governante, que o servia, como dantes... Ora a sua simplicidade e a exatidão com que todos os dias dizia a sua missa pareceram ridículas no palácio acostumado ao teor de vida dos Médicis. O papa, que entre os seus havia sido considerado. Um protetor das letras, que removem as dificuldades opostas à fundação do colégio *trilingue* de Louvain, foi tido como um bárbaro pelos literatos que não estipiava. Quando lhe mostraram o Laocoonte, murmurou: "Ídolos pagãos!" e desviou a vista da nudez clássica. Não foi preciso mais nada para se tumultuarem os homens de letras escandalizados. Pasquino o representou na figura de um pedagogo castigando os cardeais como se fossem colegiais. Se tivesse querido suprimir as vendas simoníacas, teria lesado e exasperado os que tinham adquirido legalmente o direito de as fazer. A abolição das sobrevivências às dignidades eclesiásticas criou-lhe muitos inimigos. Como estrangeiro que era, faltaram-lhe relações de família e não formou relações novas, porque, antes de conceder benefícios, refletia tanto que adia indefinidamente os provimentos. Só e sem apoio, exclamava: "É uma desgraça haver tempos em que o homem de melhores intenções se vê na necessidade de sucumbir!"

E o historiógrafo remata com esta edificante observação:

"Este pontífice, pio e zeloso, chegou a ser considerado um mal ainda mais funesto do que a peste, eu entoa grassava. Quando morreu, houve públicas demonstrações de regozijo e suspenderam-se coroas à porta do seu médico com a inscrição: *Ob urbem servatam.*"

A Reforma era, pois, necessária, como necessários e únicos eficazes eram os meios revolucionários, e não suasórios, que empregou, infelizmente conduzidos aos extremos da crueldade e das violências pessoais.

Do livre exame contudo, da liberdade na interpretação individual das Escrituras o que veio a resultar não foi, como teria acontecido, se os reformadores obedecessem às inspirações do Espírito Divino, o consenso unânime no restabelecimento da Palavra do Senhor, mas a multiplicação e a rivalidade das seitas, mais empenhadas em fazer prevalecer as opiniões dos seus chefes, edificadas sobre motivos teológicos e disciplinares, do que os ensinamentos da Verdade. E como esta

não pode, simultaneamente, residir em campos adversos e irreconciliáveis, como "todo reino dividido não poderá subsistir", a conclusão a tirar-se é que a Reforma, fracionária e antagônica em seus diferentes ramos representativos, não esteve nem estará reservada a tarefa, de restabelecer o Cristianismo na integralidade do seu espírito e de suas transfiguradoras realizações.

Coube-lhe, sim, a função histórica e oportuna de sacudir o torpor da igreja romana, abrir uma válvula momentânea ao pensamento religioso comprimido, inaugurar uma era, de liberdade espiritual, que, todavia, os seus promotores, sob a reacionária pressão dos servidores do Anticristo, se encarregaram de mutilar e restringir a golpes de intolerância e fanatismo sectário. Mas nem por isso o movimento cessou de adquirir uma poderosa irradiação, que terminou, como, estava, nos desígnios da Providencia, por impressionar os detentores dos destinos da igreja..

Ao fim de quarenta anos, com efeito, "a Reforma tinha-se propagado desde os Pireneus até a Islândia, desde a Finlândia até aos Alpes, ocupando o espírito dos pensadores e convertendo nações inteiras. No território alemão dominava na Saxônia, no Brandeburgo, no ducado de Brunswick, na Hesse, no Mecklenburgo, em Holstein e noutras províncias setentrionais; ao sul, no palatinado, Baden, Wurtemberg e muitas cidades imperiais; como, porém, se dirigia mais à razão que à imaginação, tinha feito aí menos conquistas do que no norte. Um embaixador de Veneza calculava, em 1558, que na Alemanha só um décimo dos habitantes eram católicos e, na Áustria, só um terço. As universidades, que tantos campeões haviam dado à antiga religião, abriam-se à crença nova. Durante vinte anos nem um só estudante da universidade de Viena tomou ordens; em Ingolstadt chegou a não haver candidatos a certos cargos que nunca tinham sido exercidos senão por eclesiásticos. Em Colônia, depois de se ter procurado por muito tempo um novo regente, descobriu-se que o tinha sido eleito era protestante. Na universidade de Dilligen, fundada precisamente para se opor às novas opiniões, faltou quem regesse as cadeiras; noutras partes quase todos os professores eram protestantes, e a mocidade bebia com o leite a aversão às instituições católicas."

"A Reforma foi introduzida na Hungria por Martinho Ciriaci de Lotse, e os senhores de balde lhe opuseram o ferro e o fogo. Muitos mancebos madgyares iam estudar a Wittenberg, donde saíam numerosos missionários. Formaram em Buda uma comunidade. Pedro Pereny fundou em Patak a primeira igreja, e a Bíblia foi traduzida em húngaro por Gabriel Pannonius. Favorecidos pela convivência de Fernando d'Áustria, recrutaram grande número de prosélitos e, num sínodo celebrado em Eperies, em 1546, redigiram uma profissão de fé em harmonia com a de Augsburgo; mas os calvinistas, que em grande quantidade se introduziram no país, publicaram outra em Czenger."

Até na Transilvânia, "apesar de comprometida ao começo pelos rigores de João Zapoly", a Reforma se propagou com extrema rapidez.

Em resumo: "a Igreja, que na Idade Média tinha exercido legitimamente a suprema direção dos espíritos e havia sido a regra de todas as consciências e a fonte de todos os poderes, estava então sendo alvo de terríveis hostilidades, e parecia iminente a vitória do individualismo, não somente em matéria de crenças e de culto, senão também nos domínios da moral."

Era tempo, conseguintemente, de que, a impulsos do instinto de conservação, em seu próprio seio se operasse a reação.

VI

Efeitos salutareos da Reforma. - Sua inferioridade relativamente ao culto sentimental do catolicismo. - Preponderância dos jesuítas nas deliberações do concílio de Trento. - Ignácio de Loyola e os extravios da sua missão. - O espírito reacionário e intolerante permanece com o partido político da Igreja. - Copérnico, Giordano Bruno, Galileu. - Florescimento espiritual da família cristã. - Renascimento expansivo da fé. - Grandes santos. - Missões e catequese. - Últimos clarões.

Os efeitos salutareos da Reforma não se fizeram apenas sentir na moralização dos costumes, levada ao seio da igreja romana, sobretudo após a reunião do concílio de Trento, nem na atividade mental determinada pela agitação dos assuntos teológicos, que despedaçou os moldes estacionados do dogmatismo em que se imobilizara o pensamento acidental, nem ainda no inestimável benefício de pôr diretamente o povo em contato com os ensinamentos do Evangelho, mas se exprimiram por um apreciável desenvolvimento intelectual, graças à difusão da instrução pública, tornada indispensável ao estudo e conhecimento pessoal das sagradas letras.

Na Suíça, com efeito, além de melhorar os costumes, dirigindo-se mais ao povo que propriamente ao clero, o movimento reformista vulgarizou profusamente a instrução e, com ela, difundiu preceitos morais, que são a base para a formação do caráter no indivíduo. “Estabeleceram-se muitas escolas elementares, e a nação, que havia sido até ali exclusivamente caçadora e guerreira, aplicou-se aos estudos.”

Esses efeitos se acentuaram no decorrer do tempo. É assim que, ao fim de séculos e, mesmo numa época vizinha aos nossos dias, os cantões suíços reformados continuavam a apresentar visível contraste com os católicos, por um espírito de iniciativa mais acentuado e pelo adiantamento material e intelectual adquirido, enquanto os últimos, privados de instrução no mesmo grau, pelo menos com idêntica amplitude, permaneciam retardatários, acusando notável percentagem de

analfabetos.

Na Alemanha, o fenômeno da alfabetização geral, que veio a reduzir mais tarde a uma cifra quase nula o número de iletrados e foi o ponto de partida de sua prodigiosa cultura em todos os ramos dos conhecimentos humanos, não pode ser dissociado da preponderância exercida pela sua formação e pela sua educação religiosas.

O mesmo pode dizer-se não tanto da raça anglo-saxônia, como particularmente do núcleo que, fugindo às perseguições sectárias e fixando-se em o novo continente, veio a substituir o povo norte-americano, rival, em pouco mais de um século, da nação germânica, assim na quase total supressão do analfabetismo, como no vertiginoso desenvolvimento de suas atividades econômicas, industriais e científicas.

Mas foi principalmente na esfera dos costumes religiosos, restabelecendo a tradição dos patriarcas e dos apóstolos, que não consideravam incompatíveis as funções eclesiásticas e o matrimônio, reconciliando, portanto, como o dissemos, aquelas funções com os nobilitantes encargos da família honestamente constituída e, desse modo, abolindo o celibato obrigatório instituído pela igreja — fonte de tantos secretos desregramentos e escandalosas uniões ilícitas — que a Reforma produziu os mais salutareos e moralizadores efeitos.

Dirigindo-se contudo mais à inteligência e à razão que ao sentimento e cingindo-se antes literalmente aos imperativos preceitos do mosaísmo que às misericordiosas e persuasivas doutrinas do Evangelho, veio, com os seus dogmas da justificação exclusiva pela fé e, sobretudo, da predestinação e da graça, de que resulta o aniquilamento do livre arbítrio humano e torna ineficazes as boas obras, a incutir em seus adeptos essa indiferença, pior ainda, essa implacável e egoística *secura* de coração que, não excluindo embora a retidão de caráter, que é o recomendável apanágio do homem de bem — característico dos pastores como, em geral, do rebanho protestante — constitui, entretanto, uma flagrante negação do que de mais sedutor se encontra no Cristianismo: a piedade e o amor ou, em suas mais altas e raras expressões, a Caridade.

Neste sentido a igreja católica — falamos do espírito dominante na família cristã e não da interesseira influência do partido político que a explora — se mostrou sempre mais fiel às inspirações da indulgência, consubstanciada nas lições e nos templos do Senhor Jesus. Mesmo depois que as concepções teológicas, a instituição dos dogmas, entre os quais o da odiosa condenação aos suplícios eternos, e a adoção de um culto paganizado, porque duplicado de pomposo ritual, vieram substituir as puras doutrinas evangélicas e alterar a singeleza das primitivas praticas, o que na igreja subsistiu do pensamento cristão bastou para entreter nas almas a ternura dos sentimentos fraternistas, expressos em tantas obras de assistência e de solidariedade humana.

Enquanto a Reforma, proscrevendo rigidamente a doutrina das indulgências e a

invocação dos santos, de alguma sorte isolava os homens neste mundo,, colocando-os exclusivamente a mercê das inflexíveis injunções da Lei, para alcançar a salvação, a igreja, tendo suprimido a comunhão ostensiva com o mundo espiritual, praticada pelas primeiras gerações cristãs, como o demonstraremos oportunamente, mas que viera a tornar-se uma fonte de abusos e superstições, instituiu em seu lugar o culto dos santos, por cuja intercessão podem os pecadores obter misericórdia, com isso mantendo por uma outra forma aquela comunhão, graças à qual. Já se não sente o homem, na sua ínfima pequenez, tão distanciado da grandeza infinita do Criador e pode com Ele corresponder-se mediante aquela compassiva escala, desdobrada entre a terra e o céu.

Mais, todavia, que o dos santos, o culto da Virgem Maria constituiu sem dúvida e tem, através os séculos, constituído uma fonte não somente de inexauríveis consolações, mas de aperfeiçoamento e exaltação dos sentimentos humanos, porque, como o assinala o historiador, de que nos temos, socorrido, em termos calorosos, que fazemos nossos:

“O nestorianismo e o concílio que o condenou são memoráveis especialmente porque foram causa do desenvolvimento que tomou o culto de Maria. Quando os hereges tentaram derrubá-la do seu trono celeste, os católicos redobraram de veneração por ela, e muitos templos se converteram em igrejas consagradas a Maria. E assim começou a generalizar-se esse culto simpático, pelo qual o cristão adora a mãe de Jesus, presta homenagem às virtudes da mulher e dá expansão às ternuras desabrochadas em sua alma pelos carinhos maternos, pelo amor da esposa, pelo suave prestígio dos encantos femininos. Maria é uma das mais formosas criações do Cristianismo e tem sido porventura uma das suas maiores seduções. Fala aos sentimentos mais essenciais da natureza humana e, por isso, na Antiguidade auxiliou a Igreja a acabar de converter as gentilidades, e nos tempos modernos inspira as devoções mais sinceras e ardentes que ainda amparam o catolicismo.”

É verdade que a igreja, deificando o cristo e, portanto, colocando Maria como Mãe de Deus, acima do próprio Criador, veio a tornar, de certo modo, suspeito aos olhos dos puros teístas, sobretudo depois que o adiantamento dos conhecimentos astronômicos tanto contribuiu para modificar o conceito interpretativo da divindade de Jesus, tornar suspeito — dizemos — um culto que, radicado nos mais nobres impulsos do sentimento humano, foi para ela mesma conduzido aos exageros do que se denominou por fim "a Mariolatria", em detrimento da adoração suprema devida ao supremo Autor de todo o Universo e de todas as criaturas. De tal modo, nessa igreja, vigiada de perto pelo Anticristo, as melhores práticas degeneram em abuso e o próprio bem, às vezes, se converte em mal.

O inverso também, não raro, se observa, consoante os inescrutáveis desígnios

da Divina Providência. A admissão, por exemplo, das imagens, generalizada e, por último, perpetuada, mas que fora objeto de impugnação e controvérsias, durante um século, em vários concílios, como a adoção de outros símbolos materiais, a introdução, nas cerimônias do culto, de certos acessórios, como a música e o incenso, do mesmo modo que o uso dos sinos, tudo em suma que lisonjeia os sentidos e constituiu, da parte da igreja, uma deturpação materializadora da espiritualidade característica do Cristianismo em suas primitivas formas, não deixou contudo de atrair para o catolicismo grande número de almas, imperfeitamente evoluídas, e contribui para conservar em seu seio muitas outras cuja mente, necessitada ainda de representações objetivas, seria porventura inacessível a formas religiosas de requintada espiritualidade.

Não há dúvida que desse atraso mental cabe principalmente a culpa à própria igreja, desde que, renunciando aos superiores métodos persuasivos da conversão pela fé e os exemplos vivos da caridade, e assim se divorciando das instruções e do pensamento do Divino Mestre, entrou a substituir no ânimo entibiado dos seus ministros o essencial pelo acessório e a fazer desse acessório, cuja transitoriedade apenas seria admissível, o instrumento permanente de seu apostolado. Esquecida de que o Cristianismo é uma doutrina essencialmente dinâmica, destinada a caminhar na vanguarda do progresso humano, como agente de todas as suas transformações para melhor, e não um sistema religioso de acomodações retardatárias, a tal ponto consentiu ao estacionamento dos seus métodos educativos e das suas práticas que deixou converter-se numa necessidade o que devera ser contido nos limites apenas de uma condescendência transitória. É por isso que, durante o movimento reformista na Suíça, "quando Zwinglio, Engelhard e Leão Judas se puseram a declamar contra as imagens, manifestou-se oposição popular" e o seu uso não foi abolido senão depois de vivas controvérsias. De tal modo se haviam os crentes identificado, ao fim de quase dez séculos de tolerância, com a integração da idolatria em seus hábitos de religiosidade.

Como quer que seja e para não recusarmos o testemunho de nossa imparcialidade ao que pode considerar-se uma inevitável contingência dos tempos e da situação peculiar de certos espíritos, ouviremos em que os símbolos materiais teriam contribuído para atrair ao seio da igreja povos incultos e grosseiros como os bárbaros do norte, ao termo de sua invasão no ocidente, e mais tarde as populações selvagens da África e da América, substituindo nestas os objetos do culto fetichista por outras expressões de natureza semelhante, mas de significação mais elevada.

O grande mal que debilitava a igreja, ameaçando de irremediável colapso a sua influência espiritual, na época a que nos reportamos, não era tanto o se haver obstinado na conservação de práticas culturais materializadas, senão, em seus efeitos dissolventes, os abusos extorsivos da cúria e os exemplos desmoralizadores com que o clero, em seus desregramentos, escandalizava o povo, abalando, quase destruindo

os estímulos da fé, que havia geralmente perdido e lhe cumpria, entretanto, alimentar no espírito das multidões.

A esses males viscerais é que urgia serem opostos eficazes e prontos remédios, reclamados pelo próprio instinto de conservação e tornados imperiosos pelo movimento revolucionário e oportuno da Reforma. Se, além disso, não pesasse sobre a igreja a ação obnubiladora do Anticristo e aos seus dirigentes fosse, doutro modo, permitida uma clara visão das necessidades do futuro, teriam eles compreendido que uma serie de medidas, no sentido liberal, se impunha igualmente em seus ensinamentos dogmáticos, substituindo as concepções terroristas de uma teologia, que fora porventura adequada ao período de formação das sociedades ocidentais, por novas concepções em harmonia com o adiantamento das ciências e, portanto, com as tendências racionalistas dos espíritos cultos, que já se não poderiam satisfazer com os velhos moldes de uma teodiceia obsoleta.

O impulso de renovação introduzido pela Renascença na literatura e nas artes devia forçosamente propagar-se ao domínio religioso. A ânsia de liberdade, que fora dos mais poderosos motivos da extensa repercussão adquirida pela Reforma, a rapidez com que daí em diante se efetuaría o progresso intelectual, graças à amplitude na circulação das ideias promovida pela imprensa, tudo isso estava a indicar que, ao lado das medidas moralizadoras e disciplinares reclamadas para reabilitação do clero e sua reintegração na estima e no conceito popular, uma reforma igualmente se impunha nas concepções doutrinárias da igreja, pondo-as em concordância com os ensinamentos do Evangelho e, assim, com a Justiça, a Bondade e a Sabedoria de Deus, em torno das quais giram todos eles. E não apenas em suas concepções teóricas, senão que a primeira medida que se impunha era a abolição do sinistro aparelho de torturas — monstruoso testemunho negativo do espírito do cristianismo — que era a Inquisição.

Por essa e não por outra forma, satisfazendo, além das modestas necessidades da crença popular, as legítimas aspirações das inteligências esclarecidas e pondo termo, igualmente, ao odioso contraste daquela nefanda instituição com as misericordiosas doutrinas do Redentor e não exterminador dos homens, é que a igreja lograria sobrepujar a profunda e extensa crise que a atribulava, restituindo-lhe, com a missão apostólica e tutelar, de que se vinha, há séculos, divorciando, a quase perdida influência espiritual sobre a cristandade e o mundo, em vésperas de grandes transformações.

Veamos até que ponto lhe consentiu, ou se porventura o consentiu, a pressão escravizadora do Anticristo pôr em prática esse programa libertador.

*

*

*

"Era costume da Igreja — refere o historiador — se alguma heresia grave perturbava a sua paz interna, reunir-se em concílio; esse remédio, oportuno quando a autoridade eclesiástica ainda tinha prestígio, foi proposto logo que se manifestou o movimento (reformista), e os próprios protestantes apelaram para o concílio, das excomunhões dos papas. O imperador desejava que os dois partidos se conciliassem. Os católicos acreditavam que a tão falada reunião poria termo à discórdia; mas Clemente VII, nascido ilegítimamente e pouco legitimamente elevado ao pontificado, não podia desejar uma assembleia que teria muito que lhe censurar a ele e de acusar a instituição por ele representada, e que, além disso, talvez se declarasse superior ao papado, como a de Basileia. Tergiversou, portanto, e opôs muitas dificuldades à reunião do concílio, dizendo principalmente que, se era preciso um sínodo para definir doutrinas novas, não o podia ser para definir os que já tinham sido objeto de sentenças definitivas."

"Alexandre Farnesio, que Clemente VII recomendara à hora da morte, sucedeu-lhe com o nome de Paulo III (novembro de 1534). Tendo-se aplicado desde a infância às letras e às artes, principiou o mais famoso palácio do mundo e edificou uma esplêndida casa de campo perto de Bolsena; seduzido pelo exemplo de uma época de costumes tão fáceis, teve muitos filhos. Geralmente benquisto, afável, suntuoso, timbrava em não dizer uma palavra que não fosse clássica, mas acreditava no influxo dos astros."

Fazendo-se contudo rodear de excelentes cardeais, afim de com eles repartir as graves responsabilidades de sua complexa missão, empreendeu algumas medidas preparatórias da grande assembleia, mas somente onze anos depois de sua investidura (setembro de 1545), conseguiu reunir em Trento o concílio, que devia prolongar por dezoito, intermitentes, anos os seus trabalhos e no qual se fez representar, como presidentes, por três legados seus, que ele chamava "anjos" da paz".

O fim da assembleia, segundo o declarou, "era extirpar as heresias, corrigir os costumes e a disciplina, restabelecer a concórdia entre os príncipes cristãos".

"Os trabalhos preliminares — refere ainda o historiador — foram longos; houve renhida discussão, verdadeira. luta entre duas opiniões antagônicas. O partido francês, de que era um dos corifeus o cardeal Contarini, desejava a reforma dos abusos papais, esperavam da confissão dos pecados e da sincera penitência viesse a resultar o restabelecimento da unidade da Igreja; o partido dos jesuítas, pelo contrario, queria apenas retemperar a autoridade do papa e afirmar um a inflexibilidade do dogma. Esses dois partidos se degladiaram vigorosamente quando se tratou de saber se o concílio havia de tratar da disciplina ou do dogma, da reforma dos costumes eclesiásticos ou da renovação da fé; venceram afinal os jesuítas, e as questões teológicas preteriram às

disciplinares. Em vista dessa vitória, os protestantes (que não compareceram ao concílio — advertamos — por terem legitimamente pretendido, sem resultado, “que o papa comparecesse no seu seio, não como chefe, mas como parte”, e haviam recusado “submeter-se previamente às suas decisões se os não admitissem nele com voto deliberativo”) declararam na dieta de Ratisbona (1546) que se não submeteriam às decisões do concílio.”

Estava assim frustrado um dos principais objetivos da assembleia, que era obter o restabelecimento da unificação no rebanho chefiado pela igreja romana, e esse primeiro resultado foi devido, como se vê, à preponderância dos jesuítas nas suas deliberações. Essa influência dominadora continuou a se fazer sentir assim nas questões dogmáticas, que eclipsaram inteiramente as puras doutrinas evangélicas em seu espírito de mansidão e de concórdia, como no referente à discricionária autoridade papal, consoante, no prosseguimento da narrativa, que resumimos, o assinala o historiador.

Traçado o mencionado rumo na orientação dos trabalhos, o concílio, depois de muito tempo gasto em tratar “do cerimonial, das formas, do voto e até do seu título, começou a revisão do sistema católico, com o firme proposto da sua grande maioria de não fazer concessões. As primeiras deliberações versaram sobre assuntos capitais: declarou-se que todos os livros do antigo e novo Testamento tinham igual autoridade; reconheceu-se como autêntica a tradução da Vulgata, de que se mandou fazer uma edição exata, admitiu-se o dogma do pecado original e condenou-se quem o negasse.”

“A doutrina da graça e da justificação, que era uma das causas principais da dissidência, foi tratada logo nas primeiras sessões. Contarini emitiu uma opinião conciliadora, fundada nos argumentos de Pflug e Gropper, que haviam impugnado Lutero. Queria ele que o concílio reconhecesse a coexistência de duas justiças: uma inerente ao homem, imanente nele, ativa, nas suas obras, manifesta nas suas virtudes e pela qual ele é filho de Deus, mas sô por si insuficiente; outra, a par dessa, ou superior a ela, a justiça divina, a do Cristo, por cujos merecimentos a humanidade é perdoada e remida, e que é a única salvadora, a única, redentora, a única verdadeiramente completa. Mas os jesuítas Lainez e Salmeron rebateram esse plano de conciliação. Sustentaram que a justiça divina, inegavelmente distinta da humana, nem por ser distinta se separa do mundo, porque só se revela pela fé e pelas obras; que o homem não é simultaneamente governado por ambas, por um livre arbítrio e uma, predestinação coexistentes e coeficientes; que Deus revela-se na fé e nas boas obras, e que os merecimentos das obras elevam a graça. A assembleia adotou essa opinião, reconheceu também a necessidade de desenvolver a graça com o auxílio dos sacramentos, e assim repeliu terminantemente qualquer transição com o protestantismo.”

Absorvidos, como se vê, pela preocupação de fazerem prevalecer os cânones de uma teologia que tinha tudo de humana, em lugar de buscarem na humildade de coração, que não possuíam, as inspirações da Verdade divina, esqueceram-se de remontar singelamente à fonte em que toda ela se contém, isto é, o Evangelho. Porque aí encontrariam, como tivemos, em capítulo anterior, ocasião de o assinalar, claramente enunciada a lei providencial da pluralidade das existências, mediante a qual todas as faltas cometidas no passado vêm a ser gradualmente resgatadas e a salvação final se oferece a todos os homens, como destino traçado por Deus às suas criaturas. Preferiram obstinar-se na ratificação do iníquo dogma do pecado original, transmissível por herança e na proscricção, portanto, das doutrinas de Orígenes, que sustentava aquele magno princípio, para emaranhar-se em subtilezas que, longe de resolver o problema das desigualdades e do destino humano, o deixam envolto em inextricáveis obscuridades, com a única vantagem, meramente temporal, para a igreja, de constituir-se ela o árbitro daquele destino, mediante a imposição de “sacramentos”. Prevaleceram desse modo as preocupações e os interesses mundanos sobre as injunções superiores da Verdade.

Como, porém, não ser assim, se nada, nas deliberações desse concílio, indica terem os seus membros inquirido, no santuário de suas consciências, se o que faziam era do agrado do Senhor Jesus e conforme aos seus ensinamentos? Deliberavam como filhos do século, representantes que eram do partido político dominante na direção da cristandade.

Por isso, adverte com razão o historiador que, na discussão das doutrinas, a que acabamos de aludir, “e em todas as outras os jesuítas foram os *janízaros do papado*”,²⁴ a tal ponto se fazendo sentir a sua preponderância que, “como Lainez sofria de febres intermitentes, suspendiam-se as sessões nos dias em que ele tinha acessos.”

O concílio teve, de resto, que ser suspenso em 1547 por Paulo III, para evitar um cisma quase suscitado por um antagonismo com o imperador Carlos V, para ser reaberto em dezembro de 1550 por Julio III que sucedeu àquele pontífice.

Dissolvido em 1552, depois de haver tratado apenas de alguns sacramentos, só tornou a reunir-se em dezembro de 1560, graças aos esforços do eminente prelado Carlos Borromeu, que adquirira notável e legítimo prestígio no pontificado de Pio IV então reinante.”

Nesse longo interregno, que correspondeu exatamente ao pontificado do cardeal Caraffa, elevado ao trono com o nome de Paulo IV, ocorreram alguns sucessos dignos de registro como índice do nível moral verificado na corte pontifícia, no momento em que se conjugavam, ou deviam conjugar-se, esforços no sentido de restituir á igreja, com a integridade de costumes dos seus membros, o prestígio espiritual, que só lhe poderia advir de uma perfeita conformidade com os preceitos

²⁴ Janízaro (“nova força” traduzido do turco) era uma elite do exército dos sultões otomanos (do antigo Império Turco), constituída de crianças cristãs capturadas e convertidas ao Islamismo — N. E.

evangélicos.

Pondo de parte o espírito mundano e dominador de que se mostrou animado nos primeiros anos de sua investidura, em cujo ato declarou, respondendo à interrogação que lhe fora dirigida, que queria ser tratado “como um grande príncipe”, assinalemos apenas que, na segunda fase do seu pontificado, em que procurou corrigir os desacertos de sua política e os abusos de sua autoridade espiritual, Paulo IV “quis dar à inquisição um vigor insólito, empregando nela seculares: mandou prender o cardeal Morone e o Bispo de Modena, Egídio Foscarari, prelados muito considerados, Thomaz San-Felice, bispo de La Cava, Luiz Priuli, bispo de Brescia, acusados de terem professado opiniões heréticas ou defendido mal os princípios ortodoxos. A morte livrou o cardeal Pool de ser tratado do mesmo modo, e outros puderam justificar-se; mas em Roma foram queimadas e em Veneza afogadas diversas pessoas; nesta última cidade entraram três nobres para o tribunal do santo ofício, muitas outras pessoas tiveram de retratar-se por medo do castigo, e imaginou-se que as violências da inquisição podiam dar ao papado a autoridade moral que lhe não adviera do concílio”.

Em consequência desses e de outros excessos, “o povo concebeu tanto ódio contra Paulo IV que lhe derribou a estátua, apenas ele morreu, e incendiou o palácio inquisitorial.”

Animado de um espírito diferente, seu sucessor, Pio IV, “percorria a cavalo as ruas da cidade, atendendo às pessoas que se lhe dirigiam; no pavilhão de Belvedere dava audiência sem etiqueta aos embaixadores; reprovava os rigores do seu antecessor e, apesar de ligado pela sua origem com a casa d'Áustria, compreendeu os males da guerra e assegurou a Roma anos de sossego e de abundância”. Entretanto, “mandou matar os três sobrinhos de Paulo IV, sem exceção do cardeal, talvez em obediência às sugestões da Espanha, que queria castigar Caraffa por se ter gabado de lhe arrebataram o reino de Nápoles. Foi também nepótico e deu o arcebispado de Milão, e logo a púrpura, a um mancebo de vinte e dois anos que nem sequer tinha recebido ordens.”

Trata-se do aludido Carlos Borromeu, que veio a ser canonizado e de quem diz o historiador: “felizmente o agraciado era digno das mercês; foi um dos prelados que mais honraram igreja romana e mais trabalharam para a sua restauração”.

“Os seus principais esforços — prossegue, depois de enumerar os consideráveis serviços por ele prestados — convergiram para a conclusão do concílio de Trento, que tornou efetivamente a reunir-se (29 de novembro de 1568). A nova assembleia foi mais numerosa e imponente que a primeira e nela tomaram parte muitos homens eminentes”, cuja nomenclatura indica, mas pouco interesse apresentaria para o assunto que nos preocupa.

“A história desse concílio — acrescenta — que ficou escrita por Paulo Sarpi e Pallavicino, é muito complicada e compreende episódios pouco

edificantes, que tiraram uma grande parcela, de autoridade moral às deliberações que nele se tomaram. No estado de fermentação em que se achavam os espíritos, foi perigoso reuni-lo, foi difícil, senão impossível, contê-lo dentro de justos limites. Os príncipes protestantes não quiseram intervir nele; as pretensões dos reis católicos, os protestos, os conluios dos cardeais e das nações criaram inúmeros e variadíssimos obstáculos à sua direção. Urdiram-se intrigas, empregaram-se estratagemas, subornaram-se consciências, praticaram-se violências. Como os prelados estrangeiros se mostravam exigentes e não davam sólido apoio ao partido de Roma, esse partido encheu o concílio de bispos italianos, mais pobres, mais dóceis; e, para que eles preponderassem, fez adotar a votação individual, em vez da votação por nações. Para nos resumirmos: os acérrimos defensores dessa famosa assembleia confessam que *algumas das suas decisões* foram determinadas por motivos políticos, e essa confissão deixa entrever quanto o tumulto das paixões e dos interesses mundano deve ter afugentado de Trento a pomba do Espírito Santo."

"Na primeira. sessão do concílio, celebrada durante a guerra de Smalkalde, o dogma da justificação, que ficou sendo a base do sistema católico, tinha sido definido claramente; restava. discutir as questões de hierarquia. A residência e a instituição dos bispos eram de direito divino? Até que ponto chegava a independência deles em relação ao pontífice? As chaves tinham sido dadas unicamente a S. Pedro? — Nesta grave questão os jesuítas foram, como sempre, os campeões de Roma. Lainez, então geral da companhia, no discurso mais monumental que se proferiu na assembleia, sustentou que o poder de jurisdição pertencia unicamente ao papa e que todas as outras jurisdições derivavam da sua. Essa opinião prevaleceu e a supremacia dos pontífices, que se pretendem restringir, consolidou-se ainda mais; decidiu-se que só ele podia interpretar os cânones, só ele ditar as regras da fé e da moral."

Nessa deliberação, que tão considerável soma de poderes espirituais, verdadeiramente absolutos, enfeixava nas mãos de um só individuo, conferindo-os implicitamente à função, sem os subordinar às virtudes de que houvesse dado prévio testemunho o seu depositário e que deveriam ser, mas raríssimamente foram, o motivo da investidura pontifícia, mais que em qualquer outra decisão adotada pelo concílio, sob preponderância dos jesuítas, se patenteia a influência dominadora do Anticristo, de que ao demais se havia eles constituído veículo preferencial.

Já no concílio ecumênico, a que nos referimos precedentemente, reunido em Éfeso, no ano 431, essa influência transpareceu visivelmente, quando fez proclamar o pontífice romano "o príncipe, a cabeça, a coluna da fé, o fundamento da Igreja", destarte proscrevendo a única, suprema, insubstituível e divina autoridade do Cristo, como chefe, origem, esteio e base da Igreja, é verdade que de Deus, não dos papas, homens frágeis e prevaricadores, do que temos citado, como ilustração, alguns

exemplos.

O concílio de Trento, fortalecendo por forma discricionária a autoridade individual do pontífice romano, outra coisa não fez que confirmar, a uma distância de onze séculos, aquela blasfema proclamação. Aproximação histórica esta, que se nos afigura oportuna, reveladora que é da unidade de pensamento na urdidura do plano tenaz, obstinado de demolição da Igreja Cristã, concebido pelo seu implacável, infortunado antagonista.

Veremos, no seguimento destas páginas, como aos desacertos da assembleia de Trento soube o vigilante Pastor Divino opor salutarese corretivos, suscitando emissários de sua graça e bondade no seio dessa mesma igreja, para edificação da cristandade. Por agora, completemos a narrativa das deliberações e resultados do concílio.

*

* *

Comentando a decisão adotada acerca da autoridade absolutista e discricionária conferida ao pontífice, assim se exprime o historiador:

“Esse resultado era fácil de prever-se: por uma parte os bispos, em vez de aspirar a uma autoridade em detrimento da do papa, sentiam a necessidade de salvar a sua à sombra da de Roma; por outro lado os príncipes tinham compreendido que a paz e a esperança dos Estados estavam sendo comprometidas pelas contendas teológicas e que, portanto, mais lhes convinha fazer com que o poder eclesiástico lhes servisse de apoio do que discutir-lhe os limites. Contudo, as dissensões renasciam incessantemente no seio da assembleia, e os soberanos formulavam queixas e reclamações: diziam que os debates se iam excessivamente protelando, que a discussão não era livre, que as deliberações vinham preparadas de Roma e que os prelados curavam demasiadamente do engrandecimento do papado. A verdade, porém, é que eles intrigavam tanto como a cúria, assustavam-se com certas reformas e queriam que o concílio servisse para os seus fins particulares.”

“Pio IV e os seus teólogos — prossegue — tiveram um trabalho infinito para dirigir o concílio através de tão encontradas pretensões estranhas e ir sempre satisfazendo as próprias; por fim despacharam-se as matérias concernentes ao casamento, ao purgatório, à invocação dos santos, ao culto das imagens e das relíquias, aos jejuns e às indulgências.”

E, depois de enumerar as decisões relativas a assuntos disciplinares, como as ordenações, o sacrifício, as investiduras eclesiásticas abrangidas no sacramento da ordem, a residência dos prelados e a independência do clero em relação ao poder civil, assinala:

“O concílio encerrou-se a 26 de janeiro de 1564, e Pio IV confirmou solenemente os seus decretos e nem tinha esperado que a união se restabelecesse na igreja, viu que, pelo contrário, havia sido proclamada a sua divisão. Quando a assembleia se dissolveu, já cada qual tinha tomado o seu partido; os interesses políticos influíam nas opiniões religiosas, e o mundo estava dividido em dois campos. O resultado mais proveitoso do concílio foi, pois, aliviar a doutrina católica de muitas superfluidades e de alguns absurdos, reduzir a teologia a um corpo de ciência definido e desembaraçá-la da dialética. Mas nem sequer os católicos aceitaram, todos sem restrição, as decisões conciliares. Aceitou-as, primeiro que os outros Estados, a república de Veneza e seguiram-lhe de perto a Toscana, a Polônia e Portugal. Mas Filipe II só as admitiu com a reserva de observar na execução as leis dos seus Estados. Em França, Carlos IX rejeitou-as, porque lesavam as prerrogativas régias e podiam exasperar os dissidentes; quando Henrique IV resolveu aceitá-las, encontrou oposição, de modo que, embora tacitamente reconhecidas, nunca foram recebidas formalmente no reino. Na Alemanha, visto que o pontífice recusava a comunhão sob duas espécies e o casamento dos padres, o concílio nunca foi admitido como lei do Império, mas tão somente a título subsidiário, embora os pontos da doutrina se considerassem como emanados da Igreja, e o mesmo sucedeu na Hungria.”

Pio IV fez redigir em 1564 uma *profissão de fé*, que foi assinada por todos os eclesiásticos e doutores, “em que expôs o dogma com mais clareza do que o expusera o concílio”. Foi também posteriormente publicado, em obediência à determinação adotada em Trento, um catecismo, de cuja redação se encarregou Carlos Borromeu, auxiliado por três dominicanos, para uso e instrução do povo. Veia a ser o *Catecismo romano*, em sua edição de 1574 sob a forma de perguntas e respostas.

“Apesar das desordens da época — remata o historiador — e do orgulho, que receava dar razão aos dissidentes, realizou-se em parte a reforma moral da igreja. A idolatria clássica cedeu o passo ao sentimento religiosos nas artes, nas letras e no teor da vida. Celebraram-se muitos concílios provinciais, para extirpar as superstições e as práticas absurdas. Decidiu-se reunir outros sínodos de quando em quando, e apareceram reformadores tão zelosos eu se dizia esperavam fazer voltar a igreja aos tempos apostólicos. Carlos Borromeu, em seu *RITUAL*, estabeleceu as penitências dos primeiros séculos; João Francisco Bonomo, bispo de Vercelli, delegado para visitar a diocese de Cômô, dirigiu severas admoestações ao prelado; fez-lhe notar que não devia ter em seu uso móveis de preço e, muito menos, vasos e candelabros de prata, cujo valor podia ser aplicado à sustentação dos pobres. Gregório XIII, para executar rigorosamente os decretos do concílio de Trento, mandou visitantes apostólicos encarregados de examinar as contas das igrejas, dos estabelecimentos de beneficência e das confrarias; esses delegados, porém,

rígidos demais, provocaram descontentamentos, e alguns príncipes, a exemplo de Filipe II, os excluíram dos seus Estados."

Como efeitos salutarés da reação moral operada na igreja, e resultante das deliberações adotadas em Trento o historiador menciona ainda as severas medidas decretadas por Pio V, levadas a extremo exagero, como a condenação a permanecer um dia inteiro de pé à porta da igreja, com as mãos atadas às costas, lançada contra quem violasse o domingo, a pena de açoites, em caso de reincidência, e no de nova reincidência, a de "ser mandado para as galés, depois do carrasco lhe furar a língua"; recorda que "a corte de Roma e a própria cidade assumiram uma fisionomia inteiramente eclesiástica e nelas se introduziu o espírito de regularidade"; assinala que "a púrpura e a mitra foram ilustradas por homens notáveis", cujos nomes indica, assim na Itália como na França e em Portugal (frei Bartolomeu dos Mártires, por exemplo, "o santo arcebispo de Braga") e acentua:

"A proteção ao saber tomou melhor direção. Na decadência dos estudos religiosos, os jesuítas, animados pelo espírito do catolicismo reformado, puderam apoderar-se do ensino; proveram de colégios, primeiro, Viena, depois Colônia e Ingolstadt, donde se espalharam pela Áustria, pelas margens do Reno e do Meno e estabeleceram-se em Munique, a "Roma alemã". O seu fim era tornar as universidades católicas não inferiores às dos protestantes. Nessa invasão de um novo gênero da Europa germânica pela Europa romana, os teólogos alemães, em luta uns com os outros e divididos em matéria de crenças, eram vencidos por espíritos menos elevados, porém concordes e que representavam uma doutrina fixa e completamente definida. Ao mesmo tempo os jesuítas instituíam escolas para os pobres e aplicavam-se à pregação com grande êxito."

Essa ampliação do papel dos sectários de Loyola no movimento de restauração promovido na igreja, após a assembleia de Trento, estava na lógica das suas atitudes e era o corolário, de certo modo, inevitável da preponderância exercida naquela assembleia, que lhes deveu, incontestavelmente, o êxito, do começo ao fim, dos seus trabalhos. Porque, como o assinalara inicialmente o historiador, acampando-se das preliminares do concílio:

Os abusos tinham criado raízes, e os interesses pessoais obstavam a prontas e salutarés mudanças. O alto clero envelhecera no meio de costumes e de ideias muito arredadas da austeridade religiosa. O clero inferior, com poucas exceções, seguia os exemplos dos chefes e, além disso, a educação não lhe havia dado as bem temperadas armas de que precisaria para uma luta decisiva. A disciplina se tinha relaxado nas ordens monásticas, algumas das quais davam escândalo com a sua opulência ociosa e outras provocavam o escárnio com a sua pobreza, degenerada em sujidade, com a simplicidade

tornada ignorância e até com o seu zelo, ingênuo demais para uma época de dúvida e discussão". Pelo que, conclui eu "Ignácio de Loyola apareceu muito a propósito para fornecer a Roma a milícia de que ela precisava."

A influência que, a partir do concílio de Trento e durante os dois primeiros séculos que se lhe seguiram, exerceu essa milícia nos negócios da igreja, tanto como a destacada personalidade do seu criador, merecem que nos detenhamos um pouco a examiná-las, sobretudo porque numa e na outra se insinua irrefragavelmente, para quem tenha "olhos de ver", a ação dominadora do Anticristo, pondo em prática o seu método habitual de subjugar a consciência dos desamparados da humildade cristã, quando os não possa arrebatara no tumulto das dissoluções mundanas, para os converter em instrumentos de opressão e intolerância, antagônicas da mansidão evangélica. As medidas de reabilitação, moral, exigidas pela situação da igreja e que deveriam fazer objeto das deliberações do concílio, reclamavam homens de fé. Em seu lugar surgiram fanáticos, sendo a primeira vítima o fundador da Companhia de Jesus, cujo determinismo psicológico, à míngua de uma longa preparação anterior, deu lugar à deturpação do que, de começo, se revelara como vocação verdadeiramente genial.

É o que numa apreciação, necessariamente sintética, dada a índole deste trabalho, ressalta do vexame de sua vida e sua obra.

*

* *

"Quando os franceses invadiram a Navarra — informa o historiador, aos termos de cuja narrativa nos cingiremos sempre que possível — acharam todas as fortalezas desmanteladas, à exceção de Pamplona. Estava nessa praça encerrado Ignácio de Loyola, fidalgo de Guipuzcoa, que tinha sido pagem na corte de Fernando e Isabel e, depois, fora promovido a oficial. Era um moço leviano, formoso, elegante, bem aceito pelas damas, valoroso como um cavaleiro andante. Ferido, no empenho de repelir os estrangeiros, a cirurgia da época lhe infligiu torturas atrozes; tendo ficado mal encanada a perna que fraturara, o corajoso enferme ordenou que lha tornassem a quebrar, para se lhe fazer depois mais acertado curativo. Preso ao leito durante muitos meses consecutivos, entreteve-se a ler o *FLOS SANCTORUM*, e essa leitura, impressionando sua alma ardente, lhe transformou completamente o ideal. Como Lutero, sondou os abismos da alma em luta consigo mesmo e procurou a reconciliação com Deus; mas em vez de se acolher, como o frade alemão, à terrível doutrina da predestinação, recorreu às obras e buscou a paz na obediência à igreja. Sonhou então novas empresas de heroicidade, de que a Virgem seria a dama inspiradora, e, abandonando a pátria, pôs-se a caminho de Jerusalém, com a ideia de ir arrancar o túmulo de Cristo das mãos dos infiéis

(1524)."

"Chegado a Monserrate, fez a *vigília de armas* aos pés da Virgem, depois sobre o altar o vestuário mundano, envergou o burel de um mendigo e consumiu três dias numa confissão geral. Para merecer a absolvição, infligiu-se as mais cruéis penitências. Em Manresa recolheu-se no hospital e começou a viver como um faquir²⁵. Jejuava a pão e água e só aos domingos se permitia o regalo de umas ervas cozidas. Disciplinava-se três vezes por dia, trazia um cilício sob o burel e uma cadeia de ferro ao pescoço. Ainda não contente com tais mortificações, meteu-se numa cova, para se purificar e ser digno da empresa eu ia tentar. Nesta solidão teve visões. O bem e o mal lhe apareciam como guerreiros combatendo na sua alma como na estacada: um, montado num cavalo de luz, vinha de Jerusalém guiado por Jesus, o outro, cavalgando um corcel de trevas, partira da Babilônia, impelido por Satanás. No desespero produzido por essas alucinações quis matar-se; a fome, as noites veladas, com a boca cheia de terra e o corpo a escorrer água, a pavorosa luta interior o enlouqueceram de tudo. Deus apareceu-lhe então. Viu a Trindade, desvendaram-se-lhe todos os mistérios das Escrituras. Encontrou a beata de Manresa, uma vidente, que o próprio rei Fernando consultava; cobrou alento para continuar a sua peregrinação e partiu iluminado de Barcelona.

"O ar do mar lhe restaurou a saúde. Atravessou a França e a Itália. Depois de beijar os pés a Adriano VI, seguiu para Veneza, onde chegou miserável, descarnado, escarnecido por todos; no navio foi apupado pela marinhagem, que intentar converter. Na Palestina visitou os lugares santos, chorando copiosamente; pregou aos infiéis, mas os franciscanos encarregados da guarda do Sepulcro, receando que o seu zelo irritasse os turcos, o fizeram prender e transportar para Veneza donde voltou a Barcelona.

"Essas aventuras, o que viu na Europa e na Ásia deram uma direção prática ao seu entusiasmo. Compreendeu que o primitivo projeto que havia formado era quimérico e que urgia não já resgatar Jerusalém, porém salvar Roma. Não se podia arrastar as multidões unicamente com o zelo e a pobreza, desde que os homens se tinham policiado e esclarecido; largou, pois, os andrajos, desistiu das macerações exageradas, voltou às relações sociais, aplicou-se ao estudo e, aos trinta e três anos, começou corajosamente a aprender gramática e filosofia. Fez, porém, minguado progresso. Os escritos a que se aventurou saíram-lhe descosidos, disformes; pregou, todavia, com tanto fervor que a inquisição desconfiou dele, mandou-o calar e, depois, o meteu num cárcere. Restituído à liberdade, dirigiu-se a Paris, sempre estudioso e pobre, sempre exaltado. A Sorbonne²⁶ também atentou naquela figura singular; interrogou-o, porém, e não acho que censurar nas suas respostas.

"Combinando o misticismo do autor da *IMITAÇÃO DE CRISTO* com o gênio

²⁵ Faquir: espécie de asceta, que faz da vida na pobreza um meio de alcançar purificação espiritual — N. E.

²⁶ Colégio de Sorbonne: fundado em 1257 e dedicado originalmente ao estudo de teologia, transformou-se depois em um grande complexo universitário, conhecido ainda como a Universidade de Paris. — N. E.

ativo e cavaleiro do seu país, empreendeu então fundar uma nova cavalaria, não já para combater gigantes, castellãos e monstros, porém os maometanos, os idolatras e os hereges. Com seis antigos associados aos seus projetos, fez voto, em Montmartre, de se colocar sob a obediência do papa, a fim de empregar nas missões a sua dedicação heroica. Confiados nas promessas do Cristo, os sete entusiastas foram para a Itália e aí, agitando as largas abas dos seus chapéus castelhanos, pregaram a penitência num italiano hispanholado, em que os habitantes estavam acostumados a ouvir ameaças e injúrias. Depois submeteram à aprovação de Paulo III o plano de uma ordem destinada a formar a fé e a propagá-la pela prédica e pelos exercícios espirituais, pela caridade com os presos e os enfermos (1546). O papa sancionou esse plano e deu aos novos religiosos o nome de *Clérigos da companhia de Jesus*, assim como se dizia soldados da companhia do conde Laudo ou de Ra Monriale; Igácio ficou sendo o seu chefe com o título militar de *general* (geral).

“Itália e Portugal os admitiram logo. Claudio de Jay foi combater a heresia em Brescia; Brouet dirigiu-se a Senna. para retoma um mosteiro que dava escândalo; Bobadilha partiu para ilha de Ischia, encarregado de aplacar inimizadas ferozes; Lefevre exerceu o apostolado em Parma; Lainez tratou na Alemanha de negociações delicadíssimas; Nuñez foi escolhido para patriarca da Abissínia; Francisco Xavier, que queria juntar um santo à serie de heróis que ilustravam a sua ascendência, partiu para as Índias orientais, investido, diz a bula de suas canonização, "em todos os sinais da virtude celeste, do dom da profecia, das línguas, dos milagres de toda espécie". Depressa se multiplicaram os noviciados, os colégios e as concessões do papa, que viu quanto lhe podia ser útil um ordem toda dedicada a sua autoridade."

Tais foram os primórdios da milícia, que tão poderosa e decisiva influência havia de exercer na reforma que urgentemente se impunha a igreja católica; tal, em rápidos traços, a psicologia do seu criador, cuja exaltada sinceridade não pode ser posta em duvida, mas em quem a ausências da humildade e do amor verdadeiramente cristão contribuiu para extraviá-lo da missão evangélica, a que o induziram os pensadores místicos despertados em sua alma pela sugestiva leitura da vida dos santos, para o converter, e a sua ordem num instrumento antagônico dos princípios do Cristianismo.

Vamos ver, no prosseguimento da narrativa referente à obra realizada e aos métodos empregados pelos jesuítas, quanto, abstendo-se embora de odiosas violências ostensivas, como apreciáveis benefícios para o aperfeiçoamento das inteligências, o seu papel contudo foi dos mais funestos, dada a natureza das armas eu se utilizavam — a astúcia, a disseminação, das armas de eu se utilizavam — não para tornar amada dos homens a doutrina de Jesus, mas para impor à cristandade e ao mundo a autoridade humana, intolerante o papado e, com ela, a supremacia de seus interesses temporais. Exigindo de seus membros, como regra absoluta, a

obediência passiva, que se tornava automáticos pela abolição da personalidade, a Companhia, ou aquele que, do oculto, a manobrava contra a sociedade em proveito de uma classe, tinha em vista, fazendo dessa obediência uma força de coesão molecular, como nos corpos brutos da natureza, constituir-se um bloco de projeção e de domínio irresistível, para realização dos seus objetivos. Tudo o que há de contrário ao espírito cristão. Porque o Cristo, que é amor — expressão viva do Pai - e que nos veio libertar de toda lei de servidão, quer ser amado e livremente obedecido com consenso da razão e do sentimento.

Paulo proferiu esta profunda verdade, eu havemos de ainda, noutra oportunidade, e no curso desta obra, retornar: "o Senhor é Espírito, e onde há o Espírito do Senhor ali há liberdade". Esta definição é o libelo condenatório da milícia jesuítica. Posta em paralelo, assim que métodos de admissão à suas fileiras como em sua finalidade. Com a ordem Francisca, tal como primordialmente a instituiu o seu excelso criador. o contraste resulta veemente. Enquanto a obra de Francisco de Assis, fundada na humildade e no amor, visava converter os homens os homens a Jesus e fazia da pobreza individual e coletiva, jubilosamente preferida, um ensinamento prático de renúncia, sem outra coisa exigir dos que na Ordem quisessem ingressar, senão um propósito sincero, ao mesmo tempo em que aos seus membros assegurava o patriarca plena liberdade de ação — característicos todos nitidamente evangélicos — a milícia jesuítica foi em torno do papado que arregimentou a sua dedicação incondicional: se impunha aos seus membros os votos de pobreza, obediência e castidade, reservava para si, praticamente, o direito da riqueza e da dominação, e, cerceando-lhes absolutamente a liberdade no domínio da ação e do pensamento, só os admitia ao fim de longos anos de preparação, depois de neles completamente aniquilada a personalidade, prontos a fazer um dogma do odioso e amoralíssimo princípio de que "os fins justificam os meios". Se a primeira, em tais condições é obra de Jesus, a outra não pode ter sido mais que uma calculada manobra do Anticristo, bastante astucioso em suas pérfidas sugestões para dissimular com algumas realizações benfazejas os seus intuitos, ou — o Que é talvez mais verdadeiro — incapaz de impedir, graças à fiscalizadora vigilância do Senhor, que ao lado dos seus tenebrosos fins, alguns apreciáveis benefícios fossem realizados pela milícia, no domínio da construção e da beneficência, com aproveitamento das aptidões e — porque não admiti-lo? — da sinceridade de propósitos de muitos de seus membros. Que ainda nesse episódio da existência da igreja católica o joio e o trigo, da parábola evangélica, andaram associados.

É o que se evidencia do testemunho da história, no prosseguimento das referências à obra jesuítica.

*

*

*

Depois de enumerar algumas atividades de Ignácio de Loyola, como o estabelecimento , em Roma, de um colégio para educar vinte e quatro alemães, destinados a ocupar os bispados e outros altos cargos eclesiásticos, a composição dos *EXERCÍCIOS ESPÍRITUAIS* e a redação das *CONSTITUIÇÕES DA ORDEM*, completadas com as *DECLARAÇÕES*, o historiador assinala o poder da sugestão oculta sobre os ânimos predispostos:

"Singular fenômeno: um místico fundou uma associação notável pela seu espírito prático, pelas suas poderosas faculdades de ação; um entusiasta delineou uma disciplina que ficou sendo modelo: um ignorante organizou uma corporação que se havia de assinalar na ciência e influenciar energicamente o espírito humano."

E prossegue:

"Os seus novos religiosos professavam os três votos ordinários, mas obrigavam á pobreza o indivíduo e não a corporação, e os seus colégios podiam adquirir e possuir bens. Se há épocas em que precisa isolar-se da sociedade quem pretende dirigi-la, outras há em que precisa estar perto dela, e nesse caso se achava o século XVI. Compreendendo essa verdade, Ignácio de Loyola, que do seu ascetismo só havia colhido motejos e desprezos" — também foi assim, advirtamos de passagem, interrompendo a transcrição, que a plebe, de começo, acolheu Francisco de Assis e os seus companheiros, o que os não impediu de intrepidamente prosseguir em seu glorioso e exemplificador apostolado — "quis que os jesuítas vivessem no mundo social, mas sem se misturarem com ele; deu-lhes colégios, mas não conventos, um hábito eclesiástico, porém não monacal e nem sequer bem determinado, pois que os padres da companhia vestiam-se de mercadores na Índia, de mandarins na China, sempre conforme o uso do país e como o comportava o seu teor de vida, a propósito para a ação enérgica, real, influente. Não deviam cansar os mancebos com trabalhos excessivos nos colégios, sempre bem edificadas, nem exigir deles mais de duas horas seguidas de aplicação, e tinham casa de campo para recreação dos discípulos. Nos colégios eram admitidos rapazes de todas as condições; os pobres sabiam aproveitar as aptidões de toda espécie e não consentiam que ninguém fizesse votos antes dos trinta anos, para que o longo e penoso noviciado evitasse as profissões imprudentes e os arrependimentos inúteis. Enquanto duravam as provas, os superiores podiam observar as propensões e as faculdades dos noviços, para depois os empregarem nas escolas, junto aos príncipes, na direção das almas; mandavam-nos como missionários para as aldeias ou como mártires para as Índias." Depois de fanatizados — acrescentemos — por uma férrea e implacável disciplina.

"Cada província tinha um chefe (provincial) e empregos graduados, dependentes do geral, que residia na capital do mundo católico e que,

conhecendo cada, um dos seus súditos pelos relatórios dos superiores, dispunha dos rendimentos, dos talentos e da vontade de todos. A sua autoridade era absoluta e perpétua; todavia ao lado dela havia um admonitor, escolhido pela congregação geral, para o advertir, quando observava no seu procedimento alguma irregularidade. Para que a sua obediência fosse mais completa" (e não — advirtamos — por espírito de humildade), "os jesuítas não deviam procurar as dignidades eclesiásticas, e ao principio até se abstinham de qualquer emprego permanente: quando Jay rejeitou o bispado de Trieste, que lhe oferecer Fernando III, toda a Ordem entoou ações de graças."

Compreende-se quanto havia de calculado e inteligente nesse exclusivismo, que de certo modo subtraia os membros da milícia à dependência hierárquica do papa, com o fim de os conservar de preferência e incondicionalmente subordinados ao "papa negro", como veio a tornar-se conhecido no mundo o geral dos jesuítas.

"O seu ensino — prossegue o historiador — era gratuito. Não deviam usar de subtilezas na confissão nem de charlatanismo na prédica, nem ter preconceitos na devoção. A regra, não lhes exigia rezas continuas, dias passados no coro, para os não desviar do estudo e da ação útil; também lhes não impunha exageros de disciplina e penitencia; para que não macerassem o corpo, que devia ser válido para o serviço da ordem.

"Não desaproveitando nenhum meio de influência, procurando sempre fazer-se aceitar pela sociedade, em cujo seio operavam, se viam a poesia latina apreciada, exercitavam os discípulos na composição de versos latinos- se estavam em voga as representações cênicas, davam representações, para assunto delas escolhendo fatos da historia religiosa. O seu fundador fizera da obediência um preceito capital; os jesuítas, pois, tinham por indeclinável obrigação obedecer ao papado, muito embora procurassem também dirigi-lo, pugnar pela sua autoridade e, portanto, combater sem tréguas os protestantes. Não consideravam, porém, a violência como meio eficaz de combate. Em vez de servir-se das armas sinistras da inquisição, de dar caça aos hereges, pediram e obtiveram de Julio III privilegio de os absolver das penas temporais; esse privilégio indispos contra eles os reis de Espanha e os dominicanos, que não queriam que faltasse alimento às suas fogueiras.

"Pois que a Reforma havia argumentado com a corrupção e a ignorância, do clero, a milícia organizada, para a combater precisava assinalar-se pelo saber e pelos bons costumes: efetivamente os padres de Jesus conservaram-se por muito tempo sujeitos a uma severa disciplina moral, e os homens de letras da época estão de acordo em elogiar as suas escolas. Eram, pois, admiravelmente organizados, educados e dirigidos para o desempenho da missão do seu instituto."

"Mas — acrescenta o historiador, e aí se desnuda a chaga visceral que tornou abominável a instituição — por outra parte o regime, bem estudado e

calculado, que lhes dava essa superioridade, mutilava neles a personalidade humana, e a mutilação se efetuava por processos muitas vezes em desarmonia com a moral comum. A obediência os tornava passivos; o rigor disciplinar lhes impunha, como deveres, atos repugnantes de vigilância" (devia dizer espionagem) "recíproca; o zelo pela prosperidade da ordem e pela dominação dos seus fins lhes fazia considerar legítimos todos os meios conducentes a esses fins, a essa prosperidade. Inteiramente absorvido pela sua sociedade particular, o jesuíta sacrifica-lhe, quando o supunha preciso, os mais preciosos interesses e os mais sagrados direitos da sociedade geral em que vivia. Quando sucedia serem paralelas as conveniências das duas sociedades, o discípulo de Ignácio de Loyola era um vigoroso agente do progresso humano, como quando missionava em mundos novos; se eram divergentes essas conveniências, tornavam-se um perigo para os Estados e convertia-se num obstáculo ao desenvolvimento da humanidade. Tem esse inconveniente — remata o historiador — todas as associações que desprendem os seus membros das relações comuns do homem social e que lhes impõem uma finalidade especial."

Como toda forma de fanatismo — acrescentamos — que oblitera a razão e o sentimento humano e pode levar o indivíduo, com a consciência tranquila, à prática de crimes. Foi o que se deu com esses mesmos jesuítas que, se repudiavam ostensivamente a violência organizada como meio de combate à heresia, não hesitavam na consumação de atentados secretamente planejados, como os que em tão grande número lhes são atribuídos, desde que a sua prática lhes parecia aconselhada pela suprema conveniência da sua ordem ou do papado.

Recordaremos apenas dois, a título ilustrativo: o caso de Paulo Sarpi, o religioso servita de San Vito que, depois de haver combatido ativamente as doutrinas de Roma, escreveu uma contundente história do concílio de Trento, à qual julgou dever a igreja, para defender-se do libelo tremendo nela formulado, opor a que, em contradita, fez escrever pelo jesuíta cardeal Pallavicino Sforza, "Atacado cinco vezes por assassinos e ferido uma vez, exclamou Sarpi: *Reconheço o estilete da corte de Roma*. Ficou sendo crença vulgar, mas não fundada em provas, que o golpe havia sido vibrado pelos jesuítas". — Essa, ao demais, era uma das particularidades da sua ação dissimulada e sinistra: ferir na sombra, sem deixar vestígios da sua criminalidade.

O outro caso é referente a Clemente XIV (Lourenço Ganganelli), o infortunado pontífice a quem coube a, para ele corajosa, determinação de abolir, em 1773, pelo breve *Dominus ac Redemptor*, a ordem jesuítica, cedendo à pressão e ao exemplo dos governos da Espanha, Portugal, Itália e França, que já a haviam banido dos seus territórios. De tal modo se havia ela, por toda parte, incompatibilizado com as classes mais influentes da sociedade pela concorrência que lhes fazia, sobretudo na esfera dos interesses temporais, pois que eram os seus membros habilíssimos manejadores de negócios. Para ter-se uma ideia da ausência de escrúpulos em que se inspiravam

as suas atividades basta mencionar o golpe que, trinta e dois anos antes, lhes fora vibrado pela própria cúria romana, quando — refere a história — "os papas entenderam que o comércio não devia andar associado à profissão religiosa, Benedito XIV renovou (1741) a proibição já feita por Urbano VIII e, além disso, uma bula do mesmo ano proibiu aos eclesiásticos *escravizar índios, vendê-los, trocá-los, separá-los das mulheres ou dos filhos, privá-los de algum modo da sua plena, liberdade*. Essas acertadas determinações — assinala o historiador — foram um golpe funestíssimo para a Companhia."

Pois bem, Clemente XIV que, advertido por denúncia dos intuitos sinistros dos jesuítas, já "não tomava senão alimentos muito simples preparados por um religioso de sua confiança", um ano depois da publicação do breve de extinção, "morreu em grandes aflições." — "Disse-se, acrescenta o historiador, que tinha sido envenenado pelos jesuítas, mas não apareceram provas nenhuma desse crime". Como as não apareceram de outros semelhantes que lhes são imputados, o que não admira, tratando-se de "uma ordem muito rica, muito poderosa, cujo geral governava despoticamente vinte e seis mil homens, que tinham clientela entre o povo e amigos nas cortes."

Como quer que seja, a obra planejada, por Ignácio de Loyola, a impulsos místicos degenerados em fanatismo, teve o seu epílogo em meio de uma execração geral. Porque, em lugar de buscar a glória de Deus, converteu-se num instrumento de poderio mundano, desse modo incidindo na aplicação da sentença do Divino Mestre: "Toda planta que meu Pai não plantou será arrancada."

*

* *

Mas o espírito reacionário e intolerante que vinha, de séculos, minando a instituição e estava longe de ser uma criação original dos jesuítas, permaneceu com o partido político da igreja. Para nos não alongarmos na ingrata rememoração dos múltiplos atentados por ele perpetrados contra a livre evolução do pensamento humano, evocaremos apenas os nomes de três de suas mais ilustres vítimas: Nicolau Copérnico, Giordano Bruno e Galileu.

Missionário da Providencia, para imprimir à astronomia e às ciências exatas o cunho de florescimento que se observava na literatura e nas artes, o primeiro, com razão considerado o genial precursor de Newton na descoberta da lei de gravitação universal, pois que a pressentiu e formulou como hipótese em relação à matéria, entrevendo-lhe a possibilidade de estender-se aos corpos celestes, sofreu a mais rude oposição do clero supersticioso e ignorante. Apesar de haver dedicado a Paulo III a sua obra *CELESTES* e reclamado a proteção da igreja, a fim de "evitar apreciações perigosas e injúrias", teria sido condenado às chamas purificadoras da fogueira,

suspeito que se tornara à ortodoxia religiosa, por haver demonstrado o duplo movimento dos planetas sobre si mesmos e em torno do sol, se do suplício o não tivesse previamente libertado a morte repentina, logo em seguida à publicação da mencionada obra. Mas os seus livros, inscritos no *Índex*²⁷, aí permaneceram até 1835 de par com o *EPITOME* de sua astronomia, elaborada por Kepler.

Giordano Bruno, que em moço envergara o hábito de dominicano, largando-o em 1580 quando, em genebra, adotou o calvinismo, para de seguida percorrer a França, como didata e renovador, obteve, graças á proteção de Henrique III, permissão do reitor da universidade de Paris para aí ensinar filosofia, alcançando notáveis sucessos. Combateu com eloquência o ensino oficial, impugnando a lógica de Aristóteles e a astronomia de Ptolomeu, a que opunha os mais sólidos argumentos, a de Copérnico. Pensador de largo descortino, preconizava a ideia de um mundo infinito, submetido à evolução eterna e universal.

Passando à Alemanha; continuou a ensinar a sua doutrina, sendo em toda parte acolhido com entusiasmo pelos estudantes, mas tornando-se cada vez mais suspeito à igreja pelo arrojo de suas convicções.

Em 1592 cometeu a imprudência de voltar à Itália, caindo sob as garras ferozes da Inquisição, que o fez prender e intimou a abjurar as suas avançadas opiniões. Prezando mais a verdade que a própria vida, recusa nobremente submeter-se, é excomungado e degradado. Concedem-lhe oito dias para confessar as suas culpas, mas nem de leve conseguem abalar-lhe a intrépida firmeza, e é afinal queimado vivo, com grande solenidade, como "apostata, herético e violador de seus votos."

Galileu, a seu turno, cujo merecimento consistiu, como o de Kepler, em "iluminar o caminho e converter a hipótese em ciência", foi declarado herege por "alguns pregadores estúpidos" e, denunciado por um frade à Inquisição, eu verberou de "falsa e contraria às divinas Escrituras a doutrina da mobilidade da Terra", só escapou ao suplício da fogueira por ter tido a fraqueza de abjurar como errônea essa doutrina. Proibido pela congregação do *Índex* de professar e defender o sistema de Copérnico, teve afinal de comparecer perante o tribunal do "santo ofício" e aí solenemente declarar que a Terra era imóvel, não sem contudo exalar o brado de consciência na celebre frase; "*E pur si muove!*" Mas foi ainda assim condenado á prisão "pelo tempo, que se julgasse necessário".

Com essas medidas de odiosa compressão visava o inimigo incompatibilizar ainda mais a igreja com a causa da liberdade e do progresso, logrando realmente acirrar um antagonismo de que haviam de resultar, como o veremos em capítulo

²⁷ *Index Librorum Prohibitorum* (traduzido do latim: Índice dos livros proibidos) é uma lista de publicações cuja leitura a igreja católica proíbe, por considerá-las uma perdição para os seus fiéis em razão de conterem ensinamentos contrários à doutrina católica. A primeira edição dessa lista foi promulgada em 1559, pelo papa Paulo IV, e a última edição foi publicada em 1948. A igreja aboliu o *Index* somente em 1966, através do papa Paulo VI — N. E.

adiante, as mais funestas consequências, pelo dissídio criado entre a religião e a ciência.

Não podia, entretanto, o Senhor, sempre vigilante, consentir que ficasse de todo privada a humanidade do alimento espiritual, de que é Ele a fonte viva. E, pois que do concílio de Trento, não obstante as graves mutilações do programa que, segundo vimos, lhe estava naturalmente traçado, havia de todo modo resultado um salutar movimento de reação no seio dessa mesma igreja e como era ela, e continuaria ainda a ser por alguns séculos, uma força admiravelmente organizada, foi ali que suscitou o aparecimento de plenipotência da sua graça e bondade, com a missão de promover um sadio reflorescimento espiritual da família cristã, que de alguma sorte compensasse o recrudescimento façanhudo da nefanda instituição, a que se refere ainda uma vez o historiador.

"Infelizmente — diz ele — recobrou ao mesmo tempo a inquisição novos alentos. Organizou confrarias de homens e mulheres, atraídos pelo engodo de certos privilégios e indultos, que a serviam como "familiares". No seu zelo cruel, não só sindicava das opiniões heterodoxas, senão também dos atos religiosos; cheirava as cozinhas à sexta-feira, virava e revirava cada expressão dos professores das universidades. O poder civil teve de reclamar contra as suas usurpações; depois de se queixarem do mal, os príncipes tinham que se queixar também dos remédios."

Opondo então luminoso contraste à tenebrosa atividade dos imitadores de Torquemada e, simultaneamente, à tibieza religiosa e à relaxação de costumes por que se assinalava ainda o começo do século, recorda o historiador que "os agiológicos se ilustraram com muitos nomes novos, como os de Catarina, descendente dos duques de Cardona, do sóror Beatriz d'Oñes, de Diogo e de Pedro de Alcântara, que renovaram em Espanha as macerações da Tibaida. João da Cruz, associado a Santa Tereza, comentou em versos e meditações o *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*; João d'Ávila fez ouvir às cidades e às montanhas da Andaluzia a sua vigorosa palavra; João de Granada deu aos dominicanos uma filosofia cristã, para lhes dirigir o pensamento, e um sermonário para lhes regular a eloquência; Luiz de Leon acostumou a poesia a exprimir ideias religiosas. Na polônia Estanislau Kostka, na Itália Luiz de Gonzaga e Madalena dos Pazzi foram modelos de pureza e castidade." E assim por diante.

Sobrelevando-se a essa vaga humana de novos *condottiori* da Fé, que vinham sanear a atmosfera da igreja com exemplos e fervorosos entusiasmos, cuja tradição se havia quase totalmente extinguido, praz-nos destacar algumas figuras de eleição, transportadas a tais eminências do espírito verdadeiramente cristão, que recordá-las nalguns de seus traços mais característicos, não é somente render testemunho de que o Senhor Jesus permanecia com aquela parte da Igreja que se lhe conservava fiel, mas

oferecer aos leitores, perfeitamente na índole de um trabalho como este, matéria de estímulo e de edificação.

Abre a serie Tereza de Jesus, vocação acentuadamente religiosa desde a infância, expressa na fuga com um irmãosinho, para se dedicarem, por uma sorte de precoce instinto, ao serviço de Deus. Ingressando mais tarde na Ordem das carmelitas, reformou-a para "carmelitas descalças", em moldes, se de maior austeridade, que provocasse n'alma transfigurações divinas, impondo todavia, com um raro senso da psicologia humana, trabalhos e ocupações ordinárias que obstassem os extravios do pensamento, com frequência resultantes da ociosidade.

A história da sua vida, por ela mesma escrita em obediência aos seus superiores, é um admirável compêndio de iniciação no transcendente mistério da união da criatura com o seu Criador — união interior, consciente e mística — do mesmo modo que as suas obras inspiradas na teologia cristã, notáveis pela originalidade e profundidade, em contraste com a escassa instrução que recebera e se reflete mesmo na incorreção do estilo, ao mesmo tempo, singelo e gracioso, representam um documento vivo de quanto pode a graça do Senhor, iluminando aquele que se lhe entrega sem reserva. Mas o que, a nosso ver, constitui o merecimento supremo da sua vida, é essa mesma vida, mortificada, na adolescência, de cruciantes padecimentos físicos, extremados em dolorosíssima paralisia, suportados, porém, com resignação e coragem exemplarmente cristãs, e depois desdobrada, com a atividade infatigável, no amparo às criaturas do seu sexo, convertendo-as a Jesus e edificando-as com os testemunhos de uma humildade, comovedora a poder de profundamente sentida, só comparável nesse efeito aos iluminados e transfiguradores colóquios em que se entretinha com o Divino Salvador e Mestre. A tais altitudes de angélica pureza se havia alcandorado o seu espírito amantíssimo!

Recordemos em seguida essa doce e indulgente figura de Francisco — singular predestinação, por assim dizer, a desse nome! — filho dos condes de Salless, na Saboia, que foi bispo de Annecy e de Genebra (1602). "Pregou no Chablais, onde os bernesees tinham introduzido o calvinismo; operou conversões principalmente pela afeição e estima que inspirava e restabeleceu nesse país o culto católico. Alma tranquila e serena, trabalhava sempre, mas sem esforço nem precipitação. Carlos Borrromeu surgira armado de qualidades enérgicas, de faculdades soberanas, de uma autoridade que se impunha e, porque assim digamos, da vara da penitência, para converter e disciplinar os cristãos paganizados. Francisco de Salles, ao contrário, apresentou-se animado pelo espírito de mansidão e revestido de seduções para atrair ao seu caminho os filhos rebeldes da Igreja. Com Joanna Francisca Fremyot, viúva de Chantal, fundou a ordem da Visitação, destinada principalmente a receber as mulheres excluídas, pela delicadeza de sua constituição física, das ordens mais

austeras, as quais eram dispensadas de recitar os ofícios e de cumprir os preceitos demasiadamente penosos".

Entre os livros que publicou merecem destaque a *INTRODUÇÃO À VIDA DEVOTA*, que pode ser considerada um gracioso complemento da *IMITAÇÃO DO CRISTO*, e sobretudo a sua *PHILOTHÉA*, "inspirada por um cristianismo repassado de mansidão, em que a linguagem, apesar da incorreção e da exuberância das imagens, conserva um encanto particular. A virtude mística reunia um sã juízo e grande senso prático; a sua vida foi toda de ação. Exerceu especial influência nas mulheres pela sua devoção bondosa e amorável. Condescendente quanto possível, nem sequer proibiu a dança a Phiothéa; na ordem da Visitação procurou antes a mortificação da vontade que a da carne; mas, apesar de sempre rodeado de mulheres, era tão escrupuloso e delicado em suas relações com elas que nunca falava a sós com nenhuma".

Não menos fascinante era o prestígio que desfrutava entre as crianças, do que nos oferece tocante descrição o seu biógrafo Luiz de la Rivière, nestes termos:

"Todos os domingos e, no tempo da quaresma, aos sábados depois de jantar, ensinava o catecismo às crianças; uma hora antes disso, um arauto percorria a cidade, vestido de cor violeta, tocando uma campainha e gritando: *À doutrina cristã; ensinar-vos-ão o caminho do paraíso*. Tive a honra de participar desse bendito catecismo e nunca vi espetáculo semelhante: aquele amorável e verdadeiramente bom pai que estava sentado numa espécie de trono, elevado sobre cinco degraus; rodeava-o todo o exército infantil e muitas pessoas das mais qualificadas, que não desdenhavam de ir ali receber o alimento espiritual. Era um contentamento sem igual ouvir como ele expunha familiarmente os rudimentos da nossa fé; a cada pensamento brotavam-lhe dos lábios riquíssimas comparações para o exprimir; olhava para os seus inocentes discípulos e os discípulos olhavam para ele;. Tornava-se criança como eles, para neles formar o homem interior e o homem perfeito segundo Jesus Cristo." E noutro lugar: "Parecia mais que nunca estar no seu elemento quando se achava no meio das criancinhas; eram aquelas as suas delícias e as suas distrações; ameigava-as com um sorriso e um modo tão gracioso como o não podiam ser mais. Elas lhe correspondiam chegando-se para ele com toda a confiança e afeição. Era raro sair de casa que se não visse rodeado daquele bando angélico que, reconhecendo-o como seu amorável pastor, acudia a pedir-lhe a bênção. Às vezes os seus criados ameaçavam as crianças e lhes faziam sinal para se retirarem, receando que o importunassem; quando, porém, ele dava por isso, os repreendia com brandura e lhes dizia afavelmente: *Deixai-os, deixai-os vir!* Depois, acariciando as crianças e passando-lhes a mão pelas faces, continuava: *eis aqui a minha pequena família; a minha família é esta.*"

Sementeira divina a que o bondoso pastor, verdadeiro imitador de Jesus, lançava naquelas almas em preparação para os rudes combates deste mundo!

Omitindo outros vultos de relevo semelhante, detenhamo-nos a considerar Filipe de Neri, "florentino, que reunia a uma vasta erudição a humildade, que tão raro a acompanha, levada ao extremo de procurar a desatenção do mundo com tanta solicitude como outros resquestam a sua admiração. Tinha por amigos os homens mais doutos, como Tarugi, pregador ilustre, confessor e cardeal, Silvio Antoniano, letrado e poeta, que escrevia os breves pontifícios, o famoso médico Miguel Mercati e Baronius, que ele incitou a compreender o seu grande trabalho dos *ANNAES*; e, contudo, postava-se debaixo dos pórticos de S. Pedro, confundido com os mendigos; aparecia também às portas dos cambistas, nos tribunais ou à entrada dos palácios, e me toda parte que insinuava, com sua inalterável doçura ou com a vivacidade da sua nação, a caridade e a justiça, amparando por vezes a virtude prestos a cair. Mostrava-se tão indulgente nas cosas acessórias quanto inflexível nos pontos capitais; no confessionário sondava as consciências com extraordinária perspicácia e no oratório admitia a mocidade a devoções agradáveis e estudos liberais."

A oratória acra adquiriu por esse tempo grande relevo, do mesmo modo que João de Ramillon, fundando a ordem da Doutrina cristã, muito contribuiu para reorganizar-se a instrução elementar. Bourdoisse, reconhecendo a necessidade de restabelecer a disciplina e ordem moral entre os eclesiásticos, sujeitava à vida em comum o clero das paróquias na congregação à vida em comum e o clero das paróquias na congregação dos padres de S. Nicolau de Chardonnet, Pedro de Berulles, eclesiástico de elevada categoria, organizou, a exemplo de Filipe de Neri, os padres do Oratório (1611), ligados por simples promessas, congregação em que, ao contrário da disciplina exclusivista, implacável e anticristã dos jesuítas, a norma adotada consistia na formula: *outra quem pode e sai quem quer*, e destinava-se a formar bons sacerdotes. Logo estabeleceram seminários e outras escolas, apresentaram excelentes pregadores e produziram em poucos anos muitas obras de teologia, de eloquência, de literatura amena, de crítica e de história.

A criação de novas ordens, ademais, e a reforma das antigas adquiriram considerável incremento. Nelas "não se repetiram as austeridades excessivas, as eternas salmodias, as prostrações frequentes, que em séculos rudes tinham parecido necessárias para domar os sentidos; cuidou-se antes do recolhimento da alma, da mortificação da vontade e da educação das inteligências e dos sentimentos."

Multiplicaram-se também as obras de caridade e de assistência social, para mitigar a miséria e os desastres causados pelas guerras que, durante o século, haviam assolado vários países. Entre os institutos dessa natureza cumpre destacar o das filhas ou irmãs da Caridade, fundado por Luiza Legras, de Marillac, que as enviava "às trinta e quarenta para os campos de batalha, para as cidades cercadas e, até, a países estrangeiros, para socorrerem os enfermos, como o fizeram em Varsóvia durante a peste de 1652".

E pois que falamos de caridade, rematemos a breve nomenclatura, que nos

propusemos assinalar, dos grandes santos, com o excelso campeão que dela foi Vicente de Paulo.

Nascido na França (Dax) em 1577, de uma família burguesa, viveu 83 anos, como se vai ver, empregados de modo incomparável no exercício do seu ministério verdadeiramente sagrado.

"Tenho vindo ao mundo numa época em que as guerras de religião haviam devastado o seu formoso país e em que os reis multiplicavam a miséria dos povos, Vicente empreendeu suavizar todos os sofrimentos com o auxílio do Cristo. Nesse intuito solicitava a beneficência dos ricos e fornecia aos camponeses dinheiro, instrumentos de lavoura, sementes, para eles voltarem aos seus trabalhos e cobrarem ânimo. Recolheu com ternura paternal as inúmeras crianças abandonadas pela miséria ou pelo vício e as confiou aos disvelos das *Irmão de Caridade* (1652), as quais, por ele exortadas, abandonaram os regalos da vida para tratarem dos enfermos e serem mães, segundo Jesus, das crianças enjeitadas por suas mães segundo a carne. E, por último, metera-se nas galés, para socorrer os desgraçados proscritos pela sociedade e transformar as sentinas do crime em escolas de regeneração.

"Informado da mísera situação em que a guerra deixara a Lorena, reduziu a congregação ao mais estritamente necessário, para poder socorrê-la, e mandou para a desgraçada província quantas esmolas pôde colher. Era tal a miséria que até as filhas de casas ricas não raro vendiam a honra para comprar pão; as freiras rompiam a clausura para mendigar; os curas morriam de inanição com os paroquianos, ou atrelavam-se à charrua, por não haver bois. Houve mães que devoraram os filhos. Os lobos infestavam- os campos desertos e devoraram os homens, como estes haviam devorado cavalos e cães. A fome se estorcia por toda parte, assim nas cidades como nos campos; em Metz, em Toul, em Verdun, todas as manhãs se encontravam nas ruas dez ou doze pessoas mortas à míngua.

"Vicente, incansável na sua caridade, inesgotável nos seus recursos, conseguiu mandar para a Lorena seiscentos mil libras, ele que não tinha um ceitil de seu; nessa. grande obra de beneficência utilizou os missionários, que abriam caminho através dos assassinos e dos croatas e, uma vez chegados ao seu destino, recolhiam as crianças, tratavam dos enfermos, procuravam amas de leite. Entretanto batia ele às portas dos mais altos personagens, enternecia os corações mais empedernidos e movia a rainha a dar-lhe até os tapetes das suas câmaras. Depois, quando a continuação da guerra arremessou os habitantes na direção de Paris, deu-lhes asilos e os sustentou; colocava as mulheres junto às senhoras abastadas, fornecia aos homens instrumentos de lavoura e meios de fertilizar o solo; para as pessoas de condição elevada pedia socorros às famílias nobres, cuja caridade se estimulava com os sacrifícios a que ele se sujeitava , porque muitas vezes a sua congregação não tinha que comer no dia seguinte.

"Os reis dilatavam os males da guerra pelo Artois, pela Picardia, pela Champagne, reduzida ao desespero e à fome, e Vicente derramava sobre essas províncias os tesouros da sua caridade. Debelados enfim esses flagelos, redobrou de zelo para acudir aos infelizes e consolar os desesperados; apresentou-se a Richelieu e disse-lhe: "Senhor, daí a paz à França e às suas províncias desoladas; tende piedade de tantos desgraçados concidadãos."

"Tinha fundado em Roma (1652) a congregação das Missões, composta de padres seculares que faziam voto de continência e durante oito meses de cada ano pregavam, confessavam, ensinavam crianças, socorriam pobres e doentes, aplacavam ódios, promoviam a justiça e terminavam os seus trabalhos com uma comunhão geral. Nunca deviam sentar-se à mesa senão dois mendigos e diziam: "Somos os padres dos pobres; Deus nos escolheu para alívio deles; é este o nosso dever essencial, tudo o mais é acessório". Instituíram em pouco tempo vinte cinco missões, que se elevaram a oitenta e quatro.

"Não se limitaram à França; espalharam-se pela Córsega, dilacerada por implacáveis vinganças, e pela Itália, onde o Piemonte, o território de Gênova e a Romanha ofereciam ao seu zelo frequente ocasiões do se exercer. Os pastores das campinas de Roma e dos vales do Apenino passavam meses inteiros sem receber sacramentos e sem ouvir a palavra da religião, ignorando até os princípios capitais da doutrina cristã. Os missionários, para os instruírem, os reuniam á noite nos estábulos ou perto deles, e nos dias santificados os chamavam ao templo.

"Vicente de Paulo também percorreu o mundo, desempenhando com incansável fervor a sua missão humanitária; sofreu o martírio do desprezo e da calúnia e vingou-se dissuadindo a rainha de cortar os víveres à cidade de Paris, como o queria fazer para castigar os seus habitantes."

E não somente Vicente de Paulo teve a iniciativa das missões longínquas para propagação da fé cristã pela caridade ou pelo ensino, que é também uma forma, das mais excelentes, da caridade espiritual.

"A freira Ângela de Brescia, nascida em Desenzano — refere o historiador — pertencia à ordem terceira de S. Francisco; aos vinte e seis anos de idade anunciou que Deus lhe tinha ordenado fundar uma associação nova: reuniu sessenta e três companheiras saídas das primeiras famílias de Brescia e as colocou sob a proteção de santa Úrsula. As religiosas deviam conserva-se no seio de suas famílias, procurar infelizes para os socorrer, visitar os hospitais e os enfermos e, como quarto voto, educar as crianças do seu sexo. As fundadoras compreenderam o alcance da sua obra e diziam: — É preciso renovar o mundo corrompido, por meio da mocidade; as mulheres reformarão as famílias, as famílias reformarão as províncias, e as províncias o mundo. — Não tinham regras austeras nem contemplações; a ativa santa Marta era o seu modelo. Essa excelente instituição de beneficência tornou-se tão benquista que Carlos

Borromeu admitiu na sua diocese 400 ursolinas; em 1668 a França tinha 313 casas dessas religiosas, que posteriormente se espalharam pela Europa e pelo Novo Mundo²⁸, assinalando-se em toda parte pelos seus serviços, mormente no Canadá, onde pregaram o evangelho aos selvagens."

Por outro lado, "na congregação da *Propaganda fide*, três cardeais, três prelados e um secretário se ocupavam em difundir a doutrina cristã e dirigir missões, cujo número pôde ser aumentado mercê de muitos legados piôs. Irradiando desse centro, os missionários se espalharam pelo mundo, desde os Alpes até aos Andes, desde o Tibete até a Escandinávia, catequizando maometanos, budistas, nestorianos, idólatras e protestantes."

"Esses agentes do catolicismo assinalaram-se muitas vezes por um zelo heroico e levaram a muitos povos os primeiros clarões da civilização. Em compensação das perdas sofridas na Europa, os papas receberam embaixadas e Homenagens da Abissínia, do Japão, da Pérsia, dos antigos reinos do Oriente e dos novos países da América, onde se fundaram bispados, conventos, escolas e hospitais."

Em o nosso Brasil é conhecida, e fulgura nos rudimentos históricos da nacionalidade, a decisiva influência dos jesuítas, entre os quais se destacam as empolgantes figuras de Anchieta e Nóbrega, na catequese dos selvícolas, tentando, a golpes de abnegação e de heroísmo, os primeiros ensaios de civilização cristã, que, mesmo imperfeitamente, aqui se havia de implantar, muito embora não fosse a sua obra, aos olhos de modernos pesquisadores imparciais, isenta de falhas, que lhe atenuam o brilho primitivamente adquirido.

Tais foram, de todo modo, no breve resumo que precede, os frutos, não mesquinhos, da reação provocada no seio da Igreja pelo movimento da Reforma e subsequente ao concílio de Trento. Vitória assinalada do espírito do Cristianismo, corporificado em tantos missionários, podem ser, entretanto, considerados os últimos clarões dessa igreja, que dele pretende ser depositária, nos domínios da fé e da unidade religiosa. Porque o inimigo, que lhe ronda os passos, é indubitável que se não resignaria inerte a essa derrota, mesmo parcial, não abandonaria por isso a sua presa nem, muito menos, o domínio mundial pertinazmente adquirido e conservado.

²⁸ Novo mundo: o continente americano, então recém-descoberto pelos europeus — N. E.

VII

Crescente antagonismo entre a religião e a ciência. - Anarquia do pensamento. - Movimento libertário da Revolução Francesa levado ao desvario. - Soçobro do prestígio político da Igreja. - Perda do poder temporal. - Roma, túmulo do Cristianismo. - A crise contemporânea. - O Anticristo porfia em tornar odiosa a Religião do Cristo. - Expectativa de uma Era Nova.

Porque havia de o Anticristo renunciar à sua presa? — Ele não conseguira certamente obstar que as virtudes do Cordeiro brilhassem de novo, em dilatada escala, entre os escombros da Igreja, fundada outrora na humildade, no espírito de renúncia e caridade, e impedida agora de sucumbir, mercê dos Enviados que, segundo o acabamos de ver, o Senhor havia oportunamente suscitado para, de certo modo, recomencem a obra mutilada de Francisco de Assis. Esse reflorescimento valia sem duvida por uma intrépida afirmação da vida imortal, penetrados de cuja radiosa certeza não hesitavam os seus arautos em desprezar as grosseiras seduções do mundo, para seguir a Jesus, obedecendo aos seus mandatos. Sim, os exemplos dos grandes santos, enfeixados alguns no brevíssimo resumo que precede, tinham vindo reanimar a cristandade, aureolando de inusitado prestígio a igreja que o perdera e a cujo seio se haviam dignado eles acolher-se. Mas a afirmação de imortalismo e de espiritualidade, que tais exemplos implicitamente revestiam, significando embora .uma vitoriosa réplica ao predomínio da incredulidade e do materialismo de que se achavam até então saturados os costumes nas próprias fileiras eclesiásticas, podia quando muito ser considerada um socorro de emergência, não indo a sua repercussão além da espera do sentimento, ao passo que no domínio do pensamento, como obstinada negação dos atributos d'Aquêle, em cujo nome eram praticadas tantas obras de amor e de misericórdia, as concepções doutrinarias da igreja, longe de satisfazerem os novos reclamos intelectuais, estimulados pelo movimento emancipador da Reforma,. Permaneciam estagnadas, negativas, refratárias a toda

evolução.

Não vimos, no concílio de Trento, ser solenemente ratificado o dogma do pecado original, que torna todo o gênero humano responsável pela ficção da culpa do primeiro casal — outra ficção — e ser do mesmo modo menos iníquo dogma das penas eternas, um e outro blasfematórios e incompatíveis com a bondade e a justiça de Deus?

Ora, a crítica racionalista, que falava em nome da liberdade, conculcada durante tantos séculos de opressão, formulara as suas exigências, a que os mesmos promotores da Reforma, penetrados de espírito dogmático e intolerante, não se tinham revelado capazes de dar cabal satisfação. Com a sua odiosa doutrina da predestinação e da graça e a negação do livre arbítrio, para contestarem a eficácia das boas obras e sustentarem a salvação exclusiva pela fé, não somente atribuíam a Deus uma clamorosa parcialidade, mas, de seu lado, o tornavam único responsáveis por todas as ações humanas.

Essas mesquinhas concepções, que deixavam insolúvel o problema das desigualdades humanas, em face da justiça, da bondade e da sabedoria do Criador, se tinham sido toleradas nas épocas de passividade e de terror, já não podiam ser admitidas quando os estudos científicos, deslocados dos claustros, onde tinham sido exclusivamente cultivados, para as classes consideradas profanas, abriam a novos horizontes ao conhecimento, ao mesmo tempo em que a razão cada vez mais se emancipava do dogmatismo obsoleto e estacionário.

Daí o antagonismo entre a religião, que se obstinava no seu erro geocêntrico e no antropomorfismo do Jeová bíblico, zeloso, parcial, vingativo, antiético do Pai misericordioso revelado por Jesus, simbolizado, entre tantos outros ensinamentos, na parábola do Filho Pródigo, e a ciência, cujas descobertas, que os séculos posteriores ampliaram, falavam de uma criação infinita, submetida a leis de impecável sabedoria, tal como, por exemplo, presentira e proclamara Giordano Bruno, condenado por isso a expiar na fogueira o crime de ensinar verdades que não convinham aos detentores da direção espiritual da cristandade. Nem ao Anticristo, cujo interesse fundamental consiste em manter afastadas de Deus as suas criaturas, a fim de sobre elas exercer pela revolta, eu provoca a injustiça, e até pelo terror, o seu implacável predomínio.

Se no concílio de Trento, como precedentemente o assinalamos, em lugar de se preocuparem com o fortalecimento da autoridade pontifícia e, portanto, com o argumento do poderio mundano, um largo programa de revisão dos ensinamentos ortodoxos houvesse prevalecido, visando restaurar em sua simplicidade original os ensinamentos evangélicos, fonte de toda a verdade necessária aos homens, e, por essa forma, encaminhá-la a Deus pelo conhecimento de suas leis de misericórdia e de justiça, entre as quais se destaca a da pluralidade de existências, que deixa sempre ao maior culpado a possibilidade de aperfeiçoamento indefinito, após sucessivas jornadas expiatórias e reparadoras, aquele objetivo satânico teria sido Sumariamente

burlado. Não podia, conseguintemente, o inimigo consentir nessa vitória doutrinária do Cristianismo, que teria aberto para a humanidade uma nova era de verdadeiro renascimento espiritual. E como havia ele, desde séculos, assentado os seus arraiais na cidade de Roma e, pela tenacidade de suas dissimuladas sugestões, subjogado a mente dos sucessivos depositários do divino legado, não lhe foi difícil, operando sobretudo com a disciplinada falange dos jesuítas, por ele organizada, manter o *statu quo*,²⁹ ele que do próprio movimento libertário da Reforma se havia apoderado para o transformar num conflito de fanáticos, em que todos os sentimentos se agitaram, menos o da humildade e o do verdadeiro amor a Deus e às suas criaturas.

Que lhe importava, pois, que algumas almas abrasadas de fé, escolhidas pelo Cristo, e transportadas nos estímulos transfiguradores da caridade viessem recordar aos homens, com a eloquência das obras, os ensinamentos do Mestre? Ele, que não pudera nem poderia em caso algum impedir essa boa semente do “trigo” amavelmente feita pelo Senhor da messe, bem sabia que tais exemplos — alimento substancial das almas simples — não bastariam para mitigar a fome das inteligências exigentes, que se não resignavam a apagar o lume da razão, para ceder à necessidade puramente sentimental de crer, e era aí que se lhe deparava o propício campo em que semearia, como sempre, o “joio” da incredulidade, suscitada pelas concepções ora pueris, ora terroristas, patrocinadas pelos que se arrogavam a autoridade de exclusivos intérpretes da palavra divina.

Assim, enquanto a igreja se petrificava na letra bíblica para defender a imobilidade da Terra como centro do universo e sustentar o princípio da criação em sete dias, desconhecendo o simbolismo da narrativa mosaica, os trabalhos de Kepler e Galileu, que seriam mais tarde completados pela hipótese cosmológica de Laplace, desmoronavam essas teorias infantis, ao mesmo tempo em que à pretensão da exclusiva habitabilidade da Terra não tardaria a ciência em opor a dos demais planetas, apoiada na verificação da existência do vapor d'água em sua atmosfera. E, como essa, todas as outras descobertas da ciência no domínio da física, da química e da biologia, penetrando cada vez mais longe nos arcanos da natureza, eram golpes repetidos e desmoralizadores vibrados no edifício dogmático da igreja, tornando-a incomparável com as inteligências cultas.

Recordemos ainda o seu dogma, no fundo acentuadamente materialista, da “ressurreição da carne” — expressão que, de resto, se não encontra em nenhuma passagem das Escrituras, onde o que se lê é a “ressurreição dos mortos”, o que é muito diferente — a qual, não obstante, fez ela inserir no denominado Símbolo dos Apóstolos, como um dos artigos do Credo. Pretendeu assim que, para o julgamento final, todas as almas retomariam posse de seus corpos materiais, a fim de neles sofrerem as penas e recompensas merecidas pelas suas obras, desse modo atribuindo

²⁹ Expressão em latim que significa “estado das coisas”, situação atual, ordem vigente no momento — N. E.

à carne corruptível importância capital na vida eterna, com o que não somente se colocou em oposição à doutrina espiritualista de Paulo, que sustenta não poder a corrupção herdar a incorruptibilidade, mas condenou-se ao desmentido com que as observações da ciência respondem a essa grosseira concepção, provando a sua impossibilidade.

É sabido, com efeito, que os elementos constitutivos do corpo humano não se dissociam apenas, transformados em gases, por ocasião da morte, para voltarem ao grande laboratório da natureza e entrarem na composição de novos corpos, nos reinos vegetal e animal — processo que se vai indefinidamente repetindo na sucessão dos tempos e que torna irrealizável, no ponto de vista da identidade pessoal, a reintegração orgânica e histológica de um mesmo indivíduo — mas essa mesma integridade e identidade de células componentes do corpo humano nem sequer se verifica para o mesmo indivíduo no curso da existência, pois que a todo momento, pelo trabalho de desassimilação vital, o nosso corpo se vai constantemente renovando, de tal sorte que, ao fim de um período aproximadamente de sete anos, as suas células, desde as partes moles do cérebro até a estrutura óssea, foram totalmente substituídas. Como, pois, se reunirem, segundo a infantil concepção, no minúsculo vale de Josafá, as almas das humanidades, milenariamente desaparecidas, aos seus corpos, há tanto tempo dispersos no turbilhão universal, e como reintegrá-los nos seus elementos tantíssimas vezes substituídos?³⁰

Em presença de tais concepções, a ciência tinha o direito não apenas de sorrir, mas de insurgir-se.

E não era somente no domínio intelectual que a igreja, por sua retrógrada obstinação, contribuía para o crescente antagonismo entre a religião e a ciência. Tendo na própria esfera da influência espiritual, com aplicação às relações sociais dos indivíduos, abandonado o ideal democrática e fraternista do Cristianismo, para fazer-se a aliada dos poderosos e dos reis e, em tais condições, tornar-se cúmplice da opressão por eles exercida sobre os pobres e os pequenos, forjou e meteu nas mãos dos pensadores a arma de combate que contra ela veio a representar o momento filosófico da Enciclopédia, erigido por Diderot e d'Alembert, com a principal colaboração de Montesquieu, Voltaire e Rousseau, em meados do século XVIII, e que serviria de ponto de partida, ou, pelo menos, como fonte inspiradora do movimento libertário desencadeado pela Revolução Francesa.

Que podia, com efeito, resultar da erupção de ideias novas sobre que parecia àqueles clarividentes pensadores deverem ser plasmados os destinos dos povos, senão a onda insurrecional que derrubou a dinastia dos Capeto e, subvertendo a ordem político-social, em cujos destroços arrastou os derradeiros vestígios do feudalismo, havia de ganhar foros de universalidade com a sua proclamação dos

³⁰ O Vale de Josafá, também chamado Vale do Cédron ("vale escuro") é uma região próxima a Jerusalém, lugar descrito pela tradição bíblica como sendo onde Jeová promoverá o juízo final — N. E.

direitos não do cidadão francês, mas dos “direitos do homem?”

Despedaçados os grilhões na orbita política, não foi de estranhar que, obedecendo ao irreprimível impulso inicial, a subversão se propagasse á própria esfera religiosa. E, pois que a igreja, pretendendo representar o pensamento e a vontade do Deus na terra, o havia sacrilegamente associado à todas as tiranias, de que se fizera cúmplice, a lógica dos acontecimentos não tardou em conduzir os revolucionários aos extremos da consumação pratica do lema, teoricamente iconoclasta, “Nem Deus nem rei”, isto é, ao desvario de entronizar no lugar do primeiro a “Deusa Razão”.

*

* *

Desses lamentáveis excessos, a que toda convulsão no organismo social, desaçaimando as paixões populares, semelhantemente dá lugar, é certo, que a França retrocederia até a normalidade de sua vida política, não somente para consolidação de suas novas instituições, mas para restauração oficial do catolicismo, a cujo serviço tantos prelados ilustres, reatando a tradição dos Bossuet e Fénelon, haviam de pôr os seus dons de eloquência e de persuasão. Não é menos certo contudo que os germens de irreligiosidade, postos em circulação pelas doutrinas dos enciclopedistas, não obstante o teísmo fundamental dos seus principais autores, continuariam favorecidos pela atitude incorrigivelmente reacionária e intolerante da igreja, a produzir os seus frutos nas inteligências que os estudos científicos e as especulações filosóficas de Kant, Saint-Simon, Charles Fourier, Victor Cousin e outros, culminando nas audaciosas concepções de Augusto Comte, iam divorciando cada vez mais da ortodoxia dogmática.

A anarquia mental, desenvolvida, nessa época de demolição e de frágil reconstrução doutrinária, embalde tentaria o último desses pensadores opor um conectivo com a sua genial sistematização científica e a malograda pretensão de fundar uma nova religião — a religião da humanidade — produto abortivo do que, a seu ver, corresponderia ao último termo da sua denominada "lei dos três estados", mas que de fato não passou de uma grotesca adaptação do catolicismo romano em sua feição inferior, isto é, do culto idolátrico individual e, portanto, fetichista. O materialismo, expressão imediata e grosseira da incredulidade, prosseguiu em sua obra de dissolução, transpondo a órbita dos costumes para a das inteligências.

Surgiram então, prestigiadas por nomes em pouco aureolados de fama, as teorias puramente mecanicistas e organísticas, interpretativas do universo e da vida, e as próprias investigações de Darwin, expostas em sua *ORIGEM DAS ESPÉCIES*, pondo em relevo a lei natural da seleção dos seres por via de evolução, forma entendidas no sentido da exclusão de uma Causa suprema na ordem geral da natureza, isto é, no de

um ateísmo que nunca esteve no pensamento do seu autor. Abolida assim, para quantos se pretendiam o direito exclusivo de pensar, a ideia de Deus, a "força e matéria" de Büchner e o "monismo" de Hœckel adquiriram foros de razão suficiente para substituir a Soberana Inteligência na criação, governo e harmonia do Cosmos e na orientação da humanidade a seus destinos, subordinados em tal caso ao arbítrio de forças inconscientes e cegas. O ser pensante, no conjunto de suas admiráveis faculdades superiores, passou a ser considerado mero produto das funções do cérebro, sem responsabilidade moral, portanto, e sem nenhum estímulo enobrecedor de suas ações, rebaixado, numa palavra, à mesma condição do bruto.

Do cimo das inteligências cultas, obnubiladas pelo orgulho do saber e, em tais condições, inconscientes instrumentos do Anticristo, que as propelia nesse desvairado ramo, era fatal que semelhantes aberrações, circulando com o prestigioso rótulo de verdades científicas apoiadas na experimentação, se propagassem pelas camadas sociais subjacentes gerando, com o morbus da irreligiosidade absoluta, os sentimentos de revolta, que se não exprimiriam apenas em as várias formas teóricas do anarquismo, preconizadas pelos revolucionários apóstolos e pregoeiros da Reforma Social, senão que seriam levados à prática nos repetidos atentados contra a vida de soberanos e chefes de Estado, em que se celebrizariam, numa sanguinolenta explosão de ódio aceitaria, os Ravachol, Caserio Santo e tantos outros.

Mais: que nunca ficou então provada a incapacidade da igreja para esclarecer e orientar as multidões, sobre as quais, excetuadas as pessoas que um irresistível pendor devocional encaminhava para a religião, perdera totalmente a autoridade espiritual, outrora incontrastável.

Não foi, de resto, somente nessa esfera, em que se deveria ter superiormente conservado sempre, que o declínio da igreja se patenteou. O seu mesmo prestígio político, em má hora cobiçado e obtido ao preço de tão graves mutilações no depósito sagrado que lhe fora primitivamente confiado, já havia padecido violento soçobro na Itália, desde que, sob a influência de Cavour, o estadista de largo descortina que se constituíra preeminente fator da unificação italiana (1852-1861), teve que submeter-se a medidas radicais por ele decretadas, como a liberdade de cultos, a venda dos bens de mão morta e a extinção do monopólio do ensino pelas corporações religiosas. Esse desprestígio atingiu em 1867 o seu ponto culminante, quando a Itália, prossequindo naquela obra de unificação, se apoderou dos Estados pontifícios, expropriação consumada em 1870 com a tomada de Roma pelas tropas garibaldinas, pondo termo definitivamente ao poder temporal do papa, que desde então, como platônico protesto, passou a ornar-se voluntariamente com o título de "prisioneiro do Vaticano".

Em lugar de conformar-se com esse afastamento dos negócios do século, imposto pela força das almas, uma vez que não tivera a clarividência de o fazer séculos antes e espontaneamente, como lho inspiram o senso de sua missão divina, se

há muito o não tivesse abandonado, para lançar-se no conflito das ambições mundanas, a igreja permaneceu obstinada em suas pretensões, para vir afinal a contentar-se, em nossos dias, com. uma caricatura do seu antigo poderio, mediante o denominado "acordo de Latrão", feito com o primeiro ministro italiano, em virtude do qual a tão ambicionada soberania temporal do papa ficou reconhecida, mas circunscrita ao minúsculo território ocupado pela sede pontifícia. Em troca e como compensação dos territórios para sempre abandonados, recebeu ele a soma de 750 milhões de liras em dinheiro e um bilhão em títulos italianos de cinco por cento, o que em moeda brasileira representa cerca de novecentos mil contos de réis.

Quando houvermos de apreciar a situação da igreja em face do movimento de renovação que se inicia para a humanidade e cujos lineamentos mal se percebem na confusão dos sucessos contemporâneos, voltaremos a fazer algumas oportunas considerações sobre essa transação, ajustada entre verdadeiros filhos do século e que revela a mentalidade puramente mercantil predominante nos que, por um supremo escárnio, se arrogam a investidura de representantes de Deus e sucessores do humilde pescador, que se ufanava, como digno continuador do Mestre, de não possuir ouro nem prata. Por agora, como remate das apreciações que vimos fazendo sobre o declínio dessa igreja, que, no dizer de um inspirado apóstolos do moderno espiritualismo, já não é mais que o cadáver de uma grande ideia, queremos deixar ainda assinalado que o eclipse, em que definitivamente mergulhou o seu prestígio, parece ter-se estendido ao mesmo esplendor artístico atingido, com o máximo domínio espiritual, na Idade Média, e representado nesse eloquente monumento de pedra que foram as suas numerosas catedrais.

Tal foi, por exemplo, e num sentido mais amplo a desolada impressão de um pensador e esteta — o Dr. Jayme Cotesão, antigo diretor da biblioteca pública de Lisboa — por ocasião de sua visita, há alguns anos, à "cidade eterna", da qual traçou com raro vigor, em seu livro de viagens, a instantânea e decepcionante visão, falando-nos de "Roma católica — O túmulo do Cristianismo" e pondo em relevo o flagrante, ao mesmo tempo em que pungente, contraste entre o idealismo doutrinário de Jesus, expresso em sua vida como na de seus apóstolos e discípulos, e a materialidade sensualista das representações objetivas — prolongamento das concepções romanas e pagãs da mesma natureza — concretizadas simbolicamente no aglomerado monumental da sede pontifícia.

Julgamos, por isso, a título ilustrativo, dever aqui reproduzir essa página impressionista, a que o caráter leigo do autor, isento de espírito sectário, emprestam em cunho de imparcialidade, que torna digno de apreço o seu depoimento. Não adota ele certamente o nosso ponto de vista da interferência de fatores ocultos na deturpação da obra eminentemente espiritualista do Cristianismo, tornando-o verdadeira antítese, no fundo e na forma, do que foi em sua gloriosa fase inicial. Mas essa mesma circunstância, longe de prejudicar o valor das apreciações críticas do Dr.

Jayme Cortesão, serve para conservar-lhe toda a espontaneidade, inspirada em motivos exclusivamente racionais e estéticos, a que uns laivos ora de melancolia, ora de ironia amarga dão mais acentuado relevo.

Julguem os leitores por si mesmos.

*

* *

“Voltemos a Roma e visitemo-la de novo. Ela é estreita, no espaço, mas infinita no tempo. Não se acaba, jamais de percorrer e meditar. Ponhamos ponto nesse capítulo de Pompeia, desdobramento da Roma dos Césares, e, volvidas as idades, entremos agora na Roma católica.

É a Roma cristã? — Dessa restam apenas alguns quilômetros de catacumbas e as piedosas lembranças de uma remota cristandade, hoje guardadas em alguns museus. Embalde procurareis aqui o sorriso doce do Galileu. Roma adora sempre e por demais a grandeza, a força, a alegria, e a violência, para abraçar sinceramente uma religião de humildade. Também era demasiado prematura, para poder frutificar, essa tentativa de espiritualizar a vida, em meio de uma humanidade de tão estreitos apetites. Sim, Roma abraçou o Cristianismo, mas para o afogar nos braços. É isso, aliás, o que sucede sempre em todas as sociedades que adotam uma ideia nova superior a sua índole e educação. Essa religião de um povo de videntes e profetas era tão incompatível com o gênio realista dos romanos que fatalmente havia de morrer ali e tornar-se, em suas mãos, mais um instrumento de domínio. Os vendilhões do templo fraternizaram com o Mestre, para lhes roubar o açoitado e chicoteá-lo por sua vez.

Essa vingança dos deuses, chamada o catolicismo, é que explica como o paganismo irrompe de novo por toda a Roma, que pretende ser cristã. Por isso em toda ela o que há de mais profunda e expressivamente católico é a Basílica de S. Pedro e o Vaticano.

Esse mundo novo, onde vamos agora penetrar, abre na praça de São Pedro, vasto recinto de clássico e romano sabor, semicircundada como é pelo bosque das centenas de colunas bordando galerias, com o centro marcado pelo fino obelisco de sienite, a cujos lados jorram cataratas as duas grandes fontes de Maderna. Ao fundo o templo enorme e, por detrás, sumindo-se, entrevendo-se, desdobrando-se, imenso e descomunal — o Vaticano.

Ora, esse templo, a Basílica de S. Pedro, é a mais alta expressão formal do catolicismo. Sendo o maior e mais rico templo do mundo, é também o mais pesado, desgracioso e desconforme. A grandeza maciça das colunas, que dividem as naves, causa uma impressão brutal de esmagamento; o estadear das pompas e riquezas, de grosseiro a profundo, afasta e hostiliza o visitante desprevenido, e a incoerência da sua fachada, recoberta de estátuas descomunais, quase provoca, por grotesco, a hilaridade. Para tornar grandioso

aquele templo, Bramante foi aos palácios dos Césares buscar as suas abóbodas, e Michelangelo ao Panteão de Agripa a cúpula majestosa. Mas esse mesmo realçar espantoso da cúpula, obra de gênio isolada, porque não joga com o resto e foi mascarada com as piores deformações arquitetônicas, torna o edifício mais abortivo, desmesurado e monstruoso.

Eis também porque a Basílica de S. Pedro é o coval do Cristianismo. Quanto mais lhe querem dar a ilusão de vida, mais representam a sua morte. Ele falava de amor — o Cristo — e de humildade e de resignação. Ele exaltava, como o verbo e o ato, os pobres, os fracos, os pequenos. Ali tudo é exibição, vaidade, soberba; tudo é ideia de império e de grandeza, um lisonjear o gosto do fausto e das riquezas. Cantam-no, louvam-no, glorificam-no, mas desmentem-no. E o pobre dos pobres ali jaz, sepulta sob a avalanche dos brocados e diamantes.

À volta, o Vaticano, com os seus palácios, os seus museus, as suas galerias, é o monumento fúnebre erigido à memória do Cristianismo. Sarcófago imenso, lavrado de alegorias, à maneira romana, e qual delas a mais irônica e profunda. O museu egípcio, o meu etrusco, o museu antigo, cheios de estátuas, de vasos e de frisos... Esses são o cortejo dos deuses, desde Ísis e Osíris a Apolo Muságeto e Venus Afrodite, que vieram ao grande saimento e cantam a alegria eterna da vida, a glória da Beleza e do Amor sobre o túmulo do Profeta e da Ideia de Renúncia. De galeria a galeria desenrola-se a imensa teoria pagã dos deuses do Olimpo. Estão ali, palpitando no mármore, os mais belos deuses que é possível sonharem-se. O Júpiter de Otricoli sorri com majestosa onipotência, o Apolo de Belvedere, graça luminosa da vida, paira com a suprema expressão da nobreza máscula; a Vênus de Milo, a curvada, a anadyomenia, fingem com gestos esconder, para maior incêndio do desejo, as maravilhas do corpo desejoso. Depois, na cauda do corteja, o Mercúrio, o Hércules, o Meleagro, o bando dos faunos e bachantes, ou as canéforas do friso esbelto das ranateneias, harmoniosos, perfeitos, desnudados, celebram o mesmo riso de vitória. Em balde a hipocrisia católica selou com a folha de vinha a nudez divina das Estátuas. Todas elas proclamam, com a beleza das formas desveladas, os direitos plenos da vida.

Depois vem a "Stanze", as "Logge", as madonas, a Ressurreição de Rafael... Tentou o grande Pintor infundir a graça e beleza pagãs na idealidade do Cristianismo. E aí tendes esse mundo de visões teológicas de carnações formosas, realizadas com um poder genial de execução, mas tão fantásticas e irreais, umas vezes, que são de uma beleza fria, outras tão reais e humanas, que inspiram apenas voluptuosidade pagã. Rafael é um contemporâneo e um acomodaticio, representando uma arte e uma ideia de compromisso.

Só Michelangelo tem um grito profundo de alma religiosa. O sombrio e rude irmão de Dante e Savonarola, que amou Vitória Colona numa idealização platônica, sempre arredio, casto, sóbrio e revoltado, fala em nome dos puros e dos iluminados.

A sua voz clama e esbraveja pelas figuras gigantescas do Velho Testamento.

Os afrescos da Capela Sistina são o único protesto que os homens puderam gravar sobre o grande sarcófago do profeta vencido.

Desde as cenas até aos atores o gênio de Michelangelo increpa e ameaça surdamente a sua época e os seus contemporâneos. Pintando o Gênesis e o Juízo Final, clama a necessidade de voltar às origens, ameaça os homens com a visão dos castigos eternos, refugia-se nos extremos do tempo, como uma reprovação àqueles em que vivia. E criando uma raça nunca vista de Profetas e Sibilas, de Gênios e Titãs, irosos, pensativos, embotados, dando origem, pelo poder do gênio, a uma nova espécie super-humana, implicitamente condena o seu misero e degradado semelhante.

Se ele escolhe, para motivos de arte, a formação do mundo, a criação do homem e da mulher, a expulsão do Paraíso, a embriaguez de Noé e o Dilúvio, é para viver nos profundos símbolos do Gênesis as verdades primaciais e eternas, aborrido pela mentira soberana que o assalta, pela deformação consciente do que há de mais belo no Cristianismo. E, se rodeia depois aquelas cenas de um círculo arrebatado de pitonisas, videntes e cariátides, corpos de gigantes acometidos de cóleras, fronte alumiadas pela visão do futuro, faces sombrias, cheias de mágoa e pensamentos, foi para as fazer esquecer e delirar com a sua dor e indignação.

O próprio Cristo do *Juízo Final* é um moço herói, nu e imberbe. Hercules irado que, num gesto sacudido, condena e precipita os maus e os ímpios.

Eis a alegoria do Passado, a do Presente e a do Futuro.

À volta do imenso sepulcro, lavrando as paredes de uma funerária, os deuses ou riem às claras nas estátuas da Antiguidade, ou às ocultas no mundo de beldades angélicas e bailarinos dolentes e elegantes em que Rafael os disfarçou. Só ali a velha raça semítica, ardorosa e trágica, chora a sorte do mais puro dos seus filhos e parece anunciar ainda na alucinação dos Profetas para algum tempo remoto a vinda de outro iluminado, capaz de abalar com a Ideia Nova os alicerces do velho mundo.

É a única voz de acento bíblico que ressoa no imenso aglomerado dos palácios. E essa pela boca das imagens e das tintas para os poucos capazes de a entender. Relíquias cristãs propriamente ditas, dentro do Vaticano, existem apenas os restos dos objetos votivos, emblemas, alfaias e adornos encontrados nas catatumbas. Mas — pormenor eloquente — o pequeno museu que os guarda é uma dependência quase ignorada da *Biblioteca*, onde se colecionam junto aos velhos papiros, como coisas somente adequadas às escavações dos eruditos.

E lá no extremo, ao fundo das galerias, no último lanço dos palácios, sobranceiros à Basílica, são os aposentos do Pontífice. Das suas janelas vê a praça e vê o templo. Não sai dali. Última sentinela romana de guarda ao sepulcro, desde que lhe coube a hora de vigia, não mais abandona o posto, até

que outro o venha render enfim. É certo que eles empalharam o cadáver e lhe puseram desta vez uma tampa mais pesada que nunca. Deixai-lo. Revezam-se toda a vida naquele alerta.

Não vá ele ressuscitar segunda vez..."

*

* *

Mas já ressuscitou. Oportunamente diremos quando e de que modo. Antes de o fazer, cumpre lançarmos ainda um rápido golpe de vista sobre os pródromos e o desenvolvimento do que se pode considerar a crise contemporânea, remontando não mais que vinte anos o curso da história.

Nas vésperas de estalar a grande conflagração, quando as nações europeias vergavam sob o peso de formidáveis contribuições para manter os gastos da paz armada, isto é, um gigantesco preparo bélico que devorava as economias dos povos, esmagando-os, havia não obstante, ou por isso mesmo, um anseio geral pela paz, e não foram poucas as vozes generosas que se elevaram — espécie de pressentimento do que seria a tremenda catástrofe em preparativo — clamando por uma conciliação, de que a mais alta expressão organizada, no ponto de vista das relações internacionais, foi o Tribunal de Haya.

Tentava-se ao mesmo tempo construir uma nova ordem de coisas que satisfizesse as aspirações, mais que isso, as exigências das classes oprimidas e insatisfeitas com a remuneração do trabalho e a iníqua distribuição das riquezas, sem contudo alterar a composição do estado social, solapado em seus fundamentos por muitos séculos de mentira religiosa e de mistificação política. Solução de resto impossível, dado o antagonismo cada vez mais acentuado entre os dois grandes agrupamentos em que se achavam divididas as sociedades ocidentais: o proletariado e a burguesia, detentora desta última, até certo ponto, das prerrogativas e vantagens da nobreza feudal desaparecida, a que, sob nova e atenuada modalidade, havia sucedido.

Porque na consciência das massas, que constituíam o primeiro desses agrupamentos e a elevação do nível da instrução, tornara receptivas às prédicas do radicalismo socialista, adquirira foros de convicção o postulado revolucionário de que "a propriedade é um roubo". O queurgia, portanto, a seu ver, era socializar a riqueza, não apenas tornando extensivo à classe proletária o conforto e as comodidades que o "capitalismo", numa sorte de desafio à miséria em que a via debater-se, reservava exclusivamente para si, mas sobretudo transferir às suas mãos, arrebatando-o às da burguesia, o governo das nações. Era, numa palavra, a subversão do estado social existente o que fazia objeto das reivindicações inscritas no programa do radicalismo socialista, daí resultando extremarem-se as posições e tornar-se de

ano para ano mais intenso e ameaçador o conflito latente, de que as manifestações do 1º de maio, por ocasião da celebração anual da festa do trabalho, eram apenas superficiais e transitórias explosões.

Do estado de latência no terreno econômico e doutrinário, com frequente repercussão no domínio da realidade prática pelas repetidas greves que se declaravam, num entendimento internacional, ora na Europa, ora na própria América do Norte, não tardaria porventura muitos anos a passar o conflito à esfera política, transformado na grande e anunciada revolução social, quando o atentado de Sarajevo, como uma corrente de ar frio em atmosfera carregada de eletricidade, precipitando a catástrofe europeia, serviu de pretexto à declaração de guerra.

Entrechocaram-se as massas humanas, silenciaram as vozes doutrinárias, fez-se por toda parte a "união sagrada" e durante quatro angustiosos anos o sangue, fraticidamente derramado, ensopou o solo da Europa, convertido em alucinante anfiteatro de extermínio, a que todos os aperfeiçoamentos da ciência especializada, particularmente na mecânica e na química, ofereceram, em diabólico requinte, os mais eficazes instrumentos.

Terminada a carnificina, uma estatística anos depois organizada, sobre dados oficiais, pela Liga das Nações apresentava esses espantosos resultados: — mortos (conhecidos e presumíveis) 12 milhões, 990 mil 571; — feridos 20 milhões, 297 mil 551 representando um total de 33 milhões e perto de 300 mil vítimas, a maior destruição de vidas e mutilação de seres humanos que a história jamais registrara numa guerra, sem falar no valor das propriedades destruídas, fruto do penoso labor de sucessivas gerações.

Dessa gigantesca tragédia, preparada no plano material, ou dos efeitos, em que vivemos, pela ambição de predomínio político de uns e fomentada pelas rivalidades comerciais de outros, mas urdida no plano espiritual, ou das causas, em que todos os sucessos humanos são previamente elaborados, pelas forças inteligentes que os dirigem, muitos forma os ensinamentos resultantes, não sendo o menor deles a demonstração da falência religiosa do ocidente.

Qual deve ser, com efeito, o papel das religiões na educação, preparo e direção superior dos povos, senão incutir-lhes como regra absoluta a que se devem subordinar todos os seus atos, a obediência aos imperiosos ditames da Lei de Deus e a prática da fraternidade — princípios básicos que em todas elas se contêm?

Ora, dentre as nações que se empenharam na carnificina de 1914 a 1918 somente uma, a Turquia, aliada a esse tempo dos impérios centrais, adota um código religioso diferente, o maometano. Todas as outras se ornaram com o título de cristãs.

Mas o Cristianismo, que, segundo a palavra do seu Divino Instituidor, não viera destruir a lei antiga, no que evidentemente, ela encerrava de imutável, como preceitos de moral eterna, isto é, o Decálogo, não somente manteve o imperativo insofismável — "não matarás" — senão o ampliou, sublimando-o na persuasiva

recomendação: "Amai-vos uns aos outros".

Que fizeram desses princípios basilares as nações do ocidente, desde tantos séculos beneficiadas com a Boa Nova? É verdade que não foi apenas à deflagração dessa última guerra e em todas as fases do seu desenvolvimento eu foram brutalmente desrespeitados: excetuadas as gerações cristãs dos três primeiros séculos — essas legitimamente portadoras de excelsa denominação — que se deixavam heroica e voluntariamente matar, reproduzindo, para o triunfo, a que serviam, do seu altíssimo ideal, o sacrifício do Cordeiro, não cessaram os povos do ocidente de praticar o morticínio organizado, em guerras de conquista, sob a direção de príncipes que se intitulavam cristãos e até — como o tivemos precedentemente ocasião de assinalar — por instigação, quando não por iniciativa pessoal de papas, divorciados de sua função puramente espiritual e das preocupações, que deveriam ser exclusivas, de seu ministério sagrado.

Desse erro inicial ter-se-ia contudo até certo ponto redimido a igreja, se, transcorridos os primeiros séculos, após a queda do império romano, em que, para substituir o seu poderio político, era a única instituição organizada, capaz de assumir a direção dos povos, se houvesse gradualmente retrotraído, renunciando a toda interferência direta nos negócios do século e pairando assim na atmosfera serena da influência exclusivamente espiritual. O contrário, porém, foi o que temos visto. Obsidiada pela tentação do poderio mundano, causa, entretanto, da ruína moral e do crescente desprestígio que a vem debilitando, não cessou a igreja de obstinar-se na posse de um reino, que jamais deveria pretender ter na terra, para ser fiel à palavra e ao plano traçado pelo Mestre para a fundação da verdadeira Igreja Cristã.

Obliterado, em tais condições — cumpre insistir — o senso de sua missão, rebelde às próprias lições da história, que lhe mostraram, logo em seguida à perda completa do poder temporal e durante o longo e tranquilo pontificado de Leão XIII, verdadeiro apóstolo, diplomata e humanista, qual o rumo a seguir, pelo menos daí em diante, para reconquistar a estima e o respeito, que viessem de futuro a reintegrá-la em sua função legítima, não soube ou não pôde a igreja de Roma permanecer na obediência a essa diretriz, que a experiência lhe indicava. O resultado foi continuar meramente convencional, de fato inexistente, a autoridade do pretendido chefe espiritual da cristandade.

Exageramos? — A primeira condição para um chefe e que melhor caracteriza a sua supremacia é ser obedecido. Qual foi, entretanto, nesse caso da conflagração europeia, a ação do pontífice romano? Fosse ele depositário realmente da suprema autoridade sobre os povos e sobre os dirigentes dos povos, e a sua palavra serena e pacificadora, dominando o tumulto das paixões desencadeadas, teria sido filialmente obedecida e a catástrofe seria conjurada.

Como, porém, fulminar de reprovação a guerra e impor aos homens a paz o chefe de uma igreja que, em toda a sua história, não se limitam a envolver-se nas

contendas do século, disputando a sua parte, que pretendeu fosse a maior, no poderio mundano, mas fizera tantas vezes ela própria a guerra, maculando-se de sangue? Ah! Quando o Anticristo induziu os apóstatas da doutrina do Cristo, rotulados de seus legítimos depositários e representantes, a enveredar por esse funesto resvaladouro, bem sabia até que ponto os invalidava para a obra de paz e de confraternidade humana, em que devera consistir primordialmente o seu apostolado.

E, se resultou nula a intervenção pessoal do pontífice romano para evitar a conflagração e até mesmo, posteriormente, para mitigar-lhe os horrores, a ação do clero de todas as nações nela envolvidas não foi, no mesmo sentido, somente negativa. Viram-se, com efeito, os sacerdotes, de um e outro lado, desprezar à Divindade não o restabelecimento da paz sem efusão de sangue, mas a vitória para as armas e as bandeiras sob que, respectivamente, se alistavam. Mais ainda: nos campos de batalha não se limitou a ação desses ministros do altar a levar o conforto religioso aos moribundos e feridos, muitos deles, incorporados às fileiras como simples combatentes, empunharam as mesmas armas homicidas e os seus concidadãos, tomando ativa parte da peleja, distinguindo-se por "atos de bravura" e até procurando, como sucedeu com o clero da França, inintencionalmente, é de crer, nos impulsos individuais, mas com indubitável aplauso do partido político romano, reconquistar o apreço de que ali decaíra a igreja nos anos precedentes, depois da revogação da Concordata. Teriam do mesmo modo — esta consideração lhes não ocorreu de certo — feito jus à aprovação d'Aquele em cujo nome se haviam comprometido a apascentar os homens, não empunhando mortíferos fuzis, mas a cruz da redenção?

Há um outro fato, verificado durante a grande guerra, não menos demonstrativo da falência religiosa do ocidente e que o cronista internacional de importante diário assinalava, há alguns anos, apreciando a diminuição moral das nações europeias no conceito dos povos orientais. "O mundo islâmico — dizia ele — perdeu completamente o respeito pela moral e pela civilização do cristianismo. Os muçulmanos viram que, enquanto todos os beligerantes cristãos violavam os compromissos assinados poucos anos antes na Conferência de Haia e, não raro, cometeram atrocidades, a única potência que observou os tratados e cumpriu as estipulações das convenções internacionais, que soube amenizar os horrores da luta, sendo compassiva para com os seus prisioneiros e dispensando aos oficiais inimigos, que lhe caíram nas mãos, as considerações devidas a sua posição, foi uma nação maometana, a Turquia."

Outro não tem sido o sistemático objetivo do Anticristo senão desprestigiar e tornar mesmo odiosa a religião cristã, fomentando tais atitudes, contraditórias de seus preceitos básicos, nos indivíduos e nos povos que se dizem a ela filiados, estabelecendo e entretendo intencionalmente a confusão entre o Cristianismo e o catolicismo romano, que é de fato a sua desfiguração.

Prova disso teve o mundo há poucos anos, corporificada na campanha. Levada a efeito pelo governo soviético da Rússia, quando, por ocasião do Natal de 1925, o presidente dessa República iniciou um "tríduo antirreligioso", fazendo publicar em seus jornais artigos de combate a todas as religiões, especialmente ao Cristianismo, ora assim, ora indiferentemente designado "catolicismo", promovendo além disso, com institutos científicos e nas escolas, assim como por meio de radiotelegrafia, conferências apologéticas do ateísmo e "atacando rudemente o catolicismo."

Não foi sem doloroso confrangimento que num diário desta capital lemos, a esse tempo, o telegrama do seu correspondente em Moscou, que tal noticiava acrescentando que, além da publicação de artigos violentos, no *PRAVDA* e no *INVESTA* em que eram ridicularizadas as cerimônias do culto "cristão" que se celebra "por ocasião da Natividade de Jesus Cristo", o presidente Rykoff lançam, "um manifesto ao povo, atribuindo ao Cristianismo — note-se bem, ao Cristianismo — os grandes males dos tempos atuais", pois acentuava — "dele nasceu o capitalismo, a plutocracia, a divisão dos povos em oprimidos e opressores."

Dolorosa, com efeito, essa caluniosa e deplorável confusão, para quem sabe, como o assinalamos num dos primeiros capítulos, que os primitivos cristãos, observando fielmente os preceitos do Mestre, praticavam singelamente o comunismo, o verdadeiro comunismo, fraternista e igualitário, fundado no amor e não em odiosos antagonismos de classes, e que as deturpações, que desfiguraram a doutrina e perverteram os costumes, vieram posteriormente pela mão dos infiéis depositários, vítimas das malévolas e subjugadoras insinuações do Anticristo. Com que jubilo teria este observado, senão ainda sugerido, que os ignorantes da história evangélica, obnubilados pelo sectarismo político, atribuíam à doutrina d'Aquele que viera libertar os homens, sem distinção de classes, nem raças ou nacionalidades, de todas as opressões morais, sociais e espirituais, atribuíam — dizemos — os males que, dezenove séculos depois, ainda afligem esses mesmos homens e os tornam infelizes, precisamente por haverem menosprezado os seus ensinamentos! Júbilo diabolicamente vitorioso do responsável autor dessa obra transitoriamente aniquiladora.

*

* *

Transitoriamente, sim; porque o mundo, em meio dos formidáveis desmoronamentos a que, de dezesseis anos para cá, vimos assistindo, característicos da determinação de um ciclo evolutivo e histórico, está sendo preparado para um fecundo e definitivo renascimento espiritual, que só pode e só há de operar-se, consoante vozes proféticas o têm anunciado, com a eloquente confirmação dos fatos de que mais adiante falaremos, pela restauração da doutrina de Jesus em espírito e

verdade.

Sente-se, com efeito, ou melhor, sentia-se na fase precedente a que temos reportado, um anseio, de ano para ano acentuado, pelo advento de uma Nova Era. Ao mesmo tempo em que as almas generosas, a que aludimos há pouco, tornaram-se eco das aspirações gerais, multiplicavam esforços na cogitação de medidas convergentes para a conservação da paz universal, nos círculos espiritualistas ganhava corpo a ideia de uma próxima renovação. Estimulava-se, mediante o estudo comparativo de religiões, a tendência conciliadora no sentido de uma unificação religiosa, para a qual, esperava-se, contribuiria, mais que a simples divulgação, a propaganda intensa das doutrinas orientais, com o objetivo de uma aproximação preparatória. Anunciava-se a segunda vinda do Cristo, empenhando-se os fundadores da Ordem da Estrela do Oriente em preconizar a sua manifestação por um "veículo" adequado — um moço indiano, que estava sendo adestrado para essa mística investidura³¹ — tendo, por seu lado, um eloquente orador e sacerdote católico — o padre Julio Maria — realizada aqui no Rio uma série de conferências sobre o assunto de atualidade, que era aquele próximo advento, e "o fim do mundo", tomando por tema impressionantes passagens do Apocalipse.

Quaisquer que fossem os intuits particularistas, os motivos tendenciosos ou as origens ocultas, de vária natureza, a que o movimento se prendia, certo é que, como um sinal dos tempos, acentuava-se desse modo a rumorosa expectativa da Era Nova, que viesse mudar a face do mundo e pôr termo às iniquidades pluriseculares, que o têm infelicitado.

Mas sobreveio a grande conflagração, com os seus gigantescos esboroamentos, o colapso vital e financeiro das nações nela empenhadas e a considerável modificação do mapa político da Europa, desviando, por força do imediatismo dos problemas postos em equação, a atenção de tudo o que não fosse a reparação dos calamitosos efeitos da catástrofe. A partir daí um precipitar de sucessivas crises não tem cessado de abalar os fundamentos da velha ordem político-social em povos. A implantação do regime soviético na Rússia, cuja influência contagiosa não pretendeu atingir somente a remota China, tentando propagar ao Oriente, mediante repetidas guerras civis, a mesma violenta subversão dos valores humanos que inclui no seu programa de governo, mas tem procurado insinuar-se no ocidente, com idêntico objetivo; a tentativa republicana posta em prática na Alemanha, como um derivativo à formidável desorganização causada pela guerra, cujo desfecho acelerou; a transformação da mentalidade otomana, expressa no banimento de algumas das tradições, usos e costumes nacionais, como um índice de adaptação às tendências renovadoras de que a grande conflagração foi, por excelência, a geratriz; esses e outros vertiginosos sucessos, mais tarde seguidos de outros, como a recente

³¹ Apreciaremos oportunamente a significação desse fato em nosso ponto de vista.

“desobediência civil” na Índia, em que o Mahatma Gandhi, interrompendo momentaneamente a sua função de *líder* religioso, se tem convertido em agitador político, para promover a emancipação de sua pátria e de sua raça do secular domínio britânico, de tal modo têm absorvido as atividades no velho mundo, asiático e europeu, como uma necessidade imediata e preparatória de outros sucessos de mais elevada significação e importância, que o problema da renovação espiritualista teve que ser, forçosa e temporariamente, posto de lado.

Complicando as subversões e tentativas de subversão política, senão constituindo, sob determinado aspecto, o seu fator primacial, os interesses econômicos têm determinado um retrocesso nas tendências e aspirações de certos povos, como sucedeu na Itália, em que o *fascismo*, instituído num rasgo de audácia, para salvá-la da anarquia, e seguido da implantação do regime ditatorial em outras nações latinas, vítimas da mesma inquietude e desorganização suscitadas pela guerra, outra coisa não fez senão abrir caminho para o que um estadista inglês denominou “a crise do liberalismo”, e restaurar, como nas sociedades semibárbaras do passado, a supremacia da força no governo dos povos, com proscricção de todo idealismo, sobre o qual pretende consolidar o seu triunfo, assegurando a ordem material, sim, mas cometendo o grave erro de fazer consistir no bem estar dessa natureza, de resto só transitoriamente conseguido, o supremo objetivo da nacionalidade a cujos destinos vem presidindo.

Sem dúvida a vida material tem para o homem implacáveis exigências que o arrastam, quando não satisfeitas, à prática de desvarios, imposta pela natureza animal nele preponderante. E é por isso que a generalização, verdadeiramente mundial, da crise econômica nos últimos recentes anos, gerada pela superprodução avolumando de modo assustador o exército internacional dos “sem trabalho”, vem constituindo a absorvente e, por assim dizer, exclusiva preocupação dos estadistas de todas as latitudes, obrigados a procurar-lhe urgente solução, antes que as graves e ameaçadoras perturbações, que traz no bojo, se convertam em realidade. Quando, pois, o instinto de conservação, imperioso no indivíduo como nos conglomerados humanos, formula por tantos rugidos surdos as suas exigências, perder-se-iam no vácuo as vozes que falam de espiritualidade.

E, todavia, são esses mesmos pródromos da grande crise final que se avizinha, agravados pelas calamidades que lhes farão cortejo — convulsões da natureza física, peste, fome, possivelmente a “guerra química” em diabólico preparativo — que hão de compeler o mundo à cogitação do magno problema.

Queiram, com efeito, ou não queiram os materialistas de todas as matizes, “nem só de pão vive o homem”, segundo a palavra da Escritura. Vive, e deva sobretudo viver, “de toda palavra divina”. Porque essa palavra tem sido sonogada ao povo, em sua clara e verídica expressão, e feito objeto de exploração das castas sacerdotais em todo o mundo, é que a humanidade se vê, de todos os lados, premida de males que os

seus responsáveis visíveis se tornaram incapazes de remediar.

Crises políticas, crise econômica e financeira, crise religiosa — porque ela aí está também visível no desprestígio e impotência das religiões para restabelecer a confiança, a paz e a harmonia entre os homens — são modalidades várias de uma crise única, isto é, crise espiritual, que se traduz pela depressão do intelectualmente superiores, e em todas as camadas sociais pela dissolução de costumes, a hipertrofia do egoísmo e o culto excessivo da matéria. Quando essa crise atingir o apogeu, a que rapidamente se encaminha, e as calamidades de toda ordem lançarem a humanidade na anarquia e desespero, será forçoso procurar a salvação.

De onde virá ela? Da ciência? — Mas a ciência humana, fragmentária, materialista e orgulhosa, cuja falência, de resto, já foi, há meio século, proclamada por Brunetière, será capaz de realizar esse prodígio? — Poderá vir de uma nova religião a salvação para a humanidade?

Numa época menos angustiosa que a nossa, pelo menos em seus caracteres universais, um clarividente sacerdote cristão — e dizemos propositadamente cristão e não católico — o abade Lamennais, golpeado de decepções pelo partido político do Vaticano, formulou no livro *AFFAIRES DE ROME*, em que teve necessidade de lançar a público a odisséia do seu ministério na França, historiando com vivacidade e intrepidez, não destituídas contudo de humildade, da qual jamais se apartou, o malogro de seus esforços no sentido de reconciliar a igreja, com o espírito do Cristianismo, formulou — dizemos — uma admirável profecia com que nos apraz encerrar esta primeira parte do nosso trabalho.

Precedeu-a de uma síntese expressiva da situação geral dos espíritos e das aspirações e necessidades do seu tempo, nestes termos, que convém reproduzir para mais clara e coordenada compreensão do vaticínio que pôs, como remate, no seu livro:

"Observai — disse ele — o estado dos espíritos: após uma época de dúvida, efeito inevitável de causas d'ora em diante suficientemente conhecidas, sentiram-se eles mal no vácuo produzido. Ao homem é necessária alguma coisa mais que a mera ciência circunscrita em limites que tão rapidamente são alcançados. Uma eterna aspiração rumo do infinito, isto é, da causa perpetuamente incompreensível de tudo o que existe, constitui o instinto religioso nele imperecível. Despertado, em nossos dias, no recesso das almas, onde se havia como, transitoriamente, adormecido, esse instinto as inquieta e atormenta, fazendo-as experimentar, no que de mais elevado e íntimo possuem, uma dessas dores inexprimíveis que empolgam as criaturas, ao ser violada uma das leis primordiais de sua natureza. Daí essas tentativas tão veementes quão frustrantes, esses esforços inauditos empenhados em criar uma religião, como se tal coisa se criasse, como se a religião não fosse, de par e simultaneamente, a lei invariável e a palpante energia que une entre si os

seres criados, unindo-os ao seu autor. Falhou e devia falhar a tentativa, porque o Cristianismo, quaisquer que sejam as aparências contrárias, não tem cessado de dominar os povos, nem dele se podem, estes separar mais do que poderiam separar-se de si mesmos, pois que ele, e somente ele, encerra o que lhes há de satisfazer os desejos que os agitam, possuem em si o princípio real de seu desenvolvimento futuro, tanto como o de seu desenvolvimento passado. Em sua essência, expressão perfeita das leis da humanidade, não será jamais esgotado pela humanidade. O mundo, que o parece desconhecer atualmente, a ele tornará, porque é ele que impulsiona o mundo: *Mens agitat molem...*"

"Mas, se os homens — continua — premidos pela imperiosa necessidade de reconciliar-se, por assim dizer, com Deus, de preencher o vácuo imenso neles produzido pela ausência da religião, se tornarem novamente cristãos, não se supunha que o Cristianismo, a que se hão de apegar, possa jamais ser o que lhes é apresentado sob o nome de catolicismo. Já o explicamos porque, mostrando em um futuro inevitável e próximo o Cristianismo concebido e o Evangelho interpretado de um modo pelos povos e do outro pelo entendimento de Roma; de um lado o pontificado e do outro a raça humana; está dito tudo. Não será, menos ainda, coisa alguma que se assemelhe ao protestantismo, sistema espúrio, inconsequente, estreito, que, sob uma falaciosa aparência de liberdade, se resolve, para as nações, no brutal despotismo da força e, no que respeita aos indivíduos, no egoísmo."

E aqui vem, positivo, clarividente, o vaticínio:

"Ninguém poderá prever como se há de operar essa transformação ou, se o preferirem assim denominar, esse movimento novo do Cristianismo no seio da humanidade; mas há de, sem a mínima dúvida, operar-se, e grandes massas de homens serão atraídas para a sua órbita, não por um repentino impulso, o que significaria não mais que uma transitória perturbação. Há de ser, ao começo, como um ponto apenas perceptível, uma diminuta agregação, de que se hão de rir talvez. Pouco a pouco esse ponto crescerá, essa agregação se há de ampliar, para ela hão de os homens afluir de toda parte, porque será um refúgio para quem padece na alma e no corpo. E a humilde planta se converterá numa árvore cujos ramos cobrirão a terra, e sob sua fronde virão abrigar-se os pássaros do céu. É o que não vacilamos em anunciar com profunda convicção. Os que se ufanam de conduzir o gênero humano por caminhos que o extraviam de seu objetivo, perigosamente se equivocam. Mas é necessário que aconteça e que cada qual vá para onde quer ir. Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade!"

Essa resoluta profecia, feita "com profunda convicção" e rematada, como se vê, com o mesmo hino de glorificação entoado pela "multidão da milícia celestial" que aos humildes pastores, nas montanhas da Judeia, viera anunciar o nascimento do

Salvador do mundo — cumpre assinalar — foi estampada na edição 1836-1837 do mencionado livro *AFFAIRES DE ROME* (páginas 301 a 308), formulada, portanto, muito anos antes de esboçar-se o movimento de renovação espiritualista contemporâneo, cujas primeiras, indecisas manifestações, mais tarde contudo acentuadas no sentido de restabelecer, em espírito e verdade, o Evangelho, não vieram a público senão depois da segunda metade do século passado. Nas páginas subsequentes às considerações que nos parece oportuno, como esclarecedor intermédio, aduzir em seguida, ver-se-á com que surpreendente exatidão essa profecia se realizou, pelo menos em sua primeira parte.

Mas o que não pôde o abade Lamennais prever — e é essa a tarefa que nos temos, penosa e voluntariamente, imposto — foram as obstinadas investidas que mais uma vez lançaria o Anticristo contra a humilde planta renascida, para impedir-lhe o crescimento e sufocar-lhe a expansão.

Por quanto tempo? — Ao Senhor pertence abreviá-lo, a nós, homens, cooperar com Ele, orando, vigiando e agindo, a fim de que a segunda parte da profecia e sua radiosa culminância tenham também completa realização.

Antes que este século haja terminado.

INTERMÉDIO

INTERMÉDIO

Considerações sobre o Anticristo

É tempo de explicar, não de certo com a amplitude que o tema, a nosso ver, comporta, mas que permite a escassez de nossos conhecimentos, o que entendemos por esta expressão: o Anticristo. Empregada, como o temos feito, no sentido de uma entidade pessoal, agindo em oposição, deliberada e sistematicamente, ao plano evolutivo traçado por Deus à humanidade, sob a suprema direção do Cristo, a sua significação poderá ser ampliada, uma vez tomadas em consideração a variedade, a constância, a pertinácia, a universalidade mesmo, por assim dizer, da influência que sobre as ações humanas vem, através os séculos, exercendo como força inteligente e volitiva.

A existência e o determinismo dessa força, em que não nos fazemos ilusões — raríssimos porventura acreditarão, mesmo entre os familiares dos modernos estudos espiritualistas, poderão ser, entretanto, demonstrados, primeiro mediante aplicação do método analógico à apreciação dos fatos, em sua similitude, ocorrentes na dupla esfera da natureza física e da vida espiritual; segundo, pela identificação e generalização dos efeitos, evidentemente produzidos, para quem se disponha a atentamente observá-los, no desenvolvimento dos sucessos gerais e nas manifestações particulares da existência humana; e terceiro pelo próprio testemunho do nosso Divino Salvador, quando aludia reiteradamente ao “príncipe deste mundo” e ao “poder das trevas”, nos transe angustiosos que, precederam a sua imolação.

Poderíamos invocar, por ultimo, os depoimentos de escritores que se têm ocupado com o assunto, se esta fosse, a tal propósito, uma obra de compilação e, sobretudo e antes de tudo, se houvéssemos lido um sequer dos seus trabalhos, de que, porém, não temos outro conhecimento além de referências e menções em notícias bibliográficas. O presente estudo é assim uma contribuição exclusivamente pessoal, fundada na observação e análise dos fatos à luz dos conhecimentos adquiridos na doutrina espírita, que temos a felicidade de professar, há quarenta

anos.

Para. Levá-la a feliz termo, confiamos na proteção e assistência inspiradora dos nossos maiores do plano espiritual, a que devemos — e grato nos é render-lhes testemunho — o ter conseguido trazê-la até aqui, vencendo ou, mais propriamente, contornando os variados e formidáveis obstáculos, como é natural, opostos a sua prossecução por essas mesmas forças adversas e, na aparência, quase onipotentes, cuja existência com esse caráter estivemos, por nossa parte, longe de suspeitar durante, seguramente, os primeiros vinte anos de nossa iniciação espírita.

Isto posto, comecemos a demonstração.

Se o estudo do universo, consoante os dados que nos são fornecidos pela química, a física e a astronomia, mercê principalmente, quanto a essa última, da admirável que é a análise espectral, nos revela a unidade da substância de que é constituído, o conhecimento das relações entre os seus componentes patenteia a unidade da lei a que estão subordinados, em meio da imensa variedade de seus respectivos movimentos. Entre estes baste-nos, para os fins de nossa demonstração, considerar inicialmente a atração e a repulsão. Limitemos, por outro lado, a análise ao sistema planetário de que faz parte a nossa Terra, excessivo que seria, para tão modesto objetivo, dada a exiguidade dos elementos de que dispomos, considerar as relações não, certamente, do universo total, que ao homem permanecerá sempre incognoscível, mas da sua mesma fração! — representada ao que se considera o universo visível, isto é, os cem milhões de estrelas, ou de sóis, em que é calculada, cada um constituído centro de um sistema planetário semelhante ao nosso. Se não é demasiado arrojado, nesses termos, a generalização.

Recordemos, pois, que é em virtude da atração exercida pelo Sol sobre os oito planetas que lhe formam o cortejo³², que estes se lhe conservam obedientes, girando em suas órbitas inflexíveis; mas acrescentemos logo que, se fosse essa atrativa, a única força dominante, sem contraste, o resultado seria precipitarem-se todos os corpos de sistemas no fulgurante centro que os arrasta, ruma da constelação de Hércules. O equilíbrio só se mantém, moderando o centripetismo que os impele, graças ao poder centrífugo de que é dotado cada um. Da convergência, portanto, dessas duas forças, centrípeta e centrífuga., admiravelmente proporcionadas às massas, distâncias, volume, densidade, etc., pelo supremo Autor de todas as maravilhas que nos deslumbram, na contemplação do Cosmos, é que, resultam a ordem e a impecável harmonia nos movimentos dos corpos siderais.

Impulso e resistência, dinâmica e estática, atração e repulsão não são, de resto, mais que expressões da lei de ritmo, ou de alternância, que rege os fenômenos da natureza física e tem o seu equivalente na ordem moral. Na ordem moral, sim. Que são, com efeito, a dor e o prazer, a tristeza e a alegria, o amor e o ódio senão

³² Recentemente foi descoberto mais um: Vulcano.

contrastes necessários e educativos do Ser, no processo de sua evolução indefinita?

Assim também na ordem espiritual. Antes, porém, de prosseguirmos, enunciando o seu paralelismo e uma vez que aludimos à unidade da lei que preside aos fenômenos da natureza física, recordemos que os átomos, em suas vibrações, de rapidez vertiginosa, descrevem os mesmos movimentos de rotação e translação que os planetas em torno do seu centro.

Na ordem espiritual — reatemos o fio — há um Poder supremo, eterno e imutável, de Quem procede a vida, incessante manifestação dinâmica do Amor, que é, e sentimos que não pode deixar de ser, o seu atributo por excelência. Ora, quem diz amor, diz atração. Todos os seres criados, do mais rudimentar ao mais perfeito, são atraídos por uma força misteriosa e irresistível, tanto melhor percebida quão mais adiantados se encontrem na escala evolutiva, para o Divino Foco, infinito, universal e insondável, de que procedem, "cujo centro está em toda parte e cuja periferia em parte alguma", e que lhes traçou como destino gravitarem para Ele eternamente, crescendo em inteligência e sentimento, sem jamais se confundirem com o Absoluto, que Ele é, sempre a Ele aspirando, sempre d'Ele se aproximando, sem nunca, todavia, o atingirem. Por que ao relativo e contingente há de sempre caber em partilha a consciência de sua relatividade e contingência, a sua distinção, em suma, e subordinação relativamente ao Absoluto. O Cristo, que em sua intemerata pureza já havia alcançado a máxima perfeição que o autorizava a proclamar "Eu e o Pai somos Um", acrescentava, não obstante, "O Pai é maior do que eu".

Pois bem. De eu modo se opera essa atração das criaturas para o Criador? Obedecendo única, passiva e exclusivamente à força espiritual centrípeta que as arrasta para Ele? Se assim fosse, do mesmo modo que os corpos de um sistema planetário, com todos os seus elementos constitutivos, se obedientes a um único idêntico impulso, precipitar-se-iam no astro central, amalgamados e fundidos, sem diferenciação, os seres criados voltariam ao estado primitivo, nitidamente passivo e difuso na Divina Mente, antes de terem adquirido a consciência de sua individualidade própria. Quis, porém, Aquele que os criou³³, para participarem um dia de sua Glória e inefáveis atributos, e para apreciarem devidamente a magnitude dessa felicidade suprema, que a centelha de inteligência e vida, gérmen espiritual, futuro Espírito, desde a sua passagem do não-ser à consciência possuísse em estado potencial o sentimento de sua individualidade, que o contato com a substância e suas reações se encarregariam de ir progressivamente elaborando e desenvolvendo, através as idades, passando das formas rudimentares às mais aperfeiçoadas e complexas, sob o império da lei de evolução, até a plenitude aquisitiva de sua consciência própria.

O tema é demasiado vasto, para ser incidentemente exposto num trabalho de

³³ Veja-se o que em nossa obra *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO* dissemos acerca da criação dos Espíritos, no vol. 1º, capítulo IX, "Gênese espiritual e planetária", etc., e quanto ao seu destino e capítulo X e seguintes.

finalidade especial como o presente. A ele, todavia, voltaremos em rápida síntese, adiante, quando houvermos de aludir ao papel do homem na criação universal. Remetemos por isso o leitor, que mais detidamente o deseje conhecer, à obra que em nota abaixo mencionamos, na qual o desenvolvimento com a, por nossa parte, possível amplitude.

Mesmo, porém, sem ir tão longe na apreciação analítica do fato, desde as origens da evolução do ser, e tomando só em consideração, para o fim demonstrativo de nosso postulado, a humana criatura, não é verdade que as rebeldias, o endurecimento moral, a tendência pronunciada para a materialidade e o egoísmo, sobretudo, constituem manifestações opostas à atração divina, testemunho da força contrária, ou centrífuga, que a desvia interiormente para longe do Centro que a gerou?

Há, com efeito, no homem uma propensão inata para o egocentrismo, isto é para fazer do seu próprio ego o centro de convergência de todos os seus esforços e aspirações, na obtenção dos bens e utilidades que oferece a vida, em detrimento dos demais, tendência que só vem a modificar-se e desaparecer quando, atingido um estado superior de evolução, entra ele a desenvolver a aptidão altruística e divina de que é também dotado, mas dormita nas profundezas do seu próprio ser, à espera desse momento decisivo para desabrochar e expandir-se, com o caráter de um verdadeiro renascimento espiritual. Daí por diante, sobretudo se para essa magnífica transfiguração interior, que o trabalho dos séculos veio preparando, ele se tornou um Iniciado, haurindo na fonte puríssima do Evangelho a palavra de vida eterna e de renovação, estará o homem apto a atingir rapidamente a culminância evolutiva que se caracteriza na Renúncia, e poderá então dizer com Paulo, o iluminador: “Já não sou eu o que vive, mas o Cristo é quem vive em mim”. Obtido esse triunfo, cessaram nele os conflitos entre o duplo arrastamento a que vinha alternativamente obedecendo em sua tantas vezes milenária evolução: para baixo, isto é, para a afirmação egoística de sua individualidade pessoal, e para cima, quer dizer, para o Absoluto e Eterno, em cujo sentido passará, incessantemente, a gravitar, sem relutâncias nem desvios.

Porque no homem — insistamos — redução e imagem microscópica do universo, residem simultaneamente as duas forças, ou princípios, em conflito ao começo latente e, mais tarde, consciente e acentuado e que só vem a cessar, mudando de natureza, quando atingida aquela culminância: o princípio de separatividade, que foi o impulso inicial de sua projeção no turbilhão da vida, e o princípio de união ou de integração no Absoluto, sem perda contudo da individualidade consciente — e nisso consiste sempre, senão propriamente um antagonismo, pelo menos uma distinção, necessária ao equilíbrio e polarização de forças na economia divina — como ficou há pouco assinalado no exemplo e testemunho do nosso Divino Salvador.

Mas o homem não é um ser autônomo e isolado no concerto das forças espirituais que atuam no universo: padece, ao contrário, as mais variadas influências,

oriundas dessas mesmas forças, com as quais instintivamente colabora para os fins de equilíbrio e harmonia a que se acha subordinado o mecanismo geral da criação. Por outro lado, o Criador, cuja essência e natureza não pode o homem da Terra penetrar, mas de Quem podemos, na indigência de nossa mesquinha linguagem e na falta de mais adequada expressão, afirmar, ainda com o iluminado Paulo, que é Espírito — Espírito de absoluta pureza, de sabedoria perfeita, de poder infinito e de infinito amor — não opera diretamente sobre a criação, em seus vastíssimos graus de subalternidade. Ação direta — seja-nos tolerada a liberdade da concepção — exercerá sobre os Espíritos puros, isto é, que atingiram o nível de pureza e perfeição que os torna, como o Cristo, imediatamente receptivos às manifestações do Pensamento, da Vontade e do Amor divinos. São esses os veículos por que se comunica, em escala descendente, com os demais seres, agindo simultaneamente, mediante suas leis, sobre toda a criação.

Se é necessária um *símile* para tornar mais claro o nosso pensamento, tornando, ao mesmo tempo, admissível o nosso modo de entender a ação de Deus em relação a sua Obra, acrescentemos que ao homem, por Ele criado "a sua imagem e semelhança", existindo elementos análogos aos de que é constituído o Universo³⁴, o Espírito, que o anima, não opera diretamente sobre os órgãos nem toma parte em suas funções inferiores; age por intermédio dos corpos sutis que o integram na personalidade humana: perispírito e corpo astral, que são o veículo e o instrumento de propagação de suas manifestações. O Cristo e, de um modo geral, os Cristos de todos os mundos, que dirigem a obra de evolução e de progresso que neles perpetuamente se efetua, são, pois, os transmissores imediatos, conscientes e ativos, das volições divinas. Operam preferencial e espiritualmente sobre as humanidades que os habitam, assim no estado de encarnação como no de erraticidade, ao mesmo tempo que sobre os variadíssimos fenômenos da vida e seu desenvolvimento, de que esses mundos são teatro — que dizemos? Não somente eles, mas todo o infinito espaço — incide, imamente, inflexível e eterna, a ação das leis divinas.

Ocioso será acrescentar — pois que está implicitamente compreendido nesta breve exposição — que entre os Espíritos da suprema categoria, que indicamos, e as mais baixas regiões da Criação se desdobra uma escala, por assim dizer, interminável de entidades da mesma natureza, igualmente ativas, cada uma, ou melhor, cada grupo realizando e desenvolvendo as aptidões vitais que em si contém, todos contribuindo, qualquer que seja a orientação a que obedeçam, para o equilíbrio e harmonia do conjunto. Acrescentemos, sim — e acabamos de incidentemente o indicar — que a ação desses Espíritos, das mais variadas categorias, encarnados e desencarnados, não se efetua em sentido uniforme e ascensional, senão que, segundo as próprias tendências individuais e coletivas e, particularmente quanto aos encarnados, em

³⁴ Veja-se ainda, em maior desenvolvimento dessa ideia, *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 1º, cap. XI, "Existência e imanência de Deus no Universo", etc.

virtude da pressão sobre eles exercida pelas insuspeitadas forças do Invisível, obedece as mais diversas diretrizes particulares, podendo estas contudo, em sua modalidade geral e para simplificação, ser classificadas nas duas grandes linhas: a do Bem e a do Mal, tais como os entendemos. Os Espíritos que se elevaram na escala evolutiva tendem, naturalmente, a obedecer à direção do Cristo, personificação viva do primeiro, n'Ele plenamente realizado. E os outros?

*

* *

Antes de prosseguir, cumpre acentuarmos que o trabalho, a grande missão do Cristo³⁵ relativamente à humanidade consiste em atrair para Deus, até consumá-los na Unidade, os que d'Ele se têm vindo progressivamente afastando, absorvidos na preocupação da separatividade e do egoísmo. Para isso, como colaborador do Pai na execução da sua lei de amor, não cessa um momento de atuar, com o concurso dos Espíritos ou anjos tutelares, prepostos sob sua direção à obra de redenção humana, sobre o princípio divino de União que — já o assinalamos — todo homem traz em si e constitui o ponto de contato com o Criador. Adormecido, como igualmente ficou dito, até um certo grau evolutivo, chega sempre um momento, para todo aquele que suficientemente amadureceu nas vicissitudes, experiências, trabalhos e revezes das existências planetárias, durante as quais fora joguete inconsciente das forças adversas, em que esse princípio, ou aptidão divina, desabrocha, e o homem se encontra apto a responder aos estímulos vivificantes das sugestões do Cristo, projetadas em sua consciência.

Agostinho, Francisco de Assis, como alguns outros, surpreendidos em sua existência de dissipações mundanas pela voz divina que os fez mudar de rumo e abandonar-se, daí por diante, às culminâncias da satisfação, representam característicos exemplos dessa verdadeira ressurreição espiritual. O caso mais notável, porém, pelas imponentes circunstâncias de que se revestiu, foi individualmente o do apóstolo Paulo, a que já tivemos, num dos primeiros capítulos, ocasião de aludir. Espírito consideravelmente evoluído que, ao baixar a Terra, trazia individualmente o compromisso do exercer na época do Cristianismo em seus primórdios a missão de relevo incomparável, que de fato veio a desempenhar, aparece, entretanto, na história evangélica dos primeiros anos, quando ainda se chamava Saulo, como um homem de paixões exaltadas, fanático e intolerante, perseguidor dos cristãos, cujo extermínio não somente aplaudia, mas estimulava. Tanto que, porém, na estrada de Damasco, fulminado pelo clarão que o lançou por terra, ouve a exortação repreensiva: "Saulo! Saulo! Por que me persegues?" logo o

³⁵ Leia-se a tocante parábola da "Ovelha transviada" (Mateus, 17: 12 a 14).

princípio divino, que nele fora abafado pelo tumulto dos arrebatamentos sectários, desperta nos alvoroços do reconhecimento daquela voz celeste. Aturdido, contudo, ainda interroga: "Quem és tu, Senhor?" para ser imediatamente confirmado na designação interrogativa: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues". E a sua conversão, instantânea, o transfigura no mais denodado campeão da Boa Nova, e o leva daí por diante a propagá-la com fidelidade e entusiasmo, que não esmorecem, não recuam nem diante dos embaraços, nem das agressões, visíveis e invisíveis, senão que mais se exalta com elas a sua confiança, a tal ponto identificado com as asperezas e vicissitudes do seu ministério que "só se gloriava nas enfermidades e na cruz do seu Divino Salvador".

Casos, entretanto, como esse de Paulo e de outros convertidos, que até ao fim se mantiveram perseverantes na fidelidade ao mandato recebido, são raríssimos. Constituem excepcional e magnífica floração de Espíritos que atingiram o nível superior de evolução na Terra, após sucessivas e proveitosas existências, ao passo que a imensa maioria, a quase totalidade dos habitantes do planeta, em suas alternadas migrações, é comparável à rumorosa floresta improdutiva, cada uma de suas numerosas passagens por esta esfera expiatória representa as folhas efêmeras que surgem, desaparecem e são substituídas, sem quase deixar vestígios de aproveitamento.

Na humanidade, com efeito, o número de Espíritos amadurecidos para a produção dos frutos de Bem e de Verdade representa proporção mínima em relação aos que, vizinhos ainda, por assim dizer, da esfera de animalidade, são aptos a ceder de preferência aos arrastamentos das paixões inferiores. E às tentações. De quem?

Acabamos de ver que, sendo o Cristo não somente a personalidade histórica e divina que, sob o nome de Jesus, surgiu na Palestina há quase dois mil anos, para empreender ostensivamente a obra de educação e redenção da humanidade, mas um princípio igualmente divino que, em estado potencial, reside na consciência profunda, ou espiritual, de toda criatura, é sobre esse princípio que Ele, o Senhor Jesus, atua incessantemente, em geral com o concurso de Espíritos intermediários, seus auxiliares na mesma obra educativa e redentora, algumas vezes, porém, segundo as suas condições de receptividade e grau evolutivo, diretamente sobre os encarnados, para fazer desabrochar esse princípio e converter os seus portadores em Discípulos. Que nome se deverá dar ao princípio oposto — princípio de separatividade e de egoísmo — que forma o substrato da natureza inferior do homem e constitui, na quase totalidade da espécie humana, o motivo preponderante de seus atos e impulsos? — Se aos próprios termos da linguagem tem aplicação a lógica, esse princípio deverá chamar-se o Anticristo. Somos todos assim, enquanto consentimos em nós o predomínio do egoísmo com todos os seus derivados — ambição, vaidade, orgulho — e pelejamos denodadamente pela obtenção e acréscimo dos bens, posições e vantagens pessoais, com sacrifício dos outros e violação da lei de

solidariedade, personificações vivas e militantes do Anticristo, cujo império universal na Terra asseguramos.

Uma outra indagação se impõe. Sendo o Cristo, histórico e divino, a culminante realização do princípio que o designa e significa "ungido" — unguido por Deus, por ele investido nessa dignidade — como tal exercendo a missão suprema de diretor espiritual da Terra e sua humanidade, haverá uma Entidade extraterrestre, em quem o princípio oposto se tenha desenvolvido ao ponto de permitir-lhe chefiar as falanges de Espíritos malfazejos e rebeldes, batalhando infatigavelmente por destruir ou, quando menos, retardar a obra do Redentor, nosso e seu — que o há de ser também um dia?

Se atentamente observarmos, em sua natureza e resultado, as ações humanas e a marcha dos sucessos gerais através os séculos, como o fizemos acerca do Cristianismo em suas sistemáticas deturpações e vicissitudes históricas e como o prosseguiremos fazendo, quer em relação a sua nova fase, iniciada há mais de meio século, quer em relação a outras modalidades do viver social contemporâneo, forçosa será concluir afirmativamente.

O que dessa observação resulta, com efeito, é que há um plano, uma determinação profissional, volitiva e coordenadora de sucessos particulares e germens tendendo a disputar ao Cristo a direção e orientação para Deus de suas criaturas, nelas estimulando e fortalecido o princípio da separatividade e do egoísmo, em que reside o ponto de contato com o Tentador, ao mesmo tempo em que de receptividade às suas funestas sugestões.

A concepção — reconhecemos — não é nova. Nem, por nossa parte, nos detemos em preocupações de originalidade. Essa dualidade de princípios, o do Bem e o do Mal, atuando sobre a humanidade, faz parte integrante de todas as teorias. Sustentada e defendida pela Igreja, adotada pelos maniqueus, do mesmo modo que pelos albigenses, atingiu na Idade Média o apogeu de sua interpretação terrorista e reacionária, determinando as ferozes perseguições, a que já nos referimos em anterior capítulo, da parte dos que, pretendendo-se depositários de autoridade absoluta e divina, mas cedendo eles próprios às aspirações do princípio contrário, arrogavam-se o direito, consoante a mentalidade então predominante, de vencer pelo extermínio os insubmissos ao seu dogmatismo identicamente sectário.

Verdadeira, no fundo, essa concepção de uma dupla corrente de forças operantes na esfera espiritual e convergentes sobre a humanidade, à semelhança do que ocorre no universo físico, não deve ser afastada *a priori* das cogitações do pensador, porque tenha prevalecido em épocas de maior ignorância, nem por ter motivado a perpetuação de violências inspiradas no fanatismo, tanto mais que pode em seu favor invocar o testemunho de numerosos fatos. O que cumpre é despojá-la da significação terrorista e — acrescentemos — blasfematória que lhe foi atribuída, no que se refere à figura do Tentador, denominado Satanás e entendido como um ser

eternamente votado ao Mal e excluído para sempre da redenção e da graça, resultantes do arrependimento e obtidas com a mediação vigilante, infatigável e, por fim, triunfante do Senhor Jesus. Criado por Deus, como todos os seres, para a consumação de um destino de perfectibilidade indefinida e de felicidade, que ele a todos reservou, não pode haver um Ente perpetuamente excluído, por vontade própria, dessa finalidade suprema, determinada, em seus imprescritíveis desígnios pelo Onipotente. Ou não seria Ele — e nisso reside o cunho blasfematório de semelhante hipótese — o Amor perfeito e infinito, de que a própria justiça é expressão.

Não nos deteremos em perscrutar, em seus múltiplos aspectos, até que ponto será verdadeira ou suscetível de interpretação filosófica a concepção lendária da queda dos anjos, revoltados sob a direção de Lúcifer, do mesmo modo que para os fins do presente estudo, calcado em fatos de observação, não nos parece necessário, em relação ao Senhor Jesus, remontar, pormenorizadamente, com a unção venerativa — ocioso é acrescentar — que lhe é devida, a sua origem espiritual. Quando muito ousaremos aventar, considerando o amor igualitário, sem distinções nem preferências, de Deus por todos os seus filhos, que terá sido criado ignorante e simples, como todos, possuindo em estado potencial as mesmas aptidões, por Ele desenvolvidas, no curso de idades insondáveis pela inteligência humana, até ao grau supremo de, ao ser formada a Terra e constituir com os outros planetas, segundo a hipótese cosmogônica de Laplace³⁶, o sistema centralizado pelo Sol, ser investido na excelsa missão de presidir a sua gênese e dirigir a evolução da humanidade. Não o disse Ele, na iminência da consumação do drama do Calvário? — "Pai, glorifica-me agora em Ti mesmo com aquela glória, que eu tive em Ti, antes que houvesse mundo". (João, 17: 5). Já então era o Verbo de Deus, expressão do seu pensamento, pelo qual "todas as coisas foram feitas, e nada do que foi feito, foi feito sem Ele". E até agora e por todos os séculos vindouros tem sido e continuará sendo o Mestre e Salvador dos homens, o Pastor vigilante do rebanho, a caminho do redil divino, nenhuma de cujas ovelhas ficará perdida.

Desde quando se vem opondo a essa obra e criando-lhe obstáculos o Anticristo? — No domínio da hipótese — único, em tal assunto, acessível — enquanto a gênese remotíssima, a revolução e missão do Cristo relativamente à humanidade se nos afiguram satisfatoriamente definidas no brevíssimo resumo que precede, tudo quanto, a nosso ver, se pode acerca do Tentador aventura é que: não criado por Deus para tal fim, nem decaído da condição de Anjo — consoante o princípio de que, na escala evolutiva que todos são induzidos a percorrer, do zero ao infinito, o Espírito pode permanecer estacionário, mas não retrogradar à condição de bruto nem de réprobo — terá sido ele um Espírito que, alcançando considerável grau de progresso

³⁶ Veja-se, para maiores desenvolvimentos em *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 1º, cap. IX, "Gênese espiritual e planetária".

intelectual, não, porém, de aperfeiçoamento moral, transviado, em tais condições, pelos desvarios do saber, quando não temperado de humildade, veio, em consequência, a ganhar irresistível ascendente sobre outros Espíritos penetrados do mesmo orgulho e, como ele, ansiosos de dominação e poderia, constituindo-se chefe de tais insubmissos às inspirações do Cristo e entrando a combater a obra do Senhor.

Desde a origem dos tempos? — Mesmo restringida essa locução e limitada, como forçosamente o impõe a nossa incapacidade de penetrar mais longe, ao período inicial da cosmogenia terrestre, não nos parece admissível. Considerando que as três primeiras grandes épocas geológicas decorreram na gradual preparação do *habitat* para o homem, cujo aparecimento as pesquisas paleontológicas assinalam ter ocorrido no período quaternário, é de supor-se que não desde logo porventura, mas posteriormente, quando a humanidade, emergida da infância e já a caminho da adolescência, empreendia a jornada consciente do progresso, é que começou e se foi gradualmente acentuando a peleja entre as duas correntes espirituais sobre ela convergentes: uma *ab initio* carinhosa e pacificamente chefiada pelo Cristo, desenvolvendo nos homens os primórdios da submissão e obediência às leis providenciais do Criador; começando a outra a operar sob a direção do Tentador, em sentido contrário, quando se achavam já os homens em situação de agir com discernimento próprio na opção de seu determinismo evolutivo.

Não é assim, de resto, que vemos na família e no curso de uma jornada planetária desenvolver-se a existência humana? — Da primeira infância aos albores da adolescência, privado de iniciativa própria, é o homem assistido, amparado e conduzido pelos desvelos materiais, que nele suprem a inexperiência e incapacidade de por si mesmo dirigir-se. É somente quando as faculdades se lhe desenvolveram e, favorecido pela educação e preparo intelectual, penetra ele na vida que, entregando-se a si próprio, sem contudo o privar das advertências e conselhos, sempre necessários e oportunos, os pais o deixam afrontar sozinho as vicissitudes, tentações e perigos do meio exterior. Procederia doutro modo o Pai Celeste em relação aos Espíritos em seu amor gerados, ao empreenderem a jornada evolutiva neste mundo?

*

* *

É evidente, pois, que, na vastidão dos tempos, houve uma época, sem dúvida posterior ao que deve considerar-se a infância da humanidade, em que para esta começou, com o despontar do seu discernimento, a perturbadora interferência das sugestões do Tentador, visando subtraí-la às inspirações do Cristo e, por essa forma, dilatar progressivamente o seu império, até ao ponto de o tornar universal.

Mas nem esse plano, sistematicamente executado através os séculos, constitui uma anulação, parcial que fosse, dos desígnios de Deus acerca do destino humano,

senão que contribui para maior relevo da vitória final do Cristo sobre os seus guiados, nem ao Tentador será permitido consumá-lo definitiva e, menos ainda, eternamente. Por que o mal é, por natureza, transitório e vem sempre a redundar em proveito dos que lhe sofrem, como vítima, os efeitos, ou colhem as dolorosas experiências da sua prática, só o Bem sendo eterno e vindo a ser eternamente triunfante. E por que também, se ao Anticristo há sido tolerado exercer sobre a humanidade tão longo predomínio, valendo-se do ascendente que lhe tem ela consentido, mercê de suas egoísticas predisposições e, em muitos casos, da indiferença espiritual, associada à ignorância dos perigos dessa natureza a que tem vivido exposta, virá um tempo em que, suficientemente lecionada pelos sofrimentos e amadurecida para um grau superior de evolução, em cujo positivo conhecimento será metodicamente iniciada, se há de resolver a sacudir o jogo do inimigo, não sendo então de admirar que se operem conversões em massa ao Evangelho do Senhor Jesus. Que há de fazer em tal caso o Tentador, vendo consideravelmente reduzido, em vésperas de extinguir-se, o seu império e sendo forçado a reconhecer a supremacia triunfal do Bem, senão desiludir-se de seu transitório poderio e, amargamente arrependido, recolher-se por sua vez ao aprisco divino, como a última das ovelhas tresmalhadas?

Que essa, nos sapientíssimo desígnios de Deus acerca de todos os seus filhos, sem exclusão de um só, é a destinação final do grande revoltado, não pode sofrer dúvida. Marcará essa conversão o termo do ciclo milenário, que vem a Terra percorrendo, e sua ascensão, na hierarquia planetária, à categoria de estância de felicidade, privativo habitáculo de Espíritos pacíficos. E será então consumada a promessa do Senhor Jesus, no tocante Sermão do Monte: "Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a Terra".

A época, entretanto, em que se há de operar essa radiosa e radical transformação, dadas a extrema lentidão com que, de um lado, se efetua no homem o progresso moral e, com ele, o despertar da consciência divina, do outro, as obstinadas resistências que consegue opor-lhe o Anticristo, ainda parece vir distante. Como quer que seja — e ao Senhor pertence, contrariamente a todos os humanos vaticínios, abreviar a marcha dos sucessos — o advento dessa época, próximo ou remoto, é inevitável. Os sinais do tempo, em que vivemos, indicam pelo menos um formidável recrudescimento da peleja, eu só pode ser interpretado, senão como a proximidade fatal do desenlace, certamente como um avantajado passo nesse rumo, tal como sucedeu na aurora do Cristianismo.

Por agora, e até que para a humanidade possa generalizar-se o percurso ascensional no novo ciclo evolutivo, o espetáculo que este mundo oferece aos olhos do pensador, mais propriamente, do iniciado é o seguinte: — de um lado o Cristo e, com Ele, as legiões benditas de Espíritos tutelares, seus prepostos, multiplicam esforços por despertar nos homens a consciência de seus deveres espirituais, as

aspirações de vida superior e imortal, numa palavra, o princípio altruístico e divino, ou seja o Cristo potencial, que neles jaz amortalhado e submerso nas ilusões terrestres; do outro, o Anticristo, pressentindo o ocaso, que sevem avizinhandos, para o seu funesto predomínio, desenvolve, a seu turno com o concurso das inúmeras falanges dos insubmissos como ele às injunções do Amor, intensiva e multiplica atividade, por interceptar a ação libertadora dos mensageiros do Senhor Jesus, valendo-se para isso da extrema receptividade que às suas escravizadoras sugestões oferecem as predisposições egoísticas dos homens, agravadas pelas próprias peculiaridades da existência neste mundo.

A peleja que desse modo se trava entre as duas correntes espirituais, convergentes sobre a humanidade — cumpre ainda uma vez advertir — não é um fenômeno intermitente ou isolado, senão que, operando com a mesma inflexibilidade e constância das outras forças naturais no mundo físico, jamais se interrompe, de tal sorte que o homem, microscópico ele de uma interminável cadeia de seres em perpetuo movimento vital, não dá um passo, não pratica um ato — que dizemos? — nem sequer exprimir um pensamento, que não sejam inspirados por uma ou outra dessas correntes antagônicas.

À semelhança, com efeito, das antenas de que são dotados os aparelhos radiotelégrafos, a todo momento e sem que o perceba, está ele captando as vibrações mentais que circulam no ambiente, se emitidas também — agora acrescentemos — mas em limitado grau, pelos que lhe são simpáticos, não tanto contudo, dadas as suas condições de refratariedade, pelo Cristo e seus benfazejos intermediários, que não cessam de envolver o mundo e seus infortunados habitantes nas efusões do Amor, emanadas do divino e eterno Foco, de que são veículo, como principalmente irradiadas pelo Anticristo e seus maléficos auxiliares, obstinados em conservar e dilatar sempre o seu império sobre toda a humanidade, assim por ele conservada em verdadeira e quase irresistível servidão mental.

Poder-se-ia perguntar a que fica, em tal caso, reduzido o livre arbítrio humano. Mas o livre arbítrio, despojado do conceito simplista, que pela filosofia clássica lhe foi atribuído, como a faculdade, que possui o homem, de fazer ou deixar de fazer alguma coisa por impulso exclusivo da vontade, sem motivo algum que a determine, tem que forçosamente ser condicionado à complexidade dos fatores que intervêm, restringindo-o, em suas manifestações³⁷. Entre esses fatores, além dos imperativos biológicos, as predisposições e aptidões inatas provindas de anteriores existências, constituindo o substrato psicológico do indivíduo, a influência do meio, na família e na sociedade, ocupa lugar preponderante a ação das correntes espirituais de que falamos e que representam o propulsor por excelência de suas próprias operações mentais.

³⁷ Veja-se o que expusemos com relativo desenvolvimento em *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 1º, cap. V, sobre "Livre arbítrio e determinismo".

Mesmo assim, restringido aos seus mínimos limites, o livre arbítrio — condição de sua responsabilidade e de seus méritos — é um fato indubitável no indivíduo. Responsabilidade e méritos, contudo, que só começam verdadeiramente com o despertar do senso moral, isto é, quando na consciência, já esclarecida sobre os deveres para com Deus, para consigo mesmo e para com os seus semelhantes, se trava a silenciosa peleja entre arrastamentos e sugestões contrárias e quando, portanto, é o homem deliberadamente induzido a optar por uns ou outras. Nessa opção é que consiste, única e exclusivamente, a função do livre arbítrio. É certo eu nem sempre se decidirá pelos mais nobres e elevados motivos, senão que serão preferidos, sobretudo ao começo e até que seja atingido um grau superior de evolução, os que lisonjeiam as próprias tendências e inclinações pessoais. As consequências, agradáveis ou molestas, se encarregarão de indicar ao indivíduo se procedeu com acerto ou não. E, como a vida é um perpétuo aprendizado, mediante essas reações naturais, impropriamente denominadas recompensas e castigos, mas de todo modo imanentes à ação da lei que rege o destino universal dos seres, é que se vai formando, no curso de uma existência como no de suas repetidas e sucessivas peregrinações terrestres, o cabedal de experiência, que por fim conduzirá o homem a nortear seus atos e impulsos, invariavelmente, pelas superiores injunções do Bem, sem outra preocupação que não seja "o agrado de Deus e utilidade do próximo".

Somente quando atingiu essa culminância, peculiar apenas aos seres consideravelmente evoluídos, isto é, aos grandes santos e iniciados, que em si mesmos aniquilaram o princípio da separatividade e do egoísmo, é que se encontra o homem na plenitude funcional do livre arbítrio. Antes disso, enquanto conservar intrínsecas afinidades com o Tentador e obedecer, preferencial e automática, posto que inconscientemente, às suas sugestões, não é verdadeiramente livre.

*

* *

Não há exagero, pois, em afirmar, como o fizemos, que a humanidade, em seu estado atual de evolução, ou melhor, de inconsciência das forças espirituais que sobre ela incessantemente operam, vive pelo Anticristo submetida a quase irresistível cativo mental. Por que não se limita ele a exercer o seu império unicamente sobre os indivíduos que, por suas predisposições morais de natureza subalterna, pelo nenhum esforço, consciente e volitivo, de as combater e melhorar-se, vencendo-se a si mesmos, se lhe tornam presa fácil, senão que é sobre os iniciados e, de modo geral, sobre quantos, por natural pendor evolutivo, buscam interiormente aproximar-se do Senhor Jesus, que incidem, violentas ou insidiosas e sutis, as suas tenazes agressões.

Há uma lógica ademais nesse procedimento; e o Anticristo não seria o Espírito

de considerável desenvolvimento intelectual que é, exímio conhecedor da psicologia humana, tático e estrategista consumado nas batalhas espirituais em que se vem contra o Senhor e Mestre empenhando através os tempos, verificando, em sucessivas derrotas, o espantoso poder de resistência que oferecem os mais humildes crentes, quando solidamente apoiados na fé sincera e vigilante, se não fizesse convergir para esses as suas investidas preferenciais. Aos escravos, que são a grande, a imensa maioria, ou antes, a totalidade dos, em linguagem bíblica, denominados "filhos do século" porfia sem dúvida em conservar submetidos ao seu jugo e neles é que repousa o seu império mundial. Mas aos que, inicialmente que seja, despertaram para o Cristo interno que, como todos, em si mesmos trazem, e ouviram e querem seguir a voz do Cristo de Deus que por aquele misterioso laço os atrai para a consumação na Unidade, é preciso impedir, por todas as formas de tentação, que prossigam nessa iluminada e libertadora senda. Se não consegue induzi-los propriamente ao mal, a cujas sugestões se vão tornando cada vez mais refratários, não cessa por isso de lhes projetar na mente e forceja, ao menos, por lhes incutir a tibieza, suscitando a cada passo obstáculos que os perturbem e fatiguem, trabalhando, numa palavra, infatigavelmente, por uma sorte de obnubilação mental, no sentido de tolher-lhes os livres movimentos espirituais. Torna-se desse modo a vida do crente uma incessante peleja, em que ao menor descuido sucumbe, ainda que momentaneamente, à malévola insinuação do Tentador, e todo esforço por libertar-se das seduções do mundo, toda vitória sobre si mesmo não são realizados senão a preço de sofrimento e mortificações que os filhos do século, infelizmente para eles, desconhecem.

É o que explica aquela angustiada exclamação de Paulo, o grande iluminado: "Miserável homem sou eu, que não faço o bem que desejo e pratico o mal que não quero!" sem dúvida o que o convertido de Damasco reputava o mal, não era de sua parte mais que uma diminuição ou omissão do Bem, em cujos anseios se abrasava o seu denodado espírito. Não conhecia ele porventura a sentença do Divino Mestre? — "Muito se pedirá a quem muito recebeu".

É ainda essa obstinada ação do Anticristo, visando os mais bem interessados, que explica em tantos homens de mentalidade esclarecida, animados dos mais nobres e elevados propósitos, como o teremos, na segunda parte, ocasião de ilustrar com exemplos, a incoerência de atitudes e a contradição de opiniões que atos anteriores de sua vida e a sua própria formação mental deveram desautorizar. E desautorizam formalmente.

A muitos, mesmo entre os iniciados nas verdades do Espiritismo, nem por isso isentos de padecer obnubilações em seu discernimento, parecerá estranhável, mais que isso, inacreditável que, sendo Deus a Bondade perfeita, o Amor inexorável por todos os seus filhos, consinta em tamanho poder e semelhante liberdade de ação da parte do Anticristo, ao ponto de deixar sucumbir, embora não mais eu intermitentemente, às traiçoeiras manobras deste os que, pela relativa perfeição

adquirida, melhor acobertados deveriam estar por sua onipotente proteção.

A esse raciocínio, meramente superficial, é fácil replicar, todavia, com a advertência de que este mundo — região de sombras, em que só os que seguem voluntariamente o Cristo não tateiam na treva, plano dos efeitos, enquanto o mundo espiritual consiste o plano das causas — é uma arena de combate, a que somos lançados para exercitar as armas espirituais, aprendendo, nas tentações e ciladas que nos armam as forças ocultas adversas, a desenvolver as nossas faculdades transcendentais e, nos revezes e adversidades, adquirindo a Sabedoria, que só pode ser alicerçada em repetidas experiências pessoais. Não vimos precedentemente que a lei do ritmo, ou de alternativa, preside a fenomenologia universal e que, sendo o homem redução microscópica do Universo — microcosmo, por essa razão, considerado — nele deve operar-se a mesma dualidade de movimentos que se observa na gravitação dos astros?

A resistência é necessária para despertar e favorecer o desenvolvimento da energia que, sem ela, permaneceria em estado meramente potencial. A sua mímica o ser, que aspira crescer espiritualmente, quedar-se-ia na inércia improdutiva. O homem está de tal modo e tão sabiamente organizado pelo Criador que só estima as coisas que lhe desafiam as potências da vontade, pela multiplicação dos obstáculos, e desdenha as que não reclamam esforço para sua obtenção. Para subir uma montanha, é preciso vencer penosamente a força de atração contrária, centrípeta por conseguinte, que impele para o interior da Terra. O prêmio da escalada é a contemplação, no cimo, de apreciáveis e dilatados horizontes, cuja beleza não fruem os que, indolentes, se conservam na planície.

Longe, pois, de parecer estranhável, deve ser objeto de admiração a sabedoria com que o Onipotente faz depender do esforço de suas criaturas em vencer os obstáculos, no caminho da evolução acumulados, a realização de seus altíssimos destinos.

O Anticristo com suas reacionárias manobras, agindo livremente — advertamos — e não por imposição de estranho determinismo volitivo, representa a força de resistência, que é preciso vencermos, para atingir o ideal de perfeição com que o futuro nos acena. Que ele, dominando os ânimos débeis e tirando partido da extrema receptividade que às suas fascinadoras sugestões oferece à humanidade, se haja tornado senhor do mundo, não somente governando os pensamentos e os atos individuais, mas influenciando os próprios acontecimentos históricos, em tudo o que nestes — conflagrações internacionais, violências de opressores e revoltas de oprimidos, explosões resultantes do conflito entre o capital e o trabalho, subjugação de uns por outros povos, guerras de religião e deturpação de todos os códigos religiosos transmitidos ao mundo — significa negação dos princípios de liberdade, justiça, fraternidade e amor, em que o Cristo nos veio definitivamente iniciar — não vimos a que tem ele reduzido, por exemplo, a Igreja Cristã, prevalecendo-se da

fragilidade invigilante dos depositários infiéis dos ensinamentos do Mestre? — tudo isso não representa mais que lances de momentânea adversidade no imenso drama da evolução que se processa em nosso mundo. Que significam alguns séculos em relação à Eternidade, em cuja órbita ilimitada se hão de consumir nossos destinos?

A Terra, como de resto outros planetas de sua categoria, transitoriamente inferior, pode bem ser considerada como subterrâneo da Criação. Aqui tudo contribui para oprimir, obscurecer e molestar o Espírito. Envolto em trevas exteriores — não raro também interiores — premido por exigências e necessidades materiais e converte em tirania, joguete de instintos inferiores, que o Tentador estimula e habilmente explora, o homem perde facilmente de vista os iluminados cimos da espiritualidade. À semelhança das raízes mergulhadas na escuridão do solo, que as nutre, engolfa-se ele na matéria e suas funestas ilusões. Mas desse húmus repulsivo e fecundante haure o Espírito, pelos contrastes, frequentemente dolorosos, de que em si mesmo é testemunha e parte, salutares estímulos para a radiosa ascensão, rumo do Sol Eterno que o atrai.

O Tentador tem predominado, estendendo de hemisfério a hemisfério, sem restrição de latitudes nem exclusão de raças e de povos, o seu opressivo e tenebroso império. Soou, porém, a hora de uma vitoriosa reação. A humanidade vai despertar do letargo de tantos séculos e ouvir finalmente, repetida de um ao outro extremo do planeta pelas gloriosas falanges de seus auxiliares, a mesma voz com que o Cristo, há quase vinte séculos, fez saltar Lázaro do túmulo, em que jazia, para a vida e a liberdade. Ele, que reconheceu o transitório poder das trevas, consentindo-lhe a, momentaneamente vitoriosa, intervenção no remate de sua missão libertadora, vai agora demonstrar, em larga e deslumbradora escala, o poder triunfal da Luz.

*

* *

Sim, o Senhor Jesus — e aqui abordamos finalmente o terceiro dos elementos demonstrativos a que aludimos no começo destas considerações gerais — deu testemunho da existência e determinismo das forças ocultas adversas que, rondando-lhe os passos e ousando mesmo, pelo órgão do seu chefe, solicitar permissão "para joeirar como trigo" os seus discípulos (LUCAS, 22: 31), terminaram por conduzi-lo, de cumplicidade com a população desvairada e os príncipes dos sacerdotes e os anciãos e escribas, cuja torva consciência dominavam, à espantosa tragédia do Calvário.

Refere, com efeito, o evangelista Lucas que, ao ser defrontado no Jardim das Oliveiras pela turba dos amotinados que o vinham prender, lhes dirigiu esta pungente advertência: "Viestes armados de espadas e de varapaus como contra um salteador? Havendo eu estado cada dia convosco no templo, nunca estendestes as mãos contra mim", terminando com a enigmática e reveladora observação: "Porém,

esta é a vossa hora e o poder das trevas".

A seu turno, João concorda que o Mestre em mais de uma ocasião, assim ao aproximar-se a derradeira Páscoa por Ele celebrada com os seus discípulos, como durante a memorável Ceia, em que lhes transmitiu, com as efusões de seu testamento de amor, as proféticas e comovedoras instruções para o desempenho de seu apostolado, aludiu reiteradamente ao Tentador.

"Agora — dizia Ele — é o juízo do mundo; agora será lançado fora o príncipe deste mundo" (12:31).

E, depois de referir-se ao Espírito de Verdade, que o Pai em seu nome enviaria, para lhes ensinar todas as coisas e recordar o que lhes havia dito: "Já não falarei muito convosco — advertia — porque vem o príncipe deste mundo e ele não tem em mim coisa alguma". Aludindo em seguida à função julgadora do Consolador que, em sua vinda, arguirá o mundo "de pecado, de justiça e de juízo", rematou: "De juízo, finalmente, porque o príncipe deste mundo já está julgado" (14:30 e 16:11).

Como tudo que sabia da boca do Divino Mestre, em testemunho da Verdade e para edificação dos homens, essas palavras encerram grandes e profundos ensinamentos que, na combinação dos textos — de um lado a expressa alusão ao terceiro dos Evangelhos sinóticos feita ao poder das trevas" e, de outro, a situação, no quarto Evangelho definida, do "príncipe deste mundo" em face do Cristianismo que surgia — devem ser entendidos em sua significação espiritual, confirmados que, ao demais, têm sido e hão de, no futuro, continuar a ser em sua realização histórica.

A grande peleja pela definitiva libertação da humanidade havia começado. Até a vinda do Senhor, o mundo permanecera em trevas, pela deficiência nos métodos de propagação das anteriores revelações religiosas, cujos ensinamentos — objeto de iniciação secreta reservada a limitado número de escolhidos — não eram comunicados ao povo senão em forma exotérica, de símbolos devocionais. A mesma Lei antiga, preparatória que devera ser, nos imperativos do Decálogo e nas exortações clarividentes dos profetas da nova dispensação, que investiria o povo eleito na excelsa missão de condutor da humanidade, mas da qual viera a tornar-se indigno, fora desnaturada pela superposição de observâncias exteriores, que a haviam de todo invalidado.

Baixando então à Terra o Senhor Jesus, em confirmação da palavra de Isaias³⁸, para instaurar, visível e pessoalmente, o reino do Espírito, mais tarde anunciado à Samaritana, e iniciar não um grupo de homens, mas todos os homens, no conhecimento da paternidade universal de Deus e na espiritualidade do culto que lhe deve ser prestado, fazendo ao mesmo tempo dos pobres e os pequenos, que constituem a imensa maioria dos eternos desprezados, o alvo predileto de seus

³⁸ "A terra de Zabulon e a terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, a Galileia dos gentios; o povo que andava nas trevas via uma grande luz e aos que habitavam na região da sombra da morte lhes nasceu o dia" (9:1 e 2).

ensinamentos misericordioso, as potências das trevas sentiram-se alarmadas. Ia começar o desmoronamento do seu reino. Porque a ação redentora do Senhor, que de todos os tempos se exercera espiritualmente, passava a tornar-se ostensiva no seio da humanidade, e a sentença por Ele proferida: "aquele que ouve as minhas palavras e as despreza, por elas será julgado no dia supremo", não se aplicava somente ao seu auditório visível, mas abrangia a grande multidão dos que do oculto o observavam. O julgamento, pois, do "príncipe deste mundo" já fora pronunciado só com a presença do Filho de Deus entre os homens, aos quais vinha trazer a luz do Espírito e, com ela, as chaves de sua própria redenção.

Teria ele, o Anticristo, num supremo lance de audácia, antes que o Senhor entrasse de pleno em o exercício de seu ministério, tentando propor-lhe uma aliança, de si mesma insensata — é certo — acenando-lhe com a vastidão do império o não perder de todo, consentiria em dar-lhe participação?

Num trabalho anterior³⁹, conformando-nos, benévola e discretamente, com as explicações contidas na *REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO*, decorrentes da natureza do Cristo, de sua hierarquia e missão divinas, que aceitamos nos termos em que ali se encontra, atribuímos o valor de mera alegoria e interpretação pessoal dos narradores às passagens evangélicas referentes ao episódio da "Tentação". Estudo, porém, mais aprofundado e observações e meditações posteriores acerca da universalidade e constância da ação exercida pelo "Maligno" sobre toda a humanidade e da qual o Senhor Jesus, em sua oração sacerdotal, rogava ao Pai que preservasse os seus discípulos (JOÃO, 17:15), nos têm induzido a admitir, pelo menos, a possibilidade dessa audaciosa tentativa, senão em sua forma literal e ingênua, em que se refletem as ideias do tempo e a concepção pessoal dos historiógrafos, em seu significado espiritual.

Não nos parece, com efeito, desarrazoado, sobretudo se considerarmos a situação transitória e relativamente desfavorável em que, no ponto de vista da plenitude de seus poderes divinos, era colocado o Mestre, pelo fato de se encontrar na Terra, acreditar que o Tentador, na arrogância e extensão do poder que desfrutava, incapaz, no seu desvairamento, de compreender quão absurdo seria o consorcio, que imaginava, das trevas com a Luz, tivesse pretendido fazer do Cristo um aliado seu, não decerto falando-lhe como de homem a homem, consoante as narrativas de Lucas e Mateus mas projetando-lhe a respeitosa distância, as suas audaciosas sugestões.

Qualquer que, na realidade, tenha sido a organização somática do nosso Divino Salvador — oportunamente nos ocuparemos das divergências a esse respeito, com irritante e deplorável intransigência, suscitadas entre espíritas — o que é indubitável é que a forma humana, sob que Ele operou no mundo, constitui até certo ponto uma

³⁹ Ver *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 1º, cap. VIII, pags. 191 e 192.

diminuição de seus poderes celestes. É assim que o vemos, exortando os seus discípulos, afirmar: "Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, esse fará também as obras que eu faço e fará outras ainda maiores; porque eu vou para o Pai". Que significa essa promessa de um acréscimo de poderes, em termos semelhantes, feita aos que nele creem, senão que, restituído ao seio de Deus, mais eficaz seria sobre eles a sua assistência, desembaraçada das limitações terrestres?

A narrativa de Lucas (4:5 a 7), no trecho culminante que, do episódio da "Tentação", nos interessa, é concebida nos seguintes termos, depois de haver ele descrito a retirada do Senhor ao deserto, onde, para conformar-se com a tradição dos antigos profetas, permanecera durante quarenta dias, sem se alimentar:

"E, levando-o a uma altura, mostrou-lhe num relance todos os reinos do mundo⁴⁰. Disse-lhe o Diabo: 'Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me tem sido entregue e a dou a quem eu quiser; se tu, pois, me adorares, tudo será teu'."

O objetivo era abalar no Mestre, pela formidável desproporção entre a universidade do império que exercia sobre os homens e o exíguo número dos que se faziam portadores da Boa Nova, para enfrentar a coligação de todos os interesses que Ele tomara de fazer a vontade do Pai. Ante a visão do Senhor, que abrangia a vastidão dos séculos, ter-se-ia desdobrado, mais que o espetáculo das vicissitudes que, a breve trecho, o aguardavam — e bem as conhecia Ele — as sanguinolentas perseguições de que seriam objeto os seus intrépidos continuadores, o aparente naufrágio do divino legado e suas criminosas deturpações, em mãos de infiéis depositários, ao ponto de o tornarem odioso, pela cumplicidade, que lhe seria atribuída, com os opressores do povo? — O que é certo é que, imperturbável em seus desígnios, que eram os próprios desígnios de Deus, antes os quais se não de curvar por fim, subjulgadas pelo Amor e confundidas em sua rebeldia, as potências do mal, que são fraquezas, o Mestre limitou-se, digna e serenamente, a recordar ao insensato o preceito bíblico, proibitório de tentar "ao Senhor Deus".

Refere então o evangelista que, "tendo o Diabo acabado toda sorte de tentação, apartou-se d'Ele até ocasião oportuna".

Essa ocasião, de assalto direto, não já de natureza espiritual, mas puramente material, só veio a oferecer-se no horto de Getsêmani, quando o seu — desventurado que ainda o não quis reconhecer! — e nosso Divino Salvador, encaminhando-se voluntária, consciente e intrepidamente para o Sacrifício, que antecipadamente predissera, havia dado por concluída, sob forma visível e humana, a sua missão e consentia, para maior glória de seu Nome, por toda a eternidade venerado, em ser

⁴⁰ Aí se patenteia a ingenuidade do narrador. De eu "altura" poderiam ser observados todos os reinos do mundo? Só em pensamento e, portanto, numa visão ou representação mental poderia o Maligno acenar com a vastidão e seus domínios.

momentaneamente subjugado pelo "poder das trevas".

*

* *

Dezessete séculos consecutivos deram testemunho da extensão desse poder. Por que os três primeiros da epopeia, que passou, com legítimo título, à história como a idade heroica do Cristianismo, valeram pelo triunfo inicial da Boa Nova, tanto mais fulgurante era sua incoercível irradiação, quão mais encarniçados se mostravam em sufocá-la no sangue generoso dos seus mártires e na combustão dos corpos gloriosos por estes oferecidos em holocausto à ideia, os seus adversários visíveis e invisíveis. Mesmo no transcurso dos restantes séculos a cortina tenebrosa em que a envolveram aqueles, de um lado, implacáveis e, de outro, inconscientes ódios conjugados, foi rasgada a espaços, como precedentemente o assinalamos, pela radiosa projeção das figuras, vida e exemplos dos fiéis Discípulos que se chamaram Agostinho, Francisco de Assis, Tereza de Jesus, Vicente de Paulo e tantos, tantos outros, que o Senhor veio suscitando, como altíssimos faróis a esclarecerem a rota à humanidade e cujos nomes, obscuros ou notáveis, foram no Livro da Vida inscritos para sempre.

Graças a esses heróis e à assistência que do Alto não cessou de lhes prestar o Mestre, não soçobrou o Cristianismo, antes conseguiu, dignificado pelas suas obras, influir na marcha da civilização, que lhe adotou o nome, e elevar o seu nível, sem atingir embora, por força mesmo das vicissitudes e adversidades opostas pelo príncipe das trevas, a culminância que os desígnios de Deus lhe têm marcado.

Soou, porém, a hora de sua restauração em toda a plenitude. Aquela sentença do grande presidente Wilson, na ocasião decisiva da conflagração europeia, "estamos no momento supremo da história do mundo", tem uma significação mais profunda e extensão muito maior do que porventura as concebidas pelo seu clarividente autor. Por que já não se trata de um conflito, em que devesse a supremacia do direito ser preferida às conveniências da paz, mas de transformar a face do planeta, implantando, com os princípios basilares do Cristianismo, restituído a sua pureza primitiva, na ordem política e social o regime da justiça, da equidade e do Amor e, na esfera espiritual, o império da liberdade, pela emancipação das consciências e das inteligências do jugo sobre elas exercido pelo Anticristo.

Se as forças reacionárias do invisível, por ela chefiadas, imprimem à peleja, que se trava, o cunho de um formidável recrudescimento, é que a ressurreição, pela segunda vez, Cristo, insinuada como irônica ameaça à igreja romana pelo Dr. Jayme Cortesão, consoante a reprodução que no anterior capítulo fizemos, já começou a operar-se, e a profecia do abade Lamennais acerca da renovação do Cristianismo, "humilde planta destinada a gradualmente converter-se em árvore frondosa, a cuja sombra virão abrigar-se os pássaros do céu", vem tendo há mais de meio século a sua

auspiciosa realização, não obstante os assaltos contra ela renovados pelo inimigo.
Veamos como.

SEGUNDA PARTE

I

Primórdios da insuspeitada renascença do Cristianismo. - Toque de rebate do Além. - As manifestações dos seres invisíveis oferecem a prova documental da sobrevivência e imortalidade do Espírito. - A Nova Revelação codificada. Seu objetivo culminante. - Primeiro embate ostensivo, na fase atual, das trevas contra a Luz. - Frutos promissores. - Vaticínios que ainda esperam realização. - Por quê?

A ressurreição do Cristo, complemento necessário, por Ele antecipadamente anunciado, de sua obra messiânica, tornou-se a pedra angular da edificação cristã: tanto mais necessário quanto só por essa forma poderia ser dissipado, como o foi, no ânimo de seus discípulos o pânico lançado pela tragédia do Calvário. Quis assim o Mestre que a doutrina da imortalidade, que viera anunciar ao mundo, em todo seu esplendor e em suas admiráveis consequências, tivesse, para vitoriosamente combater a incredulidade humana, de que a dúvida de Tomé representa o símbolo, imediata comprovação, visível e palpável. E foi ainda para robustecer naqueles, que seriam os seus continuadores e os pregoeiros da Boa Nova, a convicção dessa radiosa imortalidade que, antes de regressar definitivamente ao seio do Pai, consoante o testemunho expresso nos *ATOS DOS APÓSTOLOS* (1: 3), "apresentou-se vivo, dando disso muitas provas, aparecendo-lhes por espaço de quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus".

Sendo embora o mais expressivo, transcendente mesmo, dada a natureza excepcional do seu divino agente — apressemo-nos a acrescentar — não foi esse contudo um fenômeno isolado, testificado da intervenção, mais que isso, da ostensiva colaboração do universo espiritual na implantação do Cristianismo. Posto simultaneamente como base e coroamento dos ensinamentos com que o Senhor viera revolucionar a humanidade, orientando-a para seus altíssimos destinos, devia ser e foi o ponto de partida daquela magnífica série de manifestações que caracterizam o

período apostólico, das quais noutra lugar nos ocupamos pormenorizadamente⁴¹, dispensando-nos por isso de as reproduzir aqui. Recordaremos somente que, desde a grandiosa explosão mediúnica do Pentecostes e a intervenção de Espíritos superiores, denominados "anjos", que libertaram do cárcere, mais de uma vez, os apóstolos a ele recolhidos, até os fenômenos de mediunismo com eles e em torno deles ocorridos (ATOS, 16: 16 a 18), a assídua colaboração dos seres invisíveis na obra crista continuou a ser o irresistível testemunho da vida imortal e, portanto, da íntima conexão, jamais interrompida, entre o mundo espiritual e o nosso mundo.

Nas assembleias dos crentes, reunidos para meditar os ensinamentos do Mestre, que circulavam por cópia nas diferentes comunidades, antes mesmo que recebessem os Evangelhos a redação definitiva, que só no século IV lhes foi dada por S. Jerônimo, conforme precedentemente o assinalamos, era tão frequente a intervenção dos Espíritos pelo órgão dos então denominados "profetas" — expressão equivalente à dos médiuns de nossos dias — que Paulo, o sábio organizador das práticas e exercícios da nova religião, chegou a estabelecer as normas que em tais circunstâncias deveriam ser observadas. Dirigindo-se, com efeito, aos Coríntios, assim discorria ele em sua 1ª Epístola (12: 7 a 10) acerca dos dons espirituais:

"A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito. Porque a um pelo Espírito é dada a palavra de sabedoria; a outro, porém, a palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro a graça de curar as doenças, em um mesmo Espírito; a outro a operação de milagres, a outro a profecia, a outro o discernimento dos Espíritos, a outro a variedade de línguas, a outro a interpretação das palavras."

E, adiante, ainda mais explicitamente (14: 26 a 32):

"Pois que haveis de fazer, irmãos? Quando vos congregais, se cada um de vós tem o dom de compor salmos, tem o de doutrina, tem o de revelação, tem o de línguas, tem o de as interpretar, faça-se tudo isso para edificação. Ou, se algum tem o dom de línguas, não fale senão dois ou, quando muito, três, e um depois do outro, e haja alguns que interprete o que eles disserem. E, se não houver intérprete, estejais calados na igreja e não faleis senão consigo e com Deus."

"Pelo que toca, porém, aos profetas — prossegue ele terminando Por firmar uma regra de subordinação que ainda hoje, à míngua de conveniente adestramento, não é geralmente observada pelos médiuns nas reuniões espíritas — faleis também só dois, ou três, e os mais julguem o que ouvirem. E, se nesse tempo for feita qualquer revelação a algum outro dos que se acham assentados, cale-se o que falava primeiro. Porque vós podeis profetizar todos,

⁴¹ Ver *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 2º, cap. I, pag. 16 e seguintes.

um depois, do outro, para assim aprenderem todos e serem todos exortados ao bem; porque os Espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas.”

Ora, essa comunhão ostensiva com os seres do mundo invisível e invisível — não apenas com os de ordem superior, senão com os de qualquer categoria, como s. infere da inclusão, entre os dons espirituais, do de "discernimento dos Espíritos", que só poderia, logicamente, ser exercido por apresentarem eles tal variedade — essa comunhão, dizemos, não foi necessária apenas da parte do Divino Mestre com os seus apóstolos e discípulos e, depois da Ascensão, da parte dos outros menores representantes da imortalidade com a primeira geração cristã, para, de um lado, alimentar a certeza dessa vida ulterior e transcendente e, do outro, enriquecer de novos esclarecimentos os ensinamentos a ela referentes, senão que, nas gerações que se foram sucedendo, tornou-se uma fonte de confirmação e rejuvenescimento da doutrina, constituindo uma tradição. Fielmente guardada no curso dos primeiros séculos. A sua interrupção, mais que isso, a sua definitiva supressão, aconselhada ao começo, naquele caso, pelos abusos a que dava lugar e, por último, imposta violentamente, só o foi depois que, sofrendo o Cristianismo o primeiro colapso deturpatório com a sua conversão em religião do Estado, conseqüente da adesão do imperador Constantino, entrou a macular-se no contato com os negócios do século. Como as exortações dos Espíritos superiores, incumbidos de velar pela pureza da doutrina, só podiam contrariar as vistas interesseiras que os fiéis detentores de sua direção lançavam sobre o mundo, a comunhão ostensiva com o invisível e, portanto, a prática do mediunismo, ou profetismo, foram consideradas perniciosas e, como tais, proscritas sob as mais severas penalidades, que vieram a culminar na Idade Média e, mesmo posteriormente, nas ferozes perseguições movidas contra os que tais práticas se permitiram. Confundidos na mesma execração lançada sobre os feiticeiros e manipuladores de sortilégios, que na baixa classe proliferavam como produtos abortivos da incultura geral, não admirando assim que profanassem, aplicando-o a subalternos objetivos, os dons espirituais de que eram portadores, viram-se objeto de idêntica e implacável coação os próprios cultores bem intencionados da doutrina que, fiéis à tradição da primitiva Igreja, buscavam nas relações com os seres superiores do Além, de par com as instruções moralizadoras que desse modo frequentemente recebiam, o robustecimento da própria fé na imortalidade.

Não foi esse, de ter feito silenciarem no seio da cristandade as vozes dos Espíritos, o menor dos erros perpetrados pela igreja, no empenho, que do oculto lhe fora malevolamente sugerido, de atribuir aos seus dirigentes, nem sempre dignos, como anteriormente o vimos, da excelsa investidura, atribuir — dizemos — o monopólio da Verdade e da interpretação dos textos. Porque, estancando arbitrariamente a fonte das inspirações do Alto, em sua forma tradicional e ostensiva, quando apenas lhes cumpria cercar de prudentes cuidados essa prática, velando em

seus cultores, a fim de evitar abuso e extravios, os dirigentes da igreja, tanto ou mais que à comunhão geral dos crentes, a si próprios se privaram dos esclarecimentos, do conforto, numa palavra, da alimentação da fé que à sua fraqueza de homens conviria fosse trazida sempre, acerca da vida imortal, pelos enviados do Senhor.

O resultado desse erro fundamental, acrescido de outros que foram progressivamente comprometendo e transviando a doutrina de sua marcha natural, sobre os quais não temos necessidade de insistir agora, foi o declínio daquela mesma fé, a que os esforços de tantos missionários surgidos, ao longo dos séculos, no próprio seio da igreja não conseguiram restituir jamais com igual extensão o perdido vigor, suprimida que fora a sua base tradicional e primitiva.

Nem por isso contudo o mundo espiritual cessou de afirmar a sua contiguidade ao nosso mundo, nem os seus habitantes se abstiveram por completo, obedientes que são, mais que os homens, às volições divinas, de agir, embora de forma intermitente e anormal, no sentido de chamar a atenção da humanidade para essa outra vida, que devera sempre ocupar em suas cogitações o primeiro lugar, a fim de a impedir de engolfar-se nos exclusivos cuidados da vida presente, em detrimento de seus ulteriores e imortais destinos. É assim que, de todos os tempos, as aparições *post mortem* e os fenômenos, ruídos e perturbações produzidos sem a intervenção de agentes visíveis e que se tornaram em tantos legares conhecidos sob a denominação de “casas mal assombradas” continuaram a ser o testemunho vivo da sobrevivência, relegados embora pelos pretensos espíritos fortes para o domínio da credice e da superstição.

Problema, todavia, de fundamental importância, esse da demonstração dos destinos reservados ao homem no Além, não poderia permanecer adstrito a manifestações desconexas e irregulares, tanto mais que, representando os Espíritos, sobretudo os de ordem superior, os agentes da vontade de Deus, colaboradores de sua parte na obra de evolução da humanidade, não deveriam permanecer indefinidamente restringidos a operar por mera sugestão. Cumpria que a sua voz se fizesse novamente ouvir, não somente para combater a incredulidade que, ao fim de dezoito séculos, se assenhoreara das culminâncias da inteligência humana, arrogando-se o direito de falar em nome da Verdade, que lhe é estranha, mas para restabelecer as primitivas tradições cristãs.

Foi então que, obedecendo a determinação do Alto, indubitável para quem se detenha a observar a marcha dos sucessos e a sua coordenação, se produziram no meado do século passado e no seio de uma família norte-americana, filiada a um dos ramos do Protestantismo, as primeiras manifestações intencionais, destinadas, pela ruidosa notoriedade que não tardaram em adquirir, a ser o ponto de partida do considerável movimento de renovação espiritualista que, processado há setenta anos em todo o mundo ocidental, com alternativas de que em pouco nos ocuparemos, tem como objetivo culminante promover a restauração do Cristianismo na pureza de sua

doutrina e de suas práticas originárias.

Assinalamos ter sido no seio de uma família protestante que ocorreram tais manifestações, não por lhes ter sido desde logo atribuída aquela finalidade doutrinária, mas ao contrário pela significação de constrangimento em que se viram as involuntárias cooperadoras dos fenômenos, objeto de repulsa que são estes, como é sabido, a pretexto da proibição formulada no Deuteronômio, pelos cultores da letra bíblica. O contraste merecia, por sua expressão frisante, ser assim posto em relevo.

*
* *

Foi, com efeito, de 1847 a 1848 que na casa de um Sr. John Fox, residente ao começo na pequena cidade de Hydesville e, em seguida, na de Rochester, Estado de Nova Iorque, insólitos ruídos e pancadas, vibradas no forro da sala, no soalho, nas paredes e nos móveis, entraram a perturbar, por sua incômoda insistência, o sossego da família. Forçados assim a prestar-lhes atenção e inteirar-se do motivo de tais fenômenos, depois de infrutíferos ensaios, até ser encontrado o meio de correspondência com a entidade invisível que os produzia, vieram os moradores a saber, mediante a adoção de um alfabeto combinado com o número das pancadas, ser o Espírito de um ex-vendedor e ambulante, Charles Rosna, que desse modo procurava revelar a sua presença e entrar em relação com as pessoas da casa. O indivíduo portador desse nome fora, anos antes assassinado na casa de Hydesville, em que, sem o saber, viera posteriormente residir a família Fox.

Estabelecida assim a correspondência, de que essa revelação fora apenas o prelúdio, outras entidades espirituais entraram a manifestar-se, fazendo, entre outras, a comunicação de que não somente as duas filhas de John Fox, Margarida⁴², de 15, e Catarina⁴³, de 12 anos, eram os médiuns por cuja inconsciente e involuntária intervenção se produziam os fenômenos, mas que lhes estava reservada a missão de cooperar no importante movimento de ideias que por semelhante forma não tardaria a atrair a atenção do mundo.

Os sucessos tiveram realmente imediata e notória repercussão, assim em Hydesville, onde a notícia das manifestações, decorridas durante semanas e meses seguidos, se espalhou rapidamente pela vizinhança e em toda a cidade, atraindo multidão de curiosos, como em Rochester, para onde os moradores da casa "mal assombrada", a conselho dos Espíritos, se transferiram pouco depois, adquirindo aí o caso maior notoriedade, mas começando também para a família Fox, particularmente para as duas meninas, uma série de sofrimentos e perseguições que lhes haviam de aureolar a memória e perpetuar o nome na história do moderno Espiritualismo.

⁴² O nome original é Margareth, sendo ela carinhosamente chamada de Maggie — N. E.

⁴³ Catherine, ou, carinhosamente, Kate — N. E.

Interveio em primeiro lugar⁴⁴ o pastor da igreja a que pertenciam e que as intimou, sob pena de expulsão, a renunciarem a tais práticas. Mas as senhoras Fox, que já haviam sido inteiradas, como o dissemos, da missão que tinham a desempenhar, recusaram-se, resoluta e nobremente, a obedecer e — ocioso seria acrescentar — foram realmente expulso da igreja.

Vieram depois as comissões nomeadas para examinar os fenômenos e pronunciar-se acerca da sua natureza. A primeira, depois de longa e minuciosa pesquisa, acabou reconhecendo a intervenção espiritual na produção dos fatos, que o público se obstinava em atribuir a artifício das pobres médiuns, sem considerar que nisso não havia para elas interesse algum. Segunda comissão foi nomeada, chegando ao mesmo resultado, com desapontamento para todos.

Nomearam por fim uma terceira comissão, composta de pessoas notáveis e insuspeitas, e quanto terminou ela o seu rigoroso inquérito, grande parte da população de Rochester se reuniu no maior salão da cidade, o Corinthians Hall, para ouvir ler o seu resultado.

Deu-se então esse fato inaudito: como a conclusão, a que haviam chegado os membros da comissão, confirmava definitivamente as anteriores pesquisas, o público, indignado pelo que teimava em supor uma burla sistemática das jovens médiuns que, ao lado de seus pais, o Sr. e a Sra. Fox, aguardavam serenas o *veredictum*, levantou-se em atitude hostil e, numa onda ululante, pretendeu invadir o recinto, com o intuito de linchá-las! Foi preciso que o venerando *quaker* George Willets se interpusesse, para evitar o inominável atentado.

Mas a semente estava lançada e o terreno fora providencialmente preparado para recebê-la, por mais que, na aparência, o desmentissem tais sucessos, cujas particularidades se encontram minuciosamente expostas na obra da Sra. Emma Hardinge, *HISTÓRIA DO MODERNO ESPIRITUALISMO NA AMÉRICA*. O estado dos ânimos em face dos inusitados e, com efeito, prosseguindo e divulgando-se as experiências no mesmo sentido, já em 1854 era dirigida ao Congresso Legislativo de Washington uma petição com 15.000 assinaturas, na qual os subscritores requeriam, embora sem resultado imediato, a nomeação de uma comissão para estudar os fenômenos e determinar as suas leis.

Não cessaram, todavia, as pesquisas no atraente domínio que as manifestações espontâneas de Hydesville e Rochester haviam posto em evidência, nelas vindo a tomar parte homens eminentes como o Juiz Edmonds, o professor Mapes, lente de química na Academia Nacional, o célebre professor Roberto Hare, da Universidade de Pensilvânia, o respeitável ministro Robert Dale Owen, representante da Nação Americana em várias cortes europeias, e tantos outros que, sobranceiros a estultos preconceitos, não hesitaram em dar público testemunho assim de sua convicção

⁴⁴ Reproduzimos daqui em diante, com ligeiras modificações, o resumo feito na *MEMÓRIA HISTÓRICA DO ESPIRITISMO*, publicado em 1964 pela Federação Espírita Brasileira, para comemorar o centenário de Allan Kardec.

acerca da realidade dos fenômenos, como da vida imortal, a que serviam de documentação.

Vulgarizadas e desse modo prestigiadas as experiências não tardaram, por um lado, a encaminhar-se no sentido da formação de uma doutrina, mediante revelações do mais alto interesse recebidas por médiuns incultos como Hudson Tuttle (*ARCANA OF NATURE*) e Andrew Jackson Davis (*PRINCÍPIOS DA NATUREZA*), a qual em poucos anos aliciava milhões de adeptos na América do Norte, e por outro a transpor os mares e penetrar, posto que com um objetivo de frívola curiosidade, nos salões parisienses, para incidirem afinal sob a atenção daquele que, nos desígnios de Deus, fora escolhido para lhes imprimir o cunho de observação científica e delas fazer a base inamovível da Revelação Nova.

Antes, porém, de o historiarmos, cumpre assinalar, em testemunho da ação providencial coordenadora dos sucessos, a simultaneidade na ocorrência de manifestações semelhantes às de Rochester, em várias cidades da Europa, senão com idêntica repercussão e resultados diretamente apreciáveis na difusão do Espiritismo, pelo menos com um caráter de ruidosa notoriedade que pode, sem exagero, ser interpretado como um toque de rebate do Além, no sentido de chamar a atenção dos homens para esse outro mundo que os rodeia e cujos habitantes, revelando a sua presença, não raro por forma tumultuária, ofereciam o testemunho da sobrevivência e imortalidade do Espírito.

Tais foram, para ainda nos utilizarmos do resumo feito na *MEMÓRIA HISTÓRICA DO ESPIRITISMO*: o caso de Cidesville, ocorrido na França, em 1850, com o marquês desse nome e que deu lugar a um curioso processo, em que depuseram numerosas testemunhas perante o juiz de paz de Yerville; — o de Berg-Zabern, na Baviera, em 1852; — o da vila de Lipzi, distrito de Charkof, na Rússia, em 1853, notável pelas singulares particularidades de que se revestiu, — e finalmente o que em 1862 ocorreu com o advogado Joller, membro do Conselho Nacional de Stand, cantão de Unterwald, Zurique (Suíça).

Desses casos, documentadamente expostos por Alexander Aksakof em sua obra *OS PRECURSORES DO ESPIRITISMO NOS ÚLTIMOS 250 ANOS*, o mais importante foi o de Lipzi, cujo processo, em que figurou como vítima e protagonista o capitão Jeandatchenko, terminou sendo arquivado no tribunal de Charkof, por ter sido impossível, apesar das rigorosas pesquisas policiais e judiciais efetuadas durante os anos de 1853 a 1856, descobrir os misteriosos autores dos prejuízos materiais causados ao capitão em suas roupas, moveis e até na própria casa de sua residência.

Tais circunstâncias — cumpre advertir — de modo algum excluem a providencialidade a que obedeceram as manifestações, evidentemente produzidas por entidades inferiores do invisível, sabido que aos desígnios divinos servem não raro, inconscientemente, os seres de todas as categorias.

Acrescentemos ainda, a propósito da simultaneidade assim dos fenômenos espontâneos em vários lugares, como da observação, mais ou menos curiosa e irregular ou sistematizada, dos intencionalmente provocados, que em 1853 já eram empreendidas no Brasil, ao mesmo tempo que na França, onde no ano seguinte deviam fazer objeto da clarividente atenção de Allan Kardec, as primeiras experiências com as mesas giratórias. Coube essa primazia ao Estado, então província do Ceará, sem outro objeto, é certo, que o de mera curiosidade, nos serões de família, a que serviam de entretenimento, mas não constituindo menos, por isso, no ponto de vista histórico, um fato digno de registro.

No domínio da bibliografia é interessante, por outro lado, assinalar, como índice do apreço em que os ensinamentos resultantes de tais experiências teriam que forçosamente ser tomados por esclarecidas mentalidades, chegado que fora o tempo de os pôr em circulação, que no mesmo ano em que na França aparecia a primeira obra, por assim dizer, clássica da doutrina, isto é, em 1857, o Dr. Robert Hare fazia editar a sua *EXPERIMENTAL INVESTIGATION OF THE SPIRITS MANIFESTATIONS* e o barão de Guldenstubbé publicava o excelente volume *DE LA REALITÉ DES ESPRITS*, valioso repositório de manifestações por ele obtidas, mediante a escrita direta, das entidades invisíveis.

Mas foi sobretudo a partir da intervenção de Allan Kardec na observação dos fenômenos, orientando-a no sentido de uma criteriosa sistematização, que a doutrina adquiriu a sólida e considerável amplitude que viria a universalizá-la e assegurar a sua perpetuidade.

Bacharel em ciências e letras e formado em medicina, tendo defendido com brilhantismo sua tese de doutoramento, havia ele granjeado para o seu nome, que era propriamente Hippolite Léon Denizard Rivail, notável reputação no magistério particular, a que preferira dedicar-se, lecionando fisiologia, química, física, astronomia e anatomia comparada, publicando obras didáticas, adotadas, graças ao seu valor, pela universidade da França, e distinguindo-se ainda como poliglota, pois conhecia a fundo e falava corretamente alemão, inglês, italiano e espanhol, sendo-lhe também familiar a língua holandesa, quando em 1864 ouviu pela primeira vez falar nas mesas giratórias.

Incrédulo ao começo, mas não obstinado, como tantos outros, em preconceitos científicos, não desprezou as ocasiões, que se lhe ofereceram, de observar atentamente o fenômeno, até que sobre os agentes que o produziam pudesse formar opinião com segurança. Em notas manuscritas que deixou e foram mais tarde publicadas em suas *OBRAS PÓSTUMAS* se encontra o instrutivo registro de suas dúvidas e hesitações, como dos motivos que o levaram a empreender porfiadas investigações no obscuro e atraente domínio do invisível, as quais, absorvendo-o inteiramente, o obrigaram por fim a abandonar os seus anteriores estudos, para consagrar-se

exclusivamente à obra de missionário da Revelação Nova, que lhes destinara a Providência.

"Apliquei a essa nova ciência, como até então o tenho feito — diz ele, referindo-se aos seus 'primeiros estudos sérios em Espiritismo' — o método da experimentação. Nunca formulei teorias preconcebidas: observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, só admitindo como válida uma explicação quando podia resolver todas as dificuldades do assunto. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade dos quinze aos dezesseis anos.

"Compreendi — prossegue — desde o princípio a gravidade da exploração que ia empreender. Entrevi nesses fenômenos a chave do problema tão controvertido e obscuro do passado e do futuro, a solução de que eu havia procurado toda a minha vida; era, numa palavra, uma completa revolução nas ideias e nas crenças. Necessário, portanto, se tornara agir com circunspecção e não levianamente, ser positivista e não idealista, para me não deixar levar por ilusões."

Essa atitude mental revela desde logo o austero campeão que um século de dúvida erudita reclamava para o fazer descortinar com segurança e equilíbrio os novos e inexplorados horizontes do Espiritualismo.

*

* *

Durante cerca de dois anos — a partir de maio de 1855 — tendo reunido em torno de si um grupo de estudiosos, aplicou-se Allan Kardec, não apenas observando os fenômenos sem objetivo determinado, mas formulando metodicamente perguntas sobre todos os problemas relativos ao homem, ao universo e à vida, as quais eram respondidas com sabedoria e profundidade pelos Espíritos reveladores, a reunir os materiais para a publicação da primeira obra doutrinaria.

Não se contentava, todavia, com as primeiras respostas, homologando-as sem maior exame. "Tendo-me as circunstâncias — assinalava ele em suas notas íntimas — posto em relação com outros médiuns, toda vez que se oferecia ocasião, a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam mais delicadas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram seu concurso a esse trabalho. E foi do confronto e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes refundidas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, a qual apareceu em 18 de abril de 1857".

No momento de o publicar, hesitou acerca do nome com que o autorizaria: se

com o seu próprio, recomendado no mundo das letras, durante mais de um quarto de século, por suas obras didáticas, se com o de Allan Kardec, nome que, segundo a revelação de um Espírito protetor, fora o seu numa existência anterior nas Gálias, quando aí viveram juntos. Prevaleceu essa escolha, mesmo para estabelecer um traço de separação relativamente à fase de seus anteriores trabalhos literários.

Uma vez posto nesse rumo, não devia esmorecer a sua atividade, senão que, desdobrando-se em infatigável eficiência, o levaria a criar os elementos apropriados à simultânea vulgarização da doutrina e sua organização institucional. É assim que, não obstante a escassez de recursos pecuniários, sem dispor de sócio capitalista nem ter procurado obter previamente um único assinante, mas animado pelos conselhos do Espírito que o assistia em sua missão, fundou a breve trecho a *REVUE SPIRITE*,⁴⁵ cujo primeiro sucesso que se não interromperia por todo o futuro e tornando-se um valioso auxiliar de ação propagandista. Ao mesmo tempo criava também ele, em 1º de abril desse ano, a Sociedade Espírita de Paris, como núcleo central de iniciação e pesquisas doutrinárias. Além disso o êxito alcançado pela publicação de *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, cuja primeira edição rapidamente se esgotara, o levou a reeditá-lo ainda nesse ano.

Desdobrava-se o plano da doutrina, abrangendo as suas várias modalidades, e três anos depois, na primeira quinzena de janeiro de 1862, aparecia *O LIVRO DOS MÉDIUNS*, relativo à parte experimental, complemento imediato da parte filosófica exposta naquele primeiro livro, contudo "o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicar com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e escolhos que se encontram na prática do Espiritismo". E logo, a igual intervalo, isto é, em abril de 1864 vinha a pública, enfeixando a parte moral, ou religiosa, da doutrina. *O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO*,⁴⁶ um ano depois, em 1º de agosto de 1865, *O CÉU E O INFERNO*, "ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo", em que é feito o "exame comparativo das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre os anjos e demônios, as penas eternas, etc., seguido de numerosos exemplos da situação da alma durante e depois da morte", para finalmente, em janeiro de 1868, ser divulgada a parte científica da doutrina em *A GÊNESE, OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO*, síntese dos quatro volumes anteriores.

Estava assim feita a codificação doutrinária e integral da Nova Revelação que, no arrojo de suas linhas estruturais, avançava de um século a esfera dos conhecimentos humanos, e Allan Kardec podia tranquilamente regressar, como de fato regressou, em 31 de março de 1869, às serenas regiões da imortalidade, com a

⁴⁵ Tradução do francês: *REVISTA ESPÍRITA* — N. E.

⁴⁶ Na primeira edição o título da obra era *IMITAÇÃO DO EVANGELHO*, modificado logo depois nas sucessivas.

certeza de haver nobremente cumprido a gloriosa missão que lhe fora confiada.

Vitimou-o subitamente a rotura de um aneurisma, quando havia completado os preparativos para a nova instalação, a 1º de abril, da Sociedade Espírita, que ele havia remodelado sobre amplas bases, depois de haver planejado a "constituição do Espiritismo", prevendo o seu futuro desenvolvimento.

Com o seu desaparecimento ficou prejudicado esse projeto de organização, que não chegou a ser levado à prática, mesmo porque outro seria o rumo que à doutrina conviria ser impresso e estava indubitavelmente nos desígnios de Deus. Mas, se a Allan Kardec não foi dado assistir ao que acreditava ser o remate de sua colaboração pessoal na obra gigantesca de renovação espiritualista a que dera o primeiro vigoroso impulso, pondo ele contudo, antes de partir, ser testemunha dos consideráveis progressos, em poucos anos, realizados pela doutrina e da excelência dos seus frutos, consoante o assinalara em notáveis discursos proferidos por ocasião de suas excursões de propaganda a importantes cidades da França.

Por que não se limitava ele a presidir tranquilamente às reuniões da Sociedade Espírita de Paris, a publicar as obras doutrinárias, de que fora o sábio codificador, iluminando-as com sua genial e eficiente colaboração, nem a guiar a opinião geral com os escritos na *REVUE SPIRITE*, em que esclarecia todas as dúvidas suscitadas e rebatia todas as objeções, defendendo galhardamente a doutrina dos assaltos de gratuitos adversários: sempre que podia atender às solicitações que, um pouco de todos os lados, lhe eram endereçadas, e lho permitia a multiplicidade de suas ocupações, levava o incitamento de suas palavras esclarecia e austera aos centros culturais de propaganda, que legitimamente o acolhiam com as honras de mestre.

Antes de o referir contudo, apressemo-nos a assinalar um fato de extrema relevância, que entende com o caráter fundamental da Revelação Espírita, em seu objetivo culminante. Meses antes de entregar ao prelo os originais de *O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO*, cujo título e assunto a ninguém revelara, isto é, em agosto de 1863, solicitou ele a opinião de seus Guias espirituais sobre "a obra que tinha em preparo" e obteve a seguinte resposta:

"Esse livro de doutrina cristã terá uma influência considerável. Nela abordas questões capitais, e não somente o mundo religioso há de aí encontrar as máximas que lhe são necessárias, mas a vida prática das nações obterá excelentes instruções.

"Bem fizeste em atacar questões de alta moral prática, sob o ponto de vista do interesse geral, dos interesses sociais e dos religiosos. A dúvida precisa ser destruída; a Terra e sua população civilizada estão preparadas; há longo tempo que os teus amigos do espaço a têm retendo: lança, pois, a semente que te confiamos, porque é tempo de fazer a Terra gravitar na ordem radiante das esferas, para subir da penumbra e das criações puramente intelectuais.

"Acaba a tua obra, conta com a proteção de teu Guia — Guia de todos nós

— e com o abnegado concurso dos mais fiéis Espíritos, em cujo número me podes incluir."

— Que dirá o clero? — redarguiu Allan Kardec:

"Clamará heresia! porque atacas as penas eternas e outros pontos sobre os quais se apoiam a sua influência e o seu crédito. Clamará tanto mais quanto sentir-se-á mais ferido que pelo *LIVRO DOS ESPÍRITOS*, cujos principais dados, em rigor, ele pode aceitar. Agora, porém, vais entrar em nova senda, pela qual não te poderá o clero acompanhar. O anátema secreto se tornará oficial e os espíritas serão, como os judeus e os pagãos, excomungados pela igreja romana. Em compensação verão eles crescer o seu número na medida dessas perseguições, principalmente ao ver-se o clero acusar de demoníaca uma doutrina cuja moralidade fulgirá, como um raio de luz do sol, com a publicação do teu novo livro e dos que se lhe seguirão."

E em seguida, em forma de profecia, o Espírito-guia formulou a definição do caráter e objetivo capital do Espiritismo nestes termos, que ao mesmo tempo encerram a afirmação de sua perpetuidade indestrutível:

"Aproxima-se a hora em que deverás abertamente declarar o que é o Espiritismo e mostrar a todos onde está a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo; aproxima-se a hora em que, à face do Céu e da Terra, deverás proclamar o Espiritismo como a única tradição verdadeiramente crista, a única instituição realmente divina e humana."

Tal é, com efeito, a finalidade suprema da Nova Revelação: restabelecer, em espírito e verdade, os ensinamentos de Jesus, deturpados pela Igreja, e formar para a humanidade, que se transvia há séculos, a consciência de seus destinos segundo os moldes do ideal cristão, renovando em forma generalizada os testemunhos da imortalidade e dando, por conseguinte, àquele ideal uma base de certeza positiva.

Nem doutro modo poderia ser, quando outra moral não há mais elevada e perfeita que a do Cristianismo e quando, na opinião de eminentes pensadores independentes, a religião do Cristo não somente encerra "todos os elementos necessários à vida religiosa da humanidade", sendo "num certo sentido a última e definitiva, da mesma forma que é também a última e definitiva a civilização a que ela corresponde",⁴⁷ mas deve ser ainda considerada "a religião absoluta", segundo Ernesto Renan, que do seguinte modo se exprimiu, depois de recordar a profecia, de Jesus à Samaritana, no sentido de que "a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade":

"No dia, em que pronunciou esta palavra⁴⁸, Ele foi verdadeiramente filho

⁴⁷ Oliveira Martins, *O HELENISMO E A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ*, Introdução, pags. XLII.

⁴⁸ E. Renan, *VIDA DE JESUS*, cap. XIII, "Relações de Jesus com os pagãos e os Samaritanos".

de Deus. Disse, pela primeira vez, a palavra sobre que há de erguer-se o edifício da religião eterna. Fundou o culto puro, sem data, sem pátria, que hão de todas as almas elevadas praticar até a consumação dos tempos. Não somente a sua religião foi, naquele dia, a excelente religião da humanidade, mas a religião absoluta. E se noutros planetas existem habitantes dotados de razão e de moralidade, a religião não pode ser diferente da proclamada por Jesus ao pé do poço de Jacob."

"O homem — comenta ainda — não se lhe ponde conservar fiel; porque o ideal só um fugaz instante pode ser atingido. A palavra de Jesus foi um clarão em noite escura; foram precisos mil e oitocentos anos para que os olhos da humanidade (que digo? de uma parcela infinitamente pequena da humanidade) se lhe habituassem. Mas o clarão se há de tornar plenitude do dia e, depois de haver percorrido todas as esferas do erro, a humanidade será reconduzida, a essa palavra, como à expressão imortal de sua fé e de suas esperanças".

Razão tinha, pois — é oportuno repetir — o abade Lamennais quando vaticinava "uma transformação ou, se o preferirem assim denominar, um novo momento do Cristianismo no selo da humanidade", que ninguém, no seu tempo, seria capaz de prever como se operaria, mas que "sem a menor dúvida havia de operar-se, atribuindo grandes multidões".

Tão certo é que o Cristianismo, pelos caracteres que possui e aí ficam assinalados, encerra os princípios substanciais de todos os desenvolvimentos necessários ao progresso e à indefinita evolução da humanidade. Começando a sua hodierna renascença, verdadeiramente imperceptível, com as esparsas manifestações dos Espíritos, de que nos temos ocupado, tende a iluminar o pensamento humano e presidir ao novo ciclo de civilização que se prepara, em meio aos convulsivos desmoronamentos da hora atual, a que há de suceder como radioso dia. Por isso mesmo não poderia subtrair-se à fatalidade das investidas, mas que nunca, formidáveis do seu adversário de todos os tempos.

Mas não antecipemos.

*

* *

Os progressos iniciais do Espiritismo, como legítimo depositário e desdobramento da Revelação Cristã, foram, ainda em vida de Allan Kardec, acelerados. Na excursão que em 1860 realizou às cidades de Lyon, Sens, Mâcon e Saint-Etienne, o assinalou ele por ocasião do banquete que, a 19 de setembro, na primeira delas lhe foi oferecido.

"Eu sabia perfeitamente — disse ele — que Lyon contava muitos adeptos;

mas estava longe de imaginar que fosse tão considerável o seu número, porque já se não contam por centenas e em poucos tempo, eu o espero, já se não poderão contar mais.

“Se, porém, Lyon — acrescentou — se distingue pelo número, não o faz menos pela qualidade, o que ainda é mais importante. Por toda parte não encontrei senão espíritas sinceros, que compreendeu a doutrina sob seu verdadeiro ponto de vista.

“Ha, meus senhores — acentuou, firmando judiciosa distinção — três categorias de adeptos: os que se limitam a crer na realidade das manifestações e procuram antes de tudo os fenômenos: o Espiritismo é, para eles, simplesmente uma série de fatos mais ou menos interessantes. Vêm depois os que nele reconhecem alguma coisa além em que se desdobra, mas não a praticam; para esses a caridade cristã é uma bela máxima e nada mais. Os terceiros, finalmente, não se contentam com admirar a moral, praticam-na e aceitam as suas consequências. Convencidos de que a existência terrestre é uma prova transitória, esforçam-se em aproveitar esses curtos instantes para caminhar na senda do progresso em que lhes indicam os Espíritos, empenhando-se em praticar o bem e reprimir as más tendências de que se não tenham ainda libertado; seu trato pessoal é sempre digno de confiança, porque as suas convicções se afastam de todo pensamento malévolos; a caridade é, em toda circunstância, a sua norma de proceder. São esses os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos.”

Um ano depois, dando conta de nova excursão à mesma cidade, tinha Allan Kardec ensejo de confirmar as suas anteriores previsões.

“Com efeito — dizia ele — não é mais por centenas que aí se contam os espíritas, é por milhares ou, por melhor dizer, já se não contam e o pode calcular-se que, seguindo a mesma progressão, dentro de um ou dois anos, excederão de trinta mil. O Espiritismo aí tem adquirido adeptos em todas as classes, mas é sobretudo na classe operaria que se tem propagado com a maior rapidez, e não é isso de admirar: sendo essa classe a que mais sofre, volta-se para o lado em que concentra maior consolação.” E, mais adiante, insiste: “Muito é sem dúvida que se multipliquem os adeptos; de maior valor, porém, que o número é a qualidade. Pois bem, é com satisfação que alto e bom som o declaramos: não vimos em parte alguma reuniões espíritas mais edificantes que as dos operários lioneses, quanto á ordem, ao recolhimento e atenção que prestam às instruções de seus Guias espirituais. Há homens, velhos, senhoras, moços e até crianças, cuja atitude respeitosa contrasta com a sua idade; nunca um único perturbou um só instante o silêncio das nossas reuniões, muitas vezes longas; pareciam quase tão ávidos como seus pais em recolher as nossas palavras.

“Não é tudo ainda: o número das metamorfoses morais é entre os

operários, quase tão grande como o dos adeptos: hábitos viciosos reformados, paixões acalmadas, ódios apaziguados, tranquilidade restituída nos lares, numa palavra, as mais legítimas virtudes cristãs, desenvolvidas, tudo isso pela confiança, doravante inabalável, que pelas comunicações espíritas lhes são incutidas, no futuro em que dantes não acreditavam. É uma felicidade para eles assistirem a essas instruções, que os fortalecem contra a adversidade. Muitos chegam a palmilhar mais de uma légua, em qualquer tempo, de verão ou de inverno, tudo arrostando para não faltarem a uma sessão: é que neles não há uma fé vulgar, mas a fé baseada em convicção profunda, raciocinada e não cega."

Não foi somente em Lyon, ou noutras cidades da França, mas em todos os países do mundo, em que penetrou com suas consoladoras afirmações, que a divulgação do Espiritismo se caracterizou, logo de começo, pela multiplicação dos adeptos e sobretudo por acentuados benefícios morais, as próprias hostilidades de que foi objeto por parte do clero servindo para despertar sobre ele a atenção pública e motivar numerosas adesões, como sucedeu, por exemplo, em Barcelona, a propósito do auto de fé aí consumado em 1861, constituindo o primeiro embate ostensivo dos Espíritos de trevas, na fase atual, contra a luz trazida ao mundo pela Nova Revelação. Já não podendo lançar corpos humanos à fogueira, como sucedia nos primeiros tempos do Cristianismo e mesmo séculos mais tarde, o inimigo, manejando os instrumentos dóceis a sua disposição no seio da igreja romana, teve de contentar-se com algumas poucas centenas de exemplares de publicações espíritas.

O fato, por sua significação e consequências, é digo de registro.

A pedido de Mauricio Lachâtre, o conhecido autor da *HISTÓRIA DOS PAPAS*, que se achava estabelecido com livraria em Barcelona e mantinha com Allan Kardec excelentes relações e comunhão de ideias, enviou-lhe este cerca de trezentos exemplares de livros e folhetos destinados à venda e simultânea propaganda da nova filosofia. Cobrados pelos agentes do fisco espanhol os direitos aduaneiros dos volumes, que eram acompanhados da declaração, em devida forma, do seu conteúdo, o bispo de Barcelona, entretanto, opôs-se à sua entrega e, sob pretexto de que os livros em questão eram "perniciosos à fé católica", fez confiscar a expedição pelo Santo Ofício.

Informado do incidente, Allan Kardec ainda tentou, posto que inutilmente, obter a devolução dos volumes, uma vez que os não queriam entregar ao seu destinatário. Mas o mitrado representante da cúria não o consentiu, alegando que "a igreja católica é universal" e "sendo tais livros contrários à fé católica, não podia o governo consentir que fossem eles perverter a moral e a religião nos outros países".

Uma ação diplomática poderia ser intentada, a requisição de Allan Kardec, para induzir o governo espanhol a devolver as obras incriminadas. A conselho dos Espíritos, porém, e como de maior vantagem para a propagando do Espiritismo, foi

preferido o alvitre de "deixar a ignomínia seguir o seu curso".

Realizou-se, pois, o auto de fé, consoante o processo verbal, reproduzido, como documento histórico, na *BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC*⁴⁹ e assim redigido:

"Aos nove dias de outubro de 1861, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona e no lugar em que são executados os criminosos condenados à pena última, por ordem do bispo desta cidade foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo, a saber".

(Segue-se a discriminação das obras e folhetos, inclusive a *REVISTA ESPÍRITA* e outras).

"Assistiram ao auto de fé:

"Um padre revestido dos hábitos sacerdotais, trazendo numa das mãos a cruz e na outra uma tocha;

"Um tabelião encarregado de redigir o processo verbal do auto de fé;

"O escrevente do tabelião;

"Um empregado superior da administração das alfândegas;

"Três serventes da alfândega, encarregados de alimentar o fogo;

"Um guarda, da alfândega, representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo".

Incalculável multidão se aglomerava nos passeios e cobria a esplanada, em que ardia a fogueira.

"Quando o fogo acabou de consumir os trezentos volumes e brochuras espíritas — refere o narrador da lúgubre cerimônia — o padre e seus ajudantes se retiraram cobertos pelos apupos e maldições dos numerosos assistentes, que bradavam: 'abaixo a inquisição!'

"Em seguida muitas pessoas se aproximaram da fogueira e apanharam cinzas".

O efeito dessa manobra reacionária foi contraproducente, pois que muitas pessoas, que ignoravam a existência do Espiritismo como doutrina organizada, procuraram obter esclarecimentos, desenvolveu-se ativa procura das obras tão ostentadamente condenadas pela igreja romana, e em poucos anos Barcelona tornou-se um centro cultural da Nova Revelação, pela adesão de numerosos pensadores, sendo aí que pela primeira vez se reuniu, em 1888, um Congresso Espírita internacional, que trouxe à propaganda considerável impulso, irradiado em todos os países de língua castelhana. A nota, por excelência, comovedora desse Congresso consistiu na representação endereçada pelos presidiários de Tarragona, em a qual as pobres vítimas do abandono social, confessando o seu arrependimento e dando

⁴⁹ Henri Sausse, "Discurso pronunciado em Lyon, a 31 de março de 1896".

testemunho do conforto que haviam encontrado nos regeneradores ensinamentos do Espiritismo, declaravam que, se o houvessem mais cedo conhecido, não se teriam deixado arrastar pelos resvaladouro do crime.

A série dos Congressos Espíritas foi prosseguida em 1889 pelo de Paris, por ocasião da exposição universal que aí se realizou, seguindo-se o de Londres em 1898, a que sucedeu o de 1900, novamente em Paris, além de outros posteriores.

Nessas grandes assembleias, a que ocorriam delegados dos mais adiantados países da Europa e da América, representando numerosas sociedades e alguns milhões de adeptos, a ideia espírita afirmava uma vitalidade que parecia assegurar-lhes, em poucos anos, o amplo domínio das inteligências e dos corações em todo o mundo, com repercussão no melhoramento dos costumes e na modificação do próprio estado social. Adiante veremos porque assim não tem acontecido.

De tal modo, entretanto, parecia estarem no plano espiritual, ainda ao tempo de Allan Kardec, preparados os elementos para uma rápida e vitoriosa implantação do Espiritismo, que uma das Entidades daquele plano, modestamente oculta na assinatura "Um Espírito", formulou em tal sentido os mais animadores vaticínios em um ditado, recebido em Lyon a 30 de janeiro de 1866 e mais tarde publicado nas *OBRAS PÓSTUMAS*, os quais, por exprimirem confiante expectativa, cuja oportunidade não desapareceu, julgamos instrutivo aqui reproduzir.

"A Terra estremece de alegria: aproxima-se o dia do Senhor! Todos quantos vivem aqui nas alturas disputam lugar na liça. Já os Espíritos de alguns encarnados sacodem o corpo, a ver se o deixam; a carne, interdita, não sabe o que pensar; ignorado fogo a abrasa. Serão libertados, porque são chegados os tempos: uma eternidade está quase a expirar; uma eternidade gloriosa está quase despontando, e Deus conta o numero de seus filhos. O reinado do ouro dará lugar a outro mais puro; o pensamento será em breve soberano, e os Espíritos de escol, que têm iluminado o mundo em remotas eras, voltam a encarnar entre vós. Que digo? Muitos já estão encarnados. A sua palavra, repassada de sabedoria, vai ser a chama destruidora dos velhos abusos.

"Que de preconceitos antigos vão rolar por terra, quando o Espírito, como espada de dois gumes, vier' arrancá-los pela raiz! Sim, os Soldados do progresso humano têm deixado em suas radiantes habitações outros grandes trabalhos, em que a felicidade se associa ao prazer de instruir-se, todos para retomar o bastão de peregrinos, que haviam deposto no limiar do templo da ciência; e, dos quatro pontos cardeais do globo, muito breve os maiores sábios hão de ouvir, com espanto, a moços imberbes que virão, em linguagem profunda, retocar argumentos que eles supunham irrefutáveis.

"O sorriso de zombaria não será mais um escudo de valor e, sob pena de degradação, ninguém poderá eximir-se de responder. Então o círculo vicioso, em que se encerram os mestres de balufas filosóficas, será invadido e exposto, porque os novos campeões trazem consigo não somente um facho, que é a

inteligência desembaraçada do pesado véu, senão que muitos dentre eles gozarão desse estado particular, apanágio das grandes almas, como Jesus, que confere o poder de curar e fazer maravilhas, reputadas como milagres.

"Diante de fatos materiais, em que o Espírito se revela tão superior, como negá-los? O materialista é suplantado no raciocínio por mais eloquente verbo e, no terreno prático, por fatos evidentes, positivos e averiguados por todos, porque os novos S. Thomé, grandes ou pequenos, poderão tocá-los com o dedo.

"Sim, o velho mundo se esboroa por todos os lados, vai acabar, e com ele todos os dogmas caducos, que apenas brilham pelo dourado com que são galvanizadas.

"Valentes Espíritos, compete-vos a missão de destruir essa casca de ouro falso. Fugi, vós que ainda alimentais a estulta pretensão de sustentar o ídolo que, aluído em seus fundamentos, vai cair por terra, arrastando-vos na queda. Fugi, vós que negais o progresso, fugi com as vossas crenças de outros tempos. Porque negais o progresso e, entretanto, quereis bani-lo? É que só quereis primar, primar ainda e sempre, e por isso condensastes o pensamento em artigos de fé, que dizem à humanidade: 'Tu serás eternamente criança e nós, que recebemos a iluminação do céu, somos encarregados de guiar-te'.

"Tendes, entretanto, ficado com as faixas da criança nas mãos e, vendo-a saltar, negais que possa andar sozinha. Será batendo com as faixas que lhe provareis a força de vossos argumentos? Não, e bem o sabeis; mas é tão agradável dizer-se infalível e pensar que os outros acreditam nessa infalibilidade, em que sois os primeiros a não crer!

"Ah, que de gemidos encham o santuário! Aí se ouvem dolorosos soluços. Que podereis dizer, pobres obstinados? Que a mão de Deus pesa sobre a sua Igreja? Que por toda parte a imprensa livre vos ataca e destrói os vossos argumentos? Onde o novo Crisóstomo para pulverizar esse dilúvio de argumentadores? Em vão o esperareis. Nada mais podem o vigor e a eloquência de vossa pena. Ela se obstina em esgaravatar o passado, que se funde, quando a nova geração, em seu impulso irresistível para a frente, brada: abaixo o passado! O futuro é nosso! Uma nova aurora surge e é para ela que convergem todas as nossas aspirações.

"Avante! diz; abri passagem, que nossos irmãos nos acompanham; segui a onda que nos arrebatá. Nós temos necessidade do movimento, que é Vida, ao passo que vós representais a imobilidade, que é a morte.

"Cavai fossos e catacumbas e regalai a vista com essas relíquias de um passado que se extinguiu. Os santos mártires não deram o seu sangue para manterem a imobilidade; eles previram a era atual e atiraram-se para a morte, como o caminho que os devia concluir a esta época.

"Cada época tem seu gênio. Nós queremos atirar-nos à vida, porque os séculos futuros, que se nos entremostam, têm horror à morte.

"Eis aí, meus amigos, o que vão fazer compreender os Espíritos que presentemente se encarnam. Este século não findará sem que inúmeros

destruções cubram o solo. A guerra mortífera e fratricida cederá o posto à discussão, o espírito substituirá a força bruta. E depois que essas almas generosas tiverem combatido, voltarão para o mundo espiritual, a receberem a coroa de vencedor.

"Eis o fim, meus amigos. Os combatentes são muito aguerridos para que se duvido do sucesso. Deus escolheu a flor deles e a vitória está garantida à humanidade. Exultai, todos vós que espirais à felicidade e quereis que vossos irmãos a compartilhem: o dia é chegado. A terra palpita de alegria, porque vai assistir ao começo do reino de paz, prometido pelo Cristo, o divino Messias, reino cujos fundamentos ele veio assentar".

*

* *

Mais de sessenta anos decorridos desse altiloquente ditado, verdadeiro hino de vitória entoado à causa do Bem e da Verdade, que o Espiritismo esposa, longe de haverem confirmado, parece desmentirem as afirmações proféticas do seu autor. Teria ele intencionalmente ludibriado a expectativa daqueles a cujo conhecimento, no presente de então e no futuro, fora destinado, sendo em tal caso, simples mistificação, ou ter-se-ia apenas equivocado em relação ao tempo?

Embora o não tivesse Allan Kardec publicado⁵⁰, o fato de o haver conservado entre os seus papeis, vindo a ser inserto em suas *OBRAS PÓSTUMAS*, demonstra o apreço que lhe merecem esse ditado, devendo ser, portanto, aquela última hipótese a admissível para explicar a não realização dos alviçareiros vaticínios. Semelhante erro de cálculo, ao demais, não surpreende, sabido que para o Espírito não existe o tempo, tal como, pelo menos, o contamos, subdividido em anos, meses e dias: existem acontecimentos, que se vão desdobrando em sucessão indefinida. Há, todavia, no ditado afirmações categóricas eu escapam a essa razoável interpretação, como a de já se acharem, naquele momento, encarnados muitos Espíritos da nova geração, incumbidos da grande obra de transformação religiosa. Se assim realmente sucedera e da parte do autor do ditado não houve possível equívoco otimista, antecipando como realidade objetiva, que se lhe afigurava, o que ainda permaneceria no estado de preparativos à espera de oportunidade que uma dilatada visão aberrativa interpretava como próxima, para ser levado à prática, forçoso será concluirmos que a ação de tais Espíritos escolhidos tão formidáveis e inesperados obstáculos teria encontrado no ambiente humano que não chegou a exercer-se, pelo menos com a amplitude e eficiência anunciadas. Intrépidos pioneiros e vulgarizadores, sem dúvida, surgiram depois de Allan Kardec, anunciando a Boa Nova e contribuindo para o rápido florescimento do Espiritismo no último quartel do século passado; mas a sua

⁵⁰ Ignoramos se o teria feito na *REVISTA ESPÍRITA*, cujas coleções não possuímos.

voz não tardou em ser abafada pouco a pouco no tumulto dos acontecimentos mundanos.

E assim teria que forçosamente acontecer. Para demolir a espessa crosta de incredulidade que envolvia e ainda envolve as sociedades utilitárias do ocidente, não bastaria a palavra, por maior eloquência de que se revestisse, de inspirados pregadores: seriam necessários profundos abalos na estrutura político-social, com repercussão na esfera religiosa, tais como, até certo ponto, se vêm operando a partir da conflagração mundial de 1914, seguidos de calamidades nos próprios elementos físicos do globo desencadeadas, em que a impotência e fragilidade do homem se patenteiam, induzindo-o a refugiar-se num Poder mais alto que a sua orgulhosa indiferença. A fase que o mundo vem atravessando, preparatória e dolorosa, é de inevitáveis e necessários desmoronamentos, a fim de que sobre os escombros das velhas sociedades estruturadas no egoísmo possa mais tarde erguer-se a nova ordem social, inspirada nos ideais humanitários e fraternistas do Cristianismo renovado. Antes que venha a estabelecer-se definitivamente e que, portanto, se realizem os vaticínios formulados no ditado que reproduzimos, tremendas lutas hão de ainda ser travadas, mesmo porque o grande inimigo da humanidade, que a tem sistematicamente, através os tempos, transviado dos caminhos do Senhor, não renunciará, sem desesperadas resistências, ao predomínio sobre ela conquistado.

O Espiritismo, que arvora em seu estandarte o lema universalista e impessoal "Fora da Caridade não há salvação", em oposição às pretensões exclusivistas da Igreja em tal sentido, ainda não teve, mas terá provavelmente, como o Cristianismo nos primeiros gloriosos tempos, a sua idade heroica e os seus mártires. Contra os seus adeptos erguer-se-á, em híbrido conúbio, a coligação dos interesses mundanos representados nos dois adversários até pouco irreconciliáveis: a ciência materialista e o clero identicamente cético, ambos apoiados na força material e política do Estado.

O primeiro embate ostensivo, a que aludimos, dos Espíritos de trevas, expresso no aparatoso auto de fé de Barcelona, foi apenas uma escaramuça, cujos efeitos contraproducentes valeram sem dúvida por uma advertência à mudança de tática. Sem de todo renunciar à crítica malévola e caluniosa, mediante sugestão exercida, de modo geral, sobre aquelas duas classes, o Anticristo, Senhor das inteligências, como o temos demonstrado, entrou a operar, com a mesma tenacidade e êxito semelhante ao obtido no transviamento da Igreja, sobre a família espírita, umas vezes suscitando escândalos e males resultantes de inconsideradas práticas, outras fomentando rivalidades e discórdias entre os crentes, de tal sorte que a uma fase inicial de grande entusiasmo e apreciáveis frutos, de ordem moral principalmente, obtidos em as novas comunidades, tal como foi, em seu tempo, observado por Allan Kardec, tem por toda parte sucedido a tibieza, a dispersão dos adeptos, a esterilidade.

A exposição analítica dessa dupla fase, o exame demonstrativo do seu determinismo oculto e, por fim, a indicação dos meios adequados a um largo

movimento de coesão, que neutralize as forças dispersivas em ação contra a obra do Senhor, é o que vai fazer objeto dos capítulos seguintes.

II

O Espiritismo, como um vasto movimento de ideias, espreado nos dois hemisférios, representa o Consolador, prometido pelo Cristo, que vem restabelecer todas as verdades. - Como tem sido praticada a doutrina e compreendido o seu objetivo. - A propaganda no Brasil. - Do Grupo Confúcio à Federação Espírita Brasileira. - Momentâneo apogeu.

Cumpra insistir nesta verdade: o Espiritismo não é o produto da ideia preconcebida de um homem, do mesmo modo que o não é a própria interpretação dos fenômenos que lhe deram origem. Vimos, ao descrever a ocorrência dos que assinalaram a sua fase inicial na América do Norte, que nem mesmo os seus primeiros observadores, constrangidos a testemunhá-los, tiveram o pensamento original de os atribuir a Espíritos: foi a própria entidade oculta, autora das manifestações, quem como tal se deu a conhecer.

Por seu lado Allan Kardec, observando os fenômenos com a serenidade e rigor do espírito científico, de que era dotado, e notando o cunho intelectual das respostas dadas às perguntas formuladas, se tomou como ponto de partida para a orientação de suas pesquisas o postulado, que ele mesmo estabelecera: “todo efeito tem uma causa; todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente”, não pretendeu contudo afirmar aprioristicamente que fossem as almas, ou Espíritos desencarnados, que se comunicassem por meio das mesas giratórias. A certeza desse fato resultou para ele de acurada e meticulosa observação. Mas, ao mesmo tempo em que a adquiria, pôde reconhecer que o Espírito ou inteligência do médium não era completamente estranho às manifestações, daí resultando inconscientes e involuntárias interferências que, obscurecendo com relativa frequência a nitidez do ditado e alterando a autenticidade do pensamento transmitido, exigem, para serem discernidas, extrema perspicácia e um espírito analítico de que nem todos os observadores são dotados.

A esse respeito, entretanto, a situação em que foi colocado Allan Kardec pode considerar-se excepcional: investido, sem que por muito tempo o suspeitasse, da missão, verdadeiramente providencial, de reunir em sólida estrutura os materiais doutrinários constitutivos da Nova Revelação, é indubitável que uma assistência espiritual de ordem superior presidia aos seus trabalhos e velava por que, se não a forma, que é mínima importância, o conteúdo substancial dos ensinamentos fosse respeitado em sua veracidade, ao abrigo de deturpações mediúnicas involuntárias. Mesmo assim, ao estudioso arguto o exame analítico da sua obra revelará lacunas e deficiências explicativas de certos fatos que, sem prejudicar a majestosa harmonia do conjunto, permanecerão todavia como testemunho da colaboração inconsciente — insistimos no qualificativo — da inteligência quando não, muitas vezes, do subconsciente mediúnico.

O reparo não deve surpreender, quando o próprio codificador dos ensinamentos dos Espíritos, que jamais pretendeu dogmatizar, colocando-se ao contrário no sensato ponto de vista da relatividade de todos os conhecimentos humanos e até das revelações divinas transmitidas à humanidade, mas ao mesmo tempo certo de que o Espiritismo, pelos seus métodos de pesquisa da Verdade, constitui uma fonte de incessantes esclarecimentos progressivos, formulou esta sentença: "O Espiritismo, caminhando com a ciência, jamais será suplantado. Se lhe demonstrarem que está errado num ponto, ele se modificará, nesse ponto; se uma verdade nova surgir, a aceitará."

Nesse caráter progressivo da Nova Revelação, complementar da messiânica, pelo fato de a colocar ao abrigo de exclusivismos e de imobilizações dogmáticas, é que reside a segurança de sua perpetuidade. Nem doutro modo poderia ser, uma vez que representa ela — a revelação espírita — o cumprimento da promessa feita por Jesus aos seus discípulos. "Se me amais — dizia Ele, na memorável Ceia — guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco: o Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque o não vê nem o conhece; mas vós o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará em vós". E Pouco adiante: "Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito". E por último: "Eu tenho ainda muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora. Quando, porém, vier aquele Espírito da Verdade, ele vos ensinará todas as verdades, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos ha de anunciar as coisas que estão para vir" (JOÃO, 14: 15-17 e 26; e 16: 12-13).

Promessa de tão grande latitude, e claro que se não deve entender no sentido restritivo de endereçar-se unicamente aos contemporâneos seus ouvintes, mas, através os tempos, a quantos recebessem a sua palavra e se houvessem tornado aptos, consoante os progressos individuais e coletivos realizados, a conhecer

verdades mais completas, que o Mestre julgava então inoportunas.

Se, com efeito, os discípulos, sobre cujo entendimento a presença visível de Jesus exercia influência iluminadora, não podiam suportar aquelas verdades, que por isso fariam objeto dos futuros ensinamentos do Consolador, pode-lo-iam quarenta dias mais tarde, como o pretendem os detentores imobilistas da sua doutrina?

Sem dúvida, por ocasião da imponente efusão espiritual do Pentecostes tornaram-se os apóstolos, com os dons dessa natureza que lhes foram mediunicamente desenvolvidos, verdadeiramente iluminados, integrando-se na consciência de seu excelso ministério, para cujo exercício contudo essa iluminação não podia nem tinha necessidade de ultrapassar os limites da capacidade cognitiva do seu tempo. Só o futuro, mercê dos progressos científicos que as tornassem receptivas pela humanidade, poderia permitir a explicação de verdades como, por exemplo, a contida neste ensinamento do Senhor: “Na casa de meu Pai ha muitas moradas; se assim não fosse, eu vo-lo teria dito”, alusão indubitavelmente feita à pluralidade de mundos habitados, que são as sucessivas estâncias em que se efetua complementarmente a evolução humana, mas que não poderiam como tais ser entendidos senão á luz dos conhecimentos astronômicos somente séculos mais tarde adquiridos.

Razoável é, portanto, admitir-se, consoante à progressividade das Revelações, que não somente essa, mas outras verdades que o Divino Mestre nem sequer enunciava sob o vão da alegoria, permanecendo nos arcanos do seu pensamento⁵¹, seriam num futuro distante comunicadas aos homens pelo Consolador, ou Espírito de Verdade, que o Pai enviaria em seu nome, quando o permitisse a elevação de nível geral da evolução e sobretudo, num sentido semelhante, quando uma profunda crise de crescimento espiritual o exigisse, para restabelecer os divinos ensinamentos deturpados pelos seus infíéis depositários e para recordar, conseqüentemente, o que o Mestre dissera e havia sido esquecido pelos homens.

Antes; que essa crise atingisse o grau de intensidade e extensão que em nossos dias se observa, caracterizada pela subversão de todos os valores consagrados e um anseio geral de melhoramentos de toda ordem, que nem a ciência, nem especulações filosóficas, nem as religiões existentes, em suas formas obsoletas, são capazes de satisfazer, os Espíritos do Senhor, "que são as virtudes do Céu", foram postos em atividade e, anunciando o Consolador, prepararam com antecedência de mais de meio século o seu então próximo advento.

Sob a suprema direção do Cristo, auxiliado por essas excelsas Entidades, é que, portanto, se multiplicaram de modo generalizado e intencional os fenômenos demonstrativos da sobrevivência e imortalidade da alma humana, base positiva da

⁵¹ "Se quando eu vos tenho falado nas coisas terrenas — dizia Ele a Nicodemos, referindo-se à reencarnação, cujas necessidades acabava de lhe afirmar, para entrar-se no "reino de Deus" — ainda assim não me credes, como me credeis vós, se eu vos falar nas celestiais?" (JOÃO, 3: 12).

Revelação, e em seguida foram transmitidos os ensinamentos, de cuja centralizadora coordenação se viu incumbido Allan Kardec, ao mesmo tempo em que faziam também objeto de revelações, que devem ser consideradas subsidiárias, na América do Norte, como o referimos no anterior capítulo, as quais, todavia, não lograram a mesma aceitação nem vieram a adquirir o cunho de irradiação mundial da doutrina codificada pelo missionário francês, circunscrita que permaneceu a sua repercussão, naquela parte do continente americano, a um limitado número de adeptos.

Nem aos desígnios providenciais corresponderia certamente um paralelismo doutrinário dessa natureza, duplamente sistematizado, quando a codificação kardeciana, por seus caracteres fundamentais e objetivo culminante, abrangendo integralmente os problema psicológicos postos em equação no pensamento contemporâneo e resolvendo-os do modo mais satisfatório, encerra tudo quanto é necessário para encaminhar a humanidade no novo ciclo de civilização que é chamada a percorrer.

O Espiritismo, como um vasto movimento de ideias espreado nos dois hemisférios, apresente, sim, um interessante paralelismo, sem o menor cunho, todavia, de rivalidade, antes no sentido de uma fecunda cooperação, que pode ser assim definido: de um lado, cientistas de renome, ao começo incrédulos acerca da mesma possibilidade dos fenômenos, solicitados pelo ruído em torno destes produzido, tanto que se resolveram a empreender a sua pesquisa, terminaram por confessar lealmente a sua realidade, chegando uns, menos embaraçados em preconceitos de escola ou tradição particular, a adotar, para a sua explicação, teoria espírita, com todas as suas fecundas consequências de ordem moral e filosófica, enquanto outros se detinham nas fronteiras da mera fenomenologia e proclamavam com idêntico desassombro a sua indiscutível evidência, constituindo o que pode denominar-se a corrente científica da doutrina e prometendo continuar as investigações, de cuja importância assim davam testemunho; de outro lado a corrente popular, não apenas composta, como o poderia parecer, de pessoas incultas, mas contando representantes de todas as esferas, desde obscuros filhos do povo às mais esclarecidas mentalidades, versadas em todas as províncias do saber, se desdobrava no sentido não somente de cultivar os preceitos doutrinários, mas de promover a sua difusão pela palavra escrita e falada, organizando para isso agremiações e fundando revistas e jornais de propaganda, a exemplo do que fizera Allan Kardec, de cujo apostolado se tornaram, em grande ou pequena escala, os continuadores.

Dentre os representantes da primeira dessas correntes, em sua dupla modalidade, tivemos ocasião de reunir, noutra lugar⁵², algumas figuras de excepcional relevo, cujos depoimentos é oportuno aqui reproduzir, a título

⁵² Ver *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 1º, cap. III, pag. 65 e seguintes.

ilustrativo, dispensando-nos de acrescentar outros mais recentes, que de pouco poderiam aumentar o seu valor probatório, não sendo esse agora, ao demais, o nosso objetivo.

O professor J. Hyslop, da Universidade de Columbia — recordávamos então — observando os fatos que se produziam com o concurso da notável médium Sra. Piper, ao fim de uma longa série de experiências, tornou-se um convertido. Levava, ao começo, o excesso de precaução de conservar-se incógnito ao ponto de se apresentar nas sessões do doutor Hodgson com uma máscara ao rosto, afim de não saber a médium quem era o interlocutor. Tais foram, porém, as provas de identidade que obteve de Espíritos seus conhecidos, entre eles de seu próprio pai, que com este chegou por fim a conversar desembaraçadamente, por aquela médium, “com tanta facilidade como se estivesse vivo”.

A seu turno, o próprio doutor Richard Hodgson, vice-presidente da Sociedade de Investigações Psíquicas (secção americana), cognominado, por sua sagacidade em desmascarar médiuns, “o caçador de fraudes” (*fraud Hunter*), chegou em tais experiências ao seguinte resultado:

"Há doze anos — disse ele — que estudo a mediunidade a Sra. Piper. Ao começo eu só queria nela descobrir a fraude. Entrei em sua casa, profundamente materialista, com o intuito de a desmascarar. Hoje digo simplesmente: eu creio!... A demonstração me foi feita do modo a excluir a possibilidade sequer da menor dúvida".

Não menos concludente é o testemunho do Sr. Oliver Lodge, o ilustre reitor da Universidade de Brimingham e membro da Sociedade Real de Londres, que em reunião especial da aludida Sociedade de Investigações Psíquicas, a 30 de janeiro de 1908, comunicando o resultado de observações, feitas com outros colegas, mediante o concurso mediúnico das Sras. Piper e Verrall, afirmava a convicção de haver conversado com os Espíritos de membros desencarnados daquela associação, como Frederic H. Myers, Edmond Gurney e outros, acentuando:

"Vemo-los responder às diversas perguntas de modo característico e próprio de suas personalidades. Exigimos severas provas, tão difíceis de imaginar como de obter. Comunicações cruzadas (*cross-correspondece*), isto é, parte por um médium e parte por outro, foram obtidas, não podendo nenhuma dessas partes por si só, separadamente, ser compreendida pelo médium. Isto nos parece provar que a mesma inteligência dirigiu os diversos médiuns, e a linguagem característica do falecido parece me provar suficientemente a continuação da atividade intelectual daquele individuo. Se, além disso, nós obtemos dele um trecho de critica literária no seu estilo peculiar, então a prova, já convincente, se torna esmagadora".

Ao lado do nome ilustre de Oliver Lodge deve ser imediatamente colocado o de William Crookes, a quem se deve, entre outras, a descoberta do quarto estado da matéria, ou "estado radiante", precursor, nesse domínio, de Röntgen e Curie, e que, tendo empreendido em sua própria casa, com a jovem médium Srta. Florence Cook, uma série de experiências, que o levaram a comprovar desde o movimento de objetos sem contato e a passagem da matéria através da matéria até a materialização completa do Espírito de Katie King, por ele submetido a várias provas, inclusive a de fotografia, assim se exprimiu no relatório que de tais experiências publicou no *QUARTERLY JOURNAL OF SCIENCE* de janeiro de 1874:

“Há quatro anos tive a intenção de consagrar um ou dois meses apenas ao trabalho de me certificar se certos fatos maravilhosos, de que ouvira falar, poderiam resistir à prova de um exame rigoroso. Mas, tendo logo chegado a mesma à conclusão, como todo pesquisador imparcial, isto é, de que 'ali havia alguma coisa', não podia mais eu, estudante das leis da natureza, me recusar a prosseguir essas investigações, qualquer que fosse o ponto a que elas me pudessem conduzir; Foi assim que alguns meses se tornaram em alguns anos e, se eu pudesse dispor de todo o meu tempo, é provável que ainda continuasse tais pesquisas”.

Nova referência fez ele ao assunto, em setembro de 1838, no discurso “proferido perante o Congresso da Associação Britânica, desfazendo o boato, que adversários gratuitos do Espiritualismo propalavam, de se haver ele retratado de suas afirmações, nestes termos:

“Trinta anos se passaram, depois que publiquei as atas das experiências tendentes a mostrar que, fora dos nossos conhecimentos científicos, existe uma força posta em atividade por uma, inteligência diversa da inteligência comum a todos os mortais. Nada, tenho que retratar dessas experiências e mantenho as minhas verificações já publicadas, podendo mesmo a elas acrescentar ainda muita coisa.”

O grande naturalista inglês Alfredo Russell Wallace, digno emulo de Darwin nas pesquisas sobre *A ORIGEM DAS ESPÉCIES*, foi ainda mais longe que William Crookes em suas conclusões. Em sua obra *MIRACLES AND MODERN SPIRITUALISM*, publicada ao fim e como resultado de muitos anos de investigações, fez intrepidamente a sua profissão de fé espírita confessando:

"Eu era tão convicto materialista que não admitia absolutamente a existência espiritual nem qualquer outro agente do universo além da força e a matéria. Os fatos, entretanto, são coisas pertinazes.

"A minha curiosidade foi primeiramente despertada por alguns fenômenos ligeiros, mas inexplicáveis, que se produziam no seio de uma

família amiga; o desejo de saber e o amor à verdade me induziram a prosseguir as investigações.

"Os fatos se tornaram cada vez mais positivos, mais variados, cada vez mais distanciados de tudo quanto a ciência moderna ensina e de todas as especulações filosóficas de nossos dias e venceram-me afinal. Eles me forçaram a aceitá-los como *fatos*; muito antes de admitir eu a sua explicação espiritual — não havia a esse tempo, em meu cérebro, lugar para essa concepção; — pouco a pouco o lugar se fez, não por opiniões preconcebidas ou teóricas, mas pela ação contínua de fatos sobre fatos, dos quais ninguém se poderia desembaraçar 'doutra maneira'."

A sólida convicção desse modo adquirida, a poder de provas documentais, conferia-lhe a suficiente autoridade para afirmar, em outra circunstância: "O Espiritismo está tão bem demonstrado como a lei de gravitação".

Da ação transfiguradora do Espiritismo, em sua projeção na consciência dos que a professam, dá ainda ele testemunho nesta confissão:

"Desde que me tornei espírita, sinto que meu caráter melhora dia a dia".

A esses grandes vultos de cientistas americanos e ingleses convém juntar o de Cesar Lombroso, o afamado criminalista italiano que, refratário a toda ideia de "pensamento sem cérebro" como bom materialista que era, tendo chegado em sua obra *PAZZI ED ANOMALI* a insultar os espíritas, depois de repetidas experiências com a médium Eusapia Paladino, iniciadas com os seus colegas Tamburini, Virgilio, Bianchi e Vizzioli, psiquiatras como ele, e a convite do infatigável apóstolo Ercole Chiaia, terminou rendendo-se não somente à evidência dos fatos, mas à persuasão irresistível da doutrina. Ao desencarnar, em 19 de outubro de 1909, deixava no prelo sua derradeira obra, *RICHERCHI SUL FENOMENI IPNOTICI E SPIRITICI*, em que fez resolutamente profissão de fé espírita.

Do mesmo modo que a Inglaterra e a Itália, também a Alemanha forneceu alguns eminentes cientistas à vanguarda dos pesquisadores do Espiritismo, como os professores Zöllner, Friese, Weber, Fechner e Ulrich, em cuja companhia, por parte da Rússia, não ficaria obscurecida a figura de Alexandre Aksakof que, sem ser consagrado cientista, produziu contudo, em sua obra *ANIMISMO E ESPIRITISMO*, como replica à do Dr. Ed. von Hartmann, sob a última denominação, um "ensaio de exame crítico", que é o mais completo estudo e classificação, que se conhece, dos fenômenos mediúnicos no ponto de vista científico, robustecido das mais convincentes provas.

A França, que teve a glória de possuir Allan Kardec, se não contribuiu com um maior número de cientistas de mundial renome, que trouxessem ao Espiritismo fenomenal o testemunho da sua imparcialidade, pode em todo caso apresentar, além de Camille Flammarion, essa figura de consagrado relevo, que é o professor Charles Richet, mesmo com os seus escrúpulos e hesitações, com o seu exagerado pudor

científico, escravo do preconceito, tão vivaz, em sua pátria, os quais, se o impediram até agora de uma desassomburada aceitação da teoria espírita, nem por isso deixam de revelar nas próprias evasivas do seu *TRATADO DE METAPSÍQUICA* a irresistível atração que sobre ele exercem os perturbadores fenômenos, cuja importância reconhece, classificando-os embora sob rebuscada denominação que, de resto, lhes não altera a essência nem muda a natureza do agente produtor.

*

* *

Em compensação, o que denominamos a corrente popular, seguindo, na França, o exemplo do grande missionário da codificação, conseguiu aliciar algumas inteligências de escol, como, entre outros, os doutores Paul Gibier e Gustavo Geley, Gabriel Delanne e Léon Denis, estes propagandistas indefessos, para sustentar durante muitos anos o impulso de irradiação inicial, que tantas esperanças despertara em Allan Kardec, desdobrando-se em numerosas associações, localizadas em Paris e nas províncias, e enriquecendo a bibliografia espírita, graças à fecundidade daqueles escritores, de excelentes obras em que os aspectos filosófico e científico da doutrina são explanados com erudita superioridade.

O movimento de vulgarização, como de organização associativa, propagou-se com rapidez, além da Espanha, a que já fizemos referência, a outros países, começando ao ocidente com Portugal e encaminhando-se pela Itália, Bélgica, Suíça, Áustria, Hungria, Holanda, Suécia, Noruega, Sérvia e Rússia, no rumo do oriente, a própria Turquia, para, desconhecendo fronteiras, passar à Austrália e invadir os países do Novo Mundo, não somente ao norte, que de resto lhe havia sido o berço, mas ao centro e ao sul, onde encontraria o *habitat* propício a sua máxima expansão.

Uma estatística inserta na *MEMÓRIA HISTÓRICA DO ESPIRITISMO*, a que já tivemos ensejo de aludir, mencionava na parte referente ao periodismo doutrinário, a existência de 96 revistas e publicações desse gênero, das quais 56 na Europa, uma na Austrália, 4 nos Estados Unidos do Norte, 11 no México, América Central e Antilhas, e 5 numa parte da América de Sul, distinguindo-a do Brasil, em que era então de 19 o seu número.

Qual seria o programa das agremiações a que serviam parcialmente de veículo de irradiação propagandista essas publicações? — A julgar pelos trabalhos e notícias nelas insertos, a doutrina era, ou melhor, tem sido geralmente praticada, antes de tudo, como um comércio ostensivo com o invisível, por toda parte proliferando médiuns, através de cujos órgãos a palavra dos Espíritos é comunicada aos assistentes, ora em forma de ensinamento e conselhos, ora como simples manifestações de estados de sofrimento, que os diretores das agremiações

pretendem mitigar; a seu turno, mediante exortações e esclarecimentos, chamando-se a isso "dar luz aos Espíritos em trevas".

Acreditamos não exagerar, afirmando que por toda parte se tem abusado desses denominados "trabalhos práticos" e acrescentando que em parte alguma tem sido adotado com a requerida perseverança um programa de iniciação metódica dos crentes e muito menos que o estudo da Palavra de Jesus, à luz da Nova Revelação — como exceção do Brasil, de que em pouco nos ocuparemos — tenha constituído o objetivo culminante das reuniões, visando fazer de cada adepto, por assim dizer, meramente exterior, um Discípulo interiormente convertido.

Da ausência de preparação, em tais condições descuidada, e do abuso das experiências mediúnicas, com postergação daquela finalidade salutar, não pequenos males têm resultado, não sendo o menor a excessiva e, em consequência, a abdicação do raciocínio, a cujo implacável rigor cumpre, entretanto, submeter todas as produções oriundas do Além ou como tais supostas. Daí, em muitos casos, o fanatismo, as práticas supersticiosas, os absurdos, posto em circulação como legítimos produtos do Espiritismo, gratuitamente responsabilizado pelo que não é mais que o fruto da ignorância e da credence de experimentadores imprudentes.

Como exemplo de ditados recebidos em tais condições, à revelia do indispensável rigor analítico e até de simples considerações de bom senso, que antes aconselhariam a sua repulsa logo ao começo, em lugar da publicação em livro, que infelizmente lhe foi dada, baste-nos recordar o caso, verificado na Itália, de uma *VIDA DE JESUS DITADA POR ELE MESMO*, não se supunha que recebida por algum indivíduo destituído de instrução, mas por um médium que, dada a classe a que pertencia e o posto que nele ocupava, devia presumir-se aparelhado de suficiente cultura, pelo menos intelectual, para não cair em tão grosseira armadilha, evidentemente planejada pelo Espírito das trevas, com o dissimulado fim de amesquinhar a figura do Divino Mestre, apresentando-o sob o aspecto de irreverente vulgaridade.

Ao incauto receptor de semelhantes ditados não ocorreu que no próprio título como no tema que o motivou estava a sua condenação.

Se, com efeito, o Cristo, em todo o curso de sua excelsa missão, intencionalmente se abstinera de escrever uma só palavra acerca de sua doutrina e muito menos de sua vida, quando o instrumento de que se servia para agir entre os homens, qualquer que fosse a sua composição, era o mais adequado a autêntica expressão do seu pensamento, dezenove séculos depois de o ter abandonado é que havia de procurar um intermediário humano, infiel por natureza, para, como qualquer Espírito errante, vir contar a sua história? E quando essas razões não houvessem de prevalecer, o que sabemos da lei fundamental que rege as comunicações espíritas, lei de afinidade, que requer uma tão perfeita quanto possível sintonização das vibrações mentais e, quando se trate de uma excelsa Entidade, extrema, pureza moral da parte do médium, para que a harmonia dos fluidos se

estabeleça e possa o pensamento ser com fidelidade transmitido, bastaria para denunciar a revoltante mistificação.

Que o Cristo possa e tenha mesmo, na atual fase de restauração da sua doutrina, uma ou outra raríssima vez, diretamente ou servindo-lhe porventura de veículo até o médium algum dos altos Espíritos que o auxiliam em sua missão tutelar junto á humanidade, enviado uma breve palavra de exortação e de misericórdia aos novos crentes, requerendo-se, todavia, para isso que o ambiente, saturado de recolhimento e de respeito, seja favorável, como por exemplo na ocasião das grandes e comovedoras solenidades do Natal e da Paixão, de modo algum repugna admitir. Hoje, como outrora, não se esquiva Ele de penetrar nos meios humildes, quando oportuno, para “levar a salvação” aos corações predispostos e sinceros. Mas que “tenha assiduamente frequentado determinado médium — e para que? Para fabricar novelas de sua vida e suscitar inevitáveis e odiosas controvérsias — só pode ser, com esse indubitável intuito, mal disfarçada manobra — repetimos — do Espírito das trevas.

Esse ao demais tem sido e continuará por muito tempo a ser o temerosos escolho do Espiritismo, já por Allan Kardec assim reconhecido: o comércio com o invisível. E, todavia, não somente por um erro de apreciação como por influência oculta intencional, frequentemente malévola, tem sido ele na Europa, como na América e por toda parte em suma, o programa invariável das agremiações espíritas.

É natural o fato, para, sua generalização concorrendo, de par com a ignorância dos perigos e extremas dificuldades que apresentam as relações ostensivas com os Espíritos, a submissão à lei do menor esforço e a tendência no homem para a curiosidade, excitada ao demais pela atração que sobre ele exercem o maravilhoso e o sobrenatural. Que custa realmente reunirem-se em torno de uma mesa, porem-se os médiuns à disposição dos Espíritos e se entreterem a ouvir, a receber ou simplesmente apreciar manifestações turbulentas ou pacíficas, sem que, todavia, a humanidade, a monotonia dos ditados os advirta, antes de tudo, da perda de precioso tempo, que melhor seria empregado no estudo dos ensinamentos contidos nas obras doutrinárias?

Não que entendamos devam ser inteiramente proscritas as relações ostensivas com os Espíritos e, a exemplo do que —já o recordamos — foi arbitrariamente praticado pela igreja romana, seja estancada essa fonte de esclarecimentos, de consolações e solidariedade entre os dois mundos. Seria pretender — e quem o conseguiria, neste século de liberdade, contra os desígnios divinos? — abolir os fundamentos, o elemento demonstrativo da imortalidade, que representam as manifestações dos seres do além-túmulo, esquecer os consideráveis benefícios trazidos e que em maior escala o hão de ainda ser, por essa forma, aos homens, cuja razão, um pouco mais esclarecida, já se não contenta com a imposição de dogmas absurdos, mas, para crer, necessita da comprovação dos fatos. Em trabalho anterior

já nos externamos a esse respeito com suficiente clareza e amplitude⁵³, que nos dispensam de entrar agora em maiores desenvolvimentos. As nossas advertências visam o abuso e não o uso discreto das experiências mediúnicas, recomendáveis quando empreendidas com o rigor analítico e as cautelas que exige a complexidade dos fatores, que nelas intervêm, mas perigosas, mesmo de funestas consequências nas condições de empirismo e de temeridade em que são geralmente feitas por indivíduos ignorantes, sem o conveniente preparo iniciático, ainda quando portadores de um diploma científico, mero título de presunção que lhes não confere sabedoria nas coisas espirituais.

Como exceção, é nosso dever assinalar que excelentes ditados, por via mediúnica, têm sido recebidos, mas em número restrito, contendo ensinamentos do mais alto valor doutrinário, em que a intervenção de Entidades do invisível se patenteia com caracteres próprios, não raro exprimindo, como sinal da originalidade e independência de seus autores, opiniões em formal desacordo com as do médium, como em mais de uma passagem se observa, por exemplo, nos *ENSINOS ESPIRITUALISTAS* transmitidos a William Stainton Moses, e em *THE DEBATABLE LAND*, de Robert Dale Owen, vertido para a nossa língua com o título “Região em litígio entre este Mundo e o Outro”, ao lado dessas obras devendo colocar-se *ROMA E O EVANGELHO*, publicada na Espanha por D. José Amigó y Pellicer e composta em grande parte de comunicações, ora de admirável profundidade filosófica, ora constituindo veementes libelos, em linguagem elevada, contra os desacertos da igreja romana e o seu transviamento da missão de que fora investida, todos esses trabalhos, eminentemente instrutivos, não sendo apenas testemunhos documentais da imortalidade espiritual, mas recomendando-se como verdadeiros modelos do que, num certo sentido, é lícito esperar-se dessa preciosa fonte de renovação dos ensinamentos doutrinários.

Raros embora, servem ainda para, de alguma sorte, compensar o desastroso efeito que no ânimo de pessoas esclarecidas não de necessariamente produzir outros, infelizmente em maior número, dados a publicidade, em verso e prosa, com leviandade inconcebível atribuídos, uns, por exemplo, ao Espírito de Victor Hugo, sem nenhum dos caracteres intelectuais, imaginativos e estilísticos peculiares a esse inconfundível gênio, outros ao do incomparável poeta que foi Guerra Junqueiro, mas que se envergonharia de subscrever, se ainda estivesse neste mundo, o atestado de lamentável decadência que seriam, se verdadeiras, as versalhadas com o seu nome postas em circulação.

Mas isso já é assunto relacionado com o Espiritismo entre nós, em sua feição recente. Vejamos, primeiro, como aqui se desenvolveu a sua propaganda.

⁵³ Ver *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 2º, capítulos IV a VII.

*

* *

Teríamos de dar um desenvolvimento maior do que o necessário à notícia histórica, mesmo resumida, do aparecimento e marcha do Espiritismo no Brasil, em prejuízo de outras mais importantes considerações, se o houvéssemos de particularizar em relação a cada uma das antigas províncias em que, timidamente surgido, veio a ganhar notoriedade e amplitude que o recomendaram à atenção geral. Como o nosso objetivo é indicar de preferência a orientação a que obedeceu, até fixar-se em formas definidas e, a nosso ver, superiores, baste-nos indicar sumariamente que, das primeiras experiências com as mesas giratórias feitas em 1853 na capital do Ceará, como um frívolo passatempo, às quais aludimos no anterior capítulo, até à constituição do primeiro Grupo na capital do Império, decorreram vinte anos.

Antes disso é certo que na Bahia, a esse legítimo título considerada o berço da propaganda no Brasil, fundava-se em 1865 o “Grupo Familiar do Espiritismo”, composto, no dizer de seus organizadores, de “poucos, bem poucos homens, mas de firme convicção e fé inabalável que, adotando as salutares doutrinas do Espiritismo, trabalharam durante 8 anos”, quando passou o grupo a denominar-se “Associação Espírita Brasileira”, pouco mais sobrevivendo. Em 1868 surgiu também, ainda na capital da mesma então província, a primeira revista doutrinária, intitulada *O ECHO DE ALÉM-TÚMULO*, em 56 páginas, tendo como subtítulo “Monitor do Espiritismo no Brasil”, sob a direção do Dr. Luiz Olympio Telles de Menezes, membro do Instituto Histórico da Bahia.

Há uma interessante coincidência a assinalar-se, que por sua repetição, como o veremos em seguida, parece indicar uma ação oculta superior presidindo a formação de núcleos doutrinários e, se um se desorganiza, logo suscitando outro em substituição, de modo que se não extinga o facho irradiador da ideia em manha, mas seja, ao contrário, assegurada a sua continuidade e propagação. Tendo o Grupo Familiar do Espiritismo, instituído, como ficou indicado, em 1865, durado apenas oito anos e pouco, cessou de existir, portanto, em 1873.

Pois bem, foi nesse mesmo ano que a “Sociedade de Estudos Espiríticos GRUPO CONFÚCIO”, a primeira fundada nesta capital, se organizou, propondo-se adotar, consoante o Regulamento impresso que temos à vista e traz a data de 9 de outubro de 1873, “os princípios e formalidades do livros dos Espíritos e dos Médiuns, professados pela sociedade central espírita de Paris” e tendo como “espírito protetor o de ISMAEL, que os seus membros escolheram como seu guia espiritual”. O artigo que contém essa indicação acrescenta: “A divisa da sociedade é: sem caridade não ha salvação — sem caridade não há verdadeiro espírita”.

Apesar dessa máxima fundamental e porque fora, naturalmente, mais fácil inseri-la no programa do que implantá-la nos corações, ao fim de dois anos e meio o Grupo Confúcio desaparecia, por desacordo surgido entre seus membros.

Mas logo, para o substituir, fundava-se a 26 de abril de 1876 a “Sociedade de Estudos Espíritas Deus - Cristo - Caridade”, arrojada e significativa denominação que, sobre exprimir os caracteres e o objetivo culminante da Revelação Nova, enfeixava o programa integral da iniciação de seus adeptos, atraindo-os para a suprema Sabedoria e Bondade, conduzidos pelo Filho de Deus, mediante a mais alta e a mais formosa das virtudes em todas as suas fecundas aplicações objetivas.

Não queremos antecipar a análise das manobras ocultas do inimigo, visando embaraçar a execução desse admirável programa, como o faremos adiante. O próprio desenrolar dos fatos o irá por si mesmo revelando, para quem tenha “olhos de ver”.

Aplicaram-se os membros da nova Sociedade não somente ao estudo geral do Espiritismo como, particularmente, ao aprendizado minucioso do Evangelho, visando, pela meditada identificação com os seus preceitos, restabelecer apostolado cristão em nossos dias.

“Até o ano de 1879 — refere um documento ulterior⁵⁴ — foi o programa da sociedade, fielmente cumprido, abundante em frutos espirituais para os seus membros. Não tardou, porém, que alguns destes, separando-se do espírito de humildade, indispensável a todo aspirante a discípulo de Jesus, pretendessem converter a agremiação Sociedade *Acadêmica*, com a mesma denominação anterior, daí se originando uma cisão e separando-se dos “acadêmicos” um grupo, que fundou pouco depois a “Sociedade Espírita Fraternidade”, para a qual, segundo uma expressão figurada, “o Guia Ismael transferiu seu estandarte”.

Mais modesta, restrita mesmo em sua significação, parecendo um retrocesso no programa de estágio preparatório para futura reintegração naquele amplíssimo ideal, a nova denominação nem por isso representou um arrefecimento no entusiasmo com que os adeptos sob ela agremiados se aplicariam à obra da propaganda e do seu próprio aperfeiçoamento espiritual, pois que, refere o mesmo aludido documento:

“A 'Fraternidade' prosseguiu na execução do programa de sua antecessora com os mesmos frutos, educando um núcleo de crentes nos moldes de esclarecida orientação, realizou proveitosos trabalhos experimentais, consistindo principalmente na cura de obsessões, interveio ativamente na própria corrente abolicionista, que trabalhava a esse tempo a nossa pátria e da qual resultou a abolição da escravatura em 1888, mas veio por fim a se enfraquecer consideravelmente, porque o mesmo espírito de presunção de novo se insinuou em alguns de seus membros, pretendendo transformá-la em Sociedade *Psicológica* Fraternidade (como envergonhados do qualificativo 'Espírita'), até que, reduzida a um diminuto número, se dissolveu

⁵⁴ Veja-se *ESBOÇO HISTÓRICO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA*, 1912.

completamente em 1893”.

Não pareça contudo que, nos vinte anos até então decorridos da fundação do Grupo Confúcio, a organização institucional do Espiritismo na capital do Brasil se houvesse limitado às três mencionadas e sucessivas agremiações nem que a obra da propaganda permanecesse adstrita à atividade por elas desenvolvida. Se de preferência as indicamos, foi para acentuar a unidade de espírito que presidira a sua instituição, rumo de uma continuidade, indubitavelmente, do Alto planejada, e que em pouco veremos reatada, através embora de vicissitudes inseparáveis de toda obra humana. Porque a verdade é que durante aqueles quatro lustros a ideia espírita se propagou, nesta capital como em todos os Estados do Brasil, sob variadas formas, a começar da divulgação das obras de Allan Kardec, graças à tradução, principalmente, delas feita pelos Drs. Mello Moraes (pai) e Joaquim Carlos Travassos e, em seguida, nas sucessivas edições que as têm popularizado, por outros estudiosos adeptos.

Com o mesmo intuito de vulgarização foram realizadas conferencias públicas, a cargo de homens de valor, como os Drs. Adolpho Bezerra de Menezes, F. de Siqueira Dias, Antonio de Castro Lopes, Francisco de Menezes Dias da Cruz, Antão de Vasconcelos, Ewerton Quadros, oficial superior do Exército, Antonio Pinheiro Guedes e outros, que, arrostando as prevenções, não raro o ridículo, de um meio por muito tempo hostil, não hesitaram em trazer o prestígio de sua acatada inteligência e de sua palavra, abeberada nas limpadas fontes da Verdade, à causa que a representa e é a da própria regeneração humana.

Para desarmar as prevenções e abrir caminho, se nas inteligências como um convite ao estudo dos fatores ocultos e providenciais em ação, sobretudo nos corações tocados pelo sofrimento e em pouco aliviados, houve um meio, porventura mais eficiente que o ministério da palavra posto em prática pelos Espíritos, de que resultaram simpatias cada vez mais numerosas pela doutrina e mesmo notáveis conversões: foi a cura de enfermidades, com o concurso de médiuns denominados “receitistas”, neologismo que os distingue dos propriamente curadores, cujo papel e cujo método operatório são diferentes.

É essa uma particularidade que se não tem observado, com iguais característicos, pelo menos, e generalizada eficiência em nenhum outro país do mundo no exercício da mediunidade e que, até agora posta em prática, tem constituído nesta capital e, em menor escala, noutras cidades do Brasil, um dos mais convincentes meios de propaganda espírita.

A cura de enfermidades pelo Poder Divino com o concurso de indivíduos portadores de um dom especial e que chegaram a constituir a classe dos Terapeutas é um fato conhecido na historia religiosa da antiguidade, comum algumas vezes no apostolado cristão, fiel nesse ponto a tradição e exemplos do Divino Mestre, mediante a aplicação de passes ou de simples toque manual sobre os enfermos, do mesmo modo que a mediunidade curadora, por idêntico processo, foi incluída na

classificação das modalidades mediúnicas por Allan Kardec. Mas o que constitui originalidade do mediunismo “receitista”, entre nós largamente praticado, e que, sem ver o doente e de posse apenas do seu nome e residência, o médium daquela natureza prescreve a medicação, quase sempre homeopática, mediante cuja aplicação as mais graves e variadas enfermidades são debeladas, não raro tratando-se de casos reputados perdidos até por sumidades médicas.

Sem preocupação de propaganda doutrinaria, antes com exclusivo intuito humanitário, as curas desse modo, em larga escala, produzidas têm constituído uma das mais eficientes demonstrações praticas da benfazeja ação do Espiritismo e, sob nova modalidade peculiar ao nosso tempo e ao nosso meio, a aplicação, da parte dos seus adeptos, favorecidos com o precioso dom, da recomendação do Senhor Jesus: “Curai os enfermos, dai de graça o que de graça recebestes”, o que é ainda sinal da revivescência do apostolado cristão em ossos dias.

Por esse modo o Espiritismo se infiltrou em todas as camadas sociais, despertando a curiosidade, o interesse pelo conhecimento da doutrina, ao mesmo tempo em que a propaganda se desenvolvia, nos Estados, com divulgação, sempre crescente, das obras fundamentais, a publicação de revistas e a formação de grupos, menos preocupados, é certo, com o estudo metódico dos ensinamentos naquelas contidos do que da obtenção dos fenômenos mediúnicos.

Como quer que fosse, estava delineada a sua marcha progressiva e a direção oculta superior, de que falamos, não se descuidava de o encaminhar à verdadeira orientação que lhe convinha na terra do Cruzeiro.

*

* *

Antes que a Sociedade Espírita Fraternidade sucumbisse, como ficou assinalado, em 1893, e quando ainda florescia no entusiasmo e dedicação de seus filiados, surgiu paralelamente, em 1884, com um programa, na aparência, puramente intelectual, para "estudo científico do Espiritismo" a Federação Espírita Brasileira.

O pensamento dos seus fundadores, advertidos, pelas lições da história, dos perigos da intolerância religiosa, frequentemente degenerada em fanatismo, era talvez preservar o Espiritismo de transviar-se, pelo vírus sectário, de sua missão por excelência conciliadora e fraternista, parecendo-lhes que melhor o encaminhariam nesse rumo, fazendo a nova sociedade "constituir-se antes do mais em reunião de estudos, com o fim de discriminar as adaptações que possa ter o Espiritismo aos vários ramos dos conhecimentos humanos: ciências físicas, naturais e morais", segundo reza um dos itens de seus primitivos estatutos.

E como um dos seus propósitos, aí insertos, era "manter um jornal ou revista que exclusivamente se ocupe do Espiritismo e matérias correlatas, sem jamais

afastar-se da moral espírita", tendo sido fundado no ano precedente o *REFORMADOR*, passou desde então a ser esse o órgão da Sociedade, como tal mantido até agora.

De 1884 a 1895 a existência da Federação Espírita Brasileira decorreu em meio de vicissitudes que, se foram de um lado a pedra de toque do acerto de seu programa inicial, constituíram, de outro, para os seus fiéis mantenedores, particularmente para o seu abnegado presidente, Dr. Dias da Cruz, oportunidades, não raro dolorosas, de patentear as virtudes cristãs que os animavam, vicissitudes; que se acham descritas no *ESBOÇO HISTÓRICO* a que fizemos, há pouco, referência em nota, e cuja leitura será instrutiva aos que se interessem por conhecer a marcha do Espiritismo entre nós, nesse período.

Aqueles onze anos acidentados, sobretudo em consequência dos sucessos políticos supervenientes à implantação da República em 1859 e que trouxeram frequentes perturbações à vida normal da cidade, serviram como de ensaio, para medir a capacidade inicial de resistência da instituição e criar, pela circulação do seu órgão, o *REFORMADOR*, os primeiros laços de coesão mental com as unidades propagandistas dispersas nos diferentes Estados do Brasil, que vinham, como é natural, fazendo obra de isolamento, por natureza, fragmentada. Para justificar a sua própria denominação, conviria que a Federação, em complemento de seus elevados propósitos, nesse período demonstrados, as reunisse num largo movimento coordenador, quanto possível, nos moldes da unidade de programa e de orientação.

Havia contudo, em 1895, atingido o limite de sua capacidade máxima de resistência, esgotado os seus últimos recursos e estava prestes a sucumbir, quando foi convidado a assumir a sua direção, com amplos e discricionários poderes, como o exigia a situação, o Dr. Adolpho Bezerra de Menezes.

A escolha não podia ser mais acertada. Médico e antigo parlamentar no Império, tendo granjeado notável reputação na Câmara dos Deputados, onde representara o Ceará, sua província natal, e mais tarde na presidência da então ilustríssima Câmara Municipal do Rio de Janeiro, elevando-se no conceito público por seu límpido caráter, por sua vasta ilustração e sobretudo por excelsas virtudes de coração, que o faziam querido e admirado por todos, o Dr. Bezerra de Menezes se havia, entretanto, nos últimos anos retirado da atividade política, para exclusivamente consagrar-se aos deveres de sua clínica e ao cultivo e propaganda do Espiritismo, que pela imprensa, promovendo grande número de conversões com os magistrats escritos intitulados "Espiritismo — Estudos filosóficos" e assinados MAX, que foram mais tarde reunidos em 3 volumes, quer dirigindo agremiações doutrinárias, a cujos trabalhos imprimia o cunho de uma orientação acentuadamente evangélica.

Era o missionário — não há exagero na qualificação — talhado para, ao mesmo tempo que salvava da ruína material, que não afetava o seu programa doutrinário, absolutamente respeitável, a Federação Espírita Brasileira, encaminhá-la, todavia, no

rumo, a nosso ver, mais adequado à finalidade suprema da Nova Revelação, isto é: implantar na sociedade central, que seria o eixo de coordenação das associações nacionais, o cultivo dos ensinamentos evangélicos, deixando a especialistas, por vocação e preparo talhados, o cuidado do cientificismo, desse modo restabelecendo na Federação o dinamismo superior a que haviam inicialmente obedecido a "Deus - Cristo e Caridade" e a "Fraternidade", com as quais estabelecia, sem propósito ostensivo, mas por indubitável e secreto impulso intuitivo, uma verdadeira filiação ideológica.

A presidência por ele exercida, a partir de 3 de agosto de 1895, quando foi nela investido, representou um período de renascimento para a Federação, acerca de cujas sessões doutrinárias, em que foi restabelecido o estudo metódico de *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, anteriormente adotado, se encontra no aludido *ESBOÇO HISTÓRICO* a seguinte nota impressionista:

"Os contemporâneos essa fase auspiciosa, hão de sempre recordar-se com saudade daqueles ensinamentos verdadeiramente magistrais, em que os assuntos mais árduos e transcendentales da doutrina espírita eram tratados com eloquência que atingia por vezes as raias do sublime, aliada, porém, a uma singeleza de linguagem que os tornam acessíveis aos de menos culta inteligência, graças sobretudo à propriedade das imagens e figuras de que Bezerra frequentemente se servia, para tornar a exposição mais clara e inteligível.

"Orador consumado" — acrescenta, aludindo, em seguida, a sua passagem pelo Parlamento — "Bezerra de Menezes era além disso, como todo trabalhador do pensamento, médium inspirado, contando, para maior brilho de sua oratória, com uma assistência espiritual de primeira ordem", daí resultando que "a sua eloquência nos assuntos doutrinários empolgava e convencia".

Começaram então a ser numerosamente frequentadas as sessões, a que fora acrescentado um novo atrativo: a manifestação ostensiva de Espíritos, assim de ordem elevada, ao início e encerramento dos trabalhos, trazendo sempre uma palavra de exortação e de conforto, em meio de profundo e comovido recolhimento dos assistentes, como da categoria dos sofredores, servindo-se do órgão de um médium em transe sonambúlico, e de cuja doutrinação, ungida, umas vezes de persuasivo amor cristão, outras enriquecida de argumentos científicos e filosóficos de transcendente valor, se se tratava de grandes inteligências recalcitrantes do invisível, se encarregava o presidente.

Não eram trabalhos vulgares esses, senão eminentemente instrutivos, pela cópia de ensinamentos a que davam lugar, do lado do médium, em geral de medíocre instrução, revelando a intervenção de, uma inteligência, estranha, portadora de conhecimentos que aquele evidentemente não possuía, e do lado do doutrinador patenteando, com a vasta cultura que lhe era própria e, enriquecida com os altos princípios da filosofia espírita; levava de vencida as objeções do interlocutor

invisível, sobretudo o irresistível poder de seus sentimentos evangélicos, sendo essas memoráveis justas rematadas sempre com uma prece, em que, nos transportes daqueles sentimentos, Bezerra de Menezes, transfigurado, comovia até as lágrimas os seus companheiros e, não raro, a própria entidade incorporada ao médium.

Por isso observa com razão o aludido *ESBOÇO HISTÓRICO*:

“Os que têm assistido a manifestações dessa natureza, em geral pessimamente dirigidas, não podem fazer ideia da imponente magnitude que assumia esse comércio com os invisíveis, sob a direção de Bezerra de Menezes. É que, para se obterem, nesse ainda tão obscuro domínio, frutuoso resultados, requer-se um conjunto de virtudes de coração, muito raras entre os homens”.

Tão preciosas sementes haviam de, por força, produzir ótimos frutos não somente no período presidencial de Bezerra de Menezes, infelizmente curto, mas durante os primeiros treze anos que se lhe seguiram, animando os seus continuadores a manter, desamparados embora de iguais virtudes e saber, a tradição por ele firmada, ao mesmo tempo que o programa da sociedade, mercê da proteção que do Alto lhe era dispensada, se desdobrava em fecundas aplicações de natureza assim doutrinária como social e prática.

Por que, acometido em dezembro de 1899 de uma congestão cerebral, o Dr. Bezerra de Menezes veio a desencarnar no dia 11 de abril de 1900, deixando consternados aos seus companheiros, que o reconheciam insubstituível.

*

* *

Mas a existência da Federação estava assegurada; e aquele que a salvara da ruína, uma vez restituído à liberdade, aos esplendores e a maior eficiência de meios da vida espiritual, verdadeiro discípulo de Jesus, poderia, com o Mestre, repetir aos seus saudosos companheiros a promessa: "Fareis obras ainda maiores; por que eu vou para o Pai". E assim realmente sucedeu, pelo menos, interior com uma irradiação pessoal como a daquele missionário não o obtém qualquer, nem é obra para uma encarnação apenas.

Foram reformados os estatutos da sociedade, criados novos serviços, como a livraria espírita e a Assistência aos Necessitados, que já na fase anterior funcionara com proveito durante alguns anos, e desdobrado em duas sessões públicas semanais o estudo doutrinário — filosófico e dos Evangelhos — com supressão dos "trabalhos práticos", por ter a experiência demonstrado não ser possível mantê-las com frutos iguais aos obtidos sob a direção de Bezerra de Menezes. O receituário mediúnico, desde 1899 instituído, foi também ampliado, vindo a adquirir tão considerável desenvolvimento, não só por sua absoluta gratuidade, completada com o fornecimento da medicação, igualmente gratuita, aos enfermos, como por sua

eficiência, que o regulamento sanitário, baixado pelo governo em 1904 e que enfeixava as medidas reclamadas para saneamento da capital autorizado pelo Congresso legislativo, continha dispositivos formais, tendentes a proibir o exercício da arte de curar "em qualquer de seus ramos e por qualquer de suas formas" aos indivíduos não diplomados e, de modo geral, a reprimir a prática do Espiritismo.

Daí resultaram algumas perseguições, em forma de processos, instaurados, no foro especial, contra um e outro médium receitista e, nomeadamente, contra a Federação Espírita Brasileira, mas que, dando lugar a notáveis sentenças absolutórias, proferidas pelo íntegro Juiz dos Feitos da Saúde Pública, Dr. Eliezer Gerson Tavares⁵⁵, apenas serviram para granjear maior nomeada ao Espiritismo e aureolar de um novo prestígio a sociedade máter que, no Brasil, arvorava os seus humanitários ideais, sem jactância decerto, mas com austero e modesto desassombro.

De resto, a esse tempo a Federação ocupava com resoluta fidelidade o seu posto de vanguarda e, pelas colunas do *REFORMADOR*, opinava sempre sem vacilações em todos os assuntos que interessassem à propaganda, à orientação dos crentes e ao desenvolvimento e defesa da doutrina.

Ocorrendo em 1904 o centenário da encarnação de Allan Kardec, organizou ela festas comemorativas, nos dias 1, 2 e 3 de outubro, com um programa que teve ampla repercussão, abrangendo: a instalação de cursos de instrução em sua própria sede; — realização de uma conferência, pública, pelo presidente, no grande salão da Associação dos Empregados no Comércio, atenciosamente cedido por sua diretoria — e, na noite de 3, sessão solene no mesmo local, que regurgitava de uma assistência calculada em mais de duas mil pessoas, causando ótima impressão pública pela ordem e recolhimento observados, tanto como pela elevação dos assuntos doutrinários ventilados.

A parte contudo de maior alcance das festas centenárias foi a reunião de representantes, previamente convocados, dos agremiações domiciliadas nos Estados e que compareceram em nome da sua maioria, para aprovação das "Bases de organização espírita", formuladas pela diretoria da Federação.

Essas Bases, visando a articulação harmônica das entidades militantes em torno de um programa comum de propaganda, e representando "o primeiro grande passo para a unificação dos espíritas, dentro dos largos moldes de autonomia das agremiações, consoante o sistema federativo, todas vinculadas entre si e à Federação pela unidade de vistas na difusão e cultivo da doutrina", abrangiam consideráveis medidas, tais como: — criação de um Centro na capital de cada Estado, como núcleo de propaganda e organização regional; — instituição de um programa doutrinário idêntico ao da Federação, para estudo metódico do Espiritismo e instrução do povo;

⁵⁵ Desses interessantes casos judiciais foram, mais tarde, extraídas as principais peças e, sob o título *AS CURAS ESPÍRITAS E SUA LEGITIMIDADE PERANTE A LEI*, publicadas em folheto, distribuído gratuitamente pela Federação.

— fundação de Escolas de Médiuns, com a obrigatoriedade para estes de se prepararem no conhecimento da doutrina, antes de se aplicarem, mediante adequados processos iniciáticos, ao exercício de seus dons e para sua maior segurança contra os perigos das experiências prematuras; — criação de caixas de socorros, no gênero da Assistência aos Necessitados, do serviço de curas espíritas, pelo sistema do receituário mediúnico, e de aulas de instrução elementar e secundária — poderoso fator de combate ao analfabetismo — com uma parte consagrada ao ensino da moral espírita.

Da execução desse programa, de extensa repercussão social e humanitária, cujo dinamismo, centralizado na Federação, deveria irradiar, com assíduo cultivo, sem solução de continuidade nem desfalecimentos, por toda a periferia da comunhão espírita nacional, era de esperar resultassem os mais fecundos benefícios, assim no ponto de vista da difusão da doutrina, como no de sua consolidação, graças à superior e criteriosa orientação que lhe seria impressa.

Para começar, impunha-se à Federação a necessidade de ampliar os seus próprios meios de ação. Deficientemente instalada, não dispondo de espaço conveniente para o funcionamento de todos os seus serviços, que incessantemente cresciam, tendo tido mais de uma vez, e não só para a celebração das festas centenárias, como ficou incidentemente referido, mas para a realização das grandes sessões comemorativas anuais, que solicitar, por empréstimo, alheio salão, sendo por último exíguo o de sua sede para as próprias sessões ordinárias de estudo, urgia, por mais que o desaconselhasse a pobreza de seus recursos, cuidar de sua instalação, suficientemente ampla, em edifício próprio.

Um concurso de circunstâncias verdadeiramente providenciais, completadas pela dedicação, em muitos casos levada ao sacrifício, dos consócios e dos espíritas em geral, com raríssimas exceções, paupérrimos, veio permitir, em pouco mais de quatro anos de esforços e trabalho, cujas particularidades se acham referidas no já aludido *ESBOÇO HISTÓRICO*, a realização de tal *desideratum*. E no dia 10 de dezembro de 1911 a Federação inaugurava o edifício à Avenida Passos, para esse fim passou desde então a funcionar e ao alto de cuja fachada, como testemunho de gratidão e fidelidade, índice ao mesmo tempo do transcendente programa que se traçara, fez insculpir o majestoso dístico: DEUS, CRISTO E CARIDADE.

Aí deu ela instalação condigna à Assistência aos Necessitados, com o seu principal serviço de curas pelo receituário mediúnico, pós a funcionar a Escola de Médiuns, viveiro que seria de elementos preciosos e indispensáveis à projetada e futura criação de um Sanatório para tratamento de obsessos — confirmação, que viria a ser, de que o Espiritismo, longe de produzir a loucura, como o assoalham seus detratores, a pode curar — e teve a satisfação de ver o seu grande salão de sessões encher-se periodicamente de um público ávido de instruir-se nas verdades

consoladoras da Revelação Nova, composto de todas as classes sociais.

O fato daquela inauguração não teria maior importância nem transporia os limites de banalidade peculiar à sua natureza, se apenas se tratasse de uma associação de meros fins beneficentes. Era, porém, a primeira vez que o Espiritismo, varando a atmosfera de prevenções que por tanto tempo o rodeara, se apresentava publicamente com uma criação de ordem semelhante, estreme de exibições vaidosas, que nunca macularam os intuitos de seus promotores, mas exprimindo a força realizadora e expansiva de seus elevados ideais. Teve por isso a significação de um acontecimento social, posto espontaneamente em relevo pela imprensa da capital, que o celebrou em dias sucessivos.

Dentre esses testemunhos, pelo cunho de idêntica espontaneidade, subscrito ao demais por um médico, literato e jornalista de renome, cumpre destacar, o do Dr. Constâncio Alves, a esse tempo alto funcionário da Biblioteca Nacional, membro da Academia Brasileira de Letras e redator do *JORNAL DO COMÉRCIO*, de cuja primeira crônica hebdomadária aí publicada após aquela inauguração, sob o título habitual "A Semana — Dia a Dia" e subordinada então as subepígrafes "A Federação Espírita — Religião benfazeja — Consolação e Imortalidade", julgamos dever aqui reproduzir, na impossibilidade de o fazer em toda a sua extensão, os seguintes principais trechos, não somente por se tratar de um subsídio histórico, mas por exprimir de certo modo o conceito geral, impressionista e admirativo, em torno da obra que vinha realizando a Federação e que despertava legítimas esperanças de ainda maior eficiência, infelizmente frustradas pelos motivos de que adiante nos ocuparemos.

"Merece especial registro — escreveu C. A. — a inauguração do edifício da Federação Espírita, à rua do Sacramento.⁵⁶

"Esse fato afirma brilhantemente a tenacidade invencível, a fé heroica, a paciência admirável daquela associação benemérita.

"A realidade de agora é o resultado de meia dúzia de anos de sacrifícios, sem arrependimentos, e de trabalho sem desânimos. É também a promessa de novos triunfos, de maior empreendimentos em favor da humanidade.

"O mais difícil está feito. A Federação Espírita, olhando para o seu passado, que excede de um quarto de século, e avaliando a prosperidade do seu presente, pede, sem receio de que o futuro a desminta, esperar que seja cada vez menos difícil e mais glorioso o exercício de sua vasta caridade.

"O novo edifício já lhe permite ampliar essa influência benfazeja, a que milhares de pessoas devem favores dos mais valiosos.

"A Federação, dispondo agora de mais espaço na sua casa, pretende iniciar serviços de utilidade social incontestável. Dentre as tarefas, em que vai subdividir a sua atividade filantrópica, figura como das mais relevantes a manutenção de aulas de ensino primário e secundário.

⁵⁶ Era a antiga denominação da Avenida Passos.

"A Federação Espírita, como se vê, não edificou o seu prédio, para nele viver sossegada, em santa ociosidade. À proporção que lhe aumentam os recursos, lhe cresce o desejo de ser mais útil. Já era, com maravilhosa abnegação, a caridade, no sentido popular desta palavra. Dava e dá, com uma generosidade nunca enfraquecida, esmolas, consultas médicas e medicamentos. Melhor do que palavras de louvor, a louvam os algarismos da sua estatística de benefícios".

Reproduz em seguida os dados publicados pela imprensa relativamente ao serviço de curas e de socorros pela Assistência aos Necessitados, no período de 1902 a 1910, acentuando que o fizera sem descontinuidade, não obstante andar desde 1905 "empenhada em empregar todos os seus recursos para efetuar quanto antes o que pôde agora conseguir", e prossegue:

"Apesar dessa preocupação absorvente, não parou, não diminuiu, antes foi sempre aumentando a sua despesa em favor dos seus clientes sem proteção.

"Restrita a esse programa de assistência pública, já a sua ação seria digna da gratidão geral. Mas a Federação Espírita pensa que esse muito é pouco e quer engrandecer por maiores feitos a sua solicitude pelo bem dos homens, contribuindo com os seus esforços para abrir mais clareiras na selva escura do analfabetismo nacional.

"Que a Federação Espírita levará por diante o seu propósito é verdade de que não duvido. Não falta nessa associação quem tenha entusiasmo e coragem para lutar como herói e abnegado, para se sacrificar como santo. A maioria desses servidores do seu próximo se constitui de pessoas pobres, que fazem milagres, dando em dinheiro não o que lhes sobra, mas o que lhes faz falta, para que a seus irmãos seja a vida mais suportável e a miséria menos cruel. Desses os que têm a fortuna de ver e ouvir almas que daqui se foram e que delas recebem receitas médicas, não põem dúvida em tirar horas do seu trabalho ou do seu descanso para os afazeres inteiramente gratuitos de intermediários nessa clínica de doutores do outro mundo com doentes deste.

"Qualquer que seja a opinião que se tenha no tocante à verdade do espiritismo, como ciência e como religião, o que parece fora de contestação é que com grande sinceridade, uma fé respeitável dirigem a Federação Espírita e que o seu desaparecimento seria o infortúnio de muita gente".

E logo, encaminhando num rumo paralelo os seus comentários, entra a discorrer:

"Dizendo dos benefícios da Federação Espírita, não me referi a sua atividade apostólica, ao zelo com que ensina as suas verdades.

"Dessa propaganda, conheço apenas o que faz pela, sua excelente revista, o *REFORMADOR*, que vai completar trinta anos e que leio sempre com atenção e interesse. E não poderia, falar com ardor de crente. Ao espiritismo — na

qualidade de religião — voto a mesma simpatia que tenho pelas outras. Ora, as religiões são muitas e a credulidade que Deus me deu, dividida igualmente por todas, se fragmenta com pedacinhos e nenhum desses é bastante para satisfazer a qualquer delas.

"Mas por isso mesmo que essa migalha de fé não me dá direito de falar como espírita, é como testemunha imparcial que afirmo a prosperidade crescente do espiritismo. As qualidades que ele possui para exercer sobre as almas, em determinadas condições, um prestígio absoluto, explicam sem intervenção do milagre o seu ascendente formidável.

"Nestes tempos de ciência positiva, de experimentação, de laboratórios dotados de instrumentos utilíssimos, mais inteligentes que o homem que os criou, o espiritismo tem a fortuna de representar a ciência não só do presente, mas do futuro. Ele fala pela boca de sábios de derramada popularidade, que de todas as províncias do sabe chegam para confirmar a doutrina de Allan Kardec.

"São filósofos, são astrônomos, são antropologistas, W. James, Flammarion, Lombroso e outros e muitíssimos outros dão ao testemunho da fé a inquebrantabilidade da certeza científica. Os pregadores dessa verdade não são iluminados ignorantes, analfabetos inspirados pelo céu. Estudam, sabem, e sabem as ciências que no momento atual gozam da veneração dos homens que são e dos que julgam ser esclarecidos. Não é a vã teologia, a filosofia antiga com as peneiras e os crivos da obsoleta dialética. É a física, é a química, é a psicologia experimental; enfim é a ciência de hoje, que não dispensa balança, tem sempre à mão o microscópio e só julga por fatos, fatos medidos, pesados, fotografados".

.....

"Mas não é somente porque se apresenta com a figura da Ciência e armado com o arsenal infalível, que ela maneja cheia de fé, que o Espiritismo via alargando cada vez mais as fronteiras dos seus domínios. Religião, ele entra em competência com as outras e também oferece aos homens, fracos e efêmeros, o que estas lhes prometem solenemente: consolação e eternidade.

"E não há dúvida que a consolação e a eternidade com que o Espiritismo acena ao homem, que tem por supremo anelo — a existência sem fim e sem sofrimento — se manifesta por uma doutrina admiravelmente bem feita, capaz de aturdir e conquistar a imaginação e o sentimento, e também de sufocar as paixões ruins e exaltar as boas".

.....

"Inúmeras são as almas doloridas que têm ido pedir ao Espiritismo o que não contavam obter da ciência da terra e o que não poderiam achar em si mesmas, na sua vontade mal aparelhada para resistir a vendavais inesperados.

"E a esses clientes, não há dúvida, o Espiritismo oferece todas as consolações que a fé opera e o desânimo suplica. Querem um remédio certo?

Um médico acode com a receita. Dariam tudo para ver e ouvir um filho morto? O ausente aparece. A sua sombra surge na escuridão da sala. Suas palavras cabem no silêncio atento.

"Que quer mais o simples mortal? Viver eternamente, e viver sem grandes tormentos.

"Ora, o espiritismo garante a imortalidade sem suplícios, que a tornariam insuportável, mesmo a Renan, que preferia o inferno à morte eterna.

"É uma viagem, viagem de instrução, porque a alma se aperfeiçoa de mundo em mundo, e também viagem de recreio, porque os mundos não saíram de todos do mesmo molde.

"Se fosse espírita, o Conde de Paris não teria formulado nesta frase as apreensões de sua última hora: *"J'ai peur de l'Inconnu"*.⁵⁷

"O desconhecido, graças ao Espiritismo, já é uma rua tão bem iluminada como a nossa Avenida Central.

"É essa claridade que atrai tanta gente e que nos mostra o exemplo de uma religião vivendo e crescendo em força, sem favor oficial, e ganhando pela sua benemerência até o respeito dos que não são seus devotos.

"Esses, se podem ser imparciais, se julgarem justiceiramente das instituições pelos seus benefícios, hão de fazer votos pelo engrandecimento da Federação Espírita e desejar que dentro em pouco o seu novo edifício não baste para as suas necessidades e que os seus recursos sobrem para a construção de outro maior. — C. A."

Assim era de esperar que sucedesse. E assim teria sucedido, porque o Espiritismo, pela ação benfazeja e organizadora da mais representativa de suas instituições — não tenhamos receio de o dizer — em todo o mundo, no mais elevado sentido, atingira realmente uma culminância, que autorizava as mais lisonjeiras esperanças acerca do seu futuro.

Mas o inimigo velava, atento. E, preparando uma investida de larga envergadura, que repercutiria muito além da órbita, ainda modesta, em que então gravitava a Federação Espírita Brasileira, não tardou muito em precipitar-se no assalto.

⁵⁷ Traduzido do francês: "Tenho medo do desconhecido" — N. E.

III

Uma obra de amor transformada em pretexto de rivalidades e competições. - Como os homens mais bem intencionados podem ser inconsistentes joguetes do Anticristo. - Investidas contra a Federação Espírita Brasileira. - Sintomas de desagregação. - O escândalo de 1914 e as suas consequências.

O Segredo da prosperidade incoercível da Federação Espírita Brasileira, no período do que estamos ocupando, abstração feita da poderosa e benfazeja ação oculta, que foi a sua causa principal, residiu no espírito de solidariedade e de fraternidade em que se inspiraram, durante cerca de três lustros, os seus diretores, estremes da mais leve sombra de personalismo. Depositários da robusta semente de amor, humildade e fé, que no ânimo lhes procurara lançar Bezerra de Menezes, cuja luminosa influência sentiam sobre eles pairar constantemente, estimulando-os a sempre maiores cometimentos, no roteiro que lhes traçara, aplicaram-se, com o pensamento voltado para o Senhor Jesus, a não comprometer o precioso legado que lhes fora transmitido.

Sendo, ao começo, de sete o número dos diretores, sobre dois deles, entretanto, pela natureza de suas funções, recaíram principalmente as responsabilidades na administração da sociedade — o presidente e o tesoureiro — cabendo aos demais, sem deixar de ser importante, uma tarefa, por assim dizer, subsidiada, mas em cujo desempenho se conduziam todos com o mesmo espírito de dedicação e desinteresse, próprio a manter a edificante harmonia que se observava naquela comunidade verdadeiramente apostólica.

Ou se tratasse das sessões públicas de estudo, em que os dois primeiros, mais tarde secundados pelo vice-presidente, Dr. Geminiano Brasil — verbo inspirado e suavíssimo de comentador de assuntos evangélicos — fraternizavam cordialmente na explanação de temas doutrinários, ou se tratasse de reuniões da diretoria, para deliberações de caráter administrativo, era sempre o mesmo acordo de opiniões que

se notava, o mesmo vigilante propósito de servir, única e exclusivamente, à causa de Jesus e merecer-lhe a aprovação.

Graças a esse espírito de solidariedade e união fraterna, as dificuldades materiais, que ainda no curso dos anos imediatos acidentaram a existência da Federação e que, nesse abençoada fase de pobreza — tão favorável ao homem como às instituições, para seu aproveitamento na modéstia e humildade — deram lugar a tocantes manifestações de todos os consórcios, foram rapidamente debelados.

Assim cresceu e dilatou a esfera de todos os seus benefícios a Federação, como no anterior capítulo ficou assinalado, até a sua instalação no edifício próprio à Avenida Passos.

Poderia permanecer indiferente a essa prosperidade, que em tudo se manifestava, o adversário de todos os tempos da doutrina e da obra de Jesus?

Entre os serviços, ampliados ou recentemente instituídos pela Federação, um sobretudo havia que desafiava e não podia deixar de, no mais alto grau, desafiar as iras daquele adversário: era a Escola de Médiuns.

Até então — ou pior ainda — até agora tem prevalecido para esses delicados instrumentos humanos de obtenção dos fenômenos espíritas o regime do empirismo, senão do mais completo abandono dos indivíduos possuidores do precioso dom, sob as varias modalidades que reveste, menos às flutuações da vontade pessoal sem direção e sem cultivo, do que realmente à discricionária pressão das entidades malfazejas do invisível, empenhadas em inutilizá-las.

Ora, enquanto o médium sem cultura doutrinária, alheio, por essa falta de preparação, aos grandes ideais que o Espiritismo vem realizar no mundo, sem educação da vontade e à míngua de um metódico desenvolvimento de seus poderes psíquicos, particularmente do sentido espiritual, que lhe permite o discernimento dos Espíritos, facilmente se converte, ou está exposto a converter-se, em instrumento passivo daquelas entidades, como o tem a experiência demonstrado, o médium culto — e por esta expressão o entendemos não somente dotado de tal preparação, que lhes esclarece o entendimento, mantendo-o vigilante, mas sobretudo penetrado de espírito cristão, identificado com os grandes ensinamentos do Evangelho, como tal humilde e resolutamente empenhado em fazer-se discípulo de Jesus e realizar o seu apostolado de amor em relação às imensas necessidades e misérias humanas — reunirá, sem de modo algum presumir-se infalível, as mais solidas condições de resistência às astuciosas ciladas do inimigo.

Médium em tais condições será o instrumento ideal assim para a obtenção dos fenômenos de toda ordem, graças à maleabilidade e adestramento de suas faculdades, quaisquer que sejam, como para produzir as grandes obras de fé e caridade, peculiares ao sagrado ministério de que se sentirá investido.

A Federação Espírita Brasileira, por sua posição de vanguarda na propaganda e orientação das atividades militantes, não podia omitir, sob pena de atraiçoar o seu

mandato, pactuando com o empirismo e o abandono a que têm sido votados os médiuns, essa importantíssima parte do programa que se traçara, tanto mais que nesse particular, como continuadora das duas Sociedades que a haviam precedido e a que no capítulo anterior fizemos referencia, cumpria-lhe pôr em pratica judiciousa exortação que do Alto, numa pequena série de ditados, a última delas recebera, a propósito da obsessão de que um de seus médiuns fora vítima.

Na Sociedade Espírita Fraternidade, com efeito, benévolo Espírito, que se dera a conhecer como o de Allan Kardec, discorrendo acerca dos perigos, que o cercam, e das boas condições que devem favorecer o exercício da mediunidade, num estilo que — força é reconhecer — não parece propriamente o do codificador do Espiritismo; atribuível antes ao intermediário, mas enfeixando conceitos que, em substância, guardam o cunho de alta moralidade e sabedoria peculiares ao grande missionário, perguntava abertamente: “Mas onde a Escola de Médiuns? Existe?”

Os ditados foram reduzidos a um folheto impresso, tal importância que lhes foi legitimamente atribuída, mas a criação da escola não passou de uma vaga aspiração, embora com insistência preocupando a mente de um dos membros da “Fraternidade”, que veio a ser mais o tesoureiro da Federação, mesmo porque, não se fazia nem por muitos anos se chegou a fazer ideia exata do que deveria constituir o programa de semelhante criação.

Ainda em 1902, quando na Federação Espírita se fez uma primeira tentativa em tal sentido, que não logrou êxito apreciável e veio, meses depois, a ser abandonada, não havia da parte do portador da ideia, empenhado em levá-la à prática, uma perfeita compreensão do plano a que deveria obedecer.

É que não estava ainda suficientemente amadurecida, assim em sua concepção geral como em seus objetivos práticos, e como toda obra inspirada do Alto — qual é, de resto, a que em nosso plano dos efeitos escapa a essa origem e preponderante influência? — requeria uma elaboração, por natureza, lenta, misto de sugestão oculta e adaptação raciocinada na mente do encarnado, para que a este viesse por fim a apresentar-se em toda a nitidez.

Desse trabalho preparatório parece ter sido objeto o presidente da Federação, pela índole de suas funções provavelmente escolhido para isso e que, sem ser, como se viu, o autor da ideia nem ter tomado pessoalmente a iniciativa de sua primeira, malograda execução, limitando-se, como em outros casos o fizera por espírito de obediência e solidariedade, a estar de acordo com o seu velho e experiente companheiro — e daí a harmonia em que viveram sempre — não cessou contudo de meditar sobre o assunto, até que, julgando tê-lo perfeitamente apreendido em seus múltiplos aspectos, explanando-o mais de uma vez nas colunas do *REFORMADOR*, oferecida a oportunidade, quando em rápido andamento a construção do edifício próprio da Federação, organizou em termos positivos o regulamento da Escola de Médiuns e reuniu os elementos para a sua fundação.

Como não se tratava de uma obra pessoal — preocupação que jamais teve, no exercício de suas funções, buscando sempre exprimir o que acreditava serem o pensamento da Sociedade e os grandes ideais da doutrina — o regulamento foi submetido à apreciação da diretoria e, com ligeiros retoques, mereceu a sua aprovação.

Essas particularidades, que parecerão acaso deslocadas num trabalho deste porte, servem contudo, na demonstração da nossa tese geral, para pôr em relevo o contraste do repúdio que veio ulteriormente a despertar a criação da Escola da parte de alguns que, patrocinando-a ou dando-lhe o seu voluntário assentimento, de tal modo se deixaram arrebatados na onda de perturbação lançada pelo inimigo entre os diretores da Sociedade, que se lhe tornaram, mais que malévolos críticos, intransigentes demonstrativos dos propósitos de absorção gratuitamente atribuídos ao seu executor.

Aproveitando-se, com efeito, da inexperiência de alguns novos membros da diretoria, por esse fato e pela conseqüente falta de vigilância mais facilmente expostas às suas insidiosas sugestões, o Espírito das trevas, que não podia tolerar por mais tempo o crescimento expansivo da Federação, lançou contra ela a ofensiva em larga escala que vinha preparando e para cujo êxito o primeiro cuidado, como é natural, foi suscitar a desarmonia entre os seus diretores. Enquanto estes se conservassem unidos, solidários e vigilantes, seriam frustradas as suas manobras, como realmente o foram em anteriores investidas. Era preciso antes de tudo separar os dois velhos companheiros que vinham, anos a fio, colaborando no engrandecimento da Federação e, em seguida, criar a todo pretexto desconfianças e rivalidades com o presidente⁵⁸, a quem um longo e consecutivo tirocínio havia terminado por conferir uma preciosa e vigilante experiência no domínio das coisas espirituais.

Um e outro objetivos, um ano apenas decorrido da instalação da sociedade em seu edifício próprio, foram conseguidos. Quando, pois, se encaminhava a Federação para o apogeu de suas realizações, com um amplo e fecundo programa apenas inicialmente executado, surgiram absurdas competições e divergências no seio da diretoria, criando-se uma espécie de bloco de resistência às iniciativas e atuação do presidente, a tal ponto que este, acabrunhado de sofrimentos e desgostos, que lhe abalaram a saúde, se viu por fim constrangido a limitar a sua atividade unicamente às funções de doutrinador, nas sessões públicas de estudo, e de diretor da Escola de Médiunidade, terminando, quase ao expirar o seu mandato, por dirigir aos consócios uma MENSAGEM, em que expunha, para esclarecimento e orientação destes na escolha dos novos mandatários, os desagradáveis sucessos de que, nessa tormentosa fase, vinha sendo teatro, senão antes, vítima a Federação, que ele tanto amava e a que dera todas

⁵⁸ O autor faz referência a si próprio e à sua gestão na presidência da FEB (de 1900 a 1912) — N. E.

as energias do seu espírito, nos melhores anos de sua mocidade.

Posto que vazado em termos de grande serenidade, com exclusão sistemática e discreta da revelação de nomes, antes, nas alusões impersonalizadas aos companheiros em causa, usando expressões de fraterna cortesia, esse documento, envenenado em suas intenções pelo inimigo oculto, provocou violenta reação, dando lugar à publicação de dois folhetos sob os títulos, respectivamente, *CARTA ABERTA* e *NOUtro RUMO*, em que o autor da Mensagem foi nominalmente objeto de gratuitas acusações e cruéis invectivas, às quais, podendo embora opor fatos e argumentos em legítima defesa, se absteve, todavia, de replicar. Compreendendo que a intenção do Espírito das trevas era promover o escândalo de uma ruidosa polêmica travada de público entre irmãos, incompatibilizando-os, se lho consentissem eles, mas opondo a tal propósito sinistro a cordialidade de sentimentos que pelos seus companheiros divergentes não sofrera por aquele motivo a menor alteração — como de fato responsabilizá-los pela malévola pressão oculta de que eram simplesmente vítimas? — entendeu o presidente que o silêncio resignado era tem tal conjuntura a melhor maneira de demonstrar que não esquecera a lição do Divino Mestre, assim no Sinédrio como no Pretório.

O escândalo, entretanto, planejado pelo inimigo tinha que, embora público, mas no recinto da Federação Espírita, seguir o seu mal-aventurado curso. E, por mais penoso que seja recordar esses pungentes sucessos, que tanta amargura lançaram no coração dos crentes, remédio não há senão fazer deles um, pelo menos, brevíssimo resumo. Não estamos no dever de documenta com fatos a tese que vimos sustentado?

*

* *

O presidente da Federação, consideradas embora a firmeza e coerência de suas atitudes que, do Alto sustentadas, valiam por impenetrável broquel aos assaltos do inimigo, era, todavia, apenas o pretexto. Que vale realmente o homem, frágil, imperfeito e, ao demais, efêmero? O objetivo realmente visado nessa campanha de desmoronamento — não se iludia ele — era a Federação Espírita Brasileira. E, por que assim o via claramente, é que os seus sentimentos pessoais nunca se modificaram acerca dos seus descuidosos companheiros, tanto mais que, não obstante se haverem tornado eles, por esse descuido, inconscientes joguetes do Maligno, reconhecia estarem animados das melhores intenções e convencidos talvez de que, para servir à causa espírita e resguardar os sagrados interesses da Federação, cumpria-lhes pôr fora o infiel que, aos seus olhos, a comprometia.

Na realização desse proposto, de tal modo sob aquela tenebrosa pressão se lhes obnubilara o entendimento, que todos os meios lhes parecem lícitos, desde a

expedição de circulares aos consócios, solicitando-lhes procuração para se fazerem representar na assembleia geral, que se aproximara para renovação da diretoria, mas tendo-se o cuidado de não revelar em que sentido seria utilizada semelhante outorga de poderes, até a inscrição como sócios, promovida por um certo elemento plutocrata, de grande número de empregados de seu estabelecimento comercial, com o fim de melhor assegurar, pela passividade automática desse improvisado reforço eleitoral, a exclusão do autor da Mensagem, na escolha dos novos mandatários. Não foi tudo ainda: por uma secreta deliberação, mais tarde somente divulgada, cogitou-se de que, se o “díscolo” fosse porventura reeleito presidente, no dia seguinte os médiuns receiptistas, que faziam o serviço da Assistência aos Necessitados, não se apresentassem a exercer o sagrado ministério, transferindo-o para outro lugar. Tratava-se, numa palavra, custasse o que custasse, de arrasar o infiel, criando-lhe toda sorte de hostilidades e embaraços.

O que seria, sob tão desfavoráveis auspícios, a assembleia geral da Federação, nesse infortunado começo de 1914, é fácil de prever-se. Numeroso grupo de consócios, partidários do presidente, representando verdadeira e sensível maioria — mas com que desgosto reconhecia ele a existência de um partido, espontaneamente embora formado, em torno da sua pessoa, e inspirado em generosos sentimentos, quando o objetivo de estudantes do Evangelho deve ser unicamente a doutrina do Mestre e a imitação de suas virtudes, com despreocupação absoluta de personalismos! — enchia em grande parte o salão. Ao primeiro momento de respeitoso silêncio, de recolhimento e prece feita, à abertura, pelo presidente, que logo cedeu a cadeira ao escolhido pela assembleia para presidi-la⁵⁹, sucederam as interpelações acerca da admissibilidade, sustentada por uns, combatida por outros, das procurações que, em número considerável, se encontravam em poder do grupo dissidente, e logo a deflagração do tumulto, o vozeio contraditório e exaltado, com a formação de um molesto, intolerável ambiente, em que sentiam-se, campeando dominadoras, as tenebrosas influências do invisível.

Quando, porém, ao fim do longo tempo de semelhante agitação e desentendimento, ia no seu auge a desordem verbal, o ex-presidente, que até então se conservara silencioso e afastado, numa das extremidades do recinto, profundamente entristecido e acabrunhado ante aquele espetáculo inédito nos anais da Sociedade, pediu a palavra, teve a satisfação de verificar que a oração mental, em que desde o começo não cessara de refugiar-se, havia sido, no Alto, misericordiosamente atendida. Por que fez-se, como por encanto, um grande, um completo e profundo silêncio, em meio do qual, começando por exprimir a mágoa de que se achava possuído, "por ver banidas da nossa comunhão as boas práticas de harmonia, de fraternidade e confiança mútua", e depois de referir-se em termos de

⁵⁹ Leopoldo Cirne perdera a reeleição para Aristides Spíndola (1850-1925), que então presidiu a FEB nessa e em outras ocasiões — N. E.

cordial deferência aos companheiros divergentes, concluiu por aconselhar com firmeza, logrando ser ouvido com aplausos, que fossem admitidos os votos por procuração, tais quais se achavam redigidos esses instrumentos. Bem sabia ele do vício de origem e de intenção que os inquinava, não ignorando ao mesmo tempo que daria, com esse gesto, ganho de causa ao adversário; mas entendeu que era preferível ser ludibriado, procedendo como cristão, deixando a cada um a responsabilidade dos seus atos e dando um público testemunho de desprendimento que edificasse os seus irmãos, a medir-se com eles, no terreno tão ingrato das competições pessoais, pela obtenção de um cargo que nunca pleiteara, muito embora a repetida investidura, com que nele até então fora benevolentemente distinguido, correspondesse ao sincero desejo, que nunca o abandonou, de servir com todas as forças de seu espírito à causa de Jesus.

Restabelecida a calma, graças a essa oportuna e serena intervenção, puderam os trabalhos da assembleia prosseguir até à apuração final do pleito, cujo resultado foi o que era de esperar-se. A manobra reacionária do invisível surtira pleno efeito, sendo a nova diretoria reconstituída com exclusão do antigo presidente e dos companheiros com ele solidários na orientação doutrinária que vinha imprimindo aos trabalhos da Sociedade.

Tomado assim de assalto o sagrado reduto, em torno do qual rondara tantos anos, pôde finalmente o inimigo, prevalecendo-se não só do ascendente espiritual que lhe fora inadvertidamente consentido, mas da inexperiência dos novos mandatários — apenas um, cheio de grandes e reais serviços, possuía longo tirocínio que, não obstante, o não impedira, num explicável, porque humano, colapso de vigilância, de ser arrebatado na onda de perturbação — apoderar-se da direção da velha Sociedade e impor-lhe o seu funesto predomínio.

Completamente? — Seria, mais que inverídico, injurioso em relação Àquele que nos ama a todos infinitamente, em nossas mesmas debilidades e misérias, pretender que depois das lamentáveis ocorrências que ficam resumidas tão antagônicas, é certo, do espírito cristão, houvesse o Senhor Jesus abandonado aquela casa. Ele que, apesar de todas as prevaricações da igreja romana, ainda a não desertou até agora, nela parcialmente continuando a viver em todas as suas obras de misericórdia e nos corações fiéis aos seus preceitos de amor e de humildade, como recusará a sua assistência, por seus mensageiros, aos novos discípulos, animados de boa vontade e do sincero desejo de servi-lo? Por que, homens e fracos, expostos às sugestões do Espírito das trevas, se haviam descuidado de pôr infatigavelmente em prática a exortação, também dirigida outrora aos escolhidos, no Jardim das Oliveiras, no sentido de orar e vigiar? Ai de nós! Que seria da nossa fragilidade, se tão pouco nos amasse Aquele eu nos há de assistir sempre como Divino Médico, enquanto o reclamarem as nossas enfermidades! Assim, ao lado das feridas que, para nosso aprendizado e experiência, não impede, não deve impedir que nos cause o inimigo,

desde que lho consentimos, está pronto sempre a entornar sobre nós o bálsamo de sua misericordiosa assistência, toda vez que lha imploramos. Não vimos de resto, precedentemente, que na obra divina andam sempre, em nosso mundo, associados o joio e o trigo, não em indivíduos diferentes, mas até num mesmo indivíduo?

Continuou, pois, a ser executado sem modificação sensível, na aparência, o programa da Sociedade. Não se interromperam as sessões públicas doutrinárias, o *REFORMADOR* prosseguiu a sua publicação, nos moldes alterados desde o ano precedente, o gabinete mediúnico-receitista e os demais serviços de beneficência não sofreram alteração, cessaram as desinteligências no seio da diretoria, e essa trégua exterior, interpretada como restabelecimento da paz, cuja perturbação se atribuíra aos companheiros que haviam sido afastados, pareceu autorizar a convicção de que sobre os novos mandatários, orientando-os com segurança, nenhuma outra inspiração havia que a dos mensageiros do Senhor Jesus.

Seria realmente assim? Teria o inimigo, contentando-se com a assinalada vitória obtida e cujo efeito imediato foi o afastamento de grande número de sócios,⁶⁰ renunciado a sua obra malfazeja? Espíritos ingênuos o poderiam acreditar. Uma análise, entretanto, dessa nova fase — porque a Federação entrou de fato em uma nova fase de sua existência, bem diferente da anterior — demonstrará que outra infelizmente é a verdade. Sem falarmos na diminuição moral evidentemente sofrida pela velha Sociedade com os sucessos tão pouco edificantes de que fora teatro — e não podia deixar de ser esse um dos objetivos culminados pelo Espírito das trevas — certas iniciativas desastradas, ao lado da omissão de outras, que a suposição no seio da comunhão espírita nacional lhe impunha o dever de tomar, e ainda a mutilação de uma parte do seu programa, de considerável importância, bastarão para pôr em evidência a implacável pressão daquele adversário.

Antes de tudo revelou-se ela — ocioso seria assinalar, pois que constituíra o objeto central da malévola campanha — na imediata extinção da Escola de Médiuns, chave que se destinava a ser do engrandecimento do Espiritismo, pelo aperfeiçoamento dos seus métodos de pesquisa, ao mesmo tempo que, segundo há pouco o aludimos, precioso antemural, para aqueles delicados instrumentos, contra as hostilidades do invisível. Condenando-a e sumariamente a extinguindo, sem terem sequer de suas comovedoras reuniões, para poderem ajuizar da eficiência dos seus métodos iniciáticos e da instrução evangélica nela postos em prática, os seus demolidores, ignorando a que oculta sugestão obedeciam, tão convencidos estavam, e parece ainda estarem, de haver praticado um ato de sabedoria, que mesmo agora, decorridos tantos anos e não obstante a carência, que continua a notar-se, de bons médiuns, instruídos e adestrados para os mais graves misteres da propaganda e

⁶⁰ Num movimento de desgosto pelo escândalo ocorrido e, depois da assembleia de fevereiro, rapidamente divulgado, muitos sócios, nesse ano, se desligaram da Federação, ficando o seu número reduzido de um terço, para no ano seguinte ficar ainda limitado apenas a três quintas partes do que era em 1913.

aplicações do Espiritismo, não perdem ensejo de formular desdenhosas e, de resto, infundadas críticas⁶¹ e referir-se a semelhante criação, como uma coisa condenável.

Para melhor assegurar-se o predomínio sobre aqueles ânimos incautos, fez o inimigo, logo depois dessas primeiras vitórias, adotar o absurdo critério de não reelegibilidade do presidente. Compreende-se porque. Havia a experiência demonstrado que a permanência de um mesmo indivíduo, durante anos consecutivos, no exercício daquele cargo, o mais elevado sem dúvida, pela preponderante complexidade de suas atribuições, mas também o mais arriscado de todos, alvo preferido, que é, das implacáveis agressões do oculto, oferece por outro lado a inestimável compensação de atrair sobre quem o exerce as mais abundantes efusões do Alto, indispensáveis nesse grau para o sustentar em meio de suas tremendas responsabilidades, e termina, graças a essa iluminação interior, por conferir-lhe acerca das coisas espirituais uma preciosa experiência, que doutro modo não poderia ser adquirida.

Era preciso obstar que esse fenômeno de lenta, continuada e laboriosa adaptação, benéfica ao depositário da misericordiosa investidura, não menos favorável à Sociedade, pela crescente segurança com que seria dirigida, viesse de futuro a repetir-se. Tratou, portanto, o inimigo, estimulando subalternas preocupações pessoais, de fazer considerar naquelas funções não os seus gravíssimos ônus, mas o relevo de sua representativa significação, devendo como tais ser indistinta e alternativamente exercidas, senão por todos os outros diretores, por aqueles ao menos que reunissem os títulos de habilitação, representados em mais avantajada cultura literária, para as desempenhar.

E, deste então, o que se não observa em sociedades profanas e até mesmo em corporações políticas — viveiro de ambições — em que a investidura presidencial costuma ser, durante longos períodos, renovada aos que satisfatoriamente a desempenham, tem sido posto em prática numa agremiação de crentes, cujo discernimento, obnubilado pelo Espírito das trevas, lhes não tem deixado perceber que em face dos altos interesses da Federação e da doutrina, que deveriam a tudo mais ser preferidos, a preocupação de personalidades, a não ser no sentido de favorecer a permanência de um dentre os mais aptos no exercício do cargo, e por tempo ilimitado, como conviria, pelo menos enquanto bem servisse e as forças o não desamparassem, constitui não apenas estranhável atitude, mas verdadeiro menosprezo à palavra d'Aquele que disse: "Quem quiser ser meu discípulo, negue-se a si mesmo e toma a sua cruz e siga-me".

Nenhum dos que têm exercido a presidência da Federação, em sua nova fase — diga-se em abono da verdade — pode ser com justiça increpado de a ela ter

⁶¹ Veja-se, por exemplo, o folheto *SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE*, "trabalho aprovado pela 1ª reunião (?) do Conselho Federativo convocado pela Federação Espírita Brasileira em 1926" e ainda hoje distribuído gratuitamente.

ascendido em virtude de manejos reveladores de ambição pessoal. Ao contrário disso e em testemunho de seu desinteresse, cumpre assinalar que o revezamento naquele cargo constantemente praticado, passando o presidente, num exercício, a desempenhar no seguinte outras funções, tem sido voluntariamente aceito e de boa fé interpretado como sinal de desprendimento e humildade, o que, de resto, vem apenas confirmar não terem os autores dessa inovação, em sua inexperiência, preocupados com semelhante demonstração de índole inteiramente pessoal, apreendido o alcance de manobra do inimigo, que, a pretexto e sob a aparência de nobres sentimentos, habilmente explorados, tem conseguido assegurar-se a realização do se já apontado objetivo, em detrimento da Federação.

Quais tem sido realmente para esta os benefícios de semelhante instabilidade? Que um qualquer, provada a sua inaptidão para as funções presidenciais, cessasse de nelas ser reintegrado, compreende-se. Assim, o exigiram os altos interesses e conveniência da Sociedade. Mudar, porém, simplesmente por mudar e substituir um companheiro, que bem acaba de servir, por outro igualmente apto, sem dúvida, mas que nada tem a alegar — nem ele nem ninguém — contra o substituído, como se tem feito, podendo ser isso interpretado ainda como propósito de condenação, de resto mesquinho, aos antecedentes e tradições daquela casa, seria demonstração de leviandade, inadmissível em tão grave assunto, se antes não fosse prova da intervenção de malévola força oculta, empenhada em perturbar a marcha retilínea da Federação e impedir a salutar continuidade em sua orientação superior, cuja responsabilidade no plano terrestre, por aquela forma diluída numa aparente e incolor participação coletiva, tem que forçosamente — queiram-no ou não os seus novos, inexpertos condutores — caber de fato, em virtude de suas mesmas atribuições, ao presidente.

*

* *

Mas não deviam aí deter-se as conquistas do inimigo, mercê do ascendente adquirido sobre aqueles ânimos incautos. Não tardou, por isso, erigindo a desconfiança em norma de conduta e banindo mais uma antiga tradição daquela casa, em fazer adotar outra medida violadora das boas práticas evangélicas, no que elas têm de simplicidade igualitária e de espontaneidade confiante.

Até aos dois anos precedentes, ou melhor, enquanto a Federação foi uma sociedade pequenina e pobre, como tal modestamente instalada, a eleição anual de sua diretoria era uma formalidade sumaríssima, perfeitamente nos moldes das comunidades cristãs. Reunida a assembleia, de ordinário escassamente concorrida, e dispensada a leitura do relatório presidencial dos trabalhos da Sociedade previamente publicado no *REFORMADOR*, solicitava-se aos assistentes que indicassem

os novos diretores. Como tais postos de obscuro sacrifício não eram então cobiçados, a indicação, depois de algum tempo de silenciosa expectativa, partia sempre de um dos membros, para essa prevista eventualidade, incumbido pela própria diretoria de ler a nominata dos que a deveriam compor e eram, de seguida, aceitos por aclamação. Assim fora desde o começo instituído e, posteriormente, conservado por Bezerra, cuja autoridade moral não se sentia de modo algum diminuída com observância daquela mera formalidade, que não excluía, contudo — assinalemos de passagem — a iniciativa dos consócios em apresentar algum nome de sua preferência, como veio mais tarde a suceder, numa determinada eleição, com aplauso da diretoria, que aceitou com vivo agrado a indicação, como sinal de interesse da parte dos consócios em intervir deliberadamente na composição, administrativa da Sociedade.

Desde que, porém, instalada a Federação em seu confortável edifício, logrou o inimigo, por um golpe traiçoeiro, como vimos, subvertendo as boas normas, que nela haviam prevalecido sempre, e pondo em prática expedientes condenáveis, tomar de assalto as posições de direção, não lhe foi difícil insinuar o temor de um contragolpe, em qualquer tempo, insinuando por igual a conveniência de o neutralizar, cercado a escolha dos diretores, mesmo para defesa do novo e rico patrimônio a administrar, de mais eficazes garantias.

Seria prudente, nesse caso, confiar na boa fé e sinceridade dos consócios e deixar que continuasse a mercê de *verdictum* direto semelhante escolha? Homens práticos e invigilantes — circunstância que sobremodo favoreceu-a manobra — advertidos por aquela experiência e, aparentemente, inspirados, segundo a sua própria confissão, no exemplo de sociedades profanas — de sociedades profanas, vede bem, e não nas tradições da primitiva cristandade, até pouco antes naquela casa observadas — mas outra coisa realmente não fazendo que obedecer a astuciosa sugestão tão do oculto, entenderam que, de preferência a ilusórias confianças, mais seguro seria instituir o censo alto.

Daí veio a criação de uma assembleia deliberativa, composta de 25 membros eleitos, de três em três anos, pela assembleia geral dos sócios, ficando a cargo daquele reduzido colégio eleitoral a nomeação da diretoria. Uma espécie de eleição do papa pelo sacro colégio dos cardeais, com a diferença, todavia, de que estes são, dentre os altos dignitários da igreja, nomeados pelo pontífice, ao passo que os componentes da assembleia deliberativa são, na aparência, feitos, mas de fato apenas aprovados pelos sócios da Federação, que se limitam a homologar a escolha dos 25 nomes previamente feita pela diretoria em exercício.

O objetivo da manobra oculta, que desse modo aboliu, com o sufrágio direto, o regime democrático, tão na índole e no espírito das tradições cristãs, para em seu lugar pôr um mero simulacro, é evidente. Sendo muito mais fácil obter o assentimento de um pequeno grupo de companheiros para a aprovação de determinada nomenclatura de diretrizes, do que influir no mesmo sentido sobre o

ânimo de uma assembleia numerosa, em cujo seio poderia surgir inesperada oposição, ficava daquele modo assegurada aos diretores dos cargos da diretoria a faculdade de vetar, previa e indefinidamente, qualquer candidatura reputada indesejável.

Com esse regime de mal disfarçado cerceamento da liberdade, para os membros da Federação, de escolherem deliberadamente os seus mandatários, tão diferente do anterior, que assegurava essa liberdade, sempre que entendessem de exercê-la os sócios, no caso de um sagrado e imprescritível direito, criou-se um verdadeiro círculo vicioso: a diretoria em exercício escolhe 25 nomes de companheiros de sua imediata confiança e obtém sem dificuldade a homologação dessa escolha pela assembleia geral dos sócios; a assembleia deliberativa, por essa forma constituída, homologa a seu turno a escolha da diretoria, feita pelos próprios detentores dos cargos, cuja distribuição fica previamente ao seu arbítrio. Para mistificação, como se vê, admissível em mundanos, escravos de paixões, mas incompatível com estudantes do Evangelho, cujo primeiro dever, peculiar de resto a todo homem de bem, é a sinceridade. Como não perceberam eles semelhante aberração?

Exorbitaríamos, todavia, do plano a que nos devemos cingir, se houvéssimos de analisar todos os desacertos, de boa fé, sem dúvida, mas por influência do Maligno, perpetrados naquela casa, seja como abandono de "itens" importantes do seu programa, seja como omissão de iniciativas que lhe cumpria tomar e, finalmente, como atitudes reveladoras da incompreensão, por parte dos seus dirigentes, do papel, que lhe estava reservado, de orientadora, pela palavra e pelo exemplo, da grande família espírita nacional. Num determinado caso, mesmo além, como o veremos adiante. Escolheremos, por isso, dentre um maior número, alguns fatos mais significativos.

Compreendendo que uma das formas de tornar extensivo ao maior número possível de inteligências o conhecimento da Revelação nova, seria pô-las em contato direto com os ensinamentos contidos em suas obras fundamentais, começando por destruir a barreira de trevas, que é a ignorância, geradora de superstições e fanatismos, incluíra a Federação, em sua fase anterior, a criação de aulas de instrução elementar e secundária entre os seus compromissos, espontaneamente contraídos, no sentido de elevar o nível intelectual do povo, beneficiando-o simultaneamente com a cultura espiritual, e havia dado começo de execução a essa parte do seu programa, como ficou precedentemente relatado, por ocasião das festas centenárias de Allan Kardec. Se desse modo contribuiria para o que o Dr. Constâncio Alves denominou "abrir mais clareiras na selva escura do analfabetismo nacional", sobretudo o faria como preparo das inteligências, pelo estudo, para a livre aceitação do Espiritismo.

Por sua posição no seio da comunhão espírita brasileira, podendo influir junto às agremiações, de sul a norte, a ela filiadas, para que a secundassem na realização

desse vasto plano, que requeria sem dúvida iterativo esforço, perseverança e fé — mas não devem ser precisamente esses os característicos de sua missão? — estava a Federação talhada para prestar aquele duplo e valioso serviço ao Brasil e a doutrina. Prevendo o seu alcance, tratou de o obstar o inimigo e, prevalecendo-se da carência de visão dos novos orientadores da Sociedade, insinuou no relatório dos seus trabalhos no exercício de 1915 as seguintes sugestões:

"Há — dizia o relator — em nossos estatutos outros serviços consignados, os quais a experiência tem revelado inexecutáveis ou meramente alegóricos, como o Conselho Deliberativo, as aulas primárias e a escola de médiuns".

A sugestão não foi aceita; mas a instituição dos cursos primários, à míngua daquela visão superior, continuando embora a figurar nos estatutos, posteriormente reformados, tem sido procrastinada até agora.

Quanto à escola de médiuns — a odiada escola pelo inimigo — já fora, como vimos, automaticamente suprimida ao início da nova fase da Federação. Tratava-se apenas de eliminar da lei escrita a possibilidade sequer de ser um dia, no futuro, restabelecida a sua criação. O que convinha restabelecer em seu lugar, consoante imediata sugestão, era o velho empirismo, vasto campo franqueado pela credulidade insipiente ao predomínio mental do astucioso adversário, que logo doutoralmente sentenciou:

"Esta última, ao meu ver, deve ficar incorporada à Assistência, para os fins iniludíveis de conciliar a teoria com a prática, sem a qual não há mediunidade na rigorosa acepção do termo".

Assim se fez, e não decorreram muitos anos que os resultados desse ostensivo e inconsiderado comércio com o invisível, sem o rigor analítico, vigilante e inflexível, que reclama, se patenteassem numa verdadeira cilada, de que ia sendo vítima a Federação, unicamente salva, a tempo, em virtude de circunstâncias providenciais, a que não foram certamente estranhos os seus benévolos Guias invisíveis, remediando a inopia dos seus condutores no plano terrestre, bem intencionados — ainda uma vez o reconheceremos de bom grado — mas invigilantes.

O Sanatório para tratamento de obsessos era media cuja execução, de há muito, se vinha impondo aos cuidados da Federação, mesmo para atender aos numerosos pedidos, em favor de. enfermos daquela natureza feitos por pessoas, não raro estranhas à doutrina, mas que, tal como nos casos de enfermidades comuns, desiludidas de obter da Medicina a cura de entes caros, recorriam, como derradeira esperança, à terapêutica espiritual, que só os invisíveis agentes da misericórdia divina, com os quais reputavam familiarizados os adeptos do Espiritismo, poderiam com êxito aplicar. Porque, seguramente informadas, sabiam que, longe de produzir a loucura, o Espiritismo, quando criteriosamente praticado, a pode curar, com a colaboração dos mensageiros do Senhor Jesus.

Para, atender a esses instantes e múltiplos reclamos, não a esmo, senão

mediante um conjunto de favoráveis elementos, que a delicadeza e gravidade do assunto aconselhavam reunir, mas não podiam ser, por isso mesmo, improvisados, começara a Federação apelando para a generosidade dos espíritas, no sentido de obter os recursos pecuniários que, pouco a pouco acumulados, viessem a permitir a fundação do Sanatório, cujo ambiente encontrassem os obsessos uma primeira condição propícia ao seu tratamento.

O mais difícil, entretanto, não seria coletar aqueles recursos para a instalação e continuar a angariá-los para a dispendiosa manutenção de um estabelecimento de semelhante natureza, posto que já isso representasse — contando-se exclusivamente, como o devera sempre ser, com o auxílio dos espíritas — uma obra ingente, própria a desafiar as dedicações mais arrojadas. A parte mais dificultosa desse altruístico empreendimento consistia no que pode chamar-se a aparelhagem humana para sua eficiente realização, isto é, os doutrinadores e os médiuns intimamente penetrados de sentimentos cristãos — sobretudo a humildade, o amor e a fé — únicos broqueis com que poderiam sentir-se animados a intervir no conflito de ódios, para converter ao perdão e à misericórdia, conseqüentemente à reconciliação vítimas e algozes. Os próprios enfermeiros, a contratar para o Sanatório, incumbidos de lidar dia e noite com os obsessos, deveriam ser crentes imbuídos daqueles sentimentos, a fim de colaborar nas curas, operando com brandura e autoridade, que só do Mestre poderiam receber, para apaziguar as crises, os movimentos agressivos, comuns em tais enfermos.

Estava a Federação aparelhada para assumir tamanhas responsabilidades e realizar com êxito semelhante obra de verdadeira caridade? Mas, se a Escola do Médiuns, viveiro bendito, pela cultura das virtudes evangélicas e disciplina das forças mentais e psíquicas, que se propunha a ser, dos seus frequentadores, fora suprimida pelo Maligno, como empecilho ao seu discricionário e funesto predomínio? Não tendo, pois, a Federação curado, por um porfiado e sistemático trabalho, de preparar com antecedência aqueles elementos e não vendo, através da inexperiência dos seus condutores, senão o lado material do empreendimento, só essa inexperiência e a fácil credulidade nas ostensivas sugestões do Além explicam a imprudência de que ia sendo vítima, dando ouvidos à astuciosa sereia, de que se fez eco, a tal propósito, o relatório de 1918, em que se diz:

“A cura de obsessões é um velho e sagrado objetivo que vem, promissora, preocupando as administrações dessa casa”... mas “não tem podido até agora concretizar-se, o que atribuímos menos à falta de recursos materiais do que à incapacidade de predicados morais que lhe assegurem definitivo êxito”.

“Agora, entretanto — prossegue o crédulo relator — do alto nos chega sonora a palavra de ordem para manter ombros à obra”.

O relatório de 1920 ainda faz, em termos que refletem sempre a mesma credulidade invigilante, ingênuas referências à “insistência com que os nossos guias

nos fazem sentir a sua necessidade inadiável" (a de instalação do sanatório) e dá notícia de se haverem finalmente entabulado negociações para aquisição de um prédio destinado àquele fim, localizado — essa e outras circunstâncias vieram a ser mais tarde esclarecidas — na rua Santa Alexandrina, em terreno contíguo ao Seminário, sobre o qual debatia-se um litígio com a Mitra.

A armadilha fora bem preparada, não estando certamente fora dos cálculos de seus astuciosos autores as complicações e desgostos que para a Federação resultariam dessa vizinhança indesejável.

Felizmente surgiram dificuldades, que motivaram a rotura das negociações, no ano seguinte, com restituição do avultado "sinal" e princípio de pagamento, que já fora efetuado, conforme se lê no relatório de 1921, salvando-se a Federação do que seria um consumado e porventura irremediável desastre, graças à intervenção, essa sim, dos seus verdadeiros e benévolos Guias espirituais, não por meio de cavilosas exortações ostensivas, mas influenciando certamente, por sugestão e poderosa ação oculta, para aqueles desenlace providencial. Por que os Espíritos superiores nunca intervêm formalmente nas deliberações humanas, aconselhando isto ou aquilo — só neófitos e inexperientes o ignoram — limitando-se, quando se comunicam, a exortações morais de ordem geral e deixando aos encarnados, em relação a fatos objetivos, mesmo, já se vê, relacionados com a doutrina inteira liberdade de ação, a fim de por essa forma lhes assegurar o mérito das iniciativas, favoráveis ao seu progresso pessoal. Ciosos desse progresso, agem sempre mediante inspiração oculta, fazendo-se colaboradores, insuspeitados não raro, dos humanos, mas abstendo-se de lhes tolher, de modo ostensivo, o livre arbítrio. Em sentido contrário só usam proceder os "lobos" dissimulados em cordeiros.

O fracasso, oportuno e providencial, da "inadiável" instalação do Sanatório, veio, portanto, demonstrar que a tal "sonora palavra de ordem" não fora mais que uma audaciosa mistificação.

*
* *
*

Enquanto assim, de um lado, se deixavam os seus incautos diretores ludibriar, no inoportuno e temerário comércio ostensivo, que se permitiram, com o invisível, abstinha-se, por outro, a Federação de iniciativas que sua posição lhe impunha e os próprios interesses da propaganda aconselhavam.

Preparava-se o Brasil para celebrar em 1922 o primeiro centenário de sua emancipação política, realizando-se nesta capital grandes festejos, entre os quais uma exposição internacional, que deveria atrair número considerável de forasteiros, não só do exterior, mas principalmente dos Estados, para cuja vinda, como é de praxe em casos tais, havia o governo criado facilidades, mediante redução de preços nos

transportes marítimos e terrestres. Era ocasião, excepcionalmente favorável, de promover-se uma grande reunião dos espíritas, a fim de permutar ideias, concertar planos de ação e, sobretudo, estreitar os laços de confraternidade, por uma aproximação pessoal entre os adeptos disseminados na vastidão do nosso território.

Assim avisadamente o entenderam alguns, que, na ausência de toda iniciativa por parte da Federação, quando já se avizinhavam as festas comemorativas, lançaram a ideia pelas colunas de jornais, desta capital e de Estados próximos, submetendo-a atenciosamente ao *verdictum* da velha Sociedade. Com que mágoa, entretanto, os que de fora observavam os acontecimentos viram que nem ela acolhia as sugestões, nem ao menos, quando por outro motivo o não fizesse, por um dever de cortesia com os seus autores, opinava pelas colunas do *REFORMADOR*, mesmo em sentido desaprobativo, esclarecendo, como lhe cumpria, as razões da inoportunidade ou inconveniência da convocação! Alheia a sua missão de orientadora e coordenadora das atividades militantes no Brasil e, expondo-se a alienar simpatias e ver desfavoravelmente interpretado o seu mutismo, nem uma palavra proferiu, deixando assim o campo livre a um certo elemento desorientado, que vinha há muitos anos comprometendo, uma e outra vez, o Espiritismo com inconsideradas altitudes e que aproveitou o ensejo para convocar um “Congresso”, cuja peca realização foi um consumado ridículo para a causa que se propunha representar. Será preciso advertir que esse resultado estava nos cálculos do Maligno, que decerto o havia intencionalmente preparado, revelia de quem se não resolvera, por uma definida atitude, a salvaguardar o decoro da doutrina? Felizmente, em meio dos festejos, que absorviam todas as atenções, passou despercebido o incidente.

Mas o precedente da esquiva por parte da Federação, traíndo o mesmo alheamento de suas elevadas atribuições — fruto da ação inibidora do inimigo — ficou, para ser poucos anos mais tarde renovado, trazendo consequências bem menos superficiais.

Por ocasião da reforma parcial da carta constitucional do Brasil, promovida em 1925 no seio do Congresso Legislativo transformado, para o efeito, em Constituinte, a corrente clerical — vaga organização, que manobrava na sombra, sem existência política definida, ao serviço das ambições ultramontanas — julgou azado o momento para desferir um golpe de surpresa no liberalismo de nossas instituições, fazendo apresentar as denominadas “emendas religiosas” aos parágrafos 6º e 7º do artigo 72 da Constituição, que dispunham:

“Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos” (um); e o outros: “Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União ou os dos Estados”.

Era a consagração do principio de independência dos poderes temporal e espiritual o que se continha nesses sábios dispositivos, uma das mais belas afirmações de clarividência dos legisladores republicanos. Sem ousar alterar-lhes

substancialmente a redação, os autores das emendas propunham contudo as seguintes ampliações, que mal encobriam intenções ocultas:

"Conquanto leigo, o ensino com caráter obrigatório, ministrado nas escolas oficiais, não exclui das mesmas o ensino religioso facultativo";

"Conquanto reconheça que a da Igreja Católica é a religião do povo brasileiro, em sua quase totalidade, nenhum culto ou igreja gozará" (o resto como no primitivo texto).

Com essas emendas, que lhe outorgariam uma situação de preponderância, oficialmente reconhecida, visava a igreja, pelo órgão dos seus representantes no Congresso, preparar o terreno para, em primeiro lugar, apoderar-se das novas gerações, por meio do ensino religioso, que esperava transformar, posteriormente, de facultativo em obrigatório, e mais tarde fazer-se reconhecer, como ao tempo do Império, religião do Estado, a fim de por essa única forma poder suprimir a concorrência de outros credos religiosos, particularmente o Espiritismo, cujos progressos e rápida propagação, diminuindo-lhe dia a dia a clientela, tanto a incomodam.

Côncios da incoercibilidade do seu poder expansivo, não deveriam, sem dúvida, nem deverão jamais infundir temor aos adeptos do Espiritismo essas pretensões da igreja romana, por instinto empenhada em viver, ainda que mediante processos, como aquele, de galvanização, de resto, impotentes para obstar o seu desaparecimento, quando concluído o seu papel na história da humanidade. Essa tranquila certeza não exclui contudo da parte dos espíritas, no caso, da Federação Espírita Brasileira o cumprimento do dever, que se lhe impunha, de sair a campo, antes de tudo numa afirmação de existência e de vigilância às manobras do adversário e, em seguida, no pacífico exercício do direito de crítica e de representação, aquela nas colunas do *REFORMADOR*, e esta em petição reivindicadora da estrita permanência dos dispositivos liberais, levada ao plenário do Congresso, perante o qual importava que o Espiritismo, convicto de sua força, fizesse ouvir, serena e publicamente, a sua voz.

Nem uma nem outra dessas atitudes assumiu a Federação, pelos seus legítimos órgãos representativos, conservando-se muda e indiferente espectadora dos sucessos, que, dir-se-ia, não lhe interessavam. Foi preciso que o governo, por inspiração, que se deve acreditar do Alto — ele que só tinha motivos para simpatizar com as pretensões da igreja — abrisse mão de sua influência, declarando, pelo seu *líder*, questão aberta a das “emendas religiosas” e, de outro lado, que venerando confrade, com prestigiosa influência e relações entre os políticos, empreendesse um trabalho, do mesmo modo inspirado, de ativa e diligente catequização junto aos seus amigos do Congresso, para que se não consumasse o planejado atentado liberticida e as emendas fossem rejeitadas na primeira votação.

Somente depois de passada a tormenta e alcançada essa vitória significativa, é

que o *REFORMADOR* se resolveu a lançar um artigo tranquilizador — a boas horas! — da família espírita, assegurando que nunca alimentara dúvidas acerca daquele resultado, que tinha antecipadamente como certo, sem, todavia, conseguir, com essa atitude de profeta de fatos consumados, dissipar a penosa impressão de acefalia causada no ânimo de todos pelo apático procedimento da Federação.

Que resultou daí? — O mesmo prestigioso confrade a que aludimos, animado pelo sucesso de sua oportuna intervenção, rodeado de outros, como ele, cheios de entusiasmo pela doutrina, que entendiam não dever continuar à míngua de defesa contra novos possíveis assaltos que viessem ameaçá-la, pôs-se à testa de um movimento de organização disciplinar, com ramificação nos Estados, e tratou de reunir elementos para a realização de uma "Constituinte Espírita Nacional", convocando-a a comissão organizadora para 31 de março de 1926.

Longe de aplaudir semelhante medida, cuja malévola inspiração oculta, embora reconhecesse o extremado zelo de seus propugnadores, lhe não escapou, quem estas linhas escreve, atenciosamente convidado por uma agremiação de vizinho Estado a representá-la naquela assembleia, teve ocasião de, excusando-se, externar sobre o assunto uma série de considerações, que foram divulgadas pela imprensa⁶² e lhe parece oportuno aqui reproduzir, não só como expressão do pensamento que continua, integralmente, a manter, mas como testemunho de imparcialidade acerca da Federação Espírita Brasileira.

*
* *
*

"Ser-me-ia muito agradável — dizia nesse documento — corresponder à benévola deferência, aceitando o honroso mandato, se a isso não opusessem motivos de consciência, que entendem com o que se me afigura serem os altos interesses da doutrina em causa. Porque, fazendo embora justiça aos promotores da planejada Constituinte, que se hão de certamente acreditar fundados em excelentes razões para a iniciativa que tomaram, devo, todavia, confessar que não simpatizo de modo algum com esse movimento que, sob as enganadoras aparências de unificação e fortalecimento, pela coesão, da família espírita brasileira, outro resultado não trará senão acentuar divergências latentes e favorecer o espírito de competição e de discórdia, dando-lhe uma pública e, de todo ponto, inconveniente repercussão, como já se pode observar nas contendas que começam de surgir pelas colunas dos jornais estranhos a nossa comunhão.

"Ora, no momento de crise que atravessamos, crise que não afeta unicamente os organismos políticos e sociais de todo o mundo e se caracteriza por uma singular

⁶² Inseriu-as *O CLARIM*, de Matão, Estado de S. Paulo, em sua edição de 6 de março de 1926.

confusão de ideias e acentuada tendência para o predomínio da força contra as aspirações de liberdade, mas que se manifesta igualmente nas fileiras espíritas, em que todos querem mandar, cada um fazendo prevalecer o seu ponto de vista, e ninguém se resigna a obedecer, a melhor atitude que nos deve a prudência aconselhar, se queremos de fato servir a Jesus e não às nossas vaidades pessoais, é esperar que passe esta hora angustiosa, refugiando-nos para isso na paciência e humildade, "sem as quais não têm grande valor nossas obras".

"E, se alguma iniciativa deve ser tomada — que o deve certamente — no sentido de fortalecer-se o laço de solidariedade entre a família espírita brasileira, por todos os meios de aproximação de seus componentes, para uma ação mais eficaz nas coisas da doutrina e mais amplas realizações que as que se têm até agora consumado, essa iniciativa só pode e só deve caber à Federação Espírita Brasileira, eixo central da nossa organização doutrinária e militante. Todo movimento partido de fora com iguais intuítos aos de seu programa, constituindo um paralelismo cismático e anarquizador, só há de conduzir à dispersão e à desordem, por mais que lhe queiram atribuir foros de organização. E que se deve pensar dos que, para "organizar", isto é, para estabelecer métodos e normas disciplinares, começam por infringir os preceitos da obediência e disciplina, sem as quais não se pode manter coesa a conectividade?

"Dirão — como já o têm alegado — os preparadores da Constituinte que a Federação Espírita Brasileira foi por eles convidada a aderir a esse movimento, de suicídio para ela — apressemo-nos a acentuar — pois que visa precisamente substituí-la em suas funções peculiares, e o recusou. Nem outra atitude poderia logicamente assumir, diante de tão singular maneira de prestigiar-se a mais antiga e respeitável associação organizadora da comunidade espírita, qual foi essa de conferir-lhe publico diploma de incapacidade no desempenho de sua tarefa. Esse convite, ao demais, representa um testemunho documental da confusão, a que há pouco aludia, que impera nas ideias, entre os nossos próprios confrades, pois que não perceberam o seu absurdo, a menos — o que é inadmissível — que de caso pensado quisessem humilhar a velha sociedade máter.

"Permita-me acrescentar que sou tanto mais insuspeito para exprimir-me deste modo a respeito da Federação, que já não pertença ao número de seus associados e sou o primeiro a reconhecer e deplorar a apatia em que nos últimos anos se tem ela conservado, estranha a iniciativas cuja oportunidade tem deixado escapar e seriam fecundas ao progresso do Espiritismo em nossa pátria, sendo igualmente passível de crítica o silêncio de seu órgão em relação a assuntos de interesse para esclarecimento e orientação dos crentes. Males são esses, todavia, oriundos da carência do tirocínio dos transitórios administradores da Federação, e cujo remédio tem que ser procurado numa ação interna, da alçada de seus próprios membros. Pretender pela deficiência de visão de alguns homens, de resto sinceros e bem intencionados, responsabilizar a instituição, promovendo uma coletiva reação externa, é fazer obra

de exautoração e anarquia.

"Há receio de que o Espiritismo, na iminência de pressões e hostilidades humanas, venha a sofrer com o desamparo de medidas da mesma natureza, não tomadas pelos mais altos responsáveis na sua direção?

"Infundado receio, próprio só dos que ignoram que, se a Causa Espírita é de Jesus, contra ela não prevalecerão as maldades e prevaricações dos homens. Nunca o Cristianismo foi tão vivaz e eficiente em sua ação transfiguradora como no período das mais violentas e cruéis perseguições. Só começou a declinar quando hierarquicamente organizado, o que nos deve pôr de sobreaviso contra as supostas vantagens das numerosas e humanamente solidas organizações. Há sempre nestas o perigo de insinuação do espírito de orgulho e predomínio.

"Se, pois, amamos verdadeiramente a nossa doutrina e desejamos com pureza e sinceridade vê-la prosperar nos corações, o que temos a fazer, longe da pretensão de nos substituímos aos que assumiram o pesadíssimo encargo da organização de suas unidades militantes, é cada um, no círculo de estudos a que pertença, esmerar-se em cultivar os sentimentos cristãos, vivendo-os de tal modo no seio da família e da sociedade, que possa servir de modelo e de exemplo aos transviados filhos deste século de materialismo e de descrença.

"A esta obra, solida e modesta, de reforma dos nossos costumes e purificação dos próprios sentimentos, é que se devem encaminhar todos os nossos esforços. E lhe asseguro que, se a ela nos aplicarmos seriamente, com o desejo único de agradar e servir ao nosso Divino Salvador, morrerão em nós todas as veleidades e deixaremos de querer cumprir os deveres dos outros e muito felizes nos reputaremos em cumprir os nossos fielmente".

*

* *

Antes de assim nos pronunciarmos, em documento vindo a público, já no mesmo sentido havíamos externado o nosso modo de ver, quando procurado pelo prestigioso irmão que se pusera à testa do movimento e, com benévola insistência, pretendia que lhe déssemos o nosso apoio e colaboração. Não logramos dissuadi-lo, infelizmente, e a ideia seguiu o seu curso, reunindo-se de fato a pomposa — na denominação pelos menos — Constituinte Espírita Nacional e dela resultando a criação da Liga Espírita do Brasil, operosa agremiação que, se tem desenvolvido apreciável atividade na propaganda e defesa do Espiritismo, como ainda recentemente o fez, incorporando-se ao movimento liberal, despertando em quase todo o país, "pró Estado leigo" — reação, promovida por livres pensadores e adeptos de vários credos religiosos, contra a instituição do ensino religioso nas escolas, obtida

afinal do Governo Provisório pelos mesmos elementos clericais decepcionados na tentativa de 1925 — é certo haver falhado inteiramente, como de resto, com seguros fundamentos, o prevíramos, quanto à sua precípua finalidade, que entendia com a arregimentação dos grupos espíritas, pondo termo à desorientação, que neles reina. de modo a encaminhá-los a uma esclarecida harmonização dos seus métodos de trabalho pelo estudo e a permuta de ideias entre os seus diretores e os da Liga.

Mas como ser doutro modo, se, a pretexto dessas intenções, que seriam louváveis, se as não inquinasse a tara de paralelismo com o programa da Federação, o que resulta evidente é o plano de desagregação, tranquila e implacavelmente executado pelo Espírito das trevas? Enquanto a voz da prudência e do bom senso é desprezada, quando indica o único rumo proveitoso à formação de um verdadeira família espírita, sem as pompas de uma coletividades, sob vistosas denominações, mas realmente unida em um mesmo espírito de fraternidade cristã, vai ele, com efeito, alcançando os seus objetivos de enfraquecimento e dispersão dos crentes e criando rivalidades, que se tornam, até certo ponto, irreconciliáveis.

Há, por exemplo, entre os espíritas uma dupla corrente de opiniões que se vêm de há muito acentuando, a propósito da revelação, contemporânea de Allan Kardec, recebida igualmente na França, por J. B. Roustaing, com o concurso da médium Sra. Collignon⁶³, a qual, enfeixando admiráveis ensinamentos acerca da evolução geral dos seres, com uma profundidade e transcendência que se não encontram nas obras fundamentais codificadas pelo primeiro, e empreendendo uma explicação integral dos Evangelhos, "em espírito e verdade", não apenas em sua parte moral, mas abrangendo, uma a uma, todas as passagens, postas em concordância, nos três sinóticos⁶⁴, relativas, inclusivamente, nos fatos da vida de Jesus e aos denominados "milagres", contém, ao lado da revelação da sua gênese espiritual e do seu papel em relação à humanidade, o desenvolvimento de uma tese, que a muitos se afigura de surpreendente realidade, mas que tem sido objeto de veementes impugnações por outros, acerca da corporeidade especial revestida pelo Divino Mestre, para os fins de sua missão messiânica, diferente, aquela corporeidade, da comum à generalidade humana.⁶⁵

Tese arrojada, porventura desenvolvida com excessiva abundancia de

⁶³ O autor refere-se ao compêndio *OS QUATRO EVANGELHOS OU REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO* publicado em três volumes por Jean-Baptiste Roustaing, um importante jurista francês que se declarou espírita, organizado a partir da psicografia da médium Émilie Collignon, cuja autoria é atribuída aos Espíritos dos quatro evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), sob a coordenação de Moisés. Desse compêndio originou-se a doutrina denominada Roustaingismo, tão controversa no meio espírita brasileiro, já desde seu início, pela pretensão de propor ser uma nova e superior interpretação moral (inclusive com a epígrafe "Espiritismo Cristão") em relação à codificação do Espiritismo feita por Allan Kardec — N. E.

⁶⁴ O quarto evangelho, "segundo S. João", faz objeto de uma explicação à parte.

⁶⁵ A doutrina roustaingista propõe a ideia de que o Cristo não passou pela senda natural da reencarnação humana, sendo as cenas comuns de sua vida humana apenas de aparência, inclusive seu nascimento e morte; em vez de uma corporeidade comum, "de carne e osso", Jesus se teria feito presente aos homens através de um corpo fluídico, semelhante à descrição do fenômeno dos agêneres feita por Kardec na *REVISTA ESPÍRITA*, edição de fevereiro de 1859. Kardec refuta essa tese do corpo fluídico de Jesus em *A GÊNESE*, cap XV — N. E.

pormenores que, em certos casos, a tornam aparentemente inverossímil e, a poder de repetições, fastidiosas, tem suscitado, como o dizemos, apologistas e opositores, nem sempre dotados da conveniente serenidade para evitar antagonismos radicais, dando assim lugar a que, mais uma vez, se dividam os homens a propósito do Cristo, em lugar de em torno d'Ele se unirem pelo amor, como tão insistentemente lhes recomendara. Com isso apenas provam eles que o não amam verdadeiramente, mas as suas próprias intransigências sectárias.

Entre os membros da Liga Espírita, influentes na sua direção, é certo que não têm curso os ensinamentos dados a Roustaing, ao passo que na Federação a sua aceitação integral, de resto, conduzida com uma inabilidade e ausência de tato lamentáveis, tem criado um antagonismo extremista, indubitavelmente explorado, senão intencionalmente suscitado pelo inimigo, cujo interesse não pode ser outro senão "dividir para reinar".

Ora, o que não apenas a prudência em assunto de tamanha delicadeza, mas o respeito afeto que nos deve inspirar o nosso Divino Salvador aconselhariam, como de resto o fizemos quando o nosso modo de ver podia influir nas atitudes da Federação, é que se abstivessem todos de fazer daquela augusta personalidade um motivo de separação e de discórdia. Quando muito poderia ser uma e outra vez, como o fizemos igualmente, despertada a atenção dos crentes para o estudo e meditação da figura do Mestre, que por nossa parte não poderíamos, nem podemos, sem irreverência, compreender sujeita às mesmas grosseiras necessidades e contingências do comum dos homens, não menos indispensável sendo, por isso, atribuir-lhe uma corporeidade particular, a fim de não somente serem entendidas certas expressões, aparentemente enigmáticas, relativas à sua própria pessoa, mas alguns fatos capitais de sua vida, inexplicáveis a não admitir-se tal corporeidade.

Devemos acrescentar, a propósito da "Revelação da Revelação", que, reconhecendo embora a profundidade de muitos de seus conhecimentos, a par da magnitude do plano verdadeiramente original, em que foi plasmada, não temos dúvida em admitir que a forma expositiva, recheada de fatigantes repetições, denuncia uma suspeita colaboração oculta. Que há de admirar em que verdades provindas do Alto padecessem, mais que as humanas deficiências da transmissão mediúnica, a ousada e não percebida interferência do Anticristo, empenhado sempre em deturpá-las? — Aos estudiosos, crentes humildes e vigilantes, cumpre, segundo nos parece estar nos próprios desígnios divino, discernir. a poder de meditação e de recolhimento, o joio do trigo. Entendemos, por isso, que não há, não deve haver para nós, tateantes nas trevas da ignorância e da imperfeição moral, revelações intangíveis, devendo ser todas objeto de rigorosa e porfiada análise. Razão de mais para se não impor uma determinada à aceitação de todos, mormente quando envolve, com intuitos de intransigência, tornando-a capital, uma questão secundária, como essa da corporeidade aparente do Salvador, em quem acima de tudo o que devemos

buscar é o modelo perfeito para a nossa vida, o Espírito divino, que Ele é, amparo das nossas misérias, refúgio dos nossos padecimentos, fortaleza contra as tentações e possibilidades de queda, que a todo momento nos assaltam, não sendo para isso indispensável conhecermos qual tenha sido a composição somática da sua personalidade.

Assim o não têm infelizmente entendido os orientadores da Federação, em sua nova fase. Correndo o risco de se deixarem contaminar por aquele espírito de orgulho e predomínio, a que aludimos no documento atrás reproduzido e que não raro se insinua nas grandes e humanamente solidas agremiações — será necessário recordar o que tem ocorrido com a igreja romana? — em lugar de uma atitude tolerante, conciliadora e persuasiva, única naturalmente indicada pela sua eminente posição na família espírita brasileira, tem eles encaminhado a Federação, nesse caso da Revelação recebida pelo Sr. Roustaing, a um exclusivismo, que só pode conduzir, como vai acontecendo, à formação de dois partidos extremados.

Exemplo disso foi a publicação de todo ponto infeliz, de um folheto extraído "do quarto volume daquela obra", com intuítos de maior vulgarização do que nele se contem acerca do Cristo, como "revelação da sua posição espírita com relação a Deus e aos homens", no qual, desde a epigrafe e o título, indicativo do seu conteúdo, aos comentários finais, tudo parece refletir um certo espírito de dogmatismo e intolerância, próprios antes a repudiar que a predispor à sua leitura, menos ainda a aceitar as ideias, na forma em que estão expostas.

"Espiritismo Cristão" é a epigrafe, como a indicar que há outro que se não deve confundir com a nova ortodoxia por aquela forma estabelecida⁶⁶, e o título: *JESUS, NEM DEUS NEM HOMEM*,⁶⁷ rematando, entre outras apreciações acerca da obra que, diz o comentador, "temos a convicção de que se tornará, em tempo não muito distante, para os espíritas todos uma fonte onde todos irão constantemente beber", rematando — dizemos — com esta apóstrofe: "desde que do seio deles desapareça o nefasto personalismo que ainda os traz desunidos".

Pois que! A repulsa, que muitos experimentam, de resto louvando-se na atitude do próprio Allan Kardec, que fez criteriosas reservas acerca da admissibilidade, não da obra integral, mas do aludido ponto controverso, em admitir que o Cristo não houvesse revestido um corpo igual ao nosso, parecendo-lhes que nesse caso não teria experimentado as dores da crucificação e os sofrimentos físicos que a precederam, os

⁶⁶ Sob essa mesma epígrafe é que foi publicada a *REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO* — outro título pretensioso, constituindo uma das suspeitas inspirações que, a nosso ver, logrou o inimigo insinuar nessa obra admirável, fazendo-a um misto de luz e sombras e tornando assim necessário que, para aceitação dos magníficos ensinamentos que contém, seja empreendido um considerável trabalho de joeiramento e síntese, que, eliminando as ociosas repetições, do mesmo modo que certas excessivas pormenorizações, conserve em suas grandes linhas estruturas o pensamento superior que lhe deu origem.

Esse trabalho — não o duvidamos — será um dia realizado com o amor e a humildade que requer, sob a indispensável inspiração do Alto.

⁶⁷ Obra de autoria de Guillon Ribeiro (1875-1943), presidente da FEB em duas oportunidades (de 1920 a 1921 e de 1930 a 1943), sendo muito lembrado pelas traduções que fez das obras de Kardec e de Roustaing — N. E.

quais teriam sido uma farsa, incompatível com a elevação do seu Espírito, é sumariamente verberada como um “nefasto personalismo”! Quando muito dever-se-ia considerar essa apreciação unilateral do delicado assunto o resultado de um estudo completo, não feito com a profunda meditação que requer, completada com a súplica sincera de inspiração ao próprio Senhor Jesus, que deve ser feita por todo aquele que, amando-o verdadeiramente e penetrando-se dos divinos ensinamentos do seu Evangelho, deseja e necessita ser por Ele, o indulgente Mestre, esclarecido, a fim de o compreender e amar ainda mais na sua obra, na sua vida e também na verídica expressão da sua excelsa personalidade.

Mas increpar daquele modo, em nome de não sabemos que excessivo zelo, positivamente farisaico, o legítimo direito de divergir, da parte de quem só pode ser arguido de não ter feito do assunto um completo estudo, esgotando-o em seus múltiplos aspectos — e quem se poderá lisonjear de o haver feito desse modo? — seria o cúmulo da intolerância, estranguladora da liberdade de pensar, se antes não fosse, como estamos certos de o ter sido, o resultado de mais uma pérfida sugestão do Espírito das trevas, com o duplo fim de cavar mais fundas as rivalidades pessoais e doutrinárias entre irmãos e tornar a Sociedade, em cujo nome foram externados tais conceitos, odiosa perante os que se prezam de, livres pensadores, não aceitar senão o que, errado ou certo, esteja de acordo com a sua razão e consciência.

Não, não é assim que aos olhos dos crentes deve ser apresentada a Federação Espírita Brasileira, tanto mais que, dirigida por homens, sujeitos a errar, em caso algum poderia pretender o monopólio da verdade, nem sequer o de mais acertado discernimento, como o provam os dois seguintes fatos, com que encerraremos a série dos, entre outros, ocorridos na nova fase de sua existência, demonstrativos da malévola pressão oculta exercida sobre os seus bem intencionados — não cessaremos de o reconhecer — mas inexperientes e invigilantes orientadores.

Lembrou-se diligente confrade, cheio de dedicação pelas coisas da doutrina, de propor no Conselho Municipal, de que fazia parte, que fosse a denominação de uma modesta e simples travessa — nem sequer uma rua — situada na zona suburbana, substituída pela de “Allan Kardec”, como homenagem que, em seu ardor de crente, entendia reivindicar para o codificador do Espiritismo. Movido por irrefletido entusiasmo de moço e agitador da ideia, em cuja difusão tem desenvolvido louvável atividade, não lhe ocorreram, além de outros, dois ponderosos motivos que o deveriam aconselhar a abster-se de semelhante iniciativa. O primeiro é que a doutrina que professamos, por sua espiritualidade substancial, do mesmo modo que o austero missionário incumbido de sua codificação, não toleram glorificações mundanas daquela nem de qualquer outra natureza. Se queremos de fato recomendar a primeira à aceitação dos homens e tornar por estes venerada a memória do segundo, o meio que se nos oferece para isso não é, à semelhança do que praticam os adeptos das religiões materializadas, que o Espiritismo vem

espiritualizar, induzindo-as a despojar-se de ritualismos e complicações exteriores. não é — dizemos — adotar idênticas práticas de mera convenção, que nada exprimem, senão vivermos em todos os nossos atos os preceitos morais que preconizamos como necessários à regeneração do mundo, porfiando, no que se refere à glorificação de Allan Kardec, em mostrar-nos dignos do depósito sagrado, que nos transmitiu, por uma sistemática abstenção de tudo que o possa comprometer ou deturpar.

O outro motivo é que, fazendo, pelo voto de uma assembleia popular, eletiva e política, insculpir na placa de determinada via pública o nome do vulto representativo de uma crença, não apenas científica, mas acentuadamente filosófica e religiosa, o autor da ideia, tanto como os que para sua realização contribuísem ou que viessem sequer a aplaudi-la, imporiam à coletividade, em que outros matizes sectários se acham representados, a participação numa homenagem contraria às íntimas convicções de um grande número. Aos espíritas — compre interrogar — pode ser licita semelhante imposição, com desprezo daquelas razões de delicadeza moral que, induzindo-os a abster-se, só os poderiam recomendar, menos em o conceito dos homens que ao juízo daquele, cujo aplauso devem unicamente ambicionar para todos os seus atos e atitudes?

Como quer que fosse, a ideia foi aprovada e convertida em lei municipal, que o Prefeito sancionou, efetuando-se o ato banalíssimo da colocação das placas em meio de ruidosas expansões verbais, que lhe emprestaram o cunho de pomposa solenidade, quase de uma consagração oficial do Espiritismo, como o pretenderam com transbordante entusiasmo considerar os seus representantes graduados, reunidos para aquele fim, simplesmente, porque, num gesto de mera deferência, as autoridades públicas, expressamente convidadas, ali se fizeram representar. A tal ponto subiu o entusiasmo de alguns que chegaram a sugerir a iniciativa de uma subscrição para fundir-se em bronze o busto de Allan Kardec e, colocado na rua, ser oferecido à veneração dos fiéis. Não teve curso, felizmente, semelhante disparate.

Qual foi, em meio dessas manifestações, no fundo pueris, a atitude da Federação? Fez ela acaso ouvir, pelo seu órgão, a voz da sabedoria e do bom senso, assinalando os inconvenientes da medida consumada e recordando que o Espiritismo, sobranceiro às contingências e vaidades humanas, não se engrandece com a adesão ou as simples homenagens dos poderosos do mundo, mas são estes que devem sentir-se engrandecidos e felicitados, aderindo aos seus regeneradores princípios?

Longe disso, entre os delegados das associações espíritas presentes no local, um dos quais num transporte de exaltado reconhecimento, chegou a beijar as mãos ao representante do Prefeito, lá estava o enviado da Federação, que d'esse modo, quando nem o tácito assentimento lhe seria lícito, aplaudiu e sancionou com sua presença o que, na leviana opinião de alguns, constituiu notável triunfo para o

Espiritismo, mas de fato representou funesto precedente, que diminuiu para a velha sociedade máter a autoridade moral com que, depois disso, já não poderá criticar, sempre com um fim de esclarecimento e orientação, os adeptos de outras religiões, a propósito de semelhantes práticas materializadoras, unicamente próprias de filhos do século, cortejadores de suas honrarias e vaidades.

O último fato, que nos propomos recordar, ocorreu a propósito da criação, em Paris, de uma Federação Espírita internacional, a cujo convite para filiar-se, contribuindo com uma quota fixa anual, endereçado às associações congêneres de todos os países, não hesitou em anuir a Federação Espírita Brasileira, sem o aprofundado exame que o assunto requeria e que a deveria levar a excusar-se, assim da parte de seus dirigentes houvesse a penetrante visão dos tempos que se aproximam e das transformações que se hão de operar na marcha da civilização ocidental, com a mudança de suas diretrizes atuais, à míngua de compreensão da mentalidade francesa, tradicionalista e conservadora por excelência — característico geral ademais da mentalidade europeia — não viram os orientadores dos destinos da Federação Brasileira no plano terrestre que a iniciativa dos espíritas franceses, imobilizados na concepção do plano de organização do Espiritismo, ideado por Allan Kardec há mais de meio século, com uma instituição coordenadora centralizada em Paris, já não corresponde assim à expansão e aos variados matizes adquiridos pela doutrina em sua irradiação por todo o mundo, como principalmente não se harmoniza com os novos rumos que, visivelmente, se vão esboçando para a civilização ocidental na translação de sua hegemonia da Europa, anquilosada nos seus ideais e métodos rotineiros, para a jovem e livre América, cujas progressistas realizações a propulsão do Alto, em que os desígnios divinos se refletem, imprime um dinamismo de que já não seriam capazes os povos de além Atlântico, esgotados em sua eficiência realizadora.

No ponto de vista da evolução religiosa, é indubitável que a América, desembaraçada de tradicionalismos intransigentes como os que na Europa predominam, aos quais só a Rússia revolucionária opôs medidas radicais, tem de caminhar na vanguarda dos novos tempos, gravitando para a restauração do Evangelho em espírito e verdade, não somente em suas aplicações morais, senão também sociais e políticas, e neste sentido, mais que aos Estados Unidos do Norte, cabe ao Brasil, como oportunamente o demonstraremos, um papel de singular e preponderante relevo. Como, em tais condições, subordiná-lo a uma organização divorciada dessa finalidade progressista?

O plano que noutra lugar esboçamos⁶⁸, cogitando da existência de Federações Nacionais em todos os países e só eventualmente de uma Federação Universal, sempre que reunidos os representantes daquelas em assembleias ou congressos

⁶⁸ Veja-se *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 2º, cap. III, "Lineamentos gerais de organização espírita.", etc.

internacionais, para troca de ideias e adoção de medidas tendentes ao desenvolvimento da doutrina e consolidação dos laços de fraternidade entre todos, nos parece de alguma sorte melhor corresponder às necessidades e tendências dos tempos que se aproximam do que essa tardia e obsoleta criação dos espíritas franceses, aos quais perdeu a Federação Espírita Brasileira, mercê da carência de visão dos seus orientadores, a ocasião de demonstrar o que, no incorrigível desconhecimento nacional do que ocorre *là bas*, a que não serão estranhos os nossos próprios correligionários, certamente ignoram, isto é: que nestas regiões da América Meridional, caluniosamente reputadas ainda envoltas na barbaria, os problemas da vindoura civilização e do Espiritismo são encarados à luz de um critério bem mais adiantado do que o poderiam imaginar.

A sua excusa de filiar-se a uma organização eivada de regionalismo, cuja oportunidade há muito desapareceu, teria então, além de tudo, com a necessária e esclarecedora exposição de motivos, o valor de um ensinamento.

Mas foi precisamente para conduzir a Federação a esse estado de acefalia e, em tantas pérfidias manobras, que o Anticristo, por seus infatigáveis auxiliares, armou o escândalo de 1914, de que resultou entravar-lhe a marcha irradiadora e ascensional, que tantas esperanças vinha despertando, mesmo fora das fileiras espíritas, e tantas promessas encerrava das mais fecundas realizações.

O plano, entretanto, não já de investidas externas, a que em precedente capítulo aludimos, mas de desagregação, por uma sistemática ação interna, de suas unidades militantes, visando o aniquilamento final da Revelação Nova, a exemplo do que acabamos de ver praticado contra a Federação Espírita Brasileira — elo dessa brilhante cadeia renovadora — vinha de longe: começou com as suas primeiras tentativas de organização e tem sido constantemente ampliado até aos nossos dias.

Vejamos como.

IV

**Antecedentes de ronda sinistra, contemporânea de Allan Kardec, e seu desenvolvimento ulterior. - Superstições, credice e fanatismo.
- Depoimento pessoal sobre as manobras do inimigo.
- O Espiritismo em falência.**

Aplicava-se Allan Kardec, nos primeiros meses de 1856, ao estudo dos inusitados fenômenos e à reunião dos materiais para publicação de *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, quando, em junho daquele ano, teve ocasião de consultar a principal das Entidades que o assistiam e se fizera conhecer pela designação impessoal “Verdade”, acerca da investidura que, em relação ao Espiritismo, lhe havia sido por outras revelada. Essa consulta, integralmente inserta em suas *OBRAS PÓSTUMAS*,⁶⁹ patenteia, de um lado, o caráter modesto, escrupuloso e austero do excelso missionário e, do outro, a providencialidade da sua escolha para a grande obra de renovação filosófico-religiosa que se elaborava e na qual, segundo o testemunho dos mensageiros do Senhor, preponderante influência lhe estava reservada. Merece, por isso, a título de edificação e convém, como preliminar do assunto de que nos vamos ocupar, ser aqui reproduzido:

"Bom Espírito — disse ele, dirigindo-se a 'Verdade' — desejo saber o que pensais da missão que alguns Espíritos me atribuíram e se tais dizeres foram uma prova para o meu amor próprio. Tendo, como sabeis, o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade; mas do papel de simples trabalhador ao de missionário em chefe imensa é a distância, e eu não sei o que possa justificar, em mim, um tal favor, de preferência a tantos que possuem talento e qualidades que eu não tenho."

"Confirmo o que te foi dito — replicou o Espírito — mas aconselho-te a maior discríção, se queres ser bem sucedido. Saberás, mais tarde, coisas que te

⁶⁹ Publicado em janeiro de 1890, onze anos depois da desencarnação de Kardec, pelos dirigentes da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, sob a coordenação de Pierre-Gaëtan Leymarie — N. E.

explicarão o que te surpreende agora. Não esqueças que tanto podes vencer como falir; neste último caso, seria por outro substituído, porque os desígnios de Deus não assentam sobre a cabeça de um homem. Nunca fales, portanto, da tua missão, pois seria um meio de falires. Ela não pode ser justificada senão depois da obra concluída, e tu ainda nada fizeste. Se a acabares, os homens o saberão, cedo ou tarde, reconhecer, porque é pelos frutos que se conhece a qualidade da árvore."

"Não desejo esquivar-me a uma missão, em que nem sei como acreditar" — observou Allan Kardec. — "Se, pois, estou destinado a servir de instrumento aos desígnios da Providência, que ela disponha de mim. Nesse caso, eu reclamo a vossa assistência e a dos bons Espíritos".

"Não te faltaremos com ela; mas inútil será, se de tua parte não fizeres o que te incumbe. Tens o teu livre arbítrio e, portanto, cabe-te dele usar como o entenderes. Ninguém é fatalmente constrangido a fazer coisa alguma."

"Quais são — inquiriu Allan Kardec — as coisas que me podem fazer cair? Será a insuficiência da minha capacidade?"

"Não; mas a missão dos reformadores é inçada de tropeços e perigos. A tua é rude, previna-te, porque tens de revolver e reformar o mundo inteiro. Não suponhas que basta publicares um livro, dois, dez, e ficar tranquilo em casa, não. Ser-te-á preciso expor a tua pessoa. Sublevarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados tramarão a tua perda; serás alvo da maledicência, da calúnia, da traição, mesmo dos que te parecerem mais dedicados; as tuas melhores instruções serão repolidas e adulteradas; vergarás mais de uma vez ao peso da fadiga; numa palavra,, haverá uma luta quase incessante e o sacrifício do teu repouso, da tua tranquilidade, da tua saúde e até da tua vida, porque sem isso viverias mais tempo. Pois bem! Nem um passo atrás deverás dar, quando, em vez de um caminho juncado de flores, encontrares, sob teus pés, urzes, agudos espinhos e serpentes venenosas. Para tais missões não basta a inteligência; é preciso, principalmente, para agradar a Deus, possuir humildade, modéstia e desinteresse, porque Ele abate os orgulhosos, os presumidos e ambiciosos."

"Para, lutar contra os homens — prosseguiu o alto Espírito — é necessário ter coragem, perseverança e firmeza inabalável; preciso igualmente prudência e tato, para conduzir as coisas de modo a não comprometer os sucessos por medidas ou palavras intempestivas; preciso, finalmente, possuir dedicação, abnegação, e estar disposto para todo sacrifício." E rematou:

"Bem vês que tua missão está subordinada a condições que só de ti dependem."

Teve, como se vê, o eminente Guia espiritual o cuidado, em suas advertências e profecia, de circunscrever ao plano terrestre o campo da peleja em perspectiva, abstendo-se, como o convinha, dirigindo-se a um neófito — que o era ainda então Allan Kardec — de indicar a preponderância que nela teria o elemento reacionário do

invisível. Só o tempo e aprofundado estudo das relações entre os dois planos se encarregariam de patentear essa influência, que o grande missionário, nos quatorze anos de seu fecundo apostolado, não chegou mesmo a apreender em toda a sua constância, variedade e extensão.

De como se realizou, com pasmosa exatidão, em todos os seus pontos o sábio vaticínio, dá conta o próprio Allan Kardec na seguinte “observação” igualmente inserta, em suas *OBRAS PÓSTUMAS*:

"Escrevo esta nota a 1 de janeiro de 1867, dez anos e meio depois de me haver sido transmitida esta comunicação, e dou testemunho do que ela se realizou integralmente, pois que passei por todas as vicissitudes que me foram anunciadas. Fui alvo do ódio de inimigos implacáveis, da calúnia, da inveja e do ciúme. Infames libelos foram contra mim publicados; as minhas melhores instruções foram adulteradas; fui traído por aqueles em quem mais confiava e retribuído com ingratidão por aqueles a quem servi. A Sociedade de Paris tornou-se um foco permanente de intrigas, urdidas pelos próprios que se diziam a meu favor e que, abraçando-me pela frente, me apunhalavam pelas costas. Disseram que os adeptos solidários comigo eram pagos com o dinheiro que me rendia o Espiritismo. Não mais tive repouso e muitas vezes verguei ao peso do trabalho; comprometi a saúde e arrisquei a vida."

Interrompamos a transcrição para inquirir, em presença dessa espantosa confirmação da profecia do Espírito Verdade: parecerá natural?

Que homens do mundo, engolfados em suas grosseiras ilusões e obcecados por paixões inferiores se permitissem tamanhas vilezas, não seria de surpreender. Adeptos, porém, de uma formosa doutrina de reabilitação moral, que vem a todos revelar a excelsitude dos nossos destinos, indicando o papel do homem, no universo e na Terra, como colaborador de Deus e oferecendo-lhe para isso, com o restabelecimento da pura moral evangélica, os meios de enobrecimento do próprio caráter, assim se constituírem numa associação verdadeiramente diabólica, para atormentar e demolir o ilustre chefe da sua doutrina, que se recomendava pelas mais altas virtudes e se impunha pela serenidade, compostura e sabedoria com que vinha desempenhando a sua missão, não pode ser explicado como explosões irrefletidas e momentâneas. Para que tal ponto se lhes obnubilasse o entendimento, perdido o senso de suas próprias responsabilidades morais, forçoso será reconhecer eu uma sinistra influência oculta, mais poderosa que a sua vontade, inicialmente boa — quem há que a não sinta assim despertar ao primeiro contato com as claridades da Revelação Nova? — intervinha, subjugando-os e os convertendo em joguetes para execução de um vasto plano sistematicamente urdido contra a humanidade e os apóstolos da sua regeneração.

Como, realmente, explicar doutro modo semelhante aberração?

Que essa pressão oculta, escravizadora e rancorosa, não era um incidente sem coordenação com outros fatos da mesma natureza por toda parte observados, mas o resultado de uma vastíssima trama, urdida sob a direção do Espírito do mal, em oposição aos desígnios de Deus e do seu Cristo, é o que logicamente decorre da demonstração da tese que vimos sustentando e, em seguida, ampliaremos. Por agora, em homenagem ao excelso codificador do Espiritismo e ainda como edificação para os tímidos que se arreceiam dos rudes e salutares combates espirituais, favoráveis ao nosso crescimento interior, vamos reproduzir os trechos com que Allan Kardec rematou as suas observações acerca da veracidade do que lhe havia profetizado o seu eminente Guia:

"Entretanto — prosseguiu ele, do ponto em que interrompemos a transcrição — graças à proteção e assistência dos bons Espíritos, que sempre me deram provas sensíveis da sua solicitude, sou feliz em poder dizer eu nem um único momento senti falta de ânimo, e proseguei sempre em minha obra com o mesmo ardor, sem me preocupar com as setas que me atiraram. Eu devia esperar tudo isso, e tudo se realizou, como me comunicara o Espírito Verdade.

"A par de tais vicissitudes, porém, que satisfação por ver a obra continuar prodigiosamente! Que suaves compensações tive para as minhas tribulações! Que de bênçãos, de testemunhos de real simpatia recebi dos aflitos, que a doutrina consolou! Esse resultado não me fora comunicado pelo Espírito Verdade que, de propósito sem dúvida, só me havia mostrado as asperezas da jornada. Que ingratidão, pois, se me queixasse! Dissesse eu que o bem compensa o mal, e não diria a verdade; porque o bem — falo das satisfações morais — sobrepujou o mal, sem comparação possível. Quando me sobrevinha uma de decepção, uma contrariedade, eu me elevava, em pensamento, acima da humanidade, colocava-me por antecipação na região dos Espíritos e desse posto culminante, donde avistava o meu termo de chegada, as misérias da vida passavam por mim, sem me atingir. E tanto a isso me habituei, que os maus nunca mais me perturbaram."

Longe disso — acrescentemos — por sua imperturbável atitude, solidamente apoiada nas inspirações dos seus maiores, soube o grande missionário convertê-los em colaboradores, involuntários, é certo, da sua própria glorificação. Mercê das hostilidades implacáveis de que foi objeto, a sua obra realmente adquiriu maior relevo e a sua figura, com a auréola do martírio, cresceu na admiração e no reconhecimento dos vindouros.

*

* *

Uma das características, entretanto, do Espírito das trevas é a tenacidade.

Batido numa das formas de sua atividade reacionária, logo muda de tática. Se, durante a existência de Allan Kardec, viu frustradas as suas tentativas de o fazer desanimar e sucumbir sob a pressão dos obstáculos, suscitados com a intenção de o induzir ao abandono da magnífica tarefa; se, por outro lado, sofreu a decepção de ver transformadas em eficientes meios de propaganda as perseguições movidas contra a doutrina, como no caso, anteriormente relatado, do auto de fé consumado em Barcelona, de que resultou a adesão de muitos ao Espiritismo, graças à curiosidade que pela leitura das obras despertara o espetáculo da sua incineração na esplanada daquela cidade, nem por isso esmoreceu em suas tentativas de demolição, apenas substituindo as agressões externas, tal como anteriormente o fizera acerca do Cristianismo, por uma generalizada ação interna, dirigida sobre o animo dos crentes.

Vimos precedentemente — e o próprio Allan Kardec — o assinalou na “observação” que acabamos de reproduzir que a propaganda do Espiritismo, recebido de suas mãos robustas o impulso inicial, caminhou “prodigiosamente”, aliciando prosélitos por toda parte. Só numa cidade da França, a de Lyon, que lhe fora berço, calculava ele, em 1861, e o proclamam num discurso aí pronunciado, que, a julgar pela rápida multiplicação dos adeptos, seriam “dentro de um ou dois anos, mais de trinta mil”. Em Paris, irradiando pelas províncias e no exterior, o seu número cessava de crescer, e a reunião posterior de Congressos, a que já fizemos alusão, acusava sempre uma vitalidade intelectual e uma força de expansão que nada parecia mais poder obstar.

Nos anos que precederam a conflagração europeia a atividade dos espíritas se manifestava, sobretudo nos países latinos, a Bélgica entre outros, por numerosas organizações, que ali se apresentavam publicamente, numa exibição algo profana — diga-se a verdade — ostentando estandartes e realizando festas e recepções que, de todo modo, se não constituíam eficientes meios de propaganda, provocavam a atenção geral. O Espiritismo “estava no ar” e, pela evidência com que se impunha, era assunto obrigatório da preocupação de muita gente. A prosseguir nesse crescendo, tornar-se-ia a breve trecho uma força ponderável de atuação social.

Pouco a pouco, entretanto, sem que totalmente cessassem a sua divulgação e o movimento organizador, um como sopro glacial de tibieza se foi abatendo sobre as fileiras e gerando, com inexplicável silêncio, um singular estacionamento.

A deflagração do grande conflito internacional de 1914, que deveria ter oferecido oportunidade para afirmação dos sentimentos pacifistas dos alguns milhões de adeptos por que, a esse tempo, segundo todas as probabilidades, orçaria o seu número em todo o mundo, não deu lugar, todavia, assim ao início, como em suas angustiosas fases ulteriores, a qualquer movimento coletivo com aquela finalidade, em nome de novo ideal fraternista e humanitário. Dir-se-ia haver desaparecido de todas as cogitações.

É certo que numerosos fenômenos de aparição e avisos telepáticos ocorridos

nos campos de batalha e no seio de famílias enlutadas com a perda de tantos seres caros, sacrificados na. Formidável chacina, despertaram atenção para a grande realidade da sobrevivência e estimularam, sobretudo nos primeiros anos após a terminação do conflito, a curiosidade pelo Além, dando lugar a frequentes experiências e pesquisas, não raro trazidas a público, entre estas devendo assinalar-se o livro de *sir* Oliver Lodge, com o nome de seu filho, *RAYMUNDO*, contendo da parte deste o testemunho documental de fatos de outra vida, expresso em numerosas manifestações reconhecidas como autênticas.

Depois disso — para não falarmos a indefesa atuação dos pioneiros franceses, a cuja frente se destacou sempre esse vigoroso apóstolo, que foi Léon Denis, cuja fecundidade, quando, tolhido pela idade e a cegueira, se interrompeu nas excursões de propaganda, não cessou contudo de se manifestar com a publicação de obras e opúsculos doutrinários, formando opulenta biblioteca — depois disso, dizemos, ainda surgiu, com uma rumorosa projeção de agitador, a figura de Conan Doyle, que, trocando a popularidade universalmente adquirida com os seus romances, particularmente o *SHERLOCK HOLMES*, pela notoriedade como paladino do Espiritismo, durante alguns anos, em giros de conferências, ora na Inglaterra, ora na America do Norte, despertou a atenção do mundo para a vida imortal, de cuja realidade fora convencido por numerosos fatos, observados desde a sua mocidade.

O movimento, em suma, tendo a seu serviço mentalidades de escol, como, por exemplo, Ernesto Bozzano, de uma esplêndida cultura e dialética irresistível, não esmoreceu de todo. Mas não tem logrado passar além da fase inicial, preparatória, de mera agitação verbal, sem a profunda repercussão que, ao fim de três quartos de século, seria de esperar sobre os costumes, produzindo, senão uma ou duas gerações de denodados crentes, publicamente notáveis pela concordância de sua vida com os rígidos princípios morais da doutrina, pelo menos alguns núcleos de verdadeiros apóstolos, nos diferentes países em que se tem expandido, afirmando a sua vitalidade por fecundas iniciativas de caráter social, próprias a demonstrar praticamente que o Espiritismo não é um sistema de mero verbalismo “para uso externo”, mas uma doutrina de transfiguração interior dos indivíduos, tornando-os aptos a empreender, pelo exemplo, ao serviço de solidas organizações disciplinares, a obra ingente de regeneração da humanidade e de renovação de suas instituições político-sociais, nos moldes de uma adiantada orientação religiosa.

A esse respeito os cristãos do primeiro século — sem falarmos nos dois imediatos — não dispendo como nós dos meios, prodigiosamente rápidos, de comunicação do pensamento e de contato pessoal dos indivíduos, movendo-se numa atmosfera, por toda parte, rudemente hostil a sua ação propagandista, realizaram uma obra muito mais eficiente, muito mais solida, na afirmação de virtudes que foram até ao heroísmo, quando submetidos ao batismo de fogo das imolações em massa, de que havia de resultar aquela incomparável epopeia, de que já falamos,

única na história religiosa da humanidade. Eram, num palavra, homens de fé, capazes de viver em todos os atos de sua vida o sublime ideal por que a ofereciam em holocausto, sem tibieza, nem tergiversações diante dos potentados do mundo, mais que desprezando os seus favores, que jamais cortejaram, desafiando intrepidamente as suas iras, felizes de expiar, nos paroxismos das perseguições, com o nome do Senhor Jesus nos lábios.

Foi desse modo que não assombraram somente o mundo com os prodígios da sua fé transfiguradora, senão que a ela tiveram, pelo poder do exemplo, o singular privilégio de o converter, desempenhando com intransigente fidelidade o mandato de que pelo Mestre se achavam investidos.

E não era apenas nos lances heroicos, submetidos a inomináveis torturas e em face da morte, que revelavam a sua firmeza de ânimo e a inquebrantável coerência das suas atitudes com a pureza da doutrina que, pelos atos, vinham anunciar aos homens. Postos em contato com a venalidade e a dissolução de costumes em que naufragava a velha civilização romana, de tal modo a sua incorruptibilidade os recomendava à admiração geral que, cessado o banimento de que haviam sido objeto no período culminante das perseguições, quando admitidos a participar da vida social, eram de preferência escolhidos para cargos de responsabilidade e confiança, pelo fato de serem cristãos, nisso consistindo a sua mais alta recomendação.

A explicação desse contraste, sumamente desfavorável para os adeptos do Espiritismo, só pode ser encontrada no fato de possuírem os primitivos cristãos uma fé viva, não apenas superficial, e, penetrados da íntima certeza de que o Senhor Jesus os assistia, fazerem do ideal religioso, que os transportava, o objetivo supremo de sua vida, a ele tudo mais subordinando, indiferentes aos atrativos do mundo e suas ilusões, desse modo opondo insuperável barreira às sugestões do Espírito das trevas, que só mais tarde, quando afrouxada a vigilância e esmorecida a chama interna, logrou penetrar na cidadela interior dos crentes, ao passo que os espíritas, em nossos dias, mais preocupados de convencer os outros que a si próprios converte-se, aplicam nesse esforço inconsiderado e dispersivo uma desordenada atenção que os coloca, desarmados da verdadeira fé, à mercê daquele adversário. Assim, consistindo embora uma vasta coletividade, espalhada por todos os continentes, carecem da coesão, que só a unidade de pensamento e de ação lhes poderia assegurar. São como um indisciplinado e numerosos exército a que a ausência de um chefe, universalmente reconhecido — chefe invisível, como noutro lugar o assinalamos⁷⁰ — e a falta de um plano nitidamente traçado privam da conjugação harmônica de movimentos, que o conduziria a frutuosas realizações.

Indicaremos oportunamente, quando nos ocuparmos da parte construtiva do movimento espírita, os meios que, a nosso ver, poderão, no que se refere à

⁷⁰ Ver *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 2º, cap. III, "Lineamentos gerais de organização espírita.", sobretudo pags. 64 e 65.

colaboração humana, impedir o malogro de que se acha ameaçado, sem perdermos de vista, quanto à ação divina, a sábia advertência de Gamaliel acerca dos apóstolos (ATOS, 5: 35 a 40)⁷¹. a 40). Por agora, cumpre nos determos na apreciação dos fatos denunciadores da atuação do Maligno, que, valendo-se da falta de estudo e ignorância de uns, da presumida sapiência de outros, da invigilância de quase todos, vai semeando por toda parte a desorientação, promovendo a desarmonia e tornando infecunda a ação dos crentes, não raro fazendo-os sucumbir a tentações e colhendo-os em armadilhas, que sejam outros tantos escândalos a desmoralizar a doutrina do Senhor, alvo supremo de sua demolidora atividade.

*
* *

A carência de dados positivos, que a amplitude do cenário nos não permitiria coligir e a própria distância dificultaria, para uma pormenorizada e concreta análise da atualidade espírita mundial, o que ademais excederia desnecessariamente o plano, bem mais modesto, que nos traçamos, aconselha, com as breves referências que acabamos de fazer, a limitarmos o exame aos sucessos anteriores e atuais ocorridos em o nosso Brasil, particularmente nesta capital, demonstrativos da malévola pressão oculta, que tem impedido, entre nós como por toda parte, o Espiritismo de produzir os frutos que estão na índole dos seus ensinamentos, conduzindo-o às portas da falência.

Generalizada, mais propriamente, mundial e não apenas regional, que se patenteia essa pressão, a sua análise demonstrativa, circunscrita embora ao nosso país, poderá de resto ser ampliada, sem temor de exagero, às variantes que revestirá noutros lugares, permanecendo, no fundo, o índice de uma mesma campanha de extermínio, caracterizada pela unidade da direção oculta e revelando idêntica finalidade.

Ao que narramos precedentemente, a propósito dos insucessos parciais ocorridos na organização das primeiras agremiações espíritas no Brasil, culminando na investida contra a Federação Espírita Brasileira, temos assim que acrescentar agora a exposição de fatos, particulares e gerais, em que se evidencia, para quem tenha "olhos de ver", a mesma influência, umas vezes patentes, outras sutil, dissimulada, em todos os casos implacável e tenaz, visando aniquilar a obra do Senhor.

Avultam, em primeiro lugar, por sua grosseira ostensividade, as turbulências promovidas nas reuniões em que os denominados trabalhos práticos, ou manifestações de Espíritos por médiuns postos à sua disposição, constituíram a

⁷¹ "Se este conselho ou esta obra é de homens, se desfará, Mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la; para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus." — N. E.

principal senão exclusiva preocupação dos diretores e assistentes. À míngua da educação e adestramento indispensáveis a tão grave mister, não era raro serem tais intermediários apossados por entidades astrais de inaudita violência, que os lançavam por terra, ameaçando e algumas vezes conseguindo quebrar móveis, causando pânico na assembleia e, graças à perturbação gerada no ambiente, conservando horas seguidas sob a sua modesta subjugação aqueles pobres instrumentos, sem que as exortações dos doutrinadores conseguissem dominar-lhes a fúria obsessora. O tremendo espetáculo prolongava-se, nalguns casos, até alta noite e só terminava quando, exaustos quase todos, uma indubitável influência benéfica do invisível se fazia sentir, afastando os turbulentos — porque, segundo testemunhos desse tempo, operavam, como é natural, em chusma — deixando aqueles compassivos interventores que os incautos, vítimas de tais assaltos, colhessem do fato as advertências que encerrava e os deveriam induzir, com a prudente modificação do programa, a procurar num sólido e instrutivo preparo iniciático os meios de defesa contra tais perigosas investidas.

O objetivo do inimigo era criar uma atmosfera de suspeição, mesmo de repulsa pelas sessões espíritas, tornando-as, pela projeção de fluidos modestos, de que se retiravam impregnados os assistentes, um foco de perturbações nervosas, graves muitas vezes, em lugar de refúgios propícios à meditação e recolhimento espiritual, seguidos do conforto que devem sempre encontrar os crentes, quando reunidos para orar e estudar em comum.

Durante muitos anos a acusação que, de resto, ainda hoje adversários impenitentes lhe irrogam, sem o necessário discernimento, de ser o Espiritismo um perigoso fator de aberrações mentais, encontrou assim até certo ponto, nas sessões por aquela forma perturbadas e cuja notícia adquiria exagerada e pública repercussão, justificado fundamento.

O sistema de curas pelo receituário mediúnico e o programa exclusivamente doutrinário instituído pela Federação Espírita Brasileira, que ao demais adotara desde o seu início essa última e prudente orientação, limitando-se em sua segunda fase o comércio ostensivo com o invisível aos ditados dos Guias espirituais, no começo e encerramento dos trabalhos, veio modificar felizmente o conceito em que eram tidos os espíritas e desarmar as prevenções criadas em torno da doutrina, cuja ação benéfica passou a ser devidamente reconhecida, ao mesmo tempo que nos meios profanos e na própria esfera da imprensa jornalística entrou a ser espontaneamente feita a distinção, embora muitas vezes superficial, entre o verdadeiro e o falso Espiritismo, ou seja entre as práticas salutares e as temerárias e supersticiosas, nalguns lugares duplicadas de charlatanismo, instituídas em seu nome.

Para essa mudança favorável de apreciação não contribuíram pouco os institutos de beneficência fundados sob a inspiração dos princípios morais da

doutrina, aureolando-a de merecido prestígio aos olhos do público, sem embargo de alguns reparos que, por nossa parte, faremos oportunamente, não quanto a essas criações em si mesmas, dignas de aplausos e de amparo por sua altruística finalidade, com relação, porém, aos elementos para sua manutenção, que desejáramos estremes de todo bafejo estranho ao exclusivo impulso das virtudes que devem ser a sua única fonte e sustentáculo.

Os prejuízos, todavia, decorrentes do inconsiderado comércio com o invisível não cessaram, senão que forma adquirindo crescente amplitude sobre o número sempre maior dos imprudentes que a tais práticas continuam de entregar-se, apenas se modificando a turbulência de que se revestia ao começo a intervenção dos seres malévolos do astral, substituída, sem de todo haver desaparecido, por uma ação mental fascinadora e generalizada, quer se trate de agremiações compostas de pessoas mais ou menos ilustradas, quer de filhos do povo, ignorantes e em geral supersticiosos, variando unicamente da parte do inimigo os métodos sugestivos e a linguagem, conforme o caso, empregados para captar a confiança de uns ou de outros e conservá-los sob seu inibitório predomínio.

Quem se der ao trabalho de percorrer os grupos, que nesta capital funcionam em número considerável, notará que, excetuados alguns criteriosamente dirigidos, em sua quase totalidade não se aplicam ao estudo das obras doutrinárias codificadas por Allan Kardec. Nem *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, contendo a parte filosófica da Revelação, exposta em linguagem acessível a todas as inteligências, nem *O LIVRO DOS MÉDIUNS*, pelo excelso codificador apresentado como "guia dos médiuns e dos evocadores, contendo o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicar com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e escolhos que se encontram na prática do Espiritismo", nem *O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO*, em que os ensinamentos do Senhor Jesus, com aplicação a todas as situações da vida humana, ampliados com instruções dos altos Mensageiros que assistiram Allan Kardec em sua missão providencial, são oferecidos ao povo. Não obstante constituir essa admirável trilogia didática um momento de sabedoria próprio a orientar não uma determinada classe, mas os homens de todas as classes sociais no sentido de integrá-los no conhecimento e na gradual realização de seus altíssimos destinos, nenhuma dessas obras, com exceção de alguns raros grupos — repetimos — criteriosamente dirigidos, faz parte do programa de tais ajuntamentos, frequentemente heterogêneos.

A obsidiante preocupação em quase todos, sem atentarem no tremendo perigo a que se expõem, é entrar em contato ostensivo com as forças cuja formidável potencialidade estão longe de suspeitar os experimentadores inexpertos, do mesmo modo que ignoram a existência e coordenação sistemática do plano destrutivo a que obedecem elas quando orientadas — e nisso é que consiste o perigo de consentir-lhes

ascendência — no sentido contrário à direção do Cristo.

Não será necessário recordar — acreditamos — senão sinteticamente o que ficou antes explanado, nas considerações sobre o Anticristo, acerca da dupla modalidade que revestem aquelas forças em sua inflexível incidência sobre a humanidade, obedientes umas às inspirações do Senhor Jesus, constituindo o que pode chamar-se a dinâmica divina, em ação para o aperfeiçoamento e elevação dos seres, representando as outras, por natureza tenebrosas, sob a direção do Maligno, o elemento estático ou reacionário, visando aniquilar, quando menos, contrariar aquela obra, empenhadas ambas numa peleja multissecular que, em nossa época atormentada de tantos males, se avizinha de culminância decisiva.

Agindo de modo geral sobre a humanidade e intervindo em todas as manifestações de sua vida, é natural que à incidência dessa dupla corrente não escapasse a nova modalidade que reveste o Cristianismo em nossos dias, particularizando-se nos grupos formados assim para o proveitoso estudo da doutrina como para a observação dos fenômenos que lhe deram origem.

Com a inconsciência de meninos, que penetrassem descuidosos numa floresta infestada de animais ferozes, sem se munirem da mais ligeira arma defensiva, tais observadores — homens cultos muitas vezes — seduzidos pela curiosidade do maravilhoso, se abandonam temerariamente a todas as sugestões e insidiosas manobras do inimigo, sem exercerem sobre os ditados, conselhos e ensinamentos, que recebem, a inflexível e severa análise a que, pelo menos, os deveriam submeter, esquecidos senão ignorantes da sábia advertência de Allan Kardec, no sentido de ser preferível rejeitar noventa e nove comunicações verídicas a aceitar uma única falsa. Daí a aceitação das mais absurdas e audaciosas intrujices, mescladas algumas vezes de parcelas de verdade. Porque a habilidade do inimigo consiste em misturar raras porções de trigo com abundantes quantidades de joio, a fim de poder, embaindo os incautos e alimentando a sua credulidade, fazer aceitar todas as patranhas com que os ludibriam. O cuidado primordial é captar-lhes a confiança, já seja lisonjeando-lhes o amor próprio e a vaidade com elogios, habilmente insinuados, aos seus talentos e virtudes, convencendo-os, quando possível, de se acharem investidos de missões particulares, já seja revelando fatos e produzindo fenômenos que os maravilham e convencem do alto poder de seus interlocutores invisíveis.

A alguns sucedeu — médicos e engenheiros — decepcionados por fim, voltarem as costas ao Espiritismo, taxando-o de diabólico e regressando apressados às fileiras católico-romanas, sem perceberem que era esse precisamente o objetivo do velho adversário, a cujas manobras continuam de prestar-se, na campanha que, não raro, entram a mover ostensivamente contra a Revelação Nova, cuja sublimidade, por mal orientados, à revelia dos salutaros estudos doutrinários, não chegaram a compreender.

Outros permanece indefinidamente no vicioso convívio com as entidades

malfezas, dissimuladas em "Espíritos da luz", e vão, na cega passividade com que lhes obedecem, abdicando a própria liberdade espiritual e caminhando, sem a perceberem, para uma completa subjugação.

A estes vereis proclamarem as miríficas virtudes da "fumaça do cachimbo" como infalível processo terapêutico; àquele jactanciar-se de ter sua casa guardada por Espíritos de caboclos, dia e noite postados junto a cada aposento, para lhes assegurar a inviolabilidade. Que é esse um dos mais pitorescos disfarces pelo Maligno e seus auxiliares entre nós adotados, para embair a credulidade dos incautos.

Grupos há, em que invisíveis falanges, como de selvícolas nossos inculcados, se incumbem de todas as manifestações, apossando-se dos médiuns e por estes se exibindo a assobiar e executar meneios coreográficos, empregando uma dicção imitativamente deturpada, alternando nalguns lugares com verdadeiros ou simulados Espíritos de pretos africanos, que também adotam linguagem corrompida e se inculcam designações familiares, como "pai Joaquim", "mãe Guiomar" e outras semelhantes.

Os fenômenos que produzem, como revelação de fatos particulares e curas ou alívio de certas enfermidades, contribuem para alimentar nos que os ouvem, a crença de tratarem com Entidades superiores, dotadas de miférico poder. E como o objetivo dos crédulos frequentadores de tais reuniões não é o aperfeiçoamento moral próprio nem a simples instrução, mas a egoística obtenção de favores e vantagens até materiais, ilusória ou transitoriamente às vezes, alcançados, a fama dos milagreiros se propaga e cresce a multidão dos fascinados.

Com isso logra o inimigo a execução do seu plano, que consiste em rebaixar o Espiritismo, em cujo nome são realizadas semelhantes práticas, ao nível de um comércio interesseiro e supersticioso com o invisível, de par com a grotesca adoção, em grande número desses ajuntamentos, de aparatos fetichistas, como imagens, altares com velas ardendo votivamente a pretendidos santos, acompanhados de grosseiros ritos.

Em meio à imensa aluvião desses inconscientes deturpadores das práticas espíritas, alguns raros grupos se destacam, dirigidos por pessoas incultas, mas bem intencionadas, nos quais, todavia, os benefícios produzidos, mercê da colaboração de entidades benfezas, no sentido de libertar de influências subjadoras médiuns que, antes, as padeciam, não têm mais que efêmera duração, vindo eles, em casos de nosso conhecimento pessoal, a afastar-se definitivamente das reuniões e, não voltando embora no precedente estado de subjugação, com acessos violentos, continuando, porém, sob diferente modalidade, a ser influenciados, na prática de transviamentos morais. De todo modo, o que o inimigo pretende e facilmente consegue, mercê da falta de rigorosa preparação iniciática de tais enfermos, que não chegaram, por isso, a obter a cura espiritual, que o seu estado aconselharia promover, é inutilizar para a obra do Senhor todos os instrumentos que poderiam ser-lhe

proveitosos, sendo-o a si mesmos igualmente.

*

* *

Entre os casos perfeitamente caracterizados da influência tenebrosa do invisível, não já dissimulada, senão patente em audaciosas e provocadoras manifestações dos que a padecem no mais alto grau, revestindo sintomas de um alarmante fanatismo, cumpre destacar, com essas particularidades, o de um centro, cuja denominação não há motivo de omitirmos, pois que os seus diretores se apresentaram, ou se apresentaram publicamente durante muito tempo, em livros e escritos em jornais, como arautos do único e verdadeiro espiritismo, "racional e científico", por inconsciente escárnio denominado, entre parênteses, "cristão", a agredir quantos não pertencem ao seu desvairado domínio.

Falamos do Centro Redentor, que o Maligno, apossando-se do ânimo de seus inexpertos componentes e convertendo-os em automáticos executores de suas determinações, ao ponto de nada fazerem senão por ordem expressa do que denominam "o astral superior", parece ter elegido como uma espécie de quartel general de suas reacionárias façanhas, visando por todos os meios o escândalo e a deturpação da doutrina dos Espíritos.

Se as práticas a que, em suas reuniões, se entregam essas pobres vítimas de uma credulidade irrefletida, associada à insensata presunção de seu próprio valor intelectual — e daí o funesto ascendente consentido às tenebrosas forças do invisível — constituem para todo homem dotado de bom senso um espetáculo contristador, as publicações em nome do Centro feitas nos jornais são outros tantos documentos do estado patológico, verdadeiro delírio mental, de seus autores.

É assim, por exemplo, que eles anunciam nas folhas públicas os seus trabalhos:

"Centro Espírita Redentor — sessões públicas de limpeza psíquica, às segundas, quartas e sextas" e, em seguida à indicação das horas: "Explicações diariamente ao meio dia", acrescentando este inconcebível e agressivo preconício: "É neste Centro e seus filiados que se pratica o Espiritismo racional e científico (cristão), que normaliza e cura loucos (obsedados) feitos pelos cangerés, feiticeiros e kardecistas que fazem espiritismo em família, desde as baixas baiucas aos salões entapetados da alta sociedade."

Remata o anúncio com a recomendação da leitura dos livros forjados naquela oficina de fanatismos, insistindo acerca de um deles: "Esta obra demonstra claramente o que seja o Espiritismo Kardecista e assim os celebérrimos médiuns obsedados a fazer loucos todos que os tomam a sério".

Por ocasião de reunir-se nesta capital a Constituinte Espírita, de que nos

ocupamos em anterior capítulo, tendo, ao que parece, os seus promotores cometido a imprudência — que outra coisa não foi, tratando-se de tais enfermos, o seu gesto fraternal — de os convidar a nela tomar parte, eis em que termos se viram gratuitamente agredidos numa publicação, com a assinatura "a diretoria do Centro Espírita Redentor", feita nas colunas remuneradas de um jornal profano, da qual nos impomos o constrangimento de reproduzir alguns trechos, menos como espécime do "espiritismo cristão", que eles se jactam de praticar, do que como sintomático flagrante do estado aberrativo a que foram e, de modo geral, podem ser conduzidos quantos se abandonem, por forma semelhante e sem discernimento, à fascinadora subjugação de forças temerosas como as que ali dominam. É por isso uma advertência também essa reprodução.

"Não compareceu este Centro — dizia, entre outras coisas, o suposto autor, mero instrumento de fato, do desasisado escrito — à Constituinte Espírita Nacional, porque as Forças Superiores, ou o Astral Superior que o governa, não o permitiram, porque não podiam essas mesmas Forças lúcidas e evoluídas consentir que a Verdade se unisse à mentira, a virtude ao crime, a Luz às trevas, e que os seus membros, plenamente esclarecidos dos 'porquês' de todas as coisas e conhecedores de que ás leis naturais ninguém é relapso sem que não seja castigado na sua ousadia, fossem reunir-se a criaturas que não têm a menor noção da sua grande responsabilidade e que convocam 'reuniões espíritas', sem conhecerem sempre o que o espírito seja, qual a sua fonte de origem, quais as suas atribuições, qual o seu papel e desempenho enquanto encarnado permanecer.

"Seria, pois, um contrassenso, um absurdo se o 'Redentor' se fizesse representar nesse covil, porque o ser que não se conhece na sua própria composição, que ignora os elementos primordiais e únicos de que o Universo é composto, é pior do que as feras brutas que vegetam nos recônditos mais espessos da floresta, porque não tem raciocínio, e quem não tem raciocínio não pode nem deve ser tomado a sério, porque desconhecendo o poder da Grande Força Motora que impulsiona todos os seres humanos, que é a lei de atração, pela qual os próprios mundos são regulados, não sabe nem pode discernir com acerto e segurança, e o Redentor não se mistura, não se imiscui em coletividades onde não haja honradez, onde a moral apenas seja uma palavra oca, de sentido vão."

E assim, de desconchavo em desconchavo, o pobre alucinado, que tais insânias trouxe a público, entrando a definir a honradez e, sempre com a mesma desconexão, as aplicações da honestidade, remata com uma inconcebível e formal negação da existência de Deus:

"...quem não sabe reconhecer-se nos seus atos bons e maus — escreveu ele — não pode aquilatar dos atos dos outros nem dar razão a quem a tem, a

quem a merece, e que é o significado daquela célebre frase: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é do Deus”, o que nós mais simplificadamente dizemos, pois que DEUS NÃO EXISTE e sim um GRANDE Foco gerador, incitador e movimentador de tudo quanto existe no Universo: Daí o seu a seu dono. Eis aí o que é ser honesto!”

O escrito se desdobra, em cerca de duas colunas do jornal em que foi inserto. Os excetos contudo, que, aí ficam, acreditamos suficientes como testificação do alarmante estado mental de seu autor, que era, ao tempo da publicação, o mais graduado representante do pensamento da agremiação.

Chegados a esse ponto, o que surpreende é que os seus membros, acometidos do delírio coletivo ali patenteado, se houvessem contido em limites que não foram, na pessoa do seu chefe pelo menos, além de mero verbalismo como aquele, até certo ponto, inofensivo, não obstante injurioso, abstendo-se de desatinos que lhes teriam granjeado a reclusão num manicômio.

Cumprir ver nesse fato uma das manifestações da infinita misericórdia de Deus, que não exclui de sua assistência, pelo ministério de seus invisíveis mensageiros, nenhuma de suas frágeis criaturas. Não sendo possível, consoante suas leis de inescrutável sabedoria, evitar de todo o escândalo, que repercutiria estrepitoso sobre a doutrina, foi este reduzido aos seus mínimos limites.

Essa dualidade da influência oculta se patenteia ademais de modo geral em todas as agremiações espíritas, nenhuma, por mais prudentes e criteriosos que sejam os seus métodos de trabalho, estando isenta de incursões dissimuladas ou patentes, mas esporádicas, do Espírito maligno, em suas variadas formas de insinuação, do mesmo modo que os mais imprudentes e desorientados praticantes do Espiritismo não estão desamparados da benévola vigilância dos mensageiros do Senhor, infatigáveis em neutralizar, quando menos, restringir os efeitos desastrosos sobre a ignorância dos incautos produzidos pelas forças tenebrosas, que dela se aproveitam para exercitar o seu império.

A esse respeito devemos assinalar a abundante, variada e instrutiva documentação que um hábil redator do jornal *A NOITE*, desta capital, num admirável esforço de reportagem, se impôs a tarefa de reunir e mais tarde enfeixou em volume, sob o título *NO MUNDO DOS ESPÍRITOS*,⁷² visitando considerável número — dir-se-ia que a quase totalidade — das associações públicas e grupos familiares em que, nesta capital, se pratica o Espiritismo, em suas varias modalidades, levando mesmo a

⁷² Da autoria de Antônio Eliezer Leal de Souza e publicado em 1925, enquanto seu autor o escrevia com toda a isenção de um jornalista, alheio aos interesses religiosistas, segundo se declarava. Todavia, anos depois, o próprio Leal de Souza se deixaria ser seduzido pelas ideias de Zélio de Moraes (médium considerado o fundador da Umbanda) e passaria a ser diretor da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição que, embora sob a denominação "espírita", na verdade, era puramente umbandista. Em 1933, Leal de Souza inauguraria a genuína literatura umbandista com a obra *O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DA UMBANDA*, já totalmente compromissado com seu mentor espiritual Caboclo das Sete Encruzilhadas — N. E.

pesquisa às macumbas e centros de feitiçaria e registrando, com um critério nitidamente imparcial, as suas observações nas colunas do jornal, que prestigiam com os seus raros dotes de arguto e espirituoso analista.

Como num flagrante cinematográfico, veem-se aí desfilar, tais como foram surpreendidos pela retentiva observador, cada um em seus animados caracteres próprios, os grandes centros e os pequenos círculos doutrinários, os núcleos familiares, formados alguns de pessoas cultas, outros heterogêneos na composição de seus frequentadores, todos revelando a mesma curiosidade do maravilhoso, raríssimos provocando, como o humilde Centro Maria Madalena, o comovido testemunho do jornalista, expresso na epígrafe “A eloquência ingênua da fé”, sob que dele se ocupou, enquanto assinalava “O espantoso rito do Centro Redentor”, ao descrever o que aí observara. Esses depoimentos redigidos com surpreendente fidelidade, constituem, mais que simples notas impressionistas, um mostruário, por assim dizer, completo, que será de suma utilidade para o futuro historiador, do Espiritismo como tem sido praticado em nossos dias, com seus raros aspectos de beleza moral e as anomalias e singularidades com que a falta de preparação, a ignorância do seu transcendente objetivo o tem, com tanta frequência, deformado.

Ao lado de fenômenos interessantes, atestativos de faculdades supranormais em alguns intermediários e da intervenção de inteligências extraterrestres, próprios a abalar a incredulidade dos mais refratários, são numerosos no livro de Leal de Souza os casos típicos de mistificação, em que as mesmas cenas de ameaças e perseguições, as mesmas explosões de ódio, seguidas de instantâneas e suspeitas conversões, entre lágrimas, se reproduzem com uma identidade e monotonia desconcertantes.

Do desastre irremediável, que seria a frequência do comércio ostensivo com os seres do invisível, nas condições de empirismo em que é geralmente praticado, salvam-se as pessoas que a tais exercícios se entregam, graças à vigilância, de que falamos, exercida pelas benévolas Entidades espirituais obedientes ao Senhor Jesus, tendo em consideração a boa fé e a relativa pureza de intenções de tais pessoas, em torno às quais, sem ostensivamente se manifestarem, ou só raramente o fazendo, desenvolvem protetora atividade, tendente a neutralizar quanto possível os inconvenientes do temerário comércio.

Graças a essa poderosa assistência, não são de todo inúteis ou prejudiciais semelhantes práticas, nelas colhendo os seus cultores, se não os consideráveis benefícios de aperfeiçoamento espiritual, que lhes traria a observância de um sábio programa iniciático, tal como o exporemos oportunamente, pelo menos a certeza de uma outra vida, baseada nos testemunhos, mesmo frequentemente obscuros e contraditórios, que lhes são por aquela forma oferecidos.

E tal certeza, pedra angular da fé consciente e raciocinada, que a seu tempo será desenvolvida, constitui uma primeira valiosa aquisição.

Assim, através os maiores erros, humanos e espirituais, se insinua uma parcela da Verdade eterna e, de todo modo, se vão realizando os desígnios de Deus, contra os quais vêm a ser, por último, impotentes as maquinações do mal.

*

* *

Pertinaz e sistematizada sobre as agremiações espíritas, visando a anulação dos frutos da doutrina mediante práticas imprudentes ou desarrazoadas, a ação dos Espíritos de trevas, sempre sob a unitária direção de que nos temos ocupado, não menos implacável, sob as mais sutis e dissimuladas formas, se faz sentir particularmente sobre todo aquele que se dispunha a entrar no caminho do Senhor.

Sem remontarmos, no tempo, aos numerosíssimos casos de tentação de que são repletos os agiológios da igreja romana, podemos e, mesmo, julgamos de nosso dever aduzir a esse respeito o nosso testemunho pessoal, sem outro intuito que não seja fornecer aos inexpertos um subsídio de estudo para compreensão do que identicamente lhes suceda, ao mesmo tempo em que servirá de elucidação do tema que, sem ideia apriorística, mas ao fim de quase três décadas de consecutiva experiência, alheia e própria, viemos a apreender em sua generalidade.

Havíamos nos filiado à Federação Espírita Brasileira, a esse tempo ainda em sua primeira fase, e lhe prestávamos nosso modesto concurso no preparo de seu órgão, o *REFORMADOR*, quando o Dr. Bezerra de Menezes, assumindo a presidência da Sociedade, veio trazer às suas sessões o prestígio de seu verbo inspirado e a unção de seus evangélicos sentimentos, que as tornavam eminentemente atrativas.

E, não obstante acontecia com certa frequência, sobretudo ao começo — datam daí as nossas primeiras observações — que à hora de serem iniciados os trabalhos, a que a função de secretario tornava obrigatório nosso comparecimento, éramos tolhido por um vago sentimento de repulsa e indisposição, uma verdadeira tentação de lá não irmos.

O hábito de obediência, todavia, às injunções do dever nos dava forças — acreditávamos então ser unicamente esse o determinismo que em nós operava — para vencer aquele impulso inexplicavelmente negativo e subir, por assim dizer, a contragosto até ao segundo andar do prédio n° 342 à rua da Alfândega, onde se efetuavam as sessões. Que lição e que valioso prêmio ao nosso gesto, de certo modo, inconsciente! Às vezes, já o Dr. Bezerra de Menezes transbordava de eloquência na explanação do tema doutrinário, e a sessão decorria, até ao fim, como das mais instrutivas e edificantes.

Mais tarde, quando em nosso entendimento se faz a luz acerca da ação e reação espirituais, viemos a compreender que era. uma insuspeitada pressão oculta que nos entibiava, do mesmo modo que o venceremos essa absurda e secreta resistência, que

nos privaria, se lhe obedecêssemos, dos inestimáveis benefícios daquelas reuniões, devia ser e era certamente o efeito da benévola e contrária sugestão do invisível, sobre nós projetada por mensageiro do Senhor Jesus. Que — já o assinalamos precedentemente — movendo-se entre incessantes e opostas correntes de pensamentos, que de todos os lados o envolvem, jamais o homem age sozinho.

Com o decorrer do tempo sentimos cada vez mais acentuada essa dupla sugestão, sobretudo quando investido por nossa vez nas funções de presidente da Federação. Sem entrarmos em demasiada pormenorização, devemos assinalar contudo um fato que, por sua invariável constância, nos incutiu mais que tudo a certeza de quão pertinazmente é alvejado pelas forças reacionárias do invisível todo aquele que se dispõe a iniciar-se na vida espiritual e interior, e, particularmente no que se refere à Nova Revelação, assumo qualquer posto de responsabilidade em sua propaganda.

E vem a ser que, além de sobreviverem, nos dias de sessão, inesperados incidentes e contrariedades em nossa vida ordinária, que nos perturbavam e impediam a prévia preparação espiritual, que sentíamos necessária, a própria direção dos trabalhos era objeto de lutas interiores, em que, todavia, se exercitavam as nossas forças mentais, e que vieram, com o tempo, a servir-nos de grande aproveitamento.

Não somente ali, mas em qualquer outra reunião da mesma natureza, a que comparecêssemos, notávamos quão pesado era o ambiente, antes de começarem os exercícios. O silêncio, o recolhimento, a adorativa atitude mental, voltada para Deus, como preparativos da prece inicial, exerciam favorável influência modificadora, sem contudo impedir que, ao menor descuido, se produzisse na sala, por médiuns, em geral inconscientes de o serem, uma e outra interferência de entidades perturbadoras, logo afastadas, se a vigilância do diretor e seus companheiros, recomendando e insistindo no recolhimento espiritual, acudia a restabelecer a calma no ambiente.

Da dualidade da influência oculta, mesmo no curso da sessão, tivemos mais de uma vez a prova, quando, em meio de uma dissertação inspirada, qualquer desvio do pensamento, o mais ligeiro assomo de vaidade intelectual estancava subitamente a benévola inspiração, prosseguindo, sim, o discurso, mas desde então prejudicado em sua fluência e em seu cunho edificante pela malévola interferência.

Objeto dessa reacionária pressão, que se fazia sentir com antecedência, nunca nos encaminhávamos para o local das reuniões sem experimentar as angústias de um mal estar indefinível, em que — supúnhamos — o sentimento de nossa incapacidade, o temor de insucesso oratório, que desagradasse, afastando-a, a concorrência e desse modo prejudicando a sociedade, nos colocava nas mais desfavoráveis disposições, permitindo o acesso às forças malévolas do invisível, contra as quais tínhamos que reagir — e aí estava o principal benefício desses assaltos, permitidos pelo Senhor,

porque necessários ao nosso adestramento — mediante apelos mentais ao Alto dirigidos. Tanto que, porém, começada a sessão se estabelecia o silêncio — um silêncio profundo, verdadeiramente religioso — durante o qual sentíamos se ir estabelecendo gradualmente a harmonização nas vibrações mentais da assistência, uma sensação de bem estar se produzia, pensamentos lúcidos, em ondas de cada vez mais agravável projeção, nos ocorriam, não sendo raro, no curso da preleção, sermos transportado em arroubos de eloquência, que nos surpreendiam pelo inesperado dos conceitos, os quais — sentíamos bem — não provinham de nossa ignorância, mas de uma poderosa inspiração do Alto, e comoviam a assembleia, dando-nos a todos, ao fim dessas práticas admiráveis, a impressão como de um banho de luz interior em que houvéssemos sido mergulhados. Efeito semelhante só havíamos experimentado ao tempo em que o Dr. Bezerra de Menezes nos edificava com a sua sabedoria e bondade, sinal de que era a mesma, que sobre nós fluía, a fonte divina dos ensinamentos, com que éramos favorecido pela misericórdia.

Assim se fez o nosso aprendizado. Assim se foi gradativamente firmando em nosso ânimo a convicção desta verdade: se o homem padece geralmente a influência sugestiva, frequentemente malévola, das forças inteligentes do invisível, que o conduzem com tanto maior segurança, à revelia de sua vontade, quão maior é a sua ignorância desse mecanismo subtil, em perpetua atividade no universo, o crente e, particularmente, o médium, qualquer que seja a modalidade dos seus dons, é por elas, preferencialmente, alvejado, sobretudo com o objetivo de o inutilizar para o sagrado ministério. Daí a necessidade para ele de uma incessante vigilância e de um porfiado adestramento neste duplo sentido: instrução doutrinária e aperfeiçoamento moral que, desenvolvendo o que pode chamar-se as suas linhas de resistência, o tornem apto a defender-se das malévolas sugestões ocultas e adquirir cada vez maior afinidade com os Seres benfazejos, prepostos a auxiliar o progresso moral da humanidade, consoante os desígnios de Deus.

Ora, à míngua dessas condições, quantos médiuns vimos que, ao começo de sua vocação, prometiam grandes frutos de suas preciosas faculdades e logo, seduzidos pelas mais variadas tentações, traíam o seu mandato, abandonando as coisas da doutrina e engolfando-se nas ilusões do século! Outros. Perseverando embora em sua vocação, tão e outra vez a pendores viciosos, ou tornando-se mercenários, vieram a comprometer com os seus atos de humana fraqueza a santidade do ministério de que parecia desconhecem achar-se investidos, constituindo-se em certos casos motivo de escândalo, em lugar de edificação que tanto os recomendaria, se no conceito dos homens, com maioria de razão aos olhos do Senhor. Semeadores simultâneos do trigo divino e do joio adverso, foram, sem o saber, joguetes do Maligno.

Quem pode, todavia, presumir-se de exclusivo distribuidor do escolhido grão?

*

* *

Vede o que se está passando na família espírita, em face da Nova Revelação, de que se fez depositária. Oferece ela o espetáculo da harmonia, da cordialidade e do mútuo entendimento em suas relações? As obras, que em nome da doutrina têm sido empreendidas, revelam o cunho de sabedoria e de prudência, o zelo pela sua intangibilidade aos assaltos do mundo e do inimigo, numa palavra, a fé que se inspira no Poder divino e prescinde, como de um perigosos contágio, dos favores e homenagens dos dominadores no século?

Longe disso, os que têm assumido os árduos e meritórios encargos da propaganda e das realizações objetivas, muitos dos quais os assumem antes da conveniente e demorada preparação iniciática, expostos assim a sucumbir sem defesa às sugestões transviadoras, geralmente imbuídos de um personalismo incompatível com o serviço divino, facilmente se deixam arrastar pelo resvaladouro das rivalidades e competições, não raro empenhando-se em controvérsias, cujo único resultado é manter a desarmonia, perpetuando o espírito de separatividade. Entre as agremiações predomina esse mesmo espírito, cada qual se presumindo especialmente favorecida pela proteção do Alto e tendo em menosprezo os trabalhos das demais. A intransigência nas menores coisas, de boa fé mantida, é certo, mas infringente do espírito de concórdia, que ordenaria ceder na maioria dos casos, para mútuo aproveitamento, é a característica geral predominante.

Enfraquecidos assim pelas dissensões pessoais e coletivas, intencionalmente suscitadas e mantidas pelo Espírito do mal, que os encontra por toda parte invigilantes, não admira que tão pouco, senão totalmente nula, se tenha feito sentir da parte dos espíritas a influência modificadora que, por força do mandato implicitamente recebido, são, entretanto, chamados a exercer sobre os costumes da sociedade, promovendo a sua regeneração mediante exemplos de pureza e integridade moral, duplicados das virtudes básicas do Cristianismo: a humildade, o amor e a fé.

Não fazemos uma recriminação, registramos um fato, cuja resultante é nada menos que a falência do Espiritismo, no que se refere a atitude dos seus adeptos, em relação com o elevado objetivo que, nos desígnios divinos, lhe está indubitavelmente assinalado. Não argumentamos também com as exceções — que as há e de que temos conhecimento — sobretudo nas cidades pacatas do interior, em que a vida não assumiu ainda as formas trepidantes e tumultuárias das grandes capitais, com o desenvolvimento do luxo, dos apetites e desorientadoras ambições, e em que, portanto, é mais favorável o ambiente para o cultivo dos preceitos edificadores e singelos da doutrina. Apreciamos o fenômeno em conjunto, em sua realidade como em seus desmoralizadores efeitos.

Porque não interpretamos como sinal de vitalidade a agitação verbal que em torno do Espiritismo não tem cessado de ser feita, mediante prédicas e conferências, em que se faz o preconício assim de suas verdades fundamentais como das virtudes por que se devem distinguir os crentes, sendo mesmo algo excessiva a abundância de tais multiplicadas preleções. Excelente é sem duvida o ministério da palavra e desarrazoado seria desconhecer a sua utilidade para divulgação da Boa Nova. Melhor fora contudo, nos parece, que se falasse um pouco menos e se agisse muito mais pelos fatos e pela silenciosa e bem mais comunicativa eloquência dos exemplos. Desapercebidos contra o perigo a que os expõem tais postos de evidência, alvo preferencial das agressões ocultas, vítimas da ilusão, muitíssimo comum, de já possuírem ou ficarem dispensados de adquirir as virtudes, que preconizam, pelo fato de as apregoarem, a isso quase exclusivamente limitando o seu esforço, esquecem ou são induzidos a esquecer os novos ministros da Palavra que o dever de pôr em prática os ensinamentos é muito mais imperioso para quem os enuncia do que para quem os ouve.

"Não é somente o que o Mestre fez — observa com admirável justeza Harry Emerson Fosdick⁷³ — que está conquistando o mundo para a sua causa, mas, em grau muito maior, é o que Ele era, transparecendo no que Ele fez. O valor de qualquer ato depende da qualidade do homem que o pratica."

Se assim se deve entender dos atos, com maioria de razão as palavras devem, para revestir-se da autoridade, que só pode resultar do exemplo, ser o reflexo vivo dos sentimentos, do caráter, das qualidades, em suma, de quem as profere.

Não é porque não aspirem à perfeição, que tanto recomendam em seus discursos, como um corolário do conhecimento da doutrina, que tão pouco empenhados se mostram os espíritas em realizá-la, no grau relativo, já se vê, mas em escala progressiva compatível com as contingências naturais humanas. Falta-lhes o estímulo de uma vontade reflexiva e disciplinada, sem a qual nenhuma realização exterior, nenhum melhoramento subjetivo são possíveis. Um fato, entre muitos, demonstrativo da inércia em que preferem conservar-se, abstendo-se de iniciativas que, sobre oportunas e salutares, nenhum dispêndio acarretariam, reclamando apenas um diligente e continuado esforço, pode aqui ser invocado.

Numa conferência, por insistente convite, há alguns anos realizada na sede de importante instituto de beneficência e cujo tema focalizava a influência que, por suas eminentes qualidades, é chamada a mulher a exercer no desenvolvimento e eficiência da doutrina espírita, rematou o orador sugerindo, como elemento de combate ao desregramento, pelo menos exterior, que o inimigo oculto se esforce por introduzir nos costumes, tornando-os desenvoltos, e nas modas, tornando-as escandalosas, a

⁷³ A VARONILIDADE DO MESTRE, estudo XI, "O seu espírito dominante".

criação de uma Liga do recato feminino. Que poderia haver, então e ainda hoje, de mais necessário, com efeito, para exprimir interior e exteriormente, a resistência da parte mais bela e mais nobre da família espírita aos dissolutos arrastamentos da sociedade, que a formação de um núcleo exemplificador do recato nos sentimentos e costumes como na indumentária daquelas a quem, pela excelsitude de suas funções, incumbe formar o espírito e o caráter das gerações que surgem, mas são, por motivo dessas mesmas nobilíssimas funções, como o analisaremos oportunamente, objeto de uma ronda sinistra do invisível, que vem de tempos imemoriais?

Entretanto, a palavra do orador, ouvida embora com aplauso, não encontrou eco, sendo porventura a sugestão interpretada como simples tropo literário, não chegando a constituir objeto de cogitação.

Dir-se-ia que a criação de alguns asilos para a infância e velhice desamparada, recomendáveis por sua altruística finalidade e que, desde algum tempo, vêm afirmando os humanitários sentimentos de seus instituidores, representa a melhor e mais eloquente prova do espírito de iniciativa dos novos crentes, a cujas expensas, em grande parte, mediante contribuições periódicas, são mantidos. Sem dúvida. E renovando os aplausos, que em breve referência já exprimimos páginas atrás, a essas louváveis criações, a que têm devido piedoso amparo tantas criaturas naquelas duas extremas estações da vida, sentimos contudo ter de insistir nas restrições que sugerem não em si mesmas, senão a certas medidas postas em prática para sua manutenção.

Testemunho de fé e do amor em que se inspiram, deveriam, a nosso ver, para edificação do mundo, em sua incredulidade e indiferença, tais institutos ser custeados exclusivamente com os recursos, fartos ou minguados, da coletividade espírita, tivesse isso embora que reclamar dos instituidores o mantenedores ingentes esforços e penosos sacrifícios, em que consistiria, entretanto, o seu melhor título de benemerência, atraindo sobre uns e outros as bênçãos do Senhor. O que se observa, todavia, é que, sem atentarem na significação negativa da fé, traduzida no seu gesto, fé — repetimos — em que o mundo necessita de ser edificado, as pessoas colocadas na direção de tais institutos dão-se pressa, alegando os seus serviços — tal qual como as similares criações da igreja romana — em solicitar e obter auxílios e subvenções dos poderes públicos, com os quais vêm desse modo a criar relações de dependência, de todo ponto indesejáveis. Porque foi assim, por essas relações parasitárias, que o Cristianismo, transformado mais tarde em catolicismo romano, viu progressivamente declinar no coração de seus adeptos a fé, que nunca deveria cessar de ser o dinamismo de suas altruísticas realizações.

Em tudo isso não é possível deixar de perceber a interferência do Maligno, que não logrando impedir as boas obras que os adeptos da Nova Revelação vão em seu nome praticando, contenta-se ao menos em deturpá-las, insinuando medidas que, amparando-as em sua feição material, as enfraqueçam na bem mais importante

significação moral que deveram revestir, do mesmo passo que busca substituir no ânimo dos crentes, entibiando-a, a fé no Poder divino pela confiança no poder humano, a cujos representantes são prestadas honras e uma sorte de vassalagem a que se acredita lhes dão direito os seus favores. É essa uma consequência inevitável de semelhante aproximação, inconveniente em si mesma e que, por funesta em suas consequências, deveria ser cautelosamente evitada.

O Cristo, em nome de cuja doutrina são tais obras de beneficência empreendidas, jamais cortejou os poderosos do mundo, e é certo não merecer a sua aprovação que de modo contrário procedam os que a deveriam preferir a todos os elogios e homenagens dos homens, com os quais, entretanto, se consideram sumamente honrados os novos arautos da sua caridade.

*

* *

Diante de todos esses efeitos negativos, que o transformam, de remodelador dos costumes, em cúmplice dos desregramentos sociais, sobre os quais, ao fim de tantos anos de propaganda, nenhuma influência regeneradora se descobre, não será exagero concluir pela falência do Espiritismo. Definitiva?

Allan Kardec formulou esta grande e profética sentença: "O Espiritismo caminhará com os homens, sem os homens e apesar dos homens."

Se não são estes contudo os seus autores, pois que de muito mais alto recebe ele o impulso que o torna, porque divino, uma força irresistível, tendo como agentes de sua universalização as Entidades perpetuamente ativas do invisível, aos homens cumpre serem os instrumentos vivos de sua ação no mundo, sob a condição, porém, de se emanciparem da subjugadora, posto que dissimulada, influência do Anticristo, a que são devidos os seus transviamentos.

Como será possível chegarem, metodicamente e com segurança, a esse resultado, é o que mais adiante indicaremos.

V

Síntese doutrinaria do Espiritismo. - Solução do problema social e humano. - Adversários da Nova Revelação no plano terrestre. - Concepções fundamentais da Teosofia. - Breve apreciação analítica. - Paralelo.

Temos visto que, sendo o Espiritismo a realização da promessa do Senhor Jesus, no sentido de enviar ao mundo o Consolador, ou Espírito de Verdade, a permanecer eternamente conosco, para nos ensinar todas as verdades e restabelecer aquelas que a cegueira humana houvesse adulterado, é natural, foi mesmo inevitável que contra ele recrudescessem as iras do adversário de todos os tempos, volvidas, séculos a fio, contra o primitivo Cristianismo, valendo-se, para o deturpar e tornar irreconhecível em suas práticas, da invigilância de seus ulteriores e infíéis depositários.

É tempo agora de fazer uma sumária exposição dos princípios gerais da doutrina espírita, a fim de vermos até que ponto, motivando tais agressões, respondem eles aos anseios da alma humana, torturada de inquietação e dúvidas acerca de si mesma, dos motivos por que se encontra na Terra e dos destinos que porventura a aguardam, ao fim de sua tormentosa passagem neste "vale de amarguras". A finalidade reservada a todos os demais seres da criação, o formidável problema do sofrimento, a que nenhum deles escapou, a razão das desigualdades morais, intelectuais e sociais das criaturas, numa palavra, o objetivo da Vida, que para todos, em sua vasta complexidade, se apresenta como uma luta inexorável pela conservação própria e o predomínio dos mais aptos, são outras tantas interrogações que permanecem desafiando a ciência e os vários sistemas filosóficos e religiosos em suas tentativas de resposta, que só o Espiritismo — é o que tentaremos demonstrar — consegue dar satisfatória.

Como fundamento inamovível de seus ensinamentos, ponto de partida e culminância, ao mesmo tempo, de seu arcabouço doutrinário, o Espiritismo

estabelece a existência e imanência de Deus em toda a criação, que é obra sua e testemunho de seu poder, confirmando aquela palavra ditada, em Espírito, por João Evangelista no magnífico livro de revelações que é *ROMA E O EVANGELHO*:⁷⁴ “Não há rei sem vassalos, nem Deus sem glória, nem Criador sem as obras de seu poder”.

De seus atributos, no máximo limite acessível à concepção humana, fala o Espiritismo, assegurando que Deus é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições.

Ora, sendo Ele, de toda a eternidade, o Espírito sem cessar operante, é certo que a criação das humanidades e dos mundos é também incessante e — podemos acrescentar — sucessiva: criação de sistemas planetários, obedientes à lei cíclica de crescimento, apogeu, declínio e dispersão de seus elementos, para novas recomposições; criação de Espíritos, submetidos à mesma lei de evolução e de transformação, mas não de declínio, senão de progresso e aperfeiçoamento indefinito, pois que a unidade individual, por natureza indivisível, uma vez atingida a plena consciência e identificada com a Consciência Divina, jamais poderá retroceder nem diminuir, sendo, ao contrário, seu destino gravitar eternamente para o Criador, sem todavia atingir a sua condição de Absoluto, conservando-se-lhe sempre relativa.

Em que consiste a criação do Espírito?

Tão alto quanto possa remontar o nosso entendimento, o problema da criação dos seres espirituais se nos apresenta como a passagem do estado difuso, ou inconsciente, ao de consciência, ao começo rudimentar e, mais tarde, sob o influxo de incitações externas e reações internas, cada vez mais acentuada, até alcançar a plenitude. Assim, na Mente Divina o que podemos, sem irreverência, considerar cada uma de suas vibrações, em perpétuo movimento no Universo, constitui o gérmen de uma unidade ou mônada espiritual, à espera do impulso que a faça despertar para o sentimento da vida separada e individual. O momento desse despertar se nos afigura o de uma das criações objetivas que se vêm eternamente sucedendo, como formação de um mundo ou, mais propriamente, de um sistema planetário, à semelhança do que sucede com o nosso, quando destacado da massa da nebulosa primitiva, entrou a constituir-se e gravitar em torno do Sol, que, na ordem da criação, o precedera, e como sucederá, por exemplo, em relação a cada uma dos dez milhões de estrelas, ou sóis, de que se compõe a Via Láctea, nebulosa imensa que encerra os materiais destinados à composição desses futuros sistemas planetários.

Para simplificar, consideremos só a formação do nosso mundo, idêntico aos demais em suas fases sucessivas, de massa ígnea ao começo, em que todos os seus elementos, os metais e as rochas inclusive, se encontravam no estado de fusão e, mais tarde, sob a ação dos dilúvios, provocados pela evaporação em contato com as

⁷⁴ Obra compilada por D. José Amigo y Pellicer, do Círculo Cristiano Espiritista de Lérida, Espanha, em 1874, a partir de comunicações de vários Espíritos superiores, sobre os novos tempos da fé raciocinada, pelo advento do Consolador prometido por Jesus. — N. E.

camadas frias da atmosfera, se foram gradualmente resfriando, adquirindo consistência e formando a crosta granítica, posteriormente recoberta de estratificações terrosas, sobre as quais e no seio das águas, ao longo dos milenários períodos secundário e terciário, surgiriam as gigantescas vegetações e as variadíssimas espécies animais, até que, no período quaternário, fizesse o homem primitivo o seu aparecimento no cenário do planeta.

Já tendo, noutra lugar⁷⁵, feito uma “resumida exposição, bem mais desenvolvida contudo, desse vastíssimo assunto, limitamo-nos agora a este brevíssimo esboço, unicamente para assinalar o papel desempenhado pelo elemento espiritual, em sua associação aos reinos e às formas materiais, constituindo, sob o influxo das leis cósmicas e biológicas, o seu substrato e o agente de suas transformações.

Assim, no reino mineral se nos apresenta ele como a força de coesão, ainda inconsciente e automática, primeiro ensaio de suas virtualidades, que já no reino vegetal se manifestam sob a forma de irritabilidade nalgumas espécies e, em todas, com os primeiros rudimentos de vida instintiva, caracterizada pela nutrição e a respiração, mas sobretudo pela tendência a procurar no solo e no ar, prolongando as raízes, em busca da umidade, e os ramos em procura da luz, os elementos necessários à conservação e desenvolvimento dessa mesma vida.

No reino animal, depois de haver transitado pelas espécies intermédias deste e o precedente, o processo de elaboração e individualização das unidades espirituais, a caminho da constituição, propriamente, do Espírito, se acentua em marcha progressiva, desde os invertebrados aos vertebrados superiores, apresentando, à medida que subimos na escala, os caracteres de pensamento, associação de ideias, instintos e paixões, nos mais adiantados mesmo, próximo à humanidade, um conjunto de qualidades morais e sentimentos, que pronunciam a sua ascensão à dignidade do reino superior, quando atingida a plenitude do desenvolvimento nas mais adiantadas espécies animais.

Não haja que admirar nem repelir nessa progressão intérmina do princípio ou unidade espiritual, da condição inicial de simples gérmen ou centelha, anímica às culminâncias da imortalidade e consciência própria, pois que sob a universalidade da lei de evolução, que nenhum ser exclui de uma finalidade superior, em que o amor e a sabedoria do Criador se patenteiam, é preciso que todos venham um dia a participar da sua glória, justificando o postulado: sendo o homem o embrião do anjo, o animal é o embrião do homem.

No trajeto, portanto, centenas senão milhares de vezes milenário através as formas de vida latente e, depois, organizada, o ser espiritual, propellido pela Inteligência Divina, teve um objetivo: inteirar-se primeiro das coisas exteriores,

⁷⁵ Veja-se *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 1º, cap. IX.

apreendendo suas relações com elas e adquirindo a noção de sua própria separatividade; em seguida o conhecimento de si mesmo, de suas qualidades e atributos, como um centro de consciência e vida, subordinada contudo às condições da vida universal, para finalmente, já num adiantado grau de evolução, compreender o seu destino, em função daquela mesma vida universal.

Nas primeiras fases desse trajeto multimilenário, a preocupação dominante no ser consistiu em afirmar-se, tudo fazendo convergir para a satisfação de suas necessidades, apetites, desejos e ambições, tivesse que para isso, egoística e brutalmente, sacrificar os demais seres, sem respeito a idênticos direitos: era a luta implacável pela conservação própria. Na última, gravitando já conscientemente para a Consciência Divina, os seus esforços convergem, num largo sentimento de solidariedade, para renunciar-se, assumindo o papel de colaborador de Deus na instrução, amparo e aperfeiçoamento de todos os seus irmãos.

Na amplitude imensa desse plano evolutivo, em cuja execução virá somente a colaborar de modo consciente num adiantado grau de evolução própria, duas verdades se patenteiam na consciência do Espírito: a primeira é que as formas objetivas revestidas pelo ser, qualquer que seja o grau atingido em seu processo de individualização, têm um valor por natureza transitório, constituindo a sua destruição, nos limites assinalados pela lei natural, uma necessidade para libertação e progresso do princípio que as anima; a segunda é que o sofrimento, engendrado pelas condições próprias da vida planetária, é uma iniciação divina.

Por mais que o homem vulgar, ignorante desse transcendente mistério, obsidiado pela preocupação do gozo como expressão de suprema felicidade, pareça estranhável, mesmo inadmissível essa remontada significação do sofrimento, em seus caracteres de lei universal, ao pensador, particularmente ao iniciado se impõe a convicção, como já no aludido lugar o assinalamos, de que a criação, que é um ato de amor, também o é de sacrifício. Ao dar nascimento, com efeito, por um *Fiat* de sua vontade soberana, às esferas planetárias, com o fim de nelas se ensaiarem para a vida consciente e própria as unidades espirituais, que em sua divina Mente existem absorvidas em forma difusa e vibratória, o Criador se impõe uma sorte de limitação de sua própria Essência. E o faz unicamente por amor, para que os Filhos, que tais só muito mais tarde se reconhecerão, venham a participar do seu poder e bondade, eles que, no longo trajeto através as mais variadas formas de existência, tiveram que adquirir, primeiro, o amor de si mesmos e da Vida, em toda a sedução de seus encantos e dos contrastes sob que se desenvolve, para finalmente se voltarem no sentido da eterna Fonte que a gerou e gera eternamente.

Se, pois, do agrado de seu onipotente Autor foi associar a voluntária imolação à criação da vida individualizada, como inefável desdobramento e manifestação de amor, natural é que à criatura, destinada a integrar-se na sua mesma glória e atributos, haja sido imposta condição análoga. Que a dor e o amor hão de

perpetuamente ser, por naturais, inseparáveis companheiros.

*

* *

Assim se revela o mistério supremo.

Criado para a expansão na liberdade e na luz, que no íntimo lhe falam como eco de remotas profundezas, sofre, pois, o gérmen ou princípio espiritual a angústia de seu aprisionamento na matéria inerte; sofre, ainda na fixidez ao solo, sob as canículas ardentes, que estiolam, nas formas animais, padece ainda sob as incitações da fome, das outras necessidades naturais peculiares à vida na matéria e sob as agressões do meio exterior, que o estimulam à aquisição dos elementos e defesa e da preservação. E, à medida que sobe na escala, entra a percorrer a gama de mais nobres, delicados e profundos sofrimentos: a dor das humilhações e do abandono, da saudade e da separação dos filhos, como daqueles que, na espécie humana, elegera amigos e fizera objeto de dedicação e obediência. Dever do homem é, em tais condições, longe de os agravar com estólida brutalidade ou indiferença, antes contribuindo para lhes aliviar, inclinar-se com respeitosa simpatia diante do sofrimento nos animais — misteriosa elaboração para mais elevados surtos de aperfeiçoamento.

Onde, porém, com o progressivo despertar do Ser para a consciência de seus altíssimos destinos, o sofrimento, cessando de ser individual, para converter-se em síntese e reflexo dos sofrimentos coletivos, adquire a sua máxima potencialidade transfiguradora, é na espécie humana.

Falamos, é claro, dos raríssimos seres, consideravelmente evoluídos, em cuja trama psicológica morreram os derradeiros vestígios do egoísmo, seres de tal modo abrasados nas efusões do amor divino que, de si mesmos totalmente esquecidos, não vivem senão para realizar o que seja do agrado de Deus e de utilidade para os seus semelhantes, irmãos seus retardatários na trajetória eterna de progresso. São os grandes santos e excelsos missionários, discípulos e fiéis imitadores do modelo perfeito que é Jesus, postos, ao longo dos séculos, em meio dos homens para lhes iluminar, como faróis, a rota que devem percorrer, até um dia atingirem a mesma culminância.

Como lograram eles alcançá-la e como poderão estes realizar idêntica ascensão?

Do homem grosseiro e brutal, escravo das paixões inferiores, moral e egoisticamente primitivo, à semelhante plenitude, bem vedes que há uma escala imensa a percorrer. E não é somente no acrisolamento das virtudes que o ser humano é chamado a alcandorar-se, posto que sejam estas a pedra de toque de seu último, definitivo aperfeiçoamento. No domínio da inteligência e dos conhecimentos científicos, tanto como no das artes, deve também ele aprimorar-se, desenvolvendo

integralmente os dons com que em gérmen e para tal fim o galardoou o Criador. Que o Ser perfeito é aquele que integralmente se aperfeiçoou no conhecimento da Verdade e no sentimento do Belo em todas as suas manifestações, completados, para a realização do Bem, com a aquisição das mais altas virtudes, cada uma dessas linhas de progresso constituindo elementos de identificação com Aquele que é "infinito em todas as suas perfeições", motivos que ao mesmo tempo lhe proporcionam de O adorar cada vez mais em toda a plenitude dos seus dons e faculdades.

Que representa, para a realização de tão extensa jornada do progresso, o efêmero prazo de uma existência planetária? Cem anos que durasse ela, subordinada aos tateamentos e incertezas da infância, perdida uma outra parte nos extravios e decepções que salteiam a mocidade e de que resulta a sábia experiência, e prejudicada a última fase pelo declínio orgânico, seriam suficientes para a remontada ascensão que, em tais condições, não poderia ser efetuada em linha reta e sem descontinuidade?

Por isso foi que, interpelado por Nicodemos, Jesus categoricamente lhe afirmou: "Necessário vos é nascer de novo". E, referindo-se a João Batista, advertiu: "Se bem o quereis compreender, ele mesmo é Elias que há de vir", dando ainda, noutras passagens, idêntico testemunho da lei providencial das vidas sucessivas.

Sim, é indispensável que, uma vez falido no curso de sua evolução espiritual, envergue o Espírito repetidas vezes a libré da carne, assim para reabilitar-se da primitiva queda, como para reparar os desacertos cometidos em suas novas jornadas planetárias. Tornada mais longa, desse modo a sua peregrinação — e é essa a condição geral da humanidade — quantos séculos permanecerá ele nesta região de dores, teatro, que há de ao mesmo tempo ser, de sua futura glorificação? — Pouco importa. Suceder-se-ão as existências de grandezas materiais e de miséria, de gloriolas mundanas e de humilhações de repetidas quedas pelo orgulho e de obscuridade reparadora no trabalho humilde, até que lecionado pelas experiências, educado pela dor — silenciosa preceptora, que lhe irá progressivamente descerrando os arcanos da Sabedoria pela piedade e o amor — chegará um tempo em que, amadurecido para a divina ceifa, depois de ter conhecido o sofrimento sob as modalidades comuns de expiação e provação, estará então apto, apreciando-o em sua transcendente significação, a entender e fazer suas as palavras do Divino Mestre a Pedro, ao mostrar-se este sobressaltado como o anúncio dos trágicos sucessos que o aguardavam em Jerusalém, como remate de sua missão apostólica: "...não tens gosto das coisas que são de Deus, mas das que são dos homens". Variante daquela outra palavra, de tão profunda significação: "Ninguém tem maior amor que este, de dar um a vida pelos seus amigos". E ainda: "Se o grão de trigo, que cai na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dará muito fruto". Sublime consagração do sacrifício, voluntaria e previamente aceito, como expressão mais alta de amorosa dedicação pelos que viera redimir.

Imagem viva de Deus, assim nos iniciou visivelmente o Cristo na grande lei do sofrimento. Para que, resignados, o aceitemos como inseparável condição e meio de nosso aprendizado, em resgate e reparação dos próprios desacertos. Para que o amemos, quando amadurecidos para a compreensão de seu transcendente significado como iniciação divina.

Ora, é precisamente essa lei providencial, inerente à constrição da vida na matéria, que causa o espanto e gera a repulsa do homem vulgar, ignorante dos meios postos em prática pelo Criador para assemelhar a Si as suas criaturas. Daí a rebeldia e as deserções pelo suicídio, que mais não fazem senão agravar a pena aos delinquentes. Pior ainda: como se não bastassem os sofrimentos inerentes à ordem natural das coisas, mais os agravamos os homens, constituindo-se algozes uns dos outros. Até que, convertidos à lei do amor, se disponham a mutuamente auxiliar-se, amenizando as suas provas e praticando entre si a justiça e a fraternidade, de que resultará para todos a definitiva implantação da paz na Terra, que lhes foi dada por transitória habitação.

Esse plano evolutivo não foi pelo Espiritismo erigido como produto da concepção de um homem: resulta dos ensinamentos pelos mensageiros do Senhor transmitidos como postulados da Revelação Nova, complementar da messiânica, e que, esboçados como ficam, assim se podem resumir:

Existência e imanência de Deus em todo o Universo, que é obra sua;

Pluralidade de mundos habitados, que são as "muitas moradas na Casa do Pai", a que Jesus se referiu;

Pluralidade de existências para o Espírito na Terra, como nas outras esferas planetárias;

Igualdade fundamental de todos os seres e, para eles idêntica finalidade, consoante a lei de aperfeiçoamento indefinito, que é seu destino;

Solidariedade dos mundos — solidariedade das existências para o Espírito, que em cada uma colhe os resultados dos atos, bons ou maus, praticados nas anteriores e prepara as condições das que lhes hão de suceder.

Em consequência dessas premissas, baseadas nos testemunhos dos Espíritos de todas as categorias, que se têm manifestado, revelando a sua situação na outra vida, feliz ou desgraçada, conforme os atos nesta praticados, decorre a imanência de uma lei de perfeita Justiça, inspirada no Amor, que "dá a cada um segundo as suas obras" e quer que todos, mediante reparações e provas, acumulando precioso cabedal de experiências, indelevelmente fixadas no que se chama o subconsciente, se encaminhem à consumação de seus superiores destinos.

Resulta ainda que, perante Deus, todos os homens são iguais como filhos seus, e que as desigualdades morais e intelectuais que apresentam não são diferenças intrínsecas ou fundamentais, mas correspondem a graus diversos de aperfeiçoamento por eles alcançados na eterna jornada de progresso, que todos são

chamados a realizar, daquelas mesmas desigualdades resultando o equilíbrio e harmonia do conjunto.

Se nos perguntarem que provas oferece o Espiritismo ser esse o plano evolutivo traçado por Deus a humanidade, responderemos que, além dos testemunhos subsidiários, a que aludimos, trazidos pelas Entidades do espaço, suas manifestações, e da palavra dos Mensageiros da mesma origem que, em nome do Cristo, falaram aos homens, transmitindo-lhes a Revelação Nova, milita em seu favor o critério de ser esse plano o que eleva os atributos do Criador, em vez de os rebaixar, como sucede, por exemplo, com o dogma da existência única na Terra e a condenação eterna por faltas ou crimes transitórios, do mesmo modo que a bem-aventurança eterna, assegurada tanto aos "santos", seres privilegiados, desde o começo a tal predestinados, mas que a alcançaram ao fim de uma vida de mortificações e de renúncia, como às crianças mortas em tenra idade, que nada fizeram para merecer tão alta recompensa. Desigualdade monstruosa que não abona a Justiça atribuída Àquele que a deve exercer perfeita e superior à dos homens imperfeitos.

Apresentem os impugnadores, se o puderem, um plano melhor que exalce e recomende o amor infinito de Deus por suas criaturas.

*
* *

Resolvido o problema das desigualdades morais e intelectuais dos homens, o de suas desigualdades sociais por si mesmo se resolve. Ninguém nasce em condição humilde, por um acaso estúpido, nem por uma prévia condenação de irremediável e definitiva inferioridade, do mesmo modo que o nascimento nos degraus de um trono ou as mais elevadas posições sociais alcançadas no curso da existência não significam privilegio ingenuamente conferido, nem sempre, de resto, aos mais dignos por seus talentos e virtudes. Em face da lei das responsabilidades individuais, inflexível para todos, a posição social representa, se elevada, maior encargo para o que é chamado a exercê-la, pois que lhe impõe deveres de benévola assistência e sábia direção dos que para tal fim, e não para o prazer egoístico do mando, lhe foram confiados. E quanto maior o número destes e mais importante a função, mais complexos e árduos tais deveres. Se modesta e obscura a posição, deve com amorosa conformidade ser apreciada, testemunho que é da sábia Providência d'Aquele que, na impecabilidade das suas leis, tudo dispôs no sentido de a cada um ser facultado o que melhor convém às suas necessidades de aperfeiçoamento, no limite de suas possibilidades espirituais.

Pelo uso que uns e outros, grandes ou pequenos, fizerem dos meios postos ao seu alcance para a realização dos fins de sua existência neste mundo, responderão todos, no limite, de resto já tivemos ocasião, páginas atrás, de assinalar que bem

restrito, em que pode ser exercido o livre arbítrio.

E não é somente o problema das desigualdades morais, intelectuais e sociais dos homens que fica resolvido em face da lei providencial das vidas sucessivas. Também o fato das simpatias e antipatias, sem causa aparente ou atual, entre estranhos, e o da harmonia ou das incompatibilidades, às vezes irreduzíveis, entre os membros de uma mesma família — não raro os que mais ligados se deveram sentir pelos laços do sangue, como pais, irmãos e filhos — encontram a única satisfatória explicação, justificativa de tais anomalias.

Trata-se, no caso das inexplicáveis repulsas, de Espíritos adversos, de tal modo incompatibilizados pelas ofensas e maldades, geradoras de ódios, praticadas ou recebidas em precedentes existências, que, não obstante reunidos, pelo sangue, em um mesmo lar, para esquecimento, que a carne, por natureza, favorece, não podem reconciliar-se, enquanto permanecem vivazes, nas profundezas do subconsciente e em forma instintiva, os secretos motivos de ressentimento, sendo assim necessário voltarem juntos repetidas vezes, até que, a poder de esforços e dedicação, favorecidos pelo convívio e as imperiosas contingências da vida em comum, venham a ser substituídos os antagonismos do passado por sólidas e duradouras afeições.

Identicamente, os motivos das simpatias instantâneas, à primeira vista, do mesmo modo que a profunda e terna comunhão de sentimentos, não muito frequente contudo nas famílias — e mais adiante veremos o porque — se podem, em certos casos, residir na afinidade entre Espíritos de uma mesma ordem e de aspirações comuns, noutros se originam do fato de terem, no passado e em mais de uma existência, convivido como membros da mesma família, assim se consolidando, aqui e para a eternidade, o amor que os tem unido. Admirável plano — assinalemos — pela Divina Providencia posto em prática, para que, de vida em vida e através os séculos, venham a ser apagados os ressentimentos e antagonismos que dividem os homens e realizado um dia o grande sonho de fraternidade universal, entre todos sentida e praticada, ou seja a constituição de uma só família humana, unificado rebanho sob a direção do único Pastor — Jesus.

No que se refere às posições sociais — para completarmos o pensamento, interrompido por esta oportuna digressão — o que ocorre, sob o império da mencionada lei das responsabilidades individuais, é que a sua inversão se opera automática e inflexivelmente para os que, tendo abusado dos poderes ou dos meios postos em suas mãos, como temporário deposito, para promoverem o bem estar de seus subordinados, não voltarão a exercê-los, mas, ao contrário, em existências de pobreza e opressão virão reparar os abusos e provar as mesmas humilhações e desprezos, a mesma penúria e injustiças que fizeram sofrer os outros, vítimas outrora de seu egoísmo, de seu orgulho e indiferença.

Teorias? — Mas aí estão para demonstrar que assim se cumpre, através as existências, a lei de soberana Justiça Posta por Deus para orientação de nossa rota

espiritual, não somente as manifestações dos “Espíritos que têm vindo revelar a sua situação na outra vida, em perfeita concordância com os seus atos na Terra praticados, mas sobretudo, pelo cunho de comprovação científica que se lhes deve atribuir, as observações da psicologia experimental, particularmente as que pelo coronel Albert de Rochas foram levadas a efeito e se encontram relatadas no seu magnífico livro *LES VIES SUCCESSIVES*,⁷⁶ opulento repositório dos mais interessantes casos de regressão da memória, no estado sonambúlico, em que os sensitivos, submetidos à experimentação, reproduziam as personalidades revestidas em vidas anteriores, com todos os seus característicos, variando a sua posição social e as condições de sua vida terrestre em conformidade sempre com a precedente.

Que importa que a ciência materialista de nossos dias, cega por esse motivo em relação aos métodos da verdadeira psicologia experimental, haja até agora desdenhado encaminhar as suas investigações no mesmo rumo que o eminente administrador da Escola Politécnica de Paris? Esse rumo permanece traçado pelo austero pioneiro a que, num futuro de certo não remoto, se resolverem a empreender idênticas pesquisas, isentos de rotineiros preconceitos, com o mesmo critério científico e imparcial, tendo como único objetivo o conhecimento da verdade.

E que o não façam. Os fatos e exemplos colhidos pelo Espiritismo e cujo número não cessam de crescer por novos testemunhos, aí estão para convencer os homens da periodicidade de sua volta a este mundo, em sucessivas e solidárias existências, a reparar, no sofrimento e no trabalho, os erros cometidos e preparar um futuro melhor para si próprios e para os seus semelhantes.

Desse modo já não é apenas o problema das desigualdades individuais que fica satisfatoriamente resolvido: ao grande problema social, em sua feição coletiva, tem que ser dada uma solução em harmonia com a Lei superior que rege os nossos destinos, solução que só poderá ser baseada no princípio fraternista do cooperativismo das classes, entre elas cessando os odiosos antagonismos, para se consagrarem todas a uma equitativa distribuição do trabalho e dos seus frutos, constituindo o bem estar presente, assegurado a todos como direito imprescritível, não o objetivo supremo ou definitivo, senão transitório, voltadas que permanecerão as aspirações dos homens para a vida imortal, de que as existências terrestres não são mais que passageiros, posto que importantes, incidentes.

Será esse o período áureo para a vida geral da humanidade, e ao Espiritismo, pela influência que hão de os seus princípios exercer sobre a futura organização das sociedades humanas, caberá a glória de o haver, com os mais sólidos fundamentos, preparado.

⁷⁶ Veja-se a copiosa documentação daí extraída em *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 1º, cap. VI.

*

* *

Compreende-se que, sendo esse, de preparação da humanidade para implantação do reino de Jesus na Terra, o supremo objetivo da Revelação Nova, contra ela tenha voltado suas iras o Anticristo, ameaçado de ver derruído o seu império, mantido até agora, com o caráter de universalidade, mercê do ascendente sobre os homens consentido pela ignorância em que têm sido estes conservados acerca de sua verdadeira natureza, de seu papel no mundo e de seus destinos imortais, vinculados aos de todos os demais seres, destinos sobre os quais projeta o Espiritismo intensa luz, não somente firmando em sólidos raciocínios os seus princípios, mas robustecendo-os, em numerosos casos, com fatos de observação e comprovação experimental.

Dos mais variados meios se tem utilizado o velho adversário, como o temos procurado demonstrar, para impedir que a Revelação Espírita, complementar da Messiânica, realize, em obediência aos desígnios do Senhor, a marcha progressiva de esclarecimento das inteligências e purificação dos sentimentos, que lhe está traçada, ora promovendo hostilidades externas, ora deturpações internas, mediante práticas supersticiosas e o espírito de intolerância e fanatismo, por ele mesmo suscitado no ânimo de adeptos, frequentemente invigilantes.

Uma das formas de hostilidade daquela natureza teve como pretexto, senão como objeto intencional, o aparecimento e divulgação de uma doutrina que, aparentemente idêntica em seus princípios substanciais, não, tem sido de fato utilizada senão com o fim de criar mais uma divisão no seio do Espiritualismo e subtrair ao serviço do Espiritismo, que é uma modalidade particular desse grande sistema, um certo número de inteligências, seduzindo-as com o prestígio de um cientificismo transcendente, rotulado com o pomposo nome de sabedoria, mas para as tornar infecundas, no ponto de vista das grandes realizações sociais e humanas, que a crise, de cujo apogeu se está o mundo aproximando, torna imperativas, sobretudo em benefício das massas sofredoras e oprimidas, isto é, do povo, que, desprezado pelas castas aristocráticas de todas as religiões, foi sempre, da parte do Cristo, preferido como objeto dos seus mais comovedores ensinamentos.

E nisso reside a primeira diferença fundamental, que marca uma nítida linha divisória, entre o Espiritismo, essencialmente popular, como o Cristianismo, em seus ensinamentos e linguagem, e a doutrina de que falamos.

Foi no último quartel do século passado, quando a doutrina dos Espíritos, baseada em fenômenos de crescente notoriedade, que obrigavam a atenção de eminentes cientistas, fazia, o giro mundial dos corações e das inteligências, que uma estranha figura de mulher surgiu como portadora de uma mensagem, ao que afirmava, que lhe fora comunicada pelos Mestres e encerrava "o conjunto das

verdades que formam a base de todas as religiões", parecendo assim destinada a constituir-se o laço de aproximação espiritual entre o ocidente e o oriente, separados menos pelo acidente geográfico do que pela diversidade dos costumes, tendências e educação religiosa, numa palavra, pelo cunho peculiar de suas respectivas civilizações.

Nesse ponto de vista o movimento teosófico — porque é da Teosofia⁷⁷ que nos pretendemos ocupar — seria digno unicamente de aplausos, se se houvesse limitado a ser um movimento puramente literário, ou de mera vulgarização teórica, facilitando, pelo estudo comparativo das doutrinas predominantes nos dois hemisférios, a obra de unificação, que é um dos objetivos do Cristianismo, pelo próprio Mestre anunciado naquele tocante episódio ocorrido em Betânia, quando a mulher, de que falam os evangelistas, lhe entornou sobre a cabeça uma redoma de precioso bálsamo. — “Em verdade vos digo — observou Jesus, respondendo às críticas dos que a censuravam por semelhante 'desperdício' — que onde quer que, for pregado este Evangelho, que o será em todo o mundo, publicar-se-á também, para memória sua, a ação que esta mulher fez”.

Mas a Teosofia, pela atuação de seus adeptos, não somente se tem constituído um movimento de organização, de certo modo, hostil ao Espiritismo, pela sobrançeria de suas pretensões, senão que tem sido utilizada pelo inimigo, sem que lhe percebam a intenção e o alcance — não temos dúvida em o admitir — os que em tal sentido se têm feita eco de suas insuspeitadas sugestões, com o fim de amesquinhar a preponderante significação do Cristianismo, assim em relação a todas as revelações que o precederam, como na obra de espiritualização definitiva e integral à humanidade.

Essa utilização Teosofia, com semelhante objetivo, representa uma das mais hábeis e dissimuladas manobras do Anticristo. Porque, ao mesmo tempo que sugere uma fingida reverência pela grande figura do Crucificado, inculcando-o hipocritamente "o divino Instrutor dos anjos e dos homens", não perde ocasião, por outro lado, de o colocar, de certo modo, em plano subalterno, já seja, pessoalmente, nivelando-o a outros reformadores e pretendendo, em tom dogmático, estabelecer limites à sua missão, definindo-a como transitória, para diminuir-lhe a importância, já seja com referência à religião — puramente espiritual — por Ele fundada, confundindo-a intencionalmente com o catolicismo romano, para a fazer responsável pelas deturpações, a começar do culto exterior, os sacramentos e os dogmas, de que tem sido vítima, por sugestão daquele mesmo implacável e astuto adversário.

Voltaremos em pouco sobre esse ponto. Por agora convém fazermos

⁷⁷ Teosofia é um conjunto de doutrinas cunhadas nos aspectos filosófico, místico e ocultista, baseada no esoterismo mesclado das tradições orientais, egípcias e da Cabala judaica. De toda essa complexa fusão de ideias, a corrente teosófica mais organizada (conquanto secretista) e influente foi a da Sociedade Teosófica fundada por Madame Helena Blavatsky (1831-1891) e seu esposo Henry Steel Olcott (1832-1907) — N. E.

preliminarmente uma apreciação das atitudes da Teosofia, ou melhor, dos seus filiados relativamente ao Espiritismo.

Nos primórdios do movimento, quando, em companhia do Coronel Henry Steel Olcott, a Sra. Helena Petrovna Blavatsky fundou em Nova Iorque, aos 17 de novembro de 1873, a Sociedade Teosófica, essa atitude foi e durante mais de vinte anos conservou-se francamente hostil. Revelando completa ignorância ou fazendo propositada omissão do caráter espontâneo e intencional das manifestações que deram origem ao Espiritismo e revelaram o plano providencial a que obedeciam, os teosofistas, a começar da fundadora da Sociedade, verberavam severamente os espíritas, acusando-os de retardar, com as evocações que praticavam, a evolução dos Egos espirituais, atraídos por essa forma ao plano terrestre e impedidos de desembaraçar-se do veículo astral e agir livremente no plano mental, com a soma das experiências na Terra adquiridas. Mais ainda, afirmavam serem ilusórias as comunicações espíritas, pois que — asseguravam — o Ego, uma vez despojado do veículo terrestre, fica inibido de manifestar-se em nosso plano, e atribuíam as manifestações aos "cadáveres astrais" dotados ainda de vitalidade para semelhante efeito, vitalidade que as evocações contribuíam para prolongar-se, constituindo práticas, se nocivas para os desencarnados, altamente perigosas para os encarnados que a elas se entregavam. Daí a proibição absoluta de que, na opinião dos teosofistas, deviam ser objeto.

Contra esse exclusivismo apriorístico protesta, entretanto, a vasta literatura espírita, representada não somente pelos ensinamentos da doutrina codificada por Allan Kardec, senão também por inumeráveis comunicações de índole científica e literária, não raro revestidas de inconfundível cunho de identidade, que enriquecem tantas obras e publicações espíritas avulsas, que os novos adversários, obcecados pelo espírito de sistema, ignoravam. Quanto aos perigos decorrentes do comércio ostensivo com o invisível, que por nossa parte, ademais, temos frequentemente assinalado, Allan Kardec foi o primeiro a denunciá-los, não por se tratar de fantásticos "cadáveres astrais", mas de Entidades, em muitos casos, inferiores, como lho demonstrara a experiência, preferindo contudo o austero e clarividente missionário indicar, como o fez em *O LIVRO DOS MÉDIUNS*, as regras e condições que a prudência aconselha para entendimento proveitoso com os desencarnados, a formular uma proibição, de resto, contrária aos desígnios da Providência, que os teosofistas, em sua sistemática hostilidade, recusavam admitir como suprema causa determinante do imponente movimento de renovação espiritualista provocado pelo Espiritismo.

Faziam eles, por ignorância própria e cálculo do inimigo que os assessorava, abstração do conjunto de ensinamentos morais e filosóficos, bem como da valiosa contribuição, que esse movimento, pelo estudo da inusitada, fenomenologia, trazia ao adiantamento das ciências, para cingirem-se, apoucando-lhe o valor, à crítica

impertinente das experimentações, se frequentemente prejudicadas — é indubitável — pela incultura dos observadores, muito mais pela interferência pertinaz dos adversários invisíveis da doutrina.

Verificando, entretanto, ser contraproducente essa manobra agressiva, não somente em face das conversões, que não cessavam de operar-se, de esclarecidas inteligências e constituíam vitorioso combate ao materialismo, solapando-lhe o prestígio, mas porque semelhante manobra contribuía para delimitar em campos opostos espíritas e teosofistas, o inimigo mudou de tática. Mais valia — acertadamente lhe pareceu — usar de benevolência, atraindo os primeiros, que afastá-los com irritantes críticas, ademais desautorizadas pelo cortejo de eloquentes fatos comprobatórios da sobrevivência do homem, na plenitude integral de suas faculdades superiores, tais como os patenteava o Espiritismo.

A essa mudança de atitude — porque todas as circunstâncias, mesmo as em que menos parece intervir, são aproveitadas pelo inimigo astuto — não foi estranha, graças à acentuada tolerância de que entrou a dar provas a Sra. Annie Besant, a ascensão desta à presidência da Sociedade Teosófica.

Espírito liberal, por índole e por educação, graças ao contato adquirido com a literatura religiosa e profana do ocidente, mais propriamente da Inglaterra, onde nascera e exercia a sua atividade jornalística, a sucessora de Helena Blavatsky não tardou a afastar-se, na continuidade dos seus escritos, dos moldes exclusivistas e intolerantes que haviam prevalecido acerca dos fenômenos espíritas e dos seus observadores, sendo nessa atitude acompanhada pelos filiados obedientes à sua orientação e pondo-se desse modo termo à campanha de hostilidade, mas para ser substituída por um plano de sorradeira absorção dos espíritas mais cultos, pois que foi entre estes que, incapaz de conquistar com suas divagações teóricas os partidários do materialismo, entrou a Teosofia a aliciar de preferência os seus adeptos.

Não bastava contudo ao inimigo, para subtrair valores úteis à obra espírita e deixá-la — se tal lhe fosse permitido — exclusivamente reduzida às práticas supersticiosas dos refratários ao estudo da doutrina e do Evangelho, utilizar-se, como chamariz, das remontadas concepções de que se faz portadora a Teosofia. De um grosseiro embuste lançou mão, deturpando a história do Moderno Espiritualismo, com o fim de o fazer passar como um mero conjunto de fenômenos, desprovido de toda concepção filosófica interpretativa e doutrinária. Como se não fosse de hoje, aquela história e pudesse uma simples fabula suprimir de chofre o imponente conjunto bibliográfico, verdadeiro monumento didático do Espiritismo, espalhado em centenas de livros e revistas impressas em todo o ocidente, a começar das obras fundamentais codificadas por Allan Kardec!

Essa grotesca pretensão, cavilosamente assoalhada em publicações teosóficas e, para embair a credulidade dos inclinados à sedução misteriosa das coisas do Oriente, impregnada de um misticismo oculto destinado a torná-la irresistível, se

encontra formulada, entre outros, num discurso proferido nesta capital, por ocasião de celebrar-se o 49º aniversário da fundação da Sociedade Teosófica.

"Um dos nossos instrutores teosóficos — afirmou com enfática seriedade o orador⁷⁸ — ensina. que os chefes de uma Loja Oculta, antiquíssima, pois remonta suas origens à grande civilização atlante, existente ainda hoje, cremos que no Yucatan, trabalharam sempre pelo progresso humano, embora conservando-se estritamente, ignorados e desconhecidos do publico.

"Na. primeira metade do século passado, desesperando do materialismo rasteiro, que parecia prestes a afogar toda espiritualidade na Europa e na América, determinaram combatê-lo com um sistema um tanto novo: aponderavam-se de uma pessoa vulgar depois de sua morte, acordavam-na por completo no Plano Astral, instruía-na até certo ponto nos poderes e possibilidades desse plano e punham a seu cargo um círculo espírita. Ela por sua vez "desenvolvia" outras personalidades desencarnadas, no mesmo sentido: o movimento que desse modo criaram converteu-se no grande edifício do Espiritismo moderno.⁷⁹

"Não há dúvida — prosseguiu o orador — que o movimento cresceu muito mais rapidamente do que os chefes da Loja esperavam, até o ponto de não lhes ser mais possível dominá-lo... Esse plano tinha, como muitos outros, o ponto fraco: além da Loja original podiam adotá-lo os magos negros, sem que nada o impedisse, e proporcionar assim "espíritos" que se comunicassem, como verdadeiramente sabe-se que têm feito.

"É fácil imaginar quanto seria perigoso um movimento de tal ordem entregue a sim mesmo. Quanto mal poderiam fazer as entidades que obedecem à orientação dos magos negros transviados e mistificando as pessoas investigadoras, principalmente as crédulas, e a história fenomenal do espiritismo nos fornece abundantes provas de tais fatos.

"Foi nessa conjuntura que os senhores de Compaixão, os Guardiões da Raça humana, Aqueles a quem chamamos os Mahatmas, os membros da Grande Fraternidade Branca, considerando as funestas consequências que os fenômenos do espiritismo poderiam produzir, se não aparecesse uma filosofia que os explicasse satisfatoriamente, procuraram com urgência um meio de evitar os resultados desastrosos que essa intervenção no Astral, entregue a si mesma, poderia produzir, e dois deles resolveram fundar a Sociedade Teosófica, para, por meio dela, dar ao mundo uma filosofia elevada, que explicasse satisfatoriamente os fatos observados e ensinasse a verificá-los. Se bem que os membros restantes da Grande Fraternidade, os outros mestres, não

⁷⁸ Veja-se *O THEOSOPHISTA*, "órgão da Secção Brasileira da Sociedade Teosófica", n. de 17 de novembro de 1924.

⁷⁹ Essa ulterior pretensão dos teosofistas, de atribuírem a paternidade do Espiritismo aos chefes de uma Loja Oculta, não resiste à mais ligeira análise. Ignoraria esse fato, de significação capital, a "grande iniciada" Helena Blavatsky? Por que então combateram tão encarniçadamente, ela e os seus sequazes, o Espiritismo?

Chamamos além disso a atenção do leitor para o vago, impreciso e misterioso das circunstâncias relatadas, esquivas desse modo, como, em geral, as afirmações da Teosofia, a toda verificação. Uma nova forma de *Magister dixit* ["O Mestre disse"].

concordassem com a deliberação, julgando-a temporã, pois não consideravam a Humanidade chegada ainda ao ponto de compreender os elevadíssimos ensinamentos teosóficos, aqueles dois Mahatmas persistiram, não obstante, na resolução tomada, embora sob a condição de arcar com o Karma criado pela Sociedade Teosófica.

"Buscaram então ao redor de si os instrumentos indispensáveis à Obra, as pessoas capazes de levá-la a termo, e os encontraram em dois antigos e fiéis discípulos de outras vidas, em dois antigos e dedicados servidores que, no passado longínquo, existência após existência, vinham servindo sob a direção d'Eles: dois amigos a toda prova, ligados um ao outro, no passado, pelos atos do mais desinteressado sacrifício. Eram, nesta encarnação, um homem e uma mulher. Chamavam-se Helena Petrovna Blavatsky e Henry Steel Olcott. Ela era russa, ele americano. Helena Blavatsky estivera desde a infância em relações com um desses Mestres; Olcott não tinha a menor notícia deles nesta vida."

E aí temos, de um lado, a Teosofia surgida como um corretivo à imprudência dos tais chefes da Loja Oculta, provocando os fenômenos espíritas e impulsionando um movimento que, em sua visão apoucada, foram incapazes de prever se desenvolvesse ao ponto de já o não poderem dominar, exprimindo-se esse corretivo por meio de uma "filosofia elevada", que ao Espiritismo, segundo essa fábula infantil, é negado possuir. Doutro lado, aí temos a própria Teosofia apresentada como um movimento ilógico em sua origem e contraditório em sua organização, no qual a teimosia de dois Mahatmas, desrespeitando o voto de todos os membros restantes da Grande Fraternidade, consegue levar por diante a ideia prematura de dotar a humanidade com os "elevadíssimos ensinamentos" para os quais não se acha ela preparada. Ilógico em sua origem, dizemos, porque, se foram os dois misteriosos chefes da Loja Oculta, de que ali se fala, os responsáveis pelo desencadeamento do Espiritismo fenomenal, a eles devera caber, naturalmente, o encargo de corrigir o desacerto, suscitando o movimento filosófico e reparatório da Teosofia.

Mas encerrará esta, realmente, ensinamentos tão mais elevados e verdadeiros que os do Espiritismo, como o pretendem os seus adversários?

*

* *

A obra capital da Teosofia é *DOCTRINA SECRETA*, enfaticamente subintitulada "Síntese da Ciência, da Religião e da Filosofia", exposta por Helena Blavatsky em seis alentados volumes, "cuja leitura, às vezes, se torna dificultosa, porque a autora desenvolve ideias secundárias, que fazem perder de vista a unidade fundamental da obra",⁸⁰ da qual se tornou por isso necessário organizar o *RESUMO*, que em nota

⁸⁰ *ABRÉGÉ DE LA DOCTRINE SECRÈTE* de H.-P. Blavatsky, prefácio dos editores. Paris, 1923.

abaixo mencionamos, com cerca de 600 páginas, abrangendo, todavia, apenas os quatro primeiros volumes, pois que os dois restantes “não forneceram materiais, tendo o seu conteúdo menos direta relação com as ESTÂNCIAS DE DZYAN”.

Foram essas “Estâncias”, contidas num “documento de antiguidade pré-histórica”, a fonte originária da *DOCTRINA SECRETA*, em que a Sra. Blavatsky “apresenta a história do mundo e da humanidade, conforme a tradição nelas relatada e cuja interpretação é dada pela autora, à luz de um comentário oculto que, durante sua permanência no Tibete, lhe foi transmitido por ordem e sob a direção de Adeptos, com os quais se achava em relação”.

“Esse manuscrito antiquíssimo — diz, abonando sua autoridade, o autor da 'Introdução' com que abre o *RESUMO* a que nos reportamos — do qual o único exemplar agora existente é escrito em *Senzar*, a língua sacerdotal secreta, conhecida de todos os padres e iniciados, é a obra original cujo texto serviu de base a composição dos mais antigos livros sagrados de todas as nações,” como *O LIVRO DOS MISTÉRIOS SECRETOS*, “o mais antigo documento hebraico acerca do saber oculto”, a Bíblia primitiva da China, os volumes sagrados do Toth-Hermes egípcio, os *PURANAS* da Índia, o *LIVRO DOS NÚMEROS* caldaico e o próprio Pentateuco.

O assunto versado nos quatro primeiros volumes da *DOCTRINA SECRETA* e tendo como base as misteriosas *ESTÂNCIAS DE DZYAN* (“pronuncia-se *Djan*”, esclarece o autor do *Resumo*) é dividido em duas partes: *Cosmogênese*, ou seja — esclarecemos nós aos indoutos — formação, geração do Universo, e *Antropogênese*, isto é, geração ou formação do homem, servindo naturalmente esses vocábulos, por sua composição morfológica greco-latina, para dar desde logo a ideia do cunho nitidamente científico da obra, cujas três proposições fundamentais são as seguintes:

A. — “Um PRINCÍPIO onipresente, eterno, ilimitado e imutável, a respeito do qual é impossível toda especulação, pois que ultrapassa o poder da concepção humana, 'inconcebível e inominável'.

“Essa Causa infinita e eterna — vagamente formulada no 'Inconsciente' e no 'Incognoscível' da filosofia europeia corrente — é a Raiz sem Raiz de 'tudo o que foi, é ou será para sempre'. É naturalmente desprovida de todo atributo e, essencialmente, sem relações com o ser manifestado e finito.⁸¹ É o 'Ser-T', antes que o ser (em sânscrito, *sat*) e paira acima de toda especulação ou pensamento.

“Esse 'Ser-T' é simbolizado, na Doutrina Secreta, sob dois aspectos. De um lado, o Espaço abstrato, absoluto, representando a subjetividade pura, a única coisa que nenhum espírito humano possa excluir de concepção alguma nem conceber em si mesma. Do outro, o Movimento, absoluto, abstrato, representando a Consciência incondicionada. Os nossos pensadores ocidentais provaram que a Consciência, distinta da variação, nos é inconcebível, e que o

⁸¹ O grifo é nosso.

movimento é o melhor símbolo da variação, seu característico essencial. Esse último aspecto da única Realidade é também simbolizado no termo 'o grande Sopro' e o símbolo é bastante expressivo. Assim o primeiro axioma fundamental da Doutrina Secreta é esse UM ABSOLUTO metafísico — o SER-T — que a inteligência limitada veio a representar na Trindade Teológica."

Não parecerá estranha essa concepção puramente mecanicista do Ser absoluto, supremo e eterno? Mas não devemos interromper com prematuros comentários a exposição, que apenas resumiremos, das três proposições fundamentais da Doutrina Secreta. Prossigamos, pois, abandonando, por comodidade do leitor não versado no assunto, o desenvolvimento, por assim dizer, ultrametafísico dado pelo autor do Resumo a essa primeira concepção, para reproduzir a síntese que ele mesmo julgou conveniente acrescentar-lhe, com o fim de "dar ao leitor uma ideia mais clara", expressa nos itens seguintes:

1. O ABSOLUTO, o *Parabrahman* dos Vedânticos ou única Realidade, *Sat*, que é, como o diz Hegel, ao mesmo tempo Ser absoluto e Não-ser.
2. O primeiro Logos: o impessoal e, em filosofia, *não manifestado*, Logos precursor do "manifestado". É a "causa primária", a "Inconsciente" dos panteístas europeus.
3. O segundo Logos: Espírito-Matéria, Vida, o "Espírito do Universo", Purusha e Prakriti.
4. O terceiro Logos: Ideação cósmica, Mahat ou Inteligência, a Alma universal do Mundo; o Número cósmico da Matéria, a base das operações inteligentes da Natureza e em a Natureza, também chamado Mahâ-Buddhi.

"A REALIDADE ÚNICA; seus duplos aspectos no Universo condicionado.

"A Doutrina Secreta, além disso, afirma:

B. — A Eternidade do Universo, *in Toto*, como plano ilimitado que, periodicamente, é "o campo de inúmeros universos a se manifestarem e desaparecem incessantemente", denominados "estrelas que se manifestam" e "centelhas da eternidade". "A Eternidade do Peregrino é como um abrir e fechar de olhos da Se-existência", diz o livro de Dzyan ("Peregrino" é o nome dado ao nosso mundo {os Dois em Um} durante o seu Ciclo de encarnações. É o único princípio imortal, eterno em nós, uma parte do Todo Integral, o Espírito Universal). "O aparecimento e o desaparecimento dos mundos é como a volta regular do fluxo e do refluxo."

"A segunda asserção da Doutrina Secreta é o caráter absolutamente universal

"A Doutrina Secreta afirma. ainda:

C. — A identidade fundamental de todas as almas com a Super-Alma universal, sendo esta mesma um aspecto da Raiz Ignota, e a peregrinação obrigatória para toda alma, centelha da primeira, através o Ciclo da Encarnação (ou de 'Necessidade'), em conformidade com a lei cíclica e cármica durante o termo

completo. Por outros termos: nenhum Buddhi puramente espiritual (alma Divina) pode ter uma existência consciente independente, antes que a centelha brotada da pura essência do sexto Princípio universal — ou a SUPER-ALMA — tenha passado por todas as formas do mundo fenomenal desse Ciclo de existência e adquirido a individualidade, tanto por impulso natural como por esforços pessoais, voluntários e resolutos (modificados pelas restrições do seu Karma), percorrendo assim todos os graus da inteligência, do mais baixo ao mais elevado Manas, do mineral à planta e daí ao mais santo dos Arcanjos. A doutrina axial da filosofia esotérica não admite privilégios nem dons especiais para o homem, salvo se adquiridos pelo próprio Ego a poder de esforços e mérito pessoal, no decurso de uma longa série de metempsicoses e de reencarnações.

“Em seu estado absoluto, o único princípio sob os seus dois aspectos de Ideação pré-cósmica e de Substância pré-cósmica é insexual, incondicionado e eterno. Sua emanção periódica — ou cintilação primordial — é UNA, por isso andrógina e fenomenalmente finita. Quando essa cintilação, por sua vez, irradia, todas as suas cintilações ainda são andrógenas, mas tornam-se princípios masculino e femininas em seus aspectos inferiores. Após um período de dissolução, o primeiro princípio que desperta para a vida ativa é o plástico Espaço, Pai-Mãe, Espírito e Alma do Éter, ou o plano na superfície do círculo. O espaço é chamado "Mãe" antes de sua atividade cósmica, e Pai-Mãe no primeiro estágio do seu despertar. Na *Cabala* também é Pai-Mãe-Filho. Enquanto, porém, os místicos e os filósofos sintetizam a sua tríade pré-genética na pura abstração divina, os ortodoxos e antropomorfizam. O cristão ortodoxo, por sua parte, separa a divindade pessoal criadora em três pessoas e não admite divindade superior.”

“Tais são — remota o autor da Introdução que serve de pórtico ao *RESUMO* feito da obra mediunicamente recebida pela Sra. Blavatsky — as concepções fundamentais sobre que repousa a Doutrina Secreta.”

Mediunicamente recebida — ousamos afirmar — porque, de um lado, considerando-se a extensão e a profundidade impressas pela fundadora da Sociedade Teosófica à interpretação dada às *ESTÂNCIAS*, que serviram de base àquela obra, “à luz de um comentário oculto”, e do outro a sua relativa incultura, é indubitável que, sem a inspiração espiritual, que é uma das formas, e não inferior, do mediunismo, não teria ela podido consumir, nas vastas proporções em que o fez, o monumento de “saber oculto”, que é a Doutrina Secreta, “diante da qual pasmam fascinadas as mais cultas inteligências, não apercebidas, porém, do critério analítico fundado na humildade e no bom senso, que permita apreciá-la no tríplice ponto de vista de sua veracidade, de sua origem espiritual e de sua utilidade.

*

* *

Antes de tudo, se fizermos um confronto entre a síntese doutrinária do Espiritismo, que formulamos páginas atrás, e as concepções fundamentais da Teosofia, resultará que, se o primeiro parecerá talvez mais simples, ameno e transcendente na órbita de suas explanações interpretativas do universo, da vida e do destino dos seres, particularmente do ser humano, a Teosofia se apresenta como um sistema integral, por assim dizer, absoluto em suas afirmações, em que pretende abranger desde a Causa sem causa, eterna e igualmente absoluta, às suas operações, fundando-se num documento de remotíssima, pré-histórica antiguidade (as *ESTÂNCIAS DE DZYAN*), fonte original “dos mais antigos livros sagrados de todas as nações”, cuja autoridade supõe abonada por aquela circunstância. Nisso consiste, entretanto, a nosso ver, o primeiro ponto vulnerável da Teosofia, a que serve de pórtico a *DOCTRINA SECRETA* de Blavatsky.

Por que seria preciso atribuir ao autor daquele documento uma onisciência, de resto, incompatível com a capacidade humana, por mais desenvolvidos e aperfeiçoados, mesmo em extremo grau, que sejam os seus dons, para admitir que tivesse ele penetrado os arcanos divinos em toda a sua extensão e profundidade, ao ponto de nada lhe ser desconhecido, assim nos mistérios da criação universal como nos atributos do seu inefável Autor. Ainda se em sua cosmogonia se limitasse ele — e já não seria pouco — ao nosso sistema planetário, escrutando-lhe a gênese e traçando o plano evolutivo dos seres que nele têm o seu vastíssimo campo de aperfeiçoamento, as suas concepções encontrariam apoio nas possibilidades de uma visão interna, acaso reforçada por uma revelação que, do Alto e em nome de Deus, lhe fosse transmitida, sujeita ainda assim às confirmações que a ciência e a razão humana — que são também uma das formas por que se comunica o Criador com as suas criaturas — lhe viessem trazendo no curso dos séculos, mercê dos progressos naquele duplo sentido adquiridos.

“Mais o autor das Estâncias, segundo a interpretação que, “à luz de um comentário oculto”, lhes deu a Sra. Blavatsky, fala do Universo *in totum* e da “Raiz sem Raiz” e do primeiro Logos, não manifestado, e do segundo e do terceiro Logos, manifestados, cujas operações lhe são coisas familiares, indubitáveis e de ciência própria. Baseado em que?

“A história da evolução cósmica, tal como se acha descrita nas Estâncias — diz, na 'Introdução', o autor do *RESUMO DA DOCTRINA SECRETA* — é, por assim dizer, uma fórmula algébrica abstrata dessa evolução e não uma resenha de todos os seus estádios e transformações, fórmula que pode ser aplicada a toda evolução, desde a da Terra e do sistema solar, e assim por diante, numa escala ascensional. As sete

primeiras Estâncias representam os sete primeiros termos dessa fórmula abstrata".

Pondo de parte a estranheza que a nossa ignorância, pelo menos, causa uma fórmula algébrica de semelhante natureza (com eliminação dos sinais gráficos?), acrescentaremos que, mediante sua aplicação, ao que se deve supor, é que a Doutrina haurida nas Estâncias pretende o conhecimento não parcial, mas total, do Universo em suas infinitas e sucessivas manifestações, como se viu no item B atrás reproduzido.

Abordando, por sua vez, o assunto, numa série de conferências realizadas em Bruxelas, em maio de 1898, o Sr. J. C. Chatterji, que nelas se ocupou de "A Filosofia Esotérica da Índia", assim se exprimiu:

"Um universo isolado como o nosso tem o seu fim; mas este universo é fruto do universo precedente, e de sua semente nascerá o universo futuro, e assim indefinidamente. O que eu designo aqui por universo não é somente um sistema solar particular, mas a totalidade do que está manifestado".

Essa totalidade contudo — cumpre interrogar — por que número se achará representada para os iniciados na Doutrina Secreta e nos segredos da Teosofia?

Porque, nesse domínio do Conhecimento, que se pretende positivo, é preciso não nos atermos a vagas e imprecisas afirmações, se queremos de fato aproximar-nos e ser portadores da Verdade. Fama o autor das Estâncias, na remotíssima época em que as escreveu, e fizeram, depois dele, os seguidores e interpretes dos seus ensinamentos, uma ideia exata, já não diremos daquela totalidade, mas pelo menos do que, segundo as observações e cálculos da astronomia, é considerado o nosso universo visível?

Demos, a esse respeito, a palavra a Camille Flammarion, o fascinante expositor da *ASTRONOMIA POPULAR*, e com ele nos detenhamos, tomados de assombro, diante destes vertiginosos algarismos:

"Podemos considerar o universo visível — assinala, depois de se haver referido aos dezoito milhões de estrelas, de que se compõe a Via Láctea — constituído por mais de cem milhões de Sóis, dispostos numa imensa aglomeração de forma lenticular, cujo diâmetro parece ser oito ou dez vezes maior que a espessura. As aglomerações de estrelas apresentam todos os graus, tanto no número como na condensação das suas componentes. Há algumas que se compõem de poucas estrelas; outras formam uma associação de umas poucas de dezenas, outras são constituídas por alguns centos ou milhares".

E acrescenta, mais adiante:

"Sem dúvida o universo visível, com os seus cem milhões de sóis, representa apenas uma parte infinitesimal da totalidade do Universo, do infinito; é uma aldeia numa província, ainda menos. Por outro lado, os milhões de anos, ou antes, os milhões de séculos com que nós tentamos exprimir o

desenvolvimento progressivo das nebulosas, dos sóis e dos mundos não são mais que um rápido. Instante na duração eterna. Impossível nos ê, por conseguinte, quando tentamos conceber estas grandezas, deixar de convir que o nosso campo de observação é insuficiente e que o universo é incomparavelmente mais vasto, mais prodigioso e esplêndido que tudo o que a ciência nos revela, que tudo o que a imaginação pode sondar".

Dessa modéstia não participava de certo o autor das Estâncias nem participam os iniciados como ele, pois que não somente fazem ideia da "totalidade do que está manifestado", mas conhecem o processo de sua formação e desaparecimento, na sucessão do que eles chamam "os dias e as noites de Brahma", por toda a eternidade e fora, ou seja, o período de atividade, que se denomina "Manvantara", e o de repouso, chamado "Pralaya".

Exageramos? — Aqui está o que, fundada na tal fórmula abstrata, diz a Doutrina Secreta (pág. 30), interpretando o parágrafo sexto da primeira estância:

"O aparecimento e o desaparecimento do Universo estão descritos como uma expiração e uma inspiração do "Grande Sopro", que é Eterno e que, sendo o movimento, é um dos três símbolos do Absoluto: o Espaço Abstrato e a Duração constituem os outros dois. Quando o Grande Sopro é projetado, chama-se o Sopro Divino e é considerado como a respiração da Divindade Incognoscível — a única Existência — que expira, por assim dizer, um pensamento, que se torna todo o Cosmos. O mesmo acontece quando o Sopro Divino é inspirado: o Universo desaparece no seio da Grande Mãe, que dorme então 'envolta em suas Roupagens para sempre invisíveis'."

Que ocorre durante esse longo período de sono?

A interpretação do parágrafo terceiro da mesma estância diz, entre outras coisas:

"Durante o sono profundo o trabalho de ideação cessa no plano físico e a memória fica suspensa, Durante esse tempo, conseguintemente, "a inteligência não existe", porque o órgão, através do qual o Ego manifesta a ideação e a memória no plano material, cessou temporariamente de funcionar. Um número só se pode tornar fenômeno em um plano qualquer de existência, manifestando-se nesse plano, mediante uma base ou veículo apropriado; e durante a longa Noite de repouso denominada Pralaya, *quando todas as existências foram dissolvidos*,⁸² a "Inteligência Universal" se conserva como uma possibilidade permanente de ação mental, ou como esse Pensamento abstrato e absoluto "de que a inteligência é a manifestação concreta e relativa".

Segundo essa concepção, portanto, o Universo não vai sendo renovado, parcial,

⁸² O grifo é nosso.

sucessiva, incessante e eternamente, sob "a ação do Ser Eterno, de modo que a sistemas planetários, que desaparecem no infinito laboratório, vão outros sistemas sucedendo, jamais cessando a vida planetária universal. Há períodos de criação total (Manvantara) e períodos de extinção total (Pralaya) de tudo quanto existiu, correspondendo esse fenômeno de respiração, no Ser Divino, ao que é peculiar do ser humano.

Confessemos que é levar demasiado longa a Analogia, que é o método de indagação nas ciências ocultas, e atribuir à lei de alternativa uma excessiva, arrojada ampliação, nela pretendendo abranger a própria Divindade.

Mas — insistiremos — nessa audaciosa concepção da vida e criação universal, nessa totalidade do Universo fazia o autor das Estâncias uma ideia aproximada sequer do número dos astros que o compõem, isto é, dos incontáveis bilhões ou trilhões de sóis — que sabemos nós? — dos quais os cem milhões, de que é calculado compor-se o nosso universo visível, constituem “simples aldeia numa província, ou ainda menos”, cada um devendo ser centro de um sistema planetário, tanto vale dizer, em torno deles gravitando mundos de prodigiosa grandeza, proporcionada a dos respectivos astros centrais e sendo esses mundos o *habitat* de humanidades nas mais variadas condições de progresso físico, moral e intelectual? Ponde o misterioso autor do famoso e remotíssimo documento, numa época em que nem sequer existia a astronomia, com os seus incessantes aperfeiçoados instrumentos de observação, abranger em sua concepção esse vastíssimo universo, esmagador para nós em sua assombrosa, deslumbrante e — confessemos — inescrutável realidade? — Aberração da mesquinhez humana, querendo alçar-se à Obra Eterna e ousando discorrer acerca do seu Eterno Autor e de suas incognoscíveis operações!

Mas será realmente isso o que pretendeu exprimir semelhante documento e a isso é que, segundo os seus modernos interpretes, familiares da Teosofia, se refere a “totalidade do que está manifestado”?

*

* *

Se consultamos as Estâncias, reproduzidas na DOUTRINA SECRETA, reconheceremos sem dificuldade que, circunscrito no tempo e no espaço, desajudado das muitíssimo ulteriores conquistas da ciência, particularmente da astronomia, o pensamento do seu autor era bem mais restrito do que o pretendem os seus intérpretes atuais, algumas vezes pueril, não abrangendo senão em simbólicas referências o nosso modesto sistema planetário⁸³ e limitando-se na parte relativa à *Antropogênese* — denominação modernizada pela Teosofia — à evolução dos seres,

⁸³ Assim nos exprimimos em comparação com a prodigiosa totalidade do Cosmos.

exclusivamente, no nosso globo.

Ocupa-se, de início, aquele documento do período de repouso, ou “Noite de Brahma”, em que nada existia do que está manifestado, nem sequer o Silêncio, nem mesmo o Som, mas unicamente o “Sopro eterno, que jamais cessa, que si mesmo se não conhece”, expressão que — assinalemos de passagem — na Doutrina Secreta é interpretada neste inconcebível postulado: “O absoluto não se conhece a si mesmo”, de vez que pelo “Sopro Eterno” é entendido o Ser absoluto e incognoscível, de cuja percepção íntima ousam contudo falar dessa maneira. Não é ainda uma audaciosa aberração?

Prossigamos, todavia, e em demonstração da penúria conceptiva, em certos lugares pelo menos, do autor das Estâncias baste-nos reproduzir os dois seguintes parágrafos da, terceira em que vem descrito o começo do despertar do precedente universo extinto:

3. "As Trevas irradiam a Luz, e a Luz deixa cair um Raio solitário nas Águas, nas profundezas da Mãe⁸⁴. O Raio atravessa, rapidamente o Ovo virgem, faz estremecer o Ovo eterno, que deixa cair o Gérmen não eterno, que se condensa no Ovo do mundo.

4. Então os Três se tornam Quatro. A Essência radiosa se torna Sete dentro e Sete fora. O Ovo Luminoso, que em si mesmo é Três, se coagula, e estende em flocos brancos como leite nas profundezas do Oceano de Vida".

Infantil — não é verdade? — para exprimir a prodigiosa gestação do Universo total, que se ia desenvolver nos incontáveis milhões, senão bilhões ou trilhões de estrelas, mundos, nebulosas, constitutivas da nova Criação, que vinha suceder a Noite completa, durante “Sete Eternidades” reinante no Seio Infinito da Duração (1 e 2 da primeira estância), e substituir, portanto, o anterior Universo, totalmente extinto.

Mas não percamos tempo com a análise parcial desse sistema cosmogônico, em que se evidencia o mesmo preconceito geocêntrico e antropocêntrico das primitivas cosmogonias, a hebraica inclusive, quando, para os seus observadores, a esfera celeste abrangia unicamente o espaço ocupado pelo Zodíaco, esfericidade da Terra era ainda ignorada e ao supremo Autor de tantas maravilhas se atribuía a forma humana e, com ela, a mesma necessidade de repouso após a criação. Dessa assimilação do Criador ao homem é que resultou o duplo erro, fundado na analogia, de interpretar a formação de universos parciais como um fenômeno respiratório em proporções gigantescas, circunscritos, porém, aqueles ao nosso único universo então conhecido, e imaginar que ao esforço criatório sucederia a fadiga e, em consequência, a necessidade do sono reparador, sem considerar-se que o Espírito — humano ou divino — por natureza dinâmico, jamais cansa e que, portanto, se o Espírito do homem, durante o sono do corpo, continua, exteriorizado, a agir, incessante e

⁸⁴ O espaço, consoante a definição que ficou reproduzida, "antes de sua atividade cósmica".

infatigavelmente, nas regiões superiores, com maioria de razão o Espírito Eterno e Divino, fora das criações materiais, em suas incessantes e parciais transformações, não cessa de agir no que devemos considerar o infinito universo espiritual, aí com Ele agindo os puríssimos Seres dessa natureza, em formas de atividade e transcendentais realizações, que a nossa mesquinha contingência — sem excetuar o próprio autor das Estâncias e os seus continuadores, por mais iluminados que se presumissem ou presumam — é incapaz de conceber. Obcecados pela influência da matéria e pela excessiva importância atribuída à vida objetiva, que oblitera o senso da pura e incorpórea espiritualidade, desamparou-os a humildade — a divina humildade — para sentirem a profunda sabedoria desta, como de tantas outras sentenças da *IMITAÇÃO DE CRISTO*: “A toda perfeição nesta vida acompanha alguma imperfeição, e têm mescla de sombra todas as nossas Luzes”. Conceito de um verdadeiro iluminado, em cuja palavra fulgia a exortativa eloquência do próprio Mestre, que o assistia.

Mas não nos detenhamos, ainda, em análises parciais, quando um exame, em conjunto, da Doutrina Secreta, destacando contudo os seus trechos principais, nos patenteia, com o defeito capital de ser um sistema puramente intelectual da Criação, em que o Amor — que é a razão suprema do Universo e da Vida — não parece ter a mínima intervenção, nos patenteia — dizemos — o inverídico de muitas de suas proposições, uma das quais de evidente amoralidade, e, por igual, nos denuncia a sua origem suspeitíssima.

Sem dúvida, segundo o pretende a sua autora, “a Doutrina Secreta é a Sabedoria acumulada dos séculos⁸⁵ e a sua cosmogonia, só por si, constitui o mais prodigioso sistema e o mais bem elaborado que seja conhecido, mesmo sob a velada forma de esoterismo dos *Puranas*. O poder misterioso, porém, do simbolismo oculto — afirma — é tão grande que os fatos, que têm ocupado inúmeras gerações de videntes iniciados e profetas aplicados a os coordenar, inscrever e explorar, durante as assombrosas séries do progresso evolutivo, são todos registrados em algumas páginas de glifos e de sinais geométricos”.

"Inútil dizer — acrescenta ela — que o sistema em questão não é produto da imaginação de um ou de muitos indivíduos isolados; é constituído pelos ininterruptos anais de milhares de gerações de Videntes, cujas prudentes experiências contribuíram para certificar e verificar as tradições transmitidas oralmente de uma raça primitiva a outra, sobre os ensinamentos de Seres superiores elevadíssimos, que têm velado pela infância da humanidade. Durante longos séculos, os “Sábios” da Quinta Raça — os quais pertenceram ao grupo salvo e poupado, por ocasião do último cataclismo e da modificação dos continentes — passaram suas vidas a aprender a não a ensinar, confrontando, submetendo à prova e verificando, em cada departamento da Natureza, as tradições do

⁸⁵ Ou como tal se apresenta.

passado, mediante a faculdade de visão fruída pelos grandes Adeptos, isto é, pelos homens que desenvolveram e aperfeiçoaram no mais elevado grau possível seus organismos físico, mental, psíquico e espiritual. O que fora visto por um Adepto, jamais era aceito, antes de ter sido inspecionado e confirmado pelo que tinham visto outros Adeptos, em condições apropriadas a constituir um testemunho independente, e por séculos de experiências" (páginas 148-149).

A ser verdade — a autora nenhuma prova aduz de tão radicais afirmações — a Doutrina Secreta não representa somente a sabedoria acumulada dos séculos, mas impõe-se dogmaticamente como um sistema intangível, cujos postulados a ninguém é lícito pôr em dúvida. Institui, em tais condições, um regime de servidão mental, que não é o menor dos seus títulos negativos de recomendação. Nos livros teosóficos — é certo — e nos discursos dos seus preconizadores encontra-se com frequência a recomendação de serem os seus ensinamentos submetidos à verificação pelo senso interno do estudante e unicamente aceitos mediante o seu consciencioso *veredictum*. Quem ousaria contudo opor seu critério pessoal ao que foi ensinado por “Seres superiores elevadíssimos”, inscrito “nos anais de milhares de gerações de Videntes” e pode em seu favor invocar “séculos de experiências” empreendidas em “cada departamento da Natureza”?

A consequência é que, excetuadas algumas afirmações acerca, de fenômenos secundários do mundo oculto, cuja verificação é afirmado por certos adeptos (sem maiúscula) da Teosofia ter sido empreendida, a totalidade dos ensinamentos da Doutrina Secreta é religiosamente aceita e repetida pelos seus iniciados (também sem maiúscula) como verdades intangíveis e dogmáticas.

Longe de nós a pretensão de os impugnar como integralmente errôneos, pois que ainda nisso a simultaneidade do joio e do bom grão se patenteia. Nem a bondade vigilante de Deus por suas criaturas, tal como a entendemos, consentiria fossem elas, séculos a fio e gerações sobre gerações, alimentadas —ou intoxicadas — exclusivamente com o Erro, sem o paralelismo da Verdade, em algumas pelo menos de suas múltiplas facetas, cabendo ao homem o paciente esforço de discernir uma do outro. Extrema é a esse respeito a dificuldade, no que se refere à Doutrina Secreta, de tal modo, tão habilmente coordenada e fascinante no desenvolvimento de suas empolgantes concepções se apresenta ela, nalguns casos invocando a concordância da própria ciência, a não ser que, para subtrair-se a tal fascinação, se lhes possa conscientemente opor, como o faremos adiante, a autoridade mais alta de uma Palavra Divina, inscrita assim no Livro que dela nos dá testemunho, como no nosso coração e entendimento.

Guiados por esse testemunho e por essa luz interior, chegaremos, de análise em análise, a certeza de que o recôndito autor de tais ensinamentos — porque trata-se evidentemente de uma obra inspirada do oculto — lançando mão dos recursos de

alta intelectualidade, que possui, para seduzir com parcelas de verdade os ambiciosos de saber, desamparados da humildade, que os conteria nos limites de uma justa moderação, multiplicou esforços, arditamente dissimulados, por isolar de Deus as suas criaturas, buscando subtrai-las àquela adoração em Espírito, inspirada no amor, que o Divino Mestre preconizou como laço por excelência que nos ligaria ao Eterno Pai.

E criou um sistema politeísta. E gerou — ou foi, providencialmente, por um Poder mais alto induzido a gerar — a confusão naqueles derramados e indigestos seis volumes, de que o próprio Resumo, que parcialmente os sintetiza, serviu para melhor pôr em relevo as contradições, os erros e, finalmente, as dissimuladas intenções em que foi inspirada a famosa Doutrina.

Demonstraremos.

*

* *

Falando do Ser Supremo — para nós, Deus, cujo nome evita cuidadosamente, o mais possível, proferir, substituindo-o pelos de “Causa sem causa” e “Raiz sem raiz” — já vimos que a Doutrina Secreta o considera “essencialmente sem relações com o ser manifestado e finito”, de modo que — advertamos — seria inútil a Ele nos dirigirmos, nas sublimidades e transportes espirituais da oração adorativa, de cujas salutaríssimas efusões ficaríamos privados, se em tal segregação devêssemos acreditar.

E adiante insiste: “o Absoluto é o *summum bonum*. É, pois, a mesma coisa que Paranirvana. É não somente o estado final, mas ainda essa condição de subjetividade que, em seu plano, não tem relação com coisa alguma, a não ser com a única Verdade Absoluta”.

Pretendendo remontar aos últimos limites na concepção da Causa Eterna — para nós, insistamos, Deus — mas com o fim de a isolar de toda a Criação, chega, por assim dizer, a privá-la de toda função no Universo, pois que, ocupando-se, por exemplo, da “História da 4ª Raça”, na interpretação da Estância X, que como as outras da série se refere a “Antropogênese”, adverte: “...seria errôneo atribuir atividade funcional à Divindade Infinita e Absoluta”, acrescentando: “A Filosofia Esotérica sustenta que, durante as 'Auroras', o 'Sol Central' emite *Luz Criadora*, passivamente, por assim dizer” (pag. 384). À própria consciência, considerada por nós outros a voz de Deus no homem, é negada essa origem, que já o autor do *RESUMO*, expondo preliminarmente, na “Introdução”, os ensinamentos fundamentais da Doutrina Secreta, assim definira: “Do Espírito ou Ideação Cósmica vem a nossa consciência” (pag. 7).

Esse cunho substancialista, senão materialista, ademais, se revela em várias proposições, entre outras, expositivas das Estâncias, como as seguintes:

"A substância radical pré-cósmica é esse aspecto do Absoluto que é o substrato de todos os planos objetivos da Natureza. Do mesmo modo que a Ideação pré-cósmica é a raiz de toda consciência individual, assim também a substância pré-cósmica é o substrato da matéria em seus diversos graus de diferenciação. Separada da substância cósmica, a Ideação cósmica não se poderia manifestar como consciência individual, porque só através um veículo de matéria é que brota a consciência como "eu sou Eu", sendo necessária uma base física para concentrar um raio do espírito universal em um certo grau de complexidade" (pag. 7).

É a negação de toda possibilidade de vida consciente para o Ser no estado de pura espiritualidade. E, todavia, quem tão pouco apto se revela a conceber esse transcendentalíssimo estado, ousa definir, mas ainda negativamente, as relações do Ser Supremo com a Criação, substituindo-o por Entidades equivalentes aos próprios deuses do paganismo.

"A Estância IV — diz-se, com efeito, na Introdução — expõe a diferenciação do "Gérmem" do Universo na Hierarquia setenária dos Poderes Divinos conscientes, que são as manifestações ativas da Energia UNA suprema. São os fundidores, os modeladores e, finalmente, os criadores de todo o Universo manifestado e isso no único sentido compreensível do vocábulo Criador". Dão-lhe uma forma e a guiam; São os Seres inteligentes que ajustam, e fiscalizam a evolução, neles incorporando essas manifestações de Lei-UNA, que nós conhecemos como as 'Leis da natureza'. Na, mitologia hindu essa fase da Evolução é designada como a 'Criação dos Deuses'."

Entretanto, a unidade da Lei — não percamos de observar — que tanto se revela na gravitação dos astros como no movimento recíproco dos átomos, patenteia a unidade do seu Autor, desmentindo a pluralidade, pretendida para os que "neles incorporam as suas manifestações".

Como testemunho do preponderante cunho de objetivismo, ou substancialismo, no fundo materialista, que inquina muitas concepções da Doutrina Secreta, podem citar-se as seguintes considerações (pags. 36-37) com que abre a interpretação do § 2º da segunda Estância:

"A ideia de que as coisas podem deixar de existir, sem deixar de ser, é fundamental na psicologia do Oriente. Exemplo vulgar de semelhante paradoxo nos é dado numa combinação química. Não está resolvida ainda a questão de saber se o hidrogênio e o oxigênio cessam de existir quando se combinam para formar a água: dizem uns que, sendo novamente encontrados quando se decompõe a água, sinal é de que existiram todo o tempo; outros pretendem que, de vez que se transformam a esse tempo em alguma coisa inteiramente diversa, forçoso é admitir que tenham cessado de existir como tais durante,

pelo menos, esse tempo. Mas nem uns nem outros puderam ter a menor concepção da condição atual de uma coisa transformada noutra, sem todavia ter cessado de ser ela mesma.

"Para o oxigênio e o hidrogênio a existência, como água pode ser chamada, um estado de Não-Ser, que é um modo de ser mas real que a sua existência como gás", etc.

Espantoso esse raciocínio da parte de um espiritualista, que sabe ser tanto menos real, ou tanto mais ilusória a existência quanto mais se desce na escala da substancialidade ou da condensação. Transportado para a esfera da espiritualidade, será este o raciocínio: a existência do Espírito associado à substância é mais real do que o estado de Espírito puro.

O contrário, entretanto, é que deve ser e é verdade.

Erro semelhante é cometido pela autora da Doutrina Secreta, quando (pag. 384), atribuindo mera passividade, como vimos, ao Absoluto e Eterno, cuja intervenção é contestada na formação do Cosmos, e pretendendo que "o processo de 'criação', ou antes, de formação do Universo orgânico, com todas as suas unidades dos sete reinos (?), necessitava da intervenção de Seres inteligentes, que se tornaram coletivamente um Ser ou um Deus Criador", afirma, referindo-se ao Sol Central, que: "é somente durante os períodos ativos do Ser que ele produz uma torrente de Energia contínua cujas correntes vibratórias aumentam de atividade e de potência a cada degrau que descem na escala setenária do Ser".

O que se sabe do processo involutivo, com apoio nas ciências naturais, é o contrário: a potencialidade da Energia e o seu raio de expansão diminuem à medida que se desce na escala dos seres e dos estados de condensação da substância. E inversamente.

Ainda no sentido do que denominamos substancialismo predominante em muitas de suas concepções, recordemos o que, falando da Doutrina Secreta e dos seus, já citados, testemunhos, diz a autora (pag. 149):

"A lei fundamental desse sistema, o ponto central de que tudo emerge, em torno e na direção do qual tudo gravita e sobre o qual repousa toda a sua filosofia, é a SUBSTÂNCIA-PRINCÍPIO, Una, Homogênea e Divina, a Causa Única Radical. Denominamo-la 'Substância-Princípio', porque se torna 'Substância' no plano do Universo manifestado e não é mais que simples Ilusão enquanto permanece um 'Princípio' no Espaço abstrato visível e invisível, sem começo nem fim".

Essa funesta concepção niilista, que considera mera ilusão a ausência de toda substancialidade, e esse preconceito materialista acerca da Energia criadora ressaltam ainda nas seguintes passagens:

"Os Iniciados orientais sustentam que, estando a Essência do Absoluto Desconhecido espalhada por toda parte, o 'Sol Central' é simplesmente o centro da Eletricidade Vital Universal em seu foco: é o único Centro Vital de atuação e efluência perpétua" (pags. 384-385).

"As causas da existência — a seu turno se encontra assinalado no § 7º da Primeira Estância, referindo-se à 'Noite de Brahma', ou Pralaya — tinham sido eliminadas; o Visível, que fora, e o Invisível, que é, repousam no Não-Ser Eterno, o único Ser" (pag. 13).

"Os Produtores da Forma, após a Não-Forma — rega ainda o § 1º da segunda Estância — a Raiz do Mundo — repousavam na Felicidade do Não-Ser" (pag. 14).

Ao lado dessas estranhas concepções se enfileiram verdadeiras confusões e pretensões aberrativas, como as seguintes:

Ocupando-se do § 6º da primeira Estância, em que é feita alusão ao "Universo, o Filho da Necessidade", que "estava mergulhado na Perfeição Absoluta", diz a Doutrina Secreta, na interpretação, a pagina 29:

"É a Perfeição absoluta que atingem todas as existências ao fim de um grande ciclo de atividade, no qual descansam elas durante o período seguinte de repouso, Não é isso absoluto, entretanto, senão em um ponto de vista relativo, pois que deve ceder lugar a uma perfeição mais absoluta ainda e de mais elevado grau de excelência nos períodos seguintes de atividade", etc.

É o que se chama deturpar a significação dos termos: dividir o absoluto em graus! Que vem a ser então o relativo?

Emaranhado em sofismas dessa e de semelhante natureza, para ostentar uma Sabedoria, meramente fictícia, capaz de seduzir apenas os incautos, mentalmente genuflexos diante das arcaicas e, para eles, inacessíveis concepções de um Orientalismo, que se não preocupam de discernir, o Autor — porque a Sra. Blavatsky não foi mais que instrumento de suas sugestões — o verdadeiro Autor da Doutrina Secreta, incapaz de apreender as efusões do Amor, que lhe é desconhecido e em que reside, entretanto, como o deixamos, incidentamente, assinalado, a razão suprema do Universo e da Vida, assim a define ("Interpretação" do § 7º da primeira Estância, pag. 31).

"As Causas da Existência significam não somente as causas físicas que a Ciência conhece, mas as cansar metafísicas, a principal das quais é o desejo de existir, resultado da Lei e da Ilusão. Esse desejo de uma vida dotada de sensação, que em tudo se mostra, do átomo ao sol, é um reflexo do Pensamento Divino lançado na existência objetiva como lei que quer que o Universo exista. — Segundo o ensino esotérico, a causa real desse desejo suposto e de toda existência permanece perpetuamente oculta".

Para os cegos do entendimento, obnubilado pela “soberba, ignorantes da verdadeira Sabedoria, que vem do coração humilde iluminado pelo Amor, assim deverá ser. Os arcanos divinos só se descerram gradualmente, conforme a Lei, a esses e á medida do seu crescimento na humildade e no adorativo, infinitamente reconhecido e submisso ao Eterno Pai.

Procurando, entretanto, dissimular a sua penúria conceptiva do supremo e divino mistério, ostentando em seu lugar arrojos de conhecimento que — insistamos — podem apenas deslumbrar os incautos a que acabamos de aludir, aqui está o que diz o oculto inspirador, na interpretação da primeira Estância, em que se alude às “Sete Eternidades”, que são a famosa Noite de Brahma:

"As Sete Eternidades significam os sete períodos, ou um lapso de tempo correspondente, em sua duração, aos sete períodos de um Ciclo de Vida, que vai de um a outro extremo de uma “Grande Era” (100 anos de Brahma), cujo total é de 311.040.000.000.000 de anos”, número — esclareçamos — cuja fantástica expressão assim se lê: trezentos e onze trilhões e quarenta bilhões de anos.

"Essas 'Eternidades' — acrescenta o *sábio* que as mediu — assentam sobre os mais secretos cálculos, de que é impossível dar a chave, porque oculta o mistério dos cálculos esotéricos e em matéria de cálculos ordinários carece de sentido” (pag. 24).

É como quem diz: não se metam os ignaros a querer sondar esses arcanos, acessíveis só aos Iniciados, detentores da Sabedoria integral, que reservam exclusivamente para si, familiares de outros “mistérios”, como o seguinte:

"É sobre as Hierarquias e o numero exato desses Seres — invisíveis para nós, salvo em raras ocasiões — que é baseado o mistério do Universo inteiro” (pag. 65).

De que Universo? — ousaremos nós timidamente, ainda, perguntar. — Do nosso visível ou do Cosmos total? Qual é o número dos astros que o compõem, no infinito espaço? Quem os contou? E quem contou e qual é o "número exato" daqueles prodigiosos Seres? — Confessemos — se cabe ironizar em tais assumptos — que é de estarrecer e deixar aturdidos os leigos na matéria.

Não é tudo ainda. Antes, porém, de reproduzir uma outra proposição, reveladora não apenas de enfatuado arrojo de conhecimento, mas de verdadeiro desvario em tal sentido, mencionaremos de passagem, o trecho seguinte, no fundo amoralíssimo, pela interpretação e consequências a que se presta, contido na exposição do § 3º da quarta Estância (pag. 66):

"Assim está escrito: 'No Mundo da Existência o Ponto Único fertiliza a Linha — a Matriz Virgem do Cosmos (o zero em forma de ovo) — e a Mãe imaculada dá nascimento à Forma que combina todas as formas'. O Espírito

Criador é chamado o primeiro macho Procriador o 'o marido de sua mãe'. Encontramos a mesma ideia no Egito e um dos principais títulos de Amon era esse de 'Marido de sua Mãe'. Isso nos dá a chave de todos os 'Divinos Filhos' de 'Mães Imaculadas' que vieram depois”.

Sem comentários.

A proposição, a que vínhamos aludindo, é a seguinte (pag. 85):

"Posto que as mais altas Divindades sejam incapazes de penetrar os mistérios que se passam a extrema distância do nosso Sistema, planetário e do Cosmos visível, houve contudo, em tempos remotos, grandes videntes e profetas que chegaram a perceber retrospectivamente o mistério do Sopro e do Movimento enquanto os sistemas de mundos repousavam, mergulhados em seu sono periódico”.

Veja-se bem: o que as mais altas Divindades são incapazes de penetrar, simples mortais, imersos na matéria, lograram devassar mediante a vidência retrospectiva. Mas haverá, mesmo alguém de bom senso que admita, sem discernimento, semelhante fantasia, ou antes, verdadeiro extravio megalomânico da mente?

Os teosofistas parece, infelizmente, serem desse numero, graças a passividade supersticiosa com que se inclinam diante do *Magister dixit*.

*

* *

E que Mestre! Não contente de embair os crédulos, que a imoderada curiosidade de saber tem feito sucumbir às suas fascinadoras sugestões, além de arquitetar um sistema cosmogônico, em que algumas verdades fundamentais, que não pôde e, mesmo, não lhe convinha dissimular, a fim de poder ser acreditado, serviram de pretexto para "tentar, mediante hábeis disjunções expositivas, isolar de Deus as suas criaturas, ainda ousou — dissimuladamente, é certo, e sem que lhe percebessem os incautos as verdadeiras intenções — fazer a apologia de si mesmo. E a das Trevas, que são o seu característico peculiar, tentando reabilitá-las, mediante sutilezas metafísicas, e chegando em tal sentido a extremos — não pareça exagerado o qualitativo — positivamente revoltantes.

Quereis a prova?

Começemos pelo que diz a quarta Estância, § 3º, cuja fonte inspiradora é, indubitavelmente, a mesma que a da Doutrina Secreta:

"Do esplendor da Luz — Raio das Trevas Eternas [o grifo é nosso] brotaram no Espaço as Energias despertadas" (pag. 17).

E, na interpretação da primeira Estância, § 5º (Pag. 27):

"As Trevas são Pai-Mãe, a Luz é sua, filha', diz um antigo provérbio oriental. A luz é inconcebível, se não provem de alguma fonte, que seja a sua causa; e como, no caso da Luz primordial, é desconhecida essa fonte, nós a chamamos 'Trevas'."

O que — assinalemos, incidentemente, por nossa parte — está em contradição com o enunciado na página 264, nestes termos:

"A Doutrina esotérica ensina que foi a *Prima Matéria* primordial e original, divina e inteligente, emanção direta do Espírito Universal — a Luz Divina que emana do Logos — que formou os núcleos de todos os globos, 'que de si mesmos se movem' no Cosmos".

Prossigamos, entretanto, reproduzindo as seguintes audaciosas proposições, contidas na interpretação da terceira Estância, § 6º (pags. 50-51):

"Conforme o ensino do Ocultismo oriental, as TREVAS são a única verdadeira atualidade, a base e a raiz da Luz, sem a qual esta última jamais se poderia manifestar nem mesmo existir. A Luz é a matéria e as TREVAS são o Espírito puro. As Trevas, em sua base radical e metafísica, são a luz subjetiva e absoluta, ao passo que esta última, quando em todo o seu brilho e glória aparente, não é mais que uma massa de sombras, pois que jamais pode ser eterna e é simplesmente ilusão".

Espantosa inversão — não é verdade? — contra a qual se insurge a voz divina que em nós fala e nos faz ter horror à treva, como uma situação negativa e transitória, de puro e angustioso contraste, por igual nos fazendo sentir, com todo o seu poder de inabalável convicção, que a Luz Eterna é inseparável do Eterno Pai, isto é, de Deus.

Pois bem. Para buscar apoio na autoridade de um livro sagrado, truncando-lhe intencionalmente a significação dos textos, eis o que fez o pérfido inspirador acrescentar:

"Mesmo no *Gênesis*, tão fatigante para o intelecto e a ciência, a luz é procedente das trevas, 'e as trevas cobriam a face do abismo', e não *vice-versa*. 'Nele (nas trevas) estava à vida⁸⁶ e a vida foi (?) a luz dos homens. Dia virá talvez — ousou acrescentar ainda — em que se abrirão os olhos dos homens; eles hão de então compreender melhor do que agora o versículo de São João que diz: 'E a luz resplandeceu nas trevas e as trevas a não compreenderam'. Então verão eles que a palavra "trevas" não se aplica à visão espiritual do homem⁸⁷, mas verdadeiramente às Trevas, ao Absoluto, que não compreende

⁸⁶ Referência ao Evangelho segundo S. João, 1: 4, que, aludindo ao Verbo, que era no princípio e estava com Deus, etc., diz: "Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens".

Mas não é o cúmulo da audácia pretender que o Verbo, de que falava João, eram as próprias Trevas?

⁸⁷ Como não, se, falando o Senhor Jesus da condenação dos que não creem no Filho de Deus (João, 3: 18-19), diz explicitamente: "A causa desta condenação é que a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do

(não pode conhecer) a Luz passageira, por mais transcendente que possa parecer aos olhos humanos."

Tamanha, tão audaciosa aberração não pede comentário.

E o Tentador prossegue, pela pena de sua automática inspirada, contando prévia e certamente com o pasmo submisso dos que, por ele ainda fascinados, se fariam adeptos da Doutrina Secreta, perante os quais foi, com o desembaraço que lhe é peculiar, preparando a própria reabilitação:

"Existe toda uma filosofia dogmática na razão que fez que o primeiro Arcanjo que subiu das profundezas do Caos foi chamado Lux (Lucifer), o brilhante 'Filho luminoso da manhã' da 'Aurora cíclica'."

Prosseguindo nessa ordem de ideias e visando, mais que a simples reabilitação, a sua própria exaltação, desenvolve ele uma sutilíssima argumentação, de que apenas reproduziremos alguns trechos suficientemente elucidativos de suas calculadas intenções.

Aqui está, por exemplo, o que, segundo "missiva de um Mestre" (?), se lê na página 384, com referência à encarnação dos Devas, incumbidos de promover o desenvolvimento de uma humanidade, a seu tempo, em um novo sistema solar, chamado a evoluir:

"Os Deuses se tornaram Não-Deuses" — diz o versículo 38, isto é, os Deuses se tornaram os Adversários" — Satanás, se nos cingimos ao sentido literal. Vamos, porém, estabelecer agora que, no ensino da Doutrina Secreta, Satanás representa alegoricamente o Bem e o Sacrifício, um Deus de Sabedoria sob nomes diversos."

E no texto do *Comentário XIV* à interpretação da décima Estância da "Antropogênese" (págs. 386 e 387 e 388):

"O semelhante produz o semelhante e nada mais⁸⁸ no momento da Gênese do Ser; e a evolução, com suas leis condicionadas e limitadas, vem mais tarde."

Desenvolve, por assim dizer, ultramentafisicamente esse enunciado e acrescenta:

"Para exprimir a coisa mais claramente ainda, limitando a explicação a esta Terra, os primeiros Egos 'diferenciados' tinham por dever imprimir à Matéria Primordial o impulso evolutivo e dirigir as suas faculdades formatrizes

que a luz, porque eram más as suas obras"?

Só mesmo a ousadia do Maligno e seus intérpretes pretenderia lançar a obscuridade no pensamento claríssimo do Senhor.

⁸⁸ Contradição do enunciado que pretende, como vimos, ser a luz um produto das trevas.

no afeiçoamento de suas produções. Depois que ficou preparada a Terra pelas potências inferiores e mais materiais, e que os seus três Reinos foram convenientemente postos em atividade e orientados de modo a 'frutificar e se multiplicar', as Potências superiores, os Espíritos Criadores foram obrigados pela Lei de Evolução a descer à Terra, a fim de nela edificar o coroamento de sua evolução — o Homem."

Essa Lei de Evolução — interrompamos um momento transcrição, para comentar — oriunda sem dúvida do Princípio Eterno, Absoluto e Divino, que tudo teria e "terá disposto consoante impecável e, conseguintemente, indiscutível Sabedoria, tendo em vista o maior bem de todos, Lei que obrigava os "Espíritos Criadores" a baixar à Terra para edificar o coroamento de sua evolução — o Homem, deviam por todos reputada ótima e obedecida sem discrepância. Pois bem, aqui está o que sucedeu:

"Assim, os 'Autocriados' ⁸⁹ e os 'Autoexistentes' projetaram suas pálidas Sombras, mas o terceiro Grupo, os Anjos do Fogo se revoltaram e recusaram juntar-se aos outros."

Passíveis de condenação ou, mesmo, de censura esses rebelados? De modo algum, como vai ser ver. E por que assim procederam eles?

H.-P. Blavatsky havia asseverado, à página 335, na interpretação da quarta Estância:

"A razão por que esses 'Deuses' se recusaram a crer homens não teve origem, como o dizem as resenhas esotéricas, no seu orgulho, mas porque eles eram demasiado puros."

Como o soube ela? Quem lho disse ou por quem lhe foi inspirada essa evasiva, que pretende recusar à desobediência a um Poder mais Alto e mais Sábio o cunho de orgulho, senão pelo interessado, isto é, pelo próprio Rebelde ou emissário seu, incumbido de o reabilitar, exaltando-o acima d'Aquele a quem desobedecia?

Prossigamos, todavia, na reprodução do arrazoado (página 387), para que se veja até que ponto ousou o Maligno levar a sua pretensão, plenamente corporificada no capítulo (*Section XI*) epigrafado "*Demon est Deus inversus*", de que em seguida transcrevemos os trechos principais:

"Segundo a interpretação esotérica, foi um autossacrifício para o bem da humanidade.(?!)"

"Os Divinos 'Rebeldes' preferiram a *maldição* da encarnação e os longos ciclos de existências e renascimentos terrestres a presenciar, mesmo em estado inconsciente, a miséria de seres que faziam evoluir, sob formas de Sombras,

⁸⁹ Vejam só que desvairada pretensão. Criados por si mesmos e de si mesmos existentes e não pelo Autor da Lei de Evolução (para nós, Deus)!

seus Criadores *demasiado espirituais*. Se 'o emprego que deve o homem fazer da vida não deve ter por fim espiritualizar o Eu (*le Soi*), mas *humanizá-lo*',⁹⁰ para que o possa, é preciso nascer humano e não angélico. Por isso a tradição nos mostra os Arcanjos celestes se oferecendo como vítimas voluntárias para a redenção da Humanidade, para a dotar de afeições e aspirações humanas. Para isso consumir, lhes era necessário abandonar o seu estado natural, descer ao nosso Globo e nele permanecer durante todo o Grande Ciclo de Vida., trocando assinem suas individualidades impessoais por Personalidades individuais — a beatitude da existência sideral pela maldição da vida terrestre.

"Esse voluntário sacrifício dos Anjos do Fogo, cuja natureza própria era toda de *Saber* e de *Amor*, foi traduzido nas teologias esotéricas por uma exposição que nos mostra os Anjos rebeldes precipitados do Alto do Céu nas Trevas do Inferno."

Felizmente a Doutrina Secreta veio a tempo, como se vê, de reparar a injustiça, reivindicando para os torvos insurretos a glória de "redentores da Humanidade" (esse título, portanto, aplicado ao Cristo é uma usurpação) e lhes atribuindo a elevadíssima categoria de que nos dá notícia o trecho seguinte (pag. 388):

"Antes de poder explicar outras Estâncias, era, como se pode constatar, absolutamente necessário demonstrar que os Filhos da 'Sombria Sapiência', posto que idênticos aos Arcanjos que a Teologia escolheu para os denominar 'Decaídos, são tão divinos e tão puros como os Miguel e os Gabriel tão glorificados pelas Igrejas."

Por mais afrontosa que pareça, e o é de fato, semelhante proposição, em que transparece o rancoroso despeito do Rebelde pelos seus glorificados rivais, não é, todavia, mais que o corolário lógico do arrazoado contido (pags. 214 e seguintes) no capítulo a que acabamos de aludir (*Section XI*), de que vamos fazer a prometida reprodução de alguns trechos e que tem como epígrafe:

DEMON EST DEUS INVERSUS

"Esta frase simbólica, sob os seus múltiplos aspectos — diz H.-P. Blavatsky ou, melhor, quem a inspirava — é certamente muito perigosa e muito iconoclasta ao ver de todas as religiões, ou antes, de todas as teologias dualistas modernas e sobretudo no conceito do Cristianismo. Não é, todavia, justo nem exato dizer que tenha sido o Cristianismo que concebeu e deu à luz Satanás. Satanás sempre existiu na qualidade de 'Adversário', na de Poder oposto, requerido para o equilíbrio e harmonia das coisas em a natureza, como a sombra é necessária para tornar a luz mais brilhante, a noite para dar realce ao dia.."

⁹⁰ Pérfida e audaciosa insinuação. Pois a tendência geral da vida e de todos os seres, o homem sobretudo, não é o sentido de uma progressiva espiritualização?

Esse o introito, com “pés de lã”, para logo insinuar:

"Não se pode representar Deus como a síntese de todo o Universo, como onipotente, onisciente e infinito e, em seguida, separei-o do mal. Como há muito mais mal que bem no mundo,⁹¹ segue-se logicamente que Deus deve compreender (abranger) o mal ou dele representar a *causa direta* [o grifo é nosso], sob perna de renunciar às suas pretensões a absoluto [ainda nosso o grifo]. Os antigos o compreendiam tão bem que os seus filósofos, agora imitados pelos cabalistas, definiam o mal como a "dupla face" de Deus ou do bem, porque *Demon est Deus inversus* é um adágio antiquíssimo."

Explana, a seguir, esse irreverente e audacioso pensamento, para adiante afirmar:

"O bem não é infinito e eterno senão em o que nos é eternamente oculto, e é pior isso que imaginamos ser ele eterno."

(Inacreditável semelhante arrojado negativo, não é verdade?); e conclui, depois de referir o simbolismo dos Titãs e a sua interpretação:

"Quanto a saber se os Brâmanes iniciados darão jamais a significação completa dessas alegorias purânicas, é questão que a autora desta obra não examinará. Seu objetivo atual é demonstrar que, honorificando os *Poderes criadores* em suas múltiplas formas, nenhum filósofo teria podido aceitar, nem jamais aceitou, a alegoria tal como é apresentada, salvo talvez alguns filósofos pertencentes às raças cristãs atuais “superiores e civilizadas”. É por isso que os ocultistas, quer considerem eles ou não essas forças criadoras como *Entidades vivas e conscientes* — e razão não há por que não seja assim — jamais confundirão a causa com o efeito, nem tomarão o Espírito da Terra como o Absoluto. Em todo caso conhecemos bem a verdadeira natureza do que era chamado pelos Gregos o Pai Éter, Júpiter-Títã, etc. Sabem que a alma da Luz astral é divina e que o seu corpo — as ondas de Luz nos planos inferiores — é infernal.

"Essa luz é simbolizada no *Zohar* pela 'Cabeça mágica' tendo a dupla face na dupla pirâmide: a pirâmide negra erguida, sobre um solo de imaculada alvura, com uma cabeça e uma face brancas no interior do seu triângulo negro; a pirâmide branca derribada — reflexo da primeira nas águas sombrias — deixando ver a imagem negra da face branca.

"Tal é a Luz astral, ou *Demon est Deus inversus*."

*

* * *

⁹¹ Veja-se a pérfida dessa repentina transposição conceitual do universo para o nosso pequenino mundo e compara-se toda a argumentação com o que dissemos nas "Considerações sobre o Anticristo".

Que concluir de todo o que precede senão que a Teosofia e, com ela, a Doutrina Secreta, que lhes serve de base, representa, sob formas não raro sedutoras e empolgantes para espíritos desprevenidos, mais uma tentativa do Anticristo por embarçar a obra redentora do Cristianismo, de cujo pensamento fundamental é antagônica?

Um paralelo entre uma e o outro, em seus caracteres didáticos e em sua finalidade, tanto como em suas práticas aplicações a vida humana, demonstrará esse antagonismo.

Acabamos de ver no esboço, e não mais que esboço, analítico de algumas de suas principais concepções — uma análise completa exigiria volumes — que a Teosofia, constituindo um sistema interpretativo, puramente intelectual, do Universo e das relações do ser humano com a Divindade, no qual o Amor, que é, todavia, a sua razão suprema, como interativamente o assinalamos páginas atrás, não tem a menor intervenção, pretende enfeixar em suas concepções, mercê dos testemunhos, durante séculos e desde a mais remota antiguidade, acumulados por “grandes videntes e profetas”, a Sabedoria integral, senão absoluta e, por isso, dogmática e intangível. Para ela não há mistérios ignotos, a sucessiva formação e destruição do Cosmos, a evolução dos seres, a sua setenária constituição, no que se refere ao ser humano, a Criação em sua finalidade, o *modus operandi* dos Poderes criadores e as próprias relações da, Causa Eterna com tudo o que existe, existiu ou existirá, e até mesmo o que o absoluto é capaz de conhecer ou não conhecer — “a si mesmo Ele se não conhece” — nada é ignorado nesse audacioso sistema fundado no orgulho.

No orgulho, sim, e da pior espécie, que é aquele que existe no espírito e, graças à fascinação exercida pelo Tentador, que tolhe toda, humilde desconfiança de si mesmo, ignora que o é, Zelosa e egoisticamente conservado oculto pelos seus cultores, que levaram existências sucessivas “a aprender e não a ensinar”, apenas transmitido secretamente de uns a outros pela tradição oral — ascetas segregados do mundo e alheios aos seus sofrimentos e necessidades, como às suas tentações — esse megalomânico sistema criado por pigmeus, menos que isso, por microscópicos átomos habitantes de um mundículo, invisível nos confins do nosso próprio sistema planetário. e que, não obstante, pretendem haver adquirido conhecimento do infinito Universo total, com toda a sua deslumbrante variedade das condições de vida em suas esferas inumeráveis, senão do próprio invisível Universo espiritual, esse, de fato, minúsculo sistema, que certamente fará sorrir o “menor no reino dos céus” a que aludiu Jesus, tem sido, a partir das “Estâncias de Dzian”, que são a sua primitiva e remotíssima origem, tem sido — dizemos — a fonte originária de todas as concepções religiões do Oriente.

Pois bem, quais têm sido os seus frutos, através dos tempos? Argumentaremos com as extintas civilizações da Lemúria e da Atlântida — continentes submersos — conhecidas, entretanto, e familiares dos misteriosos detentores da Sabedoria arcaica?

— Não, não nos extraviemos em divagações pedantes, que pouco ou nada adiantam ao aperfeiçoamento espiritual do homem.. Detenhamo-nos só em apreciar num rápido golpe de vista, o estado das populações orientais, divididas em castas, sacerdotais, aristocráticas e dominadoras umas, e do outro lado a massa imensa dos párias, desprezados e desprezíveis, no conceito daqueles, passivamente adormentados num fatalismo resignado e estéril, sem iniciativas, sem liberdade e sem direitos, e comparemos esses frutos com os produzidos pelo Cristianismo no Ocidente, mesmo embaraçado em suas mais fecundas realizações de ordem moral pelas deturpações de que tem sido vítima, isto é, pela, ação pertinaz e implacável do seu impenitente Adversário.

Cumpre aqui fazer, todavia, uma distinção. Mensageiros celestes, grandes missionários e reveladores, baixaram em diferentes épocas, no Oriente, a transmitir ensinamentos morais, que favorecessem o progresso espiritual de todos. Não tardou, porém, que teologias dogmáticas, formuladas pelo sacerdócio, em pouco organizado como detentor das primitivas mensagens, se apoderassem das doutrinas que enfeixavam, instituindo um esoterismo para si e um esoterismo simbolista destinado ao povo, cujo sentimento religioso foi sendo orientado sempre em torno de ritos e cerimônias cultuais, paralisadores de sua evolução e aperfeiçoamento espiritual. Daí a esterilização dos frutos e a falência das primitivas revelações originárias. O Bramanismo e o Budismo são disso testemunho. A própria revelação, de que o grande legislador Moisés foi portador, vindo, com o tempo, a consistir antes em holocaustos e sacrifícios, de resto condenados pelos profetas, do que na observância da Lei, não escapou a semelhantes deturpações, indubitavelmente sugeridas e alimentadas pelo inimigo oculto.

Mas veio o Cristo. Maior que todos os precedentes reveladores, pela humildade — do nascimento ao Gólgota — e pela imaculada e exemplificadora pureza de toda sua vida, os seus ensinamentos, inspirados no Amor, visavam e visam culminantemente, com os dogmas únicos da fraternidade humana, sem distinções de castas, nem de sexo nem de raças, e a paternidade divina, fazer da humanidade toda uma família só e aproximar de Deus as suas criaturas pelo vínculo daquele culto espiritual, confiante e respeitoso, indicado naquela revelação por Ele feita à mulher de Samaria: — “Deus é Espírito e em espírito e verdade é que o devem adorar os que o adoram.”

Que importa que a igreja de Roma, organizada sobre as ruínas espirituais do Cristianismo primitivo, houvesse, ainda por sugestão do inimigo oculto, deturpado aquele como todos os ensinamentos fundamentais do Divino Mestre, instituindo, ao lado de uma hierarquia pomposa, cultos, cerimônias e dogmas, que são o seu libelo condenatório e a antítese dos ensinamentos e da vida d'Aquele de quem se diz representante? — O Cristianismo, que não pode morrer, porque não é uma teoria sepultada em códigos inertes, mas uma Efluxão da vida imortal, pelo seu próprio

Fundador incessantemente alimentada, através os séculos, no coração das sucessivas gerações humanas que nele têm crido e hão de crer, depois de uma letargia parcial de quase dezessete séculos, acaba de reassumir os seus direitos de vitalizadora expansão e supremacia incoercível com a Revelação Nova, que o vem restabelecer em toda a plenitude.

Graças a ele, apesar das deturpações que o mutilaram em seus mais excelentes frutos, vede a obra de civilização consumada no Ocidente: obra de iniciativas, de liberdade de emancipação da consciência humana, quais não conheceram jamais as populações resignadas do Oriente. “Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará”.⁹²

Reatando essa missão emancipadora e reintegrativa do homem na consciência e no amor divino, o Espiritismo, pelo conhecimento gradual que proporciona do mundo invisível e de suas relações com o nosso mundo, funda em bases de observação e de análise racionalista, que dissipa os temores e superstições do passado, uma filosofia popular, ao alcance de todas as inteligências, e nos oferece acerca do Universo, da Vida e da evolução dos seres uma concepção bastante ampla e profunda para satisfazer as legítimas, não porém imoderadas, exigências dos estudiosos, deixando sempre ao futuro a possibilidade de novas aquisições, condicionadas ao grau de adiantamento espiritual que forem atingindo as sucessivas gerações humanas. Faz da existência e imanência de Deus no Universo, visível e invisível, e da fraternidade humana, que a pluralidade de existências consumir e sanciona, os seus únicos dogmas, tal como o fizera o Cristo. Não hostiliza nenhuma das religiões existentes, mas, abstendo-se de uma excessiva tolerância, que degenere, pelo aplauso, em cumplicidade com práticas e observâncias exteriores, nocivas ao aperfeiçoamento moral dos que as cultivam, sobre todas projeta as claridades de um racionalismo analítico, que lhe é substancial, visando espiritualizá-las, ainda nisso conservando-se fiel ao espírito do Cristianismo, que não é uma doutrina de passividade indiferente e comodista, senão de combate ao erro e à imobilidade; sem quebra, todavia, do respeito e do amor devidos a todos os homens.

Porque vem, assim, completar a obra de Jesus, sob cuja suprema direção se tem propagado e desenvolvido em todos os continentes, é que o velho Adversário, ganhando ascendente sobre a maioria de seus incautos e tantas vezes imprudentes cultores, não tardou em deturpá-lo em suas práticas, levando-o às portas de uma prematura, mas não irremediável falência.

Satisfaz ele as aspirações e necessidades espirituais do nosso tempo, de modo a não termos, para orientação da nossa vida e realização dos objetivos de

⁹² O recente despertar da Índia é ainda um produto do renascimento cristão. O mahatma Gandhi, que o tem resolutamente liderado, é um iniciado nas doutrinas do Evangelho. No Japão, o movimento de renovação chefiado pelo jovem reformador Kogava, inspira-se igualmente nessas incomparáveis doutrinas, que hão de por fim conquistar o mundo inteiro.

aperfeiçoamento intelectual, mas sobretudo moral, inerentes a nossa estância neste mundo, que recorrer a doutrinas exóticas, unicamente interessantes como curiosidades filosóficas e pontos de referência no estudo comparativo das religiões? — Sim, e com tanto maior e oportuna superioridade que, segundo ficou assinalado, reatando a obra cristã, vem restituir ao homem o conhecimento de sua verdadeira natureza e de seus destinos imortais — “somos linhagem de Deus”, no dizer do grande Apóstolo — encaminhando-o, pela humildade e pelo amor, àquela comunhão interior com o Pai Eterno, em que consiste “o mistério do reino dos Céus” anunciado por Jesus e que Ele próprio afirmou estar dentro de nós, mistério único em que se iniciavam os adeptos do Cristianismo primitivo.

Aqui abordamos uma nova questão, sobre a qual, pela pena de sua mais autorizada expositora, depois, de Blavatsky, Teosofia, ou, antes, o velho e impenitente Adversário ousou lançar propositada confusão, visando sempre deturpar o Cristianismo em seus caracteres fundamentais e em seu claro, singelo e, por igual, transcendente objetivo.

Será, com outros, o assunto do próximo capítulo.

VI

Ampliação do tema anterior. - Haverá um Cristianismo esotérico? - Intencional confusão do Cristianismo com o catolicismo romano. - Haverá, sim, falsos Cristos e falsos profetas. - Um novo Instrutor que o não chegou a ser. - E depois?

O paralelo, que acabamos de fazer, não está completo. Depois de havermos patenteado o antagonismo entre as concepções da Doutrina Secreta, que o são básicas da Teosofia, relativas à Causa Eterna, em função do "Universo manifestado", e os postulados do Espiritismo acerca do Criador, isto é, de Deus, na sua imanência em toda a criação e nas relações que com Ele pode e convém à criatura humana cultivar, mediante os sacrossantos vínculos da Fé, na oração adorativa e na submissa obediência aos seus imprescritíveis mandatos, consoante nos foi ensinado por seu Divino Filho, cuja missão redentora se objetiva, por último, em nos elevar a todos Espíritos decaídos — a essa mesma excelsa investidura, ordena a imparcialidade que indiquemos também os pontos de contato entre os ensinamentos teosóficos e a doutrina espírita, no que se refere à constituição do ser humano e ao seu destino, como, de modo geral, ao de todos os seres, submetidos à mesma lei de evolução.

Antes de o fazermos, todavia, esclareçamos um ponto relativo à ação divina sobre todo o Universo, quer no ato criatório, quer nas incessantes efusões de Amor com que alimenta, vivifica e renova tudo o que tem criado e criará.

Quando atribuímos ao Deus Único, Eterno, Imutável, Imaterial, Onipotente, soberanamente Justo e Bom, numa síntese que dispensa ociosas especulações metafísicas, a função criadora e mantenedora do Universo, em suas renovações parciais e sucessivas, na eternidade do tempo e no Infinito do espaço, não pretendemos sem dúvida que a crença Ele diretamente e sem intermediários. Tanto quanto, em nossa limitada e humana capacidade, nos é lícito remontar na cogitação desse transcendentalismo problema, e fazendo por nossa vez aplicação, para o resolver, do método analógico, entendemos, como de resto já noutra lugar o

assinálamos,⁹³ com desenvolvimento maior, desnecessário agora, que, do mesmo modo que no microcosmo — o homem — o Espírito não age diretamente sobre o corpo, senão através dos seus veículos próprios — perispírito e corpo astral, a que, por seu turno, serve de vínculo ao corpo físico o que denominamos fluido vital, ou "Prana", dos Teosofistas — assim também, no Macrocosmo, o Espírito Eterno e Divino, seja no ato criatório ou na manutenção da vida e evolução de todos os seres, se manifesta, não através de "deuses criadores", mas de Seres Puríssimos, com Ele em relação direta, denominados Verbos, Logos, ou Cristo, prepostos a cada criação, estes, por sua vez, em contato com Seres imediatos em natureza, posto que de menor pureza e perfeição, e assim sucessivamente, em escala descensional, até as criações materiais, sem cessar por isso de estar em relação com tudo o que existe e, obra sua, existirá por toda a eternidade. Porque, se no homem "o Espírito é o que vivifica" (João, 6: 64), constituindo o que o Dr. Gustavo Geley considerava o psiquismo superior, ou o principio centralizador e coordenador da personalidade, nele se localizando a sede da consciência, assim normal como transcendente e, portanto, o arquivo de todas as impressões, percepções e sensações, de tal modo que nada se passa no corpo físico de que não tenha conhecimento o Espírito, o Ser Eterno — Espírito Divino — tanto quanto, repetimos, nos é possível concebê-lo, mantém, na infinita escala a que aludimos, constantes relações com tudo o que, no seu Amor eterno, tem gerado. Não só imanente, mas onipresente até nos, para nós, mais remotos confins de sua criação, a toda ela vivifica, mediante o elemento espiritual, que é o seu veículo, do mesmo modo podendo, mais que isso, devendo as suas criaturas, conscientes desse laço de comunicação, integrante e divina., entrar com Ele em relação, como o dissemos precedentemente, nos transfiguradores surtos da oração adorativa.

Dir-se-á que, até certo ponto, colocada no extremo limite oposto, ou seja, em sua condição atual, mesquinha, limitadíssima e relativa, não é possível à criatura humana entrar em comunhão com o Absoluto, ao qual jamais alcançariam de si mesmas, tão restritas vibrações do seu pensamento e efusões do seu sentimento? Acaso, porém — para nos servirmos de um símile perfeito, de resto já precedentemente recordado — o movimento atômico, idêntico ao da gravitação dos astros colossais, não constitui com estes um índica, mas que de aproximação, de identificação, vinculados todos entre si pela unidade de uma mesma grandiosa lei? Por que não poderá então, semelhantemente, o pensamento do homem — falamos; é claro, não do ser retardatário, ignorante, supersticioso e fetichista, mas do homem integrado no conhecimento das supremas realidades, espirituais e divinas — alçar-se das profundezas de sua microscópica desvalia ao seio do Pai Eterno, de que é linhagem, assim para impregnar-se dos vivificantes eflúvios do seu Amor, como para

⁹³ Veja-se a copiosa documentação daí extraída em *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 1º, cap. XI.

testemunhar-lhe, em genuflexa atitude adorativa, da mente e do sentimento, a sua ininterrupta gratidão por todos os benefícios — a dor inclusive — com que não cessa Ele um só dia de o visitar, dignificando-o com sua inefável presença, perceptível não ao homem carnal, mas ao espiritual? Pois se — para insistirmos no símile — não há, no Universo físico, limites para a propagação das vibrações que vão do microscópico átomo ao astro gigantesco, no Universo espiritual os haveria, quando entre a misérrima criatura terrestre e o Ser Divino Absoluto há toda uma escala viva de Seres angélicos — o Cristo sobre todos — vibrando ao ritmo, variadíssimo em suas infinitas expansões, do mesmo excelso Amor que tudo abrange?

A diferença entre as duas concepções, uma no capítulo anterior reproduzida, a outra melhor esclarecida agora, é, como se vê, flagrante.

Ao exprimir contudo — assinalemos de passagem — a concepção que temos das relações do Criador com a criação, mediante a escala espiritual que lhe serve de veículo, no ato criatório, não pretendemos — e insensato seria o pretendermos — remontar aos inacessíveis arcanos de uma, ademais puramente imaginaria, origem primitiva, inelutável, posto que inconcebível, que se nos impõe a noção de Eternidade e, com ela, a das operações da Divindade, em seu insondável curso, Prossigamos, pois, jamais perdendo de vista que semelhantes especulações, pelo nenhum proveito que trazem ao nosso aperfeiçoamento moral — objeto e motivo de nossa permanência nesta esfera expiatória — antes nos expondo ao risco de extravios pelo orgulho, não devem ultrapassar em nosso espírito o limite de meros exercícios da mente em busca de conhecimentos que, de resto, nos são defesos no estado atual de nossa evolução. Para nos alçarmos gradualmente à concepção do Pai Eterno, de seus atributos e ação no Universo — já no capítulo anterior o assinalamos — o caminho seguro é o da iluminação do sentimento pela humilde conversão Àquele que de si mesmo deu testemunho, nos induzindo a acompanhá-lo. "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por mim".

No que se refere à oração adorativa, laço de íntima comunhão, sem rumor de vozes nem gestos e atitudes exteriores, com o Ser Supremo, quando nos ocuparmos, no remate desta obra, dos exercícios iniciáticos tendentes, com a purificação dos pensamentos, sentimentos e atos, a desenvolver em nós o Ego Superior, ou a parte divina e espiritual do nosso ser, indicaremos também os métodos adequados a essa iniciação. Por agora, basta-nos acentuar que há para o homem tanto maior necessidade de cultivar, com a possível frequência, essa oração adorativa, quanto o contato que desse modo estabelece com "o Divino" — e o deve estabelecer, ungido de gratidão, a cada benefício que de Deus recebe quotidianamente — constitui uma poderosa fonte de energias espirituais a alimentá-lo, em meio das vicissitudes, sofrimentos, trabalhos e tentações, de que a todo momento somos assaltados neste mundo.

Que seria da nossa fragilidade, sem esse maravilhoso sustentáculo? — Erram,

pois, lamentavelmente os que o não buscam, a pretexto de sua miséria e indignidade pessoal, esquecidos dessa tão animadora exortação d'Aquele que se não dedignava de penetrar na casa dos pecadores e da gente de má vida, para lhes levar a salvação, palavra que, através os séculos, vem ecoando como amoroso convite a todos os decaídos: “Não são os que têm saúde que necessitam de medico”. E o Divino Médico ainda hoje nos visita, no catre de nosso passado aviltamento, para nos reabilitar, até que um dia nos possa fazer “um com Ele, como Ele é um com o Pai”.

Erram ainda os que, proscrevendo a prece como inútil, nos tentam, por um teórico preconceito errôneo, privar dos incomparáveis benefícios da comunhão divina a que ela nos conduz. Estão neste caso os teosofistas, em razão do modo como, nas concepções da sua doutrina, é encarada a composição do ser humano.

Vejamos até que ponto se assemelham e em que divergem os seus e os ensinamentos do Espiritismo a esse respeito.

*
* *
*

Concordamos todos em que o homem é composto de vários elementos: segundo o que pode considerar-se a concepção primitiva, ou clássica, do Espiritismo, três, Para a Teosofia, sistematicamente preocupada em tudo com a ordenação setenária, são sete os corpos ou princípios de que é composto o ser humano, assim indicados em termos sânscrito: 1 - *Sthula Sarira* (o corpo físico), 2 - *Linga Sarira* (corpo astral); 3 - *Prana* (a vida), 4 - *Kama* (os desejos), 5 - *Manas* (o pensador, que se desdobra em Manas inferior e Manas superior), 6 e 7 - *Atma-Budhi*: (o espírito). Para acomodar inflexivelmente ao numero sete, que constitui uma espécie de inviolável superstição em suas teorias, a discriminação dos princípios componentes do homem, a Teosofia, como se vê, reúne em um só os dois aspectos do “pensador” e, por outro lado, divide o Espírito em dois. Preocupação numérica, a nosso ver, secundária, que bem poderia simplificar-se com a redação dos componentes a cinco, ficando perfeitamente definida a função de cada um. Aos teosofistas contudo, e não a nós, pode interessar a simplificação.

Por nossa parte, afastando-nos do que acabamos de denominar a concepção primitiva ou clássica do Espiritismo, que apenas considera três elementos constitutivos do homem — Espírito, perispírito e corpo — sem embargo da inclusão do princípio ou fluido vital, cuja presença no complexo humano é afirmada nos ensinamentos de *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, sem se lhe atribuir contudo o caráter de um elemento, por assim dizer, distinto, ponderável unicamente como parte integrante do organismo físico — distinção que, evidentemente, carece de importância — não temos dificuldade em elevar a cinco os componentes biológico-espirituais do homem,

admitindo, pelos motivos noutra lugar enunciados⁹⁴, o corpo astral como parte necessariamente integrante de nossa personalidade terrestre.

Consideramos assim: o corpo físico, o princípio ou fluido vital, de que, ao gerar-se, cada ser recebe, por hereditariedade, uma certa soma, que se renova parcialmente durante a vida, acompanhando o processo de assimilação e desassimilação vitais, o corpo astral, em que reside o desenho ideal do corpo físico e serve de fixador plástico da forma em sua evolução anos a fora, o perispírito que, de um lado é o vínculo de união com o complexo corpóreo e, do outro, constitui o revestimento substancial do último e mais elevado princípio — o Espírito — remate e coroamento final da personalidade viva, nele residindo a individualidade, imortal por sua natureza e, por seu destino, indefinidamente perfectível.

Nesse característico há, em relação aos postulados da Teosofia, uma divergência fundamental.

Para ela o que constitui *Atma-Budhi*, ou o Espírito, é aquele sétimo "Princípio" de que fala a Doutrina Secreta (pag. 385), que "chega até o homem, passando por todas as fases do Ser, puro como um elemento indecomponível e como unidade impessoal" e a que, por seu turno, se refere a Sra. Annie Besant, em sua obra (tradução espanhola) *CONSTITUCIÓN SEPTENARIA DEL HOMBRE*, considerando-o (pag. 40) "onisciente em sua essência e natureza" não obstante o que, "necessita adquirir a experiência das coisas terrestres, no plano objetivo, mediante suas personalidades", proposições — advertamos desde logo — que se contradizem. Porque, se onisciente quer dizer "que tudo sabe" — e não vemos razão para alterar-se a significação própria do vocábulo — que necessidade terá o Espírito de fazer o aprendizado de coisas que devem logicamente incluir-se na universalidade dos conhecimentos que possui?

Ilógica em seu enunciado, essa concepção aberrava da lei de evolução a que todos os seres estão submetidos e pode conduzir ainda a aberrações mais graves. Pretendendo que o homem encerra em si, não o germen da Divindade, que lhe cumpre desenvolver do estado potencial ao de atualidade, na culminância do progresso e aperfeiçoamento espiritual que, em sua trajetória milenária, é induzido a alcançar, mas a própria Divindade, expõe os incautos seguidores de semelhantes, indemonstráveis teorias a uma infatuada suficiência, que os leva a proclamar, como a um dos tais ouvimos certa vez: "Eu sou Deus". Com o que — não se tratava de nenhum paranoico, mas de um homem culto, versado convictamente nos ensinamentos teosóficos — pretendia ele dizer que Deus estava nele, como está em todo homem. Fazia, desse modo, lógica aplicação pessoal do conceito geralmente adotado pelos seus correligionários, decorrente da definição do complexo humano, tal como se contem, e o acabamos de reproduzir, nos postulados da Teosofia.

⁹⁴ Ver *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 1º, cap. IV, "A personalidade humana - União do Espírito ao corpo", etc. pags. 82 e seguintes.

Assim, enquanto no Espiritismo adquirimos a noção da perfectibilidade do Espírito, simples e ignorante nos primórdios de sua evolução, responsável pelos atos que pratica e, em consequência, submetido à lei de reparação, em sucessivas existências planetárias, até que, reabilitado de seus erros, alcance aquele estado de mística união, de que falamos, por intermédio do Cristo, com o seu Criador e Pai, a Teosofia, que de um lado erige, e muito acertadamente, a evolução como lei universal e plano geral na Mente Divina traçado à criação, e nos fala também da lei de Karma, ou de causalidade, do outro lado nos apresenta o Espírito como onisciente, isto é, perfeito.

Que é então — cabe inquirir — o que, perante o Karma é responsável e se aperfeiçoa e evolui? A forma, ou seja, o complexo que constitui a personalidade humana? Qual, é, nesse caso, o seu destino? Tornar-se um dia Espírito, alcançando a condição de *Atma-Budhi*? Mas os corpos, ou veículos a que, no homem, se acha, associado esse último princípio, simples agregados de substância em diferentes e cada vez mais eterizados graus de condensação, por sua natureza transitória, segundo os ensinamentos da própria Teosofia, se dissolvem ao fim de cada peregrinação terrestre, em períodos variavelmente dilatados, conservando apenas o substrato das experiências adquiridas em cada uma delas, para o transmitir à seguinte. Mas — cumpre insistir — quem adquiriu essas experiências e pagou o tributo de sofrimentos a cujo preço foram adquiridas? A forma transitória e efêmera? Para ser aniquilada, ao fim de tudo, sem colher o fruto de seus labores padecimentos, solidários através as existências, registrados — sim ou não? — na consciência que, no primeiro caso, não residiria na unidade superior e divina, mas no elemento acessório, com ela aniquilado? Parecerá justo? Foi o Espírito quem adquiriu as experiências e, sede da consciência una e superior, pagou em sofrimentos purificadores e reparatórios preço de sua aquisição? Afirmam a Teosofia que foi ele o seu beneficiário; mas, posto que omite o seu ônus ou condição aquisitiva, ter-se-á que forçosamente referir esse tributo ao Espírito que, em semelhante caso, não é onisciente e perfeito, como o pretende ela, mas perfectível a tal preço, como no Espiritismo o aprendemos.

Encolherão talvez os ombros nossos irmãos teosofistas, em face do arrazoado que precede, e o interpretarão como um produto do nosso Manas inferior, bastante ousado para se não submeter passivamente aos ensinamentos dos "Mestres" ou do "Mestre" que, segundo as suas concepções, reside no píncaro supremo da personalidade que em nós reveste. Por nossa parte, fiel às lições do único Mestre que reconhecemos, a saber, o Cristo, ostensivamente formuladas em seu Evangelho e, partidário da simplificação, fazendo uso da razão, como um dos elevados atributos do Espírito, sem subdivisões, acreditamos estar na verdade, satisfatória pelo menos em nosso modesto grau atual de evolução, quando atribuirmos a ele — ao Espírito — a perfectibilidade, mediante o penoso aprendizado através os tempos e, com ela, o mérito e o demérito, a responsabilidade, restrita ao começo e cada vez mais ampla,

dos atos, o crescimento interior e, por último, a radiosa plenitude, sempre interior, no seio do Eterno Pai, ou seja a consumação, com Ele, na unidade com o Cristo.

Não se trata, como parecerá talvez, de mera controvérsia ideológica ou metafísica, sem consequências de valor, mas de assunto do mais alto interesse para o homem, no ponto de vista de seu aperfeiçoamento, relacionados, portanto, com os métodos e práticas a serem adotados para, com maior segurança e eficiência, o alcançar.

Por outras palavras: encarando o homem como um ser integral, habitáculo da própria Divindade onisciente, sem dependência, para progredir, de auxílio exterior à sua consciência individual, a Teosofia o induz a em si mesmo procurar o apoio e os meios de engrandecimento, fazendo apelo ao "Mestre", que é o seu sétimo princípio componente. A si mesmo, em suma, se basta ele. Daí o perigo da infatuada suficiência a que aludimos e que poderá ser motivo não apenas de estacionamento, mas de queda pelo resvaladouro do orgulho.

O Espiritismo, convencendo o homem de sua contingente pobreza espiritual e adotando a doutrina, tão animadora, do Anjo da Guarda, ou Espírito protetor, a toda criatura preposto neste mundo, faz da humildade, que é o broquel por excelência contra as funestas sugestões do Espírito Maligno, a pedra angular do seu aperfeiçoamento, humildade que foi a primeira, mais necessária lição dada pelo Senhor Jesus, no presépio de Belém, aos orgulhosos filhos deste mundo, assim aos revoltados contra a obscuridade e miséria de sua condição social, como aos soberbos doutores e intérpretes da Lei, presunçosos detentores da Sabedoria, arcaica ou não, humildade, finalmente, sem a qual não põe haver no homem nenhuma outra virtude, nem fé, nem paciência, nem caridade, nem mesmo sapiência, porque exercendo-se, por ela, essa vigilância interior que nos adverte sempre da irremediável limitação dos nossos conhecimentos neste mundo, como da nossa inferioridade moral, é o laço de iluminadora comunicação com Aquele que, sendo a personificação da humildade — "Eu de mim mesmo nada posso; o Pai, que está em mim, é quem faz as obras" — só nos poderá transfundir as efusões da Verdade, que Ele é, sob a condição de lhe conservarmos, desse modo, sempre aberto o nosso santuário interior. E é no silêncio da meditação e do recolhimento que poderemos ser por Ele gradualmente iniciados na transfiguradora revelação desse mistério supremo.

Foi, como já o assinalamos, essa bendita humildade que tão alto elevou a vida e as obras, entre outros, daquele excelso Francisco de Assis, cognominado "o Cristo da Idade Média", tanto se assemelhava ele, no amor por todos os seres e no humilde sentir de si mesmo, ao seu Divino Modelo, e é ainda por ela, associada a esse amor, expansivo e vivificante em suas irresistíveis efusões, que nos será possível intervir na obra de renovação por que, sem atinar-lhe embora com o sentido, anseia a humanidade, nesta hora de convulsiva perturbação que abala o mundo.

*

*

*

Porque o Cristianismo, que a Revelação Espírita vem restaurar em toda a pureza de seus ensinamentos e na singeleza de suas práticas originais, é todo um pensamento de amor e de humildade.

Podem as concepções filosóficas do Espiritismo concordar, e nalgumas de suas linhas gerais realmente concordam, com os ensinamentos da Teosofia, como, por exemplo, no que se refere à evolução de todos os seres, escalonados no que se tem classificado como os reinos inferiores da natureza, particularmente os animais, portadores de faculdades que singularmente os aproximam da espécie humana, posto que ainda aí não se observe inteiro acordo no modo de interpretar, por assim dizer, objetivamente essa evolução. A teoria das almas-grupo, em virtude da qual as experiências e progresso adquiridos por um determinado ser animal revertem ao que, na Teosofia, é considerado a alma coletiva, em lugar de permanecer, como o entendemos, não peculiarmente na espécie, mas no próprio ser que, de existência em existência, se vai individualizando, rumo de um aperfeiçoamento pessoal sempre maior — e prova disso é a variedade de caráter, de índole, de inteligência e de sentimentos que, de animal a animal, se observa nos de uma mesma espécie e até de uma mesma família, como os felinos e os caninos — para unicamente recordar os sobre que incide mais direta e frequentemente, pelo convívio que com eles mantemos, a nossa observação — essa teoria — dizemos — que não encontra sólido apoio na experiência, é um ponto ainda em que não existe inteira concordância entre as duas concepções, subsistindo apenas — e a isso nos limitaremos⁹⁵ — o acordo relativamente à lei que rege a evolução geral de todos dos seres, sem termo de parada nem limitação.

Mas o que sobretudo caracteriza, em sua finalidade, o Espiritismo é que, não instituindo ele uma moral *sui generis*,⁹⁶ nem procurando, como a Teosofia, “formar o núcleo de uma fraternidade universal na Humanidade, sem distinção de crenças” — programa irrealizável enquanto subsistir, e subsistirá por muitíssimo tempo, o intransigente apego dos crentes à forma particular da religião por eles professada — para atingir esse ideal de fraternidade, sentida e universalmente, praticada pelos homens, em lugar de buscar um outro fundamento além do que foi posto (Paulo, I CORÍNTIOS, 3: 11), aprofunda as suas raízes nas tradições vivazes da Revelação que o precedeu e, assim, é em torno do Cristo que se propõe reunir fraternalmente a humanidade toda, induzindo-a para isso a penetrar-se daquele pensamento de amor

⁹⁵ O nosso objetivo não pode ser um exame completo, analítico e comparativo, que nos levaria demasiado longe, das duas doutrinas, em detrimento do nosso tema capital. Cingimo-nos, por esse motivo, à breve referência que aí fica, sem maiores desenvolvimentos.

⁹⁶ Traduzido do latim, "sem semelhança", "único no gênero", no sentido de ser original, peculiar, diferente — N. E.

e de humildade, que é todo o Evangelho e constitui, portanto o próprio espírito do Cristianismo, tal como foi primitivamente compreendido e praticado.

Ora, a Teosofia, que não reconhece na Doutrina do Cristo, sancionada pelos atos de sua vida incomparável, o cunho de superioridade, que a caracteriza, sobre as revelações que a precederam, como a expressão mais alta do pensamento divino, a mais própria a orientar a evolução espiritual da humanidade e presidir, mediante sucessivos desenvolvimentos, aos ciclos de civilização que há de ela percorrer, futuro a fora, ainda pretende, pela autorizada palavra de sua presidente, obnubilar a limpidez, nítida e exclusivamente espiritual, de seus ensinamentos, estremes de ambiguidade e odiosas exclusões, sustentando que, identicamente ao ocorrido com todas as religiões do passado, há um Cristianismo esotérico, reservado ao escol intelectual de seus iniciandos.

Semelhante pretensão, em que não é possível dissimular, para quem tenha “olhos de ver”, mais uma subtil manobra do Anticristo, empenhado em pelo menos cercear, quanto possível, aos famintos de espírito a plenitude do pensamento e das efusões do Mestre, que veio “buscar o que estava perdido” e jamais revelou preferências pelos intelectuais pretensiosos, colide flagrantemente não só em a natureza, eminentemente popular de seus ensinamentos, mas em certas expressas instruções dadas por Jesus aos seus apóstolos e até mesmo em categórica afirmação de sua parte, na hora trágica e culminante de sua missão entre os homens.

Para demonstrar essa pretensa dualidade de ensinamentos, reservado um ao povo e outro a iniciados, em sua obra (tradução do inglês) *LE CHRISTIANISME ÉSOTÉRIQUE*, a Sra. Annie Besant, como o veremos em seguida, não encontrando no texto dos três Evangelhos sinóticos mais que fugazes ilusões, que interpreta a seu talante, recorre a algumas passagens de epístolas de Paulo, cujo pensamento, obcecada por ideias preconcebidas, não aprendeu em sua clara significação, recorrendo por último a opiniões e práticas sancionadas por Padres da Igreja, quando, portanto, as lições do Divino Mestre já estavam sendo deturpadas com a adoção de símbolos e cultos ritualísticos, em desacordo com o espírito do Evangelho. Faz, numa palavra, palavra, em sustentação de sua tese, não diremos malévola, mas intencional confusão do Cristianismo com o catolicismo. Partindo de premissas errôneas, senão falsas, porque viciadas em sua expressão e natureza, só a conclusões inverídicas poderia chegar, como chegou.

Propõe-se ela, com efeito, provar — e formula essa proposição logo no capítulo primeiro (pag. 7) da obra mencionada — que, na Igreja primitiva pelo menos, o Cristianismo em nada cedia a outras grandes religiões, possuindo uma “feição oculta”, e guardava, como inapreciável tesouro, os segredos revelados à elite em seus Mistérios. Antes, porém, de empreender essa tarefa — acrescenta ela — convém ponderar em seu conjunto a questão dessa feição oculta das religiões e examinar porque semelhante face é, para uma religião, a própria condição de sua força e de sua

estabilidade".

Que todas as religiões, originadas de uma Mensagem trazida por um grande Instrutor, houvessem, no período de sua organização como tais, adquirido esse caráter, desdobrando-se em um ensino esotérico para os seus iniciados e um aspecto esotérico, de símbolos e ritos, destinado ao povo, desse modo não alimentado com a substância das verdades espirituais, mas iludido com as suas grosseiras e exteriores aparências, é fato que já no anterior capítulo deixamos indicado, como sinal, porém, da cerceadora influência oculta, que visa por essa forma retardar o aperfeiçoamento geral da grande massa humana.

Aplaudindo, por não apreender esse alcance, a estímulos daquele orgulho que está na inteligência, procedimento semelhante, a Sra. Annie Besant ainda pretende, como se acaba de ver, que a força e a estabilidade das religiões residem nessa instituição de uma casta privilegiada, quando a verdade é a decadência de todas elas se origina precisamente desse fato de privar a maioria dos homens, que é a imensa coletividade dos incultos, do alimento espiritual contido nas Revelações e a ele destinado, consoante os indubitáveis desígnios da Divina Providência, de quem eram mensageiros os seus primitivos portadores.

Mais ainda. Colocando-se num ponto de vista obsoleto, desenvolve a tese de que a religião é destinada a satisfazer não apenas a suprema necessidade moral da nossa natureza, mas a sua sede de saber, correspondendo por isso a uma necessidade intelectual; e, fazendo aplicação desse postulado ao Cristianismo, entende que, "se fosse ele, ao contrário de todas as religiões, privado de uma Gnose, seria triste e lamentável esse fato, porque indicaria que o Cristianismo é destinado a uma só classe e não a todas as categorias humanas."

Esquece, porém, ou faz⁹⁷ propositada omissão daquela palavra do Senhor Jesus, em que se reflete, de um lado todo o seu compassivo amor pelos deserdados deste mundo e, do outro, a sua filial submissão aos desígnios de Deus, que nele agia cujo pensamento e cuja vontade lhe eram íntima e familiarmente conhecidos, palavra de insofismável e meridiana clareza:

"Graças te dou a ti, Pai, Senhor do céu e da Terra,, Porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos", acrescentando: "Assim é, Pai, porque assim foi do teu agrado" (MATHEUS, 11: 25-26).

Em seguida a essa exclamação, exalada do coração amantíssimo do nosso Divino Salvador, que nela implicitamente nos adverte dos inconvenientes e da

⁹⁷ O emprego do verbo no indicativo presente, em nossas referências à Sra. Annie Besant, se explica pelo fato de, ao tempo em que as formulávamos, ainda se encontrar na Terra essa veneranda irmã, restituída à vida imortal (20 de setembro 1933), muitos meses depois de escrito este capítulo. Não nos parece haver inconveniente em conservar tal qual a sua redação.

cegueira que há na sabedoria humana, entra Ele a recordar os poderes de que se achava investido, em nome dos quais lança um comovedor apelo, característico de sua Mensagem aos sofredores deste mundo, que o somos todos, nestes termos (IDEM, 27-30):

"Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho, aquele a quem o Filho o quiser revelar.

"Vinde a mim todos os que andais em trabalho e vos achais carregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas; pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".

Que significação atribui à Sra. Annie Besant a essas claras expressões? Nelas se encontra a repulsa formal de uma preferência, que o Cristo jamais revelou, mesmo em relação a uma parte de seus ensinamentos, pelos intelectuais — e prova dessa repulsa é aguda a escolha de seus apóstolos, recrutados entre obscuros filhos do povo — ao mesmo tempo em que tais expressões desautorizam a pretensão de qualquer objetivo científico ou de Conhecimento enfático dessa natureza no Cristianismo.

O ponto de vista obsoleto da Sra. Annie Besant prende-se ao fato de, na Antiguidade, ser o estudo da Ciência — não apenas das coisas espirituais, senão também dos fenômenos da natureza e das leis que os regem — reservado exclusivamente aos cultores da Religião, ou iniciados em seus mistérios. Os inconvenientes desse monopólio, de que, até há poucos séculos, se fez detentora a Igreja romana, foram suficientemente demonstrados nos verdadeiros crimes por ela cometidos, em nome da intolerância dogmática, e do fanatismo — Galileu, Giordano Bruno, João Huss e tantas Outras vítimas ilustres documentam essa reacionária atitude — contra a Verdade científica e, mesmo, religiosa e os sacrossantos direitos da liberdade de pensamento e de consciência, para que se possa legitimar a perpetuidade do consórcio da ciência e a religião, ou antes, do monopólio da ciência pela religião, uma tendo a seu serviço a inteligência, perquiridora, irreverente e insubmissa, pondo a outra em atividade, para obtenção do aperfeiçoamento moral do homem, até alcançar a santidade, os impulsos do coração, que não excluem, todavia, para apreciação dos ensinamentos de ordem espiritual e divina, o consenso da razão.

Virá sem dúvida um tempo — e está próximo o seu advento, graças a experimentalidade dos métodos postos em prática pelo Espiritismo para o conhecimento dos fenômenos do Espírito durante a vida na Terra e *post mortem* — em que Ciência e Religião, sem se confundirem nos meios de investigação que lhes são peculiares, agirão de harmonia no sentido de encaminhar os homens para Deus, uma, com os seus instrumentos de precisão, devassando os arcanos da Sabedoria Divina, no que podem considerar-se as suas manifestações objetivas e exteriores,

tendendo mesmo a transpor o limite das coisas espirituais, pela sistematizada observação dos fenômenos da psique humana, a outra, pelo cultivo do sentimento e pela penetração subjetivados dos mistérios recônditos da alma, aproximando, bem mais rápida intensamente, as criaturas do seu Criador.

Até agora, porém, a Ciência, graças mesmo à influência libertadora sobre o pensamento dos povos ocidentais exercida pelo Cristianismo, que triunfou, nesse particular, do seu plurissecular inimigo oculto, desde que se emancipou da tutela dos dogmas, que a mantiveram estacionária e, em tantos pontos, divorciada da Verdade, tem caminhado em linha paralela e independente da religião, promovendo, na esfera dos conhecimentos positivos e de suas aplicações à vida humana, os vertiginosos progressos, que são o assombro do nosso tempo, quais os não realizou no Oriente, nem jamais ali os realizaria entre as populações escravizadas ao predomínio das castas sacerdotais.

A Sra. Annie Besant, preconizando a necessidade do intelectualismo nas religiões e, particularmente, no Cristianismo, cuja decadência, confundindo-o com as igrejas que se dizem depositárias do seu pensamento — a protestante, entre elas — atribui à simplicidade que se obstinam os pastores em conservar-lhe, quando essa decadência é fruto da intransigência dogmática, justifica a apostasia de muitos de seus membros pela revolta “contra as doutrinas que desonram, ao mesmo tempo, Deus e o homem e representam Deus como um tirano e o homem como essencialmente perverso, obrigado a merecer a salvação mediante uma submissão de escravo” e sentencia:

"Tem sido motivada essa revolta pelo aviltamento gradual dos ensinamentos cristãos ao nível de uma pretendida simplicidade que permita aos mais ignorantes a sua compreensão. "É preciso pregar somente o que todos podem apreender" — declaravam resolutamente os doutores protestantes — "a glória do Evangelho é a sua simplicidade; os meninos e os iletrados o devem poder compreender e observar os seus preceitos". É exato, se deve por isso entender que certas verdades religiosas podem ser compreendidas por qualquer pessoa e que uma religião não atinge a sua finalidade se os mais humildes, os de mais apoucada inteligência escapam a sua influência edificante. É falso, porém, absolutamente falso, e dever-se concluir que uma religião não encerra verdades inabordáveis pelos ignorantes e que a tal ponto limitada e pobre que nada tem a ensinar de muito elevado para o pensamento dos ininteligentes ou para o estado moral dos seres decaídos".

Semelhante argumentação revela, um preconceito inconcebível da parte de quem, familiarizada com o conhecimento da grande lei das vidas sucessivas, não devia ignorar que entre indivíduos incultos, pertencentes às mais humildes classes sociais se encontram muitas vezes Espíritos que, tendo em anteriores existências

abusado das faculdades intelectuais, reencarnaram em condições de as não poderem novamente cultivar, a fim de não reincidirem nas transviamentos do passado, indivíduos que revelam, por isso, uma singular aptidão para apreender os mais altos problemas da filosofia e, mesmo, da ciência. Bem se vê que a Sra. Annie Besant, enclausurada na torre de marfim de suas ideias preconcebidas, não teve, como nós, ocasião de observar esse fenômeno em sessões de estudo teórico do Espiritismo, em que homens ilustrados, mas estudiosos da doutrina, levavam, não raro, vantagem considerável, na penetração de verdades transcendentais, sobre outros de reconhecida cultura, atestada por um diploma científico, menos amadurecidos contudo, através do passado, para as coisas do Espírito.

É um erro, conseguintemente, pretender que a seleção das capacidades seja feita segundo o critério da cultura atual dos indivíduos e, sobretudo, instituir em classes ostensivas os graus de iniciação acessíveis aos estudantes das verdades religiosas, graus iniciáticos e seleção de capacidades que, sem pretensiosos formalismos e práticas exteriores, pertencem ao foro íntimo de cada um e deve ser deixado que espontaneamente sejam abraçados uns e automaticamente se opera a outra, na continuidade dos estudos em comum, consoante as aptidões que venham a revelar-se. Desenvolveremos oportunamente esse assunto, quando houveram de formular o programa iniciático dos crentes, nas reuniões para esse fim.

Porque há indubitavelmente — e pueril seria desconhecer o fato — extensa variedade de aptidões individuais para a percepção das verdades do Espírito, paralela aos variadíssimos graus de desenvolvimento espiritual adquirido pelos indivíduos, através suas múltiplas existências. Em lugar, porém, de os dividir em classes — e tanto que se organizem estas ostensivamente, há o perigo de surgirem as pretensões de superioridade, fundada no saber, morre a humildade e, com ela, se obnubila o santuário interior — o meio de satisfazer as necessidades e aspirações de todos é, ainda e sempre, tomar por modelo o Senhor Jesus e fazer como o fazia Ele, na instrução de seus ouvintes.

*

* *

O Divino Mestre ensinava publicamente. E, sem fazer acepção de pessoas, ora transmitia a uma simples mulher do povo — a Samaritana — ensino profundo como o da natureza espiritual de Deus — "Mulher, a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adorados adorarão o Pai em espírito e verdade, porque são estes que o Pai procura para seus adoradores; Deus é Espírito, e em espírito e verdade é que o devem adorar os que o adoram." (JOÃO, 4:23-24) — ora leciona abertamente a fariseus, desejos de instruir-se e que, de público, o interrogam: "o reino de Deus está dentro de vós" (LUCAS, 7;21).

Nas instruções dadas aos seus discípulos, para exercício do ministério de que os investia, as quais abrangem a totalidade do capítulo 10 de MATHEUS (1 a 42), formalmente lhes recomenda, advertindo-os: “Nada há encoberto, que se não venha a descobrir, nem oculto que se não venha a saber. O que vos digo às escuras, dizei-o às claras, e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos eirados”.

Da restrição, contida nos primeiros termos dessa recomendação, pretendem certamente os que sustentam a dualidade dos ensinamentos de Jesus tirar um argumento favorável a essa pretensão, não obstante o desmentirem os seus termos finais, pois que a publicidade oral, que determinava aos seus apóstolos, era por Ele mesmo praticada. Incisiva, porém, terminante e insofismável é a categórica afirmação do Mestre, quando na hora suprema do seu tumultuário julgamento, interrogado por Anás, “que era o pontífice daquele ano, sobre que discípulos tinha e qual era a sua doutrina”, respondeu-lhe (JOÃO, 18: 20):

"Eu falei publicamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, aonde concorrem todos os judeus, e nada disse em secreto. Porque me fazes tu perguntas?"

A esse claro testemunho pessoal do Mestre opõe, entretanto, a Sra. Annie Besant, sem o mencionar, porque de certo lhe não convinha, em sustentação do seu ponto de vista, algumas passagens dos Evangelhos sinóticos, prevalecendo-se até de um evidente equívoco, senão involuntária infidelidade, da parte de Marcos, quando, forçando a expressão, assegura (4: 34) que “não lhes falava sem parábolas, mas em particular explicava tudo a seus discípulos”, trecho que reproduz, com vários outros, a página 49 e seguintes de sua obra mencionada.

Parque, se é verdade que Jesus falava frequentemente por parábolas, não era essa exclusivamente a sua forma de ensino, antes a dividia em duas partes, uma em que transmitia ao povo as mais claras instruções acerca da vida moral, induzindo-o a elevá-la ao mais alto nível, outra, quando em presença do mesmo povo do “reino dos céus”, envolvia nas roupagens da alegoria o seu pensamento, não tanto para cingir-se rigidamente à palavra do profeta (ISAÍAS, 6: 9 e 10), a que os sinóticos procuram“, de certo modo, tendenciosamente acomodar a do Mestre, mas com muito mais elevado e misericordioso intuito.

Não tem visos de veracidade, com efeito — sabido que Jesus nada escreveu e que, só muitos anos depois de haver remontado ao Alto, as suas palavras e os atos de sua vida foram reduzidos a escrito, nem sempre com inteira fidelidade nos retoques ali mais tarde introduzidos — que o Senhor Jesus, que era e é a Caridade, sancionasse de bom grado restritiva objurgatória de Isaías, que é posta na sua boca, mas devera ter sido acrescentada, na redação dos Evangelhos, a propósito da indagação dos seus discípulos, na seguinte passagem, tão do agrado dos partidários de um ensino esotérico (MATHEUS, 8: 10 a 15):

"Chegando-se a ele os discípulos, perguntaram: Por que lhes falas em parábolas? Respondeu-lhes: Porque a vós vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é isso dado. Pois ao que tem, dar-se-lhe-á e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo em parábolas, porque vendo não veem, e ouvindo não ouvem nem entendem. E neles se está cumprindo a profecia de Isaías, que diz: Certamente ouvireis e de nenhum modo entenderéis; certamente vereis e de nenhum modo perceberéis. Porque o coração deste povo se fez pesado, e os seus ouvidos se fizeram tardos e eles fecharam os olhos; para não suceder que, vendo com os olhos e ouvindo com os ouvidos, entendam no coração e se convertam, e eu os sare".

Não, não pode ser esse, como o pretendem, de vedar sistematicamente “aos de fora” da comunidade apostólica o conhecimento espiritual do mistério do reino dos céus, o propósito d'Aquele que — repetimos — viera “buscar o que estava perdido”. Considerado em seu misericordioso alcance, o pensamento que o inspirava deve ser assim entendido:

Dirigindo-se à multidão, composta de indivíduos nas mais variadas condições de receptividade espiritual, cujas consciências lhe eram como um livro aberto, Jesus, pondo pessoalmente em prática a alegoria do Semeador, que lançara as sementes, sem escolha prévia, no ingrato, no sáfaro, no medíocre e no ótimo terreno, lhes falava por parábolas, “conforme podiam compreendê-lo”,⁹⁸ em relação a uns para tornar objetivo, pela figura, o seu pensamento, pondo-o ao alcance da sua capacidade, a outros, encobrindo-o, porque, vendo-lhes no interior quão refratários eram aguda à assimilação de verdades transcendentais, os poupava a responsabilidade moral de, conhecendo-as em sua clara extensão, as desprezarem conscientemente, obstinados, em seu endurecimento, a outros finalmente — e nesse numero se incluíam, com os seus discípulos, todos os de boa vontade e natural predisposição — para lhes despertar o desejo de serem iniciados em tais verdades, solicitando-lhe a explicação das alegorias, a fim de utilizá-la como estímulo de maior aperfeiçoamento.

Quereis a prova? — No próprio Marcos, citado pela Sra. Annie Besant (4: 10 e 11), em seguida à mencionada parábola do Semeador, refere o evangelista:

“Quando se achou só, *os que estavam ao redor dele com os doze*”, isto é, os que o acompanharam, movidos do desejo de serem, com esses, instruídos, “pediam a explicação das parábolas”, tendo sido essa, do semeador, componente de uma série, como a do joio, a do grão de mostarda, a do fermento, do tesouro escondido, a da pérola de grande valor e a da rede, todas referentes ao “reino dos céus”. E não recusou a explicação que lhe era solicitada.

Em relação aos endurecidos, a que aludimos, é que Ele teve aquela áspera expressão, de se não deverem dar as coisas santas aos cães, nem se distribuïrem

pérolas aos porcos, para se não encherem, pelo menoscabo, de maiores responsabilidades, mas distribuí-las a todos os homens de boa vontade, sobre os quais os anjos de luz que saudaram o seu nascimento, anunciando-o aos humildes pastores, suplicaram a paz, ao mesmo tempo que entoavam hinos de glória a Deus no mais alto dos céus.

Assim — Para resumir — se o nosso Divino Salvador envolvia frequentemente o seu pensamento nas louçanias da parábola, jamais se esquivava a dar a sua interpretação espiritual aos que lha solicitavam. E a prova de que essa interpretação era, consoante o que a seus discípulos recomendara, destinada à publicidade, é que figura nos próprios textos evangélicos, em que sucessivas gerações, séculos a fora, haviam de buscar substancioso alimento, como ainda hoje sucede nos círculos espíritas, pelo menos, organizados neste vasto e desconhecido Brasil, com uma orientação nitidamente cristã, nos quais o estudo das sagradas letras é cultivada com o propósito de tornar cada vez mais conhecida e amada a figura do Mestre, pela familiaridade com os seus ensinamentos e a penetração do seu pensamento, assim em suas abundantemente claras expressões, como nas veladas alusões aos mistérios da espiritualidade, umas já explicadas nos Evangelhos, e outras que, por sua similitude, não o tendo sido, permanecem desafiar o gosto, a preocupação interpretativa, mas sempre espiritual, dos novos estudantes, que aspiram a mesma excelsa investidura de discípulos.

Ora esses mistérios, que divide em Menores e Grandes Mistérios, a Sra. Annie Besant, inclinada sempre a jungir os ensinamentos divinos às formas do passado, pretende atribuir uma significação, no primeiro caso, de símbolos e ritos que, entretanto, excetuada a cerimônia do pão eucarístico — essa mesma, passada a época da letra e chegados os tempos do Espírito vivificante, devendo cessar de ser material e simbólica, para tornar-se puramente espiritual — o Senhor Jesus jamais instituiu; e quanto aos Grandes Mistérios, deixa, naturalmente, na sombra a sua natureza e significação, reservadas que, entende ela, devem ser aos “grandes iniciados.”

Para essa dupla instituição, não lhe bastando o testemunho, que invoca, do Divino Mestre, mas que, acabamos de ver, a desautoriza, recorre ela ao de Paulo, tendenciosamente interpretado, e aos de Padres da Igreja, terminando por fazer a apologia de certas práticas e fórmulas, adotadas pela igreja católica, insustentáveis em face dos ensinamentos da Revelação Nova, às quais, todavia, a Sra. Annie Besant, inspirada nas superstições do passado, atribui eficácia positiva.

Examinemos esses testemunhos.

*

*

*

⁹⁸ MARCOS, 4: 33.

Como preliminar, tornemos explícito o nosso pensamento, há pouco formulado, no sentido de imitarmos, os novos estudantes do Evangelho, o Senhor Jesus, na forma de, por nossa parte, aprender e, se o quiserem, também de ensinar aos neófitos que se nos venham reunir, as transcendentais verdades que nele se contêm. Pois que a forma didática pode variar, e é inevitável que varie, consoante o tempo e os costumes, certamente não pretendemos que as práticas orais se efetuem na praça pública. É no recinto dos círculos e grêmios, como se tem feito, mas franqueado publicamente o seu acesso, que se há de fazer o estudo, comentado e analítico, assim dos ensinamentos contidos na Revelação Nova, como dos textos evangélicos, ampliados e esclarecidos à luz dessa Revelação.

Ora, semelhante prática, em que, pela continuidade, vão sendo gradualmente descortinados conhecimentos, dos mais elementares aos mais complexos, das coisas espirituais, comporta certamente exercícios que — já o temos prometido — serão indicados, em sua simplicidade e profundidade, no remate desta obra, tendentes a desenvolver os dons espirituais de que sejam portadores, dentre os membros da assembleia, os que denominamos médiuns, em suas várias peculiaridades — tal como se praticava nas primitivas comunidades cristãs — e, de modo geral, a elevar, purificando-os, a mente e os sentimentos de todos, encaminhando-os a uma assimilação progressivamente mais clara e mais perfeita, menos do que os esoteristas enfaticamente denominam o Conhecimento, que da Virtude, em sua remontada significação moral — termo em que resumimos o complexo das virtudes cristãs, que todas se resumem na Caridade, que é o seu pináculo, segundo a admirável definição de Paulo (I CORÍNTIOS, XIII, 1 a 13).

Mas que se não dividam os estudantes em classes, e seja uma só, para todos, a mesma classe de aprendizes, podendo acontecer que em recém-vindos se encontrem mais extensas aptidões e maior penetração do divino mistério que nos encanecidos no estudo.

Falamos aqui propositadamente no singular, porque — insistiremos — o Senhor Jesus não instituiu mistérios maiores nem menores, mas unicamente referiu-se ao “mistério do reino dos céus” ou “do reino de Deus” que, já o afirmara, está dentro de nós e outra coisa não é senão aquele princípio divino, ou Cristo, que todo homem traz, latente, em si e só espera ser cultivado, para desenvolver-se e imperar sobre o princípio contrário, ou Anticristo, isto é, o espírito de orgulho, de egoística insubmissão e rebeldia, de que temos sido escravos, fazendo-nos tributários da Entidade que o personifica e tem assim podido exercitar em nós o seu infortunado império.

Toda a iniciação, portanto, consiste em nos desembaraçarmos das paixões que nos obscurecem o entendimento, para isso abrindo incessante luta interior, afim de, pela purificação da mente e dos sentimentos, completada pela de todos os hábitos, pendores e atos de nossa vida, adquirirmos o que, em linguagem mística, se chama a

iluminação interior, ou seja, a receptividade no mais alto grau às inspirações do nosso Anjo tutelar, tanto em relação às coisas divinas e espirituais, como a nossa conduta ordinária neste mundo. Tudo quanto há de mais simples em seu enunciado, mas também de mais difícil em sua realização, que não requer, todavia, práticas do ascetismo nem cerimônias bizarras, nem formalismos de candidatos à iniciação, pois que, sendo do foro íntimo de cada um essa magnífica ascensão, outra coisa não requer senão firmeza de vontade e a continuidade de exercícios que praticados periodicamente na comunidade dos crentes, sem distinção enfática de graus, reunidos para esse fim, irão quotidianamente revelando os seus frutos cá fora, em meio do tumulto do século e mediante as provas a que seremos e somos, de fato, submetidos no meio em que se exercem os nossos labores para, obtenção do pão material, no seio da sociedade em que vivemos e até mesmo em nosso próprio lar.

Assim se educa e se forma a consciência do verdadeiro cristão, livre de formalismos e de obsoletas cerimônias, incompatíveis com o espírito do nosso tempo, ou melhor, dos tempos que se aproximam, o qual requer emancipação de velhos preconceitos, para que, com a liberdade, tenha a Verdade livre curso em todos os homens.

A essas batalhas interiores, de que deve surgir o “homem novo”, triunfante dos erros e das superstições do passado, é que o Senhor Jesus chamava fazer esforços para entrar “pela porta estreita, porque larga é a da perdição e o caminho que a ela conduz é espaçoso”, expressões a que, entretanto, a Sra. Annie Besant atribui significação tendenciosa, favorável à instituição de um esoterismo idêntico ao de “todas as grandes religiões do passado”, mas a cujas tradições o divino Mestre se conservou sempre alheio em suas prédicas.

Idêntica interpretação pretende ela dar a outras expressões, como “o nascimento de novo, sinônimo de Iniciação”, à recomendação do Mestre, “sede perfeitos” e ainda aquela promessa: “Eu tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora”, promessa assim completada: “Quando vier, porém, aquele Espírito de verdade, ele vos ensinará todas as verdades”, a qual se cumpriu em relação a seus apóstolos, tendo como ponto de partida a magnífica eclosão mediúnica do Pentecostes, segundo noutro lugar o explicamos⁹⁹, e se cumpre hoje, em os novos discípulos, pelos ensinamentos do Espiritismo, que é a Revelação complementar da messiânica. Invoca ainda a Sra. Annie Besant, em favor de sua tese, o fato de “terem os hebreus escolas iniciáticas”, fato que não contestamos, antes o recordamos, na obra abaixo mencionada em nota, quando sustentamos a conveniência da criação de escolas de médiuns, mas omite a circunstância de que tais institutos, destinados à preparação do profetismo, na época do seu esplendor entre os israelitas, não comportavam outros exercícios senão os espirituais, isentos de simbolismos e formas

⁹⁹ Ver *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 1º, cap. XII, pags. 406 a 408, e também vol. 2º, cap. VII, pag. 162.

exteriores, exatamente como os preconizamos para os modernos círculos de iniciação, nos termos e para, os fins que acabamos de indicar.

Isto posto, e pondo de parte, por sua similitude, outras expressões do Mestre, nas quais a Sra. Annie Besant pretende encontrar a confirmação de sua tese, passaremos a examinar os testemunhos complementares que invoca e a que acabamos de aludir, paginas atrás, não sem que externemos antes a nossa estranheza em face de sua afirmativa, baseada em documento gnóstico de mais que suspeita autoridade, como o *PISTIS SOPHIA*, no sentido de que o Senhor Jesus, “depois de sua ressurreição dentre os mortos conviveu com os seus discípulos e os instruiu durante onze anos”. Em apoio desse apócrifo testemunho, busca ela a concordância de um trecho, que cita, dos ATOS DOS APÓSTOLOS (1: 3), referente às aparições do Mestre aos seus apóstolos, no qual realmente se lê: “aos quais ele também, depois de haver padecido, apresentou-se vivo, dando disto muitas provas, aparecendo-lhes” — note-se bem — “por espaço de quarenta dias e falando-lhes do reino de Deus”, trecho em cuja reprodução omite ela essa particularidade do prazo, que não chegou a mês e meio, naturalmente para ocultar a divergência flagrante com os tais onze anos, que nem o testemunho histórico nem a lógica dos sucessos autoriza a admitir.

O único documento, no primeiro caso, digno de fé por sua incontestada autenticidade, que possuímos, referente ao período apostólico, são os ATOS DOS APÓSTOLOS, cuja redação, sem sombra de dúvida, é atribuída ao evangelista Lucas, que foi companheiro de Paulo em suas excursões de propaganda e tomou parte nos sucessos posteriores à ascensão do Mestre. As circunstâncias em que ocorreu esse fato culminante e vêm descritas logo no primeiro capítulo, em seguida ao trecho que acabamos de reproduzir, indicam (vers. 4 e seguintes), na conformidade mesmo das instruções com que o Senhor se despediu de seus discípulos, que Ele dera por, definitivamente encerrada a sua missão, em forma visível, entre os homens.

“E reunido a eles — testifica o narrador — ordenou-lhes que não saíssem de Jerusalém, mas esperassem a promessa feita pelo Pai, a qual (disse ele) de mim ouvistes: porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias”; recomendação que está de acordo com a palavra persuasiva que lhes dirigira na memorável Ceia: “a vós convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, não virá a vós o Consolador, mas, se for, enviar-vo-lo-ei” (JOÃO, 6: 7).

Tratava-se, pois, de uma despedida formal, com o regresso definitivo do Senhor Jesus ao seio do Pai, que as suas últimas palavras (vers. 8) ainda sancionam: “mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até as extremidades da terra.”

Não está aí terminantemente clara uma transferência de autoridade, mediante representação, que se não justificaria, se o Mestre houvesse de permanecer em forma

visível, mesmo a título de secreto Instrutor, entre os discípulos?

Que Ele, após a Ascensão, se houvesse manifestado, em primeiro lugar a Paulo, na estrada de Damasco, e mais de uma vez a esse “vaso escolhido” para a continuação de seu ministério, do mesmo modo que a outros se manifestou em espírito, é fato que de algumas passagens dos ATOS e das epístolas do apóstolos dos gentios resulta evidente. Mas que permanecesse durante onze anos entre os discípulos, a instruí-los secretamente, nada, em que pese a autoridade que a Sra. Annie Besant atribui ao *PISTIS SOPHIA* e aos “anais ocultos”, de equivalente autenticidade, autoriza a admitir.

Agora, se se trata, não de uma permanência em forma visível, mas de assistência espiritual, destinada a fortalecer o ânimo e iluminar a consciência dos que se fizeram os continuadores de sua obra redentora, nesse caso diremos que, mais que durante onze brevíssimos anos, através os séculos e particularmente no tormentoso período das perseguições, como em começo desta obra o assinalamos, é indubitável a presença, do Mestre, que não abandonaria à própria sorte os seus fiéis discípulos de todos os tempos, antes em adequadas, posto que raras, ocasiões se lhes manifestou e manifestará sempre, como, por exemplo, à distância de alguns séculos, o fez à excelsa Tereza de Jesus, depois de o haver feito a Francisco de Assis, com o fim de os confirmar em sua vocação e exaltar, pela superabundância dos dons, a fé com que exerciam o sagrado ministério.

Encerremos contudo a digressão, para examinar os testemunhos outros, a que temos aludido, nos quais pretende complementarmente apoiar-se a Sra. Annie Besant, como favoráveis à instituição de um Cristianismo esotérico nos primitivos tempos.

*

* *

“São Paulo — diz ela — segue os passos do seu Mestre, cujas ideias fielmente reproduz, mas, como o faria supor a sua obra organizatriz no seio da Igreja, de modo mais nítido e explícito. Dê-se o estudante ao trabalho de ler atentamente os capítulos 2 e 3 e primeiro versículo do capítulo 4 da PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS, tendo em consideração, durante a leitura, que tais palavras eram dirigidas aos membros da Igreja, batizados e admitidos à Santa Ceia, membros efetivos no ponto de vista, moderno, mas que o apóstolo trata de crianças e de seres carnis. Não eram catecúmenos ou neófitos, mas homens e mulheres na plena posse de todos os privilégios e responsabilidades inerentes à qualidade de membros da Igreja, considerados pelo apóstolo como separados do mundo e moralmente obrigados a não viver como homens pertencentes ao mundo. Haviam recebido, em suma, tudo o que a Igreja moderna concede aos seus membros.”

Vamos reproduzir, como elemento de estudo, esses capítulos, mas devemos desde logo assinalar que há, pelo menos, exagero nas qualidades que a Sra. Annie Besant atribui aos destinatários da epístola de Paulo, os quais, tendo embora recebido os sinais externos do batismo e da admissão à Santa Ceia, nem por isso — e esta circunstância invalida o excessivo apreço em que a autora do *CRISTIANISMO ESOTÉRICO* tem os símbolos e cerimônias ritualísticas, como o veremos adiante — haviam adquirido o grau elementar de espiritualidade que os eximisse de hábitos somente próprios de filhos do século. Não obstante membros efetivos da Igreja incipiente, estavam ainda longe de possuir o seu espírito, e é por isso que o Apóstolo os considerava criancinhas em Cristo, isto é, simples neófitos nas coisas divinas e espirituais, não despertados para as suas esplêndidas realidades interiores. A que título, portanto, e com que fim lhes exalta a autora as qualidades e a “plena posse de privilégios” que a simples admissão e permanência na comunidade dos crentes não bastavam para lhes Conferir? Semelhante preconício é contraproducente.

Aqui está como se exprimiu Paulo em sua Epístola (capítulos 2 e 3):

2. “E eu, quando fui ter convosco, irmãos, fui não com excelência de palavras ou de sabedoria anunciando-vos o testemunho de Deus. Porque resolvi não saber coisa alguma entre vós, senão a Jesus, e este crucificado. E eu estive entre vós em fraqueza, em temor e em grande tremor; o meu ensino e a minha pregação não formam em palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e do poder, para que a vossa fé não se baseie na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus. Entretanto, falamos sabedoria entre os perfeitos, porém não a sabedoria deste mundo, nem a dos poderosos deste mundo, que estão sendo reduzidos a nada; pelo contrário falamos a sabedoria de Deus em mistério, sim a sabedoria que esteve oculta, a qual Deus predeterminou antes dos séculos para a nossa glória, a qual nenhum dos poderosos deste mundo conheceu, pois se a tivessem conhecido, não teriam crucificado ao Senhor da glória; mas como está escrito:

As coisas que o olho não viu e o ouvido não ouviu — E não entraram no coração do homem — Tudo quanto preparou Deus para os que o amam...

“Por que Deus no-las revelou a nós pelo Espírito; pois o Espírito tudo esquadrinha, até as coisas profundas de Deus. Pois qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não recebemos o espírito do mundo, mas sim o espírito que vem de Deus, para que saibamos as coisas que por Deus nos foram dadas gratuitamente; as quais também anunciamos não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito, combinando coisas espirituais com espirituais. Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus; pois para ele saco loucura, e não as pode conhecer, porque são julgadas espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, e ele não é

julgado por ninguém. Pois quem conheceu a mente do Senhor, para que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo".

3. "E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a criancinhas em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei comida; porque ainda não podíeis.

"Porém ainda agora não podeis, pois ainda sois carnis. Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendias, não é assim que sois carnis e andam segundo o homem? Pois quando um disser: Eu sou de Paulo; outro, porém: Eu de Apolo, não é assim que sois homens? Que é, portanto, Apolo? E que é Paulo? Servos por quem crestes, e isto conforme o Senhor deu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento; de modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o eu rega, mas Deus que dá o crescimento. Ora o que planta e o que rega são uma mesma coisa, porém cada um receberá a sua recompensa segundo o seu trabalho. Porque somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus, edifício de Deus.

"Segundo a graça de Deus, eu me foi dada, lancei o fundamento como sábio construtor, e outro edificou sobre ele. Porém, veja cada um como edifica sobre ele. Porque ninguém pode pôr outro fundamento senão a que foi posto, que é Jesus Cristo. Contudo se alguém edificou sobre o fundamento um edifício de ouro, de prata, de pedras preciosa, de madeira, de ferro, de palha, manifesta se tornará a obra de cada um; pois o dia a demonstrará, porque ele é revelado em fogo; e qual seja a obra de cada um, o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de que a sobre-edificou, esse receberá recompensa; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas o tal será salvo, todavia como através do fogo.

"Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se algum destrói o santuário de Deus, Deus o destruirá; pois o santuário de Deus, que sois vós, santo é.

"Ninguém se engane a si mesmo; se alguém entre vós se julga sábio neste mundo, faça-se estulto, para se fazer sábio. Pois a sabedoria deste mundo é estultícia diante de Deus. Porquanto está escrito: Ele que apanha os sábios na sua astúcia... e outra vez: O senhor conhece os raciocínios dos sábios, que são vão. Portanto ninguém se glorie nos homens; porque todas as coisas são vossas, ou seja Paulo, ou Apolo, ou Cefas, ou o mundo, ou a vida, ou a morte, ou as coisas presentes, ou as futuras; tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus."

O primeiro versículo do capítulo IV assim reza:

"Assim nos tenham os homens na conta de servos de Cristo e dispenseiros dos mistérios de Deus."

Grande cabedal faz a Sra. Annie Besant dessa expressão "mistérios de Deus", que outra coisa não traduz senão o do reino dos céus, ou de Deus, segundo a palavra

do nosso Divino Salvador e cujo entendimento deixamos há pouco assinalado. Mas absteve-se de aludir à definição que lhe atribui o apóstolo dos gentios, na saudação final com que encerrou a sua Epístola aos Romanos, definição que, excluindo qualquer pretensão de mistérios menores ou maiores, com instituição ou não de simbolismos e cerimônias litúrgicas, o faz consistir na penetração, puramente espiritual, das Escrituras, nestes termos:

"E agora. ao que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu Evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio durante os tempos eternos, *mas manifestado agora* [o grifo é nosso] *e, por meio das Escrituras proféticas segundo o mandamento de Deus eterno, dado a conhecer a todas as nações para obediência da fé; ao Deus que, só, é sábio, seja dada glória por Jesus Cristo pelos séculos dos séculos.*"

Omissão faz também a autora do *CRISTIANISMO ESOTÉRICO* da severa admoestação formulada por Paulo no capítulo 5 da mesma 1ª Epístola aos Coríntios e que põe de relevo quão pouca espiritualidade havia da parte de algum, se não de alguns dos membros daquela comunidade, desautorizando, portanto, o tendencioso preconício que, da sua posição, faz ela, no seio da incipiente Igreja, como há pouco o observamos.

Assim, com efeito, se exprime o apóstolo (versículos 1 a 6):

"Consta geralmente que há pecado da carne¹⁰⁰ entre vós, e tal pecando qual nem ainda entre os gentios, de modo que há quem vive com a mulher de seu pai. E estais vós inchados, e antes não pranteastes, para que fosse tirado do meio de vós aquele que tal ação praticou? Pois eu, na verdade, ausente em corpo, mas presente em espírito, já tenho, como se estivesse presente, julgado aquele que assim se portou: em nome do Senhor Jesus, congregados vós e o meu espírito, com o poder de nosso Senhor Jesus, seja o tal entregue a Satanás, para a destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor. Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento corrompe toda a massa?" etc.

Desse trecho, como dos que precedem, o que se evidencia é que o grande apóstolo se esforçava por esclarecer e guiar a consciência de seus irmãos coríntios, como de resto o fez em relação a todas as comunidades cristãs a que se dirigiu, no exercício do seu ministério da palavra, no sentido de promover, pela transfiguração interior, a espiritualização de todos, se algumas vezes verberando os descuidos e a irregularidade da conduta de alguns, sobretudo mediante ensinamentos, regras e métodos iniciáticos, tendentes a neles despertar o Ego divino que — já o assinalamos — todo homem traz em si e é o único apto a entender as coisas do Espírito, com tanto

¹⁰⁰ Substituímos por essa metáfora a expressão original que, embora verdadeira, nos parece dura.

maior segurança e lucidez quão mais completa seja a sua emancipação das ilusões do século.

Desses métodos iniciáticos, preconizados pelo gigantesco organizador da Igreja Cristã, a Sra. Annie Besant não diz uma palavra, não obstante se acharem expostos nessa mesma 1ª Epístola aos Coríntios. Como, entretanto, põem de relevo a perfeita similitude do que se praticava nas primitivas comunidades cristãs com o que, em nossos dias, se pratica nas agremiações espíritas, vamos reproduzir os trechos mais expressivos¹⁰¹, nos, quais se verá que os dons mediúnicos, e não quaisquer formalismos e práticas litúrgicas, eram o veículo por excelência da instrução doutrinária e iniciática, por eles se operando a efusão iluminadora do Espírito, da qual beneficiavam não somente os seus portadores, mas a coletividade dos crentes.

*
* *

Eis em que termos, nos capítulos 12 e 14 de sua mencionada epístola, se exprime Paulo a esse respeito:

"Ora a respeito dos dons espirituais, irmãos, não quero que sejais ignorantes. Sabeis que, quando éreis gentios, concorriéis aos ídolos mudos, conforme éreis levados. Pelo que vos faço conhecer que ninguém falando pelo Espírito de Deus, diz: Jesus é anátema; e ninguém pode; dizer: Jesus é Senhor, senão pelo Espírito Santo.

"Ora há diversidade de dons, mas um mesmo é o Espírito; e há diversidade de ministérios, e um mesmo é o Senhor; e há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito para proveito. Porque a um pelo Espírito é dada a palavra de sabedoria; a outro a palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro a fé, no mesmo Espírito; a outro dons de curar, em um só Espírito; a outro operações de milagres; a outro profecia; a outro o discernimento de espíritos; a outro diversidades de línguas; mas todas estas coisas opera só um e o mesmo Espírito, distribuindo a cada um particularmente como lhe apraz (7: 1 a 11).

Não está aí, com insofismável clareza, uma classificação das diferentes mediunidades, quais se têm revelado em nossos dias, inclusive o precioso dom do discernimento de espíritos, com a circunstância, que o apóstolo põe de relevo, de só se poder com segurança exercer esse, como todos os dons, pela suprema ação do Espírito Divino? Porque os primeiros cristãos praticavam, como nós, a comunhão ostensiva com os Espíritos e necessitavam ser esclarecidos e orientados, nesse

¹⁰¹ Alguns já por nós citados no 1º cap. desta segunda parte.

particular, quanto ao discernimento dos bons e maus Espíritos, a fim de se não tomar infrutuosa essa comunhão.

De como se devia proceder nas assembleias dos crentes para proveito”, assim doutrinou o grande apóstolo:

"Segui a caridade; contudo aspirai aos dons espirituais; porém sobre todos ao da profecia, porque o que fala em língua, não fala a homens, senão a Deus; pois ninguém o entende, mas em espírito fala mistérios; porém aquele que profetiza, fala a homens para edificação, exortação e consolação¹⁰². Aquele que fala, em língua,, edifica-se a si mesmo; mas o que profetiza, edifica a igreja. Ora quero que todos vós tenhais o dom de línguas, porém muito mais que profetizeis; maior é aquele que profetiza do que aquele que fala em línguas, a não ser que também ele as interprete, para que a igreja receba edificação” (14: 1 a. 5).

E mais adiante (26 a 33):

"Pois que haveis de fazer, irmãos? quando vos congregais, se cada um de vós tem o dom de compor salmos, tem o de doutrina, tem o de revelação, tem o de línguas, tem o de as interpretar, faça-se tudo isso para edificação.

"Ora, se algum tem o dom de línguas, não falem senão dois ou, quando muito, três, e um depois do outro, e haja algum que interprete o que eles disserem. E, se não houver interprete, estejam calados na igreja e não falem senão consigo e com Deus.

"Pelo que toca, porém, aos profetas, falem também só dois, ou três, e os mais julguem o que ouvirem. E, se nesse tempo for feita qualquer revelação a algum outro dos que se acham assentados, cale-se o que falava primeiro. Porque vós podeis profetizar todos, um depois do outro, para assim aprenderem todos e serem todos exortados ao bem; porque os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas.

"Porquanto Deus não é Deus de dissensão, senão de paz, como eu também o ensino em todas as igrejas dos santos."

Decorridos poucos séculos, essas práticas salutares, criteriosamente observadas, que mantinham vivazes as relações dos crentes com o mundo invisível, donde fluíam, como perpétuo rejuvenescimento, as inspirações, os esclarecimentos, “numa palavra, a iluminação mental das comunidades cristãs, haviam sido eclipsadas por um cortejo de cerimônias litúrgicas, de abluções, atitudes e gestos, tão do agrado da eminente autora do *CRISTIANISMO ESOTÉRICO*, mas que, por nossa parte, no ponto de Vista da espiritualidade que devera ser conservada sempre aos primitivos ensinamentos, outra coisa não representam senão uma astuciosa interferência do

¹⁰² Não é esse realmente o objetivo capital da mediunidade, antigamente e entre os israelitas, denominada profetismo?

Anticristo, empenhado em deturpar e tornar, quanto possível, infecunda a Mensagem do Senhor Jesus.

Compraz-se a Sra. Annie Besant em justificar e aplaudir a adoção de tais práticas e cerimônias cuja similitude senão identidade com as de outras antigas religiões se acha demonstrada nas obras de mitologia comparada, que menciona, e invoca o testemunho, entre os de outros padres da Igreja, de Justino Mártir¹⁰³, no sentido de reconhecer essa identidade, apreciada contudo por este de um ponto de vista invertido, que vamos analisar.

"Em nossos dias — observa ela — nenhum cristão, a menos que seja iletrado, pretenderia sustentar que os símbolos, cerimônias e ritos cristãos" (católico-romanos, deveria, ela dizer) "são únicos. Entre as pessoas sem instrução ainda vemos a fé ingênua emparelhar com a ignorância dos fatos; fora dessa categoria, porém, nenhum cristão, mesmo o mais fervoroso, nega que o Cristianismo apresenta muitos pontos comuns às mais antigas religiões. Sabe-se ademais que, nos primeiros séculos 'depois de Jesus Cristo', essas semelhanças eram reconhecidas por todos e que a mitologia comparada moderna outra coisa não faz senão repetir, com maior precisão, o que era universalmente admitido na primitiva Igreja."

Tal foi, realmente, o trabalho pertinaz, coroado de êxito, do Espírito Maligno: introduzir no Cristianismo práticas e cerimônias que eram visceralmente estranhas a sua índole e que jamais estiveram no pensamento do seu Divino Instituidor, desse modo criminosamente deturpado.

"Justino Mártir, por exemplo — acrescenta a Sra. Annie Besant — não se cansa de citar as religiões do seu tempo e, se um adversário moderno do Cristianismo quisesse reunir um grande número de casos em que a doutrina cristã¹⁰⁴ é idêntica à das religiões mais antigas, não poderia acompanhar melhores guias que os apologistas do segundo século. Cita ele os ensinamentos, as narrativas, os símbolos pagãos e se baseia no próprio fato de sua identidade em relação aos do Cristianismo, para mostrar que não se devem rejeitar levianamente esses últimos como inadmissíveis."

"Os autores, diz Justino Mártir, que nos transmitiram os mitos dos poetas, não fornecem provas aos moços que os estudam. Vamos, por nossa parte, demonstrar que são eles devidos à inspiração de maus demônios e destinados a iludir e transviar a raça humana. Porque, tendo ouvido proclamar pelos profetas a vinda do Cristo e o castigo pelo fogo, dos ímpios, fizeram esses demônios aparecerem certos homens sob o nome de filhos de Júpiter,

¹⁰³ Flávio Justino (100-165), também conhecido como Justino de Nablus, foi um influente teólogo romano cujas ideias eram fundamentadas sobretudo na adoração ao Cristo e rompimento absoluto com as tradições pagãs, que ele considerava "caminhos falsos e diabólicos" — N. E.

¹⁰⁴ A liturgia católica, deveria ela dizer.

esperando com isso dar a impressão de que o que se diz do Cristo mais não é que um maravilhoso conto do mesmo gênero das narrativas dos poetas. Para falar verdade, os demônios, tendo ouvido o profeta prescrever essas abluções, inspiraram aos que penetram em seus tempos, para oferecer libações e holocaustos, a ideia de se aspergirem do mesmo modo; induziram também os seus fiéis a se lavarem inteiramente ao subir do templo. Os maus demônios a imitaram (a Ceia) nos mistérios de Mithra¹⁰⁵ e prescrevem a celebração de um rito análogo. Por minha parte me ponho a rir descobrindo o péssimo disfarce com que os espíritos malignos encobriram as divinas doutrinas do Cristianismo, com o fim de afastar delas os outros homens."

O contrário — observaremos por nossa vez — teria percebido S. Justino, se lhe não obliterasse o senso analítico a solidariedade que a sua condição de sacerdote o induzia a manter com a forma deturpada que fora impressa ao Cristianismo. Porque, de fato, como o temos sustentado, tanto que se encerrou o ciclo das perseguições e a doutrina do Cristo entrou a ser organizada como religião formalística, o Espírito Maligno, que vinha promovendo esse transviamento de sua primitiva fôrma, exclusivamente espiritual — exceção apenas da cerimônia simbólica da Ceia, posterior contudo ao período apostólico, pois que a ela não há referência nem nos ATOS nem nas epístolas de Paulo — continuou em sua obra pertinaz, sugerindo a adoção de ritos que a identificassem, materializando-a, com outras antigas religiões, do mesmo modo transviadas, como o assinalamos, do espírito e da forma da primitiva Mensagem, que lhes dera origem.

Como prova dessa identidade compraz-se a Sra. Annie Besant em recordar na sua obra, entre outros fatos, o do nascimento e o do "sacrifício do Divino Mestre, celebrados, segundo as comprovações da mitologia comparada, nas mesmas datas que os de outros Heróis divinos. Que prova, isso, entretanto, senão que tem sido a mesma para todas a Fonte oculta inspiradora de tais simbolismos e comemorações?

Discorrendo, com efeito, acerca do "Cristo Mítico", mostra ela a coincidência daqueles fatos e os do Deus Solar, cuja...

"...vida laboriosa ocupa os seis primeiros meses do ano solar, sendo os últimos seis um período de proteção e de conservação gerais. Nasce ele sempre no solstício de inverno, depois do dia mais curto do ano, à meia noite, em 24 de dezembro, quando o signo da Virgem se eleva no horizonte; nascido no momento em que esse signo aparece, é sempre dado á luz por uma virgem, que conserva sua virgindade após o nascimento do Menino Solar, como o Virgo celeste permanece intacto e pura quando, nos céus, dá nascimento ao Sol. O menino é fraco e débil como um recém-nascido; vem ao mundo quando os dias são curtos e as noites mais longas (estamos ao norte do equador); sua infância

¹⁰⁵ Segundo o Zoroastrismo (a religião do profeta persa Zaratustra, ou Zoroastro), Mithra seria um deus auxiliar, benéfico, que exerce funções de juiz das almas — N. E.

é rodeada de perigos e, de começo, o reino das trevas é muito mais longo que o seu; sobrevive, não obstante, a todos esses perigos que o ameaçam, e o dia se vai alongando à medida que se aproxima da primavera; chega finalmente a ocasião de sua passagem, a crucificação, cuja data varia todos os anos. Certos escultores representam o Deus Solar rodeado pelo círculo do horizonte: a cabeça e os pés tocam o círculo ao norte e ao sul, as mãos estendidas o tocam a leste e a oeste. 'Foi crucificado'. Depois ele se eleva triunfante e sobe ao céu; faz amadurecer o trigo e a uva e dá a própria vida para lhes formar a substância e, com eles, o corpo de seus adoradores. O Deus nascido ao alvorecer de 25 de dezembro é sempre crucificado no equinócio da primavera e dá sempre sua vida para nutrir o corpo de seus adoradores.

"Tais são os caracteres mais salientes do Deus Solar. A data do nascimento é fixa, a da morte é variável, fato que se torna mais significativo quando consideramos que a primeira corresponde a uma posição solar fixa e a segunda a uma posição variável. A 'Páscoa' é uma festa móvel, calculada conforme as relativas posições do sol e da lua. Seria impossível fixar por essa forma periodicamente o aniversário de um sucesso histórico, ao passo que é o modo naturalíssimo, ou melhor, inevitável de calcular uma festa solar. Essas datas variáveis não se referem à história de um homem, mas ao Herói do mito solar" (pags. 163 e 164).

Tem indubitavelmente razão a Sra. Annie Besant nesse arrazoado, com que esclarece e demonstra a perfeita similitude entre essas fases e comemorações e as da vida do Cristo, tais como foram adotadas pela igreja romana. A prova está, por exemplo, em que, tendo o sacrifício do Divino Mestre ocorrido em uma data historicamente conhecida — 14 de Nizan, do calendário hebraico, correspondente a 3 de abril — não é nesse dia que o comemora a igreja, mas em data variável, calculada, com a Páscoa, de acordo com "as relativas posições do sol e da lua", desse modo subordinando a figura do Senhor Jesus aos mesmos simbolismos do mito solar e — o que é mais grave — permitindo aos críticos, inspirados na mitologia comparada, pôr em dúvida a sua existência histórica.

A culpa, todavia, desse procedimento não é lícito atribuir senão à igreja católica, nisso como em tantas outras coisas obediente às sugestões do Anticristo. A Igreja Cristã, verdadeira e primitiva, cujas tradições e práticas, puramente espirituais, importa restabelecer, espiritualizando-as ainda mais, nada tem que ver com essas complicações posteriores, somente ela podendo ser legitimamente considerada fiel depositária do pensamento e da doutrina do Mestre.

O mesmo sucede com o Natal do Senhor Jesus, a cujo respeito a Sra. Annie Besant reproduz (pags. 166 e 167) o trecho seguinte da obra *THE GREAT LAW [A GRANDE LEI]*, de Williamson, o qual se inspira, a seu turno, em *EGYPTIAN BELIEF [CRENÇA EGÍPCIA]*, de Bonwick:

"Todos os cristãos sabem que o 25 de dezembro é atualmente a festa reconhecida como do nascimento de Jesus; poucas pessoas, entretanto, sabem que nem sempre foi assim. Cento e trinta e seis datas diferentes, diz-se, foram escolhidas por várias seitas cristãs. Lightfoot coloca esse evento em 15 de setembro, outros em fevereiro ou agosto. Epifânio menciona duas seitas, uma das quais celebrava o Natal em junho. A questão foi definitivamente regulada pelo papa Júlio I em 337 após J. C., e S. Crisóstomo, escrevendo em 390, diz: 'Em Roma esse dia (isto é, 25 de dezembro) acaba também de ser escolhido como o do nascimento do Cristo, a fim de que, ocupados os pagãos com suas cerimônias (as *Brumália*, em honra de *Baccho*), possam os cristãos celebrar seus próprios ritos sem serem molestados'. Gibbon, em *A DECADÊNCIA E QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO*, diz também: 'Os romanos (cristãos), tão ignorantes como seus irmãos relativamente à data de seu nascimento (o do Cristo), escolheram para o festejar solenemente o dia 25 de dezembro, ocasião das *Brumália* do solstício de inverno, em que os pagãos celebram anualmente o nascimento do Sol'. King, em *GNOSTICS AND THEIR ROMAINS*, diz a seu turno: 'A antiga festa celebrada a 25 de dezembro em honra ao nascimento do *Ser Invencível* e assinalada pelos grandes jogos no Circo¹⁰⁶, passou depois a ser objetivada na comemoração do nascimento do Cristo, cuja data exata, como o confessam numerosos Padres da Igreja, era então, como ainda hoje, ignorada'. Em nossos dias, finalmente, na opinião do Cônego Farrar: 'Todo esforço por descobrir o mês e o dia da Natividade é inútil. Não possuímos nenhum dado certo que no-los permita determinar, mesmo de modo aproximativo' etc.

Aqui uma observação é oportuna. Se a igreja católica fizesse empenho sincero em conhecer a verdade acerca da vida do Divino Mestre, em lugar de a obscurecer, emaranhando-a em lendas míticas, de que nenhum proveito decorria para a aceitação de sua doutrina pelos homens e, por outro lado, se não houvesse perdido o contato com o seu Espírito, não lhe teria sido impossível obter, por uma revelação direta, o conhecimento positivo do dia de sua vinda a este mundo. Assim o julgasse Ele próprio de utilidade semelhante revelação.

*

* *

Não é isso, todavia, o que importa agora conhecer. Avizinha-se o tempo em que "o Espírito de Verdade nos ensinará todas as verdades" (JOÃO, 16: 13), pondo termo ao reinado da letra, que mata, e inaugurando a do espírito, que vivifica.

Divergimos, portanto, fundamentalmente da Sra. Annie Besant, quando pretende para o Cristianismo o "restabelecimento do ensino esotérico", a fim de

¹⁰⁶ O Coliseu Romano, a célebre arena de lutas dos gladiadores e palco de tantos sacrifícios dos cristãos jogados às feras — N. E.

"atrair estudantes sérios e pacientes", mediante o que "os discípulos dos Mistérios Menores se tornarão os candidatos aos Grandes Mistérios e, com a volta do conhecimento, será também restabelecida a autoridade do ensino" (pag. 42), tanto mais que esse retorno ao passado viria fortalecer e prestigiar as velhas formas do culto que a igreja romana adotou e a autora do *CRISTIANISMO ESOTÉRICO* preconiza e defende, como se vai ver das seguintes passagens que, para evitar demasiada e inútil extensão, nos limitaremos a reproduzir.

"Os sacramentos da Igreja Cristã — diz ela — perderam em dignidade e foram quase esquecidas as suas propriedades ocultas entre os cristãos que se separaram da Igreja Católica Romana, ao tempo da Reforma. O primeiro cisma que separou o Oriente do Ocidente, formando a Igreja Grega Ortodoxa, de um lado, e a Igreja Romana, do outro, em nada enfraqueceu a fé nos Sacramentos, que permanecem para essas duas grandes comunidades O laço desconhecido entre o visível e o invisível e santificam a vida do crente, do berço ao túmulo. Os Sete Sacramentos do Cristianismo¹⁰⁷ abrangem a vida inteira, desde o Batismo, que acolhe o fiel neste mundo, à Extrema Unção, que marca a sua partida; foram instituídos..."

Não pelo Cristo — seja-nos lícito interromper a citação, para o frisar, mas:

"...por Ocultistas, por homens que conheciam os mundos invisíveis. As substâncias empregadas, as palavras proferidas, os sinais feitos pelo oficiante, foram todos escolhidos com conhecimento de causa e combinados de modo a produzir certos efeitos" (pags. 333 e 334).

E adiante, depois de justificar o emprego de determinados sons, afirmando que "em toda religião existem sons de caráter especial, denominados "Fórmulas de Autoridade", fases pertencentes a uma língua particular e cantadas de um modo particular", denominadas "mantras", sustenta (páginas 342-343):

"Esses mantras têm sido transmitidos de geração em geração e se compõem de palavras particulares que se sucedem numa certa ordem, cantadas de um certo modo. O seu canto produz o efeito de, por encadeamento das formas, despertar vibrações nos mundos físico e hiperfísico. Quanto maiores forem a ciência e a pureza do oficiante, mais elevados serão os mundos afetados pelo seu canto; se os seus conhecimentos são vasto, enérgica a sua vontade e puro o seu coração, poderá ele dispor, mediante a recitação desses antigos mantras, de um poder quase ilimitado.

"É inútil — ainda uma vez — empregar uma língua única. Os mantras podem ser redigidos em sânscrito ou em qualquer outra língua escolhida por

¹⁰⁷ A expressão é imprópria: da igreja romana, deveria ela dizer, para se verificar e não sancionar a usurpação desse nome pela infiel, que atraçou o seu mandato.

homens experientes. É a razão por que na Religião Católica Romana o latim é empregado sempre nos atos de adoração importantes; ele aí não desempenha o papel de uma língua morta 'que o povo não entende'; representa nos mundos invisíveis uma força viva; o seu emprego não tem por objeto manter o povo na ignorância, mas despertar nos mundos invisíveis certas vibrações, impossíveis de obter por meio das línguas europeias ordinárias, a não ser que, um grande Ocultista lhes transmita as sucessões de sons necessárias".

Páginas adiante, ocupando-se do batismo e sustentando não somente a sua eficácia, mas a remota universalidade da sua adoção, a cujo propósito recorda que "Williamson menciona textos demonstrativos de que o batismo era praticado no Egito, na Pérsia, no Tibete, na Mongólia, no México, no Peru, na Grécia, em Roma, na Escandinávia e entre os Druidas", acrescenta com uma convicção, que seria pueril, se não exprimisse antes uma atitude mental em franco antagonismo com as realidades espirituais e humanas, tais como no-las faz conhecer um Espiritualismo isento de superstições e de grosseiras materialidades (pag. 355):

"Algumas das preces mencionadas são de extrema beleza: — 'Suplico possa esta água celeste azul e azul-clara entrar em teu corpo e nele viver. Suplico possa ela destruir em ti todas as coisas más e hostis que te foram dadas antes do começo do mundo'. — 'Oh menino! Recebe a água do Senhor do mundo, que é nossa vida; ela lava e purifica; possam essas gotas apagar o pecado que te foi transmitido antes da criação do mundo, pois que todos padecemos o seu império'."

Ainda sobre o batismo diz a Sra. Annie Besant, aplaudindo o abuso praticado pela igreja romana, de o ministrar às crianças (pag. 360):

"O hábito de batizar as crianças em tenra idade se estabeleceu gradualmente na Igreja; com o tempo, a instrução, que de começo precedia o batismo, tornou-se a preparação para a confirmação, mediante a qual a inteligência, na plenitude de sua capacidade, renova as promessas batismais. A admissão de uma criança na Igreja é evidentemente lógica, desde que se admite que a vida humana transcorre simultaneamente em três mundos e sabe-se que o Espírito e a Alma vindos para habitar o corpo recém-nascido não são inconscientes e ininteligentes, mas conscientes, inteligentes e ativam nos mundos invisíveis. É bom e é justo que o homem invisível oculto no coração seja acolhido ao começar esse novo estágio de sua peregrinação e que se exerçam as mais salutares influências sobre o veículo que vem habitar e que ele deve apropriar a suas necessidades".

Incrível que uma pessoa versada no conhecimento das leis espirituais, que sobre tudo preponderam, determinando as relações de causa e efeito, leis entre as quais a de Karma, apregoada pelos teosofistas, é inflexível em suas sanções se

detenha em semelhantes preconceitos. Não menos estranhável é ainda o que, a propósito da Eucaristia, entre outras, se lê na seguinte passagem (pags, 364 e 365):

"O pão simboliza, de modo geral, a nutrição que entra na formação do corpo; o vinho simboliza o sangue encarado como o fluido vital. *Porque a alma da carne está no sangue* (LEVÍTICOS., 17: 11). É por isso que os membros de uma mesma família se dizem 'do mesmo sangue'. 'Ser do mesmo sangue' que uma outra pessoa, significa igualmente ser seu parente. Daí também as velhas cerimônias da 'aliança do sangue'. Quando um estrangeiro vinha u ser admitido numa família ou numa tribo, uma das pessoas da família dava algumas gotas de seu sangue, as quais eram transfundidas nas veias do estrangeiro, ou ainda este as bebia, geralmente misturadas com água, após o que era considerado membro nato da família ou da tribo, como sendo do mesmo sangue. Na Eucaristia os fiéis, do mesmo modo, participam do pão, símbolo do corpo, da natureza do Cristo, e do vinho, símbolo do Seu sangue e de Sua vida, e assim se aliam e se unem a Ele".

Pura doutrina católico-romana, assim no que se refere às virtudes miríficas da água, no batismo, para apagar a mácula do “pecado original”, transmitido de geração em geração, como na, identificação com o Cristo pela mera ingestão das espécies, ilusória cerimônia mediante a qual inúmeras multidões de crentes, através os séculos e até aos nossos dias, se têm, com evidente prejuízo de seu aperfeiçoamento espiritual, julgado isentas dos esforços por converter-se de fato aos preceitos do Evangelho, a fim de, pela purificação interior, e jamais por outra forma, unir-se verdadeiramente ao Divino Mestre, com Ele formando um mesmo Espírito.

Obstinando-se desse modo na fidelidade ao simbolismo cultural e tantas vezes supersticioso das religiões do passado, só introduzido na pura doutrina cristã por influência oculta do Maligno, e, em consequência, deixando-se imperceptivelmente fascinar pelas suas sugestões, não admira houvesse terminado a Sra. Annie Besant por cair em mais uma das múltiplas armadilhas em que, buscando frustrar os desígnios do Senhor, tem ele conseguido enredar os incautos, mesmo aparelhados de extensa cultura intelectual, mas que a ausência daquele humilde sentir de si mesmos, tão sabiamente recomendado pelo autor da *IMITAÇÃO DE CRISTO*, coloca à mercê de suas insidiosas sugestões.

*

* *

Os sucessos de que nos vamos ocupar mostram, antes de tudo, que no espírito da autora do *CRISTIANISMO ESOTÉRICO* e após a publicação d'esse livro se operou, não diremos evolução, mas simples translação no sentido de novas ideias e propósitos,

que a levaram a substituir as intenções acerca do restabelecimento do Cristianismo, nos moldes ali preconizados, pela realização, em que se tem nos últimos anos empenhado, de uma obra, na aparência, paralela ou semelhante, mas de fato subversiva, posto que de começo, animada de indubitável boa fé, não percebesse os rumos que lhe viriam a ser impressos, nem mais tarde, após as decepções com que viu ludibriado o seu programa inicial, houvesse tido clarividência e, mesmo, a coragem moral de a abandonar.

O inimigo astuto é poderoso, quando se lhe não opõe o broquel invulnerável da humildade. Somente esta, que — já o dissemos — conserva acessível ao Cristão Santuário interior do homem, teria permitido neutralizar o embuste do Maligno, bastando para isso ter-se presente no espírito a advertência do Divino Mestre a tal propósito.

Discorrendo acerca dos últimos tempos, a que há de suceder a era radiosa da cristianização do mundo, O Senhor Jesus preveniu com efeito, os seus discípulos de então e do futuro, nestes termos (MATEUS, 24: 4 a 14):

"Vede, não nos engane alguém. Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. Haveis, pois de ouvir falar de guerras e rumores de guerras. Olhai não vos turbeis, porque importa que assim aconteça; mas não é esse ainda o fim. Porque se levantará nação contra nação e reino contra reino e haverá pestilências e fomes e terremotos em diversos lugares. E todas essas coisas são princípios das dores. Então vos entregarão à tribulação e vos matarão, e sereis aborrecidos de todas as gentes por causa do meu nome. E muitos entoa serão escandalizados e se entregarão de parte a parte, e se aborrecerão uns aos outros. E levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, porquanto se há de multiplicar a iniquidade, se esfriará a caridade de muitos. Mas o que perseverar até ao fim, esse será salvo. E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então chegará o fim".

Prossegue a descrição apocalíptica, particularizando episódios locais, e o Senhor insiste (23 a 26):

"Então, se alguém vos disser: Olhai, aqui está o Cristo, ou: Ei-lo acolá, não lhes deis crédito. Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas, que farão grandes prodígios e maravilhas tais que (se fora possível) até os escolhidos se enganariam. Vede que eu vo-lo adverti antes. Se, pois, vos disserem: Ei-lo lá está no deserto, não saiais: Ei-lo no interior da casa, não lhes deis crédito."

E, numa linguagem de admirável precisão, definindo a natureza puramente espiritual do seu advento, rematou (27):

"Porque, de modo que um relâmpago sai do oriente e se mostra até o

ocidente, há de ser também a vinda do Filho do homem".

Ora, esse aviso profético do Senhor Jesus abrangia a dupla visão de um futuro imediato e de um futuro remoto. No primeiro caso, teve ele consumada realização no período que vai dos tremendos sucessos em que se viu arrebatada a sua geração e culminaram no cerco de Jerusalém e subsequente dispersão do povo israelita, até às implacáveis perseguições movidas, nos primeiros séculos, à família cristã. A segunda fase é, por tantos sinais característicos, referente à nossa época, assinalada por uma tormentosa crise de múltipla natureza e de extensão e intensidade tanto maiores que afeta não apenas uma região circunscrita do globo nem um determinado povo, mas o mundo inteiro, índice de que a humanidade atinge evidentemente o termo de um ciclo evolutivo, para percorrer um outro, de mais adiantada civilização.

A época das dores, de que são mera advertência as catástrofes e calamidades em diversos lugares ocorridas nos últimos anos, se avizinha para todos os povos, parecendo ser esse o meio inevitável de os arrancar à materialidade excessiva em que têm sido mergulhados, afim de os fazer despertar para as superiores aspirações de espiritualidade. Mas, se a crise, como o estamos vendo, é assim universal, o método curativo tem que revestir o mesmo caráter de universalidade. E só pode residir numa efusão do Espírito Divino, muito mais ampla do que a prometida pelo profeta Joel e que o apóstolos Pedro, com oportunidade, recordou em seu discurso, após a esplêndida manifestação mediúnica do Pentecostes: "Eu derramarei do meu espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões e sonharão vossos anciãos".

Essa profecia, que se verificou no período apostólico, isto é, no ciclo evolutivo anterior, de há quase dois mil alunos, teve no Espiritismo uma nova realização inicial, que será prosseguida ao termo da crise que também a ele, como o temos demonstrado, vem afetando em nossos perturbados e tormentosos dias. Por essa ostensiva colaboração no mundo visível, mais que nunca necessária, os Espíritos do Senhor induzirão os homens a preocupar-se da vida espiritual, voltando para ela suas aspirações e aos seus ditames subordinando as coisas da vida material, desse modo sendo realizado um trabalho preparatório que, elevando o nível dos costumes e dos sentimentos, conduzirá sucessivamente a humanidade a um grau de espiritualização generalizada, mais que isso, universalizada, mediante a qual será possível então verificar-se o último termo da advertência, que reproduzimos, referente à vinda universal do Cristo, presente a esse tempo, de um a outro extremo do planeta, em todos os corações que sinceramente o invocarem.

Tal a significação da imagem do relâmpago, que se mostra do oriente ao ocidente, aplicada à "vinda do Filho do homem".

Em sentido diverso dessa interpretação, única, a nosso ver, satisfatória, um movimento de ansiosa expectativa começou de operar-se, no primeiro quartel deste

século, e o anúncio do advento pessoal do Cristo entrou a ser feito nalguns círculos religiosos, particularmente no seio dos teosofistas, em que a ideia adquiriu definida objetividade, mercê da iniciativa que circunstâncias particulares induziram a Sra. Annie Besant a tomar, secundada pelo Sr. Charles Leadbeater, cujos esforços convergiram para pôr em foco a figura de um jovem indiano, por eles reconhecido como o novo Instrutor da humanidade.

Jiddu era o nome de família¹⁰⁸, mas como um índice característico da instabilidade por que se havia de assinalar a sua carreira, do mesmo modo variando as ideias de que se tem feito, sucessivamente, arauto, foi mudado para Krishnamurti, usando ele também o de "Alcyone" em sua primeira manifestação pública, e sendo por último chamado Krishnaji pelos seus íntimos.

Adotou-o, ainda menino, a Sra. Annie Besant, que se propôs dirigir a sua educação no sentido de cultivar as faculdades latentes que tanto ela como o Sr. Leadbeater, com o seu dom de clarividência, julgaram ter nele descoberto e que, “desenvolvidas, fariam dele um grande Instrutor espiritual”. É certo que, para levar por diante esse propósito, veio ela, por motivos de ortodoxia religiosa, a tomar uma estranhável atitude e desavir-se com o pai do rapaz, que tentou reaver o filho, sendo, porém, vencido no pleito judicial que para tal fim, diante da relutância da Sra. Annie Besant em lho restituir, teve que intentar perante os tribunais da Inglaterra, onde o jovem indiano estava sendo educado, sob os cuidados de sua vigilante preceptora. A desobediência, consumada de acordo com os próprios desejos do rapaz, seguiu, portanto, o seu curso.

Concluída a sua educação e colocado no ambiente propício ao desenvolvimento das faculdades supranormais, que revelou efetivamente possuir, não tardou ele, mal adolescente, a escrever a sua primeira mensagem, intitulada *AOS PÉS DO MESTRE*, firmada e publicada com o nome de “Alcyone”, suprimido, todavia, em suas públicas manifestações posteriores. Nas 27 páginas de texto, contém esse opúsculo alguns ensinamentos proveitosos e interessantes, posto que nenhuma ideia nova apresente nem muito menos qualquer doutrina que ultrapasse a que se encontra no Evangelho, ao qual, de resto, não faz a mínima referência. Produto de indubitável inspiração oculta, a característica mais notável desse primeiro ensaio é a precoce maturidade do escritor.

Fez-se contudo em torno dele uma intensa propaganda nos círculos teosóficos, foi criada a “Ordem da Estrela do Oriente”, com o fim de preparar e facilitar o ministério público do esperado Messias e, poucos anos depois, a Sra. Annie Besant, por ocasião do Congresso Internacional da Ordem, reunido a 11 de agosto de 1925 em Ommen, na Holanda, se encarregava de anunciar solenemente o programa novo apostolado.

¹⁰⁸ *BOLETIM DA ESTRELA*, número de fevereiro 1931, pag. 32.

Antes de o referir, assinalemos, ainda como um sinal das hesitações e instabilidade desse movimento, que a denominação da Ordem passou mais tarde a ser simplesmente "da Estrela", com supressão "do Oriente", que pareceu não mais convir às suas pretensões de universalidade e, por último, que a própria Ordem foi extinta, como o veremos adiante.

Em seu discurso de apresentação, depois de exaltar os preparativos de recepção do Enviado, favoráveis ao desempenho de sua tarefa, exclamou a Sra. Annie Besant:

"Se assim for,¹⁰⁹ então o grito mais jubiloso do mundo o acolherá; se assim for, Ele poderá ficar conosco durante muitos anos e o mundo mudará de aspecto e a humanidade será impulsionada para diante, e sobre nós, sobre vós, sobre milhares de pessoas como vós, sobre todo o mundo, repousará a resposta do Mundo à Vinda do Seu Senhor.

"E agora — prosseguiu — tenho de dar-vos, por ordem do Rei. A sua Mensagem e algumas das Mensagens do Senhor Maitreya e dos Seus grandes Irmãos. Vou consubstanciá-las em uma explicação, durante a qual algumas das Suas palavras aparecerão, bem como os fatos que Eles me ordenaram comunicar. De modo que o que vos vou anunciar é, definitivamente, por ordem do Rei, a Quem sirvo".

Refere-se em seguida ao simbolismo do “nascimento, a transfiguração, a crucificação, a ressurreição e ascensão, correspondentes à “jornada do espírito humano através as quatro grandes Iniciações” que — asseverou — “serão vividas mais uma vez diante dos vossos olhos” e passa a desenvolver o programa do novo apostolado, chefiado pelo Mestre, nestes termos:

"A tomada de posse do Seu Veículo escolhido¹¹⁰ representa o nascimento que ledes nos Evangelhos; e este, como eu vo-lo disse, será dentro em pouco. Em seguida Ele escolherá, como outrora, os seus Doze Apóstolos — número significativo 'os doze' — sendo o seu chefe o Próprio Senhor. Ele já os escolheu, porém somente tenho ordem discípulos e mensageiros no mundo. Os dois primeiros, o meu irmão Charles Leadbeater e eu passamos por essa grande Iniciação ao mesmo tempo juntos, por causa do nosso trabalho comum no futuro, ao tempo em que me tornei Presidente da Sociedade Teosófica. Nossos irmãos mais jovens, que atravessaram, por assim dizer, os estágios do discípulo, em determinados pontos, passaram pelas quatro grandes iniciações; outros forma recebidos um pouco mais tarde pelo Rei entre os Seus Arhats e um deles o será dentro em poucos dias.

¹⁰⁹ Veja-se *O TEOSOFISTA*, edição de 17 de novembro 1925.

¹¹⁰ Convém aqui um esclarecimento aos não versados nos ensinamentos teosóficos. Segundo estes, o Cristo não encarna como qualquer homem: chegada a hora de iniciar sua missão no mundo, toma posse do corpo de um Discípulo que, para isso, encarnara previamente, e o substitui. O discípulo outrora foi Jesus. Agora seria Krishnamurti.

"São Eles, em primeiro lugar, esse discípulo de belo caráter e bela linguagem, C. Jinarajadasa, conhecido de muitos dentre vós — conhecê-lo é amá-lo. Meu irmão Leadbeater e eu estivemos, como é natural, presentes a essa Iniciação e também à de Khrisnaji, a quem demos as boas vindas como novos elementos do nosso grupo. Em seguida, vieram o meu irmão George Arundale, cuja consagração como Bispo era necessária como último passo da sua preparação para o quarto grande passo da Iniciação, e meu irmão Oscar Köllerström, não tão bem conhecido talvez por vós, porém amado pelo seu caráter e pela sua sabedoria por todos os que bem o conhecem, como eu agradecidamente afirmo; em seguida veio aquela a quem chamei a minha filha Rukmini Arundale, essa jovem Indiana com um passado glorioso, que será uma das que, dentro em poucos dias, tendo ouvido o chamamento do Mestre em armas ainda muito verdes, será o mensageiro do Rishi Agasthya para as mulheres e os jovens da Índia, empreendendo ali um largo trecho de trabalho que eu própria tenho estado executando durante anos. Jovem de corpo é, no entanto, velha em sabedoria e em poder de vontade: 'criança de vontade indomável' é o seu apelido nos mundos superiores."

Não escapou à Sra. Annie Besant a temeridade que havia em anunciar publicamente semelhante escolha previa, comprometedora para os designados, e, num rápido lampejo de bom senso, observou:

"Agora, é coisa inteiramente nova o serem os nomes das pessoal anunciados deste modo; porém não deve haver hesitação, por parte daqueles que são Seus servos, no executar a vontade do Senhor; não lhes compete julgar, cumpre-lhes obedecer. Como Ele disse, isto pode causar-nos uma certa soma de incômodos e de ridículo; porém já estamos habituados, e isso que importa? Nada absolutamente. O que importa unicamente é a vontade do Rei e executar o serviço do grande Mensageiro, o Bhodísattva".

Pobre Sra. Annie Besant! O futuro, bem próximo aliás, se encarregaria de confirmar a previsão, coroando de tremendo fracasso o plano arquitetado, como se vai ver. Entretanto, prosseguiu ela:

"Deixei de parte um nome e devo deixar um outro. Naturalmente o nosso Krishnaji seria um destes; porém ele deve ser o Veículo do Senhor. O outro é aquele que nos é muito caro a todos nós como a toda a Fraternidade — o Bispo James Wedgwood. Ele tinha já sofrido a sua crucificação antes que o selo do Arhatado sobre ele fosse colocado pelo seu Rei."

Estavam assim formalmente organizados os preparativos para que uma calculada paródia reproduzisse em nossos dias a missão do Cristo. E poucos meses depois — a 24 de fevereiro de 1926 — um Jornal desta cidade trazia, firmada por um dos mais ativos membros da Ordem da Estrela, a notícia do fenômeno de

transfiguração do novo Messias, assim descrita:

"Narram-nos por carta, e também por notícia de uma revista teosófica estrangeira chegou ao nosso conhecimento, que ultimamente, em Adyar, cremos que no dia 28 de dezembro, quando o Sr. Krishnamurti, chefe da Ordem da Estrela do Oriente, fazia uma conferência sobre a Vinda do Instrutor do Mundo, subitamente, em dado momento, a sua fisionomia se iluminou e todos viram através dela a Face do Cristo, que falava aos circunstantes, dizendo: 'Eu não venho destruir o povo, mas para chamá-lo, porque ele Me pertence.' Enquanto isso, o busto do conferencista se encontrava nimbado e iluminado por uma luz intensa, branca, brilhante e viva."

A frase — interrompamos um momento a transcrição, para comentar — se foram fielmente reproduzidas as palavras da proposição inicial, chega a ser grotesca, pelo absurdo que encerra e a torna, portanto, irreverente Àquele a quem foi atribuída. "Destruir o povo"? Mas a que propósito vinha semelhante despropósito, que ninguém seria capaz de suspeitar da parte de um reformador religioso? Compreende-se que o Cristo houvesse assegurado outrora: "Eu não vim destruir a Lei, mas dar-lhe cumprimento". Afirmativa de necessária e tranquilizadora significação doutrinária e de oportunidade histórica. O que o bom senso, o simples bom senso não pode admitir como do mesmo Autor é essa moderna paródia, afastando uma irrisória e absurda suspeita, que a ninguém ocorreria.

A frase, entretanto, foi aceita e divulgada como um sinal de identidade, sendo além disso o fenômeno luminoso, descrito na notícia a que nos reportamos, considerado "uma verdadeira vitória para os ideais dos membros da Ordem da Estrela, do Oriente e uma confirmação deles."

"O fato aliás não é novo — acrescentou o autor do escrito — pois já em 28 de dezembro de 1911, ano em que foi fundada a Ordem da Estrela, e quando pela primeira vez o chefe, Sr. Krishnamurti, fazia pessoalmente a entrega de diplomas a novos membros, foi inundado pela mesma Luz, e a irradiação de Força então foi tão intensa e tão sentida a Presença Superior, que todos caíram de joelhos, insensível ou instintivamente.

"O bispo Charles Leadbeater deu a esse fato a designação de novo Pentecostes, e ele ficou registrado para sempre nos anais da história da Ordem da Estrela do Oriente e desta época admirável que vamos vivendo," etc.

Veremos adiante qual foi a sequencia, ou antes, o acaso desse novo Pentecostes, de meramente pretendida e forçada significação.

*

* *

Sucederam-se, entretanto, em crescendo significativo, as maravilhas divulgadas pela imprensa, referentes ao moderno Instrutor da humanidade, sem atingirem contudo a culminância, a que o Senhor Jesus se havia referido, na advertência que atrás reproduzimos, de enganar, se possível fosse, aos próprios escolhidos, pois que de fato só os incautos foram ludibriados.

Assim, um novo comunicado subscrito pelo mesmo ativo membro da Ordem da Estrela, a que aludimos, e publicado a 3 de março de 1926, anunciava:

"Foi um assunto de maravilha, talvez, para muitos o saberem que o Cristo, o Divino Instrutor dos Anjos e dos homens, usava um corpo físico de incomparável beleza e vivia no Himalaia.

"Eis como o bispo Charles Leadbeater descreve a Figura Divina do Instrutor do Mundo:

"Nas pessoas de Nosso Senhor o Bodhisattva, o Instrutor do Mundo, e do Mestre Kuthumi, seu principal lugar-tenente, a influência especialmente notável é a irradiação do Seu Amor, que tudo abrange.

"O Senhor Maitreya está usando um corpo da raça céltica, presentemente, posto que, quando aparecer ao mundo para ensinar o seu povo, como pretende dentro em pouco, fará uso de um corpo preparado para esse fim por um de seus discípulos. O seu semblante é de uma encantadora beleza, forte e cheio de ternura, com ricos cabelos flutuantes, como ouro rubro, cerca dos ombros e barba espontada, como em alguns antigos quadros, e olhos de um admirável violeta, semelhantes a flores admiráveis, semelhantes a estrelas, como poços cheios com as águas tranquilas de uma paz eterna. O seu sorriso é deslumbrante, muito além do que as palavras podem exprimir e uma cegante luz gloriosa o cerca, entremesclada com a rósea chama que irradia constantemente do Senhor do Amor."

"Tal é — acrescenta o comunicante — a descrição que ligeiramente, em seu recente livro 'The Masters and the Path' (Os Mestres e o Caminho), faz o bispo Charles Leadbeater, que muitas vezes, no que parece, tem estado em presença do Instrutor do Mundo."

Poucas semanas antes (em fevereiro de 1926), o mesmo jornal havia publicado, sob epígrafe em colunas abertas, encimando o retrato de "Krishnamurti, o novo Messias, segundo fotografia recente enviada ao 'Excelsior', de Paris, pelo seu enviado especial à Índia", uma longa descrição, de que reproduzimos os trechos seguintes:

"No dia 11 do mês último, em Madras, na Índia, teve lugar a grande cerimônia de proclamação da chegada do novo Messias.

"A cerimônia realizou-se no local do novo templo ao Sol, cuja primeira pedra foi colocada, há seis anos, pela doutora Annie Besant. Sra. Annie Besant proclamou o Cristo, em nome da Sociedade Teosófica.

"O novo Messias é um jovem hindu chamado J. Krishnamurti, que desde

1911 viveu na Inglaterra na França, onde fez a sua educação.

"Sete dos doze apóstolos que o devem acompanhar, durante a campanha de pregação que vai empreender, já estão escolhidos. Sra. Annie Besant e o patriarca australiano Charles W. Leadbeater, ambos conhecidos autores e propagandistas teosóficos, serão os chefes dos apóstolos. Sra. Annie Besant declarou recentemente, durante uma reunião de seus discípulos, que 'foi na esperança de evitar uma nova grande guerra, que o príncipe da paz apressou a hora de sua vinda, que não devia ter lugar senão daqui a alguns anos.'"

Em seguida a algumas outras particularidades de menos interesse, reproduz o jornal o comunicado epistolar que à "United Press" enviara, em janeiro, o seu colaborador Keith Jones, de Londres, contendo a entrevista concedida pelo Sr. Basil Howell, secretário da Sociedade Teosófica na capital inglesa, e rematando-a com as seguintes curiosas informações:

"Krishnamurti, que tem 30 anos, diz que se recorda dos fatos relacionados com as suas 31 existências anteriores. Em cada uma delas, ele diz, encontra provas da sua culminância na existência atual, como um corpo que abrigará o espírito do novo Cristo. Ele e os teosofistas, disse Howell, acreditam que, por uma decisão de Deus, o espírito do Cristo entrará no seu corpo e fará a sua aparição por meio de uma mensagem e Krishnamurti poderá então — e não antes — entregar à humanidade."

"Por causa dessas previsões os peregrinos do 37 países estão agora reunidos em casa de Krishnamurti, em Madrasta, vigiando o predestinado com olhares ansiosos."

"L. W. Rogers, de Chicago, secretário geral da sociedade, encabeça uma lista do 36 americanos. A Inglaterra tem 50 Peregrinos lá; a Austrália 75, a Suécia 13, a Nova Zelândia 9 e a Índia 1.500."

"Alguns desses peregrinos estão em Madrasta há várias semanas, e como os recursos de alguns estão escasseando, têm sido feitas orações no sentido de que o espírito se apresse e faça logo a sua aparição."

Mas o "espírito" — informemos por nossa vez — não se mostrou resolvido a atender a essas orações nem satisfazer tão ansiosa expectativa. E alguns meses depois, a 7 de julho de 1926, o mesmo jornal inseria um novo comunicado epistolar da "United Press", que começava por esta decepcionante notícia:

"Krishnamurti, o jovem hindu eleito para 'ensinar o mundo', pretende adiar sua estreia como novo messias, até a sua chegada aos Estados Unidos no próximo verão."

E prossegue:

"Krishnamurti chegou à Inglaterra em meados do mês de maio e todo o

mundo esperava que a doutora Annie Besant e seus colegas da Ordem da Estrela do Oriente o auxiliassem em sua tentativa para salvar o mundo. Mas ele foi para uma calma mansão nas imediações de Londres e se pôs a 'meditar' e estudar. Por essa ocasião ele fez também uma ligeira viagem à Holanda.

"Altos oficiais da Ordem da Estrela do Oriente, da qual Krishnamurti é o presidente, revelaram a "United Press" que ele não receberá seus plenos poderes do céu como novo mestre do mundo até o dia em que chegue aos Estados Unidos."

E mais adiante:

"Sra. Baillie Weaver, representante nacional da Ordem na Inglaterra, explicou ao representante da "United Press" a atual situação do messias. "Por enquanto, disse ela, ele é um ser humano vulgar; mas muito breve transformar-se-á num mensageiro divino, e ela espera que suas credenciais celestes cheguem quando ele tenha chegado à terra da América.

"Ele deverá ser um 'mensageiro divino', disse ela, 'um dos muitos enviados para mostrar à humanidade o caminho, a verdade e a vida."

"A Ordem acredita — remata o comunicado, após varias considerações — que o Cristo nasceu humano, e recebeu poderes divinos durante sua mocidade, quando foi escolhido para mensageiro divino. A mesma coisa, dizem, sucederá a Krishnamurti. E, se não suceder, eles terão perdido muito tempo e muito dinheiro, porquanto Sra. Annie Besant, "protetora" da Ordem e a principa teosofista, o adotou há quinze anos o ele tem sido apoiado e educado às custas da Ordem."

Não sucedeu, entretanto, e já agora, em face do rumo que tomaram os acontecimentos, não será temerário assegurar-se que não sucederá, podendo ser considerada, com o malogro completo que coroou a espetaculosa iniciativa dos teosofistas, encerrada a primeira fase do movimento audaciosamente coordenado pelo Anticristo para ludibriar o mundo com o anúncio do reaparecimento do Cristo e a irreverente paródia da sua missão de há dezenove séculos.

O fato encerra uma lição, que parece não ter sido compreendida, mas que cedo ou tarde o será por aqueles que, fiando-se de sua própria suficiência como "grandes iniciados", foram simplesmente vítimas de ilusões, arrastando outros, como eles, surpreendidos em sua boa fé pelo inimigo astuto, que nada respeita e a cujas manobras, variadíssimas em seus, não raro, insuspeitados matizes, só a profunda humildade, a incessante vigilância e o sincero desprezo e desconfiança de si mesmo lograriam esquivar-se.

Historiemos, todavia, os últimos sucessos.

*

* *

Estava iminente, como se viu, a investidura de Krishnamurti nos poderes divinos com que iniciaria a missão messiânica, iterativa e tão pomposamente anunciada. Não obstante os subterfúgios, adiamentos e protelações, o fato deveria produzir-se a breve trecho. Em lugar disso, porém, o que ocorreu foi um longo silêncio de três anos, durante os quais nenhuma outra notícia a tal respeito foi veiculada pela imprensa. Ao fim desse tempo a figura de Krishnamurti voltou a ser novamente posta em foco, mas assumindo atitudes e revelando propósitos de tal modo em franco antagonismo com os precedentemente manifestados que fazem supor ter-se operado uma profunda transformação em seu espírito.

Começou ele por dissolver, em agosto de 1929, a Ordem da Estrela, declarando que o fazia "porque não queria ter seguidores" e por entender que "a partir do momento em que um indivíduo siga a outro, deixa de seguir a verdade".

Era a apostasia de tudo que anteriormente fizera ou permitira fosse, em seu nome e com o seu assentimento, preparado e solenemente publicado. Mais ainda: exprimindo-se desse modo, condenava ele implicitamente o procedimento do Senhor Jesus e o de todos os grandes reformadores do passado. Particularmente, no que se refere ao Filho de Deus, a desrespeitosa insinuação é tanto mais injustificável quanto envolve um completo desconhecimento assim dos efeitos imediatos da sua ação sobre quantos o rodeavam como das consequências, bem cedo universais, da sua doutrina.

"A obra essencial de Jesus — observa realmente, com o seu fino tato psicológico, Ernesto Renan¹¹¹ — foi criar em torno dele um círculo de discípulos, aos quais ele inspirou ilimitado apego e em cujo seio depositou o gérmen de sua doutrina. Ter-se feito amar 'a tal ponto que depois de sua morte não cessou de ser amado', foi a obra prima de Jesus e o que mais impressionou os seus contemporâneos."

Pretenderá o Sr. Krishnamurti que os seguidores do Mestre, que viveram de fato a sua doutrina e realizaram pessoalmente o reino de Deus, do mesmo modo que os verdadeiros cristãos de todos os séculos, transportados de amor divino, a cujas inspirações consumaram obras imorredouras, deixaram por isso de seguir a Verdade, personificada n'Aquele que é "o caminho, a verdade e a vida"?

E, sem embargo, parece não renunciar de todo à esperança de encontrar um círculo, restritíssimo embora, de seguidores, quando afirma¹¹²: "se encontrar apenas dois, três ou meia dúzia de seres humanos que compreendam a Verdade e a vivam, isso será o bastante; com eles alterarei o mundo".

Separado deles, ou chefiando-os? — Por onde se vê o grau de coerência que

¹¹¹ A *VIDA DE JESUS*, cap. XXIII, "Caráter essencial da obra de Jesus".

¹¹² Veja-se a entrevista concedida por um adepto e publicada em *O Jornal* de 21 de setembro de 1929, da qual extraímos as declarações que vamos reproduzindo e se referem à extinção da Ordem da Estrela e aos novos objetivos do ex-Instrutor.

existe entre as suas sentenças e as suas atitudes.

Dissolvida a Ordem, não pretendeu por isso ficar nem tem ficado inativo. Quais sejam as suas novas intenções, di-lo na entrevista, a que em nota abaixo nos referimos, o fervoroso admirador da sua pessoa e adepto entusiasta das suas teorias, que delas nos dá uma primeira sumaríssima notícia.

"Seu propósito — adverte ele — não é formar ordens ou novas religiões, novos sistemas de pensamento ou novas filosofias: seu propósito único na vida é libertar, incondicionalmente, o ser humano, tornado-o por essa forma, verdadeiramente feliz, pois essa é a única maneira para chegar a tal."

Mas, ao mesmo tempo em que não pretende instituir novos sistemas de pensamento, "deseja, romper com todas as tradições, todos os pensamentos e todas as atitudes antigas, para estabelecer UMA NOVA TRADIÇÃO, UM NOVO PENSAMENTO E UMA NOVA ATITUDE PERANTE A VIDA".

A contradicção é evidente. Não menos o é, para quem tenha "olhos de ver", que o objetivo central, visado em tais propósitos iconoclastas, é a doutrina de Jesus. Qual é, de fato, o pensamento antigo, a antiga tradição, em curso no Ocidente e, mesmo, em grande parte do Oriente, senão o Cristianismo, que ele se propõe demolir, substituindo-o por criações de sua inovadora autoria?

E não somente isso. Aspirando sobrepor-se, em mal dissimulada rivalidade, a figura do Divino Mestre, incomparável modelo de todas as perfeições, oferecido, em sua vida e obras, como paradigma a todos que, por nosso atraso, permanecemos nesta esfera expiatória, ousa, ele que nenhuma obra de edificação realizou perante o mundo, inculcar-se como a suprema perfeição. "Eu sou — disse ele — aquela Flor Humana a qual todo homem, assim como toda a humanidade, tem de chegar."

Ampliação desse conceito autolátrico se encontra no "Esboço de sua vida e ideias", publicado no *BOLETIM DA ESTRELA*, edição de fevereiro de 1931, na qual vêm reproduzi-los dos pensamentos e ensinamentos, que são a espantosa revelação do fundo ateísta e negativo de suas intenções, ou melhor, do Adversário oculto, de cujas inspirações se tem ele, indubitavelmente, feito automático veículo.

Começamos pelo testemunho de sua pretendida sumidade.

"Ao passo que Krishnamurti — diz o biógrafo, sob a epigrafe 'A meta da evolução' — não se proclama como Instrutor do Mundo¹¹³ no sentido teosófico do termo, proclama contudo haver alcançado a meta final da evolução humana."

Sobre a ideia de Deus, entre as "perguntas" e "respostas" inseridas no aludido Boletim — método didático em que às vezes se compraz — eis como se pronunciou

¹¹³ Renunciou, como se vê, a suas primitivas, apregoadas pretensões.

ele, respondendo à interrogação que assim lhe fora dirigida:

"Sois de opinião que a experiência russa, de abolir Deus, constitua um crescimento na direção reta?"

"O homem — respondeu — cria a Deus por causa do medo. Os russos, ou qualquer outro povo, podem destruir a ideia de Deus; se porém, o medo permanecer, haverá criação de novos deuses; torna-se isto, portanto, uma questão de medo e de tomar objetos externos pela realidade, em vez de chegar à verificação de que a realidade reside dentro de nós próprios. A partir do momento que objetivamos a realidade, tem que dar-se a criação, necessariamente, de um 'eu sou' maior projetado como Deus. Porém na totalidade, na qual não existe nem objetivo nem subjetivo, não existe coisa que se pareça com 'tu' e 'eu'. Quando existir 'tu' e 'eu', há separação e daí, ilusão do objeto e sujeito, e por causa dessa, ilusão manifesta-se o medo e do medo dimana a busca do conforto. A esse santuário de conforto dais nomes tais como o de Deus."

Como lógica, é obscura, indigente e falsa, envolvendo ademais uma subtileza condenatória da distinção que o Divino Mestre fazia entre Ele e o Pai. Mas a ideia niilista, formalmente negativa da existência de Deus, reaparece, entre uma série de sentenças publicadas em o Boletim, na seguinte:

"Quando libertardes essa vida, que é divina, e consumardes essa vida, então vós próprios vos tornais Deus. Por Deus não entendo eu o Deus tradicional, porém sim o Deus que está em cada qual; e esse Deus pode somente ser realizado por meio da consumação da vida. Por outras palavras, não existe Deus, exceto Deus manifestado no homem purificado, tornado perfeito."

É a rebeldia integral, dissimulada com o rotulo de perfeição, que ele faz consistir na rejeição de toda dependência, de toda limitação, de toda ideia de subordinação. Aqui estão, em apoio, algumas de suas sentenças:

"Tendes que despedaçar todas as coisas, a fim de verificar; duvidar de tudo, a fim de descobrir."

"O caminho direto é o caminho único; a união simples é a melhor."

"Quando um homem houver compreendido este caminho, quando esta união houver sido conseguida, então o tempo e todas as complicações do tempo para ele terão cessado. Então será ele seu próprio Mestre, seu próprio Deus. E, chegando a ser isto, ele vê tudo."

"Uma desordem verdadeira, uma desordem divina (?) é necessária, a fim de produzir-se a divina ordem."

"Quando atribuíis à autoridade externa uma lei e ordem divina espiritual, sufocais, limitais essa mesma vida que pretendeis consumir."

"Crença, dogmas e religiões nada têm que ver com a vida e daí com a

Verdade."

"Para auxiliardes com êxito, tendes que haver transcendido a necessidade de receber auxílio. Para dar com verdade, tendes que haver deixado de ser aquele que recebe."

Tais são as ideias basilares em torno das quais gira toda a filosofia — se tal nome é possível dar-se ao amontoado de conceitos, que revelam um positivo desregramento mental — do novo demolidor do Cristianismo, todas elas impregnadas de insubmissão e rebeldia.

Do novo demolidor, dizemos mal. Porque é sempre o mesmo obstinado e impenitente Adversário que, pelo órgão de mais um de seus infortunados joguetes, reaparece, tentando os homens a sacudir, mais que o “jugo suave” que nos oferece o Cristo, a submissão filial que devemos a Deus, cuja existência ousa peremptoriamente negar, substituindo-a por um egocentrismo e uma autolatria, que foram a causa de sua própria queda e banimento.

Atente-se bem nas sentenças que aí ficam, divulgadas por turiferários, como o seu aparente autor, fascinados ao ponto de descobrirem sublimidade até em conceitos pueris e ineptos, e ver-se-á que o seu mal disfarçado objetivo é divorciar as criaturas do seu Criador, assim quando pretende fazer do homem “seu próprio Mestre, seu próprio Deus”, e proscreeve “uma lei e ordem divina espiritual” que os teístas atribuímos “à autoridade externa” — que outra não é senão o Autor de toda a vida, universal e humana, que Ele envolve penetra com o seu Amor — como ao insinuar que nos emancipemos da “necessidade de receber auxílio” e cessemos de ser “aquele que recebe”.

A isso é que ele chama “libertar incondicionalmente o ser humano”. Libertá-lo de toda crença e de toda religião, despedaçando todas as coisas e duvidando de tudo, a fim de, espiritualmente vazio, fazendo causa comum com ele, o Rebelado, emancipar-se do medo — motivo único, a seu ver, da criação subjetiva de Deus, que não existe — e assim romper toda ligação com o Criador Eterno, abstendo-se de, nos surtos da oração, pedir-lhe auxílio, para então poder auxiliar com êxito, e de receber a divina graça, para poder então dar com verdade.

Monstruosa tentação, mediante a qual nos convida, quando reduzidos a miséria espiritual, a dar o que? Nem sequer o fruto, mas a cinza venenosa de uma incredulidade, que seria o aniquilamento do espírito humano, se nele pudesse ter guarida semelhante aberração e o não defendesse a providencial tendência inata que o impele a gravitar, mesmo através de erros e incertezas, para Aquele que o criou.

Fazem momentaneamente exceção a esse impulso, transviados pelo Tentador, que lhes acena com a miragem de uma felicidade, que é mentira com tais processos e num mundo como o nosso, de expiação e banimento, os fascinados e invigilantes, a quem os desvarios da imaginação não permitiram discernir ainda o tenebroso plano

em cujas malhas se estão deixando enrodilhar.

Mas hão de despertar. E então, em lugar de descobrir “profundeza e alcance filosófico” em frase torpe como esta, proferida pelos lábios de Krishnamurti: “Sê um Deus e ri-te de ti mesmo”, terão aberto o entendimento para compreender que nela traiu-se involuntariamente o Anticristo e revelou todo o desprezo que lhe inspira o homem, obra prima de Deus, que lhe altíssimos destinos, mas que ele, o rebelado, se propõe nada menos que aviltar, arrastando-o à sua mesma perdição.

VII

Império mundial do Anticristo. - Apogeu de seu poderio em todas as esferas da atividade humana. - Fascinação exercida sobre grandes inteligências, reconduzidas ao catolicismo romano. - Manobras da Igreja no Brasil. - Sacrílega exploração da figura do Mestre.

Esse caso de Krishnamurti, que interessou durante alguns anos a opinião pública nos dois hemisférios, para afinal imergir na penumbra, eclipsado pelo tumulto das agitações políticas de nossos dias, é apenas um episódio das grandes manobras coordenadas pelo Anticristo, para subverter a humanidade na anarquia.

O que dissemos da ação desse moço, em função de uma de tais manobras, terá parecido aos que hajam com ele travado conhecimento pessoal não somente um ultraje ao ministério sagrado de que o acreditam investido, mas às suas próprias maneiras e atitudes insinuantes. Padecendo a mesma inibitória ação oculta, que lhes não permite discernir o fundo e o alcance tenebroso de suas teorias — e não temos dúvida em acreditar que ele próprio, sob a influência fascinadora que o envolve, o não perceba — dificilmente admitirão, antes repelirão, indignados, que a sedução pessoal, atraente e irradiadora que, afirmam com experiência própria, exerce ele sobre quantos se lhe aproximam, possa emanar do adversário implacável do gênero humano. Imaginam, certamente, que esse adversário, admitido que possa ou se queira manifestar, só o fará com a truculência própria de sua condição de revoltado.

Mas, sem falarmos na tentativa de calculada reabilitação que, pelo órgão da Sra. Blavatsky, foi insinuada — e já o analisamos, ao tratar da DOUTRINA SECRETA — bastará recordarmos a advertência do nosso Divino Salvador acerca dos falsos Cristos e falsos profetas, reproduzida no capítulo precedente, para compreender-se que os seus prodígios e maravilhas, para chegarem a enganar, se possível fosse, aos próprios escolhidos, só poderiam ser praticados sob aparências agradáveis, jamais em forma que denunciasse o seu fementido autor. Seria tão inábil o Anticristo, que procedesse doutro modo?

Como, porém, os que permanecerem na palavra do Senhor Jesus, sendo verdadeiramente seus discípulos, conhecerão a Verdade e a Verdade os libertará (JOÃO, VIII, 31 e 32), não lhes será difícil, a esses, pelo menos, de entendimento desanuviado, perceber as sutilezas do antagonista, reputado com razão o pai da mentira. Não será para isso necessário mais que analisarem, com serenidade e isenção de ânimo, as palavras do Tentador e as atitudes do que lhe sirva de intérprete.

Assim, em Krishnamurti, além das sentenças, francamente ateístas que no precedente capítulo acabamos de reproduzir, há em toda a sua doutrina, fragmentaria e subversiva, divulgada e entusiasticamente comentada por seus admiradores, um acentuado cunho de repulsa ao Criador Eterno, cujo nome ele se abstém, quanto possível, de proferir, fazendo-o de preferência quando formalmente interpelado, como no caso da pergunta sobre “a experiência russa, de abolir Deus”, que transcrevemos há pouco, mas para assegurar, como vimos, que a crença em Deus é um produto do medo.

Em contraste com o nosso Divino Salvador, cuja profunda experiência religiosa consistia na perpétua comunhão interior com o Pai, que nos recomendou adoramos em espírito e verdade, o Sr. Krishnamurti faz a apologia da Vida, sem Autor, que não admite, sem limitações nem restrições, para ser gozada na máxima plenitude.

"A consumação da vida — afirma ele através os comentários de um fanático admirador de suas teorias¹¹⁴ — se encontra na liberdade da mesma, no alijar de tudo que impede a mente e o coração de se expandirem livremente até se tornarem ilimitados. Para se adquirir esta qualidade de não-limitação é preciso que haja um trabalho contínuo de adaptação aos verdadeiros fins da vida, à medida que os formos descobrindo. Quando a adaptação for integral, não existirá mais resistência por parte da mente, e então o esforço cessa, a própria pujança da vida e o conhecimento ilimitado é que virão a ser os verdadeiros propulsores da ação — e de nada mais se necessita. Achando-se assim despedaçadas as barreiras que separam, o ser contém tudo em si mesmo e a si mesmo vê em tudo — a origem e a meta estarão reunidas."

Puro delírio autolátrico, em antagonismo àquela palavra tão profundamente reveladora do Senhor Jesus: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus".

Adversário do Cristo, como instrumento do Tentador, que o inspira e procura por todas as formas, direta e indiretamente, suprimir a ideia de Deus, em cuja suprema Unidade se opõe a que sejamos consumados, substituindo-a pela do Ego individual, compraz-se, entretanto, algumas vezes em imitar o Divino Mestre, ao responder a certas interpelações, mas com esta diferença capital: — enquanto as

¹¹⁴ Ver *DOCTRINAS DE KRISHNAMURTI*, pag. 97.

repostas do Senhor Jesus, penetradas de clarividente sabedoria, ora dissipavam qualquer dúvida com a eloquência dos fatos, ora devassavam, confundindo-os, a secreta intenção dos interlocutores, as de Krishnamurti se caracterizam pelo mais vulgar subterfúgio e por uma pobreza intelectual vizinha da puerilidade.

Dois exemplo, em paralelo, serão suficientes para o demonstrar.

Quando João Baptista enviou mensageiros ao Mestre, a perguntar-lhe se Ele em o Cristo, a resposta foi: “ide contar a João o que estais ouvindo e observando: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, o Evangelho é anunciado aos pobres; e bem-aventurado aquele que não encontrar em mim motivo de tropeço.”

Noutra ocasião, estando a ensinar no templo, anciãos do povo e principais sacerdotes, sempre mal intencionados a seu respeito, o interpelaram: "Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu tal autoridade?" Acreditavam embaraçá-lo, mas obtiveram esta pronta réplica: "Também eu vos farei uma só pergunta, e se me responderdes, então vos direi com que autoridade faço estas coisas. Onde era o batismo de João? Do céu ou dos homens? — E eles. Discorriam entre si: Se dissermos: Do céu, dir-nos-á: Porque, então, não lhe destes crédito? Mas se dissermos: dos homens, tomemos o povo; porque todos consideravam João como profeta. Responderam a Jesus: Não sabemos. E ele por sua vez lhes. declarou: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas".

Mas, para os não deixar sem edificação, logo, lhes propôs a parábola dos dois filhos, terminando por adverti-los: "Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entrarão primeiro que vós no reino de Deus." Porque João veio a vós no caminho da justiça, e não lhe destes crédito, mas os publicanos e as meretrizes lho deram; e vós, vendo isto, nem vos arrependestes depois, para lhes dardes crédito."

Com essa autoridade, que se impunha, fazendo calar os mais graduados antagonistas, falava o Senhor Jesus. Agora vejamos Krishnamurti.

Perguntando-lhe alguém: "sois o Cristo que volta à terra?" simulando ignorar que como tal ou, pelo menos, como seu veículo consentira que se fizesse anunciar, talvez já convencido de que era indigno de semelhante investidura, respondeu com esta evasiva: "Amigo, e tu quem pensas que eu seja? Se eu te disser 'sou o Cristo', criarás uma autoridade; se eu te disser 'não sou', criarás do mesmo modo uma outra autoridade". E para reforçar a pobreza do raciocínio, destituído, como se vê, da lógica mais elementar, acrescentou: "Pensas que a verdade tem algo que ver com aquilo eu tu pensas que eu sou?" para concluir, depois de calculado vanilóquio, com a seguinte enfática pretensão: "Bebe da água, se ela é pura. E eu te digo que possuo dessa água límpida, desse bálsamo que purifica e cura grandemente. E tu me perguntas quem sou? *Eu sou todas as coisas, porque sou VIDA.*"

Aludia certamente às suas teorias, subversivas de toda obediência e negativas da existência de Deus, a que ele opõe a sua própria raquítica pessoa, alucinada ao

ponto de inculcar-se como a realização total da vida.

O seguinte episódio, ocorrido nessa nova fase de sua atividade propagandista, revela ainda a força de sua argumentação. Alguém, que certamente notara a incoerência de suas opiniões e atitudes, fez-lhe esta pergunta:

"Se sois contra a autoridade espiritual, como é que vós, em pessoa, fazeis a volta ao mundo, realizando conferências e ensinando?"

A resposta foi:

"É muito simples: porque quero fazê-lo. Não vai nisso autoridade espiritual. Não exerço por tal a minha autoridade. Faço isso porque o quero fazer, por ver tanta tristeza estampada na face do homem."

Resposta, ademais, em contradição com um de seus próprios conceitos, formulado nestes termos:

"Fazei convite à tristeza com abundância de coração, pois que a tristeza proporciona o perfume do entendimento e é criadora do afeto."

Contraditório, pois, consigo mesmo, hesitante e desarrazoado em suas opiniões, inconsciente juguete do inimigo astuto, que lhe não respeita as intenções, senão malévolas — conviremos — de todo modo mal orientadas, não fazemos injúria a esse moço, considerando a sua breve projeção no cenário do pensamento contemporâneo, pela secundária importância que revestiu, mero episódio das manobras, com muito mais amplo objetivo, desferidas pelo Anticristo, certamente decepcionado, ele próprio, com a passividade, até certo ponto, esquiva, do jovem hindu a suas audaciosa injunções. Evidentemente falha nesse particular, nem por isso a sua ação irradiadora em todas as esferas da atividade humana se tem deixado de exercer, com poderio crescente, visando subverter a humanidade na mais completa anarquia.

Da direção dos povos, com efeito, em que o espírito de cesarismo se tem insinuado, com a apologia da força e o cerceamento de todas as liberdades, às relações dos homens entre si, mais que nunca empenhados num conflito de ambições, visando a exclusiva detenção dos bens temporais, com esquecimento absoluto de seus imortais destinos; das manifestações do pensamento na ciência, na filosofia, na literatura nas artes, caracterizadas por uma instabilidade e rejeição de todas as tradições do passado, que são outros tantas signos de decadência e esgotamento, em que a extravagância assume foros de originalidade, ao desregramento de costumes, filho da irreligiosidade que por toda parte predomina e a que uns restos da influência do Cristianismo, evanescem, já não conseguem opor apreciável resistência, em tudo se revela aquela ação nefasta, que atinge o apogeu em nossos dias.

Mais que em qualquer outra época da história humana a perspectiva é sombria.

*

* *

Plasmando, com descortina clarividente, em sua obra, vertida do russo para o castelhano, *UNA NUEVA EDAD MEDIA [UMA NOVA IDADE MÉDIA]*, a crise contemporânea em seus caracteres e significado profundo, Nicolau Berdiaeff demonstra que o movimento quinhentista da Renascença, abrindo o que ele considera, com justa propriedade, a era humanista, a cujo definitivo e irremediável ocaso estamos assistindo, foi operado no sentido de um deslocamento do centro espiritual da vida para a superfície desta. Ao começo impregnado do pensamento cristão, em cujas fontes hauria as suas mais fecundas e formosas inspirações, esse movimento, que em suas formas de expressão exteriores abrangia o domínio da ciência, da literatura e das artes, obedecia, no fundo ao impulso que, por nossa parte, denominaremos de involução religiosa, pois que, desviando-se progressivamente da Divindade, numa ânsia de irrefletida emancipação, e focalizando como eixo de suas elucubrações o homem, com toda a enganosa magia de seus poderes criadores, veio a soçobrar no estado de irreligiosidade visceral, que é a característica do nosso tempo.

A Berdiaeff não repugna admitir “não ter sido por obra do acaso que se realizou a história moderna, pois que “nela havia uma considerável tensão de forças humanas, tendo sido uma grande experimentação de nossa liberdade”. Sem embargo, reconhece que “o humanismo, em seu desenvolvimento separou a humanidade de seus fundamentos divinos”, conduzindo-a a um estado de esgotamento que faz recordar “o fim do mundo antigo, a queda do império romano, a exaustão da cultura da Grécia e de Roma, fonte-eterna de toda cultura humana”, dando lugar a que “a religião de Mamon¹¹⁵ se haja convertido na força dominante do século”. Conduzindo, todavia, mais longe a sua análise e definindo resolutamente problema religioso de nossa época, tal como se apresenta a um pensador de sua estirpe, adverte:

"Considerai o que é, descoberta e desnuda, a natureza do humanismo, desse humanismo que noutros tempos parecia, tão inocente e tão puro. Quando não há Deus, não há homem: tal é a revelação experimental do nosso tempo. Considerai o que é, desnudada e sem véus, a natureza do socialismo, agora que distinguia seus extremos limites. Outra verdade, porém, que não é menos evidente, que já não está encoberta por véu algum, é que não existe neutralidade religiosa, ausência de religião: à religião do Deus vivo se opõe a

¹¹⁵ Referência a uma expressão utilizada nos Evangelhos bíblicos que representa o apego materialista à riqueza terrena, em contraste com a riqueza das virtudes espirituais, conforme a sentença cristã "Não podeis servir a Deus e a Mamon" (MATEUS, 6: 24 e LUCAS, 16:13), muito bem desenvolvido em *O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO*, Allan Kardec, cap. XVI. Portanto, não se trata de uma individualidade, muito menos uma divindade; significa um espírito de ganância, cobiça, cupidez, etc. — N. E.

religião de Satanás; em face à religião do Cristo, a religião do Anticristo."

Feriu desse modo o que se tem usado chamar o ponto nevrálgico do assunto. O que, todavia, não fez, porque em sua pesquisa, conduzida do lado da sombra, que é a nossa posição terrestre, limitou-se à ponderação dos fatores visíveis, abstendo-se de remontar à perscrutação das origens remotas, em que se insere o seu determinismo oculto, foi assinalar, como se nos afigura claro, que todo o movimento de renovação ou, segundo ficou dito, de emancipação humanista foi o complemento de um plano, deliberada, intencional e sistematicamente posto em prática, sob os aparentemente mais justificáveis pretextos, pelo Anticristo.

Vimos que a primeira intenção deste fora aniquilar no nascedouro a obra cristã, cuja substância estrutural, em seus transcendentos efeitos, Berdiaeff patenteia, quando afirma: "a Redenção cristã é a única que conferiu ao homem o poder de levantar-se e, espiritualmente, se manter de pé", visto como "libertou o homem do império das forças elementares da natureza, em que caíra, tornando-se delas escravo". Frustrado o seu primeiro desígnio pela réplica vitoriosa da Ressurreição do Mestre, mas não esmorecendo com o esplendoroso recrudescimento da Fé, que dela resultou e contra o qual foram improficuas as implacáveis perseguições tramadas no invisível, transformou o Maligno a campanha de extermínio, pela agressão exterior, em manobra de deturpação interna e, senhor do pensamento dos homens, conduziu os frágeis e infiéis depositários do divino legado por todos os transviamentos, de conduta e de doutrina, que o tornassem, para a grande mamona dos homens, infecundo, falho, portanto, aos seus objetivos redentores.

Como, entretanto e apesar de tudo, ao lado do joio por ele semeado, continuava, no seio da cristandade, a germinar o trigo, sob a vigilância do Mestre, e não cessavam de florescer almas fiéis, e o Cristianismo prosseguia dominando os cimos do pensamento humano, suscitando as suas mais nobres e perfeitas criações, depois de ter promovido ele, o Maligno, por suas reacionárias inspirações, não o fervor, mas o fanatismo religioso por que se caracterizou a Idade Media, "não podendo impedir o despertar da consciência humana, em suas aspirações de liberdade, que a intolerância medieval agrilhoara — e tal foi a imediata causa propulsora da Renascença — apoderou-se desse movimento para, mais uma vez, estimular, levando-a a suas últimas consequências, a rebeldia do homem ao seu Criador.

Essa finalidade, e não o vasto movimento intelectual do humanismo, em si mesmo, tendente a desenvolver as potências criadoras do homem e favorecer o seu progresso, é que caracteriza a ação do Anticristo sobre o pensamento humano, desvinculando-o de suas raízes divinas.

Recorde-se o que dissemos precedentemente, nas "Considerações sobre o Anticristo", não só quanto a sua dupla modalidade — como predisposição, no homem, a afirmação egocêntrica de sua personalidade e como Entidade inspiradora e

centralizadora da ação exercida pelos inumeráveis seres espirituais obedientes à sua direção — mas quanto à universalidade e constância de semelhante ação, que chega a equivaler, por isso, na ordem espiritual, a inflexibilidade com que agem, no mundo físico, as forças dessa natureza, e não haverá repugnância — acreditamos — em serem admitidos os seguintes postulados:

A obra de redenção humana — tanto vale dizer de integração na Consciência e na Unidade Divinas, pelo despertar do Cristo interno, que todo homem traz latente em si, obra presidida pelo Filho de Deus, que um dia, em futuro remoto, a consumará em toda a humanidade — tem sido consideravelmente cerceada pelo Anticristo, mercê da receptividade natural que às suas reacionárias sugestões oferecem os homens. Dominador do pensamento destes, senhor, que ao mesmo tempo é, de vastos conhecimentos e recursos intelectuais, é ele o verdadeiro autor das obras humanas, em tudo o que não tendam a glorificar o Criador. As correntes de pensamento por ele desenvolvidas geraram o ceticismo filosófico, duplicado de ateísmo, que os absurdos dogmáticos, ainda por ele suscitados, no campo da religião parecia justificarem, tanto mais que a própria atitude da Igreja denunciava a incredulidade dos seus representantes. No domínio das ciências, ao lado das verdades fundamentais, que as pesquisas dos seus cultores punham de relevo, insinuou as ousadas conclusões da inexistência de Deus — objeto central de sua demolidora rebeldia.

Lançados assim os fundamentos da irreligiosidade, propicia a plenitude da sua dominação, estendeu a rede vastíssima de suas torvas sugestões não apenas sobre as mais variadas formas da atividade mental dos homens, mas sobre todas as suas organizações na esfera política e social, deturpando e corrompendo o que não podia destruir, pervertendo os costumes públicos e, dos próprios lares — núcleos de formação das sociedades humanas — fazendo escolhidos centros de seu infeliz império, pelas dissensões, incompatibilidades e desarmonias neles, por toda parte, frequentemente suscitadas. Tornou-se, numa palavra, senhor do mundo todo.

Exageramos? — Percorrei a história de todos os séculos e nos sucessos, coletivos e individuais, em que haja violação do preceito básico formulado pelo Cristo — “amai-vos uns aos outros” — encontrareis a intervenção reacionária do Anticristo.

Não a exerce ele, certamente, uniforme e sem contraste, pois que, de seu lado o amor infinito do Cristo, infatigável em sua vigilância universal, não cessa de projetar no santuário interior dos homens os influxos reanimadores do gérmen divino que neles jaz adormecido. Como, entretanto, para o despertar deste, se faz mister um vivo esforço constam passo que os estímulos do inimigo oculto se encaminham a favorecer a natureza inferior do homem, inclinada à expansão dos instintos egoísticos, a vantagem tem permanecido, evidentemente, do lado do Anticristo.

Dessa dualidade de influências que todos, mesmo os mais adiantados ou mais experientes, na romaria, das existências transcorridas, padecemos, tereis o

ilustrativo testemunho na contradição de ideias e atitudes observadas em um mesmo indivíduo, de tal modo somos todos conduzidos, quando menos, inspirados, constantemente, ora por uma, ora por outra das duas correntes de pensamentos adversos: a do Filho de Deus e a do seu antagonista. Felizes os que ainda oscilam entre essa dupla inspiração e se não tornaram inconsciente, automático e invariável joguete do Anticristo.

*

* *

Poder-se-iam multiplicar os exemplos de homens notáveis em cujas manifestações, orais ou escritas, ou em cujas, inesperadamente, contraditórias atitudes se patenteia aquela dualidade inspiradora. Como ilustração de nossa tese baste-nos, todavia, invocar os dois seguintes casos, omitindo os nomes de seus protagonistas, quanto ao primeiro, já restituído aos esplendores da vida imortal, por não macular, com o que poderia ser interpretado como ostensiva irreverência de nossa parte, a memória augusta de uma figura do cenário brasileiro, à qual votamos a mais carinhosa veneração, tanto pela eminência de seus dotes, como por se achar associada às mais comovidas recordações de nossa primeira mocidade, e quanto ao último, ainda sujeito às ilusões e enganos desta obscura região terrestre, por um motivo de prudência e discrição, fácil de compreender-se, muito embora num e no outro caso, pela reprodução de seus pensamentos e atitudes, venhamos, involuntariamente, a descobri-los. O nosso objetivo, radicado nas inspirações da Verdade, tal como nos sentimos no dever de a divulgar, não pode ser armar escândalo nem travar polêmicas.

A campanha que, pela imediata libertação dos escravos, se feriu no Brasil há cinquenta anos, pós em destaque, entre outras, uma empolgante personalidade, da qual, descrevendo-a em rápidos traços magistrais, disse um contemporâneo:

"...mago maravilhoso da grande ideia, havia operado a poderosa catálise sobre os espíritos: transmudara o pensamento emancipador em pensamento abolicionista. Radicalizara a solução do problema e postara-se diante dos interesses coligados do escravismo como o Anjo Vingador dos *damnati ad metalla*¹¹⁶ dos latifúndios. Entrara pelo Averno das senzalas e dentro, radiante de idealidade e brandindo uma espada de diamante: queria libertar Sísifo¹¹⁷ de

¹¹⁶ Traduzido do italiano, "condenado ao metal" é uma expressão da Roma Antiga que se referia a um tipo de pena, geralmente perpétua, a que eram submetidos certos criminosos, forçados ao duro trabalho escravo nas minas, modernamente interpreta como um "sofrimento eterno" — N. E.

¹¹⁷ Personagem da mitologia grega lembrado pelas suas astúcias e trapaças contra os deuses, razão pela qual foi condenado a empurrar uma pesada pedra até o lugar mais alto de um monte, de onde, inevitavelmente, ela rola de volta, forçando-o a recomeçar o mesmo trabalho indefinidamente — N. E.

sua pedra e Íxion¹¹⁸ de sua roda. O fascinante talento oratório, a imaginação poderosa, a fina sensibilidade artística, o tipo apolíneo, o entusiasmo, a irradiação pessoal, o prestígio da elegância, das viagens e da cultura, o gosto da popularidade, apesar das origens aristocráticas, tudo o qualificara magnificamente para essa missão libertadora."

Mas não a teria realizado com o êxito fulminante que a coroou, nem o seu verbo inflamado ecoaria tão profundamente no coração e na consciência de quantos fruíram o irresistível encanto de o ouvir, se o instinto da liberdade, maior porventura que a piedade humana que lhe inspirava a situação dos cativos e o fizera, desde estudante, esposar a causa da sua libertação, não fosse a tal ponto um decisivo fator na formação do seu espírito que, em toda a sua rápida e deslumbrante carreira política, nunca foi um homem de partido, obediente às injunções e conveniências gregárias, e jamais reconheceu, de fato, outro chefe que não fossem os ditames de sua própria consciência. Porque era, visceralmente, um cultor da liberdade, é que se fez o apóstolo da libertação dos escravos.

Pois bem. Pois bem. Encerrada, com a implantação da República, a sua carreira política e votado, mais que a voluntário ostracismo, a uma existência de meditação e de recolhimento, nos anos que imediatamente se lhe seguiram, esse homem extraordinário, que o ambiente intelectual do seu tempo havia tornado não um ateu, pois que a ideia de Deus jamais fora, totalmente banida do seu espírito, mas um indiferente, como tantos, em matéria religiosa, converteu-se ao catolicismo romano, ou melhor, foi restituído a crença em que fora educado e a cujas formas exteriores se havia prendido outrora coma vivacidade própria das primeiras inapagáveis impressões que recebemos na Vida.

Nada haveria que estranhar nesse fato, para o qual contribuiu poderosamente a imaginação, de tal modo opulenta nos mais variados matizes que um dos encantos, e não o menor, dos seus escritos e discursos consistia na variedades, por assim dizer, infinita e na originalidade das imagens com que enriquecia, tornando-os de alguma sorte palpáveis, sobretudo mais expressivos, os seus pensamentos.

Mas a imaginação, como a inteligência, também tem os seus perigos. Qual é, de resto, entre as faculdades humanas, a que não ofereça possibilidades de extravio?

Ora, na situação de maturidade que atingira o seu entendimento, sentindo a necessidade de crer, como o único sólido apoio que pode encontrar o homem, para conduzir-se em meio das vicissitudes e incertezas deste mundo, o ter-se deixado, "não por tendências místicas, mas pela imaginação, prender à Igreja romana", trouxe-lhe o inconveniente de subordinar a esse dom, puramente emotivo, as faculdades superiores do seu espírito. Porque, para submeter-se aos dogmas e práticas da Igreja,

¹¹⁸ A exemplo de Sísifo, personagem da mitologia grega, figurando a vilania e o crime hediondo, tendo sido condenado ao Hades (espécie de inferno) para cumprir a pena eterna de ser amarrado a uma roda girante em meio a ardentes chamas — N. E.

"abdicou da sua independência de pensamento, como de uma pobre coisa na esfera religiosa". Mais ainda: "reconhecendo que no amor somente está a percepção do divino" — o que é indubitável e já o temos, por nossa parte, proclamado — em lugar de recorrer diretamente à fonte divina do Evangelho e aí exclusivamente abeberar-se da profundidade espiritual e transfiguradora do pensamento do Mestre, por aquelas faculdades ao serviço do que constitui precisamente a deturpação desse pensamento e, seduzido pelos atrativos da liturgia, empenhou, para a justificar e defender, os recursos de sua vigorosa dialética.

"Se for provado — escrevia em suas notas íntimas, ulteriormente publicadas em volume — que um rito da Igreja é apenas a transformação dum rito pagão anterior; que o incenso já era queimado nos templos romanos, que o sacerdote na missa volve as mãos como o sacrificador antigo, tudo isto será apenas para mim um acréscimo de prestígio à cerimônia que se quer destruir. É um sistema curioso querer, para desenraigar uma crença, mostrar até que ponto suas raízes são profundas. Existem, todavia, espíritos, para os quais o golpe mais certo, com que as possa ferir uma instituição ou um costume, é provar sua antiguidade".

Esquecia contudo que tais práticas, de resto introduzidas na Igreja Cristã, como o assinalamos antes, por inspiração o Maligno, com o fim de materializar o seu culto, não foram instituídas pelo Divino Mestre, que, ao contrário, estabeleceu e definiu a sua exclusiva espiritualidade, no diálogo com a Samaritana. Elas não foram adotadas, a partir do IV século, senão quando a Fé já não animava de heroísmo o coração dos crentes. Derivativo, para substituir o estudo meditado da Palavra do Mestre, como fora praticado nas primitivas comunidades cristãs e para prender, antes pela imaginação que pelo sentimento, os que se distanciavam cada vez mais das inspirações daquela fonte, sem embargo da utilidade que tiveram na perpetuação do Cristianismo, ao menos, sob as formas culturais sobrepostas ao Verbo Divino que o fundara — utilidade que se deve reconhecer e não surpreender, pois que do próprio mal, quanto mais de simples transviamentos humanos, sabe Deus tirar o bem — tais práticas, entretanto, estão condenadas a desaparecer com o restabelecimento do cunho puramente espiritual do Evangelho, nelas mais uma vez se cumprindo aquela sentença do Senhor Jesus que anteriormente recordamos: "Toda planta que Meu Pai não plantou será arrancada".

Prendendo-se a elas com tão vivo entusiasmo, o grande homem, de que falamos, ao mesmo tempo que em toda a pureza de sua crença e de seus elevados sentimentos era indubitavelmente assistido por Aquele que devassa o mais íntimo de nossas intenções, franqueava, não obstante, ao inimigo astuto o ponto vulnerável de seu espírito, agasalhando inspirações como a que se vai ver. E aí é que pretendíamos chegar.

Fazendo o panegírico de um grande jesuíta, que se notabilizara por uma obra magnífica de catequese dos nossos aborígenes, teve para a Companhia fundada por Loyola e que de tantos crimes, por seus métodos abomináveis, se tornou responsável perante a história — instituição que faz de cada um de seus membros, despejando-os da própria consciência, um autômato, irresponsável e cego — as seguintes inconcebíveis expressões, que revelam ter-se obliterado no apóstolos da liberdade, que ele fora, o senso de sua enobrecedora vocação:

"Tomai qualquer objeto da natureza, seja uma planta, uma pedra, uma forma de vida e movimento, o que o caracteriza é a perfeição do plano, o definitivo, o acabado da execução. Há obras do espírito humano, há criações sociais que têm esta perfeição, de modo a se poder pensar que elas por sua vez entraram no plano da criação; que o espírito que as delineou, a multidão que as desenvolve e completa foi, como qualquer das forças físicas e químicas que compõem e governam um organismo, autômato da Natureza. A Companhia de Jesus é uma dessas estruturas que têm o cunho da perfeição natural e em que não se pode deixar de reconhecer uma inspiração, uma coesão, uma força de crescimento, superiores ao poder de qualquer homem isoladamente e aos recursos de qualquer grupo de homens fechados no planeta".

Ao que bastará, singelamente, opor-se, para desautorizar tão singular apologia do regime de escravidão absoluta adotado pela sociedade dos jesuítas, esta sentença lapidar do iluminado Paulo, já por nós aqui mesmo recordada:

"O Senhor é Espírito; e onde há o Espírito do Senhor, aí há liberdade".

*

* *

O outro caso é de eminente catedrático de uma de nossas escolas de ensino superior.

Há alguns anos, fazia-se pela imprensa — não temos dúvida em atribuir ainda o fato a inspiração oculta do Maligno — mais uma campanha de demolição do Espiritismo, e escritores católicos clamavam por uma coligação de cientistas e adeptos de seitas religiosas, para combater o inimigo comum, que lhes tirava o sono, sobretudo, com as numerosas curas de enfermidades de todo gênero. Quando mais intensa ia a atoarda e exigiam-se até dos poderes públicos severas medidas coibitivas da expansão do malsinado credo, o professor a que aludimos, "num espontâneo gesto de imparcialidade e desassombro, que só lhe podia ser honroso, recomendando-o ao mesmo tempo á gratidão dos espíritas estudiosos, lançou pelas colunas de importante jornal desta cidade o criterioso artigo de que vamos reproduzir os trechos principais e que, baseado em sólidos raciocínios, revelava de par com certo conhecimento literário do assunto, a elevação de seus predicados morais.

"Nas discussões mais ou menos acaloradas que já se vão travando em torno das doutrinas de Allan Kardec — exordia ele — há quem declare, que os homens de ciência precisam energicamente combater, sem mais exame, o Espiritismo. Eu, que não tenho ligação alguma nem com esta, nem com nenhuma outra seita religiosa, peço permissão para discordar.

"Os homens de ciência só poderão combater o Espiritismo, depois de se darem ao trabalho de o conhecer. Precisam, portanto, preliminarmente, ler alguns dos numerosos autores que se têm ocupado com o assunto; devem frequentar as 'sessões', para se pôr em contato com médiuns, experimentadores e sensitivos, de modo a controlar fraudes ou verificar fenômenos. Só depois disso é que poderão entrar no combate ao espiritismo. Antes, não. Seria leviandade ou má fé. O homem de ciência nunca deve ser um partidário apaixonado, não tendo o direito de se declarar, *a priori*, pró ou contra, qualquer coisa. Argumentar que tal ou qual fenômeno 'repugna à inteligência', é reproduzir no século 20 o 'horror ab vazio' com que os hidrostáticos da antiga ciência explicavam porque a água não subia nas bombas acima de dez metros. Não pode haver repugnância. por um 'fato'. O 'fato' precisa ser verificado, controlado, medido, examinado, discutido; nunca deve ser repellido por 'parti-pris'. Todo 'fato' novo, que surja no mundo, necessita, pois, de um exame lento, minucioso, delicado. Só depois disso é que se pode lançar a sentença condenatória. O cientista não se deve cansar de repetir experiências".

Fortalecendo esses conceitos, de puro bom senso, criticava em seguida a atitude de certos cientistas, destituídos do espírito de investigação, escravizados à rotina e refratários à marcha evolutiva da ciência, entre os quais os que ainda hoje negam valor aos problemas da psicologia e, recordando que "a ciência é baseada em hipóteses", insistia:

"Todo 'fato' deve, pois, ficar sujeito a um exame e, ao mesmo tempo, a sua explicação ficará subordinada a uma hipótese. Aliás, toda a ciência moderna está baseada em hipóteses, e o cientista deve estar habituado a lidar com elas. Anteontem a Física tudo explicava pela emissão de fluídos; ontem já outra era a hipótese — ora, a, vibração de um meio ultraelástico — o éter — que dava satisfação aos investigadores, quando queriam elucidar aqueles mesmíssimos fenômenos — que hoje se tornam mais fáceis de entender com a teoria eletromagnética de Maxwell".

"É que — acrescentava — a hipótese varia, segundo os dados colhidos. Cada século, cada meio século, cada quarto de século vê surgir uma nova hipótese, lidimamente científica."

E, depois de referir-se aos fenômenos de efluviação ódica descritos pelo barão von Reichenbach, "tido por um louco, que convivia com almas do outro mundo no seu

famoso castelo”, os quais, entretanto, foram reabilitados pela radioatividade, que ninguém hoje põe em dúvida, passando em seguida a recordar “crendices e verdades”, abordava, finalmente “os fenômenos espíritas”, argumentando:¹¹⁹

"O verdadeiro homem de ciência, portanto, não deve ter nenhuma repugnância em investigar os novos e curiosos fenômenos que apresenta o espiritismo. Investigará, constatará, provará. Não tirará conclusões, se quiser, deixando que os crentes formulem uma hipótese apressada, que darão como a única verdade. Que mal há nisso? A hipótese em ciência é sempre transitória, e assim, pois, até que se demonstre o contrário, é sempre aceita a que explica da melhor maneira a maior soma de fatos. A doutrina espírita explica da melhor maneira os fatos conhecidos? Os sábios devem humilde e sinceramente declarar que ela é a boa hipótese ou, se preferirem, a boa doutrina. Ela não explica satisfatoriamente a fenomenologia atual? Então cumpre substituí-la por outra explicação mais de acordo com o que há sido observado".

Após falar do que “anda por aí tratado por gente incompetente que, de boa fé talvez, deturpa os resultados”, concluía por dar, nestes termos, o seu depoimento pessoal:

"Eu, que tenho vivido a maior parte da minha existência preocupado com assuntos de ciência, tenho sempre manifestado a maior curiosidade em conhecer o espiritismo. Li os livros essenciais da doutrina, assim como aqueles outros que a têm estudado cientificamente. Entre estes, um dos que mais me impressionaram foi o do engenheiro Grünewald, de Berlim, intitulado "Experiências psicomediúnicas". Nesse maciço volume são tratados fatos assaz curiosos, que os nossos cientistas teriam grande lucro em conhecer".

E, entrando a assinalar a esquivança de certo número de espíritas, principalmente de espíritas brasileiros, a um contato, que seria proveitoso, com os homens de ciência e, da parte destes, a indiferença por uma seara rica dos mais inesperados resultados para o alargamento dos conhecimentos humanos, concluía:

"O que é preciso, parece, é metodizar a experimentação espírita, variando uma a uma as condições fundamentais, para obter, por essas variações, resultados diversos e compará-los então. Ora, o hábito da experimentação não deve ser muito frequente entre espíritas leigos, embora munidos da melhor vontade e cheios de sinceridade, mas é — ou pelo menos deve ser — apanágio dos homens de ciência. A estes, portanto, é que cabe a diretriz a dar aos estudos que devam ser feitos. Fora disso, é perder tempo. Urge, pois, em benefício da

¹¹⁹ Força ódica foi uma teoria desenvolvida pelo barão Carl von Reichenbach (1788-1869), uma grande personalidade alemã de seu tempo, industrial, metalurgista, naturalista, químico e físico, autor de grandes inventos, por exemplo, o querosene, a parafina e o fenol antisséptico. Sua tal força ódica é similar à ideia do "fluido magnético" de Franz Anton Mesmer (o pai do Magnetismo Animal), desenvolvida por Allan Kardec como "princípio vital" (ver *A GÊNESE*, especialmente o cap.X "Gênese orgânica") — N. E.

Verdade Eterna procurada por todos, que espíritas e sábios se deem as mãos e trabalhem juntos”.

Não podia semelhante pronunciamento, de um verdadeiro cientista, expectante e sincero, deixar de impressionar favoravelmente. Certo é que a campanha de hostilidade esmoreceu, vindo a cessar algum tempo depois. De surpreender, entretanto, é que, pouco mais tarde, o seu autor, tomado subitamente de fervor devocional, enfileirava publicamente ao lado de alguns intelectuais que, entre nós, se têm prestado a certas calculadas manobras do clero romano, empenhado em organizar “páscoas” coletivas, de militares, de engenheiros e médicos, muito ufano em demonstrar ostensivamente que o seu jugo dogmático já se não limita a pessoas incultas, mas tem ultimamente alcançado as classes mais representativas, da mentalidade brasileira.

Para quem tenha “olhos de ver”, consoante a expressão evangélica, é indubitável que o professor de que nos ocupamos, homem culto, cuja arregimentação nas fileiras reacionárias valeria nada, menos que por assinalada vitória do romanismo, padeceu, ignoramos se da parte do elemento clerical, militante e visível, mas certamente dos elementos do invisível que o manobram, formidável pressão, que lhe subverteu a mente, fechando-a para a desassombrada pesquisa da Verdade, que tanto preconizara e se encontra na Revelação Nova, e capturando-a nas malhas da fé cega e sem discernimento.

*

* *

Significativo, próprio a desafiar qualquer outra explicação que não a nossa, é o fato, que acabamos de assinalar, de ter nos últimos tempos a igreja romana readquirido nas camadas intelectuais da sociedade brasileira um prestígio que havia totalmente perdido.

Há cerca de trinta anos, o padre Julio Maria, numa de suas famosas conferências, queixava-se amargamente do descrédito em que caíra o clero, ao ponto de ser olhado quase com desprezo, e conclamava, alarmado, contra essa diminuição moral, que se lhe afigurava imerecida.

A igreja, com efeito, perdia terreno constantemente nas inteligências, cujos anseios se tornara incapaz de satisfazer, e tinha de contenta-se com a fidelidade, meramente passiva, das pessoas incultas e um ou outro intelectual, por assim dizer, envergonhado da timidez que o mantinha obediente ao preconceito com que não ousam romper, da tradição e da rotina em que fora educado.

Nos últimos anos, entretanto, sem que modificação alguma fosse introduzida no velho e emperrado arcabouço dogmático, mas graças a certas manobras, das quais

a principal, nitidamente política, foi a elevação de um prelado brasileiro ao cardinalato — único até agora na América do Sul — a situação mudou, intensificando-se a propaganda pela restauração do culto, em suas pompas exteriores, e sendo por último obtida a colaboração de alguns homens inteligentes que, pelos jornais e em conferências públicas, se têm pertinazmente votado à reabilitação do catolicismo romano, inculcando-o como a única doutrina salvadora da sociedade brasileira e do mundo, que se vão rapidamente subvertendo na dissolução moral.

Serão todos sinceros? Estarão realmente convencidos de que a igreja romana, com as suas práticas devocionais e o seu espírito reacionário, será capaz de resolver a tremenda crise universal contemporânea e oferecer o remédio que salve a humanidade da descrença e do materialismo, em cujas garras sucumbe desorientada? Estarão, de boa ou de má fé, confundindo o Cristianismo com o catolicismo romano, que é a sua antítese, e acreditarão, de fato, na possibilidade da galvanização desse instituto moribundo, apesar de todas as aparências em contrário, que se tornou inconsciente joguete e instrumento do Anticristo?

Não culminamos. Digam os fatos por nós, em breve paralelo, se a herança do Senhor Jesus à humanidade — herança de amor e de indulgência, de simplicidade e de pobreza, do sincero desprendimento dos bens materiais, rica, porém, de humildade e fé — se acha religiosamente conservada pelos que se inculcam seus depositários exclusivos, desde os altos dignitários do Vaticano, a começar do papa, aos membros inferiores do clero, regular e secular, espalhados pelo mundo, abstração feita das exceções individuais que, em todas essas categorias, sobretudo nas últimas — e já lhes rendemos, em capítulo anterior, o testemunho de justiça que lhes é devido — ainda se encontram, abonadoras de virtudes que se perderam para a grande maioria, constituindo a modesta porção de "trigo", abafada na generalidade do "joio" triunfante.

Não recordaremos agora, as deturpações e erros de séculos, acumulados, por sugestão sempre do Maligno, em torno da doutrina do Senhor, aos quais, de resto, já nos temos referido. Na massa considerável de práticas atentatórias da letra e do espírito do Evangelho, vamos escolher alguns poucos fatos e atitudes recentes da igreja, suficientes, pelo contraste que oferecem àquele espírito e letra, para demonstrar que o mundanismo da velha instituição — obra ainda e sempre do Maligno — a invalida para o movimento de regeneração espiritual de que, para salvar-se, necessita o mundo.

Obra do Maligno, repetiremos. Porque não são os nossos irmãos, sacerdotes e servidores da igreja romana, por ele fascinados, que inculpamos dos delitos de lesa Cristianismo e cuja invigilância os tem feito sucumbir às ardilosas sugestões, mas ao próprio Anticristo e seus agentes é que atribuímos a autoria de tais práticas, de que — temos certeza — se não de, em futuro previsivelmente remoto, penitenciar,

quando, nos imprescritíveis desígnios de Deus, soar a hora de “conversão de Lúcifer”. Por enquanto, ufano do “poder das trevas”, que personifica, pertencem-lhe, e não aos homens fracos, a autoria e a responsabilidade das violações da Lei do Mestre, expressas nos fatos e atitudes que vamos relevar, pondo-os em paralelo com o que fora pelo Mestre instituído.

Despojado dos Estados Pontifícios e recebido o golpe final com a entrada das tropas garibaldinas na Cidade Eterna — coroamento da obra de unificação empreendida por Cavour — o papa entrou a considerar-se prisioneiro no Vaticano, atitude invariavelmente observada por seus sucessores durante quase sessenta anos. Era um amuado protesto, essa atitude passiva, contra a espoliação do reino que lhe fora arrebatado e se obstinava em conservar na Terra, em antagonismo com o do Mestre que, expressa e terminantemente, o declarara não ser deste mundo.

Vasta associação internacional de interesses políticos e — por que não dizê-lo? — também pecuniários, não podia o papado conformar-se indefinidamente com tal situação. O ensejo para uma, há tanto, ambicionada transigência, ofereceu-o o ditador da Itália, há poucos anos, mediante o famoso "acordo de Latrão", em virtude do qual o papa recebeu uma farta indenização pecuniária, cessando assim a sua hostilidade surda à Coroa Italiana e sendo ao novo e minúsculo Estado Pontifício adjudicado o território adjacente ao Vaticano, sobre cuja "cidade" entrou o chefe da igreja a exercer a cobiçada soberania, reconhecida por todas as potências, de príncipe deste mundo.

A indenização, a que já nos referimos anteriormente, somou 750 milhões de liras em dinheiro e um bilhão em títulos italianos de cinco por cento, correspondendo a oitenta milhões de dólares que, juntos à fortuna, do Vaticano, segundo o depoimento de um ex-deputado da Itália, perfazem o respeitável total de 110 milhões, equivalentes, em moeda brasileira, a cerca de um milhão e cem mil contos de réis.

"A transformação do Vaticano em um banco e escritório de propaganda política — comentou ironicamente o aludido ex-parlamentar — constitui um dos fenômenos mais curiosos da renascença religiosa."

Mas não foi a única. Das notícias então espalhadas pelo mundo, através as agências telegráficas, acerca da Constituição promulgada, cumpre respigar, entre outras, as seguintes, reveladoras da mentalidade puramente mundana que preside às deliberações do pretendido chefe da cristandade e Vigário do Cristo sobre a Terra.

"Concomitantemente à publicação da Constituição Papal — informara em seu serviço telegráfico um matutino desta capital, ocupando-se das 'regras de acesso e permanência na cidade do Vaticano' — que estabelece a suprema autoridade do papa no Estado da Santa Sé, o comandante Serafini, governador

da Cidade do Vaticano, publicou as regras relativas ao acesso e à permanência na Cidade do Vaticano, estabelecendo que todo aquele que desejar entrar deve fazer-se reconhecer pela guarda militar papal, que ficará à porta. A pessoa que quiser entrar dirá também o motivo da visita, comprometendo-se a seguir as indicações dos guardas. A entrada e a permanência só serão permitidos entre seis da manhã e onze da noite. Os transgressores dessas regras serão punidos com uma multa máxima de nove mil liras ou uma prisão máxima de seis meses."

Medíocre esse fato — reconhecemos — não obstante o espírito mercantil, que revela a natureza da penalidade comimada aos transgressores das regras em questão, sobreleva-o, por sua gravidade, o que se refere à “pena de morte, na Constituição da Cidade do Vaticano, em execução após a assinatura pelo papa Pio XI e publicação nos *Acta Apostolicae Sedis*, boletim oficial da Santa Sé”, pelo mesmo tempo divulgado na imprensa.

"Essa Constituição — referiram então os jornais, sem nenhuma contestação — estabelece o processo penal da Cidade do Vaticano, exceto na parte que concerne à competência dos tribunais, ou quando o poder é transferido aos territórios italianos para a punição de crimes. As seguintes reservas ao Código Penal Italiano serão executadas na Cidade do Vaticano: 'Quem quer que atente contra a vida do rei, da rainha, do regente ou do príncipe herdeiro, ou contra qualquer chefe de Estado estrangeiro, o chefe do governo italiano ou de qualquer outro governo estrangeiro, será punido com as mesmas penas, que sofreria se o crime fosse cometido no território das vítimas". Qualquer atentado contra o Pontífice será punido de acordo com o artigo 1 da Lei Italiana de Novembro de 1926."

"Essa lei determina a execução do criminoso por fuzilamento."

Assombroso, não é verdade? Aquele, que se inculca representante e “Vigário” do Cristo que, sobre ter vindo ratificar a Lei mosaica — o Decálogo — e dela, portanto, o insofismável preceito “não matarás”, não somente instituiu o perdão como regra de conduta entre os homens, senão que o suplicou ao Pai para os seus desvairados algozes, e cujo ministério divino se definiu pela inesgotável, imensa piedade com que se debruçava sobre todas as dores, misérias, necessidades e erros humanos, aquele — dizemos — que ainda se pretende sucessor de Pedro, a tal ponto se divorciou do Espírito e dos ensinamentos do Mestre e consentiu lhe obliterasse a consciência o Anticristo, que não trepidou em escandalizar a cristandade, pondo sua assinatura numa lei bárbara que estabelece o assassínio legal, ou seja, a pena de morte “por fuzilamento”, quando semelhante penalidade tem sido sumariamente banida dos códigos de nações verdadeiramente civilizadas, o Brasil, por exemplo.

Diante desse escândalo máximo, empalidecem todos os outros deslizos a que o

papado, por instigação do Espírito maligno, tem sido automaticamente conduzido.

Recordemos ainda o seguinte. Em complemento de suas funções de imperante secular, na soberania de cujas atribuições se incluem os negócios financeiros, determinou o papa ao governador da Cidade e este, por sua vez, segundo foi igualmente divulgado pela imprensa, "expediu as necessárias ordens para a cunhagem de moedas pontifícias de prata e de níquel, no valor total de um milhão de liras."

Por mais esse gesto, portanto, que — não há dúvida — se integra na lógica de suas atitudes como fiel devoto de Mamon, o papa se colocou em antagonismo com o Senhor Jesus, cuja repugnância pelo dinheiro Giovanni Papini, que o denomina pitorescamente "o esterco do demônio", em sua *HISTÓRIA DE CRISTO*, assinala ter sido tamanha, que nem sequer lhe tocava. E recorda o episódio em que os fariseus, com o fim de apanharem o Divino Mestre em alguma palavra, lhe enviaram, com os discípulos deles, os herodianos, a perguntar-lhe se era lícito ou não pagar o tributo a César, ao que, "tendo percebido a malícia deles", Jesus retorquiu: "Por que me experimentais, hipócritas? Mostrai-me a moeda do censo. E eles lhe apresentaram um dinheiro". Sem lhe tocar, interrogou: "De quem é esta efígie e inscrição?" De César — responderam. "Então lhes disse Jesus: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus."

Hoje, transformado em César ele próprio, o papa já não paga o censo, mas, ao contrário, o arrecada no vastíssimo arrastão que a igreja tem estendido pelo mundo, e faz cunhar moedas, em que não cora de ver gravada sua efígie.

*

* *

Abreviemos. O Senhor Jesus, ao dar instruções aos seus discípulos para o exercício do sagrado ministério de que os investia, lhes recomendou: — "Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios; daí de graça o que de graça recebestes. Não possuiais ouro nem prata, nem tragais dinheiro em vossas cintas, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão."

Observadas literalmente pelos apóstolos, consoante os usos e o tempo em que lhes foram transmitidas, e mais tarde por Francisco de Assis e seus companheiros, que nelas se inspiraram, essas previdentes recomendações, nunca o seu espírito devera ter sido olvidado pelos que assumiram, séculos a fora, o compromisso e as responsabilidades de perpetuar, entre os homens, os ensinamentos do Mestre. E esse espírito — não a letra, que dera seus frutos necessários e oportunos — exigiria que os discípulos de todos os tempos, animados da mesma fé transfiguradora e, por sua humildade e desprendimento, assistidos do poder divino, que opera as maravilhas, não somente realizassem as mesmas obras de misericórdia que os seus modelos

primitivos, mas, no que se refere à indumentária, observassem a simplicidade, a sobriedade, mesmo a pobreza, de nenhum modo incompatível com o decoro das funções religiosas.

Em lugar disso, que fez o Anticristo, à medida que se foi assenhoreando da mente, da vontade e da consciência dos invigilantes sucessores dos apóstolos? — De insinuação em insinuação, conseguiu fazer do chefe da igreja uma figura antiética do Fundador do Cristianismo. Por que, enquanto o Senhor Jesus, num gesto de expressivo simbolismo, lavou os pés aos seus apóstolos, o papa dá o pé a beijar; enquanto o Mestre, em contato direto com as multidões sofredoras, palmilhava as estradas da Palestina e entrava pessoalmente na casa dos publicanos e dos pecadores, para lhes levar a salvação, o papa, a semelhança de um bonzo chinês, Se faz transportar na “sedia gestatoria”, aos ombros de vassallos, acompanhado pelo séquito pomposo dos cardeais, “das guardas nobre e suíça e da corte romana”. Já não podendo edificar o povo com o exemplo das virtudes cristãs, ostentam, para as substituir, vistosos trapos. Enquanto o Cristo de Deus não tinha uma pedra em que reclinar a cabeça e envolvia-se em modesta túnica inconsútil, o papa, no sumptuoso palácio do Vaticano, acessível só mediante regras protocolares, ostenta riquíssima tiara, cada uma de cujas coroas encerra verdadeiros tesouros em pérolas, esmeraldas, safiras e rubis e, num sibirítico requinte de indumentária, possui "o guarda-roupa mais luxuoso do mundo", sendo quase todos os ornamentos de suas roupagens "bordados a ouro e pedras preciosas".

Que significa toda essa ostentação, própria somente de filhos do século e príncipes deste mundo, senão que a pobre vítima do Espírito maligno perdeu totalmente o senso da natureza puramente espiritual de suas apostólicas funções?

Mas devemos abreviar. E abreviaremos, assinalando um dos mais audaciosos golpes, vibrado pelo Anticristo, não já sobre um homem, nem sobre um grupo de homens representativos da hierarquia eclesiástica, mas sobre a consciência de toda a cristandade, obnubilando-a ao ponto de não terem sido, até hoje, percebidas as suas verdadeiras intenções.

É sabido que entre as primeiras gerações cristãs a figura do Divino Mestre se apresentava e era sempre virtualmente representada na atitude gloriosa da ressurreição, única, de resto, compatível com o seu triunfo real sobre o Espírito das trevas, que o fizera conduzir ao patíbulo. Os que têm visitado as catacumbas, em Roma, atestam que, do mesmo passo que o peixe se encontra frequentemente insculpido como um símbolo cristão, alusivo, num engenhoso acróstico, formado com o vocábulo grego *Ichthyos* (peixe), à frase "Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador", é raro ver-se o sinal da cruz nas catacumbas, sendo provável que somente aí aparecesse ao fim da idade heroica do Cristianismo. Porque, segundo observa um cronista que as visitou, os cristãos "não gostavam de reproduzir esse instrumento, que era empregado para castigar os criminosos e não queriam submeter a

humilhação de Jesus ao ridículo dos pagãos."

Natural. Quem haverá que, tendo tido o desgosto de ver seu pai, ou irmão, um ser muito caro, em suma, suspenso da forca, fosse por que motivo fosse, teria a irreverente lembrança de fazer reproduzir a sua figura nessa atitude de vencido? Ora, enquanto o Cristo ressuscitado é o signo deslumbrante do triunfo, por último, alcançado sobre os seus algozes, o Cristo, na atitude da crucificação, é o testemunho da vitória, aparente embora, sobre Ele alcançada pelo Espírito das trevas.

Foi, pois — não haja dúvida — esse implacável inimigo que fez, por suas inspirações satânicas, reproduzir e perpetuar a figura do nosso Divino Salvador na atitude humilhada que recorda o triunfo por ele, Espírito maligno, obtido sobre o seu corpo. Em testemunho do poder das trevas. Como desafio e advertência a quantos, em todo tempo, expondo-se à mesma sorte, ousassem, a exemplo do Mestre, resistir-lhe.

É certo que, burlando-lhe as intenções e desafiando, a seu turno, as iras do Maligno, a imagem do Senhor Crucificado tem sido uma perpétua fonte de piedade e exaltação dos amorosos e venerativos sentimentos da cristandade ao seu Divino Salvador, tanto como de reprovação à crueza de seus execrados algozes. Poder-se-ia ainda alegar que, num mundo de sofredores como o nosso, a Cruz, transformada pelo Filho de Deus em símbolo de redenção, tem sido mais poderoso estímulo de resignação e humildade para os corações despedaçados pela Dor, do que o seria a imagem do Cristo ressuscitado e triunfante, no qual, todavia — cumpre não esquecer — se encerra emblematicamente o radioso testemunho da imortalidade, em que todas as nossas penas se dissipam. E que maior estímulo que esse?

Tal, porém, não convinha ao rancoroso adversário. Por isso esforçou-se ele em transformar a doutrina de vida eterna e de esperança numa religião em que predominam as ideias de morte e de tristeza. E se, em lugar do Mestre redivivo, a recordação que dele fez perpetuar, na atitude de supliciado, longe de corresponder a suas amedrontadoras intenções, não cessou, apesar de tudo, de constituir inesgotável fonte estimuladora de virtudes resignadas e pacíficas, isso apenas serve para demonstrar que o Senhor, na insondável profundidade de seus desígnios, sabe do próprio mal tirar o bem.

Mas aproxima-se o tempo em que todas as coisas terão de ser restabelecidas em seu verdadeiro sentido.

Para o impedir é que o Espírito do mal tem multiplicado esforços, intensificando a pressão exercida sobre os homens e, em particular, sobre a Igreja que, de refúgio do pensamento Cristão, como devera fielmente conservar-se, logrou ele transformar em potência política e mundana, preparando-lhe o golpe final, nem sequer suspeitado pelos seus representantes, por ele fascinados. Trama, com efeito, o seu aniquilamento, na hora das grandes convulsões, que se aproxima.

Porque, apesar de todas as deturpações e da materialidade a que reduziu o

culto, para a qual tem concorrido a incredulidade do próprio sacerdócio, apesar da irreligiosidade que por toda parte predomina e é a característica do nosso tempo, essa Igreja, por sua vasta organização, e pelos institutos de beneficência que mantém, representa um poder moral apreciável, e em seu seio ainda encontram muitos a satisfação e o sustentáculo religioso de que necessitam. Não basta, portanto, ao Anticristo havê-la mundanizado ao último ponto, quebrantando-lhe o ascendente espiritual, consideravelmente diminuído, é certo, sobre o mundo cristão, mas que ainda constitui um elo de coesão entre os seus fieis. É preciso aniquilá-la totalmente, completando a obra de desvinculação moral e de anarquia que, em seu ódio ao gênero humano, o Anticristo, que o domina, mas detesta, vem sistematicamente consumando. E para isso a manobra mais segura, de resto já gradualmente posta em prática, através os séculos, em sucessivas fases da existência dessa igreja, é enredá-la e comprometê-la, mediante vínculos de associação política e interesseira, na mesma sorte reservada aos Estados, organizados na base do egoísmo e ambição de seus dirigentes, visando a exploração dos povos. Fatigados desse Jugo, ou melhor, desorientados por esse cunho odioso impresso à direção altruística e tutelar, com que cumprira ser; mas jamais foi, exercido o governo em todos os tempos, o que a perspectiva da nossa convulsionada época anuncia, como sombrio prognóstico, é uma sublevação desses povos, saturados de irreligiosidade e ansiosos por novas formas de governo, de que a Rússia soviética lhes oferece o paradigma, na ilusória esperança de uma felicidade que jamais obtiveram e que, de resto, jamais será realizável neste mundo, enquanto for a esfera expiatória que tem sido.

Os velhos Estados burgueses, apoiados no capitalismo internacional e nas baionetas dos exércitos, enquanto se lhes conservarem fiéis, lutam desesperadamente por manter a antiga organização, tentando rejuvenescê-la sob formas de nacionalismo cesarista e agressivo, buscando para o problema econômico, erigido em supremo objetivo da vida social — puro nacionalismo — soluções de emergência, mas exercendo violenta compressão sobre todas as liberdades, o que manifesta a insustentabilidade, por muito tempo, de semelhante posição. Porque, mudada e invertida a forma do conceito de Paulo, que há pouco recordamos, pode afirmar-se com segurança: "Onde não há liberdade, não assiste o Espírito do Senhor". E tudo o que for construído fora desse Espírito está irremediavelmente condenado a desaparecer.

Todas as velhas formas de opressão, portanto, quaisquer que sejam os derivativos sob que as mascarem para iludir o povo, serão aniquiladas, para dar lugar ao império da liberdade e da justiça e da fraternidade, fundamentos da nova ordem social que, sob as inspirações do Cristianismo, restituído a sua pureza originária, será instaurada em todo o mundo, precedida, entretanto, das violentas convulsões a que temos aludido, profetizadas pelo próprio Mestre, e cujos pródromos, como nuvens ameaçadoras acumuladas no horizonte, se apresentam visíveis a quantos tenham

olhos de ver.

Ligada a sorte do papado, por numerosos vínculos de interesse, a dos Estados burgueses, é indubitável que será também ele arrebatado no turbilhão devastador. Inconsciente desse perigo, por ter perdido, há muito, o senso de sua vocação e, sob a influência do Maligno, deixado que lhe fossem interceptadas as efusões do Espírito Divino, continua a igreja de Roma, ou melhor, o partido político em que por fim degenerou, a envidar esforços por consolidar as relações de solidariedade e dependência com aqueles Estados, tentando restabelecer antigas alianças, se não com os velhos países da Europa, cuja possibilidade parece definitivamente perdida — o acordo de Latrão não chega a constituir propriamente uma aliança, mas um *modus vivendi* — pelo menos, consoante o apreciaremos em seguida, com um país novo como o Brasil, vasto mercado para o comércio religioso, que unicamente o preocupa.

Antes de examinarmos, em seus vários aspectos, essa tentativa regional, devemos assinalar ainda, uma audaciosa manobra do Anticristo, lançada por intermédio do Vaticano, com intuito, que só os seus fascinados joguetes não percebem, de menoscabar a figura do Divino Mestre, sob a falaciosa aparência de a exaltar.

*

* *

Temos iterativamente recordado aquela formal declaração do Senhor Jesus ante Pilatos, no pretório: “Meu reino não e deste mundo”. E não o era, porque, sob o domínio implacável do Anticristo, este mundo, em que imperam as paixões inferiores com todo o seu cortejo de violências, justificativas do conceito *homo hominis lupus*, não recebeu nem estava preparado para receber o Mensageiro da Paz e do Amor, que lhe trazia a salvação; antes, lhe deu morte ignominiosa. Decorridos mil e novecentos anos, até que ponto se modificaram as condições morais da humanidade? Nas suas instituições, nos seus costumes, nos atos de sua vida nacional e internacional, resolveu-se ela a pôr em prática o preceito básico: “Amái-vos uns aos outros”, de cuja observância teriam resultado a harmonia, a fraternidade e a paz entre todos os homens? — Que o digam a espantosa carnificina, que foi a conflagração de 1914, e os subsequentes ódios entre vencedores e vencidos; e as revoluções que se têm multiplicado, na ânsia de derrubar um estado de coisas intolerável; e o irreduzível antagonismo entre patrões e operários; e o mal-estar que por toda parte se acentua, com as legiões dos desocupados que, na Europa e na América, se contam por milhões, paralelas a destruição dos frutos do trabalho — rebanhos e produtos da agricultura — para alimentar a voracidade insaciável da plutocracia internacional; que o digam o luxo desenfreado e a incontida ânsia de riqueza — verdadeira adoração a Mamom — de que a própria igreja dá o desmoralizador exemplo, e a dissolução de costumes, o

requite, e a preponderância, numa, palavra, do materialismo, em todas as suas formas dissolventes do caráter e da dignidade humana.

Pois bem, é quando a crise social, a crise moral atingem semelhantes paroxismos, denunciadores do império cada vez mais intensivo do Anticristo, que o papado se lembrou de que? — De declarar, por decreto, Jesus rei da humanidade. Desta humanidade que o desconhece e repele, que lhe despreza os ensinamentos e está na iminência de soçobrar na mais espantosa anarquia, precisamente por havê-los desprezado?

Repete-se assim, a uma distância de dezenove séculos, pelo órgão dos que hipocritamente se inculcam seus apóstolos, o mesmo sarcasmo com que a coorte dos pretorianos, cuja fúria fora abandonado, indefeso, o Filho de Deus, tentou ultrajar a excelsitude do seu Espírito, quando o proclamou Rei e, por irrisão, lhe vestiu um manto de púrpura e o cobriu de injúrias, ao mesmo tempo que simulava atitudes de adoração, intencionalmente grotesca.

Porque não houve, não pode ter havido sentimento venerativo nas inspirações de semelhante decreto, do mesmo modo que o não ouve na deliberação complementar do papa que, ao encerrar o "Ano Santo", em 31 de dezembro de 1925, com o pomposo "Te deum" na basílica de S. Pedro, efetuou "a consagração do mundo ao Sagrado Coração de Jesus, rei da Humanidade".

Ridícula essa consagração "do mundo" pelo supremo representante da religião católico-romana, que simula exercer jurisdição sobre todo ele, quando sabe perfeitamente que a não exerce nem sequer sobre a terça parte de sua população total, composta, na maioria, de adeptos de outras religiões — budistas, shintoístas, muçulmanos e outros, disseminados na Índia, China, Japão, Arábia — sem falarmos nos israelitas, que se insinuam entre todos os povos civilizados, nem nos protestantes, que constituem, por muitos milhões, a maioria dos habitantes da Alemanha, Inglaterra e seus domínios na Austrália e sul da África, além da América do Norte e dos países escandinavos — só pode ela ter sido inspirada por aquele mesmo que ainda é o senhor do mundo, único, portanto, com autoridade, aparente pelo menos, para declarar a quem teria deliberado, por indubitável escárnio, consagrá-lo.

Sim, foi o Anticristo que, em sua fúria de rebelde, pressentindo a proximidade do triunfo universal do Cristianismo, após as convulsões e consecutiva transformação no estado espiritual da humanidade, a que já não terá então poder de opor-se, deliberou vibrar um desesperado golpe de ridículo — impotente de resto em seu alcance — contra o Senhor Jesus, fazendo-o, por escárnio reincidente e pelo órgão de inconsciente joguete de suas manobras reacionárias, declarar rei desta humanidade, que ele, Espírito revel, tem feito sua escrava. Para completar o inominável ultraje, sugeriu ainda ao sumo sacerdote do Vaticano a tal consagração do mundo ao "Sagrado Coração", a que ele há de também um dia, certamente, converter-se, mas

que ainda continua, em sua insensatez de revoltado, a aborrecer, pelos tesouros de amor e de inesgotável misericórdia, que vê não cessarem de fluir sobre esta pobre, desorientada e ingrata humanidade.

Sim, é um ultraje desrespeito ao Senhor Jesus, cuja humildade infinita, em si mesma inacessível à concepção humana, repele todos os testemunhos do orgulho e todas as hipócritas homenagens dos poderosos da Terra, para inclinar-se, compassiva e familiarmente, sobre os corações humildes que atraem e são, como Ele, desprezados do mundo, tudo isso que tem feito a Igreja infiel, pelo órgão do seu máximo representante, como outorga, por decreto, de uma realeza apócrifa e ostentosa consagração, identicamente falsa.

Simulacro de uma veneração, que o partido político instalado no Vaticano está longe de experimentar, porque não acredita em Deus nem no Senhor Jesus, semelhantes homenagens visam unicamente calculada afirmação de um poderio, mais aparente que real, com que, entretanto, os seus depositários pensam engrandecer-se aos olhos dos incautos, quando só podem merecer de fato a reprovação das consciências vigilantes e honestas, suficientemente emancipadas do jugo fascinador do Espírito maligno para discernir o que pode glorificar do que pode ser desprezível e molesto ao Filho de Deus: no primeiro caso, o desinteresse, a sinceridade na prática das virtudes cristãs e, no último, o conjunto de observâncias farisaicas, alardeadoras de um prestígio puramente mundano, cujo único objetivo é explorar a boa fé e a credulidade dos fiéis.

Pobre igreja de Roma, escrava do Anticristo, que ainda vive pelo que, nos corações sinceros, lhe resta do espírito cristão e viverá enquanto lhe não for retirado, na hora da tremenda prestação de contas, o sustentáculo divino! A humana fraqueza dos seus representantes, buscando apoio nos poderosos do mundo e mundanizando-se eles próprios ao ponto de renunciarem à sanção divina para os seus atos e atitudes, a está jungindo a mesma condenação que pesará sobre todas as instituições fundadas na ambição e no orgulho, divorciadas, portanto, do espírito evangélico. Nesse resvaladouro, perdido o senso de sua primitiva e gloriosa vocação, encaminha-se à ruína e, porque o não percebe, obstina-se em fortalecer antigas e firmar novas alianças com os poderes profanos, acreditando salvar-se do naufrágio que, nos domínios da fé, sente ameaçar, cada vez mais próximo, a sua periclitante estabilidade.

Prova-o — para, das medidas de ordem, por assim dizer, internacional, que acabamos de analisar, passarmos à apreciação de fatos regionais — o que vem, de certo tempo, ocorrendo no Brasil.

*

* *

Até aos últimos dias do Império, o catolicismo romano foi, no Brasil, a religião

oficial. Quaisquer que sejam as críticas, com razão formuladas por alguns escritores e cronistas, aos exageros e hipocrisia do beatério e à conduta do clero, nem sempre irrepreensível, certo é que o seu esforço, na educação e aperfeiçoamento moral da sociedade brasileira, iniciada com a catequese dos aborígenes, resultou num padrão de incontestável merecimento, que a justiça ordena reconhecer-lhe. Amparada no zelo de prelados, cujas virtudes os recomendavam à estima e veneração de seus paroquianos, como por exemplo — para recordarmos apenas, entre outras das mais dignas por sua modéstia e caridade, duas simpáticas figuras — o bispo de Olinda, D. Thomaz da Encarnação Costa e Lima e, na cidade de Vassouras, o monsenhor Rios, a colaboração da Igreja foi de apreciável eficiência na obra de nossa incipiente civilização.

Do primeiro, cuja atuação na diocese de Olinda se verificou em fins do século XVIII, colheu as seguintes informações históricas o escritor patricio Franklin Távora, que as reproduziu num de seus interessantes livros:

"Acredito — começa ele por dizer — que D. Thomaz foi bom, piedoso e justo por efeito de sua própria natureza; há, porém, quem diga, que deveu ele seu adiantamento no caminho da perfeição católica, de que nos deixou formosíssima estampa, ao estudo dos exemplos que lhe legaram seu predecessores e ao empenho com que buscou imitá-los."

E acrescenta:

"O que fica fora de toda dúvida é que D. Thomaz achou a cadeira episcopal de Olinda verdadeiramente ilustrada por conspícuas e beneméritas virtudes, que não foram até hoje igualadas. Assim, D. Francisco de Lima morreu tão pobre que unicamente se lhe encontram de seu, 40 réis em dinheiro. Ele havia despendido todas as rendas da mitra na sustentação das trinta missões de índios que reunira e visitava no seio de inóspitos sertões, sendo-lhe preciso, para cumprimento desse apostólico dever, transpor mais de duzentas léguas, na avançada idade de 70 anos. D. José Fialho não deixou nunca de exercitar as funções pastorais com honra sua e proveito público. Por ocasião de uma epidemia que grassou na província, esse respeitável antistite frequentou o púlpito, visitou os enfermos, acudiu aos necessitados e deu ordem nas boticas para que, por conta dele, se aviassem remédios para os doentes que os médicos e cirurgiões declarassem ser pobres. Exercitou a caridade com tanto fervor que sua família veio a experimentar em cada falta do necessário."

Recorda outros edificantes exemplos e, passando a ocupar-se de D. Thomaz, "no momento em que o fogo da peste mais abrasava a província", assinala:

"D. Thomaz mandou distribuir esmolas pelos pobres de Olinda e do Recife e despachou, como o havia feito o governador, socorros em dinheiro e

viveres às povoações mais afligidas pelo mal. Para completo desempenho do seu dever pastoral, ordenou que se fizesse preces em todas as matrizes e em todos os conventos e convidou o povo a procissão de penitência."

"As procissões — observa o escritor — eram então atos majestosos e dignos. Uma delas produziu tão viva e salutar impressão no espírito do povo daquele tempo que o historiador se julgou na obrigação de transmitir sua memória à posteridade."

Sem ter atingido a notoriedade do episcopado, antes conservando-se na mais discreta penumbra, compatível com sua acrisolada humildade, o monsenhor Rios exerceu a seu turno, o ministério sagrado com o mais acentuado espírito evangélico e foram tantas e tão eloquentes as demonstrações de sua caridade, que a sua memória é venerada até hoje como a de um verdadeiro santo. Há mesmo uma piedosa lenda tecida em torno do seu tumulo — de resto, uma simples cova rasa, coberta por uma pedra, não em lugar que os transeuntes pisassem, como o recomendara ele, mas algo retirado — a cujo lado surge, nas proximidades do dia de Finados, uma haste viridente com uma flor desconhecida, que logo depois desaparece, para resurgir no ano seguinte, nas mesmas condições misteriosas. Lenda? — Sem duvida, e como tal a recordamos.

Das suas obras de amor ao próximo, que foram inúmeras, aberta que sempre esteve a sua modesta bolsa a todos os necessitados, uma única bastará para testificar de como as praticava ele, com o mais completo desprendimento. Um pai de família aflito o procurara para obter determinada quantia de que tinha urgente necessidade. Inteiramente desprovido de recursos na ocasião, o monsenhor Rios prometeu-lhe, entretanto, que lhe daria a espórtula que recebesse pela celebração de um casamento, que, naquele dia, fora convidado a abençoar, numa fazenda próxima. De regresso — no mesmo ou no dia seguinte, não o sabemos bem, mas isso pouco importa — entregou ao postulante, como o prometera, o invólucro fechado, tal como o havia recebido. Momentos depois volta aquele e, num gesto de legítimo escrúpulo, estendendo-lhe a cédula que recebera, faz notar ao monsenhor Rios que era de valor quádruplo da quantia solicitada. — "Meu amigo, replicou singelamente o sacerdote, eu prometi dar-lhe a espórtula que recebesse pela celebração do casamento. Pode levá-la: é sua". E, não obstante a carência de recursos que o premia, manteve com firmeza a abnegada resolução.

Figuras desse aprimorado relevo não constituíam a maioria do sacerdócio católico, mesmo porque sempre foram raras em todos os tempos e lugares, mas, de menor altitude embora, eram em número suficiente para assegurar à Igreja a auréola de prestígio que mantinha no seio da sociedade brasileira. Para isso — importa, assinalar — não contribuía o fato de ser a católico-romana a religião do Estado, antes servia para tolher-lhe os movimentos e, pelas relações de dependência do poder civil e pelos vínculos de interesse parasitário em que a colocava, chegou a criar-lhe

embaraçosa situação, de enfraquecimento moral, como na tumultuária “questão dos bispos”, travada de 1872 a 1875.¹²⁰

Valeria a pena, se mais importantes assuntos lhe não disputassem a preferência, recordar, pelo menos em seus mais salientes aspectos, esse ruidoso caso, que pós de um lado a nobre intransigência de um prelado fiel, como o bispo Dom Vital, e do outro a atitude acomodatória do Vaticano, para ficar demonstrada a desvantagem, para a religião, de fazer-se parasita e dependente dos poderes profanos. Diremos, em todo caso, que, originando-se no zelo do antístite de Olinda, por expurgar as confrarias e irmandades da heterogênea mescla de franco-maçom, que fora, em sua diocese, encontrar a elas filiados, veio a questão a redundar em serias agitações públicas e desgostos íntimos para D. Vital, terminando por motivar a sua e a prisão de seu colega, bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa, sendo ambos transportados para o Rio e recolhidos, respectivamente, à fortaleza de S. João e à prisão da Ilha das Cobras.

Submetido a julgamento perante o Supremo Tribunal: o bispo de Olinda foi condenado, na sessão de 21 de fevereiro de 1874, a quatro anos de trabalhos forçados, pelo crime de desobediência e insubordinação às leis do país e às decisões do poder executivo.

Anistiado pelo Imperador, por ato de 17 de setembro de 1875, com os outros eclesiásticos das dioceses de Olinda e do Pará, D. Vital se transportou, no mês seguinte, a Roma, onde, em lugar do apoio que, acreditava, encontraria para a sua hierática atitude, o aguardavam as mais cruéis decepções.

Recebido em audiência particular por Pio IX, interroga o seu biógrafo, insuspeito por ser, com ele, um eclesiástico:¹²¹ "Que se passou nessa entrevista, que parece ter causado ao bispo de Olinda uma primeira impressão de júbilo, seguida a breve trecho de uma grande tristeza? A ela raramente se referiu e sem entusiasmo. Sabe-se, por algumas confidenciais feitas a íntimos seus, que o Papa, depois de o ter acolhido com extrema bondade e abraçado paternalmente, assumiu atitude mais fria e displicente, à medida que Mons. Vital lhe falava da necessidade, em que se encontrara, de travar a luta contra os francomaçons, que infestavam as confrarias".

E acrescenta, adiante:

"Mons. Vital voltou a avistar o Papa. nos dias 16 e 21 novembro e encontrou de sua parte o mesmo acolhimento. Foi-lhe necessário recorrer a todo o seu valor e à visão clara que possuía da situação religiosa de seu país, para lutar contra o desânimo que o invadia. Desejava mais que a simpatia pelo bispo, arrastado perante os tribunais, e o prisioneiro da fortaleza de S. João.

¹²⁰ Também registrada pela historiografia brasileira como "Questão religiosa", foi um episódio de enfrentamento entre a Igreja Católica e a Maçonaria — N. E.

¹²¹ Veja-se *MONSENHOR VITAL*, "Frère Mineur Capucin, évêque d'Olinda", pelo padre Louis de Gonzague, O. M. C., alentado volume de 398 páginas, 1912.

Pedia que os católicos não fossem obrigados a abandonar o campo de batalha, em que haviam alcançado uma primeira vitória” (pags. 308 e 309).

A sua decepção — acentuemos de passagem — foi idêntica a que experimentara o abade Lamennais, quando, em começo de 1832, se encaminhou a Roma, com o fim de justificar perante o papa Gregório XVI, mediante longo memorial, previamente escrito, as ideias que sustentava em seu jornal *L'AVENIR*, favoráveis à liberdade religiosa e à observância, pela Igreja, de uma conduta inspirada nos princípios democráticos do Evangelho, ao contrário do apoio que, por sua aliança com o Estado, oferecia aos opressores do povo, e se viu objeto de formal reprovação, definida por último na encíclica de 7 julho 1834, que o levou a romper com o Pontificado, mais uma vez escravizado aos interesses da política, sob astuciosos disfarces.¹²²

Menos intrépido, porque mais passivamente disciplinado e obediente, D. frei Vital Maria de Oliveira limitou-se a um tímido queixume, logo, porém, corrigido com palavras de humildade, segundo o descreve seu mencionado biógrafo, nestes termos, depois de aludir ao ocorrido na Congregação dos Cardeais, reunida por Pio IX para decidir sobre a necessidade, advogada pelo bispo de Olinda de "não deixar ao poder civil nenhum direito sobre a parte religiosa das confrarias":

"Os cardeais — refere o padre Louis de Gonzague — não se deixavam facilmente convencer; parecia recearem um impulso para a rotura da Concordata. Não havia o próprio Mons. Vital dito que era esse um dos principais objetivos da Maçonaria brasileira? Essas delongas, entretanto, impressionaram mal à sua índole tão reta e ao seu desejo de ver quanto antes regularizado um assunto cuja gravidade cada dia se lhe afigurava maior. Sua natural reserva não permitiu saber-se exatamente o que ele pensava de tais protelações; Um dia, ao fim de sua vida, numa conversa íntima, uma palavra lhe escapou, em que transparecia algo de amargura: Ele tinha vindo de tão longe e não era italiano: daí o desconfiarem dele e não obter de pronto uma solução que julgava imediatamente necessária. Mas logo, parecendo recobrar-se, considerava todas essas dificuldades um meio de expiação para ele e para o seu povo" (pag. 310-311).

Tocante simplicidade de uma alma pura., que não percebia a tenebrosa ronda dos interesses políticos do Vaticano preponderando sobre os interesses espirituais, que apenas servem de pretexto para a exploração do rebanho católico.

Se devemos pedir ainda um testemunho a esse livro Sobre D. Vital, aqui está o que nas pags. 191-192 dizia seu autor, ocupando-se da atitude do cardeal Antonelli no assunto:

¹²² Veja-se *ŒUVRES COMPLÈTES de F. DE LAMENNAIS*, tomo XII, "affaires de Rome", vol. De 401 pags. 1936-1837, passim.

"O Internúncio, depois de haver esboçado um rasgo de coragem, tardou em atraiçoar os interesses confiados a sua guarda e tentar, com o ministério, uma impossível aproximação, no que, todavia, a sua responsabilidade não parece gravemente empenhada; em compensação, e salvo o que tenha sido objeto dos documentos que se encontram nos arquivos do Vaticano, tem-se desde logo o direito de dizer que o Secretário de Estado de Pio IX, induzido talvez por suas ideias pessoais acerca das relações entre a Santa Sé e os governos, compreendeu erradamente sua missão, comprometeu interesses superiores e contribuiu por sua parte, mas talvez inconscientemente, para os deploráveis resultados que produziu imediatamente sua carta ao bispo de Olinda.

"A esse respeito Mons. Vital se mostrou sempre reservado; lastimava sobretudo o Secretário de Estado, pelas dificuldades semeadas em seu caminho; é sabida contudo a antipatia que lhe votava o Cardeal, e o Padre Apolinário, a quem de bom grado Mgr. Vital confiava a expressão de seus sentimentos e tristezas, declarava em carta datada de 15 de agosto de 187; 'Mons. Esberard, amigo de D. Vital, nos disse que o bispo de Olinda possuía bastante energia para livrar o Brasil da ruína, em que vai caindo, e que o teria conseguido, se Roma o tivesse sustentado. Toda a culpa cabe ao Cardeal Antonelli, que se portou como traidor. Creio ser impossível deixar de o dizer'. Por duas vezes Mons. Vital declarou a íntimos seus que suas cartas a Pio IX haviam sido interceptadas pelo Secretário de Estado, cujas relações, a seu ver indubitáveis, com a Franco-Maçonaria, ele, ademais, julgava severamente."

Os representantes da igreja católica no Brasil parece ignorarem ou, pelo menos, haverem esquecido esses fatos, em que o senso nitidamente prático e os motivos subalternos que sempre inspiraram a conduta do partido político do Vaticano, ficaram mais uma vez patenteados. Como quer que seja, fascinados pelo inimigo oculto e, ao mesmo tempo, movidos pelo instinto de conservação, em face da impossibilidade, em que se encontram, de lutar vitoriosamente no campo da livre concorrência com outros credos, sobretudo com o Espiritismo, em sua feição de restaurador do Evangelho, de que a igreja romana continua cada vez mais divorciada, multiplicam sorrateiros esforços para restabelecer a aliança com o Estado, a fim de obter para o seu perdido predomínio o apoio da força material, com que esperam aniquilar os seus adversários teóricos.

Enunciemos alguns fatos.

*

*

*

Se, durante o Império, constituindo então realmente a religião da grande maioria, da quase totalidade do povo brasileiro, a igreja romana prosperou e, apesar

de suas imperfeições, preencheu os fins de orientadora espiritual da nacionalidade, cujo sentimento religioso — e não unicamente a observância de práticas devocionais — era um fato, sob o regime republicano, que lhe restituiu a liberdade de movimentos, emancipando-a da tutela oficial; não raro incômoda, como vimos, nenhum motivo para que cessasse tal prosperidade. Se veio a quebrantar-se, não foi porque a liberdade — sempre favorável à expansão de todas as verdades superiores — constituísse, por natureza, um princípio nocivo à sua existência, mas porque, ao lado da decadência espiritual e doutrinária de que enferma e que a inabilita para a concorrência vital de que falamos, outros fatores surgiram para invalidar a sua influência sobre os espíritos, como o desenvolvedor do luxo e da riqueza material e a depressão do nível dos costumes, culminando no estado de materialismo e de irreligiosidade, que — já o dissemos — não é um mal brasileiro, senão uma verdadeira endemia, de que todas as sociedades humanas se mostram afetadas, nesta hora de múltipla crise universal.

Convencido de sua incapacidade moral para remediá-la, pois que lhe falta o apoio do Evangelho, de que — insistiremos — não se divorciou apenas, mas, sob as satânicas inspirações do Anticristo, se tornou antagônica, pelo luxo e ambição de seus altos representantes e pelo espírito de incredulidade e materialismo que os deprime, a igreja romana recorre a expedientes que lhe assegurem, ao menos, um simulacro de prestígio e, em consequência as vantagens materiais da exploração do culto de que se vê reduzida a exclusivamente viver.

Para isso é que, já não tendo subvenção oficial sob a República, vive, no Brasil, a insinuar-se junto aos homens do governo, buscando, sob o falso pretexto de ainda ser o catolicismo a religião da maioria dos brasileiros, obter favores e concessões, preparatórios do restabelecimento da Concordata, alvo supremo de suas ambições.

Sem falarmos na celebração de pomposas exéquias, em honra de grandes figuras da República — aberrante superfetação, como cerimônia oficial, remunerada, num Estado leigo — nem de missas campais, com o mesmo caráter, abusiva e simuladamente oficial, nem ainda na introdução, igualmente abusiva, do “ensino religioso nas escolas públicas” — fórmula sub-reptícia arrancada à condescendência de governos transigentes, que visa o monopólio de semelhante ensino para o catolicismo romano — dois fatos há demonstrativos, um, da, mais que abusiva, alarmante pretensão de por as forças armadas do país ao serviço de suas ambições de predomínio, e o outro de mais um desrespeito à palavra e à própria figura do Senhor Jesus.

Não aludimos, no primeiro caso, às “páscoas de militares — cerimônias, se respeitáveis quanto, individualmente, à consciência de seus profitentes, denunciadoras, entretanto, da segunda intenção que assinalamos, pela ostentosa organização coletiva com que são realizadas: — queremos nos referir à “bênção das espadas”, coisa, jamais posta em prática sob a Monarquia, mercê do bom senso que

presidia às deliberações de seus estadistas e homens públicos, e que, insistentemente adotada de alguns anos para cá, representa além de tudo um atentado — mais um — contra o espírito, eminentemente pacífico e fraternista, do Evangelho.

Com razão clamava a esse respeito o Dr. Américo Werneck, a cuja palavra, inspirada nos mais nobres sentimentos, como espiritualista e como cidadão, de bom grado cedemos o espaço:

"É doloroso ver — dizia ele¹²³ — o que atualmente se está passando sob as vistas indulgentes da autoridade e, até mesmo, com a sua cumplicidade imediata. De vez em quando a imprensa noticia, com uma simplicidade que dá a medida de seu culto ao superficialismo, uma cerimônia denominada, "a bênção das espadas". Uns tantos jovens oficiais, ao iniciarem a sua carreira, vão perante a autoridade eclesiástica receber, com o sacramento da comunhão, a bênção de seus sabres, para que nunca lhes falte a vitória. Não cometo a irreverência de discutir aqui questões de fé, a começar por esse cerimonial esquisito em que a intitulada Igreja de Cristo, em vez de pregar a paz na terra, faz o mais anticristão dos cultos: o culto do extermínio entre os homens. Ela exalta o que em princípio devia condenar. É por estas e outras incongruências religiosas que a descrença avassalou as classes pensantes. A política clerical foi sempre a maior inimiga da Igreja; de tanto deturpá-la nos seus fundamentos morais, tornou-se a mãe do materialismo moderno. Abusando da inexperiência da mocidade, o que o tal cerimonial visa de fato não é robustecer-lhe as crenças, mas criar no seio do Estado, contra o próprio Estado, *um partido militar às ordens do Papa*. Que o soldado tenha uma religião qualquer, nada mais louvável; que seja católico e lhe pratique os preceitos, também é coisa que só merece respeito. Mas o caso não é este.

"Não se trata aqui de uma crença confinada ao foro íntimo; trata-se de um ato que, à sombra da religião, visa destruir a soberania do Estado, a autoridade do governo, a disciplina da força pública, a tranquilidade da família brasileira, os alicerces da ordem, as liberdades civis. O objetivo da cerimônia está no final do juramento que os padres fazem esses oficiais prestarem sobre a lâmina de suas espadas. *In cauda venenum*.¹²⁴

"Que juram eles? Defender a pátria, as instituições vigente e a *Igreja Católica, Apostólica, Romana*".

Recorda em seguida, em seus expressos dispositivos, os arts. 11 e 72 § 7º da primeira Constituição republicana, e comenta:

"Portanto, o sagrado compromisso de honra prestado pelos oficiais de mar e terra, *perante a autoridade eclesiástica*, aliando nos seus termos o Estado

¹²³ *UM PUNHADO DE VERDADES*, edição de 1923, pags. 141 a 143.

¹²⁴ Expressão em latim cuja tradução literal é "O veneno está na cauda", em alusão ao escorpião; os romanos aplicavam-na no final de alguma carta ou discurso, revelando, como conclusão, certa malícia (veneno perigoso) em contraste com as declarações anteriores aparentemente inofensivas — N. E.

e a Igreja Católica, Apostólica, romana, cujos governos se acham separados pelo fosso intransponível do art. 72 § 7º da magna carta, coloca aqueles inexperientes jovens entre as pontas de um dilema: ou num dado momento põem suas espadas e as forças sob seu comando ao serviço da Igreja Católica e, portanto, traem a pátria e a República, que se compõe de crentes e descrentes de todas as religiões; ou servem as liberdades pátrias e, conseqüentemente, traem a Igreja Católica.

"Juramento inconcebível que, ao ser pronunciado, já traz no bojo a perfídia, a indisciplina e a desonra!

"Não parou aí — prossegue o ilustre escritor — a ação demolidora e sorrateira dos padres. Prevalendo-se do afrouxamento das energias cívicas do povo, de sua indiferença pela causa dos princípios e da cumplicidade de governos falsamente republicanos, eles já organizaram batalhões de escoteiros católicos. Ensaios preparatórios para chegarem às unidades de guerra. É a política clerical em plena expansão, empolgando pouco a pouco as forças armadas, para com elas subverter o Estado e a República."

Borda, a esse respeito, veementes apreciações críticas, inteiramente justas, e conclui:

"Toda essa cerimônia de bênção de espadas pode ser muito interessante, mas é preciso pôr um paradeiro à insensatez do juramento em que ela culmina. Insensatez sim, rematada insensatez, porquanto pressupõe a possibilidade de um conflito premeditado pela Igreja Católica contra outras crenças, quando ela, de posse das milícias, julgar oportuno desfechar o golpe. Insensatez, porque ninguém se lembraria nunca de ameaçar *pelas armas* a citada Igreja ou qualquer outra. É no campo da doutrina e da liberdade de consciência que tais lutas se travam, e nesse campo, reservado ao sentimento e à razão, a espada e a valentia. não têm nada que fazer".

No que se refere à organização de batalhões de "escoteiros católicos" — observemos por nossa parte — semelhante modalidade constitui uma traição formal ao espírito e objetivos da criação de Lord Baden Powell¹²⁵, tal como foi por ele idealizada e vai sendo posta em prática em todos os países civilizados. Escola de robustez física, mediante apropriados exercícios, e de adestramento e disciplina moral, abrangendo preceitos de fraternidade, sem distinção de crenças religiosas, com obrigatoriedade, sim, além de boas maneiras, de intrepidez e honra, de abnegação, de renúncia e amor aos seus companheiros e ao próximo, o escotismo ou, em mais claro sentido, os escoteiros constituem núcleos de aproximação e solidariedade nacional e internacional, em cujo seio todo exclusivismo sectário é

¹²⁵ Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (1857-1941), tenente-general do Exército Britânico, fundador do escotismo (ou escoteirismo) — N. E.

atentatório de seus altruísticos objetivos. Enxertando-lhe, portanto, essa organização, nitidamente sectária, de “escoteiros católicos”, os elementos reacionários — clero e seus obedientes caudatários — ainda por sugestão do Anticristo, inimigo de toda obra tendente, à confraternização humana, vulneraram fundamentalmente, com introduzir-lhe o espírito de separatividade, a criação de Baden Powell. Numa palavra: não a deturparam apenas, feriram-na de morte.

Enunciemos, entretanto, o último dos prometidos fatos.

*

* *

No dia 12 de outubro de 1931 a cidade do Rio de Janeiro assistia, por uma parte de sua população, à pomposa inauguração do monumento erigido, no extremo píncaro da montanha do Corcovado, ao Cristo Redentor.

Remate de uma intensa propaganda, que durara dez anos, a que sentimentos obedecera e com que propósitos teria sido consumada essa obra, em cuja execução foram despendidos mais, de 2.000 contos de réis, dos quais — assinalemos de passagem — cerca da décima parte representa a contribuição prestada pelo governo federal?

Se acreditais sinceramente que um sentimento venerativo pelo Filho de Deus inspirou semelhante consagração, nem sequer em metal precioso ou nobre, mas no vulgarismo cimento armado, nivelando aquela divina figura, representada na imobilidade da morte, a dos heróis do mundo, cuja efígie, no temor do esquecimento da posteridade, usa a vaidade humana erigir nas praças publicas, dir-vos-ei que muito pouco sabeis da psicologia dos inveterados exploradores das coisas da religião.

Acrescentemos desde logo que, assim nos exprimindo, estamos longe de pretender ferir o sentimento verdadeiramente religioso das pessoas de boa fé, que concorreram, umas, para a ereção de tal monumento, "sem refletirem no que, de fato, significa ele de antagônico à doutrina do Mestre, e outras que na contemplação, à distância, daquela figura em atitude acolhedora, e sobretudo à noite, envolta na claridade dos refletores elétricos, emergindo, como fantástica aparição das sombras ambientes, encontram motivos de emoção, embora momentânea, que não exerce, por isso mesmo, decisiva influência nos atos de sua vida, tornando-se dignos da aprovação de Deus. Tais motivos emocionais, sem embargo de sua natureza pueril — os varões em Cristo sentem doutro modo e já deram de mão às coisas de menino, consoante o dizer do iluminado Paulo — só nos merecem indulgente e respeitoso acatamento.

A nossa crítica, inspirada em elevadas razões de ordem moral e espiritual, não se dirige aos simples e ingênuos, mas aos contumazes e, por igual, infelizes que, sob a ação fascinadora e inibitória do Anticristo, se têm apoderado da doutrina e da figura

do Senhor Jesus, que não respeitam, porque, perdida a fé, que talvez de começo alimentassem, o não acreditam vivo, e delas têm feito instrumento de subalternas ambições e de exploração da credulidade dos homens.

Obedecessem eles, com efeito, aos ensinamentos do Evangelho — falamos do clero graduado e dos intelectuais, sagazes colaboradores de sua política interesseira, de cujos proventos participam — e não somente os atos de sua vida seriam espelho de desprendimento e humildade, mas nada praticaram eles em desacato à palavra do Mestre, nada que não fosse, agora e sempre, digno de sua divina aprovação.

Desafiamos qualquer deles a vir declarar, com a consciência aberta perante Deus, se, antes de planejar e de levar a cabo semelhante consagração nitidamente profana, lembrou-se de interrogar, no recolhimento do coração e num pensamento respeitoso volvido para o Alto: — Senhor, será de vosso agrado?

Não — temos certeza — não o fizeram nem o fazem jamais, quando se permitem os desregramentos atentatórios ao espírito cristão, que é simplicidade, que é pureza e obediência, que é humildade e é renúncia. E tornaram-se incapazes de o fazer, porque, sob a terrível fascinação do Anticristo, que apenas lhes permite os simulacros da fé, perderam a liberdade espiritual e interior e, emaranhados nas complicações das meras observâncias exteriores, nelas fazendo consistir o Reino de Deus, desertaram o caminho que, pela comunhão e colóquios interiores — somente possíveis mediante uma vida sem mancha e sem doblez — conduz ao Mestre e torna o crente, receptivo à sua iluminadora assistência.

Porque foram eles que, sob o falacioso pretexto das “invocações”, inventaram a pluralidade das “Nossa Senhora” de todas as denominações e agora mesmo, para explorar o sentimento patriótico-religioso dos brasileiros, acabam de inventar mais uma: “Nossa Senhora do Brasil”, cujo templo se ergue ali, na Avenida Portugal, em substituição ou — quem sabe? — em concorrência apenas com a “Nossa Senhora Aparecida”, que davam, precisamente, como padroeira do Brasil. Mistificadores impenitentes, são eles ainda que organizam as grandes festividades e, com extensos e elogiosos reclamos nos jornais, convocam os fiéis, em multidão, e lhes distribuem “o pão eucarístico”, fazendo pomposamente anunciar, “para que Jesus-Hóstia reine em todos os corações”. Percebeis o objetivo sectário? Não é a Palavra do Senhor, não são os edificantes exemplos de sua vida que se tem a nobre preocupação de fazer o povo compreender e imitar: o calculo interesseiro é que uma pura ficção, a que foi desrespeitosa e intencionalmente reduzida a figura do Divino Mestre, isto é, “Jesus-Hóstia” e não o seu Espírito vivo, “reine em todos os corações”.

Infelizes, que não acreditam no despertar, do outro lado das trevas e enganos deste mundo, para a severa prestação de contas dos abusos e prevaricações aqui perpetrados em nome e à sombra da religião, nem ainda no subsequente retorno ao teatro de suas inconsideradas façanhas, para resgate, em existências de miséria e expiação, dos delitos de outrora!

Quais teriam sido, pois, os intuitos com que planejaram e fizeram erigir, no alto do Corcovado, o monumento ao Cristo Redentor?

Já na cordilheira dos Andes, é certo, e na zona limítrofe entre o Chile e a República Argentina fora erguido um outro, esse ao menos como símbolo de reconciliação e paz entre os dois povos irmãos, que haviam estado na iminência de um conflito armado. O do Corcovado, porém, nem sequer tem, para justificar-se, a emblemática significação, como aquele, de um pacto inviolável de concórdia e amizade internacional: nada, a não ser a orgulhosa afirmação de um poderio, de si mesmo contudo, evanescente.

Promovendo, com efeito, a ereção daquela estátua, de gigantescas proporções, na escolhida, altitude dominadora da cidade do Rio de Janeiro, teve e não podia ter tido o elemento ultramontano outro intuito senão afirmar ostentadamente o poder da igreja romana, como ainda capaz de realização de tamanho vulto, irreverente atestado de desrespeito à palavra do Mestre, que não somente, ao proclamar ter vindo não destruir, mas cumprir a Lei, ratificou a proscrição de todas as formas de idolatria, contida no ÊXODO, 20: 4 e 5, mas em sua excelsa humildade — já o dissemos — rejeita as hipócritas homenagens dos interesseiros e orgulhosos, que explorara o seu nome, e prefere visitar, compassivo e amigo, os corações simples e humildes como o seu.

Tendo de nos pronunciar sobre o assunto, como o estamos fazendo, fomos também, para exprimir um depoimento sincero e imparcial, contemplar de perto o monumento. E a impressão colhida — lealmente o confessamos — fosse pelo culto respeitoso que nos inspira tudo que se refere ao nosso Divino Salvador, ou porque as linhas harmoniosas do conjunto, em que as puras inspirações da arte lograram plasmar a gigantesca figura, não foi a que imagináramos, de repulsa ante as grotescas, a poder de monstruosas, proporções de semelhante obra. Planejada para impressão a distância, como o aludíamos há pouco — puro efeito de cenografia — as nossas prevenções se dissiparam e a impressão que nos causou foi apenas de tristeza. Tristeza que nos comunicaram aqueles olhos inertes, modelados no cimento petrificado, sem transparência nem sinal de vida — olhos cegos de estátua — exprimindo por isso mesmo, em sua apagada imobilidade, uma infinita melancolia.

E foi assim que ousaram representar Aquele que — Verbo de Deus, por quem "todas as coisas foram feitas, e nada do que foi feito, foi feito sem Ele" — é Espírito e Vida, da qual participamos todos os que n'Ele verdadeiramente cremos.

Longamente e respeitosamente contemplamos aquele simulacro, na sua mudez, na invencível tristeza da face quase sem relevo, braços estendidos em atitude acolhedora, sim, mas parecendo evocar de novo uma crucificação, a que falta apenas o madeiro.

Fostes, realmente, mais uma vez crucificado, Senhor Jesus: crucificado nos ideias de singeleza, de sinceridade e de espiritualidade, em que, da parte e em nome

do Pai, nos viestes misericordiosamente iniciar; crucificado por determinação e para servir aos cálculos interesseiros dos fariseus de nossos dias.

Tamanho, desnecessário sacrifício teria contudo redundado num aumento de fé, num verdadeiro despertar interior, senão do povo brasileiro, dos habitantes, ao menos, desta vertiginosa e trepidante capital?

Vamos ver até que ponto.

VIII

Ainda o império mundial do Anticristo. - Por que tem ele feito da mulher o alvo multissecular de suas investidas.

- Trava-se, em nossa época, entre as forças do Bem e as do Mal a batalha, decisiva, da sorte da humanidade.

Pode aferir-se o grau de civilização, de adiantamento moral de um povo e, mesmo, o seu estado de religiosidade não somente por seus costumes públicos, mas por certos usos e tradições observadas, que exprimem, de modo sintético, a sua psicologia.

No Brasil, durante o Império, quando não fora ainda, inventado o cinema — veículo, que devera ser, de instrução popular, da divulgação de conhecimentos científicos elementares, com idêntica finalidade, e de educação moral, mas que a preocupação de lucro pecuniário e o cunho de exclusivo industrialismo que lhe foi impresso, tal como tem sucedido, pelas mesmas causas, à nobre missão jornalística, vieram a deturpar, invertendo os seus objetivos — quando ainda não fora também inventada, com suas abusivas e intoleráveis difusões, a radiofonia, e da riqueza, multiplicando necessidades fictícias, haviam desvairado os espíritos, a elas subordinando os austeros princípios da moral, que então se refletiam escrupulosamente nos atos da vida particular e pública, a sociedade brasileira apresentava uma feição, de certo modo, patriarcal e o seu sentimento religioso, orientado pela igreja católica, suficiente então — já, o dissemos — às suas aspirações espirituais, se manifestava assim no alto nível dos costumes como no fervor, sincero e respeitoso, com que o povo, da mais culta a classe mais obscura, tomava parte nas grandes e solenes festividades,, em que consistiam as suas quase únicas diversões, que atraíam em massa, na capital e nas então províncias, desertando momentaneamente os lares, as populações, simples e pouco exigentes.

Com os vertiginosos progressos materiais, depois da República, à semelhança do que por toda parte sucedeu em fins do século passado, estando assim o fato na

lógica do tempo e não devendo tais progressos, motivar desarrazoada condenação, que somente às exageradas e viciosas utilizações se deve reservar, a situação mudou — ai de nós! — sensivelmente para pior. Operada a subversão da estrutura política, de par com as agitações que se lhe seguiram, estimulando ambições e desregramentos, que certamente permaneciam latentes, contidos, porém, pela austeridade do imperante e pelo próprio ambiente de respeito e ordem, de norte a sul, predominante — certas explosões superficiais e intermitentes, constituindo então passageiras desordens, não chegavam a quebrar a harmonia do conjunto — e, por outro lado, sobrevindo o afrouxamento, a que temos aludido, da disciplina religiosa, o padrão dos valores morais foi também subvertido e a sociedade brasileira entrou a padecer a crise de cujo apogeu, que ainda não parece ter atingido, se vai rapidamente aproximado.

Para não nos determos em particularizada análise de fatos que, na esfera dos costumes públicos, em quarenta anos de regime republicano, têm sido por críticos severos comparados ao assalto e devastações, por bandoleiros, de uma casa em vigilância nem defesa, e na ordem doméstica e privada equivalentes à dissolução, em grande parte pelo menos, da família brasileira — análise que nos faria exorbitar do plano desta obra — há um festejo, costume ou tradição, que de preferência elegeremos, anualmente celebrado na capital do país, centro de sua máxima cultura, como sintomático do seu declínio espiritual, que estimamos, contudo, votado a proscricção em breve tempo.

Que conceito faríeis de um povo que, tendo, como o brasileiro, um alto e nobre destino a realizar no continente americano, fosse com a eloquência irretorquível dos fatos, apresentado aos olhos do mundo como essencialmente, visceralmente carnavalesco?

Pois é essa feição humilhante, como se fosse um recomendável padrão de honra, com que não inimigos nossos mas altas autoridades do Distrito, a pretexto de atrair forasteiros, dos outros países americanos e da Europa, e com um objetivo de "turismo", se têm, nos últimos anos, empenhado em tornar conhecida lá fora a população carioca — tanto vale dizer, pela importância desta cidade no conjunto das unidades federativas — o povo brasileiro.

Escritor patricio, entretanto, observador e crítico dos costumes nacionais, desagradavelmente impressionado com a licenciosidade dos delirantes festejos ao "Deus Momo", em que mulheres públicas semidesnudas eram — e provavelmente ainda o são — triunfalmente exibidas em carros alegóricos, ele que não passava por ser austero moralista, já havia formulado, há mais de um quarto de século, esta fulminante definição: "o carnaval, no Rio de Janeiro, é a apoteose da prostituição".

A frase, candente e de absoluta justeza, que fatos posteriores se encarregariam, infelizmente, de confirmar com uma deplorável extensão, de certo não prevista pelo seu autor, não logrou despertar a adormecida consciência dos pais nem, sobretudo,

das mães de família, cujo fervor adorativo pelos orgíacos festejos personificados na grotesca e convencional entidade pagã, não tem cessado de recrudescer, multiplicando irreparáveis desastres. É possível desconhecem elas a amplitude e seria difícil, senão impossível, medi-la com exatidão — de semelhantes desastres. Basta contudo assinalar que ano houve, recentemente, em que os atentados ao pudor atingiram tão alarmante cifra que a policia teve necessidade, com o fim de, pelo menos, cercear as proporções do escândalo, de organizar um serviço de vigilância especial em relação às “casas de tolerância”, para ter-se uma aproximada ideia das consequências funestíssimas da licenciosidade com que são delirantemente realizados tais festejos.

Como, porém, não ser assim, se um dos espetáculos, deprimente e tristíssimo, a que o simples transeunte se não pode esquivar de assistir, é o de senhoritas aglomeradas com foliões, em automóveis de pequena ou de avantajada lotação, ostentando mais que desenvoltas atitudes e entoando canções, algumas obscenas?

Porque o carnaval se caracteriza, por excelência, como o delírio da carne e dos sentidos. Compreende-se — mais que isso — é legitimo e mesmo necessário que a mocidade se divirta. Quando, porém, o gênero de divertimento a que se entrega começa por abolir as regras da boa educação e consiste, como o carnaval, no desbragamento de atitudes e linguagem, em que as chalaças mais grosseiras têm livre curso, suprimem-se as noções do mais elementar decoro e uma alucinante sensualidade se apodera de todos os espíritos, confundindo num mesmo baixo nível pessoas de todas as classes sociais, entre elas se permitindo toda sorte de afrontas verbais, por muito que procurem dissimular, com aparências de gosto artístico na organização de prestitos e “ranchos”, o fundo soez de tal divertimento, não há como desconhecer-lhe o cunho atentatório da moral e bons costumes, impróprio, conseqüentemente, de pessoas educadas, a cuja delicadeza de sentimentos repugnam tais inomináveis excessos.

Numa sociedade policiada, sobretudo no seio de uma população verdadeiramente cristã, semelhantes festejos teriam, há muito, cessado de ser permitidos, pelo menos restringindo-se a sua aberrante celebração — como era de começo praticada — a pessoas de nenhuma ou de inferior cultura, capazes por isso de encontrar prazer em tais expansões ruidosas, inestéticas e amorais.

O contrário, todavia, é que se observa nesta. capital, com a cumplicidade assim da imprensa, que aplaude, estimula e prestigia por todas as formas as indecorosas homenagens ao deus pagão, como das propinas autoridades públicas, a tal ponto que não somente se não pegam de nos apresentar aos olhos do mundo como um povo essencialmente carnavalesco, mas têm contribuído para que o carnaval — incrível, mas verdadeiro e pungente — seja, com a “oficialização” que lhe foi outorgada, considerado uma instituição nacional.

Exageramos? — Que o digam por nós os trechos seguintes que recortamos da

notícia, em colunas abertas, ornadas de fotogravuras, sob a epígrafe “A estrondosa recepção da cidade ao Rei Momo”, estampada por um dos mais importantes diários desta cidade, em sua edição de 19 fevereiro de 1933:

"Entre ovações delirantes e chuva de confete" — referiu o cronista carnavalesco (porque a imprensa carioca leva o seu entusiástico aplauso a tais ignóbeis festejos ao requinte de destacar para isso um corpo de 'cronistas carnavalescos') — 'chegou ontem, à noite, desembarcando no cais Mauá, sua majestade o Rei da Folia.

"A comissão do turismo da Prefeitura havia preparado essa festividade com grande esmero, de maneira a que nada faltasse de brilho e do esplendor, na cerimônia simbólica da entrada triunfal de Momo na cidade que mais o venera e cultua. Uma semana antes do tríduo carnavalesco sua majestade dá-nos a satisfação de sua visita, para desde já alegrar os semblantes e predispor os espíritos para os grandes prédios que se vão travar em sua honra.

"Desde 9 horas da noite a avenida Rio Branco achava-se repleta de populares. O curso de automóveis ia bastante animado, sendo necessário desviar-se o tráfego dos ônibus e outros veículos para as ruas paralelas.

"Às 10 horas, justamente na ocasião marcado para o desembarque, o povo invadiu a praça Mauá, na ânsia de ver e homenagear o Rei da Folia. O vapor "Mocangué", de Lloyd, no qual viajava o supremo folião, já se encontrava no cais, um pouco distante da amurada, aguardando apenas as ordens necessárias para atracar.

"Entretanto, faltava a presença das comissões que deviam recebê-lo. O Sr. A. A. de A., do Lloyd Brasileiro (julgamos conveniente, em respeito ao decoro das personalidades, omitir-lhes os nomes), providenciam para que se apressasse o desembarque. Na praça Mauá a multidão se comprimia entusiasmada e impaciente, sendo necessário ao de legado F. G. e aos fiscais G. e C. ordenar aos 30 guardas civis de serviço que estendessem cordões de isolamento.

Às 11 horas e 50 minutos, finalmente, chegaram as comissões dos clubes carnavalescos. O "Mocangué" atracou sob delirantes aplausos, ostentando feérica iluminação, de lâmpadas multicores.

"O enorme boneco, de boca entreaberta num sorriso sarcástico, em que deixava ver o único dente, preso ao maxilar superior, foi desembarcado ao som das fanfarras e bandas de música e colocado na carruagem real. Esta, de efeito, era formada dos seguintes elementos: um trono, ao centro, com colunas douradas; um enorme Zé Pereira, na frente, empunhando uma corneta e batendo o bombo; uma figura, lindíssima de mulher, atrás, alçando os braços e oferecendo o seu próprio coração a Momo. Completavam o carro várias figuras estilizados e quatro graciosas mulheres, vassalas de sua majestade".

Descreve ainda o cronista a restante composição do cortejo e remata:

"Da praça, Mauá o prestito encaminhou-se para a avenida Rio Branco, percorrendo-a em toda sua extensão, até alcançar o Beira Mar Cassino, onde ia ter lugar a cerimônia da coroação. Era extraordinariamente numerosa a massa de populares que ali aguardavam a sua chegada.

"Sua majestade desceu da carruagem por entre a algazarra da multidão e deixou-se conduzir para a poltrona confortável que lhe estava reservada na parte central e superior do Beira Mar Cassino, de onde presidirá aos festejos carnavalescos.

"À hora em que deixamos o Cassino, 1h10 da madrugada, o grande folião estava recebendo, no seu trono improvisado, as manifestações ruidosas da população carioca".

Vencemos a repugnância que nos causa a torpeza do assunto, reproduzindo a descrição não apenas leviana, mas quase diríamos sensata, que aí fica, para deixar evidenciado até que ponto se está pervertendo a mente popular, com incentivo da parte dos que deveriam ser os naturais zeladores dos nossos bons costumes, e para extrair do fato, em sua sintomática significação, a desmoralizadora lição que encerra.

Nesta cidade que, seguindo o depoimento do cronista carnavalesco, em nada exagerado, "mais venera e cultua o Rei Momo", as festas em sua honra, com todo o repulsivo cortejo de desregramentos a que serve de pretexto e a que não têm faltado, como se vê, os mais expressivos estímulos, passaram a constituir a suprema preocupação da maioria de seus habitantes. Já não é um incidente circunscrito, como outrora, a essa classe de indivíduos: é o máximo acontecimento que, durante semanas, quase todas as noites, absorve os cuidados das famílias e, nos dois últimos dias úteis dos que lhe são, no calendário, consagrados, empolga e paralisa toda a atividade normal da cidade, com a interrupção dos negócios comerciais, que lhe não digam respeito, e a cessação do expediente nas próprias repartições públicas, de sorte que, a partir da noite de sábado, para só terminar na madrugada da quarta-feira "de cinzas", a capital do Brasil, em que tumultuam multidões desordenadas, entregues aos maiores excessos, sem compostura nem decoro, parece transformada num vasto manicômio.

E os representantes da igreja romana são testemunhas pelo menos têm notícia de tais alucinantes práticas, atentatórias da nossa cultura e de nossas antigas tradições. Acaso terão empenhado esforços junto aos poderes públicos — eles que se ufanam de um valimento, mediante o qual têm realmente obtido favores e regalias, como, por exemplo, o preparo e cessão de um grande navio para transporte do cardeal arcebispo e grande número de figurantes ao "congresso eucarístico" reunido na Bahia em 1933, com todas as honras de uma embaixada nacional — no sentido de serem, ao menos, cerceados os estímulos oficiais ao carnaval, que é o nosso opróbrio?

Por que seria inútil falar de um ascendente, que os fatos revelam perdido pela igreja, sobre o espírito do povo e que, único, lhe permitiria dissuadi-lo de

escandalosas práticas em franco antagonismo com os mais elementares princípios da moral cristã.

Fizeram, com largo dispêndio, erigir o monumento no Cristo Redentor — e é esse o paralelo que nos propusemos estabelecer. — Como expressão do sentimento venerativo deste povo ao Divino Mestre? A recrudescência da loucura carnavalesca nos anos subsequentes àquela inauguração, com a ostensiva participação dos pudores públicos do Distrito e de suas altas classes representativas, constitui a réplica vitoriosa e insofismável a semelhante pretensão, nem ao menos sincera. Ou seria para o obrigar a assistir, em efígie, abençoando-os, do alto do seu isolamento, na montanha do Corcovado, a espetáculos degradantes, que testificam, de um lado, o grau de sinceridade e profundidade do sentimento cristão deste povo e, do outro, até que ponto contribuiu para elevar o nível de sua moralidade a ostentosa ereção de tal monumento, nascido da enfatuada pretensão dos que o planejaram?

No que se refere ainda ao carnaval — para finalizarmos este assunto — os representantes da igreja, por si e pelo órgão de seus arautos, se lhes não obnubilasse o entendimento a ação fascinadora do Anticristo, saberiam — e o conhecimento positivo do fato os deveria induzir a uma campanha sem tréguas contra o funesto divertimento — que essa triunfal revivescência, no Brasil, das saturnais romanas, constituindo, como constitui, de muitos séculos uma das formas de perversão moral, em larga escala promovida por aquele implacável adversário, dá lugar a que nuvens de Espíritos da mais baixa classe, como ele tenebrosos, ávidos de prazeres materiais, a que os inabilita a ausência do corpo físico, se precipitem sobre as multidões em delírio — médiuns, que o somos todos — e, suscitando-lhes os apetites sensuais, os impilam a todos os excessos, de que participam em inominável conúbio. Semelhante ação fascinadora, criando, em vastas proporções, um ambiente nimiamente propício, é que explica porque, nos dias da loucura carnavalesca, as pessoas mais respeitáveis, se se não conservam, cautelosamente, longe da atmosfera saturada dos perniciosos eflúvios do invisível, perdem irresistivelmente a compostura e deixam-se também arrastar no turbilhão.

O que é mais doloroso assinalar é que a principal vítima, como vimos, em maior ou menor grau, de semelhantes excessos promovidos pelos tenebrosos agentes ocultos, sempre sob a suprema direção do Anticristo, é a mulher, alvo, ademais, de suas multisseculares investidas.

E não sem motivo assim o tem ele praticado.

*

* *

Nunca será demasiado o que se diga — e escritores de todos os matizes o têm realmente proclamado — acerca da função preponderante exercida pela mulher no,

aperfeiçoamento moral, no enobrecimento e evolução da humanidade; como depositária dos mais altos desígnios de Deus a seu respeito.

Certo, no ponto de vista espírita, a questão do sexo é meramente acidental, sabido que o não possuem os Espíritos e que tanto encarnam em um como no outro, não residindo no corpo que revestem, mas no substrato divino que os caracteriza, as faculdades morais e intelectuais que, em harmonia com o plano geral da evolução, lhes cumpre desenvolver até a sua máxima plenitude. Uma circunstância, todavia, cumpre desde logo ficar assinalada, e vem a ser que a diferenciação, tão apenas fisiológica e orgânica, mas biológica e também psicológica, observada no complexo estrutural do homem e da mulher, não representa fator de tal modo desprezível que seja indiferente ao Espírito, e sem consequências no seu percurso evolutivo, incorporar-se uma ou outra dessas modalidades somáticas. Ao contrário, a escolha, determinada na lei, que regula os renascimentos sucessivos na matéria, e não deixada ao exclusivo arbítrio individual, como por muito tempo o admitiram e ainda o afirmam espíritas simplistas, é feita consoante, de um lado, o imperativo dos atos, nenhum dos quais escapa à sanção da justiça divina, praticados em anteriores existências, e do outro a necessidade de aperfeiçoamento moral ou intelectual do indivíduo.

Assim, quando seja necessário adquirir e desenvolver qualidades peculiares, como o poder da ação, volitiva e reflexiva, a energia empreendedora, frequentemente duplicada de resistência física, solicitada por trabalhos e exercícios dessa natureza, as quais se relacionam com as faculdades intelectuais, o Espírito encarna como homem. Se, porém, chegou a vez de expiar, na condição dependente, subordinada e circunscrita de mulher, os abusos de poder, os extremos da vontade ou transgressões do dever, praticados em precedentes vidas, ou se, principalmente, se trata de cultivar, na obscuridade e na modéstia, os sentimentos afetivos, apurando-os em suas mais nobres exaltações, a escolha tem que forçosamente recair num corpo feminino. De sorte que o aperfeiçoamento alternado das aptidões peculiares de um e outro sexo, que a lei admirável de harmonia, em sua aplicação assim ao Cosmos gigantesco e a evolução universal dos seres como a vida particular de cada um, inelutavelmente impõe, é que vem a produzir esses raros espécimes — raros num mundo como o nosso — do Ser integral, homem ou mulher, em quem o perfeito equilíbrio do sentimento e da inteligência, ou melhor, da razão, que é a sua expressão mais alta, reveste o esplendor de uma suprema realização.

Enquanto não atinge essa culminância, manifesta o Espírito separadamente, em suas repetidas peregrinações terrestres, as aptidões características de um ou do outro sexo, em que se divide a família humana, como ademais todos os seres vivos, não sendo rara a anomalia, consoante a sua adaptação em maior ou menor grau às peculiaridades de um ou do inversamente, assim se explicando certas aberrações como — para recordarmos, de todas, a mais impressionante — a precariedade, senão

a ausência do sentimento materno em algumas criaturas brutais e insensíveis, com razão reputadas mães desnaturadas, em contraste com indivíduos dotados de todas as exuberâncias do sentimento feminino.

Esse casos, todavia, posto que observados, sem chegarem a tais extremos, com relativa frequência, constituem as exceções. Regra geral é apresentar a mulher, pela fragilidade e delicadeza de sua organização física, sem embargo de notável resistência moral, que lhe permite suportar as maiores dores e sofrimentos com intrepidez de que o homem se não mostra capaz, pela extrema vibratilidade de seu sistema nervoso, apto por isso à expressão de todos os idealismos, e sobretudo pela sua profunda capacidade de amar e dedicar-se até a suprema imolação própria, por esse conjunto de dons, que a tornam eminentemente receptiva às inspirações divinas, e tipo superiormente representativo da humanidade, no que entende com a excelsitude de seus destinos imortais.

Direis que esboçamos o tipo da mulher pertencente, pela educação e cultura, as mais altas classes sociais. Sem dúvida aí se encontram, mercê daquelas favoráveis condições, os exemplares mais completos da mulher ideal, como a descrevemos e pretenderíamos que, até certo ponto, o fossem todas, não o sendo contudo em consequência do egoísmo escravizador do homem, que a tem, na maioria, privado de adequada instrução complementar. Mesmo, porém, nas camadas obscuras da sociedade e no seio dos mais rudimentares aglomerados humanos, em que é constrangida até aos rudes trabalhos dos campos, para alimentar a torpe ociosidade do marido, a mulher se distingue e se revela superior, por suas qualidades fundamentais de afeto e de obediência, de terna e desvelada solicitude pela prole, de instintivo recato e pureza, com que sobrepuja o homem, escravo dos apetites sensuais.

Depositária — dizíamos há pouco — dos mais altos desígnios de Deus a seu respeito, a mulher enfeixa realmente em suas mãos os destinos da humanidade. Radiosa promessa na adolescência, quando a sua mente se povoa de sonhos, que as realidades, tantas vezes amargas, da vida se incumbirão de dissipar; como filha e como irmã, irradiando os mais castos afetos, que tanto contribuem para purificar o ambiente familiar; logo esposa, sustentáculo e inspiradora moral do marido, de quem se torna parte integrante, preciosa e indispensável, como desvelada companheira, fonte de estímulo e de consolação nas horas inquietas, ou compassiva enfermeira nos sofrimentos físicos, é principalmente como mãe, aureolada de esplendor divino, que se integra na magnitude incomparável de sua função, não apenas doméstica, mas social e humana.

Porque, se no ponto de vista da perpetuação da espécie cabe ao homem — elemento positivo — transmitir a vida em germen, pertence à mulher desenvolvê-la e alimentá-la com a prolongada transfusão de sua própria vida, tantas vezes imolada, ao dar nascimento a um novo ser. Mais ainda, os filhos, gerados e nutridos da sua

carne e do seu sangue, passarão — e aí sobretudo culmina a sua missão providencial — a ser também feitura moral do seu Espírito, assim, convenientemente instruída — e quando não, guiada pelas intuições maternas, reflexo, amortecido embora, da sabedoria divina — saiba ela duplicar-se de vigilante educadora, para observar, refrear e corrigir as imperfeições morais, que a espontaneidade característica da crença não esconde, estimular e fortalecer, com a exortação e o exemplo, todas as nobres tendências e aspirações dos pequeninos seres, numa palavra, plasmar em moldes superiores o caráter dos filhos. Preparar, portanto, homens dignos para a constituição de uma sociedade perfeita, é a transcendente missão, social e humana, da mulher.

Faleçam-lhe — e em geral lhe têm sido realmente negados — os elementos esclarecedores, supridos por adequada cultura intelectual, em todos os tempos monopolizada pelo homem nas classes instruídas, que constituem a minoria, terá ela ainda assim, para guiar-se em sua missão, a fonte, por excelência inspiradora, do amor, que é a razão suprema de sua vida e também o seu galardão e o seu tormento.

Ora, todo aquele que, consciente ou inconscientemente, se propõe realizar uma obra de amor, desperta, mais que qualquer outro, as iras do Anticristo que, por seus inumeráveis agentes, não lhe suscita apenas embaraços, dificuldades e repulsas, mas arma ciladas e, a cada passo, promove toda sorte de tentações, com o fim de frustrar o plano do Senhor, a quem pertence toda obra de bem, e fazer sucumbirem os seus executores. Tendo, em sua adestrada sagacidade, previsto o alcance providencial da ação humanitária da mulher, ele, que detesta o gênero humano e o tem escravizado só pelo prazer satânico da dominação, ao mesmo tempo em que de insurgência aos desígnios do Criador, não podia deixar de concentrar o seu ódio reacionário sobre aquela que, diletta colaboradora da Providência, pelos predicados com que a tem favorecido, representa, de modo genérico, o anjo tutelar da humanidade.

Por isso tem ele, de tempos imemoriais, exercido contra a mulher e sobre a mulher, formidável pressão. Contra ela, insinuando, a seu respeito, no espírito do homem a ideia de uma inferioridade que, não residindo sequer no acidente do corpo, dotado ao contrário, como o recordávamos há pouco, de condições fisiobiológicas, de vibratilidade nervosa e delicadeza anatômica, testificadoras de real superioridade, o tem contudo induzido a, cerceando-lhe os direitos naturais, não somente impor-lhe um estado de servidão, de que só recentemente se vem ela objetivamente emancipando, para cair, todavia, em exageros, de cujos inconvenientes em pouco falaremos, mas — o que é pior — considerá-la e torná-la de fato instrumento passivo de sua concupiscência. Obsidiado pela preocupação mórbida, se não exclusiva, da sensualidade, pelo menos preponderante, a tal ponto que é essa, em todo momento, a primeira ideia que lhe desperta a presença de uma mulher — efeito ainda e sempre da ação oculta que padece em tal sentido — tem o homem automaticamente colaborado na realização do plano pelo Anticristo concebido acerca da mulher e que

outro não é senão deprimi-la e, quanto possível, aviltá-la, em detrimento de sua missão nobilitante. Sobre ela a ação funesta do inimigo se tem feito diretamente sentir mediante sorrateiros estímulos às suas naturais, porque humanas, fraquezas que, todas, numa única se resume: a vaidade. Seja porque nela predomina o senso estético, de tal modo que as exuberâncias de sua imaginação se dispersam no gracioso aformoseamento dos mais insignificantes objetos, relacionados ou não com a sua pessoa, ou porque a privação de sólida cultura mental, constringendo-a a permanecer na superfície das coisas, sem as aprofundar, exceto no que entende com os sentimentos afetivos, estranhos a semelhante cultura, lhe tenha vedado, em geral, a incursão nos domínios superiores do pensamento, ou ainda — e essa é a razão fundamental — pelos imperativos providenciais de sua missão, que a impele a ocupar-se de coisas mínimas, para delas — assim o saiba — extrair grandes resultados, certo é que essas e outras circunstâncias, conferindo à mulher uma reputação de frivolidade característica, aparentemente justificada, têm permitido ao inimigo oculto envolvê-la numa rede sutil de tentações, se tornando-a frequentemente um ser caprichoso e versátil, distanciado de seus nobilíssimos objetivos, outras, muito mais frequentes, vezes fazendo-a sucumbir enredada na trama de suas astuciosas sugestões.

Insciente dessa tenebrosa ação oculta, conformada com o seu cativo moral e, assim, convencida de que a sua função primordial, senão exclusiva, é agradar ao homem, não — como o faria, se esclarecida por uma educação verdadeiramente superior, e nesse caso preocupada, acima de tudo, de agradar a Deus — pelos atributos imateriais da alma, senão pelos atrativos do corpo, tem ela concentrado neste, em detrimento das altas faculdades do espírito, os seus maiores, quase exclusivos, desvelos e atenções, desse modo para si mesma ajudando a forjar as cadeias de uma subalternidade que, vinculando-se às preocupações da materialidade, tão avessa à sua índole natural, não pouco tem contribuído para obnubilar-lhe o senso de sua excelsa vocação.

Ora, um dos maravilhosos efeitos do Cristianismo foi a reabilitação da mulher, vítima, em todos os tempos, de absurdos preconceitos e de humilhações imerecidas.

*

* *

O Mestre, com efeito, profundo conhecedor da psicologia humana, já seja distinguindo a Samaritana com a transcendente revelação da natureza espiritual de Deus, já cultivando com benévola e carinhosa frequência a amizade de Marta e Maria, ou tomando espontaneamente a defesa desta última, quando a mesa do fariseu Simão, lhe entornara sobre a cabeça a redoma de precioso nardo e, em lágrimas, lhe enxugava os pés com a cabeleira desnastrada, ou ainda acudindo a restituir a saúde e

a vida ao filho da viúva de Naim, em tantos e tão comovedores episódios, de que nos dão conta as narrativas evangélicas, sempre se manifestou compassivo e atencioso com a mulher, cuja delicadeza de sentimentos sabia apreciar e retribuir e de cuja, intrepidez moral recebeu também, a seu turno, os mais expressivos testemunhos, assim nos angustiosos momentos que precederam a sua crucificação, como após o desenlace da tragédia.

Enquanto, realmente, apavorados com a prisão do Mestre, os discípulos se dispersaram e dois, apenas, se animaram acompanhar de longe o cortejo tumultuário, não tardando um deles, contudo, a negá-lo no pátio do pontífice, ao ser conduzido ao lugar do suplicio, em meio da ameaçadora coorte dos pretorianos e da multidão ululante, foram as piedosas mulheres que, indiferentes a todo perigo, com os corações alanceados de angústia, o acompanharam, chorando e batendo nos peitos, em sinal de protesto contra o inominável atentado, d'Ele recebendo esta abnegada e compassiva exortação: "Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, chorai sobre vós mesmas e sobre vossos filhos..."

Ao pé da cruz — no eloquente dizer do padre Marchal, em *O ESPÍRITO CONSOLADOR* — “suspenso no vácuo, entre a terra, que o rejeita ou o insulta, e o céu, que permanece na impassibilidade do bronze, acima da sua cabeça”, o espetáculo que se lhe depara é ainda, além de um único dos apóstolos, o de sua mãe — personificação da amargura suprema, imperecível imagem da MATER DOLOROSA — Maria de Cleofas e Maria Madalena, permanecendo nas proximidades "muitas outras que tinham subido com Ele a Jerusalém". Apenas ressuscitado, a primeira pessoa a quem aparece e fala é também a Madalena, recomendando-lhe todavia: "Não me toques, porque ainda não subi ao Pai; mas vai aos meus irmãos e dize-lhes que subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus."

Tão vivaz, não obstante, era então e foi por muito tempo ainda o preconceito contra a mulher que mesmo o grande Paulo a ele não se logrou subtrair, pondo numa de suas estupendas epístolas (I Coríntios) esta singular advertência (14: 34-35): "as mulheres estejam caladas nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; mas estejam em sujeição, como também diz a Lei. Se, porém, querem aprender alguma coisa, perguntem-na em casa a seus maridos; porque é vergonhoso para uma mulher o falar na igreja."

Esse espírito exclusivista, no fundo visceralmente judaico, permaneceu durante muitos séculos na igreja católica, "não podendo os seus monges e padres, vivendo no celibato, segregados da família, apreciar o poder e o encanto desse delicado ser, em quem enxergavam, de preferência, um perigo". como o recorda Léon Denis¹²⁶. Obcecada pela narrativa literal do GÊNESIS, cujo simbolismo não compreendia, chegou essa igreja, no século VI, a suscitar, entre as deliberações do concílio reunido em

¹²⁶ Ver *NO INVISÍVEL — ESPIRITISMO E MEDIUNIDADE*, capítulo VII, "O Espiritismo e a Mulher".

Macon (585), a questão dubitativa: “se a mulher tem ou não tem alma”. Levando mais longe as suas malévolas suspeições, obediente que cada vez mais se tornava às dominadoras insinuações do Anticristo, moveu contra a mulher, a pretexto de seus maravilhosos dons mediúnicos, interpretados, como feitiçaria, as mais cruéis perseguições, a que sucumbiram tantas vítimas ilustres, dentre elas sobressaindo, pelo esplendor de sua missão como libertadora da França, Joanna d'Arc, a gloriosa virgem de Orleans, queimada viva em 1431, por ordem e coberta das maldições dessa igreja que, todavia, em testemunho da infalibilidade de suas decisões, acaba, há poucos anos, de canonizá-la.

Pairando, não obstante, acima dessas misérias, torpezas e injustiças, que só desonram os seus autores, a mulher tem enriquecido a Igreja Cristã — não a católico-romana — desde a sua fundação até aos nossos dias, com a inexorável colaboração, representada em existências imaculadas e obras edificantes, de tantos outros notabilíssimos vultos, cuja nomenclatura encheria volumes, sem falar nas humildes e obscuras, constitutivas de verdadeiras legiões, cujos nomes, ignorados pelo mundo, fulguram nos tabernáculos eternos, bastando contudo, entre aquelas, para perpétua glória do Cristianismo, recordar as figuras de Tereza de Jesus, em quem aos opulentos dons da inteligência se aliavam as peregrinas virtudes evangélicas — fé ardente e ativa, humildade profunda e caridade infatigável, culminando no amor transbordante e adorativo ao seu e nosso Divino Salvador — e Clara, a abnegada filha espiritual de Francisco de Assis, não apenas colaboradora, mas duplicadora, sob a modalidade feminina, do apostolado de renúncia que, sob as inspirações do Senhor Jesus, tão fecundas claridades espirituais projetou na sombria Idade Média.

A esses vultos de altíssimo relevo moral pode certamente o Anticristo opor algumas deploráveis figuras femininas, cujos nomes a caridade ordena omitir, vítimas de suas funestas sugestões, que em várias épocas da história, assim no mundo antigo como posteriormente ao advento do Cristianismo, se celebrizaram, de par com as seduções da beleza física, pelo desregramento de seus costumes e criminosas práticas, enredando e comprometendo a honra, a vida e a carreira de incautos, algumas vezes, mundanos ilustres, joguetes de seus próprios instintos sexuais. São exceções, todavia, que mais realçam, pelo contraste, a nobreza tradicional da Mulher virtuosa e digna, que todas as classes sociais se podem ufanar de possuir.

Não que a esta, movido de respeito, que não possui, se tenha o Maligno abtido de tentar. Ao contrário, infatigável, tem sua sistemática hostilidade à depositária dos superiores destinos humanos, se em todos os tempos, como o vínhamos assinalando, a fez ele objeto de suas malévolas investidas, em nossa época, preparatória de consideráveis transformações na vida moral o social da humanidade, prevalecendo-se da generalizada perturbação, por ele mesmo intencionalmente gerada nos espíritos, com repercussão em todas as esferas de atividade — literária, filosófica, artística, econômica e política — de tal modo apertou ele o assedio em torno da

mulher que, se lhe não for oposto um enérgico movimento de reação, terminará, não obstante a assistência divina que a protege e apenas tem logrado, em sua defesa — que seria completa se, instruída, soubesse ela abroquelar-se na vigilância e oração — conter as demasias daquela tremenda pressão reacionária, terminará, dizemos, por inutilizá-la, a poder de aviltamento, para os sagrados misteres de sua inata vocação.

Não o percebe ela. E, porque o não percebe, é que se está deixando, sob aparências agradáveis, porque lisonjeadoras de sua vaidade, impelir pelo resvaladouro de atitudes e hábitos comprometedores de suas mais nobres qualidades espirituais.

Pondo de parte o que ocorre, de resto em mais vasta escala, a Julgar pelos depoimentos de jornalistas e escritores itinerantes, nos demais países da Europa e da América, para focalizarmos, inicialmente, a análise no que se está passando nesta capital e, um pouco, em todo o Brasil, o que o Espírito do mal tem conseguido fazer à mulher, escravizando-a, como dócil joguete, a suas astuciosas sugestões, é de molde a pungir de tristeza e desgosto o espírito do observador cristão, como de todo brasileiro que, tendo vivido o bastante para fazer, de ciência própria, o paralelo entre duas épocas, pode apreciar o doloroso contraste do espetáculo que oferece atualmente a mulher e, de modo geral, a família brasileira, com o que oferecia no último quartel do século passado.

Para o iniciado, com o entendimento alerta às maquinações ocultas, a ação tenebrosa do Anticristo se desenvolve no sentido de um plano intencional e calculadamente graduado, de molde a ir, sob os mais justificáveis e, na aparência, inocentes pretextos, enredando a mulher numa trama, que, abrangendo hábitos, indumentária e cuidados pessoais, para ampliar-se a todas as suas formas de atividade social e doméstica, a empolgará, por último — tal é o objetivo — em completa e imobilizadora dominação, aniquilando-lhe os livres movimentos espirituais e destruindo o lar, de que tem sido e — entende o inimigo — cumpre impedir que continue a ser fundamento, sacerdotisa e providência.

Estas nobres possibilidades, a seu imediato alcance, eram outrora o seu único ambicionado galardão. Confinada, com exclusivismo, é certo, que orçava pela tirania, no ambiente do gineceu, limitado era, o horizonte intelectual da mulher, como limitadíssima a sua liberdade, justificando-se, em tais condições, o movimento de emancipação, que se operou mais tarde, levado, entretanto — já o assinalamos — como todo movimento inicial dessa natureza, a compreensíveis exageros, que importa corrigir.

Mas foi ali que, mercê de uma cuidada educação religiosa, floresceram as matronas a quem o Brasil deve a formação de homens que tanto o dignificaram por sua integridade moral, e floresceram as virgens, por sua timidez e recato, inspiradores do amor em suas mais idealizadas formas, ao mesmo tempo em que de uma literatura, manejada por grandes inteligências que, fugindo às torpezas do

materialismo, sabiam difundir e cultivar nos espíritos os mais puros sentimentos e elevadas aspirações. Romantismo? — Sim, era o predomínio do romantismo, que enlevava a imaginação com o encanto das ficções tão próprias a fazer esquecer, transmudadas na roupagem de ilusões e sonhos — aços de uma realidade que se não vê — as grosseiras realidades ambientes, romantismo que inspirava a um poeta pernambucano — Victoriano Palhares — *AS NOITES DA VIRGEM*, delicadíssimo poema em prosa, calcado num modelo visto com os olhos d'alma, não, porém, irreal, pois que naquele tempo a mulher, particularmente a virgem, por sua pureza e inocência, pelo recato e imaterialidade de que se impregnavam todos os seus gestos e atitudes, ainda podia oferecer a obras primas como aquela um motivo de inspiração objetiva. Era, então, numa palavra, a virgem cristã e, de modo geral, a mulher cristã, cujo modelo o poeta não inventou, mas teve a fortuna de observar, exaltando-a, certamente, com as opulências de sua imaginação e sentimento.

Pois bem, foi a mulher, por seus formosíssimos predicados, capaz de, naquele tempo, inspirar tais poéticos arroubos que o inimigo astuto logrou — falamos da generalidade, que se exhibe aos nossos olhos contristados, e resalvamos, naturalmente, as numerosas exceções que se ocultam, retraídas, como preciosa reserva do que o Senhor permitirá volte a ser a família brasileira — transformar, exteriormente pelo menos, em um ser que, na inconsciência da formidável pressão oculta a que obedece, dir-se-ia haver perdido a noção do respeito que a si mesma deve, e ao seu sexo, e aos princípios cristãos em que foram educadas as gerações que a precederam.

Severidade exagerada? — Vejamos se assim permitem considerá-la os fatos.

*

* *

Comecemos pela indumentária e os cuidados pessoais.

Era fácil outrora distinguir, pela simples inspeção exterior, uma senhora, filha ou mãe de família, de uma pobre decaída, vítima dos instintos libidinosos do homem, frequentemente importada no Brasil como produto da mais ignominiosa das indústrias.

Só às “escravas brancas”, cuja tristíssima função extrassocial, fruto de uma civilização falida, as constrangia a trocar pelo pão do aviltamento — quando possível, também o luxo efêmero — fementidas carícias, era lícita a exibição de artifícios pessoais, duplicados de maneiras desenvoltas, com que despertavam e atraíam a atenção e lubricidade dos homens. Usavam frequentemente cortar os cabelos e punham nos atrativos do corpo, que a necessidade as obrigava a valorizar, para viverem, meticulosos e exclusivos cuidados. As senhoras honestas, por instinto, as detestavam ou, quando superiormente esclarecidas, nutriam profunda piedade pela

sua humilhante e humilhada condição. De todo modo, as fronteiras entre umas e outras estavam ostensivamente delimitadas.

Ao Maligno contudo não convinha assim permanecesse. Tramou então, como ponto de partida para mais profunda identificação, que é seu intuito, promover a confusão, a mistura, na aparência pelo menos. Para gerar o hábito, que embota a sensação. Sugeriu logo, de início, a novidade dos cabelos cortados. E senhoritas, em pouco acompanhadas pelas senhoras de todas as idades, sem respeito às próprias cãs, submissas todas, sem repugnância, à tirania da Moda, corriam a entregar às tesouras inexoráveis dos barbeiros as madeixas que, não raro, compunham tantas artísticas e formosas cabeças e sempre foram o natural e característico adorno da mulher.

O pretexto era a higiene. E a economia do tempo, antes malbaratado nas complicações do penteado. Como, já se não limitando ao exercício do magistério, que é uma ampliação e complemento da função maternal, digno por isso de irrestritos aplausos, mas, imitando o exemplo, que partira da União norte-americana, as senhoras haviam, desde algum tempo, desertando os lares, invadido os escritórios e casas comerciais e as repartições públicas, numa avalanche, que, deveria incessantemente avolumar-se, precedidas pelas moças de humilde condição, que a necessidade ou o espírito de imitação vinha, em idêntico crescendo, encaminhando para as fábricas e oficinas, o pretexto se apresentou, sobre legítimo, irretorquível. Higiene e rapidez, para não falhar-se à hora do trabalho.

Abramos aqui um parênteses, para dizer como pensamos dessa atividade externa da mulher.

Em princípio, sustentamos a igualdade dos direitos entre ela e o homem. Idênticos em natureza espiritual e no destino eterno a que, sob essa alterada e transitória condição, temos todos que, em sucessivas peregrinações terrestres, remontar, nenhum motivo defensável poderia ser articulado contra a liberdade, para a mulher, de aplicar-se não apenas ao magistério infantil, de que terminou por, legitimamente, deter o quase monopólio, mas a qualquer profissão de sua escolha, desde que a induzisse decidida vocação ou necessidade imperiosa.

Que à mulher não falece capacidade intelectual para desempenhar funções, consideradas privativas do homem, nos ramos do direito abstrato e da advocacia, mesmo judicatura, ou no funcionalismo público e na contabilidade comercial, sem falarmos na carreira médica, para a qual mais de um motivo justifica a sua inclinação, tem-no ela demonstrado onde quer que se tenha dedicado a tais misteres, chegando a notabilizar-se em certos ramos de especialização científica, de que por muito tempo fora julgada incapaz. Haveria apenas a assinalar, em confirmação da tese espírita, que o obedecer ela a irresistível pendor para tais atividades indicaria que a proximidade de uma anterior, ou anteriores encarnações como homem de tal modo lhe imprimira no subconsciente hábitos e preferências peculiares à nova condição, determinativa

de seu desenvolvimento espiritual e, assim, claudicante em relação aos objetivos da encarnação como mulher.

São exceções essas, todavia, características de vocações particulares, que o sagrado princípio de liberdade ordena respeitar e a que só a experiência pessoal, com as decepções que, frequentes vezes, a acompanham, virá providencialmente fixar limites.

Ao lado dessas vocações reputadas, até certo ponto, irresistíveis, há que considerar o caso, igualmente respeitável, da necessidade imperiosa, motivada, por exemplo, pela perda, invalidez ou, mesmo, penúria de recursos do chefe da família, que obrigue as filhas a procurar no trabalho externo os meios de subsistência para a sustentação do lar. Enquanto perdurar a atual organização dos Estados burgueses e não for substituída por um socialismo cristão nos moldes idealizados por Edward Bellamy¹²⁷ em sua magnífica ficção *DAQUI A CEM ANOS*¹²⁸ — utopia de uma realidade reservada ao futuro — tais casos serão relativamente frequentes e, por natureza, suficientes para oferecer à mulher um justo motivo de trocar pela atividade exterior, não isenta de inconvenientes, a que, em seguida, aludiremos, os misteres tranquilos que a reclamam no lar. Porque aí — já o dissemos — é que, aplicando e, por igual, desenvolvendo os seus incomparáveis dons espirituais e afetivos, deve ela exercer a missão tutelar que, nos desígnios da Providência, lhe está superiormente reservada e a que, portanto, só com íntimo pesar se deve sentir constrangida a renunciar. Tanto vale dizer: sacrifício temporário, a que do melhor grado se resolva a pôr termo, logo que circunstâncias favoráveis o permitam.

Não é isso, todavia, o que, salvo algumas raras exceções, se tem geralmente observado. Por uma espécie de contágio, frequentemente produzido pelo exemplo, não somente o exército das invasoras das profissões masculinas, sem que, para o motivar, haja notoriamente, ocorrido qualquer das circunstâncias a que nos referimos, tem visto incessantemente avolumar-se de novas aderentes as suas fileiras, mas tornou-se uma verdadeira endemia funestíssima em seus efeitos, a deserção dos lares, com o seu consecutivo desapego. Assim enquanto umas se encaminham aos escritórios e repartições públicas, onde permanecem durante o dia entregues aos labores de sua profissão, outras senhoras, em número considerável, se comprazem quotidianamente em trazer para as ruas e avenidas, sem dúvida, o encanto de sua presença, mas também exibição de uma tão pouco recomendável ociosidade, entretendo-se com futilidades e — o que é pior — impregnando-se das vibrações de pensamentos impuros, que indivíduos, igualmente ociosos,

¹²⁷ Edward Bellamy (1850-1898) foi um escritor americano de sucesso em seu tempo, especialmente com o romance *LOOKING BACKWARD: 2000-1887* (que nesta obra Leopoldo Cirne aportuguesou para *DAQUI A CEM ANOS*) pela qual, questionando os excessos da exploração do capitalismo, também influenciado pelos valores religiosos herdados da família (seu pai era pastor evangélico), propõe um modelo utópico de "socialismo cristão", conquanto muito distinto da tese revolucionária do Comunismo marxista — N. E.

¹²⁸ Veja-se também a obra complementar do Dr. Luiz Carpenter, *SOCIEDADE NOVA E REPÚBLICA NOVA*.

estacionados nos mesmos logradouros públicos, não cessam de emitir e têm por objeto, sempre, a mulher, vítima, em tais casos, pelo menos mental, de sua incorrigível e mórbida concupiscência.

Ora, essa atração pela atmosfera agitada e, a tantos respeitos, nociva das ruas, preferida ao sossegado ambiente do lar, por natureza, propício não somente a leituras instrutivas, mas à expansão dos sentimentos puros, ao recolhimento e à meditação, mesmo em meio dos seus obscuros, algumas vezes enfadonhos, não obstante meritórios, labores, constitui um dos calculados efeitos da malévola pressão pelo Anticristo exercida sobre a mulher, com o objetivo remoto da dissolução dos vínculos da família, tanto mais segura presa de suas diabólicas maquinações, quanto mais afastada logre conservá-la de seu ambiente próprio, exposta às tumultuárias correntes mentais exteriores. Não que se abstenha ele, por seus, inumeráveis agentes, de levar ao recesso dos lares a sua ação perturbadora e malfazeja, pois que aí mesmo não cessa de promover as desinteligências, incompatibilidades e desarmonias, de que é o verdadeiro autor intelectual, sobretudo entre os casais, como é também o instigador das tragédias em que, tantas vezes, desgraçadamente culminam semelhantes dissídios.

Como seja esse contudo um dos aspectos não apenas da pressão por ele particularmente exercida sobre a mulher, mas da ação envolvente e generalizada, em que se obstina e de que, em pouco, nos ocuparemos, sobre todos os sucessos da vida humana, encerremos aqui este parêntese.

E reatemos a apreciação dos cuidados pessoais e da indumentária da "mulher moderna".

*

* *

Decepar-lhe as madeixas — já o dissemos — com o secreto intuito de a assemelhar, no aspecto exterior, às hetairas, foi a conquista inicial. Obtido esse triunfo, outros o deveriam completar. E vieram as pinturas, a *maquillage*, como dizem os franceses: ao começo, o colorido artificial das faces e dos lábios, com o ridículo exagero de ostentarem estes o desenho rubro de um coração; depois o das unhas, não levemente rosadas, mas com indubitável mau gosto, de um escarlata vivo; em seguida as pestanas e pálpebras sombreadas a bistre ou a nanquim, simulando olheiras, à imitação das atrizes para obtenção de efeitos cênicos, e por último — inacreditável! — as sobrancelhas arrancadas. Sim, introduziu-se a moda, com pretensões talvez de aperfeiçoar, mas realmente de deformar o adorno, tantas vezes gracioso, da natureza, componente da expressão fisionômica, destruindo a maior parte dos pelos e reduzindo as sobrancelhas a um fio delgado e quase imperceptível.

Faceirice inocente — direis de tudo isso? — Frívolos e inestéticos requintes,

sem dúvida o são, mas, no fundo, simulação, fingimento, artifícios incompatíveis com os preceitos cristãos, que não excluem certamente os cuidados pessoais e higiênicos a que tem direito o corpo — tabernáculo do Espírito — e podem mesmo tolerar, da parte da mulher, não votada a monja, mas que a todos nos impõem, como regra inviolável, a simplicidade, a sinceridade, a verdade, assim cultivadas no santuário interior de nossos sentimentos, como na forma exterior de apresentar ao mundo, em suas relativas expressões, os dons da alma e os predicados físicos. Toda simulação, portanto, e todo artifício e fingimento são atentatórios de tais salutares preceitos. Atentatório igualmente o cuidado excessivo do corpo, em detrimento do Espírito. Mas não foi para outra coisa, senão para conduzir a mulher, desamparada de uma educação superior, a essas deploráveis infrações, que o inimigo astuto, agindo sobre a sua incauta vaidade, a tem enrodilhado na trama de verdadeiramente infernais maquinações.

Porque não parou aí o seu plano de sistematizada e progressiva depressão moral, senão que, insatisfeito de expor ao ridículo a nobre figura feminina, com a exibição de tais detestáveis artifícios, nalguns casos orçando pelo grotesco, e obstinado no propósito de a envergonhar e diminuir aos olhos de todos, ainda pós em prática o Maligno as mais afrontosas reduções, no que se refere à indumentária.

Inspiradas no recato que, sob a moralizadora influência do Cristianismo, sempre foi o seu apanágio, usavam as senhoras de todas as idades, com ligeiras variantes, ditadas pelas oscilações da moda, não exhibir desnudas, em público, senão as extremidades superiores do corpo: das mãos até o antebraço e uma discreta parte do pescoço, envolvendo-se todas em roupagens mais ou menos amplas, que deixavam apenas suspeitar os contornos da figura, submetida, é certo, às torturas do anti-higiênico espartilho, mas alongadas as saias, de modo a esconderem, quase, os próprios pés. Era elegante e, algumas vezes, majestoso, sobretudo após o banimento da abominável saia-balão, sem dúvida remota sugestão oculta — ela vem de longe — visando hilariantes efeitos de ridículo.

Com o encurtamento das saias, à camponesa, sob o falso pretexto de evitar a aderência da poeira das ruas, e a introdução dos decotes, começou o desnudamento progressivo. Enquanto as saias entraram a subir do tornozelo até mostrar, quase, os joelhos, numa impudica exibição — o pretexto de evitar a poeira fora abandonado, por insubsistente — os decotes, com a exposição dos braços inteiramente nus, desciam ao ponto de oferecer à curiosidade lúbrica dos homens a nascença dos seios, ao mesmo tempo em que, suprimidos gradualmente os acessórios interiores, reduzidos por último a uma ligeira "combinação", os vestidos passaram a ser tão colados ao corpo que não somente revelam, quase inteiramente visíveis, as suas mais secretas formas, senão que dificultam os seus movimentos, devendo constituir uma dupla e verdadeira tortura: moral, porque obrigam a mulher a exhibir-se assim impudicamente aos mais indiscretos olhares, e física, porque a privam de

comodidade até para locomover-se.

Quando, outrora, as senhoras — falamos particularmente da mulher brasileira — adotavam por modelo a Virgem Maria e, cultivando sentimentos verdadeiramente religiosos, não meras e hipócritas práticas devocionais, lhe rendiam merecido culto filial, jamais se vestiram, ou antes, se despiram de semelhante modo. Com que vergonha e dor d'alma opomos o contraste!

Agora, porém, a tudo se têm elas docilmente submetido. Umas por haverem, sob a terrível pressão, que nem suspeitam, do inimigo oculto, perdido as noções de elementar pudor, ao mostrarem, radiantes de vaidade, a elegância ou opulência de suas formas físicas, outras, de começo envergonhadas, mas demasiado tímidas para oporem decidida repulsa à amoralidade tirânica da moda e afrontarem resolutas a critica imbecil, por último habituadas, obedientes e resignadas, todas se estão inconscientemente prestando à execução do plano tramado no invisível com o objetivo de as envilecer e que, para ser integralmente eficaz, tem abrangido em sua tenebrosa rede as próprias gerações ainda em botão.

Que quer dizer, com efeito, a extravagância de se vestirem as meninas com usura tão excessiva de tecidos que as deixa quase inteiramente desnudas? Sem dúvida, sempre foi uso apropriado às exigências higiênicas e à liberdade de movimentos infantis, cobrir, nas meninas impúberes, apenas o tronco e, daí, até a altura dos joelhos, numa graciosa proporção de vestuário em relação às partes desnudas — braços, pernas e pescoço — em desafogo natural. Agora, porém, se na primeira infância as habitam a usar pouco mais de um palmo de vestido, que as torna inestéticas, pela visível desproporção com o resto, e mal lhes vela o púbis, dando-lhes um desgracioso ar de dançarinas contrafeitas, é um contristador espetáculo o serem habituadas, em plena puberdade, a usar um mero saio que lhes deixa à mostra as coxas, tudo isso com o indubitável intuito — do inimigo oculto e não de suas incautas mães sugestionadas — de as fazer, o mais cedo possível, se alhearem de toda noção de pudor e admitirem, sem resistência nem repugnância, qualquer atrevimento de indivíduos bastante destituídos de moral para se não respeitarem a si próprios nem a sagrada figura da mulher, em todas as idades.

Preparado assim pelo Maligno o terreno — e mesmo sem esse preparo antecipado — atingimos finalmente a culminância do impudor feminino, com a exibição do nudismo, ensaiado nas praias de banho e requintado nos concursos de “maillots”, em que cada qual se esmera em mostrar-se mais despida, mas que, não se contentando com tais breves exposições, chegou recentemente, em certos países da Europa, com algumas frustradas tentativas entre nós, a constituir escola: escola de nudismo integral, sob o falso pretexto — mais um, insinuado pelo inimigo — de naturismo e higiene.

Falsíssimo pretexto, esse, que não pode ser invocado para a exibição, por exemplo, nos teatros, de pobres mulheres, cruelmente induzidas, de um lado, para

ganharem o pão e, do outro, saciarem o crônico erotismo visual de espectadores amorais, a se apresentarem inteiramente despidas, em atitudes, que se dizem plásticas, e exercícios coreográficos aviltantes da dignidade humana.

Ora, todos esses aspectos alarmantes da investida, lançada em grande escala pelo inimigo, com o fim, de modo geral, de tudo envolver na onda de materialismo que, por ele desencadeada, invadiu o mundo, e, particularmente, subverter, com a perversão moral da mulher, os fundamentos da família — poderão acaso aspirar à nobreza de mães de família as desenvoltas exibicionistas das praias de banho? — em lugar de merecida repulsa, têm encontrado panegiristas, defensores o propagandistas, assim nas folhas públicas de grande circulação como em reputados escritores e literatos que, fazendo coro com certos desvairados homens de ciência, em nome desta, partidários e até organizadores das tais escolas de nudismo, têm vindo a público insinuar, com a responsabilidade, do seu nome, simpatias e aplausos a semelhantes aberrações, próprias de sociedades decadentes.

Patrício nosso, entre outros, membro laureado da Academia, notável por seus primorosos trabalhos, numa crônica sobre “Naturismo”, enviada de Paris em 1929, profanava a sua culta inteligência em mal disfarçada apologia, pouco importa que resalvando cautelosamente:

"Não tomo partido. Constato. E quero aludir ao “naturismo”, à Freiekultur”, ao nudismo, à “nacktcultur” que caminham em progressão, não assustadora, para se tornar moda no mundo. Não riam nem duvidem. É sério. São homens e mulheres — mais de dois milhões na Alemanha, quase cem mil em França, outro tanto na Inglaterra e mais ainda na Suécia, na Noruega, na Finlândia — que se despem completamente, por ora dentro de parques privados, pertencentes a suas respectivas sociedades, para fazerem Sport, repousarem, se expõem ao sol, viverem vida naturalista e integral, dizem eles, sem malícia, sem escândalo, sem perversidade. Ao contrário, dizem eles. O nu é moral e é sadio. Já Solon, o legislador ateniense, dizia: 'em mostrar-se nu aos olhos dos outros, tem-se mais cuidados de entreter a saúde, a força e o vigor'."

E adiante acentuava o escritor e professor em apreço: "O nu é moral, diz um naturalista moderno, o Dr. Pierre Vachet". Traíra, porém, de início, o fundo de seu pensamento ao pronunciar-se assim:

"A gente se veste para se proteger contra o frio e calor. Contra contatos agressivos ou irritantes. Também por decência. Digamos melhor, hipocrisia".

Os grandes órgãos da imprensa, a seu turno, levados na onda, não agasalhando apenas artigos de colaboração como esse, mas para agradarem a todos os paladares, têm criado seções especiais de propaganda e divulgação da cultura física feminina, “ginástica rítmica” e exercícios semelhantes. Numa palavra, preconiza-se o culto da

matéria, focaliza-se como ideal de perfeição humana e beleza física e invoca-se o modelo escultural e impudico das mulheres gregas, sob a alegação, como se viu, de que o nu é moral e deve-se viver integralmente segundo a natureza. Por pouco — e quem sabe se lá não chegarão? — não recomendam tais insensatos apologistas reproduzirem-se os costumes de alguns habitantes do reino do Ponto, ao tempo da universal dominação romana, os quais, segundo o testemunho de um historiador¹²⁹, “usavam batéis de cortiça, andavam nus, pintavam as costas e exerciam em público as funções da procriação”.

Mas não veem esses propagandistas da amoralidade — e vê-lo-iam se lhes não obliterasse o senso moral a ação insidiosa do Anticristo, empenhado, por todas as formas, em aviltar nossa espécie — que tudo isso representa um movimento de regressão intencional ao primitivismo, com proscricção de todas as conquistas morais do Cristianismo?

*

* *

Porque a doutrina do Senhor Jesus, cujo triunfo sobre o paganismo e as tremendas perseguições com que o inimigo a tentara aniquilar, constitui o maior milagre histórico, vem para reabilitar, enobrecer, dignificar a espécie humana, particularmente a mulher, substituindo ao endeusamento da matéria e às aberrações dos sentidos físicos a cultura do Espírito e a exaltação das qualidades morais do homem até a culminâncias da santidade, podendo, sem exagero, dizer-se que, em relação à mulher, fez do pudor — assim do corpo como da alma — uma verdadeira religião. Graças a ela é que à impudicícia clássica da mulher grega, hoje tão preconizada, se opõe, entre tantas outras, como contraste, o exemplo de Perpétua, a mártir cristã de que nos ocupamos no começo desta obra e que, atacada primeiro pela vaca raivosa, a cuja fúria fora no anfiteatro, abandonada, com sua companheira Felicidade, “caiu de costas; sentou-se logo na arena e, vendo que de um lado se lhe tinham rasgado as roupas, puxou-as para cobrir uma coxa, mais ocupada do pudor que do sofrimento”, exemplo que, numa distância mesmo de tantos séculos, deve encher de vergonha as nossas contemporâneas, heroínas do nudismo, parcial ou integral, a que nos vínhamos referindo.

Falamos do pudor assim do corpo como da alma. Um e o outro, realmente, se completam como expressões de um mesmo grau de civilização adiantada. Porfiem, como lhes apraza, em sua propaganda os fascinados partidários da regressão às formas culturais do paganismo, a verdade, que se lhes há de sempre opor vitoriosa, é que o advento do Cristianismo, erigindo em ideal a espiritualização da humana criatura, não somente constitui um elo superior na cadeia da evolução de nossa

¹²⁹ C. Cantu, *HISTÓRIA UNIVERSAL*, vol. IV, pag. 400.

espécie, ao culto pagão da forma, que teve sua razão natural e sua época, sobrepondo a cultura primacial do Ego divino que a alma, senão que implantou na consciência do homem, descortinando-lhe a grandeza de seus destinos imortais, noções mais altas de sua nobreza intrínseca e dos característicos por que se há de revelar.

Nós, os cristãos, não nos vestimos tal por hipocrisia nem unicamente para nos preservarmos do frio ou de contatos exteriores desagradáveis ou nocivos. A noção de recato e de pudor não é o resultado de mera convenção, mas de um apurado sentimento da dignidade humana, que o selvagem, no primitivismo de sua mentalidade, não conhece, porque corresponde a um grau de civilização por ele ainda não atingido. Do mesmo modo que nenhuma pessoa educada — simplesmente educada — se comprazeria em vir à rua comunicar a toda gente as suas preocupações, as suas alegrias e desgostos, os motivos de seus mais secretos pesares, numa palavra, as suas intimidades morais, assim também, por igual motivo de decência — insistamos — de pudor, nenhuma virá exhibir em público, sobretudo em se tratando da mulher — ser por excelência delicado — as intimidades do seu corpo.

Foi preciso que o Anticristo, no desenvolvimento de seu plano de tudo materializar, a tal ponto houvesse pervertido a mente das infelizes gerações contemporâneas que lhes fez, momentaneamente pelo menos, perder o senso do decoro moral e físico, para que fossemos testemunha da dissolução dos costumes, que faz a vergonha, por assim dizer, universal da nossa época, e do aviltamento da mulher, em contraste com a excelsitude de sua missão no seio da humanidade, tornada, a poder de artifícios e de uma desregrada indumentária, objeto apenas de excitação dos apetites eróticos do homem, vítima, a seu turno, da mesma ação tramada no invisível para sua falência espiritual.

Porque também nós outros, os homens, que temos, no ponto de vista da moralidade, uma função igualmente dignificadora a realizar no mundo, somos, desde a infância, tentados pelos agentes subalternos do Anticristo que, sobre roubar-nos a inocência, logo aos primeiros ensaios na vida exterior, ainda ousou, não de agora, mas de séculos, insinuar uma moral diferenciada, segundo a qual não existe para o homem o pecado dos sentidos, sendo ao contrário um motivo de ufania cobiçar todas as mulheres e sacrificar o mais cedo possível, no altar de Vênus, com as hetairas, a virgindade do corpo, exigível unicamente da mulher, para a celebração do himeneu¹³⁰.

De tal modo tem, com efeito, o inimigo estendido sobre o homem a rede subjugadora de suas malfazejas sugestões, visando o aviltamento não de uma parte apenas, mas de toda a humanidade, que logrou nele incutir, desde a adolescência, o sentimento do impudor físico, erigido — repetimos — em signo de virilidade. Mais ainda, prevalecendo-se da vivacidade, no homem, do instinto sexual, que é uma

¹³⁰ Himeneu: casamento, bodas, festa de núpcias — N. E.

sentinela em sua natureza, como em todos os seres do seu sexo, providencialmente colocada para perpetuação da espécie, dele, tem feito mais que um estímulo preponderante, uma desregrada e mórbida preocupação, tornada um vício mental, fonte geradora de malícia, de anedotas e comentários obscenos, em que tanto se compraz, intoxicando-se espiritualmente a mocidade nas escolas e, em geral, os indivíduos de todas as classes, sem cogitarem dos terríveis efeitos de semelhante vício e da barreira que desse modo preparam aos surtos de sua futura evolução.

Ah! Se eles soubessem que o homem, segundo as leis que os estudos e observações do psiquismo nos revelam, se torna aquilo em que faz consistir a sua preocupação constante; se soubessem que as nossas vibrações mentais impregnam o aura, que nos envolve, de tonalidades riosas e claras, ou obscurecidas e molestas, conforme seja elevada ou grosseira a natureza dos nossos pensamentos, certamente, por pura higiene mental, se absteriam de tais práticas nocivas, que vêm a constituir mais tarde rudes embaraços, quando tentamos penetrar na senda, iluminada e iluminadora da iniciação espiritual.

Saturado, com efeito, de pensamentos impuros, a maior dificuldade que encontra o neófito, nos exercícios, a que mais tarde adiante nos reportaremos, assim para o recolhimento e disciplina mentais, como para os surtos da oração e o contato interior com o Ser Eterno, é a crosta física, povoada de imagens e reminiscências viciosas, que viera em torno de si mesmo criando e sobre a qual se apoiam as entidades inferiores do invisível para o perturbar e confundir com as mais desagradáveis, frequentes vezes, desanimadoras e inoportunas sugestões. Que tremendas, silenciosas batalhas se travam então no ânimo do crente e quão difícil se lhe torna a purificação gradual da mente e dos sentidos, ponto de partida contudo da sua ascensão interior à perfeição!

Mas com esse objetivo reacionário é que precisamente vem o Maligno, empenhado em retardar a espiritualização da humanidade e sua integração no Espírito Divino, fazendo em torno dela a ronda sinistra de suas variadíssimas e subjugadoras manobras, não apenas em determinado sentido — esse, por exemplo, dos desregramentos mentais — mas em relação a todas as fraquezas e propensões da natureza humana, que estimula e de que são raízes o egoísmo, orgulho e vaidade, contrárias ao despertar do Cristo interno que — gérmen agora, mais tarde esplendor das virtudes que se lhes opõem — todo homem traz em si.

Essa formidável pressão, exercida através os séculos, atinge em nossa época — já o dissemos precedentemente — o seu apogeu e se faz sentir em todas as manifestações da inteligência e em todas as formas da atividade humana, com reflexos na vida não somente moral, mas econômica, política e social de todos os povos. Neste ocaso da civilização humanista, em que se mostram esgotadas as suas originárias fontes de inspiração, a própria Arte, em suas varias modalidades, parece traduzir, na irremediável decadência, de que se mostra enferma, a ação

anarquizadora, deprimente do Anticristo.

Que esse declínio de todas as formas culturais de nossa evanescente civilização obedece à lei cíclica de todas as coisas, que à própria vida marca um período inicial de irresistível propulsão ascensional, depois a plenitude e, em seguida, o depercimento, é indubitável. Dada, entretanto, a persistência íntima, a preponderância das forças do invisível nos sucessos humanos — o Espírito, já o dissemos noutra lugar, é que governa o mundo — não será caluniá-las nem as seu mais graduado orientador no sentido do mal, vincular à sua ação, que se caracteriza pela rebeldia a toda ideia de ordem, de subordinação e de obediência às leis da harmonia, os aspectos extravagantes, quase diríamos insensatos, que revestem, entre outras, as manifestações da arte em nossos dias.

Vede, por exemplo, a música. Dado, até certo ponto, o esgotamento dos moldes clássicos e românticos, dos amplos assuntos descritivos, de tudo, em suma, que havia de elevado, majestoso e nobre em suas inspirações, e ainda dos ingênuos e encantadores motivos populares, as atenções terminaram por voltar-se, numa impiedosa deturpação desses últimos, para o que chamam de regionalismo e que não passa afinal de plebeísmo grosseiro, em seus ritmos desordenados e irritantes, verdadeiros batuques selvagens, em que mais uma vez se patenteiam tendências ao primitivismo. E, com a música, a dança. Abolidas as formas graciosas, que vinham de séculos e faziam o encanto da mocidade idealista, com os seus meneios elegantes e atitudes respeitadas, foram elas substituídas pelos "tangos" e "maxixes" — privativos outrora dos ajuntamentos de carnavalescos e desclassificadas, em seus orgíacos salões — constituindo mais um contristador espetáculo e reboleio dos pares ao som de bárbaros *jazz-bands*, não já de orquestra nem do proscrito e clássico piano, em amplexos abusivamente apertados e sensuais. Sempre materialismo, sensualismo, grosseria.

Se nos detemos a considerar a pintura, vemo-la, com o "futurismo", assim nas telas soltas como nas decorações internas, revestir formas desconexas e alucinantes, numa preocupação intencional de desarmonia e estouvamento, em que as extravagâncias grotescas do "cubismo" tentam, inutilmente, substituir a originalidade verdadeiramente estética.

Mas onde a aberração do senso artístico se ostenta por excelência desoladora é nas modernas construções arquitetônicas. Do clássico estilo grego, em suas linhas de impecável sobriedade, havia-se, não diremos evoluído, mas transitado para as solenes e majestosas formas da arquitetura medieval, sucedidas pelas graciosas, rendilhadas e leves concepções da Renascença, desdobrando-se daí por diante os estilos em variadas, expressivas e sempre harmoniosas combinações, diversificando-se o gosto consoante o ambiente regional e as sugestões da própria natureza. Havia movimento, espontaneidade, riqueza de imaginação.

Mas, por que a visão do Belo é educativa, formando, com os exemplos do Bem,

um conjunto de estímulos favoráveis à elevação e aperfeiçoamento da alma humana, convinha ao inimigo oculto não deixar, por mais tempo, intacto o patrimônio artístico da humanidade. Que permanecesse, quando muito, arquivado nos museus, enquanto se empreendia cá fora a obra de deturpação e arrasamento. E, em matéria de arquitetura, que veio ele a sugerir? — Essa coisa inclassificável, que é, em sua arrogante brutalidade o "arranha-céu", adotado, senão imposto com o prestígio do modernismo, como padrão de todas as construções. Nada de estilos, nem de curvas suaves, nem de ornatos e arabescos, assim nas fachadas como nas disposições interiores: tudo em ângulos retos, paralelogramos, quadrados, linhas rígidas, exprimindo em sua agressiva secura, com a ausência de idealismo, o espírito prático, apressado, utilitário da nossa época e, nos domínios da arte, a chatice — digamos a palavra — a estupidez de certa mentalidade contemporânea. Vistos à distância e de perfil, os edifícios construídos segundo esse padrão, com os seus dez, quinze e mais pavimentos, dão a banalíssima impressão de caixotes superpostos, em planos recuados e sucessivos, quando não, observados por qualquer face, a de sarcófagos egípcios, como, depois da última reconstrução, o nosso velho teatro São Pedro de Alcântara, atual João Caetano, cuja glória artística dir-se-ia haver sido, por tantos motivos, realmente sepultada naquele monumento funerário de cimento armado.

O exemplo de semelhantes monstruosidades — deformações ainda agravadas pelos recentes modelos germânicos, de uma desesperadora monotonia — nos veio da União norte-americana, tanto vale dizer, do povo que faliu a sua missão espiritual no novo continente. Oriundo, com efeito, das repetidasavas migratórias de puritanos que, tangidos, nos albores do século XVII, pelas perseguições que em sua pátria lhes moviam os Stuarts, sobretudo Jacques I e Carlos I, trouxeram o pensamento de fundar no Novo Mundo uma nova Inglaterra, nos rígidos moldes da austeridade e pureza de costumes que praticavam, esse povo, assim formado inicialmente de um núcleo de crentes, cujo precípua objetivo consistia em propagar, pela palavra e o exemplo, os princípios da moral cristã, como fundamento e força motriz orientadora da nova sociedade em construção, veio a perder de vista esse ideal superior, é certo que sob a influência de múltiplos fatores, como as vicissitudes político-sociais que acidentaram a sua existência — guerras da independência e de secessão, conseqüente do movimento pela emancipação dos escravos, que exauriram as forças econômicas da nacionalidade incipiente — mas sobretudo em conseqüência da superposição do espírito mercantil e utilitário, que não tardou em subverter as suas aspirações religiosas.

Era inevitável. Em contato com a opulência dos recursos naturais, desaproveitados pelos aborígenes, as gerações que foram sucedendo aos primeiros colonizadores, intransigentes em seu puritanismo, não tardaram em ser arrebatadas pelas seduções da cobiça, de tal modo se desenvolvendo a ambição de enriquecer e gozar, estimulada pelas extremas facilidades ambientes, que, em lugar do centro de

intensiva cultura e irradiação cristã, que estava destinada a ser a região nórdica do continente, explorada por uma raça nova e empreendedora, herdeira do espírito metódico, prático e realizador do inglês, tornou-se antes de tudo e acima de tudo o país do dólar. Foi assim que, posta em suas mãos inexperientes a alavanca de Mamom — arma predileta do Anticristo, para ao seu domínio submeter os homens — o povo ianque faliu a sua missão.

Realizou sem dúvida, com o trabalho, pode dizer-se que de um século, ao serviço de energias ciclópicas, a obra gigantesca de uma civilização material, que não veio apenas a deslumbrar o mundo, mas terminou sobretudo na ocorrência da conflagração europeia e graças à intervenção decisiva que teve para o seu desfecho, favorável às armas aliadas, por investir-se na supremacia do mercado monetário universal. Efêmera supremacia, abalada, nos dias que correm pela mesma crise econômico-financeira que desorienta e subleva todas as nações do globo.

Ocioso repetir aqui o preito de justiça que, no capítulo primeiro desta obra, incidentalmente rendemos à colaboração, por muitos títulos valiosa, desse povo, particularmente de suas classes mais cultas, no desenvolvimento das ciências, como às suas iniciativas generosas na esfera da filantropia, com irradiação para muito além de suas fronteiras geográficas. Tudo isso, porém, que representa uma providencial e inteligente aplicação do desprezível dólar, não para o reabilitar da falência, em que positivamente fez soçobrar o seu destino espiritual na América, destino paralelo, de idêntica natureza, no hemisfério nórdico, ao que evidentes e característicos sinais indicam estar reservado ao Brasil, na parte sul do continente.

*

* *

O autor, o verdadeiro autor desse transviamento, por uma sistemática ação desenvolvida no invisível, qual pode ser senão o Anticristo, detentor transitório das diretrizes a que vêm obedecendo os humanos sucessos? Senhor do pensamento dos homens, sobre o qual, acreditamos já o haver suficientemente demonstrado, exerce um domínio tanto mais seguro quanto se apoia na intrínseca afinidade que neles encontra, representada no instinto de rebeldia, no espírito de egocentrismo e de separatividade, que formam o substrato de nossa natureza inferior, assim visceralmente refratária às sugestões do Cristo, foi ele, com efeito, que, de assalto em assalto às transfiguradoras conquistas iniciais da doutrina do Senhor na alma humana, reduziu o mundo ao estado de servidão em que se encontra, neste sombrio e trágico momento de sua acidentada história.

Pela observância de dois princípios fundamentais e sua expressão prática nos costumes e nas leis se pode reconhecer a influência do Cristianismo na obra da civilização: a liberdade e a fraternidade. "Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos fará

livres", disse Jesus, referindo-se não somente a essa liberdade interior que nos outorga a sua doutrina, emancipando-nos da subjugação das paixões vis e de todas as sugestões do mal, mas à própria liberdade civil que, embora inferior à outra, que é uma conquista definitiva do espírito e zomba de todas as vicissitudes e maquinações exteriores, constitui, entretanto, o seu corolário lógico nas organizações políticas inspiradas nos ditames do Evangelho. "Amai-vos uns aos outros", recomendava ainda o Senhor, insistentemente, aos homens, na pessoa de seus discípulos, excelsa investidura a que já devêramos todos nos haver convertido, segundo a universalidade do seu pensamento, filhos que todos somos do mesmo "Pai que está nos céus".

Se, pois, o mandamento do Cristo inclui substancialmente a observância desses dois princípios — a liberdade e a fraternidade — nas relações dos homens entre si, onde quer que os vejamos ostensivamente violados, podemos ter a certeza de que não o Cristo, mas o Anticristo, é que está sobre eles e entre eles imperando.

Contemplai pelo pensamento o espetáculo que oferece o mundo, nesta hora de tremendas e iminentes subversões. Que nos mostra ele? — A pretexto de que a democracia, com a ingerência de minorias falseadoras do sistema representativo, mercê da incapacidade, resultante da incultura geral, do povo para o exercício dos direitos a ela inerentes, faliu à sua missão, duas correntes de organização política, nitidamente hostis em seus objetivos, se estão defrontando na direção dos povos, constituindo ambas, em singular identidade de métodos, o que se denominam governos de força: de um lado o comunismo, de surpresa entronizado na Rússia, que nem sequer experimentara a transição do regime democrático, representando um salto brusco da autocracia absoluta para a ditadura proletária, e do outro o sistema igualmente ditatorial que, na Itália, tomou o nome de "fascismo" e, na Alemanha, o de "nazismo". Começaram ambos, como, de resto, as ditaduras, sem denominação particular, noutros lugares ensaiadas, por suprimir todas as liberdades, perseguindo, expatriando, quando não sumariamente eliminando os seus adversários. E por toda parte se preconiza e se exerce a violência, diz-se, para salvação do povo: fascistas e nazistas, com o fim de obstar a implantação do comunismo, cujos ideais vão dia a dia aliciando novos prosélitos no seio das classes operárias e, mesmo, intelectuais de todo o mundo; os comunistas russos, em obediência aos imperativos do extermínio, julgado necessário, da burguesia, responsabilizada, com a aristocracia, pelos infortúnios de sua pátria. Mesmo nos países em que o regime democrático parece haver dado os seus melhores frutos, como a França e a Inglaterra — democracia encimada por uma coroa, meramente decorativa — essas duas correntes encontram partidários extremados, que se vão resolutamente organizando. Tudo isso fruto do descontentamento, do mal estar, da ânsia por um novo estado social que ponha termo à exploração e miséria do povo, em contraste com a opulência de minorias privilegiadas, banindo uma organização econômica, sem equilíbrio nem justiça, a

cujos desvarios, de resto, já fizemos referência e que, sob a decisiva pressão dos detentores e orientadores da alta finança internacional — verdadeira patrulha, que não chega a ser exército, de Mamon — é considerada, no plano visível, a geradora de todos os males contemporâneos. No fundo e como razão de todas as violências que se tem praticado e das que se estão forjando para a hora das planejadas reivindicações, isto é, da inevitável subversão mundial, o que de fato existe é o ódio, pelo inimigo soprado no coração dos homens, em substituição do sentimento de fraternidade, que o desprezo pelo Evangelho não permitiu aí desenvolver-se.

Desse modo perturbados, inquietos, hostis, nas manifestações de sua vida interna, a atitude dos povos não menos ameaçadora se revela em suas relações internacionais. Clama-se pelo desarmamento, apregoa-se a sua necessidade, reconhecem-na os estadistas de todas as nações, ensaiam-se mesmo entendimentos, que as apreensões pela catástrofe em perspectiva justificam, e ao mesmo tempo não cessam as grandes potências europeias, como o próprio colosso norte-americano e, no oriente, o Japão, de robustecer a sua eficiência militar, convencidos que se mostram todos de que é inevitável, num futuro próximo, o choque decisivo.¹³¹

Somai esses desvarios à depressão dos costumes, da moral pública, social e doméstica, fruto da irreligiosidade universal, culminando na dissolução dos lares; considerai o contraste entre o horror, que sentem os homens de coração — e os há entre os estadistas de todas as nações — por uma nova conflagração, em que nenhum povo logrará esquivar-se de participar, e o impulso que, a seu pesar, mediante os preparativos bélicos de que falamos, os arrebatam para o cataclismo, e haveis de, conosco, reconhecer que forças tenebrosas os estão constringendo e, com eles, a todos os povos nessa mal aventurada e caótica direção.

É o império mundial do Anticristo, a quem mais uma vez e com amplitude porventura maior se deve aplicar aquela amarga advertência do Senhor Jesus: "Esta é a vossa hora e o poder das trevas".

Dominam elas realmente, enfurecidas, sobre todo o mundo. E, se nos detemos na apreciação dos sucessos objetivos, sem lhes perscrutar a gênese profunda, dir-se-ia que sem resistência nem contraste. Poderemos contudo admitir que Aquele, a quem pelo Pai foi confiado o imenso rebanho humano, para que, um dia, a Ele o reconduza, reconciliado e obediente, o tenha efetivamente abandonado? — Insensato e blasfemo seria admiti-lo.

O que há, segundo já noutra lugar o assinalamos, é a terminação de um ciclo vital, de evolutivo transitoriamente convertido em involutivo, da humanidade, para recomeço de um outro, de mais dilatada e verdadeira civilização. Foi permitido agora às forças do mal desencadearem uma fulminante ofensiva contra todos os setores da atividade humana, como lho fora a longa preparação de séculos, para que, de um

¹³¹ De fato, pouco tempo depois da publicação dessa obra, estourar-se-ia a, devastadora, Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945 — N. E.

lado, tivessem os Espíritos encarnados e sucessivamente reencarnados neste mundo — que é uma escola das mais variadas experiências — a prova de quanto vale e a que funestos resultados conduz a desobediência às leis divinas, que regem os seus destinos superiores, e do outro pudessem as Forças do Bem, nos lances finais, que se preparam, demonstrar a sua irresistível superioridade.

Porque trava-se indubitavelmente em nossa época, entre essas duas forças, convergentes sobre o nosso mundo, a batalha decisiva da sorte da humanidade. E sobre o seu desfecho nenhuma dúvida poderá inquietar aos que tenham olhos de ver. Certo, esse desfecho ainda vem longe. É preciso, mesmo inevitável, que as causas de desarmonia, de hostilidade e ódio longamente acumuladas entre os homens, sob a satânica pressão do Anticristo, e que vêm saturando a atmosfera de sua vida social, ao ponto de a tornar irrespirável, produzam todos os seus maléficos efeitos, até a explosão final — identicamente aos fenômenos que se operam na atmosfera física do globo — para que, cessada a formidável tempestade e saneado o ambiente, sobre os destroços do mundo antigo se ergam as construções da nova sociedade, lecionada e redimida pela Dor.

Nesta hora de sombrias apreensões que estamos vivendo, hora de confusão, de angústias e incertezas, em que, por todos os apontados sintomas, as forças do mal, capitaneadas pelo Anticristo, parecem definitivamente vitoriosas com o aniquilamento, na aparência ao menos, da obra cristã, seria errôneo, todavia, acreditar que as invisíveis legiões do Bem, sob a suprema direção do Cristo, se mantenham meramente expectantes. Seria desertarem a sua missão providencial, perpetuamente ativa. No agitado, tumultuário viver contemporâneo, é certo que dificilmente conseguem elas fazer chegar o inarticulado sussurro persuasivo das exortações do Mestre à consciência humana. Mas estão por toda parte vigilantes, à espreita das mais fugazes oportunidades, que aproveitam para exercerem junto aos homens o seu ministério de amor. E nisso consistem as escaramuças preparatórias da misericordiosa investida final, após os trágicos, próximos e necessários desmoronamentos. Ai dos surdos! Felizes os que, desde agora, se conservarem atentos às celestes advertências interiores, preparando-se para, no momento da catástrofe — que ninguém sabe por quantos anos se prolongará — darem testemunho de serenidade e fé.

Aos novos cristãos, herdeiros das tradições dos primitivos depositários da doutrina do Senhor, é que nos estamos referindo, contra os quais serão pelo inimigo desfechadas as mais rudes investidas, com tanto mais forte e aparente razão que, iniciado na esfera político-social, sob a invocação dos motivos econômicos, o conflito universal, em sua onda de extermínio, terminará por fixar-se no domínio religioso. Pois que o Anticristo, no seu plano, longamente arquitetado, de aniquilamento da obra cristã, fazendo os intitulados representantes do Evangelho se associarem a todos os imperialismos e assumirem, ao lado dos opressores, atitudes contrárias aos

legítimos interesses, materiais e espirituais, do povo, logrou não apenas tornar suspeito, mas responsável, esse Evangelho do amor, deturpando-o em suas mais lidimas promessas, pelas calamidades e injustiças sociais de que se queixam os homens, é sobre ele que afinal convergirão os ódios momentaneamente vitoriosos. Não se limitarão, como o assinalávamos páginas atrás, a arrebatá-lo no ímpeto dos desmoronamentos a velha organização católico-romana, com os seus palácios, o seu fausto, a sua ostentação de grandezas temporais; mas, generalizando indistintamente a culpa a toda ideia religiosa, com maioria de razão à ideia cristã, hão de investir por último contra aqueles que, portadores e arautos dessa ideia, que os Espíritos do Senhor vieram, em nossos dias, restabelecer em sua pureza original, documentando-a com os multiplicados testemunhos da imortalidade, que formam o arcabouço demonstrativo do Espiritismo, tornaram-se odiosos às invisíveis falanges do mal e, portanto, aos seus inconscientes e fascinados instrumentos no plano visível.

Nicolau Berdiaeff, em sua obra, já por nós citada, *UNA NUEVA EDAD MEDIA*, emite idêntica opinião acerca do caráter que revestirá o conflito, entre os elementos do mundo velho, que se esboroa, e as forças renovadoras da futura sociedade mundial, em, gestação, quando assim se pronuncia (página 89):

"A desagregação do reino secular, humanista é de termo médio, a descoberta, em todas as ordens, de princípios opostos como polos, constituem signos da caducidade da época sem religião dos tempos modernos, do começo de uma época religiosa, de uma nova época medieval.

"Não quer isso dizer — acentua — que na nova Idade Media triunfará de modo absoluto, em relação à quantidade, a religião do Deus verdadeiro, a religião do Cristo; significa, sim, que nessa época toda a vida e todos os seus aspectos serão colocados sob o signo da luta religiosa, da manifestação dos princípios religiosos extremos. A época da luta intensa entre a religião de Deus e a religião do diabo, entre os princípios cristãos e anticristãos, já não será uma época secular senão religiosa: uma época de tipo sagrado, ainda quando lograssem dominar quantitativamente a religião de Satanás e o espírito do Anticristo. Por isso o comunismo russo, com o desenvolvimento que traz do drama religioso, pertence já à nova Idade Média, não à velha história moderna."

De que os conflitos internos, travados inicialmente na Europa com o caráter político-social, sob o pretexto de segurança econômica, e que virão a ter, inevitável repercussão no cenário americano, revestirão consecutivamente o aspecto do drama religioso previsto por Berdiaeff que, de resto, o testemunhou pessoalmente em sua pátria, é prova o que, por exemplo, se está passando na Alemanha.

No momento, com efeito, em que eram escritas estas linhas (maio de 1934), um telegrama de Berlim anunciava ao mundo que "a ex-associação da 'mocidade alemã', que se transformara posteriormente em associação da 'mocidade alemã crente em

Deus', foi dissolvida e teve o seu funcionamento proibido na Prússia, por ordem da policia política", acrescentando o despacho que "os bens e imóveis da organização foram confiscados."

Outros sucessos anteriores, de natureza semelhante, já haviam, de resto, denunciado essa feição antirreligiosa — não apenas antissectária — para que vinha resvalando a organização nazista na Alemanha, iniciada e prosseguida com um caráter de exaltado nacionalismo.

E assim virá, por toda parte, a suceder.

*

* *

O Brasil, não tanto por sua situação geográfica, afastada dos núcleos centrais do conflito europeu, como por seu destino histórico e espiritual no continente americano, e ainda pela conformação psicológica de seus afortunados habitantes, nascidos sob a predestinação do signo do Cruzeiro, não será, provavelmente induzido a intervir, em escala apreciável, na peleja internacional, mesmo porque — insistamos — outros são, a seu respeito os desígnios da Providência, que nele, por tantos característicos indícios, parece haver localizado, como refúgio dos povos, na hora final do esgotamento, a Terra da Promissão. Sem embargo, todavia, da relativa penúria de seus recursos econômicos e do seu aparelhamento militar, que o inabilita — e por fortuna! — para uma colaboração eficiente na nova, espantosa conflagração, não poderá esquivar-se de nela tomar parte. Mais que essa participação contudo nos choques internacionais, que — em Deus confiemos — será circunscrita, como nos de 1914-1918, a um limite mínimo, em seu seio hão de inevitavelmente repercutir, atenuados embora, os tumultos das agitações internas, trabalhadas que surdamente parece estarem sendo as suas classes intelectuais e proletárias pelo mesmo anseio de reivindicações, em adiantada fermentação nos aglomerados humanos de todo o mundo. Questão de tempo unicamente.¹³²

Façamos disso, entretanto, isto é, da atitude que ao Brasil cumpre assumir e certamente, sob a ação das benfazejas Entidades propostas à orientação de seus destinos, será levado a assumir, assim na hora da tumultuada transição que se avizinha, como na da pacificação dos espíritos, que lhe há de suceder, o objeto inicial do próximo e último capítulo. Porque, sem mesquinhas preocupações de regionalismo nem traição ao ideal de fraternidade e solidariedade humanas, com que o Evangelho do Cristo nos ensina a compreender, dilatando-lhe as fronteiras por todo

¹³² O autor, mais uma vez, previu certamente os fatos que se sucederam: o Brasil entrou efetivamente no conflito da II Guerra Mundial, através da Força Expedicionária Brasileira, ao lado dos Aliados (liderados pelo Reino Unido, União Soviética e Estados Unidos), assumindo, entretanto, um papel secundário na grande luta: sua maior participação se deu na chamada "Campanha da Itália", em meados de setembro de 1944, já no fim da guerra, sendo sua Força composta de apenas 25 mil soldados — N. E.

o orbe, a noção da Pátria, entendemos que o nosso Brasil reclama, e merece bem, um lugar à parte.

IX

Onde se há de primeiro operar a renascença espiritual da humanidade a como destronar-se o Anticristo.

- Retorno às práticas do Cristianismo primitivo. - Centros iniciáticos e de preparação religiosa. - Período heroico do Neoespiritualismo.

- Derrota final de Mamon pelo socialismo cristão. -

A Jerusalém celeste instaurada no mundo. - Ascensão da Terra na hierarquia planetária. - Conversão do Anticristo.

Quando sucessivos pugilos de audazes exploradores iniciaram, nos albores do século XVI, a era das grandes e maravilhosas descobertas, mal poderiam suspeitar que a ambição, a cujos estímulos obedeciam e lhes latejava no coração irrequieto, mais não era que secreto imperativo da Providência Divina, visando, com uma antecipação de quatrocentos anos, preparar um novo *habitat* para a civilização ocidental, rejuvenescendo-a, nas terras virgens do Novo Mundo, em mais favoráveis moldes, sob o influxo de um ambiente livre de preconceitos e de paralisadoras tradições.

Transcorrido o período das incursões colonizadoras e repartido o vasto continente pelos núcleos representativos das três nações que nele haviam logrado fixar-se, eliminando os menos afortunados concorrentes europeus e, por último, sacudindo o próprio jugo das respectivas metrópoles, para se constituírem, a seu turno, em nações independentes, começou para cada uma destas o trabalho não apenas de adaptação mesológica, mas de afirmação de uma fisionomia peculiar, em que, não obstante, se haviam de forçosamente refletir, e de fato se refletiram, os caracteres étnicos e psicológicos dos velhos troncos de que procediam.

No que respeita ao Brasil — e dele é que nos interessa, exclusivamente, ocuparmos agora — não foi o resultado de meras circunstâncias, na aparência, fortuitas o terem conseguido no seu imenso território instalar-se os portugueses, para, consumada a expulsão dos holandeses e franceses dos trechos de que, ao norte e ao

sul, se haviam apoderado, nele fundarem, coeso, o grande Império, que veio legitimamente a ser a maior ufania de Portugal, do mesmo modo que, por mais conveniente ao seu destino histórico no continente, essa forma de organização política não obedeceu a momentâneas injunções, senão antes a sábios motivos providenciais. Porque a formação e marcha evolutiva dos povos jamais foram deixados ao sabor de indeterminadas volições humanas, nem muito menos à mercê do acaso, que só existe na imaginação dos inscientes: são regidas por leis de natureza espiritual, que, ao mesmo tempo e em coordenação harmônica, abrangem o plano geral de evolução da humanidade e a destinação, particular de cada um dos seus núcleos componentes. No dia em que essas leis forem devidamente compreendidas e ponderadas, a sociologia se enriquecerá de uma nova luz para a interpretação dos fenômenos que fazem objeto de suas investigações.

Ao Brasil, para sua formação étnica e para a realização gradual dos destinos que lhe estão traçados, não convinha o gênio aventureiro, impulsivo e, de certo modo, inconstante do espanhol, nem o espírito versátil do francês, com o seu desdém por tudo o que não seja própria e genuinamente a sua gloriosa França, nem ainda a transplantação enxertiva, de um povo como o holandês, sem dúvida laborioso, metódico e progressista, mas, de um lado, tolhido nas expansões do idealismo romântico, ao tempo necessário, pelas rígidas predisposições de sua feição religiosa e, do outro, inapto para os misteres de uma colonização, a que se opunha o rumo circunscrito de sua missão histórica na Europa, e que, nos desígnios da Providência, viria a reclamar, precisamente, a transformação prestigiosa que se operou no Brasil, com a forçada mudança da corte portuguesa, convertido em reino de ultramar. primeiro passo para a sua nacionalização independente, já com o caráter de Império constituído. A invasão de Portugal pelas armas napoleônicas fora o pretexto aparente. As razões profundas, que entendiam com a missão do incipiente colosso no continente americano, eram aqueles desígnios providenciais, para cuja execução nenhum povo no mundo se apresentava talhado como o português. Pelo conjunto de qualidades e para o objetivo colimado, por seus ótimos defeitos.

Entre aquelas avulta, como substancial, o fundo caracteristicamente sentimental e idealista de seu temperamento psíquico. Em seguida a educação religiosa, própria, quando mesmo associada a superstições e fetichismos, nascidos da incultura, a romantizar aquele sentimento e favorecer os surtos da imaginação. Povoar de sonhos as realidades grosseiras da existência é também uma forma de embelezar a vida. E nem só de pão deve o homem exclusivamente viver, em que pese ao utilitarismo dos espíritos práticos.

Acrescentemos que a pertinácia no trabalho, a índole pacífica, a paciente resignação, a humilde conformidade que, sobretudo nas classes menos cultas, fazem o apanágio do português, eram outras tantas virtudes reclamadas para a lenta elaboração da nova nacionalidade, e que a própria ausência do espírito de arrojadas

iniciativas, apontada entre os defeitos dos colonizadores do Brasil, como principal motivo de sua marcha retardatária na senda dos progressos materiais, constituía, entretanto, elemento necessário ao equilíbrio do seu desenvolvimento moral, e ainda nisso não será difícil encontrar as razões da preferência a esse povo providencialmente para a missão que lhe cumpria aqui realizar. Desenvolvendo-se, com efeito, em duas linhas paralelas — progresso material e progresso moral — o destino dos povos, teria o Brasil atraído o seu, se, como veio a suceder na América do Norte, o progresso material nele se desenvolvesse, avantajada e prematuramente, ao ponto de atrofiar, a certos respeitos, a linha do progresso moral.

Mas o brasileiro, de resto, ainda não fixado no tipo étnico definitivo a que se encaminha e permanece no estado de elaboração, apenas esboçado em suas linhas essenciais, não é um prolongamento unilateral do lusitano. Produto, fusionado, de três raças, duas das quais reputadas inferiores, somente a africana, porém, a nosso ver, devendo como tal ser tipicamente considerada, ao aborígene melhor convindo a classificação de primitiva, nele se veem de certo modo reproduzidas, transformadas contudo, sob a influência do fator espiritual, as qualidades de cada uma delas. Sob esse influxo transformador, propositadamente o diremos, porque os caracteres psicológicos de um povo, do mesmo modo que de cada uma das unidades individuais que o constituem, qualquer que seja a ação dos fatores biológicos e cósmicos, indubitavelmente, exercida em sua formação e ulteriores modificações, residem substancialmente no Espírito.

Assim, se nas expressões da fisionomia moral do homem brasileiro pode ser surpreendido um reflexo do instinto de liberdade e independência do *autochthon*¹³³ americano, paradoxalmente aliado à intrínseca humildade, à submissão e ternura de sentimentos do africano — que edificantes poemas foram, neste sentido, vividos pelas escravas pretas, integradas na família brasileira! — completado esse reflexo com o das apontadas qualidades do homem português, tão isento do orgulhoso preconceito de raças que, sem repugnância, num oportuno caldeamento, se misturou com as outras, gerando um novo tipo original, é certo que, não podendo a matéria dar o que não possui, esse complexo de qualidades, com a equivalente sombra de seus defeitos, se inseria na trama interior dos Espíritos, encaminhados à Terra da Santa Cruz, para nela fundarem, desenvolvendo-a em seus mais altos significados, uma civilização verdadeiramente cristã.

Lede a história do Brasil, nos lances de sua independência, de suas intervenções nas Repúblicas vizinhas, sempre com um cavalheiresco espírito de emancipação e de altruísmo, na transformação de suas instituições, sobretudo na companhia pela abolição da escravatura, conduzida e consumada nos moldes de um

¹³³ *Autochthone*, em inglês, derivado dos termos gregos *autos* (auto, próprio) + *khthon* (solo) pode ser traduzido como "gerado do próprio solo", "nascido da própria terra", em referência a quem é natural do local onde vive, em antinomia ao estrangeiro, forasteiro — N. E.

idealismo generoso que constitui, assim para os que a sustentaram como para os que aceitaram, sem resistência material, o seu pacífico e vitorioso desenlace, o mais enobecedor padrão que poderia recomendar os sentimentos de um povo; contemplai as grandes figuras representativas de sua atividade em todas as esferas da vida nacional — na administração pública, nas letras, nas ciências, nas artes — e dizei-me se um povo que teve, na culminante direção de seus destinos, por mais de meio século, um missionário como Pedro II, assistido pelo modelo de virtudes cristãs que foi Teresa Cristina, a "mãe dos brasileiros" e que, para a afirmação de sua personalidade histórica, na breve e gloriosa fase inicial a que aludimos, não cessou de produzir estadistas e heróis, poetas como Castro Alves e apóstolos como Joaquim Nabuco, não representa realmente o signo de predestinação e realizações cada vez mais altas na obra da civilização reservada ao continente americano. Depositário, como de resto, os demais povos nele fixados, do patrimônio espiritual da velha Europa, em cujas fontes, agora evanescentes, não cessará, por algum tempo mais, de abeberar-se, e sua missão, transformando-o, enriquecendo-o de novas conquistas e encaminhá-lo à consumação da maior de todas, isto é, fundar para exemplo e edificação do mundo, que ainda a não conhece, a civilização verdadeiramente cristã. A essa excelsa investidura três predicados essenciais o recomendam: o culto da liberdade, favorável à assimilação de todas as ideias progressistas, afirmado e desenvolvido, no Império, sob a vigilância paternal do velho e benemérito monarca, o instinto fundamental de igualdade, que o torna alheio a todas as odiosas distinções de castas e de raças, considerando uma só toda a família humana, e finalmente o sentimento de fraternidade que, em meio das agitações políticas e da dissolução de costumes, que atualmente nos infelicitam, ainda forma o substrato de todas as nossas ações e se reflete assim na benignidade das leis como na indulgência, esquecimento por último, com que todas as coisas são julgadas, mesmo os atos mais criminosos dos nossos homens públicos.

Desse esboço não pareça, todavia, resultar que tenhamos, os brasileiros, atingido o apuro conveniente ao desempenho da missão que nos cumpre realizar ou que nos tenhamos revelado à altura de suas graves responsabilidades. De modo algum. Afetados, porventura em atenuado grau, dos mesmos males de que enfermam as sociedades contemporâneas, resultantes da irreligiosidade substancial que se apoderou dos espíritos, mal dissimulada, em muitos, sob hipócritas aparências devocionais, cumpre-nos, como a todas, empreender um sério trabalho de regeneração moral, se queremos, de fato, corresponder aos desígnios da Providência, colocando o nosso Brasil na vanguarda do movimento renovador que, sob as inspirações do Cristo, se está, nas altas esferas espirituais, elaborando para todo o mundo. "Mais se pedirá — disse-o Ele — a quem mais se tiver dado".

*

* *

Ora, o povo brasileiro, portador não só dos excelentes predicados morais que acabamos de esboçar, mas de um desenvolvimento e vivacidade intelectual que, superiores aos de suas origens, surpreendem os que o observam e se patenteiam assim nas classes instruídas como ainda nos homens incultos, principalmente nos obscuros habitantes dos sertões — aludimos, em participar, aos filhos do norte, repentistas e improvisadores, tão acima do tipo, mentalmente retardatário, dos camponeses, por assim dizer, de toda parte — revela ser, geralmente, formado de Espíritos, velhos jornadaentes do planeta, em cujo substrato psicológico — tanto vale dizer, nas profundezas do subconsciente — se acumularam, através numerosas peregrinações, as mais variadas experiências e, por igual, responsabilidades morais, decorrentes de indubitáveis transgressões, perpetradas ao longo desse passado, mais ou menos tumultuário para cada um deles, e que importa serem, de um lado, resgatadas a golpes de paciência nas adversidades, e de outro, mediante um trabalho construtivo de exemplares costumes e sólidas virtudes, tais como se acham enfeixadas nos ensinamentos do Evangelho. Pois que muito erraram, como todos os homens, paralelamente aprendendo, colocados em um novo *habitat* que, pelo esplendor de sua natureza, por suas variadas e opulentas condições geográficas e climatéricas, é uma generosa dádiva da Providência, cumpre-lhes agora, em reparação dos desacertos de outrora e, para sua própria, futura glorificação, em obediência aos desígnios divinos, fazerem do Brasil, numa eficiente cooperação com os invisíveis Agentes do Senhor, que têm velado e não cessarão de velar pelos seus destinos, a prometida Canaã, não já de um determinado povo, mas de todos os povos, nele realizando, para edificação do mundo, os primórdios de sua renascença espiritual.

Não é obra, certamente, essa que deva, de começo ao menos, ser executada pelos transitórios orientadores, no plano visível, de seus destinos político-sociais, cuja atividade se desenvolve numa esfera e sob um ambiente saturado de paixões que os inabilitam para tão remontada investidura. "Filhos do século", consoante a expressão bíblica, absorvidos em cogitações exclusivamente terrestres, poderão, quando muito, cooperar na realização dos destinos superiores do Brasil, mediante a confecção e aplicação de leis suficientemente liberais e fraternistas que de modo algum a dificultem. Somente a resolutos arautos da Fé, penetrados da convicção imortalista, caberão as fecundas iniciativas tendentes à preparação da renascença espiritual de que falamos. Aos portadores da Revelação Nova, portanto, é que incumbe a magnífica tarefa, para cujo êxito, porém, até agora comprometido pelas forças reacionárias do invisível, como em capítulos anteriores o havemos demonstrado, mister se faz, com a adoção de um programa, que tanto tem de simples

em seu enunciado como de transcendente em seus efeitos, uma profunda transformação na mentalidade e nos métodos com que tem sido, entre nós, encaminhada a sua ação.

Esse programa pode ser, em sua mais simples expressão, formulado nestas duas regras fundamentais, sendo a segunda um desdobramento, ou consequência necessária da primeira: — destronar o Anticristo e, em seu lugar, entronizar o Cristo.

Não se trata, evidentemente, de uma ação exterior e agressiva, senão de um trabalho silencioso, de esforços continuados e interiores no sentido de destruir cada um as raízes do mal que em si mesmo traz e o tornam receptivo às malévolas sugestões do invisível, substituindo-as ou, antes, dando expansão, por uma sistematizada cultura, às aptidões do bem, de que todos somos igualmente portadores, de modo a ser criada uma afinidade cada vez mais íntima e volitiva com as benfazejas Entidades, pelo Senhor prepostas a colaborar na redenção dos homens, sem de modo algum forçar o seu livre arbítrio, mas secundando a boa vontade, os esforços de todos os que, suficientemente esclarecidos, se mostrem resolvidos a essa libertação espiritual.

A execução de um tal programa depende preliminarmente mais que da admissão, da convicção, por ciência própria, da existência dos dois princípios em cuja demonstração tem consistido o tema central desta obra, os quais, em perpétuo conflito na economia espiritual do nosso mundo, têm como objeto de convergência a humanidade, sobre ela incessantemente agindo: o principio do Bem, cuja suprema expressão individualizada é o Cristo, e o principio do Mal, transitório por natureza, mas transitoriamente necessário, personificado no Anticristo, um e o outro com ramificações no complexo humano, sem o que não se poderia exercer a dualidade da sua ação.

Dizemos propositadamente o complexo humano e não o Espírito, porque, sendo este "linhagem de Deus", segundo a definição de Paulo, o que o torna particularmente acessível à influência das forças do mal é a sua condição de encarnado, como tal preso a um organismo constituído de matéria densa, que não somente obscurece as suas faculdades e percepções naturais, mantendo-o num verdadeiro cárcere de trevas, mas, por suas exigências peculiares e pendores antagônicos, é a fonte de arrastamentos e paixões que, se não dominadas por aquele princípio divino, em que reside a consciência superior do homem, terminarão por escravizá-lo, como geralmente acontece, aos seus desordenados impulsos.

A primeira necessidade, portanto, para os que se propõem iniciar-se à vida espiritual e interior — necessidade paralela ao reconhecimento da dupla ação ininterruptamente exercida sobre a humanidade pelas forças ou agentes invisíveis do Bem e do Mal — é fazerem a distinção entre a personalidade, que é o homem exterior, com os seus apetites. e inclinações próprias, e a individualidade, isto é, o Espírito ou Ego divino e imortal que a anima e a cujas determinações terá que

submeter-se, num fecundo e enobrecedor consórcio. Mas não o fará,, nem geralmente o faz, na quase totalidade dos humanos, inteiramente cegos acerca dessa distinção fundamental, a não ser que, mediante adequados exercícios, completados na vida ordinária pela observância e aplicação prática dos ensinamentos aprendidos nas reuniões de estudo em que tais exercícios se efetuem, uma espécie de transfusão, de começo imperceptível, por último acentuada, se opere da consciência superior e individual na consciência, por assim dizer, superficial e inferior do homem, elevando-a gradualmente à sua própria dignidade. A esse trabalho de transfiguração interior é que se chama a espiritualização, necessariamente progressiva, do complexo humano.

Obra de transcendentos resultados, que se não realiza nem pode realizar-se de improviso, mas exige, para ser consumada, a infatigável e vigilante porfia de toda uma existência, urge que se resolvam a empreendê-la os espíritas, pondo termo, antes de tudo, às divergências e às subalternas preocupações de personalismo, que tanto os têm debilitado, e penetrando-se, paralelamente, da excelsitude do ministério sagrado cujas responsabilidades assumiram.

Enquanto permanecerem dispersos, sem a forte coesão de um pensamento comum, distraídos em questiúnculas de nenhum proveito, que apenas servem para estimular o amor próprio, continuarão a ser joguetes dos Espíritos de trevas, cujo principal empenho consiste em “dividir, para reinar”.

Que importa, por exemplo, ou que utilidade haverá, para o seu mútuo aperfeiçoamento espiritual, em saber que espécie de corpo teria revestido o Senhor Jesus, no desempenho de sua missão messiânica? Tivesse Ele de fato envergado libré de carne idêntica a que todos revestimos, ou adaptado o seu corpo glorioso a um envoltório somático apropriado a sua incomparável pureza, em que pode isso afetar a substância dos seus redentores ensinamentos, cuja observância devera ser a nossa máxima, senão única, ambição? Acreditam porventura honrá-lo os que, no primeiro caso, o querem humilhado até a participação em nossas mesmas grosseiras contingências e necessidades corporais, ou ser-lhe agradáveis, no último, os que fazem questão fechada de uma corporeidade especial, que só pode ser objeto não de estéreis e irritantes discussões, mas de um discernimento acessível unicamente ao espírito recolhido e humilde? Semelhantes dissídios, levados ao extremo, como o temos visto com desgosto, de injúrias pessoais, não somente constituem desrespeito ao nosso Divino Salvador, que nos quer benevolentes e fraternos, cessando de fazer do seu nome pretexto de discórdias e contradições, mas alienam automaticamente dos seus promotores, convertidos em instrumentos de escândalo, a benfazeja assistência dos Enviados do Senhor, que lhes é tão necessária, deixando-os, consoante a lei das afinidades espirituais, que rege as nossas relações com o universo invisível, à mercê das Entidades adversas.

Não menos funesto ao espírito de harmonia e de fraternidade, indispensável à eficiência do nosso apostolado, é o que geralmente ocorre na organização e

funcionamento das agremiações espíritas, cujo programa, com exclusão não raro de todo estudo teórico da doutrina, consiste no imoderado comércio com os seres de além-túmulo, tanto mais nocivo quanto é praticado à revelia de toda preparação espiritual e nas mais desfavoráveis condições, já não diremos de observação científica dos fenômenos — que dessa nem mesmo se cogita — mas de fiscalização e discernimento dos manifestantes. Fonte de abusos e superstições e — o que é pior — motivo do mais perigoso ascendente, sobre diretores e assistentes, da parte dos seres maléficados do invisível que, prevalecendo-se da credulidade imprudente com que tais práticas são empreendidas, lançam uma verdadeira rede fascinadora sobre a mente de uns e outros, conduzindo-os com frequência às mais deploráveis aberrações, abtemo-nos contudo de renovar advertências, já noutra lugar desta mesma obra formuladas, na inutilidade, que reconhecemos, de tentar abrir os olhos aos que temporariamente consentiram lhos cerrassem o inimigo oculto, abusando da sua invigilância, mediante a adoção de falsos nomes, usurpados a individualidades espirituais veneráveis ou ilustres.

Seremos mais feliz, pretendendo fazer ouvir nossa palavra, desautorizada, mas sincera e experiente, a outros diretores de associações, intelectualmente esclarecidos; mas; por isso mesmo presumindo-se imunes das sorradeiras fascinações do Anticristo ou seus agentes, e que, vítimas de idêntica invigilância e de uma inexperiência de outra ordem, não têm podido salvaguardar o depósito sagrado, que certamente amam, de interferências malfazejas, para neutralizar as quais não basta a mera vontade, muito menos a confiança própria, gerada, quando não intencionalmente suscitada do invisível, pela presunção do saber? O que a experiência, durante anos consecutivos adquirida, nos tem patenteado e o que sabemos da tenacidade com que operam as forças do mal, não nos deixam infelizmente ilusões a tal respeito.

De todo modo, porém, como somente Aquele, "que sonda os corações e os rins", segundo a expressão bíblica, sabe onde se encontram os ânimos predispostos a agasalhar as advertências da Verdade, entremos no desenvolvimento do programa que vínhamos traçando, sem cogitar de quem se resolva ou não a adotá-lo, embora nos pareça que o momento, singularmente grave, que atravessamos, aconselharia uma verdadeira união sagrada — união de todos os que nos temos feito depositários da Revelação Espírita — em torno do Evangelho do amor, que é o alvo das investidas reacionárias e exige de nossa parte, se o queremos triunfante no coração dos homens, o sacrifício de tudo que em nós seja contrário ao espírito de abnegação e de renúncia, que o Mestre erigiu em condição primordial impostos a quantos aspirem a excelsa investidura de discípulos seus.

Não o disse Ele? — "Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo e tome a sua cruz e siga-me".

*

* *

A execução do programa, que preconizamos, importa num retorno às práticas do Cristianismo primitivo, não tanto em sua organização exterior, de resto aproximadamente observada em muitas agremiações de nossos dias, mas sobretudo no espírito que animava os primeiros depositários da palavra do Senhor. Contemporâneos de uma época, por tantos significativos aspectos, semelhante a em que vivemos, sob a iminência de favoráveis desmoronamentos do mundo antigo, saturada de ódios e de inquietações, foi pelo incomparável prestígio do amor que os vinculava, traduzido em obras de misericórdia e de assistência mútua, que lograram neutralizar as investidas furiosas dos Espíritos de trevas, que haviam preparado a tragédia do Calvário e permaneciam obstinados na intencional destruição da obra cristã incipiente, a esses assaltos externos opondo uma fé inquebrantável na assistência do Mestre, cujo nome intrepidamente confessavam, fosse para isso necessário afrontar desprezos e martírios. Quando se reuniam, para orar e estudar em comum, o objeto de suas meditações era a Boa Nova da imortalidade, que por sua vez transmitiriam aos homens, tendo como fundamento os dois grandes princípios em torno dos quais se desdobrava o código dos novos direitos que haviam de revolucionar o mundo: a paternidade divina e a fraternidade humana.

Os atos da vida do Filho de Deus e os seus comovedores ensinamentos, conservados ao começo na tradição oral e só mais tarde reduzidos a escrito, constituíam outros tantos assumptos de estudo e de edificantes comentários, tendentes a estimular em seus corações os anseios de perfeição, que os faziam cada vez mais unidos. E se, pelo exercício dos "dons espirituais", como se denominavam então as faculdades mediúnicas, segundo vimos anteriormente no testemunho de Paulo, cultivavam relações ostensivas com os seres do mundo invisível, constituíam tais práticas um elemento meramente acessório de suas reuniões, em confirmação do grande princípio imortalista, que as motivava.

Num sentido idêntico, mas sobretudo — insistimos — no espírito que animava aquelas assembleias de crentes, espírito de amor e de humildade e fé, não dos lábios, mas sentido e levado à prática em suas mútuas relações, é que importa serem organizados, no seio do Espiritismo, os centros iniciáticos e de preparação religiosa que, pela intensa cultura dos seus membros, torne possível, mesmo que o não seja mais que em limitada escala, a formação de sólidos núcleos assim de pacífica resistência à formidável pressão dos elementos reacionários do invisível, desencadeados — já o advertimos — numa fulminante investida contra a obra cristã e os seus escassos e abnegados servidores atuais, como de intrépida afirmação de fidelidade às virtudes que o Mestre, em todos os tempos, exige de seus imitadores e que, únicas, nos permitirão, entronizando-o em nossos corações, nos libertar da

servidão a que nos tem, como a todo o mundo, submetido o Anticristo.

Uma experiência de cerca de quarenta anos consecutivos nos autoriza a afirmar a excelência dos exercícios que, em tal sentido, como parte integrante do programa a ser observado, comporta o funcionamento do que denominamos centros iniciáticos e de preparação religiosa.

Abstendo-nos de indicar, por já o havemos noutra lugar, desenvolvidamente, feito¹³⁴, o programa tão completo quanto possível de organização do Espiritismo e funcionamento de suas unidades militantes, inclusive quanto a escolas de médiuns, cuja necessidade se torna cada vez mais imperiosa, nos cingiremos a particularizar as modalidades constitutivas dos exercícios espirituais, de resto recomendáveis a todos — médiuns, assistentes e diretores — a serem praticados em tais centros e que, tendentes à disciplina do pensamento e educação da vontade, serão de eficiência decisiva na obra, que se nos impõe, de espiritualização e aperfeiçoamento pessoal.

Reunidos os crentes para orar e estudar em comum, tal como — acabamos de o assinalar — praticavam os primeiros cristãos e igualmente se pratica em um certo número de agremiações espíritas, a primeira ideia que se deve ter é da magnitude do ato e de sua natureza verdadeiramente sagrada. Que se vai ali, com efeito, buscar senão a convivência invisível, quando não ostensiva, com os seres do universo espiritual, devendo ser naturalmente preferida a dos mais elevados e puros, cujos ensinamentos ou cuja simples presença, pelas suaves e purificadoras irradiações de que são portadores, têm a significação de uma verdadeira visitação celeste?

Tais elevados seres, integrados na vasta corrente das forças do Bem, convergentes sobre a humanidade, pairam sem dúvida em torno e acima dos homens, prontos a favorecer os seus movimentos interiores no mesmo sentido que os orienta, obedientes à direção do Mestre Divino; mas, para nos tornarmos receptivos às suas aspirações e efetiva assistência, é necessário que lhes ofereçamos, como ponto de afinidade e de contato, se uma mente esclarecida pela fé, sobretudo um coração ungido de humildade e amor, completadas essas condições por uma vontade firme de sermos por eles beneficiados, respeitadores que são do nosso livre arbítrio, que jamais violam. Acontece, porém, que as entidades adversas — estamos, para boa coordenação, reproduzindo ideias já aqui, mais de uma vez, enunciadas — menos escrupulosas ou, antes, destituídas de todo escrúpulo, rodeando, e muito mais de perto, os homens, investem obstinadas principalmente quando reunidos para um objetivo sagrado, no sentido de os perturbar e impedir a benéfica influência, dos mensageiros do Senhor. Mais que nunca, portanto, em tais ocasiões trava-se a luta, necessária e salutar, no silencioso campo da consciência individual, por afastar as molestas vibrações mentais emitidas por essas forças malfazejas, a fim de que em nossa mente serenada possam as outras, benfazejas e iluminadoras, dominar

¹³⁴ Veja-se *DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO*, vol. 2º, cap. III a VII.

vitoriosas.

A essa luta inevitável, conveniente ao desenvolvimento de nossas energias espirituais, devem resolver-se os crentes, se querem de fato, dedicando-se à obra de regeneração de seus semelhantes e à sua própria, nesse caso inscrevendo-se entre os legionários do Senhor, operar a ascensão interna que definitivamente os emancipe de tributários do Anticristo.

Ora, se os crentes se congregam, como ordinariamente sucede, empenhando-se, antes de serem iniciados os trabalhos, em conversas frívolas e mundanas, mais que estranhas, antagônicas ao objetivo sagrado da reunião, tornam-se *ipso facto* acessíveis antes às obscurecedoras sugestões dos seres adversos que às salutares inspirações dos mensageiros do bem, com os quais perdem automaticamente as possibilidades de contato. Que lhes cumpre então? — Não apenas ao reunir-se, mas, ao encaminhar-se à sede da agremiação, aplicar-se a um esforço mental preparatório, que consiste em afastar do pensamento quaisquer preocupações da vida material e ordinária, volvendo-o para a cogitação de assuntos espirituais e doutrinários. E uma vez ali reunidos, abster-se de discussões mesmo sobre tais assuntos, das quais possa resultar a mais ligeira desarmonia, sempre nociva ao espírito de concórdia e de fraternidade que, de começo ao fim, deve ser entre eles cultivado, cabendo neste sentido ao diretor, mais que a todos os companheiros, pela considerável importância de suas funções, a maior soma de responsabilidades.

Alvo e, até porto ponto, eixo central de convergência das forças espirituais de dupla natureza em ação sobre a assembleia, de sua indefessa vigilância e do seu extremo cuidado em conservar-se, por um perfeito recolhimento mental, receptivo às sábias inspirações dos enviados do Senhor, depende em grande parte o êxito dos trabalhos. Cumpre, de seu lado, aos assistentes, num impulso de solidariedade, que só pode contribuir para o bem comum, envolvê-lo numa corrente de simpatia e de boa vontade, que o fortaleça no desempenho de sua tarefa. Com tais favoráveis disposições preliminares devem começar as reuniões, cujo programa, abrangendo naturalmente uma prece de abertura e outra de encerramento, se desdobrará no estudo metódico e analítico dos ensinamentos doutrinários contidos nas obras da Revelação, mas terá como ponto culminante, e não apenas acessório, os exercícios espirituais de recolhimento, educação e disciplina mental, de transcendentais, incalculáveis resultados no ponto de vista do aperfeiçoamento individual de seus cultores. A sua importância pode ser medida pela dificuldade da sua execução.

Porque trata-se de dominar, dirigir e encaminhar aos mais nobres e elevados objetivos essa força prodigiosa, desordenada na quase totalidade dos humanos, incoercível em tal caso, que é o nosso pensamento. Só os que se têm aplicado aos exercícios, de que falamos, conhecem o gigantesco esforço que é necessário desenvolver, ao começo quase nulo, mas cada vez mais acentuado, em sua eficiência, à medida que, durante anos consecutivos, se vai repetindo, para obter-se disciplina e

o domínio das próprias forças mentais, chave, entretanto, da subjugação de nossa natureza inferior e sua obediência às superiores determinações do nosso Espírito. Sem essa educação mental, nenhum progresso duradouro e eficaz será possível no sentido de nossa perfeita espiritualização, devendo ser, por isso, objeto de infatigável e sistematizada cultura.

O silêncio completo, demorado, renovado a intervalos, é a sua primeira, indispensável condição, nele consistindo o esforço preparatório dos exercícios mentais. Assim, ao serem iniciados os trabalhos e antes de proferida pelo diretor a prece de abertura, devem ele e todos os assistentes, não apenas um breve instante, como o temos visto praticado por diretores inexpertos, mas durante o tempo necessário à harmonização das vibrações mentais da assembleia — tempo que pode variar consoante as disposições e adestramento do círculo, mas cuja duração, pelos efeitos obtidos, só a experiência poderá ir praticamente indicando — devem todos, dizemos, guardar o mais completo e imperturbável silêncio, assim externo como interior.

Obtida tal harmonização e, desse modo, estabelecida a comunhão dos crentes com os poderes superiores do invisível, que — não haja dúvida — nela terão de sua parte eficazmente cooperado, cumprindo a todos, por um vigilante recolhimento mental, esforçar-se em que seja mantida até ao fim, os trabalhos — dissertações doutrinárias, exortações, comentários, alternados e eloquentes silêncios — decorrerão sob os mais favoráveis auspícios e será então possível a transfusão divina de que falávamos há pouco. Terão os crentes o testemunho, por assim dizer, palpável da realização daquela promessa do Senhor Jesus: "Onde se reunirem dois ou três em meu nome, aí estarei com eles". Porque, de fato, aos corações recolhidos, num comovido impulso de amor, humildade e fé — condição indispensável e fundamental — descerão os santificadores eflúvios da visitação celeste.

A essa iluminadora comunhão é que O Divino Mestre denominava o "mistério do reino dos céus", comunicado às consciências predispostas e proporcionado, em sua extensão e profundidade, à capacidade receptiva de cada uma, na medida, portanto, das virtudes pacientemente acrisoladas, antes que do saber adquirido.

Fonte da inefável transfiguração do "homem velho" no "homem novo", consoante a expressão bíblica, ou seja, da transfusão, a que aludíamos páginas atrás, da consciência superior na consciência ordinária ou inferior, elevando-a gradualmente à sua própria dignidade e nobreza, não deve ser por isso unicamente procurado esse contato divino em as reuniões periódicas de que nos ocupamos. Para que sejam duradouros e cada vez mais profundos os seus efeitos, importa ao crente de tal modo viver, abstendo-se, por uma vigilância infatigável, de todos os hábitos viciosos do passado e de todo pensamento impuro, santificando, numa palavra, os próprios sentimentos, que, embora em menor escala, o possa com frequência obter, assim em sua prece matinal e à noite, ao recolher-se, como a intervalos, em meio de

suas mesmas ocupações habituais, a todo momento, em suma, que lhe seja um silencioso e rápido surto mental ao seio de Deus.

Mediante essa diligente preparação, tornada um salutaríssimo hábito quotidiano, firmar-se-á em nós a certeza da assistência divina e, do mesmo modo que os primeiros cristãos que, nos prodigiosos impulsos de sua fé realizadora, sentiam-se positivamente assistidos pelo Mestre, poderemos então, a nosso turno, arautos do seu Evangelho renovado, desempenhar o mandato de que nos tem misericordiosamente investido.

*

* *

Porque também a nós, em meio dos desvarios e corrupção do nosso tempo, nos recomenda Ele pela voz de seus excelsos mensageiros: "Ide e anunciai o reino de Deus".

Sabido que significa essa expressão e em que consiste a sua realidade substancial, pois que o próprio Mestre a defluiu como um estado d'alma, advertindo: "o reino de Deus não virá com sinais e mostras exteriores, pois que ele está dentro de vós", para que o possamos consumir pessoalmente e anunciar ao mundo, com a única autoridade do exemplo, a proximidade do seu advento generalizado, é que se fazem necessários, com o programa de vida que temos esboçado — vida não apenas de incorruptíveis costumes e integridade moral, inacessível a todas as seduções do século, mas inteiramente votada ao amor e ao serviço dos nossos semelhantes — os exercícios espirituais de que falamos, tendentes a desenvolver as divinas possibilidades que em nós jazem adormecidas.

Não serão muitos os de enfiatura resistente, aptos, por sua irreduzível tenacidade, à realização da ingente e magnífica tarefa. Com uma lúcida visão das formidáveis dificuldades que acarreta e fariam esmorecer os ânimos mais fortes, se os não abroquelasse indefessa vigilância, o ignorado autor da *IMITAÇÃO DE CRISTO* põe espiritualmente na boca do Mestre a salutar advertência:

"Assim como meu pai me amou, também a vós vos amei eu. Com estas palavras a meus diletos discípulos não os mandei gozar as temporais delícias, mas sustentar grandes combates; não ocupar as honras do mundo, senão sofrer ignomínias, não viver na ociosidade, mas nos trabalhos, nem repousar, antes, sim, trazerem fruto copioso da sua paciência. Não esqueças, filho, estas palavras".

Não bastará, com efeito, aos novos portadores do Evangelho, provocando, involuntariamente, as iras do Maligno, terem que empenhar as mais rijas pelejas interiores, para realizarem no santuário de sua alma o reino de Deus, triunfando de

todas as tentações com que a cada passo os procura transviar da senda regeneradora. Está a chegar o tempo — seja-nos lícito insistir — em que, assessoradas pelas forças do mal, as potências humanas, após os formidáveis cataclismos político-sociais que se avizinham, para subversão do velho mundo, elegerão como vítimas da derrocada final os representantes do pensamento cristão, nos países pretensamente civilizados, mas em que subsistem vivazes os germens da primitiva barbaria, impondo-lhes — tanto quanto à previsão humana é possível alcançar — os mais pesados tributos de sangue, noutros, como particularmente no nosso Brasil, revestindo o ódio reacionário inesperadas, posto que menos violentas, formas de perseguição.

Significativas têm sido realmente nos últimos anos as manobras da igreja romana entre nós, segundo já o temos indicado, no sentido de assegurar-se uma situação de privilégio, apoiada nos poderes públicos, aparentemente em nome do que fazem acreditar ser a maioria católica do povo brasileiro, mas com o dissimulado e remoto objetivo de sufocar o desenvolvimento de toda ideia religiosa que não seja o seu credo interesseiro, dogmático e intolerante, visando em particular o Espiritismo, como arauto do Evangelho renovador. Nada faz prever que sejamos votados à chacina, que a Benignidade dos nossos costumes e as conquistas que havemos de fato consumado no terreno da verdadeira civilização jamais permitiriam, do que é o testemunho, ao menos quanto ao presente, o resultado negativo das planejadas condenações judiciais de médiuns receitistas, pelo delito de aliviarem desinteressadamente os sofrimentos dos seus semelhantes. Do conúbio, todavia, do clero e das classes vulneradas em sem interesses pecuniários por esse abnegado ministério, não será exagero esperar-se, pelo menos, uma sorradeira campanha de hostilidade aos novos discípulos de Jesus, com o objetivo de lhes arrebatam o pão e, por todas as formas, lhes embaraçar a vida e tolher a liberdade. Apontados como inimigos da ordem e das instituições, tornados suspeitos, sob os mais astuciosos pretextos que, na aparência, nenhuma relação parecerá terem com as nossas convicções religiosas, seremos submetidos a um verdadeiro batismo de fogo, de resto necessário para que, nesse período, que prevemos heroico, de neoespiritualismo, ofereçamos o testemunho inquebrantável da nossa fé e da nossa fidelidade ao Mestre que, em compensação, nos felicitará, como não tem cessado de felicitar-nos, com a sua misericordiosa assistência. Por Ele amparados e sustidos em nossa fragilidade, que poderemos temer então da má vontade dos homens e do rancor das tenebrosas potências emboscadas nas sombras do invisível?

Nem mesmo quando venham porventura a converter-se em realidade, certas ameaças — atualmente apenas esboçadas e a que só de passagem aludiremos — de combate material e ostensivo nos deverão entibiar o ânimo. Queremos falar da organização de uma nova milícia que, sob a denominação de "integralismo" e inculcando fins exclusivamente patrióticos, outra coisa não representa que a preparação de hostes, a seu tempo convenientemente dotadas de aparelhamento

militar, para a defesa do romanismo, tanto vale dizer, para o ataque, a mão armada, a outros credos que lhe sejam antipáticos. É certo que, ludibriados em sua boa fé, seduzidos por um programa calculadamente vazado em moldes idealistas, muitos se têm a ele filiado, acreditando pôr-se ao serviço de uma boa causa, sem atentarem contudo nas suspeitíssimas origens clericais de semelhante movimento. Sinal de que os seus encobertos promotores, sentindo-se irremediavelmente desamparados da assistência divina, buscam mais um ponto de apoio na força material para assegurar-se a perpetuidade do seu evanescente domínio, é indubitável que verão frustradas as suas esperanças, na hora da confusão que, como todos, preveem e da qual imaginam tirar partido, iludidos que, a seu turno, se fazem, acerca da alma generosa dos brasileiros, que jamais se prestaria a instrumento de tais reacionárias manobras. Seria — ou será, consoante os seus cálculos — a luta religiosa levada ao paroxismo dos conflitos armados, em nome e a pretexto de "nacionalismo", em tal caso, porém, só podendo definir-se contra o elemento clerical, sobre alienígena, inspirado e dirigido pelo partido político do Vaticano.

Sem nenhuma apreensão, portanto, pelos resultados de manobra de tal jaez, mas com o único intuito de a denunciar aos nossos incautos patrícios isentos de tutela sectária, é que formulamos estas previsões e advertência.

Qualquer que seja, todavia, o rumo que venham a tomar os acontecimentos, nos dias amargos que, no futuro, tudo indica estarem reservados às sociedades humanas, e quaisquer as formas de hostilidade contra nós revestidas, devemos contar com a tremenda e infatigável pressão oculta, que nos cessará de nos rondar os passos e para a qual importa nos conservemos sempre vigilantes e, com igual tenacidade, preparados.

Poucos que porventura sejamos a sustentar o embate do Espírito das trevas — e a intensidade, a variedade infinita de suas investidas hão de fatalmente determinar, como na parábola do semeador, o abandono e a deserção do maior número, amedrontados uns, seduzidos outros pelas atrações do século — constituiremos o afortunado núcleo de resistência, ela que ao mesmo tempo será de transição entre o velho mundo, em fragoroso desmoronamento, e as escolhidas gerações formadas de abnegados Espíritos, que do Alto baixarão a inaugurar na Terra o novo estado social baseado na Justiça.

Porque é indubitável que ao período de demolição, obra de desagregação e anarquia, sucederá — já o temos dito — o de fecundas reconstruções em todos os setores da atividade humana, a começar do que mais diretamente afeta, por seu imediatismo, a existência dos povos, isto é, a estrutura econômica, em que de resto se observam desde agora tentativas de uma nova orientação, com a interferência absorvente do Estado, assumindo este, como na América do Norte, a iniciativa do que se tem própria e revolucionariamente denominado a economia dirigida. Os moldes clássicos, tornados obsoletos, de produção e distribuição da riqueza serão

transformados e substituídos, nas mãos dos governos, por uma ditadura, com restrição cada vez maior da autonomia individual nesse domínio, não sendo desarrazoado prever, com o caráter de universalidade, o restabelecimento do primitivo regime das trocas diretas dos produtos, com abandono progressivo do emprego da ficção moeda, até a sua abolição completa. Pleno regime socialista, sobreposto ao do capitalismo, absorvido nas funções do Estado que, não se limitando a coordenar a troca dos produtos, mas a própria organização e distribuição do trabalho consoante as aptidões e o preparo técnico dos indivíduos, ter-se-á tornado então o único proprietário. E, se acrescentarmos que o conceito cristão, de que não há para o individuo verdadeira propriedade senão daquilo que lhe seja pessoalmente intrínseco — aquisições morais e intelectuais, isto é, virtudes e saber — de todas as coisas exteriores, consideradas bens comuns, cabendo-lhe unicamente o usufruto, prevalecerá sobre as falsas noções a tal respeito admitidas, não será exagerado otimismo profetizar para então a derrota final de Mamon, como entidade emblemática da riqueza material.

Assumindo, com efeito, a esse tempo o Estado, em toda a plenitude, as funções tutelares, nelas compreendidos os encargos de instrução da infância e da mocidade, suprimidas, por inúteis, as forças armadas — último reduto da primitiva barbárie — e em seu lugar instituindo o grande exercito industrial, em que todos, sem exceção, serão obrigatoriamente inscritos e, consultadas a capacidade e as vocações individuais, induzidos a servir durante 25 anos — dos 21 aos 45 — segundo o plano admiravelmente exposto na obra de Edward Bellamy, a que no anterior capítulo fizemos referência, desse modo estabelecida a troca de serviços por todas as utilidades indispensáveis à vida, já não haverá lugar para a miséria, de um lado e, do outro, a opulência ociosa e parasitária, a nenhum cidadão, de todas as idades, faltando o necessário, mas nenhum também podendo esquivar-se ao seu coeficiente de trabalho e à cooperação na produção dos bens comuns. E nesse caso terá cessado a razão de ser do dinheiro, com todo o cortejo de males que de sua, tantas vezes desonestas, apropriação como de sua abusiva acumulação têm resultado para a humanidade.

*

* *

Compreende-se que tão profunda e radical transformação nos hábitos e na existência das sociedades humanas, acarretando uma equivalente modificação em sua mentalidade, não poderá ser obra de uma ou duas gerações, antes reclamará, para sua plena realização, um grau de adiantamento moral que, se nos atemos à exclusiva ponderação dos fatores psíquicos e biológicos, por assim dizer, visíveis e aos testemunhos da história, parecerá inatingível pela humanidade. Para que esta

consume, todavia, a sua evolução integral, escassearão porventura à Divina Providência os meios adequados e frustrar-se-iam desse modo os seus imprescritíveis desígnios?

Até agora, é certo que o progresso humano se tem efetuado, e com vertiginosa rapidez nestes últimos tempos, na esfera intelectual, com a apropriação, pela ciência, das forças vivas da natureza, postas ao serviço de suas mais arrojadas ambições, enquanto o aperfeiçoamento moral, umas vezes estacionário, outras parecendo acusar alarmante recuo, sempre demasiado lento — e já temos visto por quê — não se tem desenvolvido em linha paralela, como o exigiria a lei de equilíbrio e harmonia, que tudo rege na criação. Senhor, entretanto, e dominador dos continentes, dos mares e da própria atmosfera, porque não há de o homem consumir também a maior de todas as conquistas, que é a de sua própria alma? Estará ele irremissivelmente condenado a ser, nesse domínio, o perpétuo e inconsciente joguete das malévolas forças ocultas que o têm subjugado?

De modo algum. E, pois que a humanidade, segundo o temos aludido, atinge em nossa época o fim de um tormentoso ciclo evolutivo, caracterizado pela mais profunda e generalizada depressão moral que jamais a sua história registrou, não podendo, entretanto, falir aos destinos superiores que lhe tem reservado o Criador, é igualmente certo que não menos profunda e generalizada reação se há de produzir.

Desbravando o caminho pela transformação econômico-social, de que acabamos de falar, nascida não de ideologias abstratas, mas imposta, pela própria força das circunstâncias e da necessidade e, desse modo, retirado ao Anticristo, com a derrota de Mamon, o principal esteio do império que tem exercido sobre o mundo a vida humana entrará a ser norteadada para objetivos mais altos e enobrecedores que a obsidiante conquista do pão material para a grande massa anônima, ou a acumulação da fortuna pelas minorias utilitaristas. O cultivo da ciência e das artes, posto ao alcance de todos como gozo do espírito, mas sobretudo o apuro nas virtudes, resultante do conhecimento positivo da vida imortal e da razão de ser das existências planetárias, consideradas simples e necessários graus na escala interminável do aperfeiçoamento, que o homem é induzido a percorrer, constituirão os sedutores e fecundos ideais da nova humanidade.

Constituída de que elementos? — Grande parte, dos mesmos que a compõem atualmente, colhida a outra no vasto meio etéreo que envolve o nosso mundo e que não é apenas um repositório de energias vitais e cósmicas, senão principalmente um viveiro imenso de entidades espirituais, prontas a serem transferidas do seu campo normal de atividade para o cenário terrestre em que outrora figuraram e onde baixarão a desempenhar as tarefas que, na consolidação da obra de civilização cristã, nele finalmente implantada, lhes sejam designadas pelas Sabedoria Divina.

Neste sentido, como soe acontecer nas grandes épocas de transição, um julgamento, por assim dizer, universal, cujos termos alegóricos, formulados pelo

Cristo, se encontram em seu Evangelho, vai ser ou está, provavelmente, sendo proferido no mundo espiritual, e a escolha, dentre os egressos da Terra, será feita dos que a ela tenham o direito de voltar e dos que hajam de ser relegados a outro ou outros mundos compatíveis com o seu endurecimento. Aos primeiros, vítimas principalmente da pressão sobre a sua ignorância exercida pelas forças do mal, não serão empecilho as próprias feições, para se emanciparem das quais, submetidos a novos métodos educativos, inspirados no amor cristão que dominará nas elevadas camadas sociais compostas dos Espíritos escolhidos de que falamos e que desempenharão as mais importantes funções no governo e direção dos povos, não lhes faltarão, ao contrário do que atualmente sucede, os mais nobres e estimuladores exemplos. Somente aos mais obstinados e refratários às injunções do Bem, cuja presença na Terra, então regenerada, traria motivos de perturbação e de desordem, será aplicada a sentença de banimento, que não importará, todavia, em condenação eterna. Exilados em mundos inferiores, aos quais levarão, com a reminiscência intuitiva do que será então para eles o "Paraíso Perdido", que aqui deixaram, os frutos do relativo progresso intelectual no meio terrestre adquirido, prosseguirão ali, nas mais dolorosas condições, verdadeiramente expiatórias, o seu aprendizado de aperfeiçoamento, até que, cessada a sua obstinação no mal e consumado o resgate dos passados desvários, sejam dignos de regressar à primitiva morada.

Paralelamente a essa obra de depuração no cenário terrestre, é indubitável que idêntico joeiramento será efetuado, nos elementos espirituais constitutivos das falanges obedientes à direção do Anticristo, cujo poder, graças a essa dupla medida, se terá de tal modo reduzido, que se tornará virtualmente inexistente.

Será esse então para o nosso mundo o período áureo de sua existência. Habitado por uma humanidade pacífica e laboriosa, cujos atos serão invariavelmente regulados pelos princípios da justiça e da fraternidade, culminando naquela adoração espiritual a Deus, de que Jesus falou à Samaritana, ter-se-á nele visivelmente instaurado a Jerusalém celeste, simbolicamente descrita pelo vidente de Patmos em seu Apocalipse. E o Cristo, em confirmação da imagem do relâmpago, por Ele empregada a propósito da sua segunda vinda, o qual se mostra do oriente ao ocidente, reinará em todos os corações. Cessando de ser a esfera de dores que tem sido, habitáculo de calcetas do pecado, a Terra ter-se-á então elevado, na hierarquia planetária, à categoria de mundo de regeneração, afortunada estância possuída pelos mansos, a que o Senhor se referiu no profético sermão das bem-aventuranças.

Quanto tempo será necessário à consumação dessa gloriosa metamorfose? O milênio, de que nos fala o Apocalipse? — Não importa o prazo. Se a lei de evolução — e quem diz evolução, diz aperfeiçoamento, progresso indefinito — é, como todas as leis, expressão viva e inviolável da vontade do Criador e rege a existência de todos os seres que povoam as terras do Universo, é indubitável que para a nossa humanidade, liberta finalmente de poder das trevas, raiará cedo ou tarde a aurora de sua definitiva

redenção.

E o Anticristo? Permanecerá excluído eternamente do divino aprisco? — A afirmativa importaria em admitirmos a falência do Amor, que é a fonte e a razão suprema da vida universal; desse Amor que, único, há de salvar o mundo, que se perde; Amor, a cujas inefáveis efusões, fechado em sua insensata rebeldia, se tem o Infeliz esquivado por milênios, que assumem as proporções de eternidade, mas em cuja órbita de irresistível atração terminará por ser arrebatado. Reduzido e, por último, desmoronado o seu império sobre os homens, graças, da parte destes, à elevada polarização de suas aspirações e atividades, vendo-os, do Alto de seu humilhado isolamento, convertidos universalmente ao Cristo, que lhe restará senão inclinar-se ante a excelsa realeza do Divino Mestre e, comovedora imagem do derradeiro Filho Pródigo, arrependido, contrito e, a seu turno, redimido, confessar à Eterna Majestade: — "Pai, pequei contra ti e contra os meus irmãos"!

Hora bendita, no quadrante dos tempos sem medida, em que de todos os ângulos do planeta, sem discrepância já daquela voz, pela humanidade tornada em nota de suavíssima harmonia, se elevava perpetuamente o mesmo coro, que acima das montanhas da Judeia outrora reboou, enquanto a estrela guiadora pairava sobre o presépio de Belém:

"Glória a Deus no mais alto dos céus, paz na Terra a todos os seus filhos que a habitam".

GLÓRIA!

Aos 3 de outubro de 1934.

